





New York Times bestselling author

L. J.
Smith

The
Vampire
Diaries

THE RETURN
NIGHTFALL



Comunidade Traduções de Livros



Tradução :

Sabrina , Paloma , Juliana , Vanessa .

Digitalização : Sabrina

Revisão Inicial : Sabrina

Revisão Final / Formatação do e-book : Eros



Diários do Vampiro O Retorno Anoitecer

THE VAMPIRE DIARIES - THE RETURN - NIGHTFALL

L. J. Smith



Sinopse

Elena Gilbert vive. Quando se sacrificou para salvar Stefan e Damon Salvatore -

ambos os vampiros e apaixonados por ela -, a princesa de Fell's Church foi confinada a um destino que estava além da morte. Até que uma força sobrenatural trouxe Elena para o mundo dos vivos... Mais uma vez.

Mas agora Elena não é apenas humana. Ela absorveu novos poderes e dons enquanto estava do Outro Lado. Além disso, seu sangue possui uma força única e arrebatadora que deixa Elena irresistível para qualquer vampiro; a vida que agora pulsa em suas veias é como um farol para as mais perigosas e bizarras criaturas sobrenaturais.

Escondida na casa de Stefan, Elena precisa reaprender... Tudo. Como um bebê que precisa de cuidados, Elena precisa do seu amado como nunca. E ele está ao seu lado, cuidando para que ela fique em segurança e na esperança de que em breve eles possam, finalmente, ter uma vida juntos.

Damon, por outro lado, se vê movido por um desejo de Poder irrefreável, e quer Elena ao seu lado num reinado de sombras. Provar o novo sangue da namorada do irmão se torna uma necessidade, uma obsessão. Tamanha força poderia conferir novas dimensões ao seu Poder... E quando Stefan é ludibriado a sair da cidade em busca de uma cura impossível, Damon encontra a chance de mostrar a Elena que é com ele que ela deve ficar.

Mas uma escuridão toma aos poucos a cidade. Meninas possuídas têm surtos incontroláveis de desejo, árvores parecem ganhar vida guiadas por um mal sedutor, que não hesita em estender suas garras para Meredith, Bonnie e Matt. E Damon, um eterno caçador, transforma-se em caça nas mãos desta criatura maligna que consegue dominá-lo mesmo contra sua vontade, e que deseja não apenas o sangue de Elena, mas sua morte.

L. J. Smith descobriu que queria ser escritora em algum momento entre o jardim de infância e o primeiro ano. Muitos de seus livros foram inspirados em seus próprios pesadelos. Seu primeiro romance, *The Night of the Solstice*, foi publicado no ano em que ela se formou na faculdade. Atualmente, ela vive na Califórnia com um cachorro, três gatos e aproximadamente dez mil livros. A série **Diários do Vampiro** foi lançada originalmente em 1991.



Para Kathryn Jane Smith, minha mãe, com muito amor.





Prólogo

Ste-fan? Elena estava frustrada. Ela não conseguia fazer a palavra em que estava pensando sair do jeito que ela queria. "Stefan", ele citou, inclinado sobre um cotovelo e olhando para ela com aqueles olhos que sempre a faziam quase esquecer o que ela estava tentando dizer. Eles brilhavam como folhas verdes na primavera a luz do sol. "Stefan," ele repetiu. "Você consegue dizer, meu amor?"

Elena olhou para ele solenemente. Ele era tão bonito que partia o seu coração, com seu rosto pálido e o seu cabelo escuro caindo descuidadamente em sua testa. Ela queria colocar em palavras todos os sentimentos que estavam trancados atrás daquela língua desajeitada e daquela mente teimosa. Havia tanta coisa que ela precisava perguntar a ele... E dizer a ele. Mas os sons ainda não saíam. Estavam enrolados em sua língua. Ela não conseguia nem mesmo enviá-lo para ele telepaticamente, tudo eram apenas imagens fragmentadas.

Afinal, era apenas o sétimo dia de sua nova vida.

Stefan lhe disse que logo que ela despertou, assim que voltou do “outro lado”, após a sua morte como uma vampira, que ela tinha sido capaz de andar e falar e fazer todo tipo de coisas que ela parecia ter esquecido agora. Ele não sabia por que é que ela tinha esquecido, nunca tinha conhecido alguém que tivesse voltado da morte exceto os que viravam vampiros. O que Elena uma vez foi, mas certamente não era mais.

Stefan também tinha dito entusiasmado que ela estava aprendendo mais rápido a cada dia. Novas imagens, novas palavras mentais. Mesmo sendo às vezes mais fácil se comunicar do que outras, Stefan tinha certeza que ela seria ela mesma novamente algum dia em breve. Então ela agiria como a adolescente que ela realmente era. Ela deixaria de ser uma adulta com uma mente infantil, do jeito que os espíritos tinham claramente escolhido que ela fosse: crescendo, vendo o mundo com olhos novos, com os olhos de uma criança.

Elena pensava que os espíritos haviam sido um pouco injustos. E se Stefan encontrasse alguém nesse meio tempo? Alguém que pudesse andar e falar e escrever? Elena se preocupava com isso.

Foi por isso que, algumas noites atrás, Stefan tinha acordado e a encontrado fora de sua cama. Ele a achou no banheiro, olhando ansiosamente, para um jornal tentando ver o sentido nas pequenas gravuras que ela sabia que eram palavras, pois isso ela já tinha aprendido. O documento estava salpicado com suas lágrimas. As Gravuras não significavam nada para ela.

"Mas por que, amor? Você aprenderá a ler de novo. Por que a pressa? "

Isso foi antes de ele ver as pontas de lápis, quebradas de segurar tão forte, e guardanapos usados como papel. Ela os tinha usado, para tentar imitar as



palavras. Talvez se ela pudesse escrever como as outras pessoas, Stefan deixaria de dormir em sua cadeira e dormiria abraçado a ela na cama grande. E ele não iria à procura de alguém mais velha ou mais inteligente. Ele saberia que ela era uma adulta.

Ela viu Stefan compreendendo isso lentamente em sua mente, e ela viu as lágrimas encherem seus olhos. Ele achava que jamais seria possível chorar novamente, não importa o que acontecesse. Mas ele virou as costas pra ela e respirou lenta e profundamente por um tempo que parecia muito longo.

E então ele a pegou do chão, levantando-a para levá-la de volta pra sua cama, e olhou em seus olhos e disse, "Elena, me diga o que você quer que eu faça. Mesmo que isso seja impossível, eu vou fazer. Eu juro. Diga-me. "

Todas as palavras que ela queria passar mentalmente pra ele estavam encravadas no interior dela. Seus próprios olhos derramaram lágrimas, que Stefan removeu lentamente com os dedos, como se ele pudesse arruinar uma inestimável pintura por tocar muito bruscamente.

Então Elena virou o rosto para cima, fechou os olhos encolheu os lábios levemente. Ela queria um beijo. Mas...

"Você é apenas uma criança mentalmente agora", Stefan disse agonizado. "Como posso tirar proveito de você?"

Havia algo que eles tinham feito de volta à sua velha vida, que Elena ainda lembrava. Ela sinalizou abaixo de seu queixo bem onde era mais macio... Uma, duas, três vezes.

Isso a fez se sentir desconfortável, por dentro. Como se ela fosse demasiadamente impertinente. Isso significava que ela queria...

Stefan gemeu.

"Eu não posso..."

Tap, tap, tap... Ela continuou apontando para o pescoço...

"Você ainda não voltou ao que era antes..."

Tap, tap, tap... Ela continuou...

"Escute-me, amor..."

Tap! Tap! Tap! E continuou insistentemente a apontar, olhando pra ele firmemente, com um olhar implorativo. Se ela pudesse falar, ela teria dito – por favor, me dê algum crédito - Eu não sou totalmente estúpida. Por favor, escute o que eu não posso dizer a você.

"Você machuca. Você está realmente machucando", Stefan havia interpretado o que ela pensava. "e se eu – se eu... se eu só tomar um pouco..."



E então de repente os dedos de Stefan estavam gelados e decididos, movendo sua cabeça, levantando-a, virando-a no ângulo correto, e então ela se sentiu a dupla picada, convencendo-a mais do que tudo de que ela estava viva e não um era mais um espírito.

E então ela estava muito certa de que Stefan a amava e a ninguém mais, e que ela podia contar a Stefan algumas das coisas que ela queria. Mas ela tinha que dizer-lhe entre exclamações - não de dor - como estrelas e cometas e feixes de luz caindo ao seu redor. E agora era Stefan quem não era capaz de pensar uma única palavra à ela. Stefan era quem tinha ficado mudo.

Elena apenas achava que era justo. Depois disso, ele a abraçou durante a noite, e ela estava infinitamente feliz.



Capítulo 1

Damon Salvatore estava escorado no ar, literalmente apoiado por um galho de uma... Quem sabia os nomes das árvores afinal? Quem se importava com isso? Era alta, tanto que lhe permitia ter vista do quarto de Caroline Forbes no terceiro piso, e ele fez um confortável encosto. Ele estava escorado na bifurcação conveniente dos galhos, mãos cruzadas atrás de sua cabeça, uma perna balançando no espaço vazio mais de trinta metros do chão.

Ele estava confortável como um gato, os olhos semicerrados observando.

Ele estava esperando a chegada do momento mágico das 04h44min da manhã, quando Caroline iria executar o seu ritual bizarro. Ele já tinha visto isso duas vezes e ele estava encantado.

Então ele sentiu uma picada de mosquito.

Que era ridículo, porque os mosquitos não se alimentavam em vampiros. O seu sangue não era nutritivo como o sangue humano. Mas certamente sentiu o que parecia uma mordida de mosquito na parte de trás do seu pescoço.

Ele se virou para ver por trás dele, sentindo o calor da noite de verão ao redor dele, e viu nada.

Nenhum espinho. Nada voando. Nada pra ser rastreado.

Tudo bem então. Devia ter sido algum espinho. Mas certamente machucou. E a dor piorava com o tempo, não melhorava.

Uma abelha suicida? Damon sentiu parte de trás do seu pescoço com cuidado. Não sentiu veneno, sem ferrão. Apenas uma ínfima cavidade machucada.

Um momento depois a sua atenção foi chamada de volta para a janela.

Ele não tinha certeza exatamente o que estava acontecendo, mas ele podia sentir o súbito movimento do Poder ao redor do sono Caroline, como um fio de alta tensão. Alguns dias atrás, isso tinha atraído a atenção dele para esse lugar, mas quando ele chegou, ele não conseguiu encontrar a fonte.

O relógio marcou 04h40min e soou um alarme. Caroline acordou e aquilo se espalhou por todo o quarto.

Garota de sorte, Damon pensou, com ímpios de apreciação. Se eu fosse um mero humano, em vez de um vampiro, então a sua virtude, presumindo que você tenha alguma ainda, poderia estar em perigo. Felizmente para você, tive que desistir de todo esse tipo de coisa há quase meio milênio atrás.



Damon abriu um sorriso para o nada, e o manteve por um vigésimo de segundo e, em seguida, o desfez, seus olhos negros ficando frios. Ele olhou de volta para a janela aberta.

Sim... Ele sempre sentiu que o idiota do seu irmão mais novo Stefan não tinha usufruído Caroline Forbes o suficiente. Não havia dúvida de que a menina valia a pena de se ver: corpo alongado e esbelto, bem proporcionado e bronzeado, e cabelo cor de bronze que caía em torno de seu rosto em ondas.

E depois tinha sua mente. Naturalmente enviesada, vingativa, rancorosa. Deliciosa. Por exemplo, se ele não estava enganado, ela tinha trabalhado com bonecos de vodu ali mesmo em sua mesinha.

Incrível.

Damon gostava de ver as artes criativas em trabalho.

O estranho Poder ainda trabalhava e ele ainda não podia obter uma visão do ele que era. Seria de dentro da garota? Seguramente não.

Caroline foi apressadamente pegar o que parecia ser um punhado de seda verde. Ela retirou a sua blusa, quase rápido demais até para os olhos de um vampiro ver - ela tinha vestido uma lingerie que a fez parecer como uma princesa da selva. Ela olhou atentamente para o seu próprio reflexo em um enorme espelho.

Agora, pelo que você espera menina? Damon imaginou.

Bem, ele bem que podia manter-se às escuras. Houve um movimento no escuro, uma pena caiu no chão, e então não havia nada excepcional, mas um grande corvo sentado na árvore.

Damon vigiava atentamente pelos olhos brilhantes de uma ave quando Caroline avançou de repente, como se ela tivesse levado uma descarga elétrica, seus lábios se abriram, seu olhar sobre aquilo que parecia ser seu próprio reflexo.

Então ela sorriu para ele em saudação.

Damon pôde identificar a fonte de energia agora. Era do interior do espelho. Não na mesma dimensão que o espelho, sem dúvida, mas vinha do seu interior.

Caroline comportava-se estranhamente. Ela jogou para trás o seu longo cabelo bronze para que ele caísse em um magnífico desalinho de volta para baixo, ela molhou os lábios e sorriu, como se para um amante. Quando ela falou, Damon podia ouvi-la de forma bem clara.

"Obrigado. Mas você está atrasado hoje. "

Não havia ninguém mais além dela no quarto, e Damon não pode ouvir nenhuma resposta. Mas os lábios da Caroline no espelho não se moviam em sincronia com os lábios reais da menina.



Bravo! Pensou sempre disposto a apreciar um novo truque dos seres humanos. Muito bem, seja lá o que você for!

Com a leitura labial da menina do reflexo no espelho ele apanhou algo como desculpa e 'adorável'.

Damon levantou sua cabeça.

Caroline do reflexo estava dizendo, "... você não tem que... depois de hoje".

A verdadeira Caroline respondeu roucamente. "Mas o que acontecerá se eu não puder enganá-los?"

E o reflexo: "... ter ajuda. Não se preocupe, descanse..."

"Certo. E ninguém vai ser assim, fatalmente ferido, certo? Quero dizer, nós não estamos falando sobre morte - para humanos."

O reflexo: "Por que estaríamos...?"

Damon sorriu interiormente. Quantas vezes ele tinha feito trocas como esta antes? Por experiência própria ele sabia: Primeiro você tem que se aproximar então você a tranquiliza, e antes que ela saiba você pode ter qualquer coisa dela, até que você já não precise mais dela.

E então - seus olhos negros brilharam – já era hora de fazê-lo novamente.

Agora as mãos de Caroline estavam vibrando em seu colo. "Enquanto que você realmente... você sabe. O que você prometeu. Você realmente falou sério sobre seu amor? "

"... Confie em mim. Eu vou cuidar de você - e de seus inimigos também. Eu Já comecei..."

De repente Caroline levantou-se, e foi um movimento que os rapazes na Robert E. Lee High School teriam pagado para assistir. "É Isso o que eu quero ver," disse ela. "Estou farta de ouvir falar Elena isso, Stefan aquilo... e que agora vai começar tudo de novo."

Caroline parou abruptamente, como se alguém tivesse desligado o telefone e ela tivesse percebido neste instante. Por um momento seus olhos se estreitaram e seus lábios de apertaram. Então, lentamente, ela relaxou. Seus olhos se mantiveram no espelho, e levantou uma mão até que a deixou descansando sobre sua barriga. Ela encarou aquilo e devagar parecia que sua expressão se atenuava, para se transformar em uma expressão de apreensão e ansiedade.

Mas Damon não tinha tirado os olhos dele fora do espelho por um instante. Espelho normal, espelho normal, há lá está! Só no último momento, quando Caroline se afastou e se virou, ele viu um flash de cor vermelha.

Chamas?



Agora, o que poderia estar acontecendo? Pensou preguiçosamente, vibrando quando ele transformou de um elegante corvo de volta a um fatalmente maravilhoso jovem escorado em um alto ramo da árvore.

Certamente, o espelho-criatura não era ali de Fell's Church. Mas soava como se pretendesse trazer problemas para seu irmão, e um frágil e belo sorriso tocou os lábios de Damon por um segundo.

Não havia nada que ele amava mais do que parar para assistir o hipócrita, Eu-sou-melhor-do-que-você-porque-eu-não-bebo-sangue-humano-Stefan em apuros.

Os adolescentes de Fell's Church - e alguns dos adultos - consideravam o conto de Stefan Salvatore e de sua linda conterrânea Elena Gilbert como um Romeu e Julieta moderno. Ela tinha dado a sua vida para salvar seu amado quando ambos foram capturados por um maníaco, e que ele tinha morrido de coração partido depois disso.

Havia rumores de que Stefan não era muito humano... mas outra coisa. Um amante demônio pelo qual Elena morreu para redimir.

Damon sabia a verdade. Stefan estava morto, ele tinha sido morto centenas de anos atrás. E era verdade que ele era um vampiro, mas chamá-lo de demônio era como chamar a fada sininho de perigosa.

Entretanto, parece que Caroline não podia parar de falar no quarto vazio.

"Basta você esperar," ela sussurrou indo em direção às pilhas de papéis e livros que estavam em sua escrivaninha.

Ela mexeu no meio dos documentos até que ela encontrou uma câmera de vídeo em miniatura que tinha uma luz verde brilhante virada pra ela como um único olho sem piscar. Delicadamente, ela ligou a câmera ao seu computador e começou a digitar uma senha.

Damon que tinha a precisão de vista muito melhor do que um humano pode ver claramente a digitação com os longos dedos e unhas bronze brilhantes: CFRULES. – Caroline Forbes Rules* – pensou ele. Coitadinha. (*manda)

Então ela virou, e Damon viu lágrimas em seus olhos. No próximo momento, inesperadamente, ela estava soluçando.

Ela sentou pesadamente na cama, chorando balançando para frente e para trás, ocasionalmente, agarrando o colchão com punhos fechados. Mas, principalmente, ela só chorou e chorou.

Damon estava assustado. Mas então, o pesar assumiu o controle, e ele murmurou, "Caroline? Caroline, eu posso entrar? "

"O quê? Quem? "Ela olhou ao redor freneticamente.

"É Damon. Posso entrar? "Ele perguntou, sua voz com pingos escárnio e simpatia, simultaneamente utilizando controle sobre a mente dela."



Todos os vampiros tinham os poderes de controle sobre mortais. O tamanho do Poder dependia de muitas coisas: o vampiro, a sua dieta (sangue humano era, de longe, o mais potente), a força da vontade da vítima, a relação entre o vampiro e a vítima, o dia e a noite, e tantas outras coisas que mesmo Damon ainda não entendia. Ele só sabia que seu próprio poder havia crescido, e era muito forte agora.

E Caroline estava esperando.

"Posso entrar"? Disse ele sua voz soando como notas musicais, implorativa e ao mesmo tempo esmagando a força de vontade de Caroline – que já não era muito forte.

"Sim", respondeu ela, esfregando os olhos rapidamente, aparentemente não vendo nada incomum em sua entrada pela sacada do terceiro andar. Seus olhos fixos nos dele. "Entre, Damon."

Ela tinha feito o convite necessário para um vampiro. Com um movimento gracioso ele pulou sobre o peitoril. O interior do quarto dela cheirava a perfume, e não o mais sutil. Ele sentiu uma fome selvagem, era surpreendente a forma como a febre pelo sangue tinha chegado tão subitamente, de forma irresistível. Seus caninos superiores estavam de fora, e suas bordas eram afiadas como lâminas.

Estava sem tempo para conversa, para cercá-la de enganações como ele costumava fazer. Para um gourmet, metade do prazer estava na expectativa, com certeza, mas agora ele estava em necessidade. Ele usou fortemente o seu poder de controlar o cérebro humano e deu a Caroline um sorriso deslumbrante.

Isso foi tudo o que precisou.

Caroline tinha se movido na direção dele, agora ela parou. Seus lábios, parcialmente abertos para fazer uma pergunta, permaneceram abertos, e suas pupilas se dilataram de repente, como se ela tivesse em uma sala escura, e, em seguida, se contraíram e permaneceram contraídas.

"Eu... eu..." ela tentou falar. "Ohhh..."

Então. Ela era dele. Bem fácil.

Seus dentes estavam latejando com um tipo de dor agradável, bastaria um suave movimento e tão rápido como ataque de uma cobra, ele afundaria seus dentes em sua artéria. Ele estava com fome - não, estava faminto - todo o seu corpo estava queimando com um desejo muito profundo de beber o quanto ele desejasse. Afinal, haveria outros a sua escolha, se ele secasse esse corpo até o fim.

Cuidadosamente, nunca tirando seus olhos dos dela, ele levantou a cabeça de Caroline para expor a garganta, com o doce de pulso em seu pescoço. Isso preencheu todos os seus sentidos: o batimento do seu coração, o cheiro do sangue exótico logo abaixo da superfície, denso e maduro e doce. Sua cabeça estava girando. Ele nunca esteve tão animado, tão ansioso –



Tão ansioso que ele deu uma pausa. Afinal, era uma menina tão boa como outra, certo? O que tinha de diferente nela? Que tinha de errado com ele?

E então ele soube.

Eu vou recuperar minha mente de volta, obrigado.

De repente o intelecto de Damon ficou frio gélido, a aura sensual em que ele foi preso ficou congelada naquele instante. Ele largou o queixo de Caroline e ficou muito quieto.

Ele tinha quase caído sob a influência do que a coisa estava usando em Caroline. Aquilo tinha tentado fazê-lo quebrar sua palavra com Elena.

E de novo, ele pode sentir apenas um pouco do vermelho no espelho.

Isso devia ser uma daquelas criaturas atraídas pela onda de Poder que emanava em Fell's Church – Ele sabia disso. E tinha usado ele, estimulando-o a drenar Caroline. Para tirar todo o seu sangue, para matar um ser humano, algo que ele não tinha feito desde a volta de Elena.

Por quê?

A fúria o congelou, ele concentrou-se e em seguida, analisou todas as direções com sua mente para encontrar o parasita. Ele ainda deve estar aqui; o espelho era de apenas um portal de viagens para as pequenas distâncias. E essa coisa tinha o controlado - ele, Damon Salvatore - Tinha de ser muito de perto, de fato.

Ainda assim, ele não podia achar nada. Isso fez dele mais furioso do que antes. Ausentemente, enquanto tateava a parte de trás do seu pescoço, ele enviou uma mensagem ameaçadora:

Vou avisá-lo uma vez, e uma vez só. Fique longe de mim!

Ele enviou o pensamento, com uma grande explosão de energia que brilhou como relâmpagos em seus próprios sentidos. O poder devia ter derrubado qualquer coisa que estivesse perto o suficiente, como o telhado, o ar... Talvez até mesmo a casa ao lado. De algum lugar, a criatura deve ter sentido, e ele deveria ter sido capaz de entender isso.

Mas, embora Damon pudesse sentir nuvens escurecidas acima dele em resposta ao seu humor, e o vento roçar ramos lá fora, não houve resposta alguma, nenhuma tentativa de retaliação.

Ele não pode encontrar nada perto o suficiente para ter se introduzido em sua mente, e nada, a uma distância que poderia ser forte o bastante. Damon podia divertir-se, às vezes fingindo ser vão, mas por baixo tinha uma lógica fria e capacidade de analisar-se. Ele era forte. Ele sabia disso. Enquanto ele se mantivesse bem nutrido e livre de enfraquecimento, existiam poucas criaturas que poderiam contra ele, pelo menos, neste plano.



Aqui em Fell's Church já tiveram dois - uma voz falou em sua mente em Escárnio - mas Damon espantou isso pra longe. Certamente não poderia haver outros vampiros anciões perto, ou ele teria sentido eles. Vampiros normais, sim, mas eles já eram. Mas todos eles são demasiado fracos para entrar em sua mente.

Ele estava certo que não havia criatura dentro do alcance que poderia desafiá-lo. Ele teria sentido como ele sentia brilhar as ondas do poder mágico e único que emanava do solo sob Fell's Church.

Ele olhou para Caroline novamente, ainda imóvel pelo transe que ele colocou sobre ela. Ela iria sair dele gradualmente, não era nada pior do que a experiência de o que quer que fosse tinha feito com ela, pelo menos.

Ele virou-se e, graciosamente como uma pantera, saiu pela janela, para a árvore e depois caiu facilmente trinta pés no chão.



Capítulo 2

Damon teve que esperar algumas horas por outra oportunidade para alimentar-se, havia muitas jovens em sono profundo, e ele estava furioso. A fome que a criatura manipuladora tinha despertado nele era real, mesmo não conseguindo fazê-lo de fantoche. Precisava de sangue, e ele precisava logo.

Só então ele iria pensar sobre as implicações do estranho hóspede no espelho de Caroline: que tipo de demônio que tinha entregado a sua amante para ser morta por Damon, mesmo que só tivesse fingido fazer um acordo com ela.

Nove da manhã ele dirigiu pela rua principal da vila, passado um antiquário, e uma loja de cartões.

Espere. Lá estava. A nova loja que vendia óculos. Ele estacionou e saiu do carro com uma elegância vinda de séculos de movimentos planejados que gastaram mais um pouco de sua energia. Mais uma vez, Damon abriu um sorriso instantâneo, e logo fechou a cara, admirando-se no escuro vidro da janela. Sim, não importa como você olha para ele, ele era maravilhoso, pensou ausentemente.

A porta tinha um sino que soou quando ele entrou. Dentro tinha uma menina muito bonita com cabelo marrom amarrado para trás e grandes olhos azuis.

Ela tinha visto Damon e estava sorrindo timidamente.

"Olá". E embora ele não tivesse perguntado, ela acrescentou, em uma voz que brilhava, "Eu sou Page."

Damon deu-lhe um olhar longo e sem pressa que terminou em um sorriso, lento brilhante e cúmplice. "Olá, Page", disse ele, chamando-a para perto.

Page engoliu. "Posso ajudar?"

"Oh, sim", disse Damon, segurando-a com os olhos, "Eu acho que sim."

Ele a olhou gravemente. "Sabia", disse ele, "que você realmente parece como uma princesa de um castelo da Idade Média?"

Page ficou branca, então corou furiosamente e olhou melhor para ele. "Eu - Eu sempre quis ter nascido naquela época. Mas como você poderia saber? "

Damon apenas sorriu.

Elena olhou pra Stefan com os grandes olhos que eram de um azul escuro de Lápis-lazúli com um brilho dourado. Ele tinha acabado de dizer-lhe ela teria



Visitas! Em todos os sete dias da sua vida, desde que ela tinha retornado do pós vida, ela nunca, nunca tinha tido uma visita.

Primeira coisa, de imediato, foi tentar descobrir o que era uma visita.

Quinze minutos após a entrada na loja de óculos, Damon estava andando pela calçada, usando um novo par de Ray-Ban e assobiando.

Page estava tirando um cochilo no chão. Mais tarde, o seu patrão iria ameaçá-la para lhe fazer pagar o Ray-Ban ela mesma. Mas agora ela se sentia quente e delirantemente feliz e ela teria uma memória de êxtase que ela nunca iria esquecer totalmente.

Damon ficou admirando as vitrines, apesar de não ser exatamente a forma como um humano faria. Uma doce velhinha atrás do balcão da loja cartões... Não. Um cara na loja de eletrônicos... Não.

Mas... Algo o chamou de volta para a loja de eletrônicos. Tão espertos esses dispositivos inventados esses dias. Ele teve um forte desejo de adquirir uma mini filmadora. Damon estava acostumado a seguir suas vontades e não se resumiam a seus doadores de emergência. O sangue era sangue, não importa de quem era. Poucos minutos depois de que lhe foi mostrado como trabalhar com o brinquedo, ele estava andando pela calçada com ele no seu bolso.

Ele estava apreciando a caminhada, embora suas presas estivessem ardendo novamente. Estranho, ele devia ter se saciado a essa altura, mas, ele não tinha bebido quase nada ontem. Devia ser por isso que ele ainda sentia fome; isso, e o poder que ele utilizou no execrável parasita no quarto de Caroline. Mas, entretanto, ele sentia o prazer pela forma que seus músculos estavam trabalhando em conjunto de forma harmoniosa e sem esforço, como uma máquina bem oleada, tornando cada movimento uma delícia.

Ele se esticou uma vez, pelo puro prazer disto, e então parou novamente para examinar-se na janela da loja antiguidades. Ligeiramente mais desgrenhado, mas de qualquer forma tão bonito como sempre. E ele estava certo, o Ray-Ban tinham lhe servido muito bem. A loja de antiguidades tinha, ele viu pela janela, uma viúva muito bonita, e sua muito jovem sobrinha.

A luz estava fraca e o ar-condicionado ligado no interior.

"Você sabe", ele perguntou a sobrinha, quando ela chegou perto dele, "que você me lembra alguém que gostaria de ver um monte de países estrangeiros?"



Algum tempo após, Stefan explicou a Elena que os visitantes eram seus amigos, seus bons amigos, e que ele queria que ela se vestisse. Elena não entendeu



por que. Estava calor. Ela tinha usado uma camisola (pelo menos pela maior parte da noite), mas de dia era ainda mais quente, e ela não tinha um Vestido.

Além disso, as roupas que ele estava a oferecer-lhe, um par de jeans enrolado e uma camisa pólo que seria demasiado grande... Eram errados, de alguma maneira. Quando ela tocou a camisa ela viu centenas de imagens de mulheres em pequenas salas, todas em máquinas de costura em uma luz fraca, todas trabalhando freneticamente.

"Vem de serviço escravo?" Stefan disse assustado, quando ela lhe mostrou o retrato em sua mente. "Essas?" Ele derrubou no chão as roupas do armário apressadamente.

"E esta aqui?" Stefan entregou-lhe uma camisa diferente.

Elena a estudou sobriamente, encostou-a na bochecha. Não vinha de serviço escravo, mas definitivamente foi feito por mulheres trabalhando freneticamente.

"Ok?" Stefan perguntou. Mas Elena tinha congelado. Ela foi à janela e olhou pra fora.

"O que há de errado?"

Desta vez, ela lhe enviou apenas uma imagem. Ele reconheceu-o imediatamente.

Damon.

Stefan sentiu um aperto no peito. Seu irmão mais velho tinha tornado a vida de Stefan o mais miserável possível durante quase meio milênio. Cada vez que Stefan tinha conseguido fugir dele, Damon tinha rastreado ele achado ele novamente, procurando... o quê? Vingança? Alguma satisfação final? Eles tinham matado um ao outro, ao mesmo instante, de volta à Itália renascentista. Suas espadas tinham perfurado os corações um do outro, quase simultaneamente, em um duelo, por uma menina vampira. As coisas só tinham piorado a partir daí.

Mas ele salvou sua vida algumas vezes, também, Stefan pensou, de repente desconfiado. E vocês prometeram que iriam cuidar de si, cuidar um do outro...

Stefan olhou abruptamente pra Elena. Ela que tinha feito os dois fazerem o mesmo juramento quando ela estava morrendo. Elena olhou de volta a ele com os olhos azuis profundos que eram límpidos como uma piscina de inocência.

De qualquer modo, tinha que lidar com Damon, que estava agora estacionando sua Ferrari ao lado do Porsche de Stefan na frente da pensão.

"Fique aqui e se mantenha longe da janela. Por favor," disse Stefan apressadamente a Elena. Ele saiu do quarto, fechou a porta, e quase correu ao descer as escadas.



Encontrou Damon escurado na Ferrari, examinando o exterior dilapidado da pensão primeiro com óculos, então sem. A expressão de Damon dizia que não fazia uma grande diferença de qualquer maneira que você olhasse para ela.

Mas essa não foi a primeira preocupação de Stefan. Foi a aura de Damon e a variedade de diferentes aromas existentes o qual os narizes humanos nunca iriam ser capazes de detectar, e muito menos desvendar.

"O que você esteve fazendo?" Stefan disse, muito chocado, mesmo para uma saudação negligente.

Damon deu-lhe um sorriso fraco. "Fui a um antiquário", ele disse, e suspirou. "Ah, e eu fiz algumas compras." Ele passou os dedos em um novo cinto de couro, e tocou o bolso com a câmera de vídeo, e balançou para trás e para frente seu Ray-Ban. "Pode acreditar, esse pequeno grão de poeira dessa cidade tem lojas bem decentes. Eu gosto de fazer compras. "

"Você gosta de roubar, você quer dizer. E isso sem contar à metade do o cheiro que sinto em você. Você está morrendo ou você só está louco? "Às vezes, quando um vampiro tinha sido envenenado ou tinha sido sucumbido a uma das poucas misteriosas maldições ou doenças que afligem a sua espécie, tinham que se alimentar febrilmente, era incontrolável, seja quem estivesse por perto.

"Só fome", Damon respondeu normalmente, ainda avaliando a pensão. "E o que aconteceu com a educação básica por falar nisso? Eu dirigi todo o caminho até aqui e eu nem recebo um "Olá, Damon," ou "Prazer em vê-lo, Damon?" Não. Em vez ouço 'O que você estava fazendo, Damon?' "Ele fez uma imitação de choramingar em escárnio. "Eu me pergunto o que Senhor Marinho pensaria disso, irmãozinho?"

"Senhor Marinho", disse Stefan através de seus dentes, se perguntando como Damon conseguia se infiltrar sob a sua pele todas às vezes, hoje, com uma referência ao seu antigo professor de etiqueta e dança -"é poeira a centenas de anos agora, como nós deveríamos ser. E ele nada tem a ver com esta conversa, irmão. Perguntei-lhe o que estava fazendo, e você sabe o que quero dizer imagino que deve ter se alimentado em metade das meninas da cidade. "

"Meninas e mulheres," Damon o censurou, levantando um dedo. "Temos de ser politicamente corretos, afinal de contas. E talvez você devesse dar um olhar mais atento à sua própria dieta. Se você beber mais, você pode começar a transbordar. sabe?"

"Se eu beber mais-" Havia uma série de maneiras para terminar essa frase, mas não boas. "Que pena", disse ele, em vez disso pra resumir, e responder a Damon "que você nunca vai crescer nem mais um milímetro mais não importa o tempo você viver. E agora, por que você não me diz o que você está fazendo aqui, depois de ter deixado tanta bagunça na cidade para eu limpar, se eu conheço você. "

"Estou aqui porque quero de volta a minha jaqueta de couro", disse Damon redondamente.



"Porque não roubar outra-?" Stefan interrompeu e então ele subitamente encontrou-se voando para trás e, em seguida, ouviu os gemidos tábuas da parede da pensão, com Damon o segurando contra ela.

"Eu não roubei estas coisas, rapaz. Eu paguei por elas, na minha própria moeda. Sonhos, fantasias e prazer de fora deste mundo. "Damon disse as últimas palavras com ênfase, pois sabia que iriam enfurecer Stefan ainda mais.

Stefan estava furioso e, em um dilema. Ele sabia que Damon estava curioso sobre Elena. Isso era mau o suficiente. Mas agora ele também poderia ver um estranho brilho nos olhos de Damon. Como se suas pupilas tivessem por um momento, refletido uma chama. E tudo que Damon tinha feito hoje foi anormal. Stefan não sabia o que estava acontecendo, mas ele sabia o exatamente como Damon terminaria isso.

"Mas um verdadeiro vampiro não tem que pagar", Damon estava dizendo em um tom de insulto. "Afim, somos tão perversos que deveríamos ser poeira. Não é verdade, irmãozinho? "Ele mostrou a mão com o dedo em que ele usava o anel de Lápis-lazúli que evitava que ele virasse poeira naquela tarde de sol. E então, quando Stefan fez um movimento, Damon utilizou aquela mão para prender o punho de Stefan à parede.

Stefan se remexia da esquerda pra direita, tentando quebrar o aperto de Damon sobre ele. Mas Damon foi rápido como uma serpente, não, mais rápido. Muito mais rápido que o normal. Rápido e forte, com toda a energia da força vital que ele tinha absorvido.

"Damon, você..." Stefan estava tão irritado que ele perdeu brevemente o pensamento racional e tentou chutar as pernas de Damon pra longe dele.

"Sim, este sou eu, Damon," Damon disse venenosamente eufórico. "E eu não pago, se não tiver vontade, eu simplesmente pego. Pego o que eu quiser, sem dar nada em troca. "

Stefan encarou aqueles olhos pretos incandescentes e viu novamente a pequena tremulação da chama. Ele tentou pensar. Damon sempre foi rápido em atacar, ao se sentir ofendido. Mas não assim. Stefan o conhecia o suficiente para saber que algo estava fora do normal, algo estava errado. Damon parecia quase febril. Stefan enviou uma pequena onda de energia em direção ao seu irmão, como um radar, tentando encontrar o que havia de diferente.

"Sim, eu vejo que você tem uma idéia, mas você nunca vai chegar a qualquer lugar dessa forma", disse Damon furiosamente e, em seguida, subitamente o interior de Stefan, o seu corpo inteiro estava em chamas, estava em agonia, como se Damon tivesse o amarrado em cabos violentos em seu próprio poder.

E agora, mesmo com a dor insuportável, Stefan teve de ser friamente racional, teve que se manter a pensar, e não apenas reagir. Ele fez um pequeno movimento de torcer o pescoço para o lado, olhando em direção à porta da pensão. Se apenas Elena permanecesse dentro...



Mas era difícil pensar com Damon ainda o mantendo naquela queimação. Ele estava respirando rápido e dificilmente.

"Está certo," disse Damon. "Você precisa aprender uma lição sobre esse jogo de vampiros."

"Damon, devemos supostamente nos cuidar mutuamente, nós prometemos"

"Sim, e vou cuidar de você agora."

Então Damon bateu nele.

E Damon o mordeu.

Foi ainda mais doloroso do que os cabos de poder, e Stefan manteve-se cuidadosamente parado, recusando-se a lutar. Os dentes afiados como navalhas não deviam ter doído tanto ao perfurarem sua carótida, mas Damon estava segurando ele em um ângulo - agora pelo seu cabelo - deliberadamente pra machucar.

Então veio a verdadeira dor. A agonia de ter seu sangue tirado fora de seu corpo contra a sua vontade, contra a sua resistência. Essa foi uma tortura que, em comparação com os seres humanos seria como ter suas almas arrancadas de seus corpos com vida. Eles fariam qualquer coisa para evitá-lo. Tudo o que Stefan sabia era que era esse era uma das maiores agonias físicas que ele jamais teve de suportar, e que, finalmente, formaram-se lágrimas nos seus olhos e rolaram por suas Têmporas.

Pior, para um vampiro, era a humilhação de ter outro vampiro tratando-o como um ser humano, tratando-o como carne. O coração de Stefan estava batendo em suas orelhas como se ele estivesse sendo estilhaçado pela a dupla pontada dos caninos de Damon, tentando suportar a humilhação de ser utilizado desta maneira. Pelo menos, graças a Deus Elena havia ouvido e ele permaneceu no seu quarto.

Ele estava começando a se perguntar se Damon tinha realmente ficado louco e pretendia matá-lo quando, finalmente, com um empurrão lhe fora devolvido o equilíbrio, Damon libertara ele. Stefan tropeçou e caiu, e olhou para cima, só para encontrar Damon em cima dele novamente. Ele pressionou seus dedos na carne rasgada em seu pescoço.

"E agora," Damon disse friamente: "você vai subir e me pegar o meu casaco."

Stefan levantou-se lentamente. Ele sabia que Damon estava saboreando isso: a humilhação de Stefan, a roupa rasgada de Stefan, amassado e coberto com pedaços de capim e barro do jardim da Sra. Flowers. Ele fez o seu melhor para limpa-los com uma mão, enquanto a outra ainda segurava o seu pescoço.

"Você está quieto", comentou Damon, indo até sua Ferrari, passando a língua sobre seus lábios e gengivas, os olhos estreitos com prazer. "Nenhuma



reação, nem mesmo uma palavra? Penso que esta é uma lição que devo ensinar-lhe mais vezes."

Stefan estava tendo problemas para fazer suas pernas moverem-se. Bem, isso correu tão bem como ele seria capaz de esperar, ele pensou, então ele virou as costas voltando pra dentro da pensão. Então ele parou.

Elena estava inclinada para fora da janela aberta no seu quarto, segurando a jaqueta de Damon. Sua expressão era muito sóbria, sugerindo que ela tinha visto tudo.

Foi um choque para Stefan, mas ele suspeitava que tivesse sido um choque ainda maior para Damon.

E, em seguida, Elena enrolou a jaqueta e com um só movimento atirou-a fazendo aterrissar diretamente aos pés de Damon.

Para o espanto de Stefan, Damon ficou pálido. Ele pegou o casaco, como se ele realmente não quisesse tocar nele. Seus olhos estavam em Elena o tempo todo. Ele entrou em seu carro.

"Adeus, Damon. Não posso dizer que foi um prazer "

Sem uma palavra, parecendo uma criança que tinha sido pega fazendo má criação, Damon ligou a ignição.

"Apenas me deixe em paz", disse ele em voz baixa.

Ele dirigiu deixando uma nuvem de poeira e cascalho.

Os olhos de Elena não estavam serenos quando Stefan fechou a porta do quarto atrás dele. Eles estavam brilhando com uma luz que quase o fez parar no portal.

Ele machucou você.

"Ele machuca a todos. Ele não parece ser capaz de evitar isso. Mas havia algo estranho com ele hoje. Eu não sei o quê. Nesse momento eu não me importo. Mas olhe para você, formando frases!"

Ele é... Elena pausou, e pela primeira vez desde que ela tinha aberto os olhos novamente na clareira onde ela havia sido ressuscitada, formaram-se rugas em sua testa. Ela não conseguia produzir uma imagem. Ela não sabia as palavras certas. Algo dentro dele. Crescendo dentro dele. Como... Fogo gelado, luz escura, pensou finalmente. Mas escondido. Fogo que arde de dentro para fora.

Stefan tentou entender, fazer algum sentido com tudo isto ele tinha a ouvido pensar, mas não conseguiu. Ele ainda estava humilhado, Elena tinha visto o que tinha acontecido. "Tudo que eu sei que está dentro dele é o meu sangue. Juntamente com o sangue da metade das garotas da cidade. "



Elena fechou os olhos e balançou a cabeça lentamente. Então, como se decidisse que não queria mais pensar sobre isso, ela deu tapinhas na cama ao lado dela.

Venha, ela ordenou confiante, olhando para cima. O ouro nos olhos dela parecia especialmente brilhante. Permita-me... ... Desfazer sua dor.

Quando Stefan não veio de imediato, ela ergueu seus braços. Stefan sabia que ele não deveria ir até ela, mas estava ferido, em especial no seu orgulho.

Ele foi até ela e curvou-se para beijar seu cabelo.



Capítulo 3

Mais tarde naquele dia Caroline estava sentada com Matt Honeycutt, Meredith Sulez, e Bonnie McCullough, todos ouvindo Stefan no telefone celular de Bonnie.

"No fim da tarde seria melhor", disse Stefan a Bonnie. "Ela dorme um pouco depois do almoço, e mesmo assim, vai estar mais fresco em algumas horas. Eu disse a Elena que vocês viriam, e ela está animada para vê-los. Mas lembrem-se de duas coisas. Primeiro, só se passaram sete dias desde que ela voltou, e ela não é muito... ela ainda. Acho que os sintomas irão passar em poucos dias, mas, entretanto, não se surpreendam com nada. E segundo, não digam nada sobre o que vocês virem aqui. Para ninguém. "

"Stefan Salvatore!" Bonnie estava escandalizada e ofendida. "Depois de tudo o que passamos juntos, você acha que somos fofoqueiros?"

"Não fofoqueiros," a voz de Stefan veio pelo telefone suavemente. Mas Bonnie continuou sem ouvi-lo.

"Estivemos juntos contra vampiros desonestos, e na cidade fantasma, e lobisomens, e “ vampiros anciões”, e criptas secretas, e o assassinatos em série e Damon e nunca dissemos pras pessoas nada sobre eles" Bonnie disse.

"Desculpe-me", disse Stefan. "Só quis dizer que Elena não estará segura se algum de vocês disser mesmo que pra uma pessoa. Seria nota de jornais imediatamente: MENINA retorna à vida. E aí o que faríamos? "

"Eu entendo isso", disse Meredith brevemente, se inclinando para que Stefan pudesse ouvi-la. "Você não precisa se preocupar. Cada um de nós vai fazer um juramento para não falar pra ninguém. "Seus olhos escuros vaguearam momentaneamente para Caroline e em seguida voltaram para o telefone novamente.

"E tenho que perguntar..."-Stefan estava fazendo uso de toda a sua polidez e cavalheirismo formados na Renascença, especialmente considerando que três das quatro pessoas ouvindo-o ao telefone eram do sexo feminino, "você realmente tem algum jeito de fazer alguém cumprir uma promessa?"

"Ah, eu acho que sim", disse Meredith agradavelmente, desta vez olhando diretamente nos olhos de Caroline. Caroline em seu bronzeado corou, suas as bochechas e garganta viraram escarlate. "Deixe-nos ajeitar isso, e na parte da tarde vamos até ai."

Bonnie, que estava segurando o telefone, disse: "Alguém tem alguma coisa a dizer?"



Matt tinha permanecido silencioso durante a maior parte da conversa. Agora, ele balançou a cabeça, fazendo o seu cabelo voar. Então, como se ele não pudesse segurar, ele disparou: "Podemos falar com Elena? Só para dizer oi? Quero dizer, já faz uma semana inteira." Sua pele bronzeada corando como um pôr-do-sol quase tão brilhante como Caroline tinha ficado.

"Acho que seria melhor vocês apenas virem aqui. Você vai ver porque, quando você chegar." Stefan desligou.

Eles estavam na casa de Meredith, sentados ao redor de uma mesa antiga no quintal. "Bem, nós podemos levar pelo menos alguns alimentos", sugeriu Bonnie, levantando de sua cadeira. "Só Deus sabe o que a Sra. Flowers tem feito para eles comerem, ou se ela tem feito alguma coisa." Ela fez um sinal para os outros como se tivesse tentando levantá-los de suas cadeiras por levitação.

Matt começou a obedecer, mas Meredith permaneceu sentada. Ela disse calmamente: "Nós acabamos de fazer uma promessa a Stefan. Há a questão do voto em primeiro lugar. E as consequências."

"Sei que você está pensando em mim", disse Caroline. "Por que você apenas não fala?"

"Tudo bem", disse Meredith, "Eu estou pensando em você. Por que você está tão interessada em Elena novamente? Como podemos ter certeza que você não vai espalhar a notícia de tudo isso ao redor de Fell's Church? "

"Porque eu iria fazer isso?"

"Atenção. Você gostaria de estar no centro das atenções, dando-lhes todos os suculentos detalhes. "

"Ou vingança", Bonnie acrescentou, de repente voltando a sentar. "Ou ciúmes. Ou tédio. Ou-"

"Tudo Bem", Matt interrompeu. "Acho que já temos razões suficientes."

"Só mais uma coisa," Meredith disse calmamente. "Por que você se importa tanto em ver ela Caroline? Vocês duas não tem se falado direito ao longo de quase um ano, desde que Stefan chegou a Fell's Church. Nós deixamos você participar da ligação para Stefan, mas depois do que ele disse..."

"Se você realmente precisa de um motivo por que eu deveria me importar, depois de tudo o que aconteceu há uma semana... bem, bem, eu achei que você compreenderia sem ser dito!" Caroline olhou fixamente com seus olhos de gato verdes brilhando sobre a Meredith.

Meredith olhou de volta com a sua melhor expressão de sem expressão.

"Tudo bem!" Disse Caroline. "Ela matou ele por mim. Ou mandou ele a julgamento, ou seja, o que for. Esse vampiro, Klaus. E depois de ter sido raptada e-e-e-usada-como-um brinquedo sempre que Klaus queria sangue - ou..." Seu rosto se retorceu e sua respiração ficou acelerada. Bonnie sentiu simpatia, mas ela também



ficou cautelosa. Sua intuição estava ardendo, alertando-a. E notou que, embora Caroline tivesse falado sobre Klaus, o vampiro, ela estava estranhamente silenciosa sobre seu outro seqüestrador, Tyler Smallwood, o lobisomem. Talvez porque o Tyler foi seu namorado até que ele e Klaus a tinham feito de refém.

"Desculpe-me," Meredith falou em uma voz baixa que realmente soou arrependida. "Então, você quer agradecer Elena..."

"Sim. Eu quero agradecer." Caroline estava respirando com dificuldade. "E quero ter certeza que ela está bem."

"Certo. Mas este juramento abrange um tempo muito longo ", Meredith continuou calmamente. "Você pode mudar de idéia, amanhã, na próxima semana, ou daqui a um mês... e ainda nem sequer falamos sobre as conseqüências".

"Olha, nós não podemos ameaçar Caroline", disse Matt. "Não fisicamente."

"Ou arrumar outras pessoas para ameaçar", disse Bonnie esperançosamente.

"Não, nós não podemos", disse Meredith. "Mas para ser direta – você será caloura em uma fraternidade no próximo outono, não será Caroline? Eu sempre posso dizer as suas potenciais irmãs de fraternidade que você quebrou o seu juramento solene sobre alguém que é incapaz de te machucar – pois estou certa que ela não quer te machucar. – De qualquer maneira eu não acho que elas terão muito cuidado com você depois disso. "

O rosto de Caroline corou profundamente novamente. "Você não iria. Você não iria interferir em minha universidade- "

Meredith cortou imediatamente com duas palavras. "Desafie-me."

Caroline parecia murcha. "Eu nunca disse que não faria o voto, e eu nunca disse que eu não o manteria. Porque você não me desafia? Eu - eu aprendi muitas coisas neste verão. "

Espero que sim. As palavras, embora ninguém lhes dissesse em voz alta, pareciam pairar sobre todas elas. O passa tempo de Caroline durante todo o ano passado tinha sido tentar encontrar maneiras de machucar Stefan e Elena.

Bonnie trocou de posição. Havia algo – uma sombra – por trás daquilo que Caroline estava dizendo. Ela não sabia como ela sabia, talvez o sexto sentido com que ela tinha nascido. Mas talvez só tivesse a ver com o quanto Caroline tinha mudado, com o que ela tinha aprendido, Bonnie disse a si mesma. Pensando em quantas vezes ela tinha perguntado a Bonnie sobre Elena na última semana. Ela realmente está bem? Eu poderia enviar flores? Elena já podia receber visitas? Quando ela ficaria bem? Caroline realmente havia sido um incômodo pra Bonnie embora ela não tivesse o coração para lhe dizer isso. Todo mundo estava esperando tão ansiosamente quanto ela para ver como Elena estava... Após ter retornado a vida.



Meredith, que sempre tinha uma caneta e papel, rabiscou algumas palavras. Então, ela disse, "Que tal isso?" E todos eles se inclinaram pra frente pra olhar para o papel.

Juro que não direi a ninguém sobre quaisquer eventos sobrenaturais relacionados com Stefan ou Elena, a não ser que seja dada permissão específica para fazê-lo por Stefan ou Elena. Eu também irei ajudar na punição de quem romper este voto, de forma a ser determinada pelo resto do grupo. Esta promessa é feita em perpetuidade, com o meu sangue como minha testemunha.

Matt estava concordando com a cabeça. " ' Em perpetuidade' – perfeito," disse ele. "Isso soa como o que escreveria um advogado." Mas a punição se não fosse seguido, não tinha nada haver com advogados. Cada um dos indivíduos em torno da mesa tomou o pedaço de papel, leu-o em voz alta e, em seguida, solenemente assinou. Depois, cada um picou o dedo com um alfinete que Meredith tinha em sua bolsa e acrescentou uma gota de sangue ao lado de suas assinaturas, com Bonnie fechando os olhos ao picar seu dedo.

"Agora é realmente obrigatório", disse ela séria, como quem sabe das coisas. "Eu não iria tentar quebrar isto".

"Eu já tive o suficiente de sangue por um longo tempo", disse Matt, espremendo o seu dedo e olhando para ele melancolicamente.

Foi então que aconteceu. O contrato de Meredith estava estendido no centro da mesa para que todos os pudessem apreciar, quando, de um carvalho alto que estava entre os fundos do quintal e a floresta, um corvo veio batendo asas abaixo. Ele aterrissou em cima da mesa soltando um grito do fundo de sua garganta, fazendo Bonnie gritar também. O corvo lançou um olhar aos quatro seres humanos, que apressadamente puxaram pra trás suas cadeiras para sair de seu caminho. Então levantou a cabeça para outro lado. Era a maior corvo que eles todos já tinham visto, e o sol iluminava um arco íris em sua plumagem.

O corvo parecia, em todo o sentido das palavras, estar examinado o contrato. E então ele fez algo tão rapidamente que fez Bonnie se atirar pra atrás de Meredith, pulando de sua cadeira. Ele abriu suas asas, se inclinando pra frente, e bicou violentamente o papel, parecendo visar dois pontos específicos.

E então ele se foi, primeiro estremecendo e em seguida, de distanciando até que ele se tornou uma pequena mancha preta no sol.

"Ele arruinou todo o nosso trabalho", Bonnie choramingou ainda atrás Meredith.

"Eu acho que não", disse Matt, que estava mais perto da mesa.

Quando eles se atreveram a avançar e olhar para o papel, Bonnie sentiu como se alguém tivesse jogado um balde de gelo em suas costas. Seu coração começou a acelerar.



Impossivelmente como pareciam, as violentas bicadas o deixou vermelho, como se o corvo tivesse trazido mais sangue para ele. E as marcas vermelhas, surpreendentemente delicadas, aparentavam exatamente como letras ornamentadas:

D

E abaixo disto:

Elena é minha.



Capítulo 4

Com o contrato assinado e guardado em segurança na bolsa de Bonnie, eles se levantaram rumo à pensão em que Stefan tinha tornado a residir novamente. Eles procuraram pela Sra. Flowers, mas não puderam encontrá-la, como de costume. Então, eles caminharam até o corredor com tapete desgastado.

"Stefan! Elena! Somos nós! "

A porta no topo da escada abriu e Stefan colocou a cabeça pra fora. Ele parecia – de alguma maneira, diferente.

"Feliz," sussurrou Bonnie sabiamente a Meredith.

"Será que é só isso?"

"Claro." Bonnie estava chocada. "Ele tem Elena de volta."

"Sim, ele tem. Do jeito que ela estava quando eles se conheceram, pelo que sabemos. Você a viu na floresta." A voz da Meredith estava cheia de significado.

"Mas... isso é... oh, não! Ela é humana novamente! "

Matt olhou para baixo da escada e sibilou, "Vocês querem parar? Eles vão nos ouvir. "

Bonnie ficou confusa. Claro que Stefan podia ouvi-los, mas se você ia se preocupar com o que ele ouviria você teria que se preocupar com seus pensamentos também – Stefan sempre poderia pegar a forma do que você estava pensando, se não as palavras reais.

"Garotos!" Sibilou Bonnie. "Quero dizer, eu sei que eles são absolutamente necessários e tudo, mas às vezes eles realmente não entendem nada."

"Espere até que você experimente os homens", sussurrou Meredith, e o pensamento de Bonnie foi até Alaric Saltzman, o estudante universitário com que Meredith estava mais ou menos comprometida.

"Eu poderia te dizer uma coisa ou duas", Caroline acrescentou, examinando as suas longas unhas feitas – com um olhar cansado do mundo.

"Mas Bonnie não precisa saber nada ainda. Ela tem muito tempo para aprender", disse Meredith, firmemente no modo materno. "Vamos entrar."

"Sentem-se, sentem-se", disse Stefan incentivando-os quando eles entraram, o anfitrião perfeito. Mas ninguém podia sentar. Todos os olhos estavam fixos em Elena.



Ela estava sentada em posição de lótus* em frente à única janela aberta do quarto, com o vento fresco fazendo sua camisola branca vagar. Seu cabelo era verdadeiramente dourado novamente, não o perolado ouro-branco que tinha tornado-se quando Stefan sem querer tinha a transformado em uma vampira. Ela parecia exatamente do modo como Bonnie se lembrava dela. (**posição de meditação, com os pés cruzados e as mãos apoiadas nos joelhos)

Só que ela estava flutuando noventa centímetros acima do chão.

Stefan viu todos eles engasgando.

"É apenas algo que ela faz", disse ele quase como um pedido de desculpa. "Ela acordou no dia seguinte ao da nossa luta com Klaus e começou a flutuar. Acho que a gravidade não conseguiu lhe deter muito ainda. "

Ele olhou para Elena. "Olha quem chegou pra vê-la", disse ele sedutoramente.

Elena estava olhando. Seus olhos azuis com listras douradas estavam curiosos, e ela estava sorrindo, mas não houve sinal de reconhecimento quando ela olhou de um visitante a outro.

Bonnie mantinha seus braços estendidos.

"Elena?" Disse ela. "Sou eu, Bonnie, lembra? Eu estava lá quando você voltou. Eu estou muito contente em ver você ".

Stefan tentou novamente. "Elena, lembra? Estes são os seus amigos, seus bons amigos. Esta linda alta de cabelo escuro é Meredith, e essa pequena duende incandescente é Bonnie, e esse cara com esse jeito todo-americano é o Matt. "

Algo mudou na expressão de Elena, e Stefan repetiu, "Matt".

"E eu aqui? Ou estou invisível?" Caroline disse ainda na entrada do quarto. Ela parecia bem-humorada o suficiente, mas Bonnie sabia que isso a fazia ranger os dentes, só de ver Stefan e Elena juntos e fora de perigo.

"Você está certa. Desculpe," disse Stefan, e ele fez algo nada normal pra alguém de dezoito anos de idade, que não quisesse parecer um idiota. Ele puxou a mão de Caroline e beijou graciosamente e irrefletidamente como se ele fosse um cavalheiro de mais ou menos meio milênio atrás. O que, obviamente, era exatamente o caso, pensou Bonnie.

Caroline pareceu um pouco presunçosa - Stefan havia demorado algum tempo com o ato. Então, ele disse, "E por último mas não menos importante, esta beleza bronzeada aqui é Caroline." Então, muito gentilmente, em uma voz que Bonnie tinha ouvido-o utilizar apenas algumas vezes desde que ela tinha o conhecido, ele disse, "Não se lembra deles, amor? Eles quase morreram por você – e por mim." Elena estava flutuando facilmente, ficando ereta agora, como um nadador tentando permanecer parado.



"Fizemos porque nos importamos", disse Bonnie, e ela esticou seus braços outra vez para um abraço. "Mas nós nunca imaginamos poder tê-la de volta Elena." Seus olhos se encheram de lágrimas. "Você voltou para nós. Você não se lembra de nós? "

Elena flutuou para baixo até que ela estava diretamente em frente a Bonnie.

Não havia ainda nenhum sinal de reconhecimento em seu rosto, mas havia outra coisa. Havia uma espécie de bênção e tranquilidade ilimitadas. Elena irradiava uma calma e paz e amor incondicional que fez Bonnie respirar profundamente e fechar os olhos. Ela podia sentir isso como um sol no seu rosto, como o oceano em suas orelhas. Após um momento Bonnie percebeu que ela estava em risco de chorar com a mera sensação de bondade – uma palavra que quase nunca era utilizada nos dias de hoje. Algumas coisas ainda poderiam ser simplesmente, intocavelmente boas.

Elena era boa.

E então, com um toque suave no ombro de Bonnie, Elena flutuou em direção Caroline. Ela esticou seus braços.

Caroline parecia envergonhada. Uma onda de escarlate varreu seu pescoço. Bonnie viu, mas não conseguiu compreender. Todos eles teriam a chance de pegar a energia de Elena. E Caroline e Elena tinham sido amigas íntimas, até Stefan, a sua rivalidade tinha sido amigável. E foi bom da parte de Elena escolher Caroline para o primeiro abraço.

E então Elena entrou no círculo dos hostis braços de Caroline e justamente quando Caroline começou a dizer " E tenho –" ela beijou sua boca em cheio. Não foi apenas um selinho sequer. Elena jogou os braços ao redor do pescoço de Caroline pendurou-se nela. Por um longo momento Caroline permaneceu completamente parada, como se estivesse em choque. Então ela se jogou pra trás e lutou, primeiro febrilmente e, em seguida, tão violentamente que Elena foi atirada para trás no ar, com os olhos arregalados.

Stefan a capturou em meio ao voo.

"Que diabos –?" Caroline estava esfregando sua boca.

"Caroline!" A voz de Stefan estava cheia de uma feroz proteção. "Isso não significa nada do que você está pensando. Não tem nada a ver com o sexo de maneira alguma. Ela apenas quer identificar você, descobrir quem você é. Ela pode fazer isso agora que ela está de volta para nós. "

"Marmotas", disse Meredith com uma voz fria e levemente distante que ela muitas vezes tinha utilizado para fazer baixar a temperatura do ambiente. "Marmotas se beijam quando se conhecem. Elas fazem exatamente o que você disse Stefan, isso as ajuda a identificar indivíduos específicos..."



Caroline tinha ido muito além das habilidades de Meredith para esfriar o que quer que fosse, no entanto. Esfregar a boca dela tinha sido uma má idéia, ela estava manchada de batom escarlate por todo o rosto, de modo que ela parecia algo que tinha saído do filme a noiva de Drácula. "Você está louca? O que você acha que eu sou? Porque alguns hamsters fazem isso, torna isso certo?" Ela tinha corado em um vermelho incandescente desde a base de sua garganta até as raízes do seu cabelo.

"Marmotas. Não hamsters".

"Oh, dá um tem... – " Caroline se interrompeu, remexendo em sua bolsa freneticamente desastrada até que Stefan ofereceu-lhe uma caixa de lenços. Ele já havia tirado o vermelho escarlate da boca de Elena. Caroline se apressou para pequeno banheiro anexado ao quarto-sótão de Stefan e bateu a porta com força.

Bonnie e Meredith capturaram os olhos uma da outra e soltaram o ar simultaneamente, explodindo em risos. Bonnie fez uma rápida imitação de expressão frenética de Caroline e um gesto de mímica de alguém usando punhados após punhados de lenços. Meredith balançou a cabeça como um sinal de reprovação, mas ela e Stefan e Matt tiveram ataque histérico. Parte disso foi simplesmente a libertação de tensão – eles estavam vendo Elena viva novamente, após seis longos meses sem ela, mas eles não poderiam parar de rir.

Ou, pelo menos, eles não podiam até que uma caixa de lenços voou para fora do banheiro, quase batendo na cabeça de Bonnie, e todos eles perceberam a porta tinha batido e voltado a abrir e que havia um espelho no banheiro. Bonnie capturou o reflexo de Caroline no espelho e então seus olhos a encarando furiosamente.

Sim, ela tinha os visto rindo dela.

A porta fechou novamente, desta vez, como se tivesse sido chutada. Bonnie baixou a cabeça rapidamente agitando seu cabelo cacheado, desejando que o chão se abrisse e a engolissem.

"Eu vou pedir desculpas", disse ela depois de engolir duramente, tentando ser adulta sobre a situação. Então ela olhou para cima e percebeu que todo mundo estava mais preocupado com Elena, que estava claramente perturbada por esta rejeição.

Ainda bem que fizemos o juramento com sangue, Bonnie pensou. E é uma coisa boa que você-sabe-quem assinou também. Se havia uma coisa que Damon sabia a respeito, era sobre consequências.

Enquanto ela estava pensando nisso, ela ingressou na bagunça em torno de Elena. Stefan estava tentando segurar Elena; Elena estava tentando ir atrás Caroline; e Matt e Meredith estavam ajudando Stefan e dizendo pra Elena que estava tudo bem.

Quando Bonnie se juntou a eles, Elena desistiu de tentar chegar ao banheiro. Seu rosto estava muito angustiado, seus olhos azuis cheios de lágrimas.



A serenidade de Elena tinha sido quebrada por dor e arrependimento e por baixo disso – uma surpreendentemente profunda apreensão. A intuição de Bonnie deu uma pontada.

Mas ela segurou Elena pelo cotovelo, a única parte que ela poderia chegar, e acrescentou sua voz ao coro: "Você não sabia que ela ia ficar tão chateada. Você não quis magoá-la. "

Cristais de lágrimas derramaram pelas bochechas de Elena, e Stefan capturou-as com um lenço, como se cada uma fosse inestimável.

"Ela pensa que Caroline está machucada", disse Stefan "e ela está preocupada com ela, por algum motivo que eu não entendo."

Bonnie percebeu que Elena podia se comunicar com ele afinal de contas – por um link em suas mentes. "Senti isso também," disse ela. "A dor. Mas diga a ela – quer dizer - Elena, eu prometo que vou pedir desculpas. Vou implorar. "

"Isso pode custar algumas implorações de todos nós", disse Meredith. "Mas, antes, eu quero ter certeza de que este anjo esquecido me reconheça ".

Com uma expressão sofisticada de tranquilidade, ela tomou Elena dos braços de Stefan e a puxou para os seus braços e em seguida, ela beijou-a.

Infelizmente, isto coincidiu com a saída de Caroline do banheiro. A parte inferior do seu rosto estava mais branca que a parte de cima, tendo que a maquiagem tinha sido arruinada: batom, base, blush, e tudo mais. Ela parou e encarou em pavor.

"Eu não acredito nisso!", disse ela em tom sarcástico. "Vocês ainda estão fazendo isso! Isso é nojen..."

"Caroline." A voz Stefan era um aviso.

"Eu vim aqui para ver Elena." Caroline – A linda, macia, e bronzeada Caroline – estava torcendo as mãos, como se estivesse em um terrível conflito. "A antiga Elena. E o que vejo? Ela é como um bebê, ela não pode falar. Ela é como um guru sorridente flutuando no ar. E agora ela é como uma espécie de perverso."

"Não termine isso", disse Stefan calmamente, mas firme. "Eu posso te afirmar que ela deverá estar livre dos primeiros sintomas em poucos dias, a julgar pelos progressos realizados até agora", acrescentou.

E ele estava diferente de alguma forma, Bonnie se lembrou de sua primeira opinião ao vê-la hoje. Não apenas feliz de ter Elena volta. Ele estava... mais forte de algum modo de dentro pra fora. Stefan sempre foi quieto por dentro; seus poderes pareciam como uma piscina de água límpida. Agora ela viu que a mesma água clara tinha construído um tsunami.

O que poderia ter mudado tanto Stefan?



A resposta veio-lhe imediatamente, embora sob a forma de uma pergunta. Elena era ainda parte espírito – A intuição de Bonnie lhe disse. O que aconteceria se ele bebesse o sangue de alguém que estava nesse estado?

"Caroline, vamos apenas parar com isso", disse ela. "Sinto muito, estou muito, muito arrependida por – você sabe – Eu estava errada, e eu estou arrependida. "

"Oh, você se arrepende. Oh, isso deixa tudo bem então, não é? " a voz de Caroline estava como ácido puro, e ela virou costas para Bonnie. Bonnie ficou surpresa ao ver os vestígios de lágrimas nos olhos dela.

Elena e Meredith ainda tinham os seus braços em volta de si, suas bochechas molhadas com lágrimas uma da outra. Elas estavam se olhando e Elena estava radiante.

"Agora ela vai saber quem você é em qualquer lugar", disse Stefan a Meredith. "Não só o seu rosto, mas – seu interior – também, ou a forma dele pelo menos. Eu deveria ter mencionado isso, antes de este começar, mas eu fui o único que ela 'conheceu', e eu não percebi-"

"Você devia ter percebido!" Caroline estava caminhando de um lado para outro como um tigre.

"Então, você beijou uma garota, e daí?" Bonnie explodiu. "O que você acha, que você vai criar barba agora?"

Como se impulsionada pelo poder do conflito em torno dela, Elena de repente disparou, muito rápida, e ela estava vagando ao redor da sala como se ela tivesse tomado um tiro de canhão, o cabelo dela estralava com eletricidade quando ela fazia paradas súbitas ou voltas. Ela fez a volta ao redor da sala, duas vezes, e quando sua silhueta estava contra a janela empoeirada, Bonnie pensou, Oh, meu Deus! Temos que pegar algumas roupas pra ela! Ela olhou pra Meredith e viu que Meredith tinha partilhado a sua realização. Sim, elas tinham que arrumar roupas pra Elena e principalmente roupas íntimas.

Enquanto Bonnie se movia em direção Elena, tão tímida como se ela nunca tivesse sido beijada antes, Caroline explodiu.

"Vocês simplesmente vão continuar fazendo isso!" Ela estava praticamente entrando em colapso agora, pensou Bonnie. "O que há de errado com vocês? Vocês não têm qualquer senso de moral? "

Isso, infelizmente, causou outro ataque histérico obrigando Bonnie e Meredith a gargalharem. Até Stefan virou pra outro lado rapidamente, sua cordialidade com a sua convidada claramente estava realmente lutando uma batalha perdida.

Não apenas uma convidada, pensou Bonnie, mas uma garota que tinha indo longe demais – mais que isso - pois Caroline não tinha sido tímida sobre deixar as pessoas saberem quando ela tinha colocado suas mãos nele. Sobre o quão



longe um vampiro podia ir, lembrou Bonnie, e ainda não era tudo. Algo sobre o substituir o partilhamento de sangue por – bem, por isso... Mas ele não foi o único que Caroline tinha cercado. Caroline tinha má fama.

Bonnie olhou pra Elena, e viu que Elena estava assistindo Caroline com uma estranha expressão. Não é como se Elena tivesse com medo dela, mas sim como se Elena estivesse profundamente preocupada com ela.

"Você está bem?" Bonnie sussurrou Para ela surpresa, Elena concordou com a cabeça e, em seguida, olhou para Caroline sacudiu a cabeça negativamente. Ela olhou cuidadosamente Caroline de cima para baixo e sua expressão era como a de um médico perplexo examinando um paciente muito doente.

Então ela flutuou em direção Caroline, com uma mão estendida.

Caroline se esquivou, como se ela estivesse com nojo de ter Elena tocando-a. Não, não nojo pensou Bonnie, mas medo.

"Como vou saber o que ela vai fazer agora?" Caroline rebateu, mas Bonnie sabia que não era a verdadeira razão de seu medo. O que é que nós temos aqui? Ela se perguntou. Elena com medo de Caroline, e Caroline com medo de Elena. O que significa isso?

Os sentidos psíquicos de Bonnie lhe davam arrepios. Havia algo errado com Caroline, ela sentia, algo que ela nunca tinha sentido antes. E o ar... Estava pesando de alguma forma, como se estivesse uma tempestade a caminho.

Caroline fez um movimento forte ao virar o rosto para manter Elena afastada dela. Ela se moveu pra atrás de uma cadeira.

"Basta manter ela longe de mim, tudo bem? Não vou deixar que ela toque em mim novamente – " ela começou, quando Meredith mudou toda a situação com duas palavras.

"O que você disse pra mim?" Caroline disse, fitando-a.



Capítulo 5

Damon estava dirigindo sem rumo quando ele viu a garota.

Ela estava sozinha, andando a pé pelo lado da rua, seu cabelo alaranjado soprando ao vento, braços pra baixo carregando pacotes pesados.

Damon imediatamente fez a coisa cavalheiresca. Ele deixou o carro deslizar até o encostamento, esperou a menina dar os poucos passos que faltavam para alcançá-lo - E, em seguida, pulou para fora do carro e se apressou em abrir a porta de passageiros para ela.

O nome dela, surgiu, era Damaris.

Logo a Ferrari estava de volta à estrada, indo tão rápido que o cabelo alaranjado de Damaris estava tremulando atrás dela como uma bandeira. Ela era uma jovem mulher e estava completamente livre da espécie de transe induzido que ele tinha distribuindo livremente por aí durante o dia todo, o que era uma boa coisa, pensou ele laconicamente, porque sua imaginação tinha sido muito usada hoje e ele estava quase sem nada.

Mas lisonjear esta bela criatura, com o seu resplendoroso cabelo que era de um vermelho dourado, sua pele leitosa, não precisaria qualquer imaginação de qualquer maneira. Ele não previa nenhum problema com ela, e ele pensou que poderia mantê-la com ele durante a noite.

Veni, vidi, vici*, pensou Damon abrindo um sorriso impetuoso. E então pensou melhor - talvez eu não tenha vencido ainda, mas eu aposto minha Ferrari nisso. (*Frase histórica supostamente dita por um general Romano, a tradução literal seria "Vim, Vi, Venci".)

Ele se distraiu por uma "visão cênica" quando Damaris derrubou sua bolsa e se curvou para pegá-la, ele observou a parte de traz de seu pescoço, onde os pêlos finos alaranjados eram surpreendentemente delicados contra a brancura da sua pele.

Ele lhe beijou ali imediatamente, impulsivamente, sentindo que sua pele era suave como a pele de um bebê – e quente contra seus lábios. Ele deu a ela total liberdade de ação, interessado em ver se ela iria dar um tapa nele, mas ao invés disso ela apenas endireitou sua posição e tomou um pouco de ar insegura antes de permitir que ele a puxasse para seus braços para ser beijada incerta, quente e tremendo, seus olhos azuis escuros entregues e tentando resistir ao mesmo tempo.

"Eu – não devia ter deixado você fazer isso. Não vou permitir novamente. Quero ir para casa agora. "

Damon sorriu. Sua Ferrari estava a salvo.



Seu protesto tinha sido particularmente agradável, ele pensou enquanto continuava a dirigir. Se ela continuasse a fazer isso como ela estava fazendo, ele até poderia ficar com ela uns dias, talvez mesmo transformar-la.

Agora, porém, ele foi incomodado por uma inexplicável inquietação interior. Elena, é claro. Esteve tão perto dela na pensão e não se atreveu a se impor e ir até lá, por causa do que ela poderia fazer. Oh, bem, o que ele já deveria ter feito a essa altura, pensou ele com uma súbita veemência. Stefan estava certo tinha algo de errado com ele hoje.

Ele estava frustrado em um grau que ele nunca imaginou ser possível. O que ele deveria ter feito era ter enterrado o rosto do seu maninho na terra, quebrado o seu pescoço como o de uma ave e, em seguida, subido aqueles degraus estreitos e pegajosos pra pegar Elena, disposta ou não. Ele não tinha feito isso antes por causa de alguma chatice sem sentido, sobre seus gritos enquanto ele levantasse aquele queixo incomparável e enterrasse dolorosamente seus dentes em sua garganta branca como lírios.

Havia um barulho dentro do carro. "... Você não acha?" Damaris estava dizendo.

Irritado e muito ocupado com a sua fantasia para pensar sobre o que sua mente podia ter ouvido-a falar durante seu discurso, ele a calou, e ela ficou instantaneamente quieta. Damaris era adorável, mas uma rameira. Agora ela estava sentada com o seu cabelo alaranjado dando chicotadas ao vento, mas com os olhos em branco, suas pupilas contraídas, absolutamente parada.

E tudo por nada. Damon fez um sibilo de exasperação. Ele não conseguiu voltar ao seu sonho, mesmo em silêncio, os sons imaginários dos gritos de Elena não voltaram.

Mas não haveria mais gritos, uma vez que ele a transformasse em uma vampira, uma pequena voz em sua mente sugeriu. Damon levantou a cabeça e se inclinou para trás, com apenas três dedos no volante. Ele uma vez tentou fazer dela a sua princesa das trevas, e por que não? Ela pertenceria a ele completamente, e se ele tivesse que abrir mão de seu sangue mortal, bem... ele não estava exatamente obtendo nada dele agora, não era? Disse a voz insinuante. Elena, pálida e brilhante com a aura de poder de vampira, o cabelo loiro, quase branco, um vestido preto acetinado contra sua pele. Agora, aí estava uma imagem que faria o coração de qualquer vampiro bater mais rápido.

Ele a queria mais do que nunca agora, que ela tinha sido um espírito. Mesmo como uma vampira ela iria reter a maior parte de sua própria natureza, e ele podia imaginar a cena: a luz dela e a escuridão dele, a sua brancura suave em seus braços revestidos com sua jaqueta preta de couro. Ele iria parar aquela boca requeimada com beijos, sufocá-la com eles.

Mas no que ele tava pensando? Vampiros não beijam assim por prazer, especialmente não outros vampiros. O sangue e a caça eram tudo. Beijar além do necessário para conquistar sua vítima era inútil, não levaria a lugar algum. Apenas



idiotas sentimentais como o seu irmão se importavam com essa besteira. Um casal de vampiros poderia compartilhar o sangue de uma vítima, os dois bebendo de uma só vez, ambos controlando a mente da vítima, e usufruindo juntos o link mental, também. Era assim que eles obtinham prazer.

Ainda assim, Damon encontrava-se animado com a idéia de beijar Elena, de forçar seus beijos nela, de sentir o seu desespero para fugir dele de repente parar – com aquela pequena hesitação que chega pouco antes da resposta, antes de se entregar completamente a ele.

Talvez eu esteja enlouquecendo, pensou Damon, intrigado. Ele nunca tinha ficado louco antes, não que ele pudesse recordar, e aí estava algo de apelativo na idéia. Tinha séculos desde que ele sentiu este tipo de excitação.

Sorte sua, Damaris, ele pensou. Ele tinha chegado ao ponto onde a rua Sycamore entrava na floresta antiga, e a estrada a partir dali era sinuosa e perigosa. Sem pensar, ele encontrou-se se virando em direção a Damaris para acordá-la novamente, registrando com satisfação que seus lábios eram suavemente cor de cereja, sem batom. Ele beijou-lhe levemente, então esperou por sua resposta.

Prazer. Ele podia ver sua mente aprovando o ato.

Ele olhou a estrada à frente e depois tentou novamente, desta vez segurando o beijo. Ele estava deliciado com sua resposta, com a resposta de ambos. Isso era incrível. Tinha que ter algo a ver com a quantidade de sangue que ele tinha tomado, mais do que nunca em um único dia, ou a combinação –

Ele subitamente teve que desviar sua atenção de Damaris para a direção. Um pequeno animal vermelho tinha aparecido na estrada a sua frente como que por magia. Damon normalmente não sairia do seu caminho para atropelar coelhos, porco espinhos, e coisas do gênero, mas este o tinha irritado em um momento crucial. Ele agarrou o volante com as duas mãos, seus olhos negros e frios como gelo glacial das profundezas de uma caverna, e acelerou em direção a pequena coisa vermelha.

Não tão pequena – haveria um solavanco.

"Espere", ele murmurou para Damaris.

No último instante, a coisa avermelhada se desviou. Damon girou o volante de volta pra segui-lo e, em seguida, encontrou-se de frente a uma vala. Apenas os super reflexos de um vampiro - e a pronta resposta de um veículo muito caro – para poder tê-lo mantido fora da vala. Felizmente Damon tinha ambos, girando em um círculo apertado, os pneus cantaram e fizeram fumaça em protesto.

E nenhum solavanco.

Damon saltou pra fora do carro em um movimento fluido e olhou ao redor. Mas seja lá o que foi aquilo, tinha desaparecido completamente, tão misteriosamente como tinha aparecido.



Sconosciuto. Estranho.

Ele desejou não estar diretamente sob o sol, a luz brilhante da tarde reduzia severamente a sua acuidade visual. Mas ele teve um vislumbre de como a coisa chegou perto, e percebeu que tinha uma aparência deformada. Fino em uma extremidade e maior na outra.

Oh, bem.

Ele voltou para o carro, onde Damaris estava tendo um ataque de nervos. Ele não estava com vontade de consolar ninguém, então ele simplesmente colocou-a de volta a dormir. Ela caiu para trás no banco, deixando lágrimas para secar sobre suas bochechas.

Damon voltou para o carro ainda se sentindo frustrado. Mas agora ele sabia o que ele queria fazer hoje. Ele queria encontrar um bar - qualquer um, puído e barato ou imaculado e caro – e ele queria encontrar outro vampiro. Com Fell's Church sendo um lugar tão propício no mapa, não deveria ser difícil encontrar algum nas áreas circundantes. Os vampiros e outras criaturas das trevas eram atraídos para lugares como esse, como abelhas a madressilvas.

E então ele arrumaria uma luta. Seria totalmente injusto – Damon era o vampiro mais forte pelo que ele sabia – e, além disso, ele estava cheio como um carrapato do coquetel do sangue das melhores donzelas de Fell's Church. Ele não se importava. Pareceu-lhe uma boa maneira para extravasar suas frustrações em algo, e – ele abriu aquele inimitável, incandescente sorriso pro nada – algum lobisomem ou vampiro ou Ghoul estava prestes a cumprir seu destino. Talvez mais do que um, se ele tivesse sorte o bastante de encontrá-los. Depois disso – A deliciosa Damaris como sobremesa.

A vida era boa, afinal. E a não-vida - pensou Damon com seus olhos brilhando perigosamente por trás dos óculos escuros - era ainda melhor. Ele ia se sentar em um canto emburrado porque ele não poderia ter Elena imediatamente. Ele estava saindo para se divertir e se fortalecer, e então em algum momento muito próximo, ele iria até a casa de seu patético e covarde irmão mais novo e pegaria ela.

Ele passou o olhar no espelho retrovisor do carro por um instante. Por alguma aberração na iluminação ou inversão da atmosfera, pareceu-lhe ver em seus olhos por trás das lentes escuras do óculos – uma chama vermelha.



Capítulo 6

Eu disse, cai fora.", Meredith repetiu para Caroline, ainda em voz baixa.

"Você disse coisas que nunca deveriam ter sido ditas em nenhum lugar civilizado. E acontece que esta é a casa Stefan - e, sim, é direito dele pedir pra você se retirar. Estou fazendo isso por ele, no entanto, porque ele nunca iria pedir a uma garota - e ex candidata a namorada, devo acrescentar - para dar o fora de seu quarto."

Matt limpou a garganta. Ele tinha se afastado ficando em um canto, e todos tinham esquecido a presença dele. Agora, ele disse, "Caroline, eu te conheço a tempo de mais pra ser formal, e Meredith está certa. Se você quer dizer o tipo de coisas que você está dizendo sobre Elena, terá que fazê-lo em outro lugar, longe de Elena. Mas, olha, tem uma coisa que eu sei. Não importa o que Elena fez quando ela esteve - esteve aqui antes", a voz dele caiu um pouco em admiração, e Bonnie sabia o que ele queria dizer, quando Elena esteve aqui na Terra antes, - "Ela está muito mais próxima de um anjo do que você poderia imaginar. Agora ela é... ela é... totalmente..." Ele hesitou, procurando pelas palavras certas.

"Pura", disse Meredith facilmente, o ajudando a terminar a afirmação.

"Sim", Matt concordou. "Sim, pura. Tudo que ela faz é puro. E não há como nenhuma das suas palavras malvadas atingirem ela, de qualquer maneira, mas o resto de nós simplesmente não gosta de assistir você tentar. "

Houve um baixo "Obrigado" de Stefan.

"Eu já estava indo", disse Caroline, agora através de seus dentes. "E não se atreva a falar comigo sobre pureza! Aqui, com tudo isto acontecendo! Você provavelmente só quer assistir isso por você mesmo, duas meninas se beijando. Você provavelmente..."

"Chega." Stefan disse quase sem expressão, mas Caroline foi levantada e jogada pra fora da porta e largada lá como se fosse carregada por mãos invisíveis. Sua bolsa foi jogada logo depois dela.

Em seguida, a porta se fechou silenciosamente.

Os cabelos na nuca de Bonnie se levantaram. Este Poder Psíquico lhe deixou com os sentidos atordoados e temporariamente paralisada. Mover Caroline - e ela não era uma criancinha - tinha sido um esforço imenso.

Talvez Stefan tivesse mudado tanto quanto Elena. Bonnie olhou para Elena, cuja piscina de tranquilidade tinha ficado um pouco abalada por causa de Caroline.

E você também poderia fazer algo para afastar a mente de Elena disso, e talvez você seja digna de algum agradecimento de Stefan, pensou Bonnie.



Ela encostou-se ao joelho de Elena, e quando Elena virou pra olhá-la, Bonnie a beijou.

Elena quebrou o beijo muito rapidamente, como se estivesse com medo de causar algum holocausto novamente. Mas Bonnie viu de uma só vez o que a Meredith tinha dito sobre não ser sexual. Foi... Mais como ser examinada por alguém que estava usando todos os seus sentidos ao máximo. Quando Elena se afastou de Bonnie ela irradiava para ela tal como ela tinha para Meredith, todas as angústias levadas pra longe pela - sim, pela pureza do beijo. Bonnie sentiu como se uma parte da tranquilidade de Elena tivesse ido pra ela.

"... Deveria ter pensado melhor antes de trazer Caroline", Matt estava dizendo a Stefan. "Desculpe por ter expulsado ela, mas eu conheço Caroline, e ela poderia ter ficado tagarelando por meia hora sem nunca realmente sair."

"Stefan cuidou disso," Meredith disse, "ou foi Elena, também?"

"Fui eu," disse Stefan. "Matt tinha razão: ela poderia continuar a falar indefinidamente sem realmente sair. E eu simplesmente não conseguiria ouvir alguém falar assim com Elena. "

Porque eles estão falando essas coisas? Bonnie perguntava. De todas as pessoas, Meredith e Stefan eram os menos inclinados a discussões, mas aqui estavam eles, dizendo coisas que realmente não precisavam ser ditas. Então ela percebeu que era por Matt, que estava se movendo lentamente, mas com determinação para Elena.

Bonnie se levantou rápida e ágil como se fosse voar, e conseguiu passar por Matt sem olhar para ele. E então ela foi se juntar a Meredith e Stefan em suas tagarelices – bem, mais ou menos tagarelices - sobre o que acabara de acontecer. Caroline tinha arrumado um mau inimigo, todos concordaram, e parecia nada a ensinaria que tudo o que ela atacava em Elena sempre ricocheteava. Bonnie poderia apostar que ela estava arrumando um novo ataque agora mesmo contra todos eles.

"Ela se sente sozinha o tempo todo", disse Stefan, como se estivesse tentando arrumar desculpas para ela. "Ela quer ser aceita, por qualquer pessoa, em quaisquer condições, mas ela se sente - isolada. Como se ninguém que realmente conhecesse ela confiasse nela."

"Ela é defensiva", Meredith concordou. "Mas você poderia esperar que ela fosse mostrar alguma gratidão. Afinal, nós a resgatamos e salvamos sua vida um pouco mais de uma semana atrás."

Havia mais que isso, pensou Bonnie. Sua intuição estava tentando lhe dizer algo, algo sobre o que poderia ter acontecido antes deles conseguirem socorrer Caroline - mas ela estava tão zangada com o comportamento dela com Elena que ignorou isso.

"Por que alguém deveria confiar nela?" Ela disse a Stefan, e arriscou uma olhadinha para trás. Elena iria definitivamente conhecer Matt a qualquer



momento, e Matt parecia como se estivesse prestes a desmaiar. "Caroline é bonita, certo, mas é só isso. Ela nunca tem nada de bom a dizer sobre ninguém. Ela joga jogos o tempo todo – Eu sei que fizemos isso algumas vezes, também... – mas ela está sempre tentando fazer as outras pessoas parecerem más. Claro, ela pode ter a maioria dos rapazes" – uma súbita ansiedade a tomou, e ela falou mais alto para tentar empurrar isso pra longe - "mas se você é uma garota, ela é apenas um par de pernas longas e -"

Bonnie parou porque a Meredith e Stefan haviam congelado, com uma idêntica expressão de 'Oh-meu-Deus-de-novo-não' em seus rostos.

"E ela também tem uma audição muito boa", disse uma voz agitada e ameaçadora em algum lugar atrás de Bonnie. O coração de Bonnie saltou em sua garganta.

Era isso que dava em ignorar suas premonições.

"Caroline -" Meredith e Stefan foram ambos tentar controlar os danos, mas era tarde demais. Caroline havia entrando com longas pernas como se ela não quisesse que seus pés tivessem que tocar o chão de Stefan. Estranhamente, porém, ela estava carregando os saltos altos com as mãos.

"Voltei para buscar os meus óculos", disse ela, ainda naquela voz tremida. "E ouvi o suficiente para saber o que os meus ditos "amigos" pensam de mim."

"Não, você não ouviu", disse Meredith, tão rapidamente e eloqüente quanto Bonnie ficou atordoado e muda. "Você ouviu algumas pessoas muito irritadas colocando pra fora sua irritação após você tê-los insultado."

"Além disso", disse Bonnie, de repente capaz de voltar a falar "admita, Caroline – você desejava ouvir alguma coisa. É por isso que te tirou os sapatos. Você estava bem detrás da porta escutando, não? "

Stefan fechou os olhos. "Isto é minha culpa. Eu devia ter-"

"Não, você não devia", Meredith disse pra ele, e pra Caroline ela acrescentou: "E se você puder me dizer uma palavra do que dissemos que não era verdade, ou era exagerada, exceto talvez por aquilo que disse Bonnie, e Bonnie... é apenas Bonnie. De qualquer maneira, se você puder apontar uma palavra do que o resto de nós disse que não é verdade, eu peço perdão ".

Caroline não estava ouvindo. Caroline estava se contorcendo. Ela tinha um tique facial, e seu lindo rosto estava vermelho escuro convulsionando de fúria.

"Oh, vocês irão implorar meu perdão, estejam certos", disse ela, apontando o indicador com aquela longa unha pra cada um deles. "Vocês vão se arrepender. E se você tentar essa - esse tipo feitiçaria-vampiro em mim novamente," disse a Stefan, "Eu tenho amigos - amigos verdadeiros – que gostariam de saber sobre isso."

"Caroline, esta tarde você assinou um contrato-"



"Oh, quem liga pra isso?"

Stefan se levantou. Estava escuro agora no interior do pequeno quarto com a sua janela poeirenta, e a sombra dele foi lançada pelo quarto pela lâmpada de cabeceira. Bonnie olhou para ele e então para Meredith, com os cabelos nos braços e pescoço se eriçando. A sombra era surpreendentemente escura e surpreendentemente alta. A sombra de Caroline era fraca, transparente e curta - uma imitação perto da verdadeira sombra.

A sensação de tempestade estava de volta. Bonnie estava agitada agora, tentando sem sucesso, parar o tremor que tinha chegado como se tivesse sido jogada água gelada nela. Era um frio que vinha diretamente de seus ossos e foi rasgando camada após camada de calor deles como um gigante ganancioso, e agora ela estava começando a tremer mais forte...

Alguma coisa estava acontecendo com Caroline nas sombras - algo estava se aproximando dela - ou vindo por ela - ou talvez ambos. Em qualquer caso, estava em todo o redor dela agora, e envolta de Bonnie também, a tensão era tão espessa que Bonnie ficou bloqueada, o seu coração agitado. Ao seu lado, Meredith - a prática, cabeça-controlada Meredith - se agitava nervosamente.

"O que -?" Meredith começou em um sussurro.

De repente, como se tudo tivesse sido requintadamente coreografado pela as coisas da escuridão, a porta do quarto de Stefan se fechou... a lâmpada, uma lâmpada elétrica bem comum, se apagou... e o antigo laminado da janela veio para baixo, deixando o quarto em súbita e completa escuridão.

E Caroline gritou. Era um som horrível - como se alguém tivesse se agarrado a ela e arrancado sua coluna vertebral pela sua garganta.

Bonnie gritou também. Ela não pode evitar, embora seu grito tivesse parecido demasiado fraco e sem fôlego, como um eco, o contrário do que Caroline tinha feito. Graças a Deus que pelo menos, Caroline não gritou por muito tempo. E Bonnie foi capaz de parar o novo grito que estava se construindo em sua própria garganta, apesar de sua agitação ser pior do que nunca. Meredith tinha um braço apertado em torno dela, mas então, como a escuridão e o silêncio se seguiram e Bonnie não parava de tremer, Meredith sem piedade levantou-se e passou a ela para Matt, que parecia espantado e envergonhado, mas tentou estranhamente segurá-la.

"Não é tão escuro que seus olhos não possam se acostumar a isso", disse ele. Sua voz era seca, como se ele precisasse de um pouco de água. Mas foi a melhor coisa que ele poderia ter dito, porque de todas as coisas no mundo pra temer, o pior medo de Bonnie era o escuro. Havia coisas ali, coisas que só ela conseguia enxergar. Ela conseguiu, apesar do terrível medo, parar de pé com seu apoio - em seguida, ela engasgou, e ouviu Matt engasgar também.

Elena estava brilhante. Não apenas ela, mas o brilho se estendia por trás dela, e para ambos os lados dela, saído de um par de muito bem definidas e inegavelmente presentes... Asas.



"Ela tem a-asas", sussurrou Bonnie, com um estremecimento desta vez causado por sua admiração e não por terror ou medo. Matt era quem estava agarrado nela agora, como uma criança, e obviamente, não poderia responder.

As asas moviam com a respiração de Elena. Ela estava sentada no ar, firme agora, uma mão estendida com os dedos todos espalhados em um gesto de negação.

Elena falou. Não era qualquer linguagem que Bonnie tinha ouvido antes, ela duvidou que fosse um idioma usado por qualquer pessoa na Terra. As palavras eram afiadas, como o desmoronamento de uma miríade cacos de cristal que tinham caído de um lugar muito alto e muito longe.

A forma das palavras quase fazia sentido pra Bonnie como se suas próprias habilidades psíquicas ficassem sucintas perto do tremendo poder de Elena. Era um poder que permanecia alto contra as trevas, e agora ele e ia varrendo os lados... Fazendo as coisas do escuro galopar pra longe, as suas garras arranhando em todas as direções. As palavras afiadas seguiram-lhes todo o caminho, dissipando-os agora...

E Elena... Elena estava tão bela a ponto de fazer o coração doer, tanto quanto, quando tinha sido uma vampira, e parecia quase tão pálida como uma.

Mas Caroline estava gritando, também. Ela estava usando poderosas palavras de Magia Negra, e para Bonnie era como se as sombras de todos os tipos de escuro e coisas horríveis fossem provenientes de sua boca: lagartos e serpentes e muitas pernas de aranhas.

Foi um duelo, um duelo de magia. Só que, como Caroline tinha aprendido tudo isso sobre magia negra? Ela nem sequer era de linhagem bruxa como Bonnie.

Do lado de fora do quarto de Stefan, em torno dele, havia um som estranho, quase como um helicóptero. Whipwhipwhipwhip... Isso aterrorizou Bonnie.

Mas ela tinha que fazer alguma coisa. Ela era Celta por descendência, e psíquica, bem, porque ela não pode evitar isso, e ela tinha que ajudar Elena. Lentamente, como se estivesse abrindo caminho contra rajadas de ventos, Bonnie se esticou para colocar sua mão na mão de Elena, para oferecer a Elena sua força.

Quando Elena agarrou sua mão, Bonnie percebeu que Meredith estava no seu outro lado. A luz cresceu. As coisas rastejantes correram dela, gritando e batendo umas nas outras na fuga.

A próxima coisa que Bonnie soube, era que Elena estava caindo. As asas foram embora. E as coisas rastejantes do escuro tinham desaparecido, também. Elena tinha os expulsado, usando enormes quantidades de energia para esmagá-los com Poder Branco.

"Ela vai cair", Bonnie sussurrou, olhando Stefan. "Ela usou uma magia muito forte"



Bem então, quando Stefan começou a se dirigir a Elena, várias coisas aconteceram muito rápidas, como se o quarto tivesse sido atingido por vários raios de luz.

Flash. O laminado da janela rolou pra cima, abrindo furiosamente.

Flash. A lâmpada ligou novamente, revelando-se nas mãos do Stefan. Ele devia estar tentando consertá-la.

Flash. A porta do quarto de Stefan abriu lentamente, rangendo, como se quisesse se redimir de ter batido antes.

Flash. Caroline estava no chão, gemendo, respiração difícil. Elena tinha vencido...

Elena caiu.

Só reflexos inumanamente rápidos poderiam tê-la capturado, especialmente do outro lado da sala. Mas Stefan tinha deixado a lâmpada com Meredith e atravessou a distancia mais rápido do que os olhos de Bonnie poderiam seguir. Então ele estava segurando Elena, abraçando-a protetoramente.

"Oh, inferno", disse Caroline. Trilhas negras de mascara pra cílios corriam pelo seu rosto, tornando seu olhar não muito humano. Ela olhou para Stefan um ódio franco. Ele olhou de volta solenemente, não, soberanamente.

"Não chame o inferno", disse ele em uma voz muito baixa. "Não aqui. Não agora. Porque inferno poderia ouvir e chamar de volta. "

"Como se já não tivesse", disse Caroline, e nesse momento - ela era digna de pena – miserável e patética. Como se tivesse começado algo que ela não sabia como parar.

"Caroline, o que está dizendo?" Stefan entendeu. "Você está dizendo que você já fez alguma troca--?"

"Ouch", disse Bonnie, de repente e involuntariamente, acabando com humor sinistro no quarto. Uma das unhas que Caroline tinha quebrado tinha deixado um rastro de sangue no chão. Bonnie sentiu um latejo de simpatia sentindo a dor em seu próprio dedo até que Caroline apontou sua mão sangrenta pra Stefan. Então a simpatia de Bonnie virou náusea.

"Quer uma lambida?" Disse ela. Sua voz e rosto mudaram completamente, e ela não fez nenhuma questão de tentar esconder isso. "Ah, vá lá, Stefan", ela começou a zombar, "Você andou bebendo sangue humano nestes dias, não é? Humano ou - seja lá o que ela é, ou o que ela virou. Você dois voam como morcegos juntos agora, não é? "

"Caroline," Bonnie sussurrou, "Você não viu elas? Suas asas-"

"Exatamente como um morcego, ou outra coisa de vampiro. Stefan a transformou -"



"Eu vi", disse Matt plenamente, atrás Bonnie. "Elas não eram asas de morcego."

"Será que alguém tem olhos?" Meredith disse de onde ela estava perto da lâmpada. "Olha aqui". Ela se abaixou. Quando levantou de novo ela estava segurando uma longa pena branca. Que brilhava na luz.

"Talvez ela seja um corvo branco, então", disse Caroline. "Isso seria adequado. E não posso acreditar como vocês estão todos – todos – tão cuidadosos com ela, como se ela, como se ela fosse uma espécie de princesa. Sempre a queridinha de todos, não é mesmo, Elena? "

"Pare com isso", disse Stefan.

"Todos, essa é a palavra chave", Caroline cuspiu.

"Pára com isso."

"O jeito que você estava beijando todo mundo, um após o outro." Ela deu um estremecimento teatral. "Todo mundo parece ter esquecido, mas isso tava mais para-"

"Pare, Caroline."

"A Real Elena". A voz de Caroline tinha se tornado fingidamente suave, mas ela não poderia manter o veneno fora, pensou Bonnie. "Porque quem conhecia você antes sabia quem você era, antes de o Stefan nos abençoar com sua irresistível presença, você era uma-"

"Caroline, pare com isso-"

"Uma puta! É isso! Bem barata, puta de qualquer um! "



Capítulo 7



ouve uma espécie de engasgamento coletivo. Stefan ficou branco, seus lábios comprimidos em uma linha estreita. Bonnie sentiu como se ela estivesse sufocando com palavras, explicações, em recriminações sobre o comportamento de Caroline. Elena pode ter tido tantos namorados quanto estrelas no céu, mas no final ela tinha aberto mão de tudo isso - porque ela se apaixonou – não que Caroline entendesse algo sobre isso.

"Não tem nada a dizer agora?" Caroline continuou. "Não consegue achar nem uma resposta engraçadinha? O morcego comeu sua língua? " Ela começou a rir, mas era uma risada forçada, em seguida, uma torrente de palavras jorrou pra fora de sua boca quase incontrolavelmente, todas as palavras que supostamente não eram pra serem faladas em público. Bonnie eventualmente tinha dito a maioria delas em uma hora ou outra, mas aqui, e agora, elas formavam uma corrente de poder peçonhento. As palavras de Caroline estavam se transformando em algo que crescia - algo que iria acontecer – um tipo de força que não podia ser contida –

Reverberações, pensou Bonnie enquanto o som das ondas começaram a se acumular ...

Vidro, sua intuição lhe disse. Fique longe de vidros.

Stefan apenas teve tempo de se dirigir a Meredith e gritar, "Livre-se dessa lâmpada."

E a Meredith, que era rápida não só em aceitação, mas também como lançadora de baseball, agarrou a lâmpada e a atirou-a na – não, completamente –

- explosão enquanto a lâmpada se estilhaçou –

- a janela aberta.

Houve um barulho semelhante no banheiro. O espelho tinha explodido por trás da porta fechada.

Então Caroline bateu no rosto de Elena.

Ela deixou a marca de seu dedo sangrento, que Elena passou a mão timidamente. Ele também deixou uma marca branca no formato de uma mão que aos poucos foi ficando vermelha. A expressão de Elena era capaz de arrancar lágrimas de uma pedra.

E Stefan fez a coisa que Bonnie considerou a mais surpreendente de tudo. Ele muito gentilmente colocou Elena no chão, beijou a no rosto, e virou-se para Caroline.



Ele colocou suas mãos sobre seus ombros, sem tremer, apenas segurando-a firmemente, obrigando-a a olhar para ele.

"Caroline", disse ele, "Pare com isso. Volte. Pelo bem de seus amigos que se importam com você, volte. Pelo bem da sua família que te ama, volte. Pelo bem da sua própria alma imortal, volte. Volte para nós! "

Caroline apenas olhou para ele arrogantemente.

Stefan meio que se virou de lado, para Meredith, com uma careta. "Eu não sou realmente a pessoa mais indicada para fazer isso", disse ele bruscamente. "Não é mesmo o ponto forte dos vampiros."

Então ele virou na direção de Elena, sua voz carinhosa. "Amor, você pode ajudar? Você pode ajudar a sua velha amiga novamente? "

Elena já estava tentando ajudar, tentando alcançar Stefan. Ela própria tentava se levar até ele se apoiando com dificuldade, primeiro na cadeira de balanço e em seguida, em Bonnie, que tentou ajudá-la contra o peso da gravidade. Elena era tão vacilante como uma girafa recém-nascida de patins, e Bonnie - quase metade de uma cabeça mais baixa – tinha dificuldade em manter seu equilíbrio.

Stefan fez um movimento como se pra ajudar, mas Matt já estava lá, segurando Elena, pelo o outro lado.

Então Stefan virou Caroline, e continuou segurando ela, pra não deixá-la escapar, forçando-a a encarar Elena de frente.

Elena, que estava sendo segurada pela cintura, para que suas mãos ficassem livres, fez alguns movimentos curiosos, parecendo fazer desenhos mais e mais depressa no ar em frente ao rosto de Caroline, ao mesmo tempo cruzando e descruzando as mãos com os dedos em diferentes posições. Ela parecia saber exatamente o que ela estava fazendo. Caroline seguia os movimentos das mãos de Elena como se fosse obrigada, mas era evidente pelo seu rosnado que ela os odiava.

Magia, pensou Bonnie, fascinada. Magia Branca. Ela está chamando anjos, tão seguramente como Caroline estava chamando demônios. Mas ela seria forte o suficiente para puxar Caroline pra fora da escuridão?

E, finalmente, como se pra completar a cerimônia, Elena inclinou-se para frente e beijou os lábios de Caroline.

Então todo o inferno rolou solto. Caroline de alguma maneira conseguiu liberar uma das mãos do aperto de Stefan e tentou agarrar o rosto de Elena com as unhas. Objetos no quarto começaram a voar através do ar, sem nenhuma intervenção humana. Matt tentou agarrar o braço de Caroline e levou um murro no estômago que o fez se dobrar, seguido por uma pancada na parte de trás do pescoço.

Stefan soltou Caroline para acolher Elena e levar ela e Bonnie pra fora do caminho. Ele pareceu presumir que Meredith poderia cuidar de si mesma - e ele estava certo. Caroline foi em direção a Meredith, mas Meredith estava pronta. Ela



agarrou o punho de Caroline e a jogou-a na direção contrária. Caroline aterrissou em cima da cama, torta e em seguida, se jogou em Meredith novamente, desta vez agarrando o cabelo dela com uma mão. Meredith se livrou dela, deixando uma mecha de cabelo entre os dedos de Caroline. Então Meredith pegou Caroline de guarda baixa e acertou um soco em sua mandíbula. Caroline desmaiou.

Bonnie vibrou e se recusou a se sentir culpada por isso. Então, pela primeira vez, enquanto Caroline estava desmaiada, Bonnie reparou que as unhas de Caroline estavam todas lá novamente longas, fortes e curvas, e perfeitas, nenhuma delas estava estragada ou quebrada.

O poder de Elena? Deveria ter sido. Quem mais poderia ter feito isso? Com apenas alguns movimentos e um beijo, Elena tinha cicatrizado a mão de Caroline.

Meredith estava massageando a sua própria mão. "Eu nunca percebi que doía tanto para derrubar alguém", disse ela. "Eles nunca mostram isso nos filmes. É o mesmo para rapazes? "

Matt corou. "Eu... hum, eu nunca realmente..."

"É o mesmo para todos, até mesmo vampiros", disse Stefan brevemente. "Você está bem Meredith? Quero dizer, Elena poderia..."

"Não, eu estou bem. E Bonnie e eu temos um trabalho a fazer." Ela balançou a cabeça pra Bonnie, que concordou ligeiramente com um aceno de volta. "Caroline é nossa responsabilidade, e nós deveríamos ter percebido o real motivo dela ter voltado ao invés de ir embora. Ela não tem carro. Eu aposto que ela tentou ligar pra alguém vir buscá-la, mas não conseguiu, e, em seguida, ela voltou aqui pra cima novamente. Então agora temos que levá-la pra sua casa. Stefan, me desculpe, isso não foi uma boa visita."

Stefan olhou sinistramente. "É provavelmente o máximo que Elena pode agüentar, de qualquer maneira", disse ele. "Mais do que eu pensei que ela poderia, na verdade."

Matt disse: "Bem, sou eu que estou de carro, Caroline é a minha responsabilidade também," disse ele.

"Talvez pudéssemos voltar amanhã?" Bonnie perguntou.

"Sim, eu suponho que seria melhor", disse Stefan. "Eu quase odeio ter que deixá-la ir", acrescentou ele, olhando para a inconsciente Caroline, com o rosto sombrio. "Estou com medo por ela. Muito medo. "

Bonnie não entendeu. "Por quê?"

"Eu acho - bem, pode ser muito cedo para dizer, mas ela parece estar possuída por algo, mas eu não tenho idéia do que. Acho que tenho que fazer uma séria investigação. "



E lá estava novamente a água gelada escorrendo pelas costas de Bonnie. A sensação de quão próximo o oceano de medo estava, pronto para cair sobre ela e levá-la rapidamente para o fundo.

Stefan acrescentou, "Mas o que é certo é que ela está se comportando estranhamente – mesmo pra Caroline. E eu não sei o que vocês ouviram quando ela estava amaldiçoando, mas eu ouvi outra voz por trás dela, guiando-a." Ele virou-se para Bonnie. "Você ouviu?"

Bonnie estava tentando lembrar. Havia alguma coisa - apenas um sussurro - apenas um segundo antes de ouvir a voz da Caroline... Menos de um segundo, e apenas o mais fraco dos sibilantes sussurros...

"E o que aconteceu aqui pode se tornar pior. Ela chamou o inferno num momento em que esta sala era saturada com Poder. E Fell's Church por si própria já é o cruzamento de tantas linhas míticas, isso não é brincadeira. Com tudo isso acontecendo, bem, eu apenas queria que tivéssemos um bom para-psicologista por perto. "

Bonnie sabia que todos pensaram em Alaric.

"Vou tentar contatá-lo pra voltar", disse Meredith. "Mas normalmente ele está fora de alcance no Tibet ou Timbuktu fazendo investigação nestes dias. Vai demorar um pouco até mesmo para mandar uma mensagem para ele. "

"Obrigado." Stefan parecia aliviado.

"Como eu disse, ela é nossa responsabilidade", Meredith disse calmamente.

"Lamentamos ter trazido ela," Bonnie disse em voz alta, e esperando internamente que algo dentro Caroline pudesse ouvi-la.

Eles se despediram individualmente de Elena, sem muita certeza de como iria ser. Mas ela simplesmente sorriu para cada um deles e tocou suas mãos.

Por sorte ou pela existência de algo muito além da sua compreensão, Caroline acordou. Ela ainda parecia mais racional, porém um pouco confusa, quando o carro chegou à entrada de sua casa. Matt a ajudou a sair do carro e caminhou até a porta dela segurando seu braço, onde a mãe de Caroline respondeu à campainha. Ela uma mulher tímida, parecendo cansada, e não parecia estar surpresa ao receber a filha naquele estado em uma tarde verão.

Matt deixou as meninas na casa de Bonnie, onde passariam a noite em uma preocupada especulação. Bonnie adormeceu com os sons das maldições de Caroline ecoando em sua cabeça.



Querido Diário,

Algo vai acontecer esta noite.

Eu não posso falar ou escrever, e não me lembro como digitar num teclado muito bem, mas posso enviar pensamentos a Stefan e ele pode escrever para mim. Nós não temos quaisquer segredos um com o outro.

Então este é o meu diário agora. E...

Esta manhã eu acordei de novo. Eu acordei de novo! Ainda é verão lá fora, e tudo está verde. Os narcisos no jardim estão todos com flor. E eu tive visitantes. Eu não sei exatamente quem são, mas três deles são fortes, de cores claras. Eu os beijei, então não vou esquecê-los novamente.

O quarto era diferente. Eu só podia ver um borrão de cor, sombreada de preto. Tive de usar palavras fortes do poder branco para evitar que ela trouxesse para o quarto de Stefan coisas do escuro.

Estou ficando com sono. Eu quero estar com Stefan e sentir ele me abraçando. Eu amo Stefan. Eu abriria mão de qualquer coisa para poder ficar com ele. Ele me perguntou, até de voar? Até de voar, para estar com ele e mantê-lo seguro. Qualquer coisa para mantê-lo seguro. Até a minha vida.

Agora eu quero ir para ele.

Elena

(E Stefan se desculpa por estar escrevendo no diário de Elena, mas ele tem a dizer algumas coisas, porque talvez algum dia ela vai querer lê-lo, para se lembrar. Eu tenho anotado o seu pensamento em frases, mas eles não vêm desta forma. Vêm como fragmentos pensados, eu acho. vampiros são usados para traduzir o cotidiano das pessoas em pensamentos coerentes e frases, mas os pensamentos de Elena precisam de mais tradução do que a maioria. Normalmente, ela pensa em imagens brilhantes, com uma ou duas palavras dispersas.

O "quarto", que ela fala é Caroline Forbes. Elena a conhece desde sua infância, eu acho. O que me deixou confuso é que hoje Caroline atacou Elena de quase todas as maneiras imagináveis, e ainda quando eu pesquisei a mente de Elena não posso encontrar nenhum sentimento de raiva ou mesmo qualquer dor. É quase assustador captar isso em sua mente.

A pergunta que eu realmente gostaria de responder é: O que aconteceu com a Caroline durante o curto período de tempo que ela foi raptada por Klaus e Tyler? E ela fez o que fez hoje por sua livre e espontânea vontade? Será que há algum resquício do ódio de Klaus ainda vivo nela? Ou será que temos um outro inimigo Fell's Church?



E o mais importante, o que vamos fazer sobre isso?

Stefan,

“aquele que agora está sendo puxado da frente do comput...”



Capítulo 8



relógio antiquado mostrava 03h00min AM quando Meredith despertou

subitamente de um sono irregular.

E então ela mordeu seu lábio, pra sufocar um grito. Um rosto estava curvando sobre o seu, de cabeça para baixo. A última coisa que ela lembrava era de estar deitada de costas no saco de dormir, falando sobre Alaric com Bonnie.

Agora Bonnie estava curvada sobre ela, com o rosto invertido e os olhos fechados. Ela estava ajoelhada atrás da cabeça de Meredith sobre o seu travesseiro de cabeça para baixo, e seu nariz quase tocava o de Meredith. Adicione a isso uma estranha palidez nas bochechas de Bonnie e uma respiração rápida e quente que soprava na testa de Meredith, e ninguém, ninguém, Meredith insistiu para ela mesma, teria conseguido não gritar.

Ela esperou Bonnie falar, fitando na escuridão os seus olhos fechados.

Mas em vez disso, Bonnie sentou-se, se levantou, e andou de costas com perfeição até a escrivaninha de Meredith, onde o celular de Meredith estava carregando a bateria, e o pegou. Ela parecia ter ligado a câmera de vídeo do celular, pois ela abriu a boca em direção a ele e começou a gesticular.

Era assustador. Os sons que saiam da boca de Bonnie eram parecidos com um discurso de trás para frente. Era emaranhado, gutural e muito alto, transportava todos os ruídos da cadência dos filmes de horror que tinham o feito tão popular. Mas, para ser capaz de falar dessa forma de propósito... não era possível para um humano normal ou uma mente humana normal. Meredith tinha uma estranha sensação de algo tentando esticar a sua mente até ela, tentando alcançá-la através de dimensões inimagináveis.

Talvez isso faça sentido ao contrário, Meredith pensou, tentando distrair a si mesma enquanto o som assustador prosseguia. Talvez ele pense que nós também. Talvez nós estejamos em canais diferentes...

Meredith achava que ela não poderia suportar muito mais daquilo. Ela estava começando a pensar que ela estava ouvindo palavras, mesmo frases no discurso ao contrário, e nenhum deles era agradável. Por favor, faça isso parar agora.

Com mais um gemido...

A boca de Bonnie fechou com um choque de dentes. O som parou instantaneamente. E então, como um vídeo passado ao contrario em câmera lenta, ela caminhou para trás até o seu saco de dormir, ajoelhou-se, e rastejou, deitando com a cabeça sobre o travesseiro - tudo sem abrir os olhos para olhar para onde ia.



Foi uma das coisas mais assustadora que Meredith já tinha visto, ou ouvida, sendo que Meredith já tinha visto e ouvido uma quantidade considerável de coisas assustadoras.

Meredith não poderia deixar a gravação até amanhã de manhã senão ela não poderia vê-la sozinha.

Ela se levantou, e tateou a mesa, pegou o celular e levou-o para o outro quarto. Lá ela o anexou ao computador, onde ela poderia ouvir a mensagem de trás para frente.

Depois de ouvir a mensagem no sentido inverso, uma vez ou duas vezes ela decidiu que Bonnie nunca deveria ouvi-la. Isso a deixaria tão assustada, que acabaria essa história de contato com o para-normal para os amigos de Elena.

Havia sons animais ali, misturados com a voz torcida de trás pra frente... Que não era a voz de Bonnie de jeito nenhum. Não era a voz de nenhuma pessoa normal. E quase soava pior indo pra frente do que pra trás, o que talvez significasse que, quem quer que seja falando aquilo, normalmente falava ao contrário.

Meredith podia distinguir as vozes humanas dos gemidos, dos risos distorcidos e ruídos de animal. Embora eles fizessem os pêlos em seu corpo erguerem e formigarem, ela tentou juntar as palavras, no meio daquela coisa toda sem sentido. E ao junta-las, ela entendia:

"Deeeeeeeee...perr...t...aaaar... sss errrr... á... rrre-eppp-e... een... tino e chhhhh... ooocca... ... nttte. Vooocê... e... eeuuuu... dddevvemos... esssss... taaaar... jjjjun...toooo... a.... ellla... nnão... esstaremmos... ccom ella. Nãooo... essstarremos... ccom ellla... ddepoisss- Isso...ccaberáá... aaaa... outrrrrrrra... pesssssoaaaa... "

Meredith, pegou um bloco e caneta, e as anotou:

Despertar será repentino e chocante.

Você e eu devemos estar lá quando ela Despertar. Não vamos estar lá para ela, mais tarde. Isso caberá a outras mãos.

Meredith colocou a caneta precisamente ao lado da mensagem decifrada no bloco.

E depois disso Meredith voltou para o seu saco de dormir assistindo a imóvel Bonnie dormir como um gato em um buraco de rato, até que, finalmente, o bendito cansaço a fez dormir.



"Eu disse o que?" Bonnie estava honestamente perplexa na manhã seguinte, espremendo suco de laranja em cima de seu cereal, como uma anfitriã modelo, mesmo que Meredith fosse quem estivesse fritando ovos no fogão.

"Eu já lhe disse três vezes. As palavras não vão mudar, eu juro. "

"Bem," disse Bonnie, de repente mudando de tática, "está claro que o Despertar que vai acontecer é com Elena. Porque, primeiro, você e eu temos que estar lá para isso, e por outro lado, se alguém precisa despertar de algo, é ela."

"Exatamente", disse Meredith.

"Ela precisa se lembrar quem ela realmente era."

"Justamente", disse Meredith.

"E temos que ajudá-la a se lembrar!"

"Não!", Disse Meredith, atendo a sua raiva sobre os ovos com uma espátula de plástico. "Não, Bonnie, não foi isso o que você disse, e não creio que poderíamos fazê-lo mesmo assim. Podemos ensinar-lhe coisas pequenas, talvez, igual ao que o Stefan faz. Como amarrar seu sapato. Como escovar os cabelos dela. Mas o que você disse foi 'o Despertar vai ser chocante e repentino', e você não disse nada sobre nós fazermos isso. Você só disse que temos que estar lá por ela, porque depois, de alguma forma nós não vamos estar lá."

Bonnie assimilou isso em um silêncio sombrio. "Não estaremos lá?" Disse ela finalmente. "Tipo, não estaremos com Elena? Ou não estaremos, Tipo... não vamos estar em lugar algum? "

Meredith olhou para o café da manhã que de repente ela não queria comer. "Eu não sei".

"Stefan disse que poderíamos ir de novo hoje", Bonnie citou.

"Stefan seria educado mesmo enquanto tivessem acorrentando-o pra sua morte."

"Eu sei", disse Bonnie de repente. "Vamos chamar Matt. Podemos ir ver Caroline... se ela quiser nos ver, quer dizer. Podemos ver se ela está diferente hoje. Então podemos esperar até a tarde, e então podemos ligar pra Stefan e perguntar se podemos ir lá novamente para ver Elena. "

Na casa de Caroline, a mãe dela disse que ela estava doente e estava de cama. Eles três, Matt, Meredith, e Bonnie – Voltaram pra casa de Meredith sem ver ela, mas Bonnie continuou olhando pra trás, mastigando seu lábio, olhando, em direção a rua de Caroline. A mãe de Caroline é que parecia doente, com sombras escuras sob os olhos. E a sensação de tempestade, a sensação de pressão, estava esmagadora na casa de Caroline.

Na casa de Meredith, Matt ficou trabalhando em seu carro que estava sempre precisando de reparos, enquanto Bonnie e Meredith foram até o guarda



roupas de Meredith escolher algo que serviria pra Elena. Elas ficariam grandes, mas seriam melhores do que as de Bonnie, que eram demasiadamente pequenas.

Às 4 da tarde. Eles ligaram para Stefan. Sim, eles seriam bem-vindos. Então desceram pra buscar Matt.

Na pensão, Elena não repetiu o ritual do beijo do dia anterior, com a óbvia decepção de Matt. Mas ela estava encantada com a roupa nova, embora não por qualquer razão que a antiga Elena teria ficado. Flutuando 90 centímetros a cima do chão, ela manteve as roupas junto ao rosto, cheirando profundamente, e sorrindo e, em seguida, irradiando seu sorriso pra Meredith, embora quando Bonnie pegou uma das blusas, ela não pode sentir cheiro algum, nada além do amaciante de roupa que ela utilizara. Nem mesmo a colônia de Meredith.

"Desculpe-me", disse Stefan quando Elena entrou em uma crise súbita de agarrar e acariciar um top azul celeste segurando-o nos braços, como se fosse um gatinho. Mas a cara dele era carinhosa, e Meredith, parecendo levemente embaraçada, tranqüilizou-o que era bom ser tão apreciada.

"Ela pode dizer de onde vêm", explicou Stefan. "Ela não usa nada que seja oriundo de fábricas de trabalho escravo".

"Eu só compro em locais listados no serviço contra a escravidão, em um site de vestuário", disse Meredith simplesmente. "Bonnie e eu temos algo pra contar", ela acrescentou. Enquanto ela re-contava a profecia de Bonnie, Bonnie levou Elena até o banheiro e a ajudou a vestir um short, que serviu, e o top azul-celeste, que quase serviu, ficando apenas um pouco longo.

A cor sentou com o cabelo emaranhado mas ainda glorioso de Elena perfeitamente, quando Bonnie tentou achar o espelho que tinha trazido na bolsa – já que o antigo tinha se estilhaçado – para mostrar-lhe como tinha ficado, - Elena pareceu tão confusa como um cachorrinho ao ver o seu próprio reflexo. Bonnie manteve o espelho seguro em sua mão enquanto mostrava seu rosto nele, e Elena ficou pulando de um lado para outro na frente dele, como um bebê brincando de esconde-esconde. Bonnie ficou satisfeita com uma boa escovada nos emaranhados naquela massa dourada, Stefan claramente que não sabia como lidar. Quando finalmente o cabelo de Elena estava liso e sedoso, Bonnie orgulhosamente a levou para fora para mostrar seu trabalho.

E ficou imediatamente arrependida. Os outros três estavam concentrados, no que parecia uma conversa sinistra. Relutantemente, Bonnie soltou a mão de Elena que voou imediatamente – e literalmente – para o colo de Stefan, pra se juntar a conversa.

"Claro que nós compreendemos," Meredith estava dizendo. "Mesmo antes de Caroline ter saído, que outra opção havia afinal? Mas-"

"Outra opção pra que?" Perguntou Bonnie, enquanto sentava na cama de Stefan ao lado dele. "Do que é que vocês estão falando?"



Houve uma longa pausa e, em seguida, Meredith levantou-se para colocar um braço em torno de Bonnie. "Nós estávamos falando sobre o motivo porque Stefan e Elena precisam sair de Fell's Church - precisam ir pra bem longe."

Primeiro, Bonnie não reagiu - ela sabia que devia estar a sentindo alguma coisa - mas ela estava em um estado de choque muito profundo pra entender o que era. Quando as palavras voltaram, a única coisa que ela pode ouvir a si mesma dizendo estupidamente foi "Embora? Por quê?"

"Você viu porque – aqui, ontem," Meredith disse, seus olhos negros cheios de dor, seu rosto pela primeira vez mostrando a angústia incontrolável que ela devia estar sentindo. Mas no momento, angústia não significava nada para Bonnie, a não ser a sua própria.

E ela estava chegando agora, como uma avalanche enterrando-a uma neve vermelha e quente. O gelo queimava. De alguma maneira ela lutou contra isso tempo suficiente para dizer "Caroline não vai fazer nada. Ela assinou o voto. Ela sabe que, se quebrá-lo - especialmente quando - quando você-sabe-quem assinou, também..."

Meredith devia ter dito a Stefan sobre o corvo, porque ele suspirou e balançou a cabeça suavemente, segurando Elena que estava tentando olhar para cima em seu rosto. Era evidente que ela sentia a infelicidade do grupo, tal como era claro que ela não podia realmente entender o que estava causando isso.

"A última pessoa que eu quero em torno de Caroline é meu irmão." Stefan empurrou o seu cabelo escuro de seus olhos irritadamente, como se ele tivesse se lembrado de como os dois se pareciam. "E também não acho que a ameaça de Meredith sobre as irmãs da fraternidade irá funcionar. Ela está muito longe na escuridão."

Bonnie tremeu por dentro. Ela não gostava dos pensamentos que aquelas palavras – na escuridão – lhe traziam.

"Mas..." Matt começou, e Bonnie percebeu que ele se sentia do mesmo jeito que ela - atordoada e doente - como se estivessem atrás de uma carona depois de um festival barato.

"Ouça," disse Stefan, "Há outra razão pela qual não podemos ficar aqui."

"Que outra razão?" Matt disse lentamente. Bonnie estava muito chateada para falar. Ela tinha pensado sobre isso, em algum lugar profundo em seu inconsciente. Mas ela tinha empurrado os pensamentos longe toda vez que eles vieram.

"Bonnie já entendeu isso, eu acho." Stefan olhou para ela. Ela olhou de volta a ele com os olhos transbordando em lágrimas.

"Fell's Church", Stefan explicou suavemente e tristemente, foi construída sobre um lugar onde descansa muito poder. As fontes de energia que vem desse



lugar, lembram? Não sei se isso é deliberado. Alguém sabe se o Smallwoods tinham algo a ver com esse local?"

Ninguém sabia. Não havia nada no antigo diário de Honoria Fell sobre a família de lobisomens terem alguma participação na escolha do lugar onde a cidade foi construída.

"Bem, se isso foi um acidente, foi um belo azar. A cidade - Devo dizer - o cemitério da cidade - foi construído diretamente sobre um lugar onde um grande número de fontes de poder se cruzam. Foi isso que o tornou um pólo de criaturas sobrenaturais, más, ou não tão más. "Ele parou embaraçado, e Bonnie percebeu que ele estava falando de si mesmo. "Eu fui atraído pra cá. E também, outros Vampiros, como vocês sabem. E com cada pessoa que tinha poder que veio aqui, o farol se tornou mais forte. Mais brilhante. Mais atraente para outras pessoas com o poder. É um ciclo vicioso ".

"Eventualmente, algum deles vai ver Elena", disse Meredith. "Lembre-se que estas pessoas são como Stefan, Bonnie, mas não com seu senso moral. Quando alguém vê-la..."

Bonnie quase chorou ao pensar. Ela parecia ver uma onda de penas brancas, cada uma caindo em câmera lenta até o chão.

"Mas - ela não era desta maneira, assim que ela acordou", disse Matt lentamente e obstinadamente. "Ela falava. Ela era racional. Ela não flutuava".

"Falando ou não falando, andando ou flutuando, ela tem poderes", disse Stefan. "Chega de deixar Vampiros normais loucos. Loucos o suficiente para machucá-la para obtê-la. E ela não mata - ou fere. Pelo menos, eu não consigo imaginar ela fazendo isso. O que espero...", ele disse, seu rosto ficando escurecido, "é que eu possa levá-la a algum lugar onde ela possa estar... protegida. "

"Mas você não pode levá-la", disse Bonnie, ela podia ouvir os gritos dela mesma, sem ser capaz de controlá-los. "Será que a Meredith não te contou minha premonição? Ela vai acordar. E eu e Meredith precisamos estar com ela para isso. "

‘Porque não vamos estar com ela depois’ - De repente fez sentido. E apesar disso não ser tão ruim quanto ‘não estar em lugar algum’, era ruim mais do que o suficientemente.

"Eu não estava pensando em levá-la pelo menos até que ela possa, caminhar corretamente", disse Stefan, e ele surpreendeu Bonnie com um rápido braço em torno de seus ombros. Parecia como um abraço de Meredith, um abraço de irmão, mas mais forte e conciso. "Você não sabe como estou feliz de saber que ela vai acordar. E que vocês estarão com ela pra apoiá-la. "

"Mas..." Mas os monstros vão continuar vindo pra Fell's Church? Bonnie pensou. E não vamos tê-los para nos proteger?



Ela olhou para cima e viu que Meredith sabia exatamente o que ela estava pensando. "Eu diria," Meredith começou, em seu melhor tom cuidadoso e medido "Que Stefan e Elena já sofreram o suficiente pelo bem da cidade."

Bem. Não havia como argumentar com isso. E não havia argumentos com Stefan também, ao que parecia. Sua mente estava decidida.

Mesmo assim, eles conversaram até depois do escurecer, discutindo as diferentes opções e cenários, pensando sobre a previsão de Bonnie. Eles não conseguiram chegar a nenhuma conclusão, mas pelo menos eles tinham traçado alguns possíveis planos. Bonnie insistiu que deveria garantir algum meio de comunicação com Stefan, e ela estava prestes a exigir um pouco do seu sangue e cabelo para a convocação do feitiço quando ele gentilmente salientou que agora ele tinha um celular.

E então estava na hora de ir embora. Os seres humanos estavam famintos, e Bonnie adivinhou que Stefan provavelmente, também estava. Ele parecia estranhamente pálido com Elena sentada em seu colo.

Quando eles disseram adeus no topo das escadas, Bonnie tentava manter em mente que o próprio Stefan tinha prometido que Elena estaria ali para ela e Meredith lhe apoiarem. Ele nunca iria levá-la embora sem lhes contar.

Esse não foi um adeus.

Então, por que parecia tanto como se fosse?



Capítulo 9



Quando Matt, Meredith, Bonnie estavam todos a caminho, Stefan foi deixado com Elena, agora decentemente vestida por Bonnie em seu "Traje Noturno." A escuridão do lado de fora era confortável aos olhos feridos dele – não feridos pela luz do dia, mas por contar a bons amigos as tristes notícias. Pior que os olhos feridos era a ligeira sensação ofegante de um vampiro que não tinha se alimentado. Mas ele remediaría isso logo, ele disse a si mesmo. Uma vez que Elena dormisse, ele escapuliria para a floresta e acharia um veado-galheiro. Ninguém perseguia a como um vampiro; ninguém conseguia competir com Stefan na caçada. E mesmo que precisasse de diversos veados para aplacar a fome dentro dele, nenhum deles ficaria permanentemente machucado.

Mas Elena tinha outros planos. Ela não estava sonolenta, e ela nunca ficava entediada em ficar sozinha com ele. Assim que os sons do carro de seus visitantes estavam decentemente fora de audição, ela fez o que sempre fazia quando estava com esse humor. Ela flutuou até ele e inclinou sua cabeça para cima, os olhos fechados, os lábios ligeiramente franzidos. Então ela esperou.

Stefan se apressou até uma das janelas abertas, puxou as cortinas contra multidões expectadoras indesejadas, e retornou. Elena estava exatamente na mesma posição, corando ligeiramente, os olhos ainda fechados. Stefan às vezes achava que ela esperaria para sempre daquele jeito, se ela quisesse um beijo.

“Eu realmente estou tirando vantagem de você, amor,” ele disse, e suspirou. Ele se inclinou e a beijou gentilmente, castamente.

Elena fez um som desaprovador que soava exatamente com um gatinho ronronando, acabando com uma nota de inquisição. Ela bateu no queixo dele com seu nariz.

“Amável amor,” Stefan disse, acariciando seu cabelo. “Bonnie tirou todos os nós sem puxar?” Mas ele estava se inclinando em sua quentura agora, indefeso. Uma dor distante em sua mandíbula superior já estava começando.

Elena bateu de novo, exigindo. Ele a beijou ligeiramente por mais tempo. Logicamente, ele sabia que ela era crescida. Ela era mais velha e tinha muito mais experiência do que tivera há nove meses, quando eles se perdiam em beijos de adoração. Mas a culpa nunca estava longe de seus pensamentos, e ele não conseguia evitar se preocupar ter o consentimento adequado dela.

Desta vez o ronronar foi um de exasperação. Elena estava cheia. Tudo de uma só vez, ela forçou seu peso nele, forçando-o a repentinamente agüentar sua quentura, o pacote substancial de feminidade em seus braços, e ao mesmo tempo, seu Por favor? um som tão claro quando um dedo circulando em um copo de vidro.



Foi uma das primeiras palavras que ela tinha aprendido a pensar para ele quando ela tinha acordado muda e sem peso. E, anjo ou não, ela sabia exatamente o que fazia com ele – dentro.

Por favor?

“Ah, amorzinho,” ele gemeu. “Amável amorzinho...”

Por favor?

Ele a beijou.

Houve um longo tempo de silêncio, enquanto ele sentia seu coração bater mais forte e mais forte. Elena, a sua Elena, que uma vez dera sua vida por ele, estava quente e sonolentemente pesada em seus braços. Ela era somente dele, e eles se pertenciam exatamente desse jeito, e ele nunca queria que nada mudasse desse momento em diante. Até mesmo a crescente e rápida dor em sua mandíbula superior era algo que para ser deliciado. A dor dela mudou para prazer com a boca quente de Elena debaixo da dele, seus lábios formando pequenos beijos de borboleta, provocando-o.

Ele às vezes pensava que ela estava mais acordada quando ela parecia estar parcialmente dormindo, como agora. Ela era sempre a instigadora, mas ele seguia indefesamente onde quer que ela queira que ele fosse. Da única vez que ele tinha se recusado, tinha parado no meio do beijo, ela tinha parado de falar com ele com sua mente e flutuado até um canto, onde então ela se sentara entre a poeira e as teias de aranha... e chorado. Nada que ele fazia a consolava, apesar de ele ter se ajoelhado nas tábuas duras de madeira e implorado e persuadido e quase chorado ele mesmo – até que ele a tomou de volta em seus braços.

Ele tinha prometido a si mesmo nunca cometer esse erro novamente. Mas ainda assim sua culpa o aticava, apesar de estar ficando cada vez mais distante – e mais confusa enquanto Elena mudava a pressão de seus lábios repentinamente e o mundo balançava e ele tinha que recuar até que eles estivessem sentados em sua cama. Seus pensamentos se fragmentaram. Ele só conseguia pensar que Elena estava de volta para ele, sentada em seu colo, tão animada, tão vibrante, até que houve um tipo de explosão lustrosa dentro dele e ele não precisava mais ser forçado.

Ele sabia que ela estava gostando do prazer-dor de sua mandíbula dolorida tanto quanto ele estava.

Não havia mais tempo ou razão para se pensar. Elena estava derretendo em seus braços, seu cabelo debaixo de seus dedos acariciadores uma líquida suavidez. Mentalmente, eles já tinham derretido juntos. A dor em seus caninos tinham finalmente produzido o resultado inevitável, seus dentes se alongando, se afiando; o toque deles contra o lábio inferior de Elena causando um relampejo leve de prazer-dor que quase o fez arfar.

E então Elena fez algo que ela nunca tinha feito antes. Delicadamente, cuidadosamente, ela tomou uma das presas de Stefan e a capturou entre seus



lábios superior e inferior. E então, delicadamente, deliberadamente, ela simplesmente segurou-o.

O mundo inteiro vacilava ao redor de Stefan.

Foi só pela graça de seu amor por ela, e por suas mentes conectadas, que ele não mordeu e perfurou seu lábio. Antigas vontades de vampiros que nunca conseguiam ser domadas em seu sangue estavam gritando para ele fazer isso.

Mas ele a amava, e eles eram um só - e além do mais, ele não conseguia se mover um centímetro. Ele estava congelado de prazer. Suas presas nunca tinham se estendido tanto ou se tornado tão afiadas, e sem ele fazer nada a ponta afiada de seu dente cortou o lábio inferior de Elena. Sangue estava pingando muito devagar pela garganta dele. O sangue de Elena, o qual tinha mudado desde que ela tinha voltado do mundo dos espíritos. Ele fora maravilhoso uma vez, cheio de vitalidade juvenil e da essência da própria vida de Elena.

Agora... ele simplesmente estava em outro nível. Indescritível. Ele nunca tinha experimentado nada como o sangue de um espírito retornando. Estava carregado com um Poder que era tão diferente de sangue humano quanto o humano era de sangue animal.

Para um vampiro, sangue fluindo pela garganta era um prazer tão afiado quanto qualquer coisa imaginável a um humano.

O coração de Stefan estava martelando em seu peito.

Elena delicadamente rompia a presa que tinha capturado.

Ele conseguia sentir a satisfação dela enquanto a minúscula dor de sacrifício virava prazer, porque ela estava ligada a ele, e porque ela era um dos mais raros tipos de humanos: um que realmente gostava de nutrir um vampiro, amava a sensação de alimentá-lo, de ele precisar dela. Ela era uma da elite.

Tremores quentes viajaram por sua espinha, o sangue de Elena ainda fazendo o mundo girar.

Elena soltou sua presa, sugando seu lábio inferior. Ela deixou sua cabeça cair de volta, expondo seu pescoço.

O cair da cabeça era realmente muito para se resistir, até mesmo para ele. Ele conhecia os traços das veias de Elena tão bem quanto ele conhecia seu rosto. E ainda assim...

Tudo está bem. Tudo está bem... Elena chamou telepaticamente.

Ele afundou suas presas gêmeas doloridas em uma veia pequena. Seus caninos estavam tão afiados então que mal não tinha dor para Elena, que estava acostumada com a sensação de picada de cobra. E para ele, para ambos, havia por fim a alimentação, enquanto a indescritível doçura do novo sangue de Elena enchia a boca de Stefan, e uma efusão de entrega varreu Elena para uma incoerência.



Já havia perigo de tomar demais, ou de não dar a ela o bastante de seu próprio sangue para impedi-la – bem, francamente, de impedi-la de morrer. Não que ele precisasse de mais que uma pequena quantidade, mas sempre haveria aquele perigo em trocar sangue com vampiros. No fim, contudo, pensamentos obscuros flutuaram para longe com uma felicidade absoluta que havia dominado os dois.



Matt pescou suas chaves enquanto ele, Bonnie e Meredith, todos se amontoavam no largo assento dianteiro de seu calhambeque. Embaraçado por ter que estacioná-lo próximo ao Porsche de Stefan. O forro dos fundos estava em pedaços que tendiam a grudar no *derrière* de quem quer que se sentasse, e Bonnie facilmente cabia no assento do meio, que tinha um cinto de segurança improvisado, entre Matt e Meredith. Matt manteve um olho nela, já que quando ela estava animada ela tendia a não usar o cinto. A estrada de volta para Old Wood tinha muitas viradas difíceis para não ser levada a sério, mesmo que eles fossem os únicos viajando nela.

Nada mais de mortes, Matt pensou enquanto se afastava da pensão. Nada mais de ressurreições milagrosas, também. Matt tinha visto o bastante do sobrenatural para o resto de sua vida. Ele era exatamente como Bonnie; ele queria que as coisas voltassem ao normal para que ele pudesse seguir vivendo do velho e simples jeito comum.

Sem Elena, algo dentro dele sussurrou zombeteiramente. Desistir sem nem mesmo lutar?

Ei, eu não conseguiria vencer do Stefan em qualquer tipo de luta se ele tivesse seus dois braços amarrados atrás de suas costas e uma sacola em sua cabeça. Esqueça. Isso está acabado, não importa como ela tenha me beijado. Ela é uma amiga, agora.

Mas ele ainda conseguia sentir os lábios quentes de Elena em sua boca de ontem, os toques leves que ela ainda não sabia que não eram socialmente aceitáveis entre amigos. E ele conseguia sentir o calor e a oscilação, dançando finamente de seu corpo.

Droga, ela voltara perfeitamente – fisicamente, pelo menos, ele pensou.

A voz plangente de Bonnie cortou suas lembranças agradáveis.

“Justo quando eu achava que tudo ia ficar bem,” ela lamentava, quase chorando. “Justo quando eu pensei que tudo ia dar certo afinal. Vai ser do jeito que deveria ser.”



Meredith disse, muito gentilmente, “É difícil, eu sei. Parece que ficamos perdendo ela. Mas não podemos ser egoístas.”

“Eu posso,” Bonnie disse categoricamente.

Eu posso, também, a voz interior de Matt sussurrou. Pelo menos dentro, onde ninguém pode ser meu egoísmo. O bom e velho Matt; Matt não se importa – que bom esportista Matt é. Bem, essa é uma vez que o bom e velho Matt se importa. Mas ela escolheu o outro cara, e o que eu posso fazer? Seqüestrá-la? Mantê-la trancada? Tentá-la tomar a força?

O pensamento foi como um jorro de água fria, e Matt acordou e prestou mais atenção na direção. De algum jeito ele já tinha automaticamente navegado por diversas curvas da estrada cheia de buracos e mão-única que corria pela Floresta Antiga.

“Deveríamos ir para faculdade juntos,” Bonnie persistiu. “E então deveríamos voltar aqui para Fell’s Church. Voltar para casa. Tínhamos tudo planejado – desde o jardim de infância, praticamente – e agora que Elena é humana novamente, eu achei que isso significava que tudo ia voltar ao jeito que deveria ser. E nunca vai ser o mesmo novamente, nunca, vai?” Ela terminou mais silenciosamente e com um pequeno suspiro engolido, “Vai?” Não era nem mesmo uma pergunta.

Matt e Meredith se encontraram olhando um para o outro, surpresos pela agudeza de sua pena, e indefesos em confortar Bonnie, que agora tinha seus braços dobrados ao redor de si, desprezando o toque de Meredith.

É a Bonnie – só a Bonnie sendo teatral, Matt pensou, mas sua própria honestidade nativa se levantou para zombar dele.

“Eu acho,” ele disse lentamente, “que é isso que todos nós meio que estávamos pensando, na verdade, quando ela voltou primeiramente.” Quando estávamos dançando na floresta como pessoas loucas, ele pensou. “Eu acho meio que pensamos que eles poderiam viver em quietude em algum lugar perto de Fell’s Church, e que as coisas voltariam ao jeito que eram antes. Antes de Stefan–”

Meredith balançou sua cabeça, olhando para distância além dos pára-brisas. “Stefan não.”

Matt percebeu o que ela queria dizer. Stefan tinha vindo para Fell’s Church para se juntar a humanidade, não para tomar uma garota humana para o desconhecido.

“Você está certa,” Matt disse. “Eu estava justamente pensando em algo assim. Ela e Stefan provavelmente poderiam ter resolvido alguma maneira de viver aqui em quietude. Ou pelo menos de ficar perto de nós, sabe. Foi Damon. Ele veio tomar Elena contra sua vontade, e isso mudou tudo.”

“E agora Elena e Stefan estão indo embora. E uma vez que eles tenham ido embora, eles nunca voltarão,” Bonnie lamentou.



“Por quê? Por que Damon começou tudo isso?”

“Ele gosta de mudar as coisas por puro tédio, Stefan uma vez me disse. Dessa vez provavelmente começou por ódio pelo Stefan,” Meredith disse. “Mas eu queria que pelo menos uma vez ele pudesse nos deixar em paz.”

“Que diferença faz?” Bonnie estava chorando agora. “Então era culpa do Damon. Eu nem ligo mais. O que eu não entendo é por que as coisas têm que mudar!”

“*Você nunca pode cruzar o mesmo rio duas vezes.*” Ou mesmo uma só vez se você for um vampiro forte o bastante,” Meredith disse ironicamente. Ninguém riu. E então, muito gentilmente: “Talvez você esteja perguntando para a pessoa errada. Talvez seja a Elena a quem você deve contar o porquê as coisas tem que mudar, se ela se lembrar do que aconteceu a ela – no Outro Lugar.”

“Eu não quis dizer que eles têm que mudar—”

“Mas eles tem que ir,” Meredith disse, até mais gentil e saudosamente. “Não vê? Não é sobrenatural; é a – vida. Todos têm que crescer—”

“Eu sei! Matt tem uma bolsa de estudos para futebol americano e você vai para a faculdade e então você vai se casar! E provavelmente ter bebês!” Bonnie conseguiu fazer isso soar como alguma atividade indecente. “Eu vou ficar presa numa faculdade de nada para sempre. E ambos serão bem crescidinhos e esquecerão-se da Elena e do Stefan... e de mim,” Bonnie terminou com uma voz muito baixa.

“Ei.” Matt sempre foi muito protetor em relação aos feridos e ignorados. Nesse momento, mesmo com Elena tão recente em sua mente – ele se perguntou se alguma vez se livraria da sensação daquele beijo – ele estava atraído por Bonnie, que parecia tão pequena e frágil. “Do que você está falando? Eu vou voltar depois da faculdade para viver aqui. Eu provavelmente morrerei bem aqui em Fell’s Church. Eu ficarei pensando em você. Quero dizer, se você quiser que eu pense.”

Ele deu um tapinha no braço de Bonnie, e ela não se afastou de seu toque como tinha do da Meredith. Ela se inclinou para ele, sua testa contra seu ombro. Quando ela estremeceu uma vez, ligeiramente, ele colocou seu braço ao redor dela sem nem mesmo pensar.

“Eu não estou com frio,” Bonnie disse, apesar de não tentar tirar seu braço. “Está quente hoje à noite. Eu só – eu não gosto quando você diz coisas como “Eu provavelmente morrerei bem – cuidado!”

“Matt, cuidado!”

“Opa—!” Matt pisou nos freios, xingando, ambas as mãos lutando com o volante enquanto Bonnie se abaixava e Meredith se firmava. O substituto de Matt para seu primeiro velho carro acabado que ele tinha perdido era tão velho quanto e não tinha airbags. Era uma coletânea de peças de ferro velho juntas.



“Segurem-se!” Matt gritou enquanto o carro patinava, os pneus cantando, e então todos voaram ao redor enquanto a traseira desviava de uma trincheira e o pára-choque frontal atingia uma árvore.

Quando tudo parou de se mover, Matt soltou sua respiração, relaxando seu aperto mortal no volante. Ele começou a se virar na direção das garotas e então congelou. Ele lutou para acender a lâmpada de leitura de mapa, e o que ele viu o manteve congelado novamente.

Bonnie tinha se virado, como sempre em momentos de agonia profunda, para Meredith. Ela estava deitada com sua cabeça no colo de Meredith, as mãos travadas no braço e camiseta de sua amiga. A própria Meredith estava sentada, firme, inclinando o mais longe possível para trás, seus pés esticados empurrando contra o chão debaixo do painel; seu corpo arqueado para trás no assento, a cabeça atirada para trás, os braços segurando Bonnie apertadamente.

Empurrado diretamente contra a janela aberta – como uma lança verde corcunda e desordenada ou o braço agarrado de algum gigante terrestre selvagem – estava o galho de uma árvore. Tinha quase encostado na base do pescoço arqueado de Meredith, e seus galhos mais baixos passaram pelo pequeno corpo de Bonnie. Se o cinto de segurança de Bonnie não a tivesse deixado virar; se Bonnie não tivesse se abaixado daquele jeito; se Meredith não tivesse segurado-a...

Matt se encontrou encarando diretamente para a ramificada, mas muito afiada, ponta da lança. Se seu próprio cinto de segurança não o tivesse impedido de inclinar-se naquela direção...

Matt conseguia ouvir a sua própria respiração pesada. O cheiro de perene estava dormindo o interior do carro. Ele até mesmo conseguia sentir o cheiro dos lugares onde galhos menores tinham quebrado e estavam gotejando seiva.

Muito vagorosamente, Meredith esticou-se para quebrar um dos ramos que estava apontado para o seu pescoço como uma flecha. Não quebrava. Entorpecido, Matt esticou-se e tentou ele mesmo. Mas apesar da madeira não ser muito mais grossa que seu dedo, era dura e nem mesmo dobrava.

Como se tivesse sido endurecido pelo fogo, ele pensou perplexamente. Mas isso é ridículo. É uma árvore viva; eu consigo sentir as ramificações.

“Ai.”

“Posso, por favor, levantar agora?” Bonnie disse silenciosamente, sua voz abafada contra a perna de Meredith. “Por favor. Antes que isso me agarre. Isso quer me agarrar.”

Matt olhou para ela, assustado, e roçou sua bochecha contra a ponta ramificada do grande galho.

“Isso não vai te agarrar.” Mas seu estômago estava fazendo barulhos enquanto ele remexia cegamente para afrouxar seu cinto de segurança. Por que



Bonnie deveria ter o mesmo pensamento que ele tivera; que a coisa era um enorme, torto e desordenado braço? Ela nem conseguia ver isso.

“Você sabe que isso quer,” Bonnie sussurrou, e agora o ligeiro tremor parecer estar tomando seu corpo todo. Ela esticou-se para trás para tirar o cinto de segurança.

“Matt, precisamos deslizar,” Meredith disse. Ela tinha cuidadosamente mantido sua posição curvada para trás de aparência dolorosa, mas Matt conseguia ouvi-la respirar arduamente. “Nós precisamos deslizar na sua direção. Isso está tentando se enroscar ao redor da minha garganta.”

“Isso é impossível...” Mas ele conseguia ver isso, também. As pontas recém ramificadas dos galhos menores tinham se movido só infinitesimalmente, mas havia uma curva nelas agora, e as ramificações estavam pressionando a garganta de Meredith.

“É só provavelmente que ninguém pode ficar curvada para trás desse jeito para sempre,” ele disse, sabendo que isso era doidice. “Há uma lanterna o porta-luvas...”

“O porta-luvas está completamente bloqueado pelos galhos. Bonnie, você consegue se esticar para tirar meu cinto de segurança?”

“Vou tentar.” Bonnie deslizou para frente sem levantar sua cabeça, remexendo para achar o botão para abrir.

Para Matt, parecia que os galhos perenes, desordenados e aromáticos estavam engolfando-a. Puxando-a para suas farpas.

“Nós temos uma maldita árvore de Natal aqui.” Ele olhou para longe, para fora para o vidro da janela de seu lado. Vertendo suas mãos em copo para ver melhor na escuridão, ele inclinou sua testa contra o vidro surpreendentemente frio.

Houve um toque na parte de trás de seu pescoço. Ele pulou, então congelou. Não era nem frio nem quente, como a unha de uma garota.

“Droga, Meredith—”

“Matt—”

Matt estava furioso com ele mesmo por pular. Mas o toque era... arranhento.

“Meredith?” Ele afastou suas mãos vagarosamente até que ele conseguisse ver na reflexão da janela escura.

Meredith não estava tocando ele.

“Não... se mova... para a esquerda, Matt. Há um pedaço longo bem afiado ali.” A voz de Meredith, normalmente fria e um tanto remota, geralmente fazia



Matt pensar naquelas fotos de calendário de lagos azuis cercadas por neve. Agora ela simplesmente soava chocada e tensa.

“Meredith!” Bonnie disse antes que Matt pudesse falar. A voz de Bonnie soava como se estivesse vindo debaixo de um colchão de penas.

“Está tudo bem. Eu só tenho que... afaste isso,” Meredith disse. “Não se preocupe. Eu não vou te soltar também.”

Matt sentiu um pinicar mais afiado de ramificações. Algo tocou seu pescoço no lado direito, delicadamente. “Bonnie, para com isso!” Você está puxando a árvore para dentro! Você está puxando-o para Meredith e para mim!”

“Matt, cala a boca!”

Matt calou a boca. Seu coração estava martelando. A última coisa que ele queria fazer era esticar-se para trás dele. Mas isso é estúpido, ele pensou, porque se Bonnie realmente está movendo a árvore, eu pelo menos posso segurá-la para ela.

Ele se esticou para trás, hesitando, tentando observar o que ele estava fazendo no reflexo da janela. Sua mão se fechou sobre um nó grosso de casca de árvore e ramificações.

Ele pensou, eu não me lembro de ver um nó quando estava apontado para a minha garganta...

“Peguei!” uma voz abafada disse, e houve um clique de um cinto de segurança se desfazendo. Então, muito mais tremulamente, a voz disse, “Meredith? Há farpas enfiadas em todas as minhas costas.”

“Está bem, Bonnie. Matt,” Meredith estava falando com esforço, mas com grande paciência, do jeito que todos falaram com Elena. “Matt, você tem que abrir a sua porta agora.”

Bonnie disse com uma voz de horror, “Não são só as farpas. São pequenos galhos. Meio como fios farpados. Eu estou... presa...”

“Matt! Você precisa abrir a sua porta agora—”

“Eu não consigo.”

Silêncio.

“Matt?”

Matt estava se segurando, empurrando com seus pés, ambas as mãos presas ao redor da casca de árvore escamosa agora. Ele empurrou-se para trás com toda a sua força.

“Matt!” Meredith quase gritou. “Está cortando a minha garganta!”

“Eu não consigo abrir a porta! Tem uma árvore desse lado também!”



“Como pode ter uma árvore aqui? Essa é a estrada!”

“Como pode ter uma árvore crescendo aqui?”

Outro silêncio. Matt conseguia sentir as farpas – as lascas de galhos quebrados – mordendo mais profundamente nas costas de seu pescoço. Se ele não se movesse logo, ele nunca seria capaz de fazê-lo.



Capítulo 10

Elena estava serenamente feliz. Agora era a vez dela.

Stefan usou um abridor de cartas afiado de madeira de sua mesa para se cortar. Elena sempre detestava vê-lo fazer isso, usar o utensílio mais eficiente que penetraria a pele de um vampiro; então ela fechou seus olhos apertadamente e só olhou novamente quando sangue vermelho estava pingando de um cortezinho no pescoço dele.

“Você não precisa tomar muito – e não deveria,” Stefan sussurrou, e ela sabia que ele estava dizendo essas coisas enquanto ele conseguia dizê-las. “Não estou te segurando muito forte ou te machucando?”

Ele sempre se preocupava tanto. Dessa vez, ela o beijou.

E ela conseguia ver como ele achava que isso era estranho, que ele queria mais beijos do que queria que ela tomasse seu sangue. Rindo, Elena empurrou-o para baixo e flutuou sobre ele e foi diretamente para a área geral do ferimento novamente, sabendo que ele achava que ela ia provocá-lo. Mas ao invés, ela se fixou no ferimento como um biquinho e sugou mais e mais, até que ela o fez pedir, por favor, com sua mente. Mas ela não ficou satisfeita até que o fez pedir por favor em voz alta também.



No carro, na escuridão, Matt e Meredith pensaram numa idéia ao mesmo tempo. Ela era mais rápida, mas eles falaram quase juntos.

“Sou uma idiota! Matt, cadê o botão de liberação do assento traseiro?”

“Bonnie, você tem que desdobrar o assento dela pra trás! Tem uma pequena alavanca, você deve conseguir alcançá-la e puxá-la!”

A voz da Bonnie estava justa agora, soluçando. “Meus braços – eles estão meio que cutucando os – meus braços—”

“Bonnie,” Meredith disse concentradamente. “Eu sei que você consegue fazer isso. Matt – a alavanca está bem – debaixo – do assento dianteiro ou—”



“Sim. Na ponta. No ângulo da uma – não, das duas horas.” Matt não tinha mais fôlego. Uma vez que agarrara a árvore, ele descobriu que se relaxasse a pressão por um instante, ela empurrava mais forte contra seu pescoço.

Não havia escolha, ele pensou. Ele tomou o fôlego mais longo que conseguia, então empurrou o galho, escutando um grito da Meredith, e se virou, sentindo farpas irregulares como finas facas de madeira rasgarem sua garganta e orelha e escalpo. Agora ele estava livre da pressão na sua nuca, apesar de estar chocado por quanto mais da árvore estava no carro do que da última vez que ele tinha visto. Seu colo estava cheio de galhos; folhas perenes estavam espessamente pilhadas em todo lugar.

Não era de se espantar que Meredith estivesse tão brava, ele pensou vertiginosamente, se virando na direção dela. Ela estava quase enterrada em galhos, uma mão lutando com algo em sua garganta, mas ela o viu.

“Matt... pegue... o seu próprio assento! Rápido! Bonnie, eu sei que você consegue.”

Matt escavou e rasgou os galhos, então tateou a alavanca que iria causar o colapso do encosto de seu assento. A alavanca não se movia. Rebentos finos e duros estavam amarrados ao redor dela, elásticos e difíceis de quebrar. Ele torceu e cortou-os selvagemmente.

Seu assento caiu para trás. Ele abaixou-se pelo enorme braço-de-galho - se ainda merecia o nome, já que o carro estava cheio de enormes galhos similares agora. Então, bem quando ele se esticou para ajudar a Meredith, o assento dela abruptamente se dobrou também.

Ela caiu com ele, para longe dos galhos, arfando por ar. Por um instante ele simplesmente ficou parada quietamente. Então ela terminou de arrastar-se propriamente para o assento traseiro, arrastando uma forma de folha coberta com mortalha junto com ela. Quando ela falou, sua voz estava rouca e seu discurso ainda estava lento.

“Matt. Abençoado seja... por ter... esse quebra-cabeça... de carro.” Ela retrocedeu o assento dianteiro para a posição, e Matt fez o mesmo.

“Bonnie,” Matt disse entorpecidamente.

Bonnie não se moveu. Muitos galhos minúsculos ainda estavam entrelaçando-a, presos no tecido de sua camiseta, contorcendo-se em seu cabelo.

Tanto Meredith e Matt começaram a puxar. Onde os galhos soltaram, eles deixaram açoites ou minúsculos ferimentos de perfuração.

“É quase como se eles estivessem tentando crescer nela,” Matt disse, enquanto um galho longo e fino retrocedia, deixando picadas sangrentas para trás.

“Bonnie?” Meredith disse. Era ela quem estava desembaraçando os ramos do cabelo da Bonnie. “Bonnie? Vamos, levanta. Olha pra mim.”



O estremecimento começou novamente no corpo da Bonnie, mas ela deixou Meredith virar seu rosto para cima. “Não achei que conseguisse.”

“Você salvou a minha vida.”

“Eu estava tão assustada...”

Boonie continuou chorando silenciosamente contra o ombro de Meredith.

Matt olhou para Meredith bem quando a lâmpada de leitura de mapa piscou e apagou. A última coisa que ele viu foi seus olhos escuros, que carregavam uma expressão que o fez se sentir repentinamente mais enjoado. Ele olhou para fora pelas três janelas que podia agora ver do assento traseiro.

Deveria ser difícil ver qualquer coisa. Mas o que ele estava procurando estava pressionado bem contra o vidro. Folhas; Galhos. Sólidos contra cada centímetro das janelas.

Mesmo assim, ele e Meredith, sem precisar dizer nada, esticaram a mão para a maçaneta do banco traseiro. As portas fizeram um clique, e abriram uma fração de centímetro; então elas fecharam com um baque duro e um golpe definitivo.

Meredith e Matt olharam um para o outro. Meredith olhou para baixo e começou a arrancar mais ramos de Bonnie.

“Isso machuca?”

“Não. Um pouco...”

“Você está tremendo.”

“Está frio.”

Estava frio agora. Do lado de fora do carro, ao invés de através da janela que uma vez fora aberta e agora estava completamente arrolhado de plantas, Matt conseguia ouvir o vento. Ele assobiava, como se através de muitos galhos. Havia também um som de madeira rangendo, assustadoramente alto e ridiculamente bem acima. Soava como uma tempestade.

“Que diabos foi isso, de qualquer jeito?” ele explodiu, chutando o assento da frente violentamente. “O negócio que eu desviei na estrada?”

A cabeça escura de Meredith se levantou lentamente. “Eu não sei; eu estava prestes a fechar a janela. Eu só vislumbrei.”

“Simplesmente apareceu bem no meio da estrada.”

“Um lobo?”

“Não estava lá e então estava.”



“Lobos não são daquela cor. Era vermelho,” Bonnie disse simplesmente, levantado sua cabeça do ombro da Meredith.

“Vermelho?” Meredith balançou sua cabeça. “Era grande demais para ser uma raposa.”

“Era vermelho, eu acho,” Matt disse.

“Lobos não são vermelhos... e quanto a lobisomens? Tyler Smallwood tem algum parente com cabelo vermelho?”

“Não era um lobo,” Bonnie disse. “Estava... ao contrário.”

“Ao contrário?”

“Sua cabeça estava do lado errado. Ou talvez tivesse cabeças de ambos os lados.”

“Bonnie, você está realmente me assustando,” Meredith disse.

Matt não diria, mas ela estava realmente assustando ele também. Porque relampejos do animal pareciam mostrar-lhe o mesmo tipo de forma deformada que Bonnie estava descrevendo.

“Talvez simplesmente o vimos em um ângulo esquisito,” ele disse, enquanto Meredith disse, “Pode ter simplesmente sido um animal assustado por—”

“Por quem?”

Meredith olhou para o alto do carro. Matt seguiu seu olhar. Muito lentamente, e com um rosnado de metal, o teto amassou. E de novo. Como se algo muito pesado estivesse se apoiando nele.

Matt se xingou. “Enquanto eu estava no assento dianteiro, por que eu simplesmente não desviei dele—?” Ele encarou avidamente através dos galhos, tentando discernir o acelerador, a ignição. “As chaves ainda estão lá?”

“Matt, nós teríamos acabado numa vala. E além do mais, se pudesse ter sido de algum uso, eu teria te dito para desviá-lo.”

“Aquele galho teria arrancado sua cabeça!”

“Sim,” Meredith disse simplesmente.

“Teria te matado!”

“Se pudesse ter tirado vocês duas, eu teria sugerido isso. Mas vocês estavam presos na lateral; eu conseguia ver diretamente à frente. Elas já estavam aqui; as árvores. Em cada direção.”

“Isso... não é... possível!” Matt bateu no assento na frente dele para enfatizar cada palavra.



“Isso é possível?”

O teto rangeu novamente.

“Vocês dois – parem de brigar!” Bonnie disse, e sua voz virou um soluço.

Houve uma explosão como um tiro e o carro afundou repentinamente para trás e para a esquerda.

Bonnie começou. “O que foi isso?”

Silêncio.

“... um pneu estourando,” Matt disse por fim. Ele não confiava na sua própria voz. Ele olhou para Meredith.

Assim como Bonnie. “Meredith – os galhos estão enchendo o assento dianteiro. Eu mal consigo ver a luz do luar. Está escurecendo.”

“Eu sei.”

“O que vamos fazer?”

Matt conseguia ver a tremenda tensão e frustração no rosto de Meredith, como se tudo que ela dissesse devesse sair através de dentes cerrados. Mas a voz de Meredith estava silenciosa.

“Eu não sei.”



Com Stefan ainda estremecendo, Elena se enrolou como um gato sobre a cama. Ela sorriu para ele, um sorriso drogado com prazer e amor. Ele pensou em agarrá-la por seus braços, puxando-a para baixo, e começando isso tudo de novo.

Era assim que ela fazia ele se sentir. Porque ele conhecia – muito bem, por experiência – o perigo com que estavam flertando. Muito mais disso e Elena seria a primeira espírito-vampira, como ela tinha sido a primeira vampira-espírito que ele conheceria.

Mas dê uma olhada nela! Ele deslizou de debaixo dela como ele as vezes fazia e simplesmente olhou, sentindo seu coração martelar simplesmente pela visão dela. O cabelo dela, um dourado verdadeiro, parecia seda na cama e fundia-se ali. O corpo dela, a luz de um pequeno abajur no quarto, parecia estar delineado em dourado. Ela realmente parecia flutuar e se mover e dormir em uma neblina dourada. Era aterrorizador. Para um vampiro, era como se ele tivesse trazido um sol vivo para sua cama.

Ele se pegou suprimindo um bocejo. Ela fazia isso com ele, também, como uma Dalila inconsciente tomando a força de Sansão. Super carregado como ele



estava pelo sangue dela, ele também estava deliciosamente sonolento. Ele teria passado uma noite quente – debaixo dos – braços delas.



No carro do Matt, só escurecia mais enquanto as árvores continuavam a cortar a luz do luar. Por um tempo eles tentaram gritar por ajuda. Isso não fez bem algum, e além do mais, como Meredith apontou, eles precisavam conservar o oxigênio no carro. Então eles se sentaram quietos novamente.

Finalmente, Meredith esticou a mão para o bolso de sua calça jeans e tirou um molho de chaves com uma minúscula lanterna de chaveiro. Sua luz era azul. Ela pressionou-a e todos se inclinaram para frente. Uma coisinha tão minúscula que significa tanto, Matt pensou.

Havia pressão contra os assentos dianteiros agora.

“Bonnie?” Meredith disse. “Ninguém nós ouvirá aqui gritando. Se alguém pudesse nos ouvir, eles teriam ouvido o pneu e achado que era um tiro.”

Bonnie balançou sua cabeça como se não quisesse ouvir. Ela ainda estava pegando folhas de pinho de sua pele.

Ela está certa. Estamos há quilômetros de qualquer pessoa, Matt pensou.

“Tem algo muito ruim aqui,” Bonnie disse. Ela disse isso silenciosamente, mas como se cada palavra estivesse sendo saindo forçada, como cascalhos jogados em um lago.

Matt de repente se sentiu cinza. “Ruim... como?”

“É tão ruim que é... eu nunca senti nada como isso antes. Não quando Elena morreu, não do Klaus, não de nada. Eu nunca senti algo tão ruim quanto isso. É tão ruim, e é tão forte. Eu não achava que nada pudesse ser tão forte. Está empurrando contra mim, e eu tenho medo—”

Meredith a cortou. “Bonnie, eu sei que ambas só conseguimos pensar num jeito de sair desse—”

“Não há saída daqui!”

“—Eu sei que você tem medo—”

“Quem há para chamar? Eu podia chamar... se houvesse alguém para chamar. Eu posso encarar a sua lanterninha e tentei fingir que é uma chama e fazer isso—”

“Entrar sem transe?” Matt olhou para Meredith severamente. “Ela não deveria mais fazer isso.”



“Klaus está morto.”

“Mas—”

“Não há ninguém para me ouvir!” Bonnie berrou e então teve um colapso com enormes soluços por fim. “Elena e Stefan estão longe demais, e provavelmente estão dormindo a essa hora! E não há mais ninguém!”

Os três estavam sendo empurrados para junto agora, à medida que os galhos pressionavam os assentos contra eles. Matt e Meredith estavam perto o bastante para olhar um para o outro bem por cima da cabeça de Bonnie.

“Hã,” Matt disse, assustado. “Hm... tem certeza?”

“Não,” Meredith disse. Ela soava tanto amarga quanto esperançosa. “Lembra-se dessa manhã? Não temos nenhum pouco de certeza. De fato, tenho certeza que ele ainda está por perto em algum lugar.”

Agora Matt se sentia enjoado, e Meredith e Bonnie pareceram doentes na luz azul que já tinha uma aparência estranha.

“E – logo antes disso acontecer, estávamos falando como um monte de coisas—”

“—basicamente tudo que aconteceu para mudar a Elena—”

“—era tudo culpa dele.”

“Na floresta.”

“Com uma janela aberta.”

Bonnie continuou a soluçar.

Matt e Meredith, contudo, tinham feito um acordo silencioso por contato visual. Meredith disse, muito gentilmente, “Bonnie, o que você disse que faria; bem, você terá que fazer. Tente contatar Stefan, ou acordar a Elena ou – ou se desculpar com o... Damon. Provavelmente o último, receio. Mas ele nunca pareceu querer nós todos mortos, e ele deve saber que não irá ajudá-lo com a Elena se ele matar os amigos dela.”

Matt resmungou, cético. “Ele pode não querer todos nós mortos, mas ele pode esperar até que alguns de nós estejamos mortos para salvar os outros. Eu nunca confi—”

“Você nunca lhe desejou qualquer mal,” Meredith cancelou-o com uma voz mais alta.

Matt pestanejou para ela e então calou a boca. Ele se sentiu um idiota.

“Então, aqui, a lanterna está ligada,” Meredith disse, e mesmo nessa crise, sua voz estava firme, rítmica, hipnótica. A pequena luz patética era tão preciosa,



também. Era tudo o que eles tinham para impedir a escuridão de se tornar absoluta.

Mas quando a escuridão se tornar absoluta, Matt pensou, seria porque toda a luz, todo o ar, tudo do lado de fora tirado, empurrado para fora do caminho pela pressão das árvores. E nessa hora a pressão iria quebrar os esqueletos deles.

“Bonnie?” A voz da Meredith era a voz de qualquer irmã mais velha que já foi ao resgate de seus irmãos mais novos. Tão gentil. Tão controlada. “Você pode tentar fingir que é a chama de uma vela... uma chama de uma vela... uma chama de uma vela... e então tentar entrar em transe?”

“Eu já estou em transe.” A voz da Bonnie estava de algum modo distante – bem distante e quase ecoando.

“Então peça ajuda,” Meredith disse suavemente.

Bonnie estava sussurrando, continuamente, claramente alheia ao mundo ao seu redor. “Por favor, venha nos ajudar. Damon, se você conseguir me escutar, por favor, aceite nossas desculpas e venha. Você nos deu um tremendo susto, e estou certa de que merecemos isso, mas, por favor, por favor, ajude. Machuca, Damon. Machuca tanto que eu poderia gritar. Mas ao invés, estou colocando toda essa energia para Chamar você. Por favor, por favor, por favor ajude...”

Por cinco, dez, quinze minutos ela continuou, enquanto os galhos cresciam, confinando-os com seu odor doce e resinoso. Ela continuou com isso por muito mais tempo do que Matt pensara que ela conseguiria suportar.

Então a luz se apagou. Depois disso não havia som algum além do sussurro dos pinheiros.



Você tinha que admirar a técnica.

Damon estava novamente reclinado no ar, ainda mais alto dessa vez do que quando ele tinha entrado na janela de terceiro andar da Caroline. Ele ainda não fazia idéia dos nomes das árvores, mas isso não o impedia. Esse galho era como ter um camarote para o drama se desdobrando abaixo. Ele estava começando a ficar um pouco entediado, já que nada de novo estava acontecendo no térreo. Ele tinha abandonado Damaris mais cedo naquela noite quando ela se entediara, falando sobre casamento e outros assuntos que ele desejava evitar. Como o marido atual dela. Té-dio. Ele tinha ido embora sem realmente checar para ver se ela tinha se tornado uma vampira – ele pensava que sim, e isso não seria uma surpresa quando o marido chegasse em casa? Seus lábios estremeciam a beira de um sorriso.



Abaixo dele, a peça tinha quase atingido o seu clímax.

E você realmente tinha que admirar a técnica. Caçada em bando. Ele não fazia idéia do tipo de criaturinhas nojentas que estavam manipulando a árvore, mas assim como lobos e leões, elas pareciam ter se aperfeiçoado nisso. Trabalhando juntas para capturar uma presa que era rápida e pesadamente blindada demais para somente um deles conseguir. Nesse caso, um carro.

A arte refinada da cooperação. Uma pena os vampiros serem tão solitários, ele pensou. Se pudessemos cooperar, dominaríamos o mundo.

Ele pestanejou sonolentemente e então relampejou um sorriso deslumbrante para coisa alguma. É claro, se pudessemos fazer isso – digamos, tomar uma cidade e dividir os habitantes – nós acabaríamos dividindo uns aos outros. Dentes e unhas e Poder seriam utilizados com destreza como a lâmina de uma espada, até que não restasse nada além de retalhos de carne tiritante e sangue correndo nas sarjetas.

Bela imagem, contudo, ele pensou, e deixou suas pálpebras caírem para apreciá-la. Sangue em poças escarlates, líquido magicamente parado, o bastante para descer degraus de mármore branco de – ah, digamos, o Kallimarmaron em Atenas. Uma cidade inteira silenciada, purgada de barulho, caos, humanos hipócritas, com somente seus pedaços necessários deixados para trás: umas poucas artérias para bombear em quantidade o doce negócio vermelho. A versão vampírica do leite e mel caseiro.

Ele abriu seus olhos novamente em irritação. Agora as coisas estavam ficando altas lá embaixo. Humanos berrando. Por quê? Qual era o objetivo? O coelho sempre guincha na mandíbula da raposa, mas quando é que outro coelho se apressou para salvá-lo?

Pronto, um novo provérbio, e prova de que humanos são tão estúpidos quantos coelhos, ele pensou, mas seu bom humor estava arruinado. Sua mente deslizou do fato, mas não era apenas o barulho abaixo que estava perturbando-o. Leite e mel, aquilo tinha sido... um erro. Pensar nisso tinha sido um erro crasso. A pele de Elena parecera leite naquela noite há uma semana, um branco quente, não frio, mesmo na luz do luar. Seu cabelo claro na sombra havia sido como mel derramado. Elena não ficaria feliz em ver os resultados da caçada em bando dessa noite. Ela choraria lágrimas de cristais de orvalho, e elas cheirariam a sal.

De repente Damon endureceu. Ele mandou uma interrogação furtiva de Poder ao seu redor, um círculo de radar.

Mas nada voltou, exceto as árvores sem mente a seus pés. O que quer que estivesse orquestrando isso, era invisível.

Certo, então. Vamos tentar isso, ele pensou: Concentrando-se em todo o sangue que havia bebido nos últimos dias, ele explodiu uma onda de Poder puro, como o Vesúvio entrando em erupção com uma mortífera explosão piroclástica. Ele o circulou completamente em todas as direções, uma bolha de oitenta quilômetros por horas de Poder, como um gás superaquecido.



Porque tinha voltado. Inacreditavelmente, o parasita estava tentando fazer isso de novo, entrar em sua mente. Tinha que estar.

Aquietando-o, ele supôs, esfregando sua nuca com uma fúria distraída, enquanto os membros de seu bando acabavam com sua presa no carro. Sussurrando coisas em sua mente para mantê-lo quieto, tomando seus próprios pensamentos negros e ecoando-os de volta um pouco mais obscuros, em um ciclo que poderia ter acabado com ele saindo correndo para matar repetitivamente só pelo próprio prazer de veludo negro disso.

Agora a mente do Damon estava gelada e negra de fúria. Ele ficou de pé, esticando seus braços e ombros doloridos, e então procurou cuidadosamente, não com um simples circulo de radar, mas com uma explosão de Poder atrás de cada golpe, examinando com sua mente para achar o parasita. Tinha que estar ali fora; as árvores ainda continuavam com seu trabalho.

Mas ele não conseguia achar nada, mesmo ele tendo usado o método mais rápido e eficiente de escaneamento que conhecia: mil golpes aleatórios por segundo em um padrão de busca do tipo Andar de Bêbado. Ele deveria ter achado um corpo morto imediatamente. Ao invés disso, ele não achou nada.

Isso o deixou ainda mais nervoso do que antes, mas havia um matiz de animação em sua fúria. Ele quisera uma briga; uma chance de matar onde a matança fosse significativa. E agora aqui estava um oponente que cumpria todas as qualificações – e Damon não conseguia matá-lo porque não conseguia encontrá-lo. Ele mandou uma mensagem, tremeluzente com ferocidade, em todas as direções.

Eu já te avisei uma vez. Agora eu te DESAFIO. Mostre-se – OU ENTÃO FIQUE LONGE DE MIM!

Ele reuniu Poder, reuniu-o, e reuniu-o mais uma vez, pensando em todos os mortais diferentes que haviam contribuído. Ele o segurou, cuidando dele, esculpindo-o para seu propósito, e aumentando sua força com tudo que sua mente conhecia de luta e da habilidade e perícia da guerra. Ele segurou o Poder até que sentiu como se estivesse segurando uma bomba nuclear em seus braços. E então ele o soltou de uma só vez, uma explosão acelerando na direção oposta, para longe dele, aproximando-se da velocidade da luz.

Agora, com certeza, ele sentiria os espasmos da morte de algo enormemente poderoso e perspicaz - algo que tinha conseguido sobreviver ao seu bombardeamento anterior, designado somente para criaturas sobrenaturais.

Damon expandiu seus sentidos para seu alcance mais longo, esperando ouvir ou sentir algo se despedaçando, entrando em combustão – algo caindo cegamente, com seu próprio sangue caindo por perto, de um galho, do ar, de algum lugar. De algum lugar uma criatura deveria ter mergulhado para o solo ou raspado-o com enormes garras similares a de dinossauros – uma criatura parcialmente paralisada e completamente condenada, cozida de dentro para fora. Mas apesar dele conseguir sentir o vento crescendo para um uivo e enormes nuvens pretos unindo-se acima dele em resposta a seu próprio humor, ele ainda não conseguia



sentir criatura das trevas alguma perto o bastante para ter entrado em seus pensamentos.

Como era forte essa coisa? De onde isso estava vindo?

Só por um momento, um pensamento relampejou em sua mente. Um círculo. Um círculo com um ponto em seu centro. E o círculo era a explosão que ele tinha enviado em todas as direções, e o centro era o único lugar que a explosão não alcançara. Já dentro del...

Pam! De repente seus pensamentos ficaram em branco. E então ele começou, preguiçosamente, ligeiramente confuso, a tentar juntar os pedaços fraturados. Ele estivera pensando na explosão de Poder que tinha mandado, sim? E como ele tinha esperado que algo caísse e morresse.

Diabos, ele nem mesmo conseguia sentir qualquer animal comum maior que uma raposa na floresta. Apesar da sua varredura de Poder ter sido cuidadosamente feita para afetar somente criaturas do tipo das trevas, os animais comuns tinham ficado tão assustados que tinham saído correndo selvagemmente da área. Ele espiou abaixo. Hm. Exceto pelas árvores ao redor do carro; e elas não estavam atrás dele. Além do mais, o que quer que elas fossem, elas eram só os peões de um assassino invisível. Não eram realmente conscientes - não dentro os limites que ele tinha moldado tão cuidadosamente.

Ele poderia ter se enganado? Metade de sua fúria era de si mesmo, por ser tão descuidado, tão bem-alimentado e confiante que tinha baixado sua guarda.

Bem-alimentado... ei, talvez eu esteja bêbado, ele pensou, e relampejou o sorriso novamente para nada, sem nem pensar nisso. Bêbado e paranóico e tenso. Irritado e puto.

Damon relaxou contra a árvore. O vento estava gritando agora, girando e congelando, o céu cheio de nuvens pretas turvas que cortavam qualquer luz da lua ou das estrelas. Exatamente seu tipo de tempo.

Ele ainda estava tenso, mas ele não conseguia encontrar razão alguma para estar. A única perturbação na aura da floresta era o pequeno choro de uma mente dentro de um carro, como um pássaro preso com apenas uma nota. Essa seria a pequenina, a bruxa ruiva com o pescoço delicado. Aquela que estava choramingando demais sobre mudanças na vida.

Damon deu um pouco mais de seu peso para a árvore. Ele tinha seguido o carro com sua mente por um interesse distraído. Não fora culpa dele que ele os pegara falando de si, mas degradou um tanto as chances deles serem resgatados.

Ele pestanejou lentamente.

Estranho eles terem tido um acidente tentando não atropelar uma criatura aproximadamente na mesma área que ele quase tinha batido sua Ferrari tentando atropelar uma. Pena ele não ter relampejado a criatura deles, mas as árvores eram espessas demais.



O pássaro ruivo estava chorando novamente.

Bem, você quer uma mudança agora ou não, bruxinha? Decida-se. Você tem que pedir com jeitinho.

E então, é claro, eu tenho que decidir que tipo de mudança você ganha.



Capítulo 11

Bonnie não conseguia se lembrar de outra oração mais sofisticada e

então, como uma criança cansada, ela dizia uma antiga: “... Eu rezo para que o Senhor leve a minha alma...” Ela tinha usado toda a sua energia pedindo ajuda e não tinha recebido resposta alguma, só algum barulho de reação. Ela estava tão sonolenta agora. A dor tinha ido embora e ela estava simplesmente entorpecida. A única coisa incomodando-a era o frio. Mas também, podia se dar um jeito nisso. Ela podia simplesmente puxar um cobertor sobre si, um cobertor grosso e felpudo, e ela se aqueceria. Ela sabia disso sem saber como sabia.

A única coisa que a detinha do cobertor era pensar em sua mãe. Sua mãe ficaria triste se ela parasse de lutar. Essa era outra coisa que ela sabia sem saber como sabia. Se ela simplesmente pudesse mandar uma mensagem para sua mãe, explicando que tinha lutado o mais arduamente possível, mas que com esse entorpecimento e o frio, ela não conseguia sustentar. E que ela soubera que estava morrendo, mas que não tinha doído no final, então não havia razão pra mamãe chorar. E da próxima vez ela aprenderia com seus erros, ela jurava... da próxima vez...



A entrada do Damon deveria ser dramática, coordenada com um relampejo de luz bem quando suas botas atingissem o carro. Simultaneamente, ele mandou outra chicotada cruel de Poder, dessa vez diretamente para as árvores, os fantoches que estavam sendo controlados por um mestre invisível. Foi tão forte que ele sentiu uma resposta chocada de Stefan lá da pensão. E as árvores... derreteram-se na escuridão. Elas arrancaram o topo como se o carro fosse uma lata de sardinha gigante, ele meditou, de pé no capô. Útil para ele.

Então ele voltou sua atenção para a humana Bonnie, aquela dos cachos, que devia por direito estar abraçando seus pés agora, e arfando “Obrigada!”

Ela não estava. Ela estava deitada, bem como estivera no abraço das árvores. Chateado, Damon se esticou para agarrar sua mão, quando ele próprio sentiu um choque. Ele o sentiu antes que tocasse, cheirou-o antes que sentisse isso sujar seus dedos. Mil pequenas picadas, cada uma vazando sangue. As folhas agudas devem ter feito isso, tomando sangue dela ou – não, bombeando alguma substância resinosa para dentro. Algo anestésico para mantê-la parada enquanto ele tomava qualquer que fosse o próximo passo em sua consumação da vítima – algo um tanto desagradável, julgando pela educação da criatura até esse ponto. Uma injeção de sucos digestivos parecia mais provável.



Ou talvez simplesmente algo para mantê-la viva, como um anticongelante para um carro, ele pensou, percebendo com outro choque horrendo como ela estava fria. Seu pulso era como gelo. Ele olhou para os outros dois humanos, a garota de cabelo negro com os olhos perturbadores e lógicos, e o garoto de cabelos claros que estava sempre tentando arranjar uma briga. Ele podia ter chegado nessa bem na hora. Certamente parecia ruim para os outros dois. Mas ele iria salvar essa. Porque era um capricho seu. Porque ela tinha chamado sua ajuda tão pateticamente. Porque aquelas criaturas, aqueles malach, tinham tentado fazê-lo assistir a morte dela, os olhos parcialmente focados nisso enquanto tiravam sua mente do presente com um devaneio glorioso. Malach – era uma palavra universal que indicava uma criatura das trevas: uma irmã ou irmão da noite. Mas Damon pensava agora como se a própria palavra fosse maligna, um som a ser cuspidado ou sibilado.

Ele não tinha intenção de deixá-los ganhar. Ele pegou Bonnie como se ela fosse um pedaço de uma penugem de dente de leão e ergueu-a sobre um ombro. Então ele disparou do carro. Voar sem primeiro mudar de forma era um desafio. Damon gostava de desafios.

Ele decidiu levá-la para a fonte mais próxima de água quente, e essa era a pensão. Ele não precisava perturbar Stefan. Havia meia dúzia de quartos naquela área populosa que faziam a alta sociedade cair na boa lama da Virginia. A não ser que Stefan fosse bisbilhoteiro, ele não entraria no banheiro de outras pessoas.

Acabou que Stefan não só era bisbilhoteiro, como rápido. Houve quase uma colisão: Damon e sua carga dobraram uma esquina para encontrar Stefan dirigindo pela estrada escura com Elena, flutuando como Damon, aparecendo atrás do carro como se fosse o balão de alguma criança.

A primeira troca de palavras não foi nem brilhante nem genial.

“Que diabos você está fazendo aqui?” exclamou Stefan.

“Que infernos você está fazendo aqui?” Damon disse, ou começou a dizer, quando notou a tremenda diferença em Stefan – e o tremendo Poder que era Elena. Enquanto a maior parte de sua mente simplesmente vacilava por causa do choque, uma pequena parte dela começou imediatamente a analisar a situação, descobrir como Stefan tinha passado de um nada para um – um –

Que puxa. Ah, bom, poderia muito bem fazer cara de corajoso.

“Eu senti uma luta,” Stefan disse. “Quando você se transformou no Peter Pan?”

“Você deveria ficar feliz por não estar na luta. E eu consigo voar porque eu tenho o Poder, menino.”

Isso era pura bravata. De qualquer forma, era perfeitamente correto, quando eles nasceram, se dirigir a um parente mais novo como um *ragazzo*, ou “menino.”



Agora não era. E enquanto isso a parte de seu cérebro que não tinha simplesmente desligado ainda estava analisando. Ele conseguia ver, sentir, fazer qualquer coisa, exceto tocar a aura de Stefan. E era... inimaginável. Se Damon não estivesse tão perto, não tivesse experimentado isso de primeira mão, ele não teria acreditado que uma pessoa ser possível uma pessoa ter tanto Poder.

Mas ele estava olhando para a situação com a mesma habilidade de avaliação fria e lógica que dizia a ele que seu próprio Poder – mesmo depois de se embriagar com a variedade de sangue de mulheres que ele havia tomado nos últimos dias – seu Poder não era nada comparado ao de Stefan agora. E sua habilidade fria e lógica também lhe dizia que Stefan fora tirado da cama por causa disso, e que ele não tivera tempo – ou não fora racional o bastante – para esconder sua aura.

“Ora, ora, olhe só para você,” Damon disse com todo o sarcasmo que conseguiu reunir – e isso acabou sendo bastante. “Isso é uma auréola? Você foi canonizado quando eu não estava olhando? Estou me dirigindo ao São Stefan agora?”

A resposta telepática de Stefan foi impublicável. “Onde estão Meredith e Matt?” ele acrescentou ferozmente.

“Ou,” continuou Damon, exatamente como se Stefan não tivesse falado, “ou pode ser que você mereça parabéns por ter aprendido por fim a arte da enganação?”

“E o que você está fazendo com a Bonnie?” Stefan exigiu, ignorando os comentários de Damon por sua vez.

“Mas você ainda não parece ter o controle de um inglês polissilábico, então diria isso o mais simples que puder. Você causou a briga.”

“Eu causei a briga,” Stefan disse categoricamente, aparentemente percebendo que Damon não ia responder nenhuma de suas perguntas até que ele lhe contasse a verdade. “Eu simplesmente agradei a Deus você parecer estar bêbado ou zangado demais para ser muito observante. Eu queria impedir você e o resto do mundo de descobrirem o que exatamente o sangue da Elena faz. Então você foi embora sem nem mesmo tentar dar uma olhada nela. E sem suspeitar que eu pudesse ter me livrado de você como se fosse uma mosca desde o começo.”

“Nunca pensei que você fosse capaz.” Damon estava revivendo a pequena luta deles em detalhes vívidos demais. Era verdade: ele nunca tinha suspeitado que a atuação do Stefan fosse inteiramente isso – uma atuação – e que ele poderia ter derrotado Damon a qualquer momento e feito o que ele quisesse.

“E aí está a sua benfeitora.” Damon acenou para onde Elena estava flutuando, segura por – sim, é verdade – segura por varais à embreagem. “Só um pouco abaixo dos anjos, e coroada com glória e honra,” ele observou, incapaz de evitar enquanto olhava para ela. Elena estava, de fato, tão brilhante que olhar para ela com Poder canalizado em seus olhos era como tentar encarar o sol diretamente.



“Ela também parece ter se esquecido de como se esconder; ela está brilhando como uma estrela, como o Sol.

“Ela não sabe mentir, Damon.” Estava claro que a raiva de Stefan estava aumentando cada vez mais. “Agora me conte o que está acontecendo e o que você fez para a Bonnie.”

O impulso era responder, *Nada. Por que, acha que eu deveria?* era quase irresistível – quase. Mas Damon estava encarando um Stefan diferente do que ele já tinha visto antes. Esse não é o irmãozinho que você conhece e ama pisar em cima, a voz da lógica disse a ele, e ele prestou atenção nela.

“Os outros dois huuu-manos,” Damon disse, esticando a palavra para seu obsceno comprimento total, “estão no automóvel. E” – repentinamente virtuoso – “eu estava levando a Bonnie para a sua casa.”

Stefan estava parado ao lado do carro, a uma distância perfeita para examinar o braço esticado de Bonnie. As picadas tinham se transformado em uma mancha de sangue onde ele havia tocado-as, e Stefan examinou seus próprios dedos com horror.

Ele continuou repetindo seu experimento. Logo Damon estaria babando, um comportamento altamente indigno que ele desejava evitar.

Ao invés, ele se concentrou em um fenômeno astronômico próximo.

A lua cheia, a meia altura, e branca e pura como a neve. E Elena fluando na frente dela, usando uma camisola fora de moda de gola alta - e pequena, ainda. Enquanto ele olhava para ela sem o Poder que era preciso para discernir sua aura, ele poderia examiná-la como uma garota ao invés de como um anjo no meio de uma incandescência cegante.

Damon inclinou sua cabeça para conseguir uma visão melhor de sua silhueta. Sim, esse era definitivamente o traje certo para ela, e ela devia sempre ficar na frente de luzes claras. Se ele-

Pam.

Ele estava voando para trás e para a esquerda. Ele bateu numa árvore, tentando se certificar que Bonnie não a atingisse, também – ela poderia quebrar. Momentaneamente estupefato, ele flutuou – boiou, na verdade – até atingir o chão.

Stefan estava em cima dele.

“Você,” disse Damon de modo indistinto por causa do sangue em sua boca, “tem sido uma menino levado, menino.”

“Ela me transformou. Literalmente. Eu achei que ela pudesse morrer se eu não tomasse um pouco do seu sangue – sua aura estava inchada esse tanto. Agora me diga qual o problema com a Bonnie-”

“Então você a drenou apesar de sua perseverante resistência heróica-”



Pam.

Essa árvore nova cheirava a resina. Eu particularmente nunca quis conhecer as entranhas de árvores, Damon pensou enquanto cuspiu uma bocada de sangue. Mesmo como corvo eu só as uso quando é necessário.

Stefan tinha de algum modo arrebatado Bonnie no ar enquanto Damon voava na direção da árvore. Ele era veloz esse tanto agora. Ele era muito, muito veloz. Elena era um fenômeno.

“Então agora você tem uma idéia indireta de como é o sangue da Elena.” E Stefan conseguia ouvir os pensamentos privados de Damon. Normalmente, Damon estava sempre pronto para uma luta, mas agora ele quase conseguia ouvir Elena choramingar por seus amigos humanos, e algo dentro dele se sentia cansado. Muito velho – velho há séculos – e muito cansado.

Mas quanto à pergunta, bem, sim. Elena ainda estava sacudindo-se desinteressadamente, algumas vezes com os braços esticados e algumas vezes enrolada como um gatinho. Seu sangue era o combustível de um foguete comparado a gasolina sem chumbo na maioria das garotas.

E Stefan queria lutar. Não estava nem mesmo tentando esconder isso. Eu estava certo, Damon pensou. Para os vampiros, a vontade de brigar é mais forte que qualquer outra vontade, até mesmo a necessidade de se alimentar ou, no caso de Stefan, sua preocupação com seus – qual era a palavra? Ah, sim. Amigos.

Agora Damon estava tentando esquivar-se de uma luta, tentando enumerar suas vantagens, que não eram muitas, porque Stefan ainda estava segurando-o. Pensamento. Fala. Um gosto por lutar sujo que Stefan simplesmente não parecia entender. Lógica. Uma habilidade instintiva de achar as fissuras na armadura de seu inimigo...

Hmmm...

“Meredith e” – droga! Qual era o nome daquele garoto? – “seu acompanhante estão mortos agora, eu acho,” ele disse inocentemente. “Nós podemos ficar aqui e brigar, se é assim que deseja chamar isso, considerando que eu nunca sentei um dedo em você – ou podemos tentar ressuscitá-los. Qual será, eu me pergunto?” Ele realmente se perguntava quanto controle Stefan tinha sobre si mesmo agora.

Como se Damon tivesse dado um zoom abrupto com uma câmera, Stefan pareceu ficar menor. Ele estivera flutuando há alguns centímetros do chão; agora ele pousou e olhou para si mesmo com surpresa, obviamente inconsciente que estivera no ar.

Damon falou na pausa enquanto Stefan estava mais vulnerável. “Não fui eu que os machuquei,” ele acrescentou. “Se olhar para a Bonnie” graças ao diabo, ele sabia o nome dela – “você verá que nenhum vampiro poderia ter feito isso. Eu acho” – ele acrescentou ingenuamente, para chocar “que os atacantes foram árvores, controlados por malach.”



“Árvores” Stefan mal se deu ao trabalho de olhar para o braço espetado de Bonnie. Então ele disse, “Nós precisamos colocá-los para dentro e na água quente. Você leva a Elena—”

Ah, alegremente. De fato, eu daria qualquer coisa, qualquer coisa—

“—e esse carro com a Bonnie de volta diretamente para a pensão. Acorde a Sra. Flowers. Faça o que puder pela Bonnie. Eu irei em frente e vou pegar a Meredith e o Matt—”

Isso aí! Matt. Agora, se ele ao menos tivesse um mnemônico—

“Eles estão lá na estrada, certo? Foi de lá onde sua primeira bomba de Poder pareceu ter vindo.”

Uma bomba, era? Por que não ser honesto e simplesmente chamá-la de um banho débil?

E enquanto estava fresco em sua mente... M de Mortal, A de Aborrecente, T de Troço. E aí estava. Pena era que isso se aplicava a todos eles e ainda assim nem todos se chamavam MAT. Ah, droga — tinha outro T no final? Mortal, Aborrecente, Troço Trabalhoso? Aborrecente Troço Terrível?

“Eu disse, tudo bem?”

Damon voltou ao presente. “Não, não está tudo bem. O outro carro está destruído. Não vai dirigir.”

“Eu o farei flutuar atrás de mim.” Stefan não estava se gabando, só estabelecendo um fato.

“Nem ao menos está inteiro.”

“Eu amarrarei os pedaços. Vamos, Damon. Sinto muito tê-lo torturado; eu tive uma idéia totalmente errada do que estava acontecendo. Mas Matt e Meredith podem realmente estar morrendo, e mesmo com todo o meu Poder novo, e o de Elena, talvez não sejamos capazes de salvar todos. Eu aumentei a temperatura interna da Bonnie em alguns graus, mas eu não ousou ficar e subi-la lentamente o bastante. Por favor, Damon.” Ele estava colocando Bonnie no assento do passageiro.

Bem, isso soava com o velho Stefan, mas vindo desse Stefan novo e potente, tinha um tom um tanto diferente. Ainda assim, enquanto Stefan achava que ele era um rato, ele era um rato. Fim de discussão.

Mais cedo Damon tinha se sentido como o Vesúvio explodindo. Agora ele de repente se sentia como se ele estivesse próximo ao Vesúvio, e a montanha estivesse retumbando. Oh Deus! Ele realmente se sentia tostado só estando próximo ao Stefan.

Ele convocou todos os seus recursos consideráveis, mentalmente se envolvendo em gelo, e esperou que pelo menos um sopro de gelidez sustentasse sua



resposta. “Eu irei. Vejo você mais tarde – espero que os humanos não estejam mortos ainda.”

Enquanto partiam, Stefan mandou a ele uma poderosa mensagem de desaprovação - não torturando-o com dor Elemental pura, como tinha antes ao jogar Damon contra a árvore, mas certificando-se que sua opinião sobre seu irmão estivesse estampada em cada palavra.

Damon mandou a Stefan uma última mensagem enquanto ia embora. Eu não entendo, ele pensou inocentemente na direção do ausente Stefan. O que tem de errado comigo dizendo que espero que os humanos ainda estejam vivos? Eu já estive em lojas de cartões de melhoras, sabe – ele não mencionou que não era por causa dos cartões, mas pelas jovens no caixa – e elas tinham seções tipo “Espero que melhore” e “Compaixão,” o que eu acho que quer dizer que o desejo do cartão anterior não foi forte o bastante. Então o que tem de errado com dizer “Espero que eles não estejam mortos?”

Stefan nem se incomodou em responder. Mas Damon relampejou um sorriso rápido e brilhante de qualquer jeito, enquanto virava seu Porsche e se mandava para a pensão.

Ele agarrou o varal que mantinha Elena sacudindo-se acima dele. Ela flutuava – a camisola ondulando – acima da cabeça da Bonnie – ou talvez onde a cabeça da Bonnie deveria estar. Bonnie sempre fora pequena, e essa doença congelante a colocara enrugada em uma posição fetal. Elena poderia praticamente sentar nela.

“Olá, princesa. Linda, como sempre. E você não é tão feia também.”

Era uma das piores cantadas de sua vida, ele pensou com desânimo. Mas ele não estava se sentindo como ele mesmo. A transformação de Stefan tinha o assustado – deve ser isso que tem de errado, ele decidiu.

“Da... mon.”

Damon arrancou. A voz de Elena estava devagar e hesitante... e absolutamente linda: um melaço escorrendo doçura, mel caindo diretamente do favo de mel. O tom era mais baixo, ele tinha certeza, do que fora antes de sua transformação, e tinha se tornado uma verdadeira fala arrastada sulista. Para um vampiro parecia o doce pingar de uma veia humana recentemente aberta.

“Sim, anjo. Eu já te chamei de ‘anjo’ antes? Se não, foi puramente um equívoco.”

E enquanto ele disse isso, ele percebeu que havia outro componente em sua voz, um que ele não tinha percebido antes: pureza. A lanceta de pureza de um serafim. Isso devia tê-lo desestimulado, mas ao invés disso simplesmente lembrava-o que Elena era alguém que devia ser levada a sério, nunca levianamente.

Eu te levaria a sério ou levianamente ou de qualquer jeito que você preferisse, Damon pensou, se você não fosse tão grudada no meu irmãozinho idiota.



Sois violetas gêmeos se viraram nele: os olhos da Elena. Ela havia escutado-o.

Pela primeira vez em sua vida, Damon estava cercado por pessoas mais poderosas que ele. E para um vampiro, Poder era tudo: bens materiais, posição social, um companheiro-prêmio, conforto, sexo, dinheiro, doce.

Era um sentimento estranho. Não era inteiramente desagradável, em relação a Elena. Ele gostava de mulheres fortes. Ele estivera procurando por uma forte o bastante por séculos.

Mas o olhar de Elena trouxe efetivamente demais seus pensamentos de volta para sua situação. Ele estacionou obliquamente do lado da pensão, apanhou a endurecida Bonnie, e flutuou pela escada trançada e estreita na direção do quarto de Stefan. Era o único lugar que ele sabia que tinha uma banheira.

Mal havia espaço para os três do lado de dentro do minúsculo banheiro, e era Damon quem estava carregando Bonnie. Ele ligou a água na banheira antiga de um metro e vinte, baseado no que seus sentidos primorosamente harmonizados o disseram que estava cinco graus acima de sua atual temperatura gelada. Ele tentou explicar para Elena o que ele estava fazendo, mas ela parecia ter perdido o interesse e estava flutuando ao redor do quarto de Stefan, como um close da Sininho enjaulada. Ela ficava trombando na janela fechada e então zunindo na porta aberta, olhando para fora.

Que dilema. Pedir para Elena despir e banhar Bonnie, e arriscar que ela colocasse Bonnie na banheira de cabeça para baixo? Ou pedir para Elena fazer o trabalho e observar as duas, mas não tocar – a não ser que um desastre ocorresse?

Além do mais, alguém tinha que encontrar a Sra. Flowers e pegar bebidas quentes. Escrever um bilhete e mandar Elena?

Poderia haver mais casualidades aqui a qualquer momento agora.

Então Damon capturou o olhar de Elena, e todas as preocupações insignificantes e convencionais pareceram sumir. Palavras apareceram em seu cérebro sem se importarem em passar por seus ouvidos.

Ajude-a. Por favor!

Ele se virou de volta para o banheiro, deitou Bonnie no tapete grosso lá e descascou-a como um camarão. Fora com o suéter, fora com a regata de verão que ficava debaixo dele. Fora com um pequeno sutiã – tamanho 36, ele percebeu tristemente, descartando-o, tentando não olhar para Bonnie diretamente. Mas ele não conseguia evitar ver as marcas de perfuração que a árvore havia deixado em todo lugar.

Fora com a calça jeans, e então um pequeno obstáculo, porque ele tinha que se sentar e colocar cada pé em seu colo para tirar os tênis de cano alto firmemente amarrados antes que a calça jeans passasse de seus calcanhares. Fora com as meias.



E era isso. Bonnie estava nua, exceto por seu próprio sangue e sua calcinha rosa de seda. Ele a pegou e a colocou na banheira, se ensopando no processo. Vampiros associam banhos com sangues de virgens, mas somente os realmente loucos provam.

A água na banheira da Bonnie virou rosa quando ele a colocou. Ele manteve a torneira correndo porque a banheira era muito grande, e então se sentou de volta para considerar a situação. A árvore estivera bombeando algo nela com suas folhas. O que quer que fosse, não era bom. Então devia sair. A solução mais sensível seria sugar isso como se fosse veneno de cobra, mas ele estava hesitante em tentar isso até que tivesse certeza que Elena não esmagaria seu crânio se o encontrasse sugando metodicamente a parte superior do corpo de Bonnie.

Ele teria que se conformar com a próxima melhor opção. A água sangrenta não escondia bem a diminutiva forma de Bonnie, mas ajudava a borrar os detalhes. Damon segurava a cabeça de Bonnie contra a beirada da banheira com uma mão, e com a outra ele começou a apertar e massagear o veneno para fora de um braço.

Ele sabia que estava fazendo certo quando sentiu o cheiro resinoso de pinheiro. Era tão grosso e viscoso que ainda não tinha desaparecido no corpo da Bonnie. Ele estava tirando uma pequena quantidade, mas era o bastante?

Cuidadosamente, observando a porta e aumentando seus sentidos para cobrir seu largo espectro, Damon levantou a mão de Bonnie até seus lábios como se fosse beijá-la. Ao invés, ele levou seu pulso para sua boca e, suprimindo cada vontade que tinha de morder, ao invés ele simplesmente sugou.

Ele cuspiu quase imediatamente. Sua boca estava cheia de resina. A massagem não fora nem de longe o bastante. Cada sucção, mesmo que ele pegasse uma dúzia de vampiros e os ligasse por todo o pequeno corpo de Bonnie como sanguessugas, não seria o bastante.

Ele sentou de volta em seus tornozelos e olhou para ela, essa mulher-criança fatalmente envenenada que ele tinha dado sua palavra que iria salvar. Pela primeira vez, ele ficou ciente de que estava ensopado até a cintura. Ele olhou irritado na direção do céu e então tirou sua jaqueta preta de couro.

O que ele poderia fazer? Bonnie precisava de remédio, mas ele não fazia idéia de que remédio específico ela precisava, e não havia bruxa alguma que ele conhecesse para se apelar. A Sra. Flowers era familiar a conhecimento esotérico?

Ela daria isso a ele se fosse? Ou ela era simplesmente uma velha senhora biruta? Qual era o remédio genérico – para um humano? Ele poderia dá-la para seu próprio povo e os deixar experimentar suas ciências atrapalhadas – levá-la para um hospital – mas eles estariam trabalhando com uma garota que fora envenenada pelo Outro Lado, pelos lugares sombrios que eles nunca poderiam ver ou entender.

Distraidamente, ele estivera esfregando uma toalha em seus braços e mãos e camisa preta. Agora, ele olhava para a toalha e decidiu que Bonnie merecia pelo menos um pouco de recato, especialmente já que ele não conseguia pensar em mais nada a ser feito nela. Ele ensopou a toalha e então a espalhou e a empurrou



debaixo da água para cobrir Bonnie da garganta até os pés. Ela flutuou em alguns lugares, afundou em outros, mas em geral fez o trabalho.

Ele aumentou a temperatura da água novamente, mas não fez diferença alguma. Bonnie estava endurecendo para a verdadeira morta, tão jovem quanto era. Seus amigos na antiga Itália tinham acertado, ele pensou, uma fêmea como essa era uma donzela, não mais uma menina, ainda não uma mulher. Era especialmente apropriado já que qualquer vampiro poderia afirmar que ela era uma donzela em ambos os sentidos.

E tudo fora feito bem debaixo de seu nariz. A atração, o ataque em bando, a maravilhosa técnica e sincronização – eles tinham matado essa donzela enquanto ele sentava e assistia. Ele tinha aplaudido.

Lentamente, por dentro, Damon conseguia sentir algo crescendo. Tinha brilhado quando ele pensou na audácia dos malach, caçando seus humanos bem debaixo de seu nariz. Não fez a pergunta de quando o grupo no carro tinha se tornado os seus humanos - ele supunha que era porque eles estiveram tão perto ultimamente que parecera que eles eram seus para descartar, para dizer se viviam ou morriam, ou se virariam o que ele era. O negócio crescente agitou-se quando ele pensou no jeito que os malach tinham manipulado seus pensamentos, atraindo-o para uma contemplação jubilosa da morte em termos gerais, enquanto a morte em termos bem específicos estava acontecendo bem aos seus pés. E agora estava alcançando níveis incendiários porque ele tinha aparecido vezes demais hoje. Realmente era insuportável...

... e era Bonnie...

Bonnie, que nunca tinha machucado uma – uma coisa indefesa por malícia. Bonnie, que era como um gatinho, dando socos no ar para presa alguma. Bonnie, com seu cabelo que era chamado de morango, mas que simplesmente parecia que estava pegando fogo. Bonnie da pele translúcida, com os fiordes violetas delicados e estuários de veias por toda sua garganta a interior dos braços. Bonnie, que ultimamente dera para olhar para ele de lado com seus enormes olhos de criança, grandes e castanhos, debaixo de cílios como estrelas...

Sua mandíbula e caninos estavam doendo, e sua boca parecia que estava pegando fogo pela resina venenosa. Mas tudo isso podia ser ignorado, porque ele estava consumido com outro pensamento.

Bonnie tinha chamado sua ajuda por quase meia hora antes de sucumbir à escuridão.

Era isso que precisava ser dito. Precisava ser examinado. Bonnie tinha chamado Stefan – que estivera distante demais e ocupado demais com seu anjo – mas ela tinha chamado Damon, também, e ele tinha implorado sua ajuda.

E ele tinha ignorado-a. Com três amigos da Elena aos seus pés, ele tinha ignorado suas agonias, tinha ignorados as súplicas frenéticas de Bonnie de não deixá-los morrer.



Geralmente, esse tipo de coisa somente o faria dar o fora e ir para outra cidade. Mas de algum modo ele ainda estava aqui e ainda saboreava as conseqüências amargas de seu ato.

Damon reclinou-se com seus olhos fechados, tentando bloquear o cheiro devastador de sangue e o odor bolorento de... alguma coisa.

Ele franziu a testa e olhou ao redor. O pequeno cômodo estava limpo até os cantos. Nada bolorento aqui. Mas o odor não passava.

E então ele se lembrou.



Capítulo 12



oltou para ele, tudo aquilo: os corredores apertados e as pequeninas janelas e o cheiro mofado de livros velhos. Ele tinha ido a Bélgica a cerca de cinquenta anos atrás, e tinha ficado surpreso em encontrar um livro de idioma inglês quando o assunto ainda era existente. Mas ali estava, sua capa gasta até ficar com uma sólida ferrugem polida, sem o resto da escrita, se alguma vez já houve uma. Páginas estavam faltando em seu interior, então ninguém jamais soube quem era o autor ou o seu título, se alguma vez já fora impresso. Cada "receita" – fórmula, ou amuleto, ou feitiço – dentro dele envolvia conhecimento proibido.

Damon poderia facilmente lembrar o feitiço mais simples de todos: "O Sangue de *Samphire* ou *Vampyro* é muito bom como remédio em geral para todos os *Maladies* ou malfeitos Feitos por aqueles que Dançam na Floresta no *Moonspire*."

Estes malach certamente haviam feito travessuras na floresta, e esse era o mês de *Moonspire*, o mês do "solstício de verão" na Língua Antiga. Damon não queria deixar Bonnie, e ele certamente não queria que Elena visse o que ele iria fazer a seguir. Ainda apoiando a cabeça da Bonnie sobre a rosada água morna, ele abriu sua camisa. Havia uma faca de pau de ferro em um porta-espada em seu quadril. Ele a tirou, e em um rápido movimento, cortou-se na base de sua garganta.

Abundância de sangue agora. O problema era como fazê-la beber. Guardando a adaga, ele a levantou da água e tentou colocar os lábios dela no corte.

Não, isso era estupidez, ele pensou, desacostumado com auto-desaprovação. Ela vai ficar com frio novamente, e você não tem nenhuma maneira de fazê-la engolir. Ele deixou Bonnie declinar de volta na água e pensou. Então ele puxou a faca novamente e fez outro corte: esse em seu braço, no punho. Ele seguiu pela veia até que o sangue não só mais pingava, mas fluía constantemente. Então ele colocou aquele pulso na boca de Bonnie virada para cima, ajustando o ângulo de sua cabeça com sua outra mão. Seus lábios estavam parcialmente abertos e o sangue vermelho escuro fluía lindamente. Periodicamente ela engoliu. Ainda havia vida nela.

Era como alimentar um pássaro bebê, ele pensou, extremamente satisfeito com a sua lembrança, sua engenhosidade, e – bem, simplesmente com si próprio.

Ele sorriu brilhantemente para nada em particular.

Agora se simplesmente funcionasse.

Damon alterou ligeiramente sua posição para ficar mais confortável e ligou a água quente de novo, todo tempo segurando Bonnie, a alimentando, tudo – ele



sabia - graciosamente e sem desperdiçar um movimento. Isso era engraçado. Ele apelava para seu senso do ridículo. Aqui, agora, um vampiro não estava tragando um humano, mas sim tentando salvá-la de uma morte certa ao alimentá-la com sangue de vampiro.

Mais do que isso. Ele havia seguido todos os tipos de tradições e costumes humanos tentando tirar a roupa de Bonnie sem comprometer sua modéstia de donzela. Isso era excitante. Claro, ele havia visto o seu corpo de qualquer jeito; não houvera forma alguma de evitar isso. Mas era realmente muito mais emocionante quando ele estava tentando seguir as regras. Ele nunca havia feito isso antes.

Talvez fosse assim que Stefan se divertisse. Não, Stefan tinha Elena, que tinha sido humana, vampira, e um espírito invisível, e agora parecia ser um anjo vivo, se é que isso existe. Elena era divertida o bastante por si só. Ainda assim, ele não havia pensado nela em minutos. Podia até ser um recorde em ignorar a Elena.

Era melhor ele chamá-la, talvez trazê-la aqui e explicar como isso estava funcionando para que não houvesse razão para esmagar o seu crânio. Provavelmente seria melhor.

Damon de repente percebeu que ele não podia sentir a aura de Elena no quarto de Stefan. Mas antes que ele pudesse investigar, houve um barulho, em seguida pisadas martelantes, em seguida outro barulho, muito mais próximo. E então a porta do banheiro foi aberta com um chute pelo Mortal, Aborrecente, Troço...

Matt avançou ameaçadoramente, ficou com os pés emaranhados, e olhou para baixo para desemaranhá-los. Suas bochechas bronzeadas foram varridas com um súbito pôr-do-sol. Ele estava segurando o pequeno sutiã rosa de Bonnie. Ele o deixou cair como se ele o tivesse mordido, e girou-se, só para colidir com Stefan, que estava entrando. Damon assistiu, entretido.

"Como você os mata, Stefan? Você só precisa de uma estaca? Pode segurá-lo enquanto – sangue! Ele estava dando sangue para ela! "Matt se interrompeu, parecendo como se fosse atacar Damon sozinho. Má idéia pensou Damon.

Matt olhou nos olhos dele. Confrontando o monstro, Damon pensou, ainda mais entretido. "Solte... ela." Matt falou lentamente, provavelmente querendo transmitir uma ameaça, mas soando, Damon pensou, como se achasse que Damon fosse deficiente mental.

Mortalmente incapaz de falar, Damon meditou. Isso formava "Mutt*", ele disse em voz alta, balançando sua cabeça ligeiramente. Talvez, contudo, isso o fizesse se lembrar no futuro. * no original, Mortally Unable To Talk, cujas iniciais formam a sigla Mutt.

"Mutt? Você está me chamando de—? Deus, Stefan, por favor, ajude-me a matá-lo! Ele matou Bonnie." As palavras saíram cuspidas de Matt em um único fluxo arrebatador, em uma única respiração. Lamentavelmente, Damon viu seu último acrônimo cair em chamas.



Stefan estava surpreendentemente calmo. Ele colocou Matt atrás dele e disse: "Vá e fique com Elena e Meredith," de uma forma que não era uma sugestão, e virou-se de volta para seu irmão. "Você não se alimentou dela," disse ele, e isso não era uma pergunta.

"Excesso de Veneno? Não é o meu tipo de divertimento, irmãozinho."

Um canto da boca de Stefan se levantou. Ele não respondeu a isso, mas simplesmente olhou para Damon com olhos que tinham... Conhecimento. Damon se conteve.

"Eu disse a verdade!"

"Vai fazer disso um passatempo?"

Damon começou a soltar Bonnie, percebendo que a deixando cair numa água manchada de sangue seria uma boa maneira de anunciar sua saída dessa porcaria, mas...

Mas. Ela era o seu pássaro bebê. Ela engoliu o suficiente de seu sangue, agora mais começaria a fazê-la se Transformar seriamente. E se a quantidade de sangue que ele havia dado a ela não fosse o suficiente, simplesmente não era o remédio, em primeiro lugar. Além disso, o milagreiro estava aqui.

Ele fechou o corte em seu braço o suficiente para parar o sangramento e começou a falar...

E a porta se abriu novamente.

Desta vez era a Meredith, e ela tinha o sutiã de Bonnie. Tanto Stefan e Damon se calaram. Meredith era, Damon pensou, uma pessoa muito assustadora. Pelo menos ela tomou o tempo, o que o Mutt não fez, para olhar as roupas esparramadas no chão do banheiro. Ela disse a Stefan, "Como ela está?" o que Mutt não tinha perguntado, tampouco.

"Ela vai ficar bem," disse Stefan e Damon ficou surpreso com o seu sentimento de... não de alívio, é claro, mas de um trabalho bem feito. Além disso, agora ele podia talvez evitar ser punido pelo Stefan até sobrar somente um fragmento de sua vida.

Meredith tomou um profundo fôlego e fechou seus olhos assustadores brevemente. Quando ela fez isso, todo o seu rosto brilhou. Talvez ela estivesse rezando. Havia séculos desde que Damon havia rezado; e ele nunca teve nenhum pedido realizado.

Então Meredith abriu seus olhos, deu um chacoalhão, e começou a parecer assustadora de novo. Ela cutucou a pilha de roupas no chão e disse, lentamente e forçadamente, "Se o item que combina com esse não estiver mais no corpo de Bonnie, haverá um problema."

Ela acenou o agora infame sutiã como uma bandeira.



Stefan parecia confuso. Como ele podia não entender a pergunta sobre a poderosa lingerie desaparecida? Damon se perguntou. Como alguém poderia ser um... um tolo tão desatento? Será que Elena não usava - nunca? Damon sentou congelado, preso demais nas imagens do seu próprio mundo interior para poder se mover por um momento. Aí ele falou. Ele tinha a resposta da charada de Meredith.

"Você quer vir aqui e verificar?" ele perguntou, virando a cabeça virtuosamente para longe.

"Sim, eu quero."

Ele permaneceu de costas para ela enquanto ela se aproximava da banheira, mergulhou sua mão na água rosa e morna, e movimentou a toalha um pouco. Ele ouviu sair dela uma respiração de alívio.

Quando ele se virou, ela disse, "Há sangue em sua boca." Seus olhos escuros pareciam mais escuros do que nunca.

Damon ficou surpreso. Ele não tinha ido e perfurado a ruiva, como de hábito, e então esquecido, tinha? Mas então ele percebeu o motivo.

"Você tentou sugar o veneno, não tentou?" Stefan disse, atirando-lhe uma toalha de rosto branca. Damon limpou a lateral que Meredith estava olhando e encontrou uma mancha sangrenta. Não era de se admirar que sua boca estivesse pegando fogo. Aquele veneno era uma coisa muito desagradável, embora claramente não afetasse vampiros da maneira que afetava os humanos.

"E há sangue em sua garganta," Meredith continuou.

"Experiência malsucedida," disse Damon, e deu de ombros.

"Então você cortou seu pulso. Muito sério."

"Para um humano, talvez. A conferência de imprensa acabou?"

Meredith voltou. Ele conseguia ler sua expressão e ele sorriu interiormente. Extra! Extra! **MEREDITH ASSUSTADA. FRUSTRADA.** Ele conhecia o olhar daqueles que tinham de desistir de conseguir derrubar Damon.

Meredith levantou-se. "Há alguma coisa que eu possa trazer para ele para parar o sangramento da boca dele? Algo para beber, talvez?"

Stefan apenas pareceu chocado. O problema de Stefan - bem, uma parte de um dos muitos problemas de Stefan - era que ele pensava que se alimentar era pecaminoso. Mesmo só falar.

Talvez fosse realmente mais divertido desse jeito. As pessoas apreciam tudo o que pensam ser pecaminoso. Mesmo os vampiros. Damon estava incomodado. O que você fazia quando fazer qualquer coisa era pecaminoso? Porque ele estava esgotando seus divertimentos, infelizmente.



Com suas costas viradas, Meredith era menos assustadora. Damon arriscou uma resposta à questão do que ele queria beber.

"Você, querida... você, querida."

"Queridas demais," disse Meredith misteriosamente, e antes que Damon pudesse entender que ela estava simplesmente falando sobre lingüística, e não comentando sobre sua vida pessoal, ela foi embora. Com o sutiã viajante.

Agora Stefan e Damon estavam sozinhos. Stefan deu um passo mais próximo, mantendo os olhos longe da banheira. Você perde tanto, seu tolo, Damon pensou. Essa era a palavra que ele estava procurando mais cedo. Tolo.

"Você fez muito por ela," disse Stefan, parecendo achar tão difícil olhar para Damon quanto para a banheira. Isto o deixou com muito pouco para olhar. Ele escolheu olhar para parede.

"Você me disse que você me daria uma surra se eu não fizesse. Eu nunca gostei de surras." Seu mostrou sorriso deslumbrante para Stefan e o manteve até que Stefan começasse a virar para olhar para ele, aí ele desligou-o imediatamente.

"Você foi além do dever."

"Com você, irmãozinho, ninguém sabe direito onde o dever termina. Digame, como é a eternidade?"

Stefan arfou um suspiro. "Pelo menos você não é do tipo valentão que só aterroriza quando tem vantagem."

"Você está me convidando para 'dar uma voltinha', como dizem?"

"Não, eu estou te elogiando por ter salvado a vida de Bonnie."

"Eu não percebi que eu tinha uma escolha. Como, aliás, você conseguiu curar Meredith e-e... como você conseguiu?"

"Elena os beijou. Você nem mesmo percebeu que ela tinha ido embora? Eu os trouxe de volta aqui, e ela desceu e soprou em suas bocas e os curou. Pelo que eu vi, ela parece estar lentamente voltando a ser uma completa humana, ao invés de espírito. Eu acho que vai demorar mais alguns dias, só de olhar para o seu progresso desde que ela acordou até agora."

"Pelo menos ela está falando. Não muito, mas você não pode querer tudo." Damon lembrou-se da vista do Porsche, com a capota abaixada e Elena flutuando como um balão. "Esta pequena ruiva não disse uma palavra," Damon acrescentou queixoso, e em seguida deu os ombros. "Mesma diferença."

"Por que, Damon? Por que você não simplesmente admite que se importa com ela, pelo menos o suficiente para mantê-la viva – e sem ao menos molestar ela? Você sabia que ela não podia se dar ao luxo de perder sangue..."



"Foi uma experiência," explicou Damon cuidadosamente. E tinha acabado agora. Bonnie acordaria ou dormiria, viveria ou morreria, nas mãos de Stefan – não nas dele. Ele estava molhado, ele estava desconfortável, ele estava longe o suficiente da refeição dessa noite para se sentir faminto e traído. Sua boca doía. "Você segura a cabeça dela agora," ele disse bruscamente. "Estou saindo. Você e Elena e... Mutt podem terminar–"

"Seu nome é Matt, Damon. Não é difícil de lembrar. "

"É quando você não tem absolutamente nenhum interesse por ele. Existem muitas adoráveis senhoritas nesta vizinhança para me fazê-lo qualquer coisa exceto minha última opção de lanche."

Stefan bateu duramente na parede. Seu punho perfurou o revestimento antigo. "Droga, Damon, isso não é tudo para que os seres humanos servem."

"É tudo o que eu peço deles."

"Você não pede. Esse é o problema."

"Isto é um eufemismo. É tudo que eu pretendo tomar deles, então. É certamente tudo em que estou interessado. Não tente acreditar que é algo mais. Não há nenhum motivo para encontrar evidências para inventar uma mentirinha."

Os punhos de Stefan se levantaram. Era a sua mão esquerda, e Damon estava segurando a cabeça de Bonnie desse lado, então ele não pôde se afastar graciosamente como ele normalmente faria. Ela estava inconsciente; ela poderia engolir uma bocada de água e morrer imediatamente. Quem sabia sobre esses humanos, especialmente quando eles estavam envenenados?

Em vez disso, ele se concentrou em defender todo o lado direito do seu queixo. Ele acreditou que ele poderia tomar um soco, mesmo do Novo e Melhor Stefan sem soltar a garota – mesmo que Stefan quebrasse sua mandíbula.

O punho de Stefan parou a poucos milímetros de distância do rosto de Damon.

Houve uma pausa; os irmãos olharam um para o outro através de uma distância de sessenta centímetros.

Stefan tomou um fôlego profundo e se sentou. "Agora você admite?"

Damon estava verdadeiramente perplexo. "Admite o quê?"

"Que você se importa com eles. O bastante para tomar um soco e não deixar Bonnie se afogar."

Damon olhou fixamente , então começou a rir e descobriu que ele não podia parar.

Stefan encarou-o de volta. Então ele fechou os olhos e deu uma meia-volta em agonia.



Damon ainda não conseguia parar de rir. "E você pe-pensou que eu me imp-importava com uma pequena hu-hu-hu..."

"Por que você fez isso, então?" Disse Stefan cansado.

"Whu-whu-whin. Eu di-disse pra v-vo-você. Só wuh-huhhuhuha..." Damon teve um colapso, parecendo bêbado por falta de comida e de muitas emoções diferentes.

A cabeça de Bonnie caiu na água.

Ambos os vampiros mergulharam até ela, suas cabeças se batendo enquanto colidiam no centro da banheira. Ambos caíram brevemente, tontos.

Damon não estava rindo mais. Ao invés ele estava lutando como um tigre para tirar a menina fora da água. Stefan também estava e com seus reflexos recém aguçados, ele parecia estar perto de ganhar. Mas foi como Damon tinha pensado há uma hora, mais ou menos, – nenhum deles sequer considerou em colaborar para pegar a menina. Cada um estava tentando fazer isso sozinho, e cada um estava impedindo o outro.

"Sai do meu caminho, moleque," Damon rosnou, quase sibilando uma ameaça.

"Você não dá a mínima pra ela. Você que saia do caminho-"

Houve algo parecido com um gêiser e Bonnie explodiu acima da água por conta própria. Ela cuspiu um bocado e gritou, "O que está acontecendo?" em tons de derreter um coração de pedra.

O que aconteceu. Contemplando a sua desgrenhada passarinha, que estava agarrando a toalha junto a si instintivamente, com seu cabelo ardente grudado em sua cabeça e seus grandes olhos castanhos piscando entre mechas, algo se encheu em Damon. Stefan tinha corrido para a porta para contar aos outros as boas notícias. Por um momento, eram apenas os dois: Damon e Bonnie.

"Tem um gosto horrível," disse Bonnie lamentavelmente, cuspiendo fora mais água.

"Eu sei," disse Damon, encarando-a. A coisa nova que ele estava sentindo tinha inchado sua alma até que a pressão era demais para agüentar. Quando Bonnie disse, "Mas eu estou viva!" com uma mudança de 180 graus em seu humor, seu rosto em formato de coração cheio de alegria repentina, o orgulho feroz que Damon sentiu em resposta foi intoxicante. Ele e somente ele tinha a trazido de volta da beira da gélida morte. Seu corpo cheio de veneno tinha sido curado por ele; foi o seu sangue que havia dissolvido e dispersado a toxina, o seu sangue –

E então a coisa do inchaço explodiu.

Havia, para Damon, um palpável, se não audível, estalo a medida que a pedra revestindo sua alma explodiu e um grande pedaço caiu.



Com alguma coisa dentro dele cantando, ele agarrou Bonnie para si, sentindo a molhada toalha através de sua camisa de seda, e sentindo o corpo leve de Bonnie sob a toalha. Definitivamente uma donzela, e não uma criança, ele pensou vertiginosamente, independentemente do que a escrita naquele infame pedaço de nylon rosa tinha alegado. Ele a agarrou como se ele precisasse de seu sangue – como se estivessem em um mar numa tempestade de furacões e soltá-la seria perdê-la.

Seu pescoço doía ferozmente, mas mais rachaduras foram se espalhando por toda a pedra; iria explodir completamente, deixando que o Damon que ela segurava fosse para fora – e ele estava bêbado demais com orgulho e alegria, sim, alegria, para ligar. Rachaduras estavam se espalhando em todas as direções, pedaços de pedra voando para longe...

Bonnie o empurrou para longe.

Ela tinha uma força surpreendente para alguém com uma estrutura tão frágil. Ela se empurrou completamente para fora de seus braços. Sua expressão tinha mudado radicalmente de novo: agora seu rosto mostrava apenas medo e desespero – e, sim, repulsa.

"Socorro! Alguém, por favor, ajude!" Seus olhos castanhos estavam enormes e agora o rosto dela estava branco novamente.

Stefan tinha se virado. Tudo o que ele viu foi o que a Meredith viu, saindo em disparada por sob seu braço do outro cômodo, ou o que Matt viu, tentando espiar no pequeno e superlotado banheiro: Bonnie agarrando ferozmente sua toalha, tentando fazê-la se cobrir, e Damon de joelhos na banheira, seu rosto sem expressão.

"Por favor, ajudem. Ele me ouviu chamar – eu conseguia senti-lo do outro lado – mas ele só observou. Ele ficou parado e observou todos nós morrendo. Ele quer todos os seres humanos mortos, com o nosso sangue caindo em degraus brancos em algum lugar. Por favor, tirem ele de perto de mim!"

Então. A pequena bruxa era mais eficiente do que ele tinha imaginado. Não era incomum reconhecer que alguém estava recebendo suas transmissões – você recebe respostas – mas para identificar o indivíduo era preciso talento. Além disso, ela obviamente ouviu o eco de alguns de seus pensamentos. Ela era talentosa, a sua pássara... não, não a sua pássara, não com ela olhando para ele com um olhar tão próximo ao ódio quanto Bonnie conseguia.

Houve um silêncio. Damon teve uma chance de negar a acusação, mas por que se preocupar? Stefan seria capaz de avaliar a verdade daquilo. Talvez Bonnie, também.

Repulsão estava voando de rosto para rosto, como se fosse uma rápida doença contagiosa.

Agora Meredith estava correndo para frente, agarrando outra toalha. Ela tinha algum tipo de bebida quente na sua outra mão – chocolate quente, pelo



cheiro. Era quente o suficiente para ser uma arma eficaz – não há modo de se esquivar de tudo aquilo, não para um vampiro cansado.

"Aqui," ela disse para Bonnie. "Você está segura. Stefan está aqui. Eu estou aqui. Matt está aqui. Pegue essa toalha; vamos apenas colocá-la em torno de seus ombros."

Stefan tinha ficado de pé silenciosamente, assistindo tudo aquilo – não, assistindo o seu irmão. Agora, o seu rosto endurecendo definitivamente, ele disse uma palavra.

"Fora."

Dispensado como um cão. Damon buscou seu casaco atrás dele, e desejou que ao buscar seu senso de humor pudesse ser tão bem sucedido quanto. Os rostos em torno dele eram todos iguais. Eles poderiam ter sido esculpidos em pedra.

Mas não eram pedras tão duras como a pedra que estava se juntando novamente em torno de sua alma. Essa pedra era notavelmente rápida para se consertar – e uma camada extra foi adicionada, como as camadas de uma pérola, mas não cobria nada tão bonito assim.

Seus rostos eram ainda os mesmos enquanto Damon tentava sair do pequeno cômodo que comportava pessoas demais. Alguns deles estavam falando; Meredith com Bonnie, Mutt – não, Matt – esbravejando um fluxo de puro ódio ácido... mas Damon não ouviu as palavras de verdade. Aqui ele podia sentir o cheiro de muito sangue. Todos tinham pequenos machucados. Seus aromas individuais – animais diferentes no rebanho – se fecharam sobre ele. Sua cabeça estava girando. Ele tinha de sair dali ou ele ia arrebatá-la e drená-la até secar. Agora, ele estava mais do que tonto; ele estava muito quente, muito... sedento.

Muito, muito sedento. Ele tinha trabalhado por um longo período sem se alimentar e agora ele estava rodeado de presas. Elas estavam cercand-o. Como ele podia se impedir de agarrar apenas um deles? Um deles realmente faria falta?

E lá estava aquela que ele não tinha visto ainda, e que não queria ver. Testemunhar as feições amáveis de Elena retorcidas na mesma máscara de repulsa que ele vira no rosto de todos os outros aqui... desagradável, ele pensou, o seu velho sentimento de indiferença finalmente voltando a ele.

Mas isso não podia ser evitado. Enquanto Damon saía do banheiro, Elena estava bem na frente dele, flutuando como uma enorme borboleta. Seus olhos foram atraídos para exatamente o que ele não queria ver: a sua expressão.

As feições de Elena não eram iguais as dos outros. Ela parecia preocupada, chateada. Mas não havia um traço de nojo ou ódio que aparecia em todos os outros rostos.

Ela até falou, na estranha voz-mental que não era, de alguma forma, como telepatia, mas que a permitia ficar em dois níveis de comunicação de uma só vez.



"Da—mon."

Conte sobre os malach. Por favor.

Damon apenas levantou uma sobrancelha para ela. Contar a um bando de humanos sobre ele mesmo? Ela estava sendo deliberadamente ridícula?

Além disso, os malach não tinham feito nada realmente. Tinham lhe distraído por alguns minutos, isso era tudo. Não havia propósito em culpar os malach quando tudo que eles tinham feito era aprimorar sua própria visão brevemente. Ele se perguntou se Elena tinha qualquer noção do conteúdo de seu pequeno devaneio noturno.

"Da—mon."

Eu posso ver. Tudo. Mas, ainda, por favor...

Oh, bem, talvez espíritos se habituassem a ver os podres de todo mundo. Elena não deu qualquer resposta aquele pensamento, então ele foi deixado no escuro.

No escuro. Que era o que ele estava acostumado, de onde ele tinha vindo. Eles iram para caminhos diferentes, os seres humanos para suas casas quentes e secas e ele para uma árvore na floresta. Elena iria ficar com Stefan, é claro.

É claro.

"Sob as circunstâncias, não vou dizer *au revoir*," disse Damon, com o seu deslumbrante sorriso para Elena, que olhou para ele gravemente. "Vamos apenas dizer 'adeus' e deixar por isso mesmo."

Não houve resposta dos humanos.

"Da—mon." Elena estava gritando agora.

Por favor. Por favor.

Damon começou a ir para o escuro.

Por favor...

Esfregando seu pescoço, ele continuou indo.



Capítulo 13

Muito mais tarde naquela noite, Elena não conseguia dormir. Ela não queria ficar encurralada dentro da Sala Alta, disse ela. Secretamente, Stefan se preocupava que queria ir lá fora e seguir o malach que tinha atacado o carro. Mas ele não achava que ela era capaz de mentir, e ela continuava batendo contra a janela fechada, sussurrando para ele que ela só queria ar. Ar exterior.

"Devíamos colocar uma roupa em você."

Mas Elena estava confusa – e cabeça-dura. É de Noite... Este é o meu Vestido de Noite, disse ela. Você não gostou do meu Vestido de Dia. Então ela bateu na janela novamente. Seu "Vestido de Dia" tinha sido a camisa azul dele, que, com cinto, parecia uma camisola muito curta nela, indo até o meio das coxas.

Agora o que ela queria se encaixava com os próprios desejos dele tão completamente que ele se sentia... um pouco culpado sobre a perspectiva. Mas ele deixou-se convencer.

Eles se afastaram, de mãos dadas, Elena como um fantasma ou um anjo em sua camisola, Stefan todo de preto, sentindo-se quase desaparecer onde as árvores obscureciam o luar. De alguma forma, eles acabaram na Velha Floresta, onde esqueletos de árvores misturavam-se com os ramos vivos. Stefan esticou seus novos e melhorados sentidos para longe, mas só conseguiu achar os habitantes normais da floresta, lentamente e hesitantemente retornando após terem sido assustados pelo ataque de Poder de Damon. Ouriços. Veado. Raposas de caça, e uma pobre raposa-fêmea com dois filhotinhos gêmeos, que não fora capaz de correr por causa de seus filhotes. Aves. Todos os animais que ajudavam a floresta a ser o lugar maravilhoso que ela era.

Nada que parecesse com malach ou parecesse que pudesse causar algum dano.

Ele começou a se perguntar se Damon tinha simplesmente inventado a criatura que havia influenciado ele. Damon era um mentiroso tremendamente convincente.

Ele estava dizendo a verdade, Elena cantarolou. Mas ou era invisível ou tinha ido embora agora. Por causa de você. Seu Poder.

Ele olhou para ela e encontrou-a olhando para ele com um misto de orgulho e outra emoção que era facilmente identificada – mas assustadora de se ver do lado de fora.

Ela levantou o rosto, suas linhas clássicas puras e pálidas sob o luar.

Seu rosto estava rosa Pink, do rubor, e seus lábios estavam ligeiramente franzidos.



Ah... diabos, Stefan pensou descontroladamente.

"Depois de tudo que você passou," começou ele, e cometeu o seu primeiro erro. Ele tomou posse dos braços dela. Ali, algum tipo de sinergia entre o seu Poder e o dela começou a levá-los, em uma espiral muito devagar, para cima.

E ele podia sentir o calor dela. A suavidade doce do seu corpo. Ela ainda estava à espera, de olhos fechados, por seu beijo.

Nós podemos começar tudo de novo, ela sugeriu esperançosamente.

E isso era verdade. Ele queria devolver para ela as sensações que ela tinha dado a ele em seu quarto. Ele queria abraçá-la fortemente; queria beijá-la até ela estremecer. Ele queria fazê-la derreter e desmaiar com isso.

Ele poderia fazer isso também. Não só porque você aprendia uma ou duas coisas sobre mulheres quando se é um vampiro, mas porque ele conhecia Elena. Eles realmente eram um só coração, uma alma. *Por favor?* Elena sussurrou.

Mas ela era tão jovem agora, tão vulnerável em sua pura camisola branca, com sua pele creme e a pele rosa de do rubor, antecipando. Não poderia ser certo tirar proveito de alguém assim.

Elena abriu seus olhos azul-violeta, prateados pelo luar, e olhou diretamente para ele.

Você quer... Ela disse com sobriedade na boca, mas travessura em seus olhos... *ver quantas vezes você consegue me fazer dizer, por favor?*

Deus, não. Mas isso soou tão maduro que Stefan impotentemente a puxou para seus braços. Ele beijou o topo de sua cabeça sedosa. Ele foi beijando abaixo dela, só evitando sua pequena boca de botão de rosa que ainda estava franzida em uma solitária súplica. *Eu te amo. Eu te amo.* Ele percebeu que ele estava quase esmagando suas costelas e tentou soltá-la, mas Elena segurava tão firmemente quanto podia, segurando seus braços ao redor dela.

Você quer – o cantarolar era o mesmo, inocente e ingênuo – *ver quantas vezes eu posso fazer você dizer, por favor?*

Stefan olhou para ela por um momento. Então, como uma espécie de selvageria em seu coração, ele caiu na pequena boca de botão de rosa e beijou-a sem fôlego, beijou-a até ele mesmo se sentir tão tonto que teve que soltá-la, apenas por dois ou cinco centímetros.

Então ele olhou nos olhos dela novamente. Uma pessoa podia se perder olhos como esse, podia cair para sempre em suas profundezas violeta estrelada. Ele queria isso. Mas mais que isso, ele queria algo mais.

"Eu quero te beijar," ele sussurrou, bem na entrada de sua orelha direita, mordendo-a.



Sim. Ela estava certa sobre isso.

"Até você desmaiar em meus braços."

Ele sentiu o arrepio percorrer o corpo dela. Ele viu os olhos violetas ficarem nebulosos, fechando parcialmente. Mas para sua surpresa recebeu de volta uma resposta imediata, mesmo que ligeiramente ofegante, "Sim," disse Elena em voz alta.

E assim ele fez.

Bem perto de desmaiar, com pequenos calafrios passando por ela, e com gritinhos que ele tentava parar com sua própria boca, ele a beijou. E depois, porque estava na Hora, e porque os calafrios estavam começando a ficar dolorosos para eles, e a respiração de Elena estava tão rápida e dura quando ele a deixava respirar que ele estava realmente com medo de que ela pudesse desmaiar, ele solenemente usou a sua unha para abrir uma veia em seu pescoço para ela.

E Elena, que já tinha sido apenas humana, e teria ficado horrorizada com a idéia de beber sangue de outra pessoa, apertou-se a ele com um pequeno som abafado de alegria. E então ele pôde sentir sua boca quente, quente contra a carne de seu pescoço, e ele a sentiu estremecer fortemente, e sentiu a sensação inebriante de ter seu sangue retirado por aquela que ele amava. Ele queria derramar todo o seu ser em frente à Elena, dar a ela tudo o que ele era, ou tudo o que ele seria. E ele sabia que esta era a forma como ela tinha se sentido, deixando-o beber seu sangue. Esse era o vínculo sagrado que eles compartilhavam.

Isso fez ele se sentir como se eles tivessem sido amantes desde o início do universo, desde o primeiro aparecer da primeira estrela da escuridão. Era algo muito primitivo, e muito profundo engrenado nele. Quando ele sentiu pela primeira vez o fluxo de sangue na boca dela, ele teve que sufocar um grito contra o cabelo dela. E então ele sussurrava para ela, coisas ferozes e involuntárias sobre como ele a amava e como eles nunca poderiam se separar, e carinhos e absurdos arrancados dele em uma dúzia de línguas diferentes. E então não houve mais palavras, apenas sentimentos.

E assim eles lentamente forem para cima em espiral até a luz do luar, a camisola branca às vezes se agarrando em volta das pernas vestidas de preto dele, até que eles chegaram ao topo das árvores, vivos e de pé, mas mortos.

Era uma cerimônia muito solene e muito privada deles próprios, e eles estavam perdidos demais na alegria para ficar de olho no perigo. Mas Stefan já havia verificado isso, e ele sabia que Elena também. Não havia perigo; só havia os dois, flutuando e sacudindo com a lua brilhando por cima deles como uma bênção.



Uma das coisas mais úteis que Damon havia aprendido recentemente – mais útil do que voar, apesar de que isso tinha sido algo muito divertido – era esconder absolutamente a sua presença.

Ele teve que derrubar todas as suas barreiras, é claro. Elas apareceriam até mesmo em um escaneamento casual. Mas isso não importava, porque se ninguém pudesse vê-lo, ninguém poderia encontrá-lo. E, portanto, ele estava seguro. Q.E.D*. Q.E.D. Significa “quod erat demonstrandum”, latim para “o que será demonstrado”.

Mas hoje à noite, depois de sair da pensão, ele tinha ido para a Velha Floresta para encontrar uma árvore para descontar toda sua raiva.

Não é que ele se importasse o que o lixo humano pensava dele, ele pensou venenosamente. Seria como se preocupar com o pensamento de uma galinha logo antes de lhe apertar seu pescoço. E, de todas as coisas com que menos se importava, a opinião de seu irmão era a número um.

Mas Elena tinha estado lá. E mesmo se ela tivesse compreendido – tinha se esforçado para conseguir que os outros compreendessem – era simplesmente muito humilhante, sido expulso na frente dela.

E assim ele se retirou, ele pensou amargamente, no único refúgio que ele poderia chamar de lar. Apesar de isso ser um pouco ridículo, pois ele poderia ter passado a noite no melhor hotel em Fell’s Church (o único hotel) ou com qualquer número de garotas doces que pudessem convidar um viajante cansado para beber... água. Uma onda de Poder para colocar os pais para dormir, e ele poderia ter tido abrigo, bem como um lanche quente e disposto, até de manhã.

Mas ele estava com um humor cruel, e ele só queria ficar sozinho. Ele estava com um de medo de caçar. Ele não seria capaz de controlar a si mesmo com um animal em pânico em seu atual estado de espírito. Tudo que ele conseguia pensar era rasgar e despedaçar e fazer alguém muito, muito infeliz.

Os animais estavam voltando, porém, ele notou, cuidadoso para usar somente sentidos comuns e nada que traísse sua presença. A noite de terror havia acabado para eles, e eles tendiam a ter uma memória muito curta.

Então, bem quando ele estava se deitando em um galho, desejando que Mutt, pelo menos, tivesse sofrido algum tipo de ferimento doloroso e duradouro, eles apareceram. Do nada, aparentemente. Stefan e Elena, de mãos dadas, flutuando como um par de amantes alados felizes de Shakespeare, como se a floresta fosse a casa deles.

Ele não tinha sido capaz de acreditar nisso de primeira.

E então, bem quando ele estava prestes a trazer a casa abaixo e começar com sarcasmo sobre eles, eles tinham iniciado a sua cena de amor.



Bem na frente de seus olhos.

Até mesmo flutuando até o seu nível, como se para esfregar na cara. Eles começaram a se beijar e a fazer carícias e... mais coisas.

Eles o tornaram em um voyeur relutante, apesar de ele ter ficado mais irritado e menos relutante à medida que o tempo passava e carícias deles se tornaram mais passionais. Ele teve que cerrar seus dentes, quando Stefan ofereceu seu sangue a Elena. Teve vontade de gritar que houvera um tempo em que esta menina estava facilmente à sua disposição, quando ele poderia ter drenado ela e ela teria morrido felizmente em seus braços, quando ela tinha obedecido ao som de sua voz instintivamente e o gosto de seu sangue a fazia alcançar o céu em seus braços.

Como ela obviamente estava alcançando nos braços de Stefan.

Isso foi o pior. Ele teve que cavar suas unhas em sua palma quando Elena se enrolou em torno de Stefan como uma serpente graciosa e comprida e tinha prendido a boca contra o pescoço dele, como o rosto de Stefan tinha virado em direção ao céu, com os olhos fechados.

Pelo amor de todos os demônios no inferno, por que eles simplesmente não acabavam logo com isso?

Foi quando ele percebeu que ele não estava sozinho em sua árvore bem-escolhida e confortável.

Havia alguém mais ali, sentado calmamente ao lado dele no ramo grande. Ele deve ter surgido enquanto ele estava absorto na cena de amor e em sua própria fúria, mas ainda assim, isso fazia dele muito, muito bom. Ninguém havia se esgueirado ao lado dele sem ele perceber por mais de dois séculos. Três, talvez.

O choque o fez cair do galho – sem usar a sua capacidade vampíresca de flutuar.

Um longo braço magro estendeu-se para pegá-lo, lançando-lhe para segurança, e Damon encontrou-se olhando um par de olhos dourados rindo.

Quem diabos é você? ele enviou. Ele não se preocupou com isso sendo captado pelos amantes à luz do luar. Nada menos do que um dragão ou uma bomba atômica seria capaz de capturar a atenção deles agora.

Eu sou o diabo Shinichi, o outro garoto respondeu. Seu cabelo era o mais estranho que Damon havia visto ultimamente. Era liso e brilhante e preto em toda parte, exceto por uma franja vermelho escura desigual nas pontas. A franja jogada descuidadamente para longe de seus olhos terminava em rubro, assim como os fiozinhos por todo o colarinho – já que ele usava-o ligeiramente comprido. Parecia como se línguas de chamas dançantes e brilhantes estivessem lambendo as extremidades dele, e isso dava uma ênfase singular para a sua resposta: *Eu sou o diabo Shinichi*. Se alguém pudesse se passar como um diabo vindo direto do Inferno, esse menino podia.



Por outro lado, seus olhos eram os olhos de ouro puro de um anjo. *A maioria das pessoas me chama apenas de Shinichi*, ele acrescentou sobriamente para Damon, deixando esses olhos enrugarem um pouco para mostrar que era uma piada. Agora você sabe o meu nome. Quem é você?

Damon simplesmente olhou para ele em silêncio.



Capítulo 14

Elena acordou na manhã seguinte na cama estreita de Stefan. Ela reconheceu isso antes que estivesse completamente acordada e pediu aos céus que tivesse dado uma desculpa razoável para a tia Judith na noite anterior. A noite anterior – o próprio conceito era extremamente indistinto. O que ela sonhara para fazer desse despertar tão extraordinário? Ela não conseguia se lembrar – credo, ela não conseguia se lembrar de nada!

E então ela se lembrou de tudo.

Sentando-se com um solavanco que a teria mandado rapidinho para fora da cama caso ela tivesse tentado isso ontem, ela vasculhou suas lembranças.

Luz do dia. Ela se lembrava da luz do dia, a luz toda nela – e ela não estava com seu anel. Ela olhou freneticamente para ambas as mãos. Nada de anel. E ela estava sentada numa coluna de luz solar e isso não a machucava. Não era possível. Ela sabia, ela se lembrava com cada memória crua que impregnava cada célula de seu corpo, que a luz solar a mataria. Ela tinha aprendido essa lição com um único toque de raio solar em sua mão. Ela nunca se esqueceria da dor abrasadora e escaldante: o toque que tinha impresso esse comportamento nela para sempre. Não ir a lugar algum sem o anel de lápis-lazúli, que por si só já era bonito, mas mais bonito por saber que ele era seu salvador. Sem ele, ela poderia, ela iria...

Oh. Oh.

Mas ela já tinha, não tinha?

Ela tinha morrido.

Não tinha simplesmente se Transformado como quando ela tinha virado vampira, mas morrido de verdade, daquele tipo que ninguém volta. Em sua filosofia pessoal, ela deve ter se desintegrado em átomos anônimos, ou ido diretamente para o inferno.

Ao invés disso, ela não tinha realmente ido a lugar algum. Ela tivera alguns sonhos sobre figuras paternas ou maternas dando-lhe conselhos – e de querer muito ajudar as pessoas, que, de repente, estavam bem mais fáceis de serem entendidas. O valentão de escola? Ela tinha observado tristemente como seu pai bêbado tinha descontado sua própria fúria nele noite após noite. Aquela garota que nunca faz sua lição de casa? Esperavam que ela criasse três irmãs e irmãos mais novos enquanto sua mãe repousava na cama o dia todo. Só alimentar e limpar o bebê tomava todo o tempo que ela tinha. Havia sempre uma razão por trás de cada comportamento, e agora ela conseguia ver isso.

Ela tinha até mesmo se comunicado com pessoas através de seus sonhos. E então um dos Antigos tinha chegado a Fell's Church, e tudo que ela conseguiu



fazer foi suportar a interferência dele e não fugir. Ele fez com que os humanos chamassem pela ajuda do Stefan – e Damon fora convocado acidentalmente também. E Elena havia ajudado-os como pudera, mesmo quando tivera sido quase insuportável, porque os Antigos conheciam o amor e que partes apertar e como fazer seus inimigos correrem em todas as direções certas. Mas ele tinha lutado contra ele – e eles tinham vencido. E Elena, tentando curar as feridas mortais de Stefan, tinha de algum modo se tornado mortal novamente: nua, deitada no chão da Floresta Antiga, com a jaqueta de Damon sobre ela, enquanto o próprio Damon tinha desaparecido sem esperar pelos agradecimentos.

E aquele despertar fora um de coisas básicas: coisas dos sentidos: toque, paladar, audição, visão – e do coração, mas não da cabeça. Stefan fora tão bom pra ela.

“E agora, o que eu sou?” Elena disse em voz alta, encarando enquanto virava suas mãos de um lado para o outro, admirando a carne sólida e mortal que obedecia às leis da gravidade. Ela dissera que desistiria de voar por ele. Alguém tinha levado sua frase a sério.

“Você é linda,” Stefan respondeu distraidamente, não se movendo. Então de repente ele se levantou como um foguete. “Você está falando!”

“Eu sei que estou.”

“E está fazendo sentido!”

“Obrigada pela sua bondade.”

“E em frases!”

“Eu notei.”

“Vá, então, e diga algo longo – por favor,” Stefan disse como se não acreditasse nisso.

“Você está passando tempo demais com os meus amigos,” Elena disse. “Essa frase tem o atrevimento da Bonnie, a cortesia do Matt, e a insistência aos fatos da Meredith.”

“Elena, é você!”

Ao invés de continuar esse diálogo bobo com “Stefan, sou eu!” Elena parou para pensar. Então, ela saiu da cama cuidadosamente e deu um passo. Stefan olhou para longe afobadamente, dando-lhe um robe. Stefan? Stefan?

Silêncio.

Quando Stefan se virou após um intervalo decente, ele viu Elena se ajoelhando na luz do sol segurando o robe.

“Elena?” Ela sabia que, para ele, ela parecia com um anjo muito jovem meditando.



“Stefan.”

“Mas você está chorando.”

“Eu sou humana novamente, Stefan.” Ela ergueu uma mão, deixou-a cair na pegada da gravidade. “Eu sou humana novamente. Não mais, não menos. Eu acho que só levei alguns dias para voltar totalmente.”

Ela olhou nos olhos dele. Eles sempre foram olhos tão, tão verdes. Como um cristal verde com um pouco de luz impedida atrás deles. Como uma folha de verão segurada perante o sol.

Eu posso ler a sua mente.

“Mas eu não posso ler a sua, Stefan. Eu só consigo ter uma sensação geral, e mesmo isso talvez se vá... não podemos depender de nada.”

Elena, eu tenho tudo que eu quero nesse quarto. Ele deu um tapinha na cama. Sente ao meu lado e eu poderei dizer “tudo o que eu quero está nessa cama.”

Ao invés, ela se levantou e se jogou nele, os braços ao redor de seu pescoço, as pernas emaranhadas nas dele. “Eu ainda sou muito jovem,” ela sussurrou, segurando-o apertadamente. “E se contar em dias, não tivemos muitos dias juntos como esse, mas—”

“Eu ainda sou velho demais para você. Mas ser capaz de olhar para você e vê-la olhando de volta para mim—”

“Diga-me que você me amará para sempre.”

“Eu te amarei para sempre.”

“Não importa o que acontecer.”

“Elena, Elena – eu te amei como mortal, como vampira, como um espírito puro, como uma criança espiritual – e agora como humana novamente.”

“Prometa que ficaremos juntos.”

“Nós ficaremos juntos.”

“Não. Stefan, sou eu...” Ela apontou para sua cabeça como se para enfatizar que atrás de seus olhos azuis pontilhados por dourado havia uma mente brilhante e ativa girando em sobre-marcha. “Eu te conheço. Mesmo que eu não consiga ler sua mente, eu consigo ler seu rosto. Todos os antigos temores – eles estão de volta, não estão?”

Ele olhou para longe. “Eu nunca te deixarei.”

“Nem por um dia? Nem por uma hora?”



Ele hesitou e então olhou para ela. *Se é isso que você realmente quer. Eu não te deixarei, nem por uma hora.* Agora ele estava projetando, ela sabia, já que ela podia ouvi-lo.

“Eu te liberto de todas as suas promessas.”

“Mas, Elena, eu falei sério.”

“Eu sei. Mas quando você se for, eu não quero que a culpa por tê-las quebrado paire sobre você também.”

Mesmo sem telepatia, ela conseguia afirmar o que ele estava pensando devido a um minúsculo matiz de nuance: Entretenha ela. Afinal de contas, ela tinha acabado de acordar. Ela estava provavelmente um pouco confusa. E ela não estava interessada em ficar menos confusa, ou em deixá-lo menos confuso. Devia ser por isso que ela estava mordiscando seu queixo gentilmente. E beijando-o. Certamente, Elena pensou, um dos dois estava confuso...

O tempo parecia se esticar e então parar ao redor deles. E então nada mais estava confuso. Elena sabia que Stefan sabia o que ela queria, e ele queria o que quer que ela quisesse que ele fizesse.



Bonnie encarou os números em seu celular, preocupada. Stefan estava ligando. Então ela correu uma mão apressada pelo seu cabelo, afofando os cachos, e recebeu a chamada de vídeo.

Mas ao invés de Stefan era Elena. Bonnie começou a dar risadinhas, começou a dizer para ela não brincar com os brinquedos de gente grande do Stefan – e então ela encarou.

“Elena?”

“Eu vou receber isso toda vez? Ou só da minha irmã-bruxa?”

“Elena?”

“Desperta e boa como nova,” Stefan disse, entrando na imagem. “Nós ligamos assim que acordamos—”

“Ele— mas é meio-dia!” Bonnie falou impulsivamente.

“Estivemos ocupados com isso e aquilo,” Elena cortou suavemente, e ah, como era bom ouvir Elena falar desse jeito! Parcialmente inocente e totalmente



convencida sobre isso, fazendo você querer chacoalhá-la e implorar a ela por cada detalhe travesso.

“Elena,” Bonnie arfou, usando a parede mais próxima para suporte, e então deslizando por ela, e permitindo uma braçada de meias, camisetas, pijamas, e roupas de baixo cair abundantemente no carpete, enquanto lágrimas começavam a vazar de seus olhos. “Elena, eles disseram que você tem que deixar Fell’s Church – você irá?”

Elena se conteve. “Eles disseram o quê?”

“Que você e Stefan teriam que ir embora para o seu próprio bem.”

“Nunca nesse mundo!”

“Amorzinho ado—” começou Stefan, e então ele parou abruptamente, abrindo e fechando sua boca.

Bonnie encarou. Tinha acontecido no final da tela, fora da vista, mas ela podia quase jurar que o amorzinho adorável de Stefan tinha acabado de acotovelá-lo no estômago. “Marco zero, às duas horas?” Elena perguntava.

Bonnie voltou para a realidade com um estalo. Elena nunca te dava tempo para refletir. “Eu estarei lá!” ela gritou.



“Elena,” Meredith ofegou. E então, “Elena!” como um soluço parcialmente engolido. “Elena!”

“Meredith. Ah, não me faça chorar, essa blusa é seda pura!”

“É seda pura porque é a minha blusa de sári de seda pura, é por isso!”

Elena de repente pareceu tão inocente quanto um anjo. “Sabe, Meredith, parece que eu fiquei bem mais alta ultimamente—”

“Se o final da sentença é ‘então realmente me serve melhor’— a voz de Meredith estava ameaçadora— “então eu estou te avisando, Elena Gilbert...” Ela dissipou, e ambas as garotas começaram a rir e então a chorar. “Pode ficar! Ah, pode ficar!”



"Stefan?" Matt acenou seu celular – primeiro cuidadosamente, depois o batendo na parede da garagem. "Eu não consigo ver—" Ele parou, engoliu em seco. "E-le-na?" A palavra saiu devagar, com uma pausa entre cada sílaba.

"Sim, Matt. Estou de volta. Até mesmo aqui em cima." Ela apontou para sua testa. "Você se encontra conosco?"

Matt, inclinado contra seu carro recém-comprado, quase ligado, estava resmungando, "Obrigado Deus, obrigado Deus," repetitivamente.

"Matt? Não consigo te ver. Você está bem?" Sons farfalhantes. "Eu acho que ele desmaiou."

A voz do Stefan: "Matt? Ela realmente quer te ver."

"É, é." Matt levantou sua cabeça, piscando para o celular. "Elena, Elena..."

"Eu sinto tanto, Matt. Você não tem que vir—"

Matt riu brevemente. "Tem certeza que você é a Elena?"

Elena sorriu aquele sorriso que tinha quebrado mil corações. "Neste caso - Matt Honeycutt, eu insisto que você venha nos encontrar no Marco Zero às duas horas. Está melhor assim?"

"Eu acho que você quase acertou. A velha Postura Imperial da Elena." Ele tossiu teatralmente, fungou, e disse, "Perdão – eu fiquei um pouco resfriado; ou é alergia, talvez."

"Não seja bobo, Matt. Você está chorando como um bebê, assim como eu," Elena disse. "Assim como a Bonnie e a Meredith, quando eu liguei para elas. Então eu estive chorando quase o dia todo – e a essa altura eu terei que me virar para preparar o piquenique e chegar a tempo. Meredith está planejando passar para te pegar. Leve algo para beber ou comer. Te amo!"



Elena desligou o telefone, respirando arduamente.

"Agora, isso foi difícil."

"Ele ainda te ama."

"Ele preferia que eu permanecesse um bebê a minha vida toda?"

"Talvez ele gostasse do jeito que você costumava dizer 'olá' e 'adeus.'"

"Agora você está me provocando." Elena tiritou seu queixo.



“Nunca nesse mundo,” Stefan disse suavemente. Então, de repente, ele agarrou a mão dela. “Vamos – nós vamos fazer compras para o piquenique e comprar um carro também,” ele disse, puxando-a para cima.

Elena assustou a ambos ao voar para cima tão rapidamente que Stefan teve que agarrá-la pela cintura para impedi-la de atingir o teto.

“Eu achei que você tivesse gravidade!”

“Eu também! O que eu faço?”

“Pense em pensamentos pesados!”

“E se não funcionar?”

“Nós te compraremos uma âncora!”



Às duas horas, Stefan e Elena chegaram ao cemitério de Fell’s Church em um Jaguar vermelho novinho em folha; Elena usava óculos escuros sob um lenço com todo o seu cabelo preso debaixo, um cachecol ao redor da parte inferior de seu rosto, e mitenes pretas de renda emprestadas dos dias de moça da Sra. Flowers, o que ela admitiu que não sabia por que estava usando. Ela era uma figura e tanto, Meredith disse, com o sári violeta e a calça jeans. Bonnie e Meredith já tinham estendido uma toalha para o piquenique, e as formigas estavam provando sanduíches e uvas e salada de massa de baixa caloria.

Elena contou a história de como tinha acordado essa manhã, e então houve mais abraços e beijos e choros que os machos conseguiam agüentar.

“Você quer ver a floresta por aqui? Checar se aqueles negócios malach estão ao redor?” Matt disse para Stefan.

“É melhor que não estejam,” Stefan disse. “Se as árvores de tão longe, onde você teve seu acidente estão infestadas–”

“Não é bom?”

“Um problema sério.”

Eles estavam prestes a ir quando Elena os chamou de volta.

“Vocês podem parar de ficar todos machões e superiores,” ela acrescentou. “Suprimir suas emoções é ruim para vocês. Expressá-las mantêm vocês bem equilibrados.”



“Escuta, você é mais durona do que eu achava,” Stefan disse. “Fazendo piquenique no cemitério?”

“Nós costumávamos encontrar a Elena aqui o tempo todo,” Bonnie disse, apontando para uma lápide próxima com um pedaço de aipo.

“É a sepultura dos meus pais,” Elena explicou simplesmente. “Após o acidente – eu sempre me senti mais próxima deles aqui do que em qualquer outro lugar. Eu vinha aqui quando as coisas ficavam ruins, ou quando eu precisava que uma pergunta fosse respondida.”

“Você alguma vez conseguiu respostas?” Matt perguntou, pegando um pepino em conserva caseira de uma jarra de vidro e passando a jarra adiante.

“Eu não tenho certeza, mesmo agora,” Elena disse. Ela tinha tirado os óculos escuros, o cachecol, o lenço de cabeça, e as mitenes. “Mas sempre me faz sentir melhor. Por quê? Você tem uma pergunta?”

“Bem – sim,” Matt disse inesperadamente. Então ele corou à medida que se encontrou, de repente, no centro das atenções. Bonnie rolou para encará-lo, o talo do aipo em seus lábios, Meredith se aproximou, Elena se sentou. Stefan, que estivera inclinado contra uma lápide elaborada com uma graça inconsciente de vampiro, se sentou.

“O que é, Matt?”

“Eu ia dizer que você não parecia bem hoje,” Bonnie disse ansiosamente.

“Obrigado,” Matt retrucou.

Lágrimas uniram-se nos olhos castanhos de Bonnie. “Eu não quis dizer—”

Mas ela não conseguiu terminar. Meredith e Elena se aproximaram protetoramente ao redor dela na unidade de infantaria do que elas chamavam de “irmandade velociráptor.” Queria dizer que qualquer um que mexesse com uma delas estava mexendo com todas.

“Sarcasmo ao invés de cavalheirismo? Esse não é o Matt que eu conheço.” Meredith falou com uma sobrelanceira levantada.

“Ela só estava tentando ser solidária,” Elena apontou silenciosamente. “E aquela foi uma retaliação barata.”

“Está bem, está bem! Eu sinto muito, realmente sinto muito, Bonnie” - ele se virou na direção dela, parecendo envergonhado - “Foi uma coisa feia de se dizer e eu sei que você estava apenas tentando ser boazinha. Eu só – eu não sei mesmo o que estou fazendo ou dizendo. De qualquer jeito, você quer ouvir o negócio,” ele terminou, parecendo defensivo, “ou não?”

Todos queriam.



“Está bem, aqui vai. Eu fui visitar Jim Bryce está manhã – vocês se lembram dele?”

“Claro. Eu sei com ele. Capitão do time de basquete. Cara legal. Um pouco novo, mas...” Meredith deu de ombros.

“Jim é legal.” Matt engoliu em seco. “Bem, é só que – eu não quero fofocar nem nada, mas–”

“Fofoca!” as três garotas comandaram em uníssono que ele fizesse, como um coro grego.

Matt cedeu. “Está bem, está bem! Bem – eu deveria estar lá às dez horas, mas eu fui um pouco mais cedo, e – bem, Caroline estava lá. Ela estava indo embora.”

Houve três pequenas arfadas chocadas e um olhar afiado de Stefan.

“Você quer dizer que acha que ela passou a noite com ele?”

“Stefan!” Bonnie começou. “Não é assim que a fofoca funciona apropriadamente. Você nunca diz de cara o que você acha–”

“Não,” Elena disse igualmente. “Deixe o Matt responder. Eu consigo me lembrar o bastante de antes que eu pudesse falar para estar preocupada com Caroline.”

“Mais do que preocupada,” Stefan disse.

Meredith assentiu. “Não é fofoca; é informação necessária,” ela disse.

“Está bem, então.” Matt engoliu em seco. “Bem, é, foi isso o que eu pensei. Ele disse que ela tinha vindo cedo para ver a irmã caçula dele, mas Tamra só tem quinze anos. E ele ficou vermelhão quando disse isso.”

Houve olhares sóbrios entre os outros.

“Caroline sempre foi... bem, vulgar,” começou Bonnie.

“Mas eu nunca ouvi falar de ela olhar duas vezes para o Jim,” terminou Meredith.

Elas olharam para Elena para uma resposta. Elena lentamente chacoalhou sua cabeça. “Eu certamente não consigo ver nenhuma razão mundana para ela visitar a Tamra. E além disso” – ela olhou rapidamente para Matt – “você está escondendo algo de nós, de algum jeito. O que mais aconteceu?”

“Algo mais aconteceu? A Caroline mostrou a lingerie dela?” Bonnie ria até que ela viu o rosto vermelho de Matt. “Ei – vamos lá, Matt. Somos nós. Você pode nos contar qualquer coisa.”

Matt tomou um longo fôlego e fechou seus olhos.



“Está bom, bem - enquanto ela saia, eu acho - eu acho que a Caroline... me fez uma proposta.”

“Ela fez o quê?”

“Ela nunca—”

“Como, Matt?” Elena perguntou.

“Bem – Jim achou que ela tinha ido embora, e ele foi para a garagem para pegar sua bola de basquete, e eu virei e de repente Caroline estava de volta, e ela disse - bem, não importa o que ela disse. Mas era sobre ela gostar mais de futebol americano do que de basquete e se eu queria entrar no jogo.”

“E o que você disse?” Bonnie ofegou, fascinada.

“Eu não disse nada. Eu só a encarei.”

“E então o Jim voltou?” Meredith sugeriu.

“Não! E então a Caroline foi embora – ela me deu esse olhar, sabe, que deixou as coisas bem claras sobre o que ela quisera dizer - e então a Tami entrou.” O rosto honesto de Matt estava em chamas agora. “E então – eu não sei como dizer isso. Talvez Caroline tenha dito algo sobre mim, sobre a fazer ela fazer isso comigo, porque ela – ela...”

“Matt.” Stefan mal tinha falado até esse momento; agora ele se inclinava para frente e falava silenciosamente. “Não estamos perguntando só porque queremos fofoca. Estamos tentando descobrir se há algo seriamente errado acontecendo em Fell’s Church. Então – por favor – simplesmente nos diga o que aconteceu.”



Capítulo 15

Matt assentiu, mas ele estava corando até as raízes de seu cabelo.

"Tami... pressionou-se contra mim."

Houve uma longa pausa.

Meredith disse levemente, "Matt, você quer dizer que ela abraçou você? Tipo um abraço enooooorme? Ou que ela..." Ela parou, porque Matt já estava balançando a cabeça veementemente.

"Não foi um enooooorme abraço inocente. Estávamos sozinhos, na entrada, e ela apenas... bem, eu não pude acreditar. Ela tem apenas quinze anos, mas ela agia como uma mulher adulta. Quero dizer... não que uma mulher adulta já tivesse feito *isso* comigo."

Parecendo envergonhado, mas aliviado por ter conseguido tirar isto de seu peito, o olhar de Matt foi de rosto em rosto. "Então o que você acha? Foi apenas uma coincidência que Caroline estivesse lá? Ou será que ela... disse algo a Tamra?"

"Não foi coincidência," disse Elena simplesmente. "Seria muita coincidência: Caroline dando em cima de você e em seguida Tamra agindo assim. Eu sei – eu conhecia Tami Bryce. Ela é uma boa garotinha – ou ela costumava ser."

"Ela ainda é," disse Meredith. "Eu disse a você, eu saí com Jim algumas vezes. Ela é uma menina muito boazinha, e nem um pouco madura para sua idade. Eu não acho que ela normalmente faria nada impróprio, a não ser..." Ela parou, olhando para a meia distância, e depois encolheu os ombros sem terminar a frase.

Bonnie pareceu séria agora. "Mas nós temos de parar isto," disse ela. "E se ela fizer isso com um cara que não é legal e tímido como Matt? Ela pode ser agredida!"

"Esse é o problema," disse Matt, ficando vermelho de novo. "Quero dizer, é bastante difícil... Se ela tivesse sido alguma outra garota, que eu estivesse saindo – não que eu saia em encontros com outras meninas..." ele acrescentou apressadamente, olhando para Elena.

"Mas você *devia* estar saindo em encontros," disse Elena firme. "Matt, eu não quero fidelidade eterna de você – não há nada que eu queira mais que vê-lo namorando uma boa garota." Como se por acaso, seu olhar vagueou para Bonnie, que agora tentava mastigar um aipo muito calma e primorosamente.

"Stefan, você é o único que pode nos dizer o que fazer," disse Elena, voltando-se para ele.

Stefan franzia a testa. "Eu não sei. Com apenas duas meninas, é muito difícil tirar conclusões."



"Então vamos esperar e ver o que Caroline – ou Tami – fazem a seguir?" Meredith perguntou.

"Não simplesmente esperar," disse Stefan. "Temos de descobrir mais sobre isso. Vocês podem ficar de olho em Caroline e em Tamra Bryce, e eu posso pesquisar sobre isso."

"Droga!" Elena disse, batendo no chão com um soco. "Eu quase posso—" Ela parou de repente e olhou para seus amigos. Bonnie tinha deixado cair seu aipo, arfando, e Matt tinha engasgado com sua Coca, começando um acesso de tosse. Até mesmo Meredith e Stefan olhavam para ela. "O quê?" disse ela sem expressão.

Meredith se recuperou primeiro. "É que ontem você era – bem, anjos muito jovens não xingam."

"Só porque eu morri duas vezes, quer dizer que eu tenho que dizer 'lerda' pelo resto da minha vida? "Elena balançou a cabeça. "Não. Eu sou eu e eu vou continuar sendo eu – quem quer que eu seja."

"Ótimo," disse Stefan, inclinando-se para beijar o alto de sua cabeça. Matt olhou para longe e Elena deu em Stefan um tapinha quase desdenhoso, mas pensando, *eu te amo pra sempre*, e sabendo que ele conseguia ouvir isso, mesmo que ela não pudesse ouvir seu pensamento em retorno. Na verdade, ela descobriu que conseguia captar sua resposta geral a isso, um rosa quente parecia pairar ao redor dele.

Era isso que a Bonnie via e chamava de aura? Ela percebeu que na maior parte do dia ela o tinha visto com um tipo de sombra esmeralda fraca e fria em torno dele – se sombras podem ser leves. E o verde estava retornando agora, enquanto o rosa desbotava.

Imediatamente ela olhou para o resto dos piqueniqueiros. Bonnie estava cercada por uma cor tipo rosa, indo para um rosa pálido. Meredith era um violeta intenso e profundo. Matt era um azul forte e claro.

A lembrava de que até ontem – *ontem?* – ela havia visto tantas coisas que ninguém mais podia ver. Incluindo algo de que ela tinha medo.

O que *podia* ser? Ela ficava tendo relampejos de imagens – pequenos detalhes que eram assustadores o bastante sozinho. Poderia ser tão pequeno quanto uma unha ou tão grande como um braço. Textura do tipo de uma casca de árvore, pelo menos no corpo. Antenas tipo a de insetos, mas muitas delas, e se movendo como chicotes, mais velozes do que qualquer inseto já as movera. Ela tinha essa sensação de se esconder sempre quando ela pensava em insetos. Era um inseto, então. Mas um inseto construído sobre um plano corporal diferente do que qualquer inseto que ela conheceria. Era mais como uma sanguessuga nesse sentido, ou uma lula. Tinha uma boca completamente circular, com dentes afiados por toda volta, e tentáculos demais que pareciam grossas vinhas açoitando nas costas.

Podia juntar-se a uma pessoa, ela pensou. Mas ela tinha uma terrível sensação de que poderia fazer mais que isso.



Poderia ficar transparente e entrar em você e você não sentiria mais que uma picada de agulha.

E então o que aconteceria?

Elena virou-se para Bonnie. "Você acha que se eu lhe mostrar o que algo parece, você poderia reconhecê-lo novamente? Não com os olhos, mas com os seus sentidos psíquicos?"

"Eu acho que depende do que o 'algo' é," Bonnie respondeu cautelosamente.

Elena olhou para Stefan, que deu uma breve mexida de cabeça.

"Então feche os olhos," disse ela.

Bonnie o fez, e Elena colocou a ponta dos dedos sobre as têmporas de Bonnie, com seus polegares escovando suavemente os cílios de Bonnie. Tentando ativar seus Poderes Brancos – algo que era tão fácil antes de hoje - era como bater duas rochas juntas para fazer uma fogueira e esperar que uma delas fosse sílex. Finalmente, ela sentiu uma pequena faísca, e Bonnie foi empurrada para trás.

Os olhos de Bonnie se abriram. "*O que foi isso?*" ela arfou. Ela estava respirando com dificuldade.

"Isso é o que eu vi – ontem."

"*Onde?*"

Elena disse lentamente, "Dentro de Damon."

"Mas o que isso significa? Ele o controlava? Ou... ou..." Bonnie parou e seus olhos se arregalaram.

Elena terminou a frase para ela. "Isso o controla? Eu não sei. Mas uma coisa que eu sei, quase com certeza. Quando ele ignorou o seu Chamado, Bonnie, ele estava sendo influenciado pelo malach."

"A questão é, *se não for Damon*, quem está controlando isso?" Disse Stefan, de pé novamente agitado. "Eu captei isso, e o tipo de criatura que Elena mostrou a você – não é algo com uma mente própria. Ele precisa de um cérebro de fora para ser controlado."

"Como outro vampiro?" Meredith perguntou calmamente.

Stefan deu de ombros. "Vampiros geralmente simplesmente os ignoram, porque os vampiros podem conseguir o que quiserem sem eles. Teria que ser uma mente muito forte para conseguir que um malach como esse possuísse um vampiro. Forte – e do mal."



"Aqueles," disse Damon com uma mordaz precisão gramatical, de onde estava sentado em um galho alto em um carvalho, "são eles. Meu irmão mais novo e seus... associados."

"Maravilhoso," murmurou Shinichi. Ele havia se esticado ainda mais graciosa e languidamente contra o carvalho do que Damon. Tornara-se um concurso implícito. Os olhos dourados de Shinichi haviam ficado dilatados uma vez ou duas vezes – Damon vira isso – ao ver Elena e a menção de Tami.

"Nem tente me dizer que você não está envolvido com essas meninas desordeiras," Damon adicionou secamente. "De Caroline a Tamra e em diante, esse é o objetivo, não é?"

Shinichi balançou a cabeça. Seus olhos estavam sobre Elena e ele começou a cantar uma música folk suavemente.

"Com bochechas como rosas florescendo

E cabelos como trigo dourado..."

"Eu não tentaria isso com *essas* meninas." Damon sorriu sem humor. Seus olhos estavam estreitos. "Tudo bem, elas parecem ser tão fortes quanto papel higiênico molhado – mas elas são mais duronas do que você pensa, e são as mais duronas de todas quando uma delas está em perigo."

"Eu lhe disse, não sou eu fazendo isso," disse Shinichi. Ele pareceu apreensivo pela primeira vez desde que Damon havia visto ele. Então ele disse, "Embora eu possa conhecer o causador."

"Diga," Damon sugeriu, ainda olhando estreito.

"Bem, eu mencionei minha irmã gêmea mais nova? O nome dela é Misao." Sorriu vencedormente. "Significa donzela."

Damon sentiu uma agitação automática de apetite. Ele a ignorou. Ele estava muito relaxado para pensar em caçar, e ele não estava muito certo se aquele *kitsune* – espírito da raposa que Shinichi alegava ser – poderia ser caçado. "Não, você *não* mencionou ela," Damon disse, distraidamente coçando a parte de trás de seu pescoço. Aquela picada de mosquito tinha sumido, mas havia deixado para trás uma furiosa coceira. "Você deve ter, de algum modo, se esquecido." *Acredita-se que as Kitsunes possuem uma inteligência superior, vida longa e poderes mágicos. A palavra kitsune é muitas vezes traduzida como espírito da raposa. No entanto, isso não significa que elas são fantasmas, ou que sejam diferentes de raposas normais. Porque a palavra espírito é usada para refletir um estado de conhecimento ou Iluminismo. Histórias as descrevem como seres inteligentes e com capacidades mágicas que aumentam com a sua idade e sabedoria. Entre estes poderes mágicos,*



tem a habilidade de assumir a forma humana — normalmente aparecem na forma de uma mulher bonita, uma jovem ou uma velha. Enquanto algumas histórias falam que as kitsunes usam essa habilidade apenas para enganar as pessoas — como muitas vezes fazem em folclores — outras histórias as retratam como guardiãs fiéis, amigas, amantes e esposas. Além da habilidade de assumir a forma humana, elas possuem os poderes de possessão, conseguem gerar fogo das suas caudas e da sua boca, o poder de aparecer nos sonhos e o de criar ilusões.

"Bem, ela está aqui em algum lugar. Ela veio quando eu vim, quando vimos a explosão de Poder que trouxe de volta... Elena. "

Damon tinha certeza de que a hesitação antes da menção do nome de Elena era falsa. Ele inclinou a cabeça no ângulo *não ache que você está me enganando* e esperou.

"Misao gosta de jogar," disse Shinichi simplesmente.

"Ah, sim? Como gamão, xadrez, taqui*, esse tipo de coisa? " *no original, 'Go Fish', um jogo de cartas simples. Normalmente é jogado por dois a cinco jogadores, embora, teoricamente, pode ser jogado com até dez.

Shinichi tossiu teatralmente, mas Damon pegou o brilho vermelho em seus olhos. Nossa, ele *era* realmente super protetor dela, não era? Damon lançou a Shinichi uns de seus sorrisos mais incandescentes.

"Eu a amo," o jovem com o cabelo preto lambido pelo fogo disse, e desta vez havia um aviso aberto em sua voz.

"Claro que você a ama," disse Damon em tons suaves. "Eu posso ver isso."

"Mas, bem, seus jogos normalmente têm o efeito de destruir uma cidade. Eventualmente. Não tudo de uma vez."

Damon deu de ombros. "Esta molécula de cidade não vai fazer falta. Claro, eu tiro as minhas garotas vivas primeiro." Agora era a sua voz que continha um aviso aberto.

"Do jeito que você gosta." Shinichi estava de volta a seu eu normal e submisso. "Somos aliados, e vamos manter o nosso acordo. De qualquer forma, seria uma vergonha desperdiçar... tudo isso." Seu olhar insinuou-se sobre Elena novamente.

"Aliás, não vamos nem discutir o pequeno fiasco com o seu malach e eu — ou os delas, se você insiste. Tenho certeza que eu vaporizei pelo menos três deles, mas se eu ver outro, a nossa relação comercial acabará. Eu sou um inimigo mau, Shinichi. Você não quer descobrir quão mau."

Shinichi pareceu adequadamente impressionado enquanto concordava. Mas no instante seguinte ele encarava Elena de novo, cantando.

"... cabelos como trigo dourado



por seus ombros brancos feito leite;

Minha linda rosa, minha doce..."

"E eu vou querer conhecer essa sua Misao. Para proteção dela."

"E eu sei que ela quer te conhecer. Ela está presa em seu jogo no momento, mas vou tentar arrastá-la para longe dele." Shinichi se alongou luxuosamente.

Damon olhou para ele por um momento. Então, distraído, ele também se alongou.

Shinichi o observava. E sorria.

Damon se perguntou sobre aquele sorriso. Ele havia notado que, quando Shinichi sorria, duas pequenas chamas de vermelho podiam ser vistas em seus olhos.

Mas ele estava realmente muito cansado para pensar nisso agora. Simplesmente relaxado demais. De fato, ele de repente sentiu muito sono...



"Então nós vamos procurar estas coisas malach em meninas como Tami?" Bonnie perguntou.

"Exatamente como Tami," disse Elena.

"E você acha," disse Meredith, observando Elena de perto, "que a Tami, de algum jeito, pegou da Caroline."

"Sim. Eu sei, eu sei – a pergunta é: de onde é que a Caroline conseguiu isso? E isso eu *não* sei. Mas, novamente, não sabemos o que aconteceu com ela quando ela foi seqüestrada por Klaus e Tyler Smallwood. Nós não sabemos nada sobre o que ela está fazendo nessa última semana – exceto que é claro que ela nunca realmente parou de nos odiar."

Matt segurava sua cabeça entre as mãos. "E então o que vamos *fazer*? Eu sinto como se eu fosse responsável de alguma forma."

"Não – Jimmy é o responsável, se alguém é pra ser. Se ele – você sabe, deixou a Caroline passar a noite – e, em seguida, deixou-a falar sobre isso com sua irmã de quinze anos de idade... Bem, isso não faz dele *culpado*, mas certamente ele poderia ter sido um pouco mais sutil," Stefan disse.

"E é aí que *você* se engana," Meredith lhe disse. "Matt e Bonnie e Elena e eu conhecemos Caroline há *anos* e *sabemos do que ela é capaz*. Se alguém se



qualifica como responsável, somos nós. E eu acho que estamos em grave inadimplência de dever. Eu voto em pararmos na casa dela."

"Eu também," disse Bonnie tristemente, "mas não estou ansiosa para fazer isso. Além do mais, e se ela *não* tiver essas coisas, malach, nela?"

"É aí que a pesquisa entra," disse Elena. "Precisamos descobrir quem é que está por trás disso tudo. Alguém suficientemente forte para influenciar Damon."

"Maravilhoso," disse Meredith, com um olhar sombrio. "E dado o poder das linhas de poder só temos que escolher todas as pessoas de Fell's Church." **lines são alinhamentos hipotéticos de um número de lugares de interesse geográfico, como monumentos antigos e megalíticos.*



Quarenta e cinco metros a oeste e nove metros acima, Damon estava lutando para se manter acordado.

Shinichi esticou seu braço para tirar cabelo fino, da cor da noite e de chamuscas lambendo, de sua testa. Sob suas pálpebras abaixadas ele estava observando Damon atentamente.

Damon pretendia observá-lo tão atentamente quanto, mas ele estava simplesmente sonolento demais. Lentamente, ele imitou o movimento de Shinichi, tirando alguns fios de cabelo preto-seda de sua testa. Suas pálpebras caíram inadvertidamente, um pouco mais do que antes. Shinichi ainda estava sorrindo para ele.

"Então temos o nosso acordo," ele murmurou. "Nós tomamos a cidade, Misao e eu, e você não ficará no nosso caminho. Temos os direitos ao poder das linhas de Poder. Você tira as suas garotas de modo seguro daqui... e você tem a sua vingança."

"Contra o meu irmão hipócrita e aquele... aquele Mutt!"

"Matt." Shinichi tinha ouvidos afiados.

"Tanto faz. Eu só não quero Elena ferida, isso é tudo. Ou a bruxinha de cabelo vermelho."

"Ah, sim, a doce Bonnie. Eu não me importaria de ter uma ou duas como ela. Uma para o Samhain* e a outra para o Solstício." **Samhain é o festival em que se comemora a passagem do ano dos celtas. Marca o fim do ano velho e o começo do ano novo. O Samhain era a época em que acreditava-se que as almas dos mortos retornavam a casa para visitar os familiares, e para buscar alimento e se aquecerem no fogo da lareira.*



Damon bufou sonolentemente. "Não há duas dela; eu não me importo onde você procurar. Eu não quero vê-la machucada também."

"E quanto à alta, morena e bonita... Meredith?"

Damon acordou. "*Onde?*"

"Não se preocupe; ela não está vindo te pegar," disse Shinichi tranquilizadamente. "O que você quer *fazer* com ela?"

"Ah." Damon reclinou novamente em alívio, aliviando seus ombros. "Deixe-a ir para onde quiser – contanto que seja bem longe de mim."

Shinichi pareceu relaxar deliberadamente contra o seu ramo. "Seu irmão não será um problema. Portanto é apenas aquele outro garoto lá," ele murmurou. Ele murmurou muito insinuantemente.

"Sim. Mas o meu irmão –" Damon estava quase dormindo agora, na mesma posição que Shinichi havia tomado.

"Eu disse a você, cuidaremos dele."

"Mm. Quero dizer, bom."

"Então temos um acordo?"

"Ahãã."

"Sim?"

"Sim."

"Temos um acordo."

Desta vez, Damon não respondeu. Ele estava sonhando. Ele sonhou que os olhos dourados angelicais de Shinichi se abriram de repente para olhar para ele.

"Damon." Ele ouviu o seu nome, mas em seu sonho era muito trabalhoso abrir os olhos. Ele podia ver sem abri-los, de qualquer maneira.

Em seu sonho, Shinichi inclinou-se sobre ele, pairando diretamente sobre o rosto dele, então suas auras estavam misturadas e eles teriam compartilhado o ar se Damon estivesse respirando. Shinichi ficou desse jeito por um bom tempo, como se estivesse testando a aura de Damon, mas Damon sabia que para alguém de fora ele pareceria estar desligado de todos os canais e frequências. Ainda assim, em seu sonho Shinichi pairava sobre ele, como se ele estivesse tentando memorizar os crescentes cílios escuros nas bochechas pálidas de Damon ou a curva sutil de sua boca.

Finalmente, o Shinichi do sonho colocou sua mão sob a cabeça de Damon e acariciou o local onde a picada de mosquito coçava.



"Oh, crescendo para ser um grande rapaz, não é?" ele disse para algo que Damon não conseguia ver – para algo *dentro* dele. "Você poderia quase tomar o controle completo contra a sua própria força de vontade, não poderia?"

Shinichi sentou por um momento, como se estivesse observando uma flor de cereja cair, e em seguida fechou os olhos.

"Eu acho," ele sussurrou, "que é isso que vamos tentar, daqui a não muito tempo. Em breve. Muito em breve. Mas primeiro, temos de ganhar a confiança dele; livrar-se de seu rival. Mantê-lo confuso, com raiva, vaidoso, desequilibrado. Deixá-lo pensando em Stefan, em seu ódio por Stefan, que tomou seu anjo, enquanto *eu* cuido do que precisa ser feito aqui."

Então ele falou diretamente com Damon. "Aliados, na verdade!" Ele riu. "Não enquanto eu puder colocar meu dedo em sua alma. Aqui. Você sente isso? O que eu poderia fazer você fazer..."

E então novamente ele parecia se endereçar a qualquer criatura que já estivesse dentro de Damon: "Mas agora... uma pequena festa para ajudar você a crescer muito mais rápido e te tornar muito mais forte."

No sonho, Shinichi fez um gesto, e se reclinou, incentivando o malach, antes invisível, a subir nas árvores. Eles se esgueiraram para cima e deslizaram em volta do pescoço de Damon. E então, horivelmente, eles escorregaram para dentro dele, um por um, através de um corte que ele não sabia que tinha. A sensação de seus corpos suaves, macios e gelatinosos era quase insuportável... escorregando para dentro dele...

Shinichi cantou baixinho.

"Oh, vinde a mim, ó belas e lindas donzelas

Apressai-vos amadas em meu peito

Venha para mim à luz do sol ou do luar

Enquanto as rosas ainda estão a florescer..."

Em seu sonho, Damon estava irritado. Não por causa do absurdo sobre o malach dentro dele. Isso era ridículo. Ele estava com raiva porque ele sabia que o Shinichi do sonho estava observando Elena enquanto ela começava a arrumar os restos do piquenique. Ele estava observando cada movimento que ela fazia com uma proximidade obsessiva.

"Elas florescem onde você pisa

...Rosas silvestres sangrentamente vermelhas."

"Garota extraordinária, a sua Elena," o Shinichi do sonho acrescentou. "Se ela viver, eu acho que ela vai ser minha por uma noite, mais ou menos." Ele acariciou suavemente os fios de cabelo restantes de Damon para longe de sua testa. "Aura extraordinária, você não acha? Vou me certificar que a morte dela seja bela."



Mas Damon estava em um daqueles sonhos onde você não podia se mover nem falar. Ele não respondeu.

Enquanto isso, os bichinhos de estimação de sonho do Shinichi do sonho continuavam a escalar as árvores e a se despejarem, como gelatina, para dentro dele. Um, dois, três, uma dúzia, duas dúzias deles. *Mais.*

E Damon não conseguia acordar, mesmo ele sentindo mais malachs vindo da floresta velha. Eles não estavam nem mortos, nem vivos, nem eram homens nem mulheres, meras cápsulas de Poder que permitiriam a Shinichi controlar a mente Damon de longe. Sem fim, eles vinham.

Shinichi continuou assistindo ao fluxo, o brilho luminoso dos órgãos internos brilhando em Damon. Depois de um tempo, ele cantou novamente,

"Os dias são preciosos, não vá perdê-los

Flores irão desaparecer e assim irá você...

Vinde a mim, ó belas jovens donzelas

Enquanto ainda seres jovens e belas."

Damon sonhou que ouviu a palavra "esqueça" como se fosse sussurrada por uma centena de vozes. E mesmo quando ele tentava se lembrar do que se esquecer, isso foi dissolvido e desapareceu.

Ele acordou sozinho na árvore, com uma dor que preenchia o corpo inteiro.



Capítulo 16



Stefan ficou surpreso ao encontrar a Sra. Flowers esperando por eles quando eles retornaram de seu piquenique. E, também fora do normal, ela tinha algo a dizer que não envolvia seus jardins.

"Há uma mensagem para você lá em cima," disse ela, inclinando a cabeça em direção à escadaria estreita. "Veio de um rapaz jovem e moreno – ele parecia um pouco com você. Ele não me disse uma palavra. Apenas perguntou onde deixar uma mensagem."

"Rapaz moreno? Damon?" Elena perguntou.

Stefan balançou a cabeça. "O que ele poderia querer para estar deixando mensagens para mim?"

Ele deixou Elena com a Sra. Flowers e subiu rapidamente a escada louca de ziguezague. No topo ele achou um pedaço de papel enfiado embaixo da porta.

Era um cartão do tipo 'Estou pensando em você', sem envelope. Stefan, que conhecia seu irmão, duvidou que tivesse sido pago – com dinheiro, pelo menos. No interior, escrito em preto com caneta hidrográfica, estavam as palavras:

NÃO PRECISO DISSO.

PORÉM TALVEZ O Santo STEFAN PRECISE.

ENCONTRE-ME ESTA NOITE NA ÁRVORE

ONDE OS HUMANOS BATERAM.

NO MAIS TARDAR ATÉ 4:30.

VOU TE CONTAR O FURO.

D.

Isso era tudo... exceto por um endereço da web.

Stefan estava prestes a jogar o cartão no lixo quando a curiosidade o atacou. Ele ligou o computador, digitou o endereço correto, e observou. Por um instante, nada aconteceu. Então apareceram letras cinza muito escuras em uma tela preta. Para um humano, teria parecido uma tela completamente vazia. Para os vampiros, com sua maior precisão visual, o cinza sobre preto era fraco, mas claro.



Cansado deste lápis-lazúli?

Quer tirar umas férias no Havaí?

Cansado daquela mesma velha culinária líquida?

Venha visitar Shi no Shi.

Stefan começou a fechar a página, mas algo o deteve. Ele parou e observou o discreto anúnciozinho abaixo do poema até que ouviu Elena na porta. Ele fechou rapidamente o computador e foi pegar a cesta de piquenique dela. Ele não disse nada sobre a nota ou o que ele tinha visto na tela do computador. Mas enquanto a noite passava, ele pensava mais e mais.

"Oh! Stefan, você vai quebrar minhas costelas! Você está me deixando sem ar!"

"Desculpe. É só que eu preciso te abraçar."

"Bem, eu preciso abraçar você também."

"Obrigado, anjo."



Tudo estava calmo na sala com o teto alto. Uma janela estava aberta, deixando que a luz do luar entrasse. No céu, até a lua parecia se arrastar junto sorrateiramente, e o seixo de luar seguiu-a no chão de madeira.

Damon sorriu. Ele teve um dia longo e sossegado e agora ele planejava ter uma noite interessante.

Atravessar a janela não era tão fácil como ele esperava. Quando ele chegou como um enorme corvo preto brilhante, ele esperava equilibrar-se no peitoril e mudar pra forma humana para abrir a janela. Mas a janela tinha uma armadilha – ela estava ligada por Poder a um dos adormecidos dentro. Damon empertigou-se com isso, limpando suas penas violentamente, com medo de colocar qualquer tensão naquele frágil elo, quando algo chegou ao seu lado com um bater de asas.

Parecia que nenhum corvo respeitável era registrado no livro de avistamento de qualquer ornitólogo. Era elegante o bastante, mas as suas asas estavam pintadas de escarlate, e tinha olhos dourados brilhantes.

Shinichi? Damon perguntou.

Quem mais? Veio a resposta enquanto um olho dourado fixou-se nele. *Vejo que você tem um problema. Mas isso pode ser resolvido. Vou aprofundá-los em seu sono de modo que você possa cortar o elo.*



Não! Damon disse em um reflexo. Se você apenas tocar em qualquer um deles, Stefan vai—

A resposta veio em tons amenizadores. Stefan é só um menino, lembra? Confie em mim. Você confia em mim, não confia?

E funcionou exatamente como o pássaro demoniacamente colorido disse que iria. Os adormecidos dentro dormiram mais profundamente, e então mais profundamente ainda.

*Um momento depois a janela abriu, e Damon mudou de forma e entrou. Seu irmão e... e ela... ... aquela que ele sempre *tinha* que assistir... *ela* estava adormecida, os cabelos dourados esparramados pelo travesseiro e pelo o corpo de seu irmão.*

Damon desviou bruscamente os olhos. Havia um computador de tamanho mediano e ligeiramente ultrapassado sobre a mesa no canto. Ele foi até ele e sem a menor hesitação o ligou. Os dois na cama nem se mexeram.

Arquivos... aha! Diário. Que nome original. Damon abriu e examinou o conteúdo.

Querido Diário,

Eu acordei esta manhã e - maravilha das maravilhas - eu sou eu mesma novamente. Eu ando, falo, bebo, molho a cama (bem, ainda não molhei, mas tenho certeza de que poderia se eu tentasse).

Estou de volta.

Tem sido uma jornada infernal.

Eu morri, meu querido Diário, eu realmente morri. E aí eu morri como vampira. E não me peça para descrever o que aconteceu nenhuma das vezes - acredite em mim; você tinha que estar lá.

O importante é que eu tinha ido embora, mas agora estou de volta novamente - e, oh, querido amigo paciente que vem guardando meus segredos desde o jardim da infância... Estou tão feliz por estar de volta.

No lado negativo, eu nunca poderei viver com a tia Judith ou Margaret novamente. Elas acham que eu estou "descansando em paz" com os anjos. No lado positivo, eu posso viver com Stefan.

Esta é a compensação por tudo o que eu passei - eu não sei como compensar aqueles que foram até os portões do inferno por mim. Ah, eu estou cansada e - poderia muito bem dizer - ansiosa por uma noite com meu querido.

Estou muito feliz. Tivemos um belo dia, rindo e amando, e vendo os rostos de cada um dos meus amigos ao verem que estou viva! (E não louca,



que é como eu tenho agido nos últimos dias. Honestamente, você pensaria que os Grandes Espíritos Do Céu poderiam ter me deixado cair com meus miolos em ordem... Oh, bem.)

Amo vc,

Elena

Os olhos de Damon correram sobre essas linhas impientemente. Ele estava procurando por algo completamente diferente. Ah. Sim. Era bem assim:

Minha querida Elena,

Eu sabia que você olharia aqui mais cedo ou mais tarde. Eu espero que você nunca tenha que olhar isso. Se você estiver lendo isto, então Damon é um traidor, ou alguma outra coisa deu terrivelmente errado.

Um traidor? Isso pareceu um pouco forte, Damon pensou, ferido, mas também queimando com um intenso desejo de continuar com sua tarefa.

Estou indo para a floresta para conversar com ele hoje à noite – se eu não voltar, você vai saber por onde começar a fazer perguntas.

A verdade é que eu não compreendo exatamente a situação. Hoje mais cedo, Damon enviou-me um cartão com um endereço de web nele. Eu coloquei o cartão sob seu travesseiro, amor.

Oh droga, pensou Damon. Ia ser difícil conseguir esse cartão sem acordá-la. Mas ele tinha que consegui-lo.

Elena, siga este link da web. Você terá que mexer nos controles de brilho, porque ele foi criado apenas para os olhos de vampiros. O que o link parece estar dizendo é que existe um lugar chamado Shi no Shi – traduzido literalmente, ele diz, Morte da Morte, onde podem remover esta maldição que me persegue há quase meio milênio. Eles usam magia e ciência em combinação para restaurar vampiros antigos em homens e mulheres, meninos e meninas simples.

Se eles realmente podem fazer isso, Elena, nós podemos ficar juntos durante o tempo que as pessoas comuns vivem. Isso é tudo que peço da vida.

Eu quero isso. Eu quero ter a oportunidade de estar diante de você como um humano normal que respira e come.

Mas não se preocupe. Eu só estou indo falar com Damon sobre isso. Você não precisa me mandar ficar. Eu nunca iria deixá-la com tudo o que está acontecendo em Fell's



Church agora. É muito perigoso para você, especialmente com o seu novo sangue, sua nova aura.

Eu percebo que provavelmente estou confiando em Damon mais do que eu deveria. Mas de uma coisa estou certo: ele nunca iria prejudicar você. Ele a ama. Como ele poderia evitar isso?

Ainda assim, eu tenho que encontrar com ele pelo menos, em seus termos, sozinho, em um local específico na floresta. Então vamos ver o que acontece.

Como eu disse antes, se você estiver lendo esta carta, significa que algo está terrivelmente errado. Proteja-se, amor. Não tenha medo. Confie em si mesma. E confie em seus amigos. Eles todos podem ajudá-la.

Confio no instinto protetor de Matt por você, no julgamento de Meredith e na intuição da Bonnie. Diga-lhes para lembrarem-se disso.

Espero que você nunca tenha que ler isto,

Com todo meu amor, meu coração, minha alma,

Stefan

PS: Por precaução apenas, há \$20.000 em notas de cem embaixo do segundo piso a partir da parede, em frente à cama. Neste momento a cadeira de balanço está sobre ele. Você verá a rachadura facilmente se você mover a cadeira.

Cuidadosamente, Damon apagou as palavras do arquivo. Então, com um canto da boca se elevando, ele cuidadosa e silenciosamente digitou novas palavras com um significado um tanto diferente. Ele as leu por cima. Ele sorriu brilhantemente. Ele sempre se imaginou como escritor; nenhum treinamento formal, claro, mas ele sentia que tinha um talento instintivo para isso.

E isso completava o Primeiro Passo, Damon pensou, salvando o arquivo com suas palavras, em vez das de Stefan.

Então, sem ruído, ele andou até onde Elena estava dormindo, de conchinha atrás de Stefan na cama estreita.

Agora o Segundo Passo.

Lentamente, muito lentamente, Damon deslizou os dedos debaixo do travesseiro em que Elena repousava a cabeça. Ele podia sentir o cabelo de Elena onde ele se derramava sobre o travesseiro sob o luar, e a dor que isso despertou estava mais em seu peito do que em seus caninos. Avançando os dedos debaixo do travesseiro, ele procurou por algo suave.



Elena murmurou em seu sono e de repente se virou. Damon quase pulou de volta para as sombras, mas os olhos de Elena estavam fechados, seus cílios um arco espesso e preto em suas bochechas.

Ela estava de frente para ele agora, mas estranhamente Damon não se pegou rastreando as veias azuis na sua pele bela e lisa. Ele pegou-se olhando faminto para seus lábios ligeiramente entreabertos. Eles eram... quase impossíveis de resistir. Mesmo durante o sono eram da cor de pétalas de rosa, ligeiramente úmidos, e entreabertos daquela maneira...

Eu poderia fazer isso muito levemente. Ela nunca saberia. Eu poderia, eu sei que eu poderia. Sinto-me invencível esta noite.

Enquanto ele se inclinou em direção a ela seus dedos tocaram o cartão.

Isso pareceu arrancá-lo de seu mundo de sonho. O que ele estava pensando? Arriscando tudo, todos os seus planos, por um beijo? Haveria muito tempo para beijos – e outras coisas, muito mais importantes – mais tarde.

Ele deslizou o pequeno cartão de debaixo do travesseiro e colocou-o no bolso.

Então ele se transformou num corvo e desapareceu pela janela.



Stefan tinha há muito tempo aperfeiçoado a arte de dormir só até certo momento, então despertar. Ele fez isso agora, olhando para o relógio sobre a lareira para confirmar que eram 4h, exatamente.

Ele não queria acordar Elena.

Ele vestiu-se silenciosamente e saiu pela janela pelo mesmo caminho que seu irmão tomara – mas como um falcão. Em algum lugar, ele tinha certeza que Damon estava sendo feito de bobo por alguém usando malachs para fazer dele seu fantoche. E Stefan, ainda bombeado com o sangue de Elena, sentiu que tinha o dever de detê-lo.

A nota que Damon tinha entregado tinha o direcionado para a árvore onde os humanos tinham batido. Damon também gostaria de rever continuamente aquela árvore até que tivesse levado os fantoches malach ao seu titereiro.

Ele desceu, foi levado pela correnteza, e quase deu um ataque cardíaco em rato ao abaixar-se sobre ele de repente antes de disparar para o céu novamente.

E então, no ar, quando ele avistou evidência da batida de um carro numa árvore, ele mudou de um falcão glorioso para um jovem homem com cabelos escuros, um rosto pálido e olhos intensamente verdes.



Ele foi levado pela correnteza, leve como um floco de neve, até o chão e olhou em cada direção, utilizando todos os seus sentidos de vampiro para testar a área. Ele não sentiu nenhuma armadilha; nenhuma animosidade, apenas os sinais inequívocos da luta violenta das árvores. Ele ficou humano para escalar a árvore que dava a impressão psíquica de seu irmão.

Ele não sentiu frio enquanto escalava o carvalho em que seu irmão tinha descansado enquanto o acidente acontecia a seus pés. Ele tinha muito do sangue de Elena fluindo através dele para sentir o frio. Mas ele estava ciente de que esta área da floresta era particularmente gelada; que algo a estava mantendo dessa forma. Por quê? Ele já havia declarado os rios e florestas que atravessavam Fell's Church, então por que ocupar o lugar sem dizer-lhe? Fosse o que fosse, teria de apresentar-se diante dele eventualmente, se quisesse ficar em Fell's Church. Por que esperar? Ele questionou, enquanto se agachava sobre o ramo.

Ele sentiu a presença de Damon vindo até ele muito antes do que seus sentidos teriam notado nos dias antes da transformação de Elena, e ele evitou vacilar. Em vez disso ele virou de costas para o tronco da árvore e olhou para fora. Ele podia sentir Damon acelerando em direção a ele, mais e mais rápido, mais e mais forte – e então Damon deveria estar lá, de pé diante dele, mas ele não estava.

Stefan franziu a testa.

"Sempre vale a pena olhar para cima, irmãozinho," aconselhou uma voz encantadora acima dele, e em seguida Damon, que estivera agarrado à árvore como um lagarto, deu um salto para frente e pousou no ramo de Stefan.

Stefan não disse nada, limitando-se a examinar o seu irmão mais velho. Finalmente ele disse, "Você está de bom humor."

"Eu tive um dia suntuoso," disse Damon. "Devo nomeá-las para você? Teve a atendente da loja de cartões... Elizabeth, e minha querida amiga Damaris, cujo marido trabalha na Bronston, e a juvenzinha Teresa que é voluntária na biblioteca, e..."

Stefan suspirou. "Às vezes eu acho que você poderia se lembrar do nome de cada garota que você bebeu em toda sua vida, mas você esquece o meu nome regularmente," disse ele.

"Bobagem... irmãozinho. Agora, já que Elena, sem dúvida, lhe explicou o que aconteceu quando eu tentava resgatar sua bruxa em miniatura - Bonnie - eu sinto que mereço um pedido de desculpas."

"E já que *you* me enviou um bilhete que só posso interpretar como uma provocação, eu realmente sinto que *eu* mereço uma explicação."

"Desculpas primeiro," Damon colocou para fora. E então, em tom de sofrimento, "Eu tenho certeza que você acha que é ruim o suficiente ter prometido à Elena, quando ela estava morrendo, que você iria cuidar de mim para sempre. Mas você nunca parece perceber que eu tive que prometer a mesma coisa, e eu não sou



exatamente do tipo guarda-costas. Agora que ela não está mais morta, talvez devêssemos simplesmente esquecer isso."

Stefan suspirou novamente. "Tudo bem, tudo bem. Eu peço desculpas. Eu estava errado. Eu não deveria ter te expulsado. É o suficiente?"

"Não tenho certeza de que você esteja falando sério. Tente mais uma vez, com senti– "

"Damon, sobre o que, em nome de Deus, era o site?"

"Ah. Eu achei que era bem inteligente: eles deixam as cores tão próximas que apenas vampiros ou bruxas ou coisas assim conseguem ler, enquanto os humanos apenas veriam uma tela preta."

"Mas como você descobriu isso?"

"Eu vou te dizer em um instante. Mas simplesmente pense nisso, irmãozinho. Você e Elena, em uma perfeita luazinha de mel, apenas mais dois humanos em um mundo de humanos. Quanto mais cedo você for, mais cedo você poderá cantar 'Ding Dong, o Cadáver está Morto*!'" * Damon adaptou a canção 'Ding dong, the witch is dead', do filme o mágico de Oz, uma música tocada logo após Dorothy cair com sua casa em cima da Bruxa Má do Leste.

"Eu ainda quero saber como *aconteceu* de você *simplesmente* achar este site."

"Tudo bem. Eu admito: eu finalmente fui sugado para a era da tecnologia. Eu tenho meu próprio site. E um jovem homem muito útil entrou em contato comigo só para ver se eu realmente falava sério sobre as coisas que disse ou se eu era apenas um idealista frustrado. Imaginei que a descrição servia pra você."

"Você – um site? Eu não acredito– "

Damon ignorou. "Passei a mensagem adiante porque eu já tinha ouvido falar do lugar, o *Shi no Shi*."

"A *Morte da Morte*, dizia."

"Isso é como foi traduzido para mim." Damon abriu um sorriso de mil quilowatts para Stefan, perfurando-o, até que finalmente Stefan virou-se, sentindo como se tivesse sido exposto ao sol sem o seu anel de lápis-lazúli.

"De fato," Damon continuou normalmente, "eu convidei meu colega em pessoa para explicar para você."

"Você fez o quê?"

"Ele deveria estar aqui às 4:44 exatamente. Não me culpe pelo horário; é algo especial para ele. "



E então, com muito pouco barulho, e certamente sem Poder nenhum que Stefan pudesse discernir, algo pousou na árvore acima deles e caiu o galho deles, trocando de forma enquanto o fazia.

Era, realmente, um jovem homem, com cabelos negros de pontas vermelhas como fogo e olhos dourados serenos. Enquanto Stefan virava-se na direção dele, ele levantou as duas mãos em um gesto de paz e rendição.

"Quem diabos é você?"

"Eu sou o diabo Shinichi," disse o jovem simplesmente. "Mas, como eu disse a seu irmão, a maioria das pessoas me chama apenas de Shinichi. Mas é claro isso cabe a você."

"E você sabe tudo sobre o Shi no Shi."

"Ninguém sabe tudo sobre ele. É um lugar – e uma organização. Eu sou um pouco parcial a ele porque – " Shinichi pareceu tímido – "bem, acho que eu simplesmente gosto de ajudar pessoas. "

"E agora você quer me ajudar."

"Se você realmente quer se tornar humano... Eu conheço um jeito."

"Eu devo simplesmente deixar vocês dois falarem sobre isso, devo?" disse Damon. "Três é demais, especialmente neste galho."

Stefan olhou-o fortemente. "Se você tiver com a menor idéia de passar perto da pensão..."

"Com Damaris já a minha espera? Honestamente, irmãozinho. "E Damon mudou de forma para corvo antes que Stefan pudesse pedir a ele para dar a sua palavra em juramento.



Elena virou-se na cama, tateando automaticamente a procura de um corpo quente ao lado dela. O que seus dedos encontraram, no entanto, foi um buraco frio em forma de Stefan. Seus olhos abriram-se. "Stefan?"

Que querido. Eles estavam tão em sintonia que era como ser uma pessoa só – ele sempre sabia quando ela estava prestes a despertar. Ele provavelmente desceu para preparar o seu café da manhã – Sra. Flowers sempre tinha água quente à espera dele quando ele descia (mais uma prova de que ela era uma bruxa do tipo branca) – e Stefan traria uma bandeja.

"Elena," disse ela, testando a sua velha-nova voz só para ouvir-se falar. "Elena Gilbert, menina, você tomou cafés da manhã na cama demais." Ela apalpou seu estômago. Sim, definitivamente precisava de exercício.



"Tudo bem, então," disse ela, ainda em voz alta. "Comece levantando-se da cama e respirando. E então um alongamento leve." Tudo isso, pensou ela, podia ser posto de lado quando Stefan aparecesse.

Mas Stefan não apareceu, mesmo quando ela deitou exausta depois de uma hora de exercício.

E ele não subiu as escadas, trazendo uma xícara de chá, tampouco.

Onde ele estava?

Elena olhou por sua única janela e viu um vislumbre da Sra. Flowers abaixo.

O coração de Elena tinha começado a bater forte durante seu exercício aeróbico e realmente nem chegou a diminuir para o seu ritmo normal apropriado. Apesar de ser provavelmente impossível iniciar uma conversa com a Sra. Flowers dessa forma, ela gritou, "Sra. Flowers?"

E, maravilha das maravilhas, a senhora parou de pendurar um lençol no varal e olhou para cima. "Sim, Elena querida?"

"Onde está Stefan?"

O lençol balançou em torno da Sra. Flowers e a fez desaparecer. Quando ele endireitou-se, ela tinha ido embora.

Mas Elena tinha os olhos no cesto de roupa. Ainda estava lá. Ela gritou: "Não vá embora!" E apressou-se em colocar sua calça jeans e seu novo top azul. Então, saltitando escada abaixo enquanto abotoava, ela invadiu no jardim de trás.

"Sra. Flowers!"

"Sim, Elena querida?"

Elena só conseguia vê-la de relance entre os metros balançando de tecidos brancos. "Você viu Stefan?"

"Não esta manhã, querida."

"Não *mesmo*?"

"Eu levantei-me de madrugada, como sempre. O carro dele já não estava mais, e não ainda não voltou."

Agora o coração de Elena batia para valer. Ela sempre teve medo de algo assim. Ela respirou profundamente e correu de volta até a escada sem parar.

Bilhete, bilhete...

Ele nunca a deixaria sem um bilhete. E não havia nenhum sobre o travesseiro dele. Então ela pensou no travesseiro *dela*.



Suas mãos vasculharam freneticamente sob ele, e então sob o travesseiro dele. No começo ela não virou os travesseiros, porque ela queria muito que o bilhete estivesse lá – e porque ela estava com medo do que ele poderia dizer.

Depois, quando ficou claro que não havia nada sob os travesseiros exceto os lençóis, ela os virou e olhou para o vazio branco por muito tempo. Então ela puxou a cama pra longe da parede, no caso do bilhete ter caído pra trás dela.

De alguma forma ela sentiu que se ela simplesmente continuasse procurando, ela deveria encontrá-lo. No final, ela tinha sacudido a roupa de cama toda e acabou encarando os lençóis brancos novamente, acusadoramente, muitas vezes passando as mãos sobre eles.

E isso devia ser bom, porque significava que Stefan não tinha *ido* pra lugar algum – exceto que ela tinha deixado a porta do armário aberta e ela podia ver, mesmo sem querer, um monte de cabides vazios.

Ele havia levado todas as suas roupas.

E estava vazio no fundo do armário.

Ele tinha levado cada par de sapatos.

Não que ele tivesse muitos. Mas tudo que ele precisava para fazer uma viagem pra longe tinha ido embora – e ele se fora.

Por quê? Onde? Como ele *pode*?

Mesmo que ela descobrisse que ele a deixara para descobrir um novo lugar para eles morarem, como ele *pode*? Ele teria a briga das brigas quando ele voltasse—

-se ele voltasse.

Gelada até os ossos, consciente de que as lágrimas corriam involuntariamente e quase despercebidas pelo seu rosto, ela estava prestes a chamar Meredith e Bonnie quando pensou em algo.

Seu diário.



Capítulo 17

Nos primeiros dias após ela ter voltado da pós-vida, Stefan sempre a colocava na cama cedo, se certificava de que ela estava aquecida, e então permitia que ela trabalhasse no computador dele, escrevendo um tipo de diário, com seus pensamentos sobre o que tinha acontecido naquele dia, sempre acrescentando suas impressões.

Agora ela procurava o arquivo desesperadamente, e desesperadamente rolou até o fim.

E ali estava.

Minha querida Elena,

Eu sabia que você olharia aqui mais cedo ou mais tarde. Eu espero que tenha sido mais cedo.

Querida, eu acredito que você seja capaz de cuidar de si mesma agora, e eu nunca vi uma garota mais forte ou independente.

E isso quer dizer que está na hora. Na hora de eu partir. Eu não posso ficar por mais tempo sem te transformar em uma vampira novamente - algo que ambos sabemos que não pode acontecer.

Por favor, me perdoe. Por favor, me esqueça. Ah, amor, eu não quero ir, mas eu tenho que ir.

Se precisar de ajuda, eu fiz com que Damon desse sua palavra de que iria te proteger. Ele nunca te machucaria, e qualquer mal que esteja acontecendo em Fell's Church não ousará te tocar com ele por perto.

Minha querida, meu anjo, eu sempre te amarei...

Stefan

P.S. Para te ajudar a seguir com a sua vida real, eu deixei dinheiro para pagar a Sra. Flowers pelo quarto para o próximo ano. Também te deixei \$20.000 em notas de cem



dólares sob a segunda tábua da parede, do outro lado da cama. Use-as para construir um novo futuro, com quem quer que você escolha.

Novamente, se precisar de algo, Damon te ajudará. Confie no julgamento dele se precisar de um conselho. Ah, amável amorzinho, como posso ir? Mesmo para o seu próprio bem.

Elena terminou a carta.

E então simplesmente ficou sentada lá.

Após toda a sua caçada, ela encontrara a resposta.

E ela não sabia o que fazer agora exceto gritar.

Se precisar de ajuda vá até o Damon... Confie no julgamento do Damon...
Não poderia ser uma propaganda mais óbvia para o Damon se o próprio tivesse escrito isso.

E Stefan tinha desaparecido. E suas roupas tinham desaparecido. E suas botas tinham desaparecido.

Ele tinha deixado-a.

Construa uma vida nova...



E foi assim que Bonnie e Meredith a encontraram, espantadas por uma tentativa frustrada de uma hora das suas ligações telefônicas. Fora a primeira vez que elas não conseguiram falar com Stefan desde que ele tinha chegado, a pedido delas, para matar um monstro. Mas aquele monstro estava morto agora, e Elena...

Elena estava sentada na frente do armário de Stefan.

"Ele levou até mesmo seus sapatos," ela disse sem emoção, suavemente. "Ele levou tudo. Mas ele pagou pelo quarto por um ano. E ontem de manhã ele me comprou um Jaguar."

"Elena—"

"Vocês não vêem?" Elena chorou. "*Esse é o meu Despertar.* Bonnie previu que seria cruel e repentino e que eu precisaria de ambas vocês. E Matt?"

"O nome dele não foi mencionado," Bonnie disse tristemente.



"Mas acho que precisaremos da ajuda dele," Meredith disse carrancudamente.

"Quando Stefan e eu ficamos juntos, no começo - antes que *eu* me tornasse uma vampira - eu sempre soube," Elena sussurrou, "que chegaria uma hora quando ele tentaria me deixar para meu próprio bem." De repente ela bateu no chão com seu punho, forte o bastante para se machucar. "Eu sabia, mas eu pensei que estaria lá para convencê-lo a não fazer isso! Ele é tão nobre - tão altruísta! E agora - ele *desapareceu*."

"Você realmente não liga," Meredith disse silenciosamente, observando-a. "Se ficar humana ou se tornar vampira."

"Você está certa - eu *não* ligo! Eu não ligo para nada, contanto que eu possa ficar com ele. Quando eu ainda era metade de um espírito, eu sabia que nada podia me Transformar. Agora eu sou humana e tão suscetível quanto qualquer outro humano à Transformação - mas não importa."

"Talvez esse seja o Despertar," Meredith disse, ainda silenciosamente.

"Ah, talvez ele não levando café-da-manhã para ela seja um despertar!" Bonnie disse, exasperada. Ela estivera encarando uma chama por mais de trinta minutos, tentando entrar em contato espiritual com Stefan. "Ou ele quer - ou não pode," ela disse, não vendo Meredith balançando violentamente sua cabeça até depois das palavras terem saído.

"O que quer dizer com 'não pode'?" Elena exigiu, saltando do chão onde estava curvada.

"Eu não sei! Elena, você está me machucando!"

"Ele está em perigo? Pense, Bonnie! Ele vai se machucar por minha causa?"

Bonnie olhou para Meredith, que estava telegrafando "não" com cada centímetro de seu corpo elegante. Então ela olhou para Elena, que estava exigindo a verdade. Ela fechou seus olhos. "Não tenho certeza," ela disse.

Ela abriu seus olhos lentamente, esperando que Elena explodisse. Mas Elena não fez nada do tipo. Ela meramente fechou seus próprios olhos lentamente, seus lábios endurecendo.

"Há muito tempo, eu jurei que o teria, mesmo que isso nos matasse dois," ela disse silenciosamente. "Se ele acha que pode simplesmente se afastar de mim, para o meu próprio bem ou por qualquer outra razão... ele está errado. Eu irei até Damon primeiro, já que Stefan parece querer isso tanto. E então eu vou atrás dele. Alguém me dará uma direção para começar. Ele me deixou vinte mil dólares. Eu os usarei para segui-lo. E se o carro quebrar, eu andarei; e quando eu não puder mais andar, eu engatinharei. Mas eu *irei* achá-lo."



"Não sozinha, não vai," Meredith disse, em seu jeito suave e assegurador. "Estamos com você, Elena."

"E então, se ele tiver feito isso por vontade própria, ele vai ganhar o tapa na cara da sua *vida*."

"O que quiser, Elena," Meredith disse, ainda calmamente. "Vamos simplesmente achá-lo primeiro."

"Um por todos e todos por um!" Bonnie exclamou. "Nós o conseguiremos de volta e faremos com que ele se arrependa - ou não," ela acrescentou afobada enquanto Meredith novamente começava a balançar sua cabeça. "Elena, não! Não chore," ela acrescentou, no instante antes de Elena explodir em lágrimas.



"Então fora Damon quem dissera que tomaria conta de Elena, e Damon deve ter sido o último a ver Stefan essa manhã," Matt disse, quando fora buscado da sua casa e a situação fora explicada a ele.

"Sim," Elena disse com bastante certeza. "Mas Matt, você está enganado se acha que o Damon faria alguma coisa para manter o Stefan longe de mim. Damon não é o que vocês todos acham. Ele realmente estava tentando salvar Bonnie naquela noite. E ele realmente ficou magoado quando todos vocês o odiaram."

"Isso é o que eu chamo de 'evidência de motivo,' eu acho," Meredith apontou.

"Não. É evidência de caráter - evidência que Damon *tem* sentimentos, que ele se importa com seres humanos," Elena contradisse. "E ele nunca machucaria Stefan, porque - bem, por minha causa. Ele sabe como eu me sentiria."

"Bem, por que ele não me responde, então?" Bonnie disse ranzinzamente.

"Talvez porque na última vez que ele nos viu, todos juntos, estávamos olhando feio para ele como se o odiássemos," disse Meredith, que era sempre justa.

"Diga a ele que eu imploro seu perdão," Elena disse. "Diga a ele que eu quero falar com ele."

"Eu me sinto como um satélite de comunicação," Bonnie reclamou, mas ela claramente colocava todo seu coração e força em cada ligação. Por fim, ela pareceu completamente pressionada e exausta.

E, por fim, até mesmo Elena teve que admitir que não adiantava nada.



“Talvez ele se dê conta e comece a ligar para *você*,” Bonnie disse. “Talvez amanhã.”

“Vamos ficar com você hoje à noite,” Meredith disse. “Bonnie, eu liguei para a sua irmã e disse a ela que você estaria comigo. Agora eu vou ligar para o meu pai e dizer a ele que estarei com você. Matt, você não está convidado—”

“Valeu,” Matt disse secamente. “Tenho que ir andando para casa também?”

“Não, pode levar o meu carro para casa,” Elena disse. “Mas, por favor, traga-o de volta para cá amanhã cedo. Eu não quero que as pessoas comecem a perguntar sobre isso.”

Naquela noite, as três garotas se prepararam para ficarem confortáveis, estilo colegiais, nos lençóis e cobertores excedentes da Sra. Flowers (não era de se espantar que ela tenha lavado tantos lençóis hoje – ela deve ter imaginado de alguma forma, Elena pensou), com a mobília empurrada até as paredes e três sacos de dormir improvisados no chão. Suas cabeças estavam juntas e seus corpos radiavam como os travões de uma roda.

Elena pensou, Então isso é o Despertar.

É a realização de que, afinal, eu posso ficar sozinha novamente. E, ah, sou grata por ter Meredith e Bonnie junto comigo. Significa mais do que eu posso dizer a elas.

Ela tinha ido automaticamente para o computador, para escrever um pouco em seu diário. Mas após as primeiras poucas palavras, ela se encontrou chorando novamente, e ficou secretamente feliz quando Meredith tomou-a pelos ombros e mais ou menos a forçou a beber leite quente com baunilha, canela e noz moscada, e quando Bonnie a ajudou a ir até sua pilha de cobertores para dormir e então segurou sua mão até que ela adormecesse.



Matt tinha ficado até tarde, e o sol estava nascendo enquanto ele dirigia para casa. Era uma corrida contra a escuridão, ele pensou repentinamente, se recusando a ser distraído pelo caro cheiro de carro novo do Jaguar. Em algum lugar nos fundos da mente dele, ele estava ponderando. Ele não quisera dizer nada para as garotas, mas havia algo no bilhete de despedida do Stefan que o incomodava. A única coisa era que ele tinha que se certificar que não era só seu orgulho ferido falando.

Por que Stefan não tinha mencionado eles? Os amigos de Elena do passado, os amigos dela no aqui e agora. Você acharia que ele pelo menos faria menção às garotas, mesmo que ele tenha se esquecido de Matt na dor de deixar Elena permanentemente.



O que mais?” Definitivamente havia outra coisa, mas Matt não conseguia trazê-la à tona. Tudo que ele tinha era uma imagem vaga e vacilante sobre o ano passado na escola e – ah é, a Srta. Hilden, a professora de inglês.

Mesmo enquanto Matt sonhava acordado com isso, ele estava sendo cuidadoso com a sua direção. Não havia como evitar completamente o Bosque Antigo na estrada longa e de pista única que levava da pensão para o território de Fell’s Church. Mas ele estava olhando para frente, mantendo-se alerta.

Ele viu a árvore caída mesmo quando chegava pela esquina e acertava o rastilho a tempo de parar bruscamente, com o carro com um ângulo de quase noventa graus da estrada.

E então ele teve que pensar.

Sua primeira reação instintiva foi: ligar para o Stefan. Ele pode simplesmente levantar a árvore diretamente do chão. Mas ele se lembrou rápido o bastante para que aquele pensamento fosse nocauteado por uma pergunta. Ligar para as garotas?

Ele não conseguia se forçar a fazer isso. Não era só uma questão de dignidade masculina – era a realidade sólida da árvore madura na frente dele. Mesmo que todos trabalhassem juntos, eles não poderiam mover aquele negócio. Era grande demais, pesada demais.

E tinha caído do Bosque Antigo para que ficasse deitado e atravessado diretamente na estrada, como se quisesse separar a pensão do resto da cidade.

Cuidadosamente, Matt rolou para a janela do lado do passageiro. Ele espiou para o Bosque Antigo para tentar ver as raízes da árvore, ou, ele admitiu para si mesmo, qualquer tipo de movimento. Não havia nenhuma.

Ele não conseguia ver as raízes, mas essa árvore parecia saudável demais para ter simplesmente caído numa tarde ensolarada de verão. Nada de vento, nada de chuva, nada de raios, nada de castores. Nada de lenhadores, ele pensou carrancudamente.

Bem, a trincheira do lado direito era rasa, pelo menos, e o epítome da árvore não a atingia exatamente. Talvez fosse possível–

Movimento.

Não na floresta, mas na árvore logo em frente a ele. Algo estava movimentando os galhos superiores da árvore, algo mais do que o vento.

Quando ele o viu, ele ainda não conseguia acreditar. Essa era parte do problema. A outra parte era que ele estava dirigindo o carro da Elena, não seu velho calhambeque. Então enquanto ele estava freneticamente tateando um jeito de fechar a janela, com seus olhos colados na *coisa* se removendo da árvore, ele estava agarrando todos os lugares errados.



E a coisa final era simplesmente que a besta era rápida. Rápida demais para ser real.

Quando Matt se deu conta, ele estava lutando contra isso na janela.

Matt não sabia o que Elena tinha mostrado a Bonnie no piquenique. Mas se isso não era um malach, então que diabos era isso? Matt tinha vivido ao redor de bosques sua vida toda, e ele nunca vira nenhum inseto remotamente parecido com esse antes.

Porque era um inseto. Sua pele parecia similar à casca de uma árvore, mas isso era apenas camuflagem. Enquanto ele se batia contra a janela do carro parcialmente levantada – enquanto ele batia nele com ambas as mãos – ele conseguia ouvir e sentir seu exterior quitinoso. Era tão longo quanto seu braço, e parecia voar ao chicotear seus tentáculos em um círculo – o que devia ser impossível, mas aqui estava preso na metade de dentro da janela.

Tinha a estrutura mais como a de uma sanguessuga ou de uma lula do que de qualquer inseto. Seus tentáculos longos e parecidos com o de uma cobra pareciam quase como vinhas, mas eles eram mais grossos do que um dedo e tinha sugadoras largas neles – e dentro das sugadoras tinha algo afiado.

Dentes. Uma das vinhas ficou ao redor do seu pescoço, e ele conseguia sentir a sucção e a dor toda de uma só vez.

A vinha tinha chicoteado ao redor da garganta dele três ou quatro vezes, e estava apertando. Ele teve que usar uma mão para esticar-se e arrancá-lo. Isso significou apenas uma mão disponível para debulhar a coisa sem cabeça – que de repente mostrou que tinha uma boca, e nada de olhos. Como todo o resto sobre a besta, a boca era radialmente simétrica: era redonda, com seus dentes arrumados em um círculo. Mas lá no fundo dentro desse círculo, Matt viu, para seu horror, enquanto o inseto esticava seu braço, estava um par de pinças grandes o bastante para cortarem um dedo.

Deus, não. Ele fechou sua mão num punho, tentando desesperadamente bater nele de dentro.

A explosão de adrenalina que ele teve após ver isso permitiu que ele puxasse a vinha chicoteante ao redor de sua garganta, as sugadoras se soltando enfim. Mas agora seu braço fora engolido até acima do cotovelo. Matt se forçou a atacar o corpo do inseto, golpeando-o como se fosse um tubarão, que era a outra coisa da qual ele o lembrava.

Ele tinha que soltar seu braço. Ele se encontrou cegamente espreitando o fundo da boca aberta redonda e meramente arrancando um pedaço de exoesqueleto que caiu em seu colo. Enquanto isso os tentáculos ainda estavam torvelinhando, golpeando contra o carro, procurando por um modo de entrar. Em algum ponto ele ia perceber que tudo que tinha que fazer era dobrar aquelas coisas parecidas com vinhas socando e podia espremer seu corpo para entrar.



Algo afiado roçou seus nós dos dedos. As pinças! Seu braço estava quase completamente engolfado. Mesmo enquanto Matt se focava inteiramente em como se desvencilhar, alguma parte dele se perguntava: onde estava seu estômago? Essa besta não é *possível*.

Ele tinha que libertar seu braço *agora*. Ele ia perder sua mão, tão certo quanto se ele tivesse colocado-a no triturador de lixo e ligado.

Ele já tinha tirado seu cinto de segurança. Agora com um arremesso violento, ele jogou seu corpo para a direita, na direção do banco do passageiro. Ele conseguia sentir os dentes raspando seu braço enquanto ele o arrastava por eles. Ele conseguia ver os longos e sangrentos sulcos que ele deixou em seu braço. Mas isso não importava. Tudo que importava era *tirar* seu braço.

Nesse momento seu outro braço encontrou o botão que controlava a janela. Ele a amassou para cima, arrastando seu punho e sua mão da boca do inseto bem quando a janela fechava.

O que ele esperava era um estrondo de e sangue preto fluindo, talvez comendo o chão do carro novo de Elena, como aquela coisa escapando em *Alien - o 8º Passageiro*.

Ao invés, o inseto vaporizou-se. Ele simplesmente... ficou transparente e então virou minúsculas partidas de luz que desapareceram enquanto ele as encarava.

Ele foi deixado com um braço com longos arranhões sangrentos, feridas inchadas em sua garganta, e nós dos dedos doloridos na outra mão. Mas ele não perdeu tempo contando seus machucados. Ele tinha que sair dali; os galhos estavam agitando-se novamente e ele não queria esperar para ver se era ou não o vento.

Só havia uma maneira. A trincheira.

Ele colocou o carro no ponto e o jogou no chão. Ele se dirigiu à trincheira, esperando que não fosse profunda demais, esperando que a árvore, de alguma forma, não furasse os pneus.

Houve um mergulho abrupto que fez seus dentes baterem juntos, capturando seu lábio entre eles. E então houve o esmagar de folhas e galhos sob o carro, e por um momento todos os movimentos pararam, mas Matt manteve seus pés pressionados o mais forte que pode no acelerador, e de repente ele estava livre, e sendo jogado enquanto o carro queritava na trincheira. Ele conseguiu tomar o controle disso e desviou de volta para a estrada bem a tempo de fazer uma curva abrupta para a esquerda onde se virava repentinamente e a trincheira acabava.

Ele estava hiperventilando. Ele fez curvas a quase oitenta quilômetros por hora, com metade da sua atenção no Bosque Antigo – até que repentinamente, abençoadamente, uma luz vermelha solitária encarou-o como um farol ao anoitecer.



O cruzamento com Mallory. Ele teve que se forçar a fazer outra parada chiada de queimar borracha. Uma virada brusca à direita e ele estava velejando pelo bosque. Ele teria que circular uma dúzia de vizinhanças para chegar em casa, mas pelo menos ele ficaria livre de qualquer alameda grande de árvores.

Era uma grande avenida, e agora que o perigo tinha acabado, Matt estava começando a sentir a dor de seu braço sulcado. Na hora que ele estava levando o Jaguar para sua casa, ele também estava se sentindo tonto. Ele se sentou sob um poste de luz e então deixou o carro costear na escuridão além. Ele não queria que ninguém mais o visse tão perturbado.

Ele devia ligar para as garotas *agora*? Avisá-las para não saírem hoje à noite, que o bosque era perigoso? Mas elas já sabiam disso. Meredith nunca deixaria Elena ir até ao Bosque Antigo, não agora que Elena era humana. E Bonnie daria um enorme ataque barulhento se alguém ao menos mencionasse sair no escuro - afinal, Elena tinha lhe mostrado aquelas coisas que estavam lá fora, não tinha?

Malach. Uma palavra feia para uma criatura genuinamente horrorosa.

O que eles realmente precisavam era que alguns policiais saíssem e tirassem a árvore do caminho. Mas não à noite. Era provável que ninguém mais usasse aquela estrada solitária hoje à noite, e mandar pessoas para lá – bem, era como mandá-los para os malach numa bandeja. Ele ligaria para a polícia para falar disso cedinho amanhã. Eles colocariam as pessoas certas lá para mover aquele negócio.

Estava escuro, e mais tarde do que tinha imaginado. Ele provavelmente deveria ligar para as garotas, afinal. Ele simplesmente desejava que sua cabeça clareasse. Seus arranhões coçavam e queimavam. Ele estava achando difícil pensar. Talvez se ele apenas tirasse um tempo para respirar...

Ele inclinou sua testa contra o volante. E então a escuridão fechou-se.



Capítulo 18

Matt despertou, confusamente, para se encontrar ainda atrás do volante do carro de Elena. Ele tropeçou até sua casa, quase se esquecendo de trancar o carro, e então tateando as chaves abriu a porta dos fundos. A casa estava escura; seus pais estavam dormindo. Ele chegou até seu quarto e caiu na cama sem nem ao menos tirar os sapatos.

Quando acordou novamente, ele ficou surpreso ao descobrir que eram nove da manhã, e seu telefone celular estava tocando no bolso da calça jeans.

"Meredith?"

"Nós pensamos que você viria mais cedo esta manhã."

"Eu ia, mas eu tenho que descobrir primeiro como," disse Matt, ou melhor, grasnou. Sua cabeça parecia ter o dobro do seu tamanho normal e seu braço pelo menos quatro vezes maior. Mesmo assim, algo no fundo de sua mente estava calculando como chegar à pensão, sem pegar a Estrada do Bosque Antigo. Finalmente alguns neurônios se iluminaram e mostraram-lhe a resposta.

"Matt? Você ainda está aí?"

"Eu não tenho certeza. Ontem à noite... Deus, não consigo nem me lembrar da noite passada. Mas no caminho de casa – olha, eu vou te dizer quando eu chegar aí. Primeiro eu tenho que chamar a polícia."

"A polícia?"

"Sim... olhe... apenas me dê uma hora, ok? Eu estarei aí em uma hora."

Quando ele finalmente chegou à pensão, estava mais perto das onze do que das dez. Mas uma chuvairada tinha clareado a sua cabeça, mesmo que não tivesse feito muito pelo seu braço latejante. Quando ele apareceu, ele foi envolvido por preocupação feminina.

"Matt, o que aconteceu?"

Ele contou para elas tudo o que conseguiu se lembrar. Quando Elena, com lábios imóveis, desfez a bandagem ortopédica que ele tinha enrolado no braço, todos eles estremeceram. Os arranhões longos estavam com certeza muito infectados.

"Eles são venenosos, então, estes Malach."

"Sim," disse Elena laconicamente. "Venenosos para o corpo e para a mente."



"E você acha que um desses pode entrar nas pessoas?" Meredith perguntou. Ela estava rabiscando em uma página do caderno, tentando desenhar algo que parecia com o que Matt havia descrito.

"Sim."

Por apenas um momento os olhos de Elena e Meredith se encontraram - então ambas olharam para baixo. Por fim Meredith disse, "E como vamos saber se um deles está dentro... de alguém... ou não?"

"Bonnie deve ser capaz de nos dizer, em transe," disse Elena uniformemente. "Até eu poderia ser capaz de dizer, mas eu não vou usar Poder Branco para isso. Nós estamos indo ver a Sra. Flowers."

Ela disse isso dessa forma especial que Matt tinha aprendido a reconhecer há muito tempo, e isso significava que nenhum argumento faria efeito. Ela estava colocando o pé no chão, e era isso.

E a verdade é que Matt não se sentia muito bem para discutir. Ele odiava queixar-se - ele havia jogado partidas de futebol com uma clavícula quebrada, um joelho torcido, um tornozelo luxado - mas isto foi diferente. Seu braço parecia que ia explodir.

Sra. Flowers estava lá embaixo na cozinha, mas na mesa da sala de estar estavam quatro copos de chá gelado.

"Eu estarei com você em um momento," ela falou através da porta vai-e-vem que dividia a cozinha do local onde eles estavam. "Bebam o chá, especialmente o jovem que está machucado. Isso vai ajudá-lo a relaxar."

"Chá de ervas," Bonnie sussurrou para os outros, como se isso fosse um segredo comercial.

O chá não foi de todo ruim, apesar de que Matt teria preferido uma Coca-Cola. Mas quando ele pensou nele como um remédio, e com as garotas observando-o como falcões, ele conseguiu beber mais da metade dele antes que a proprietária chegasse.

Ela estava usando o chapéu de jardinagem - ou, pelo menos, um chapéu com flores artificiais sobre ele que parecia como se tivesse sido utilizado para jardinagem. Mas em uma bandeja de bolinhos, ela tinha uma série de instrumentos, todos brilhando como se tivessem acabado de ser fervidos.

"Sim, querida, eu sou," ela disse para Bonnie, que se levantou na frente de Matt protetora. "Eu costumava ser uma enfermeira, assim como sua irmã. As mulheres não eram incentivadas a se tornarem doutoras. Mas toda a minha vida eu fui uma bruxa. Fica meio solitário, não é mesmo? "

"Não seria tão solitário," disse Meredith, olhando intrigada, "se você morasse mais perto da cidade."



"Ah, mas então eu teria pessoas olhando para minha casa o tempo todo, e as crianças desafiando uma a outra a correrem e tocarem, ou a jogarem pedras na minha janela, ou adultos olhando para mim toda vez que eu fosse fazer compras. E como eu poderia manter meu jardim em paz?"

Foi o mais longo discurso que qualquer um deles tinha a ouvido fazer. Pegou-os tão de surpresa que se passou um momento antes de Elena falar, "Eu não entendo como você pode manter seu jardim em paz aqui. Com todos os veados e coelhos e outros animais."

"Bem, a maior parte dele é para os animais, veja bem." Sra. Flowers sorriu beatificamente e seu rosto pareceu iluminar-se por dentro. "Eles certamente gostam disso. Mas eles não gostam das ervas que crescem para ser colocadas em arranhões, cortes e entorses e tal. E talvez eles saibam que eu sou uma bruxa também, uma vez que sempre deixam um pouco do jardim para mim e talvez para um ou dois hóspedes."

"Por que você está me dizendo tudo isso agora?" Elena exigia. "Ora, houve várias vezes quando eu estava procurando por você ou por Stefan, quando eu pensei - bem, não importa o que eu pensei. Mas nem sempre eu tinha certeza se você era nossa amiga."

"A verdade é que eu comecei a me tornar solitária e anti-social na minha velhice. Mas agora você perdeu o seu jovem, não é? Eu gostaria de ter acordado um pouco mais cedo esta manhã. Então, eu poderia ter sido capaz de falar com ele. Ele deixou o dinheiro para o aluguel de um ano do quarto na mesa da cozinha. Eu sempre tive afeição por ele, e essa é a verdade."

Os lábios de Elena tremiam. Matt apressada e heroicamente, ergueu o braço ferido. "Você pode ajudar com isso?" Perguntou ele, tirando a bandagem de novo.

"Oh, nossa, nossa. E que tipo de bicho te fez isso?" a Sra. Flowers disse, analisando os arranhões enquanto as três meninas estremeceram.

"Achamos que foi uma malach," Elena disse calmamente. "Você sabe alguma coisa sobre isso?"

"Eu já ouvi a palavra, sim, mas eu não sei nada específico. Há quanto tempo você conseguiu isso?" Ela perguntou Matt. "Eles se parecem mais com marcas de dentes do que marcas de garras."

"E são," disse Matt severamente, e ele descreveu o malach a ela o melhor que pôde. Foi em parte para manter-se distraído, porque a Sra. Flowers tinha apanhado um dos instrumentos reluzentes da bandeja de biscoitos e estava começando a fazer alguma coisa em seu braço vermelho e inchado.

"Segure o mais firme quanto você puder nesta toalha," disse ela. "Estes já formaram crostas, mas eles precisam ser abertos e drenados e limpos de forma adequada. Isto vai doer. Por que uma de vocês garotas não ajuda a segurar a mão dele para manter o braço parado?"



Elena começou a se levantar, mas Bonnie foi mais rápida do que ela, quase pulando sobre Meredith para pegar as mãos de Matt em suas próprias mãos.

A drenagem e limpeza foram dolorosas, mas Matt conseguiu suportá-las sem fazer um som, até mesmo dando uma espécie de sorriso doentio para Bonnie enquanto sangue e pus escorriam do seu braço. A punção doeu no início, mas tirar a pressão do machucado o fez se sentir bem melhor, e quando as feridas foram drenadas e limpas e depois cobertas com uma compressa fria à base de plantas, ele se sentiu abençoadamente fresco e pronto para curar corretamente.

Foi enquanto ele estava tentando agradecer a velha senhora que ele notou Bonnie olhando para ele. Em particular, para seu pescoço. De repente, ela riu.

"O quê? O que é engraçado?"

"O inseto," disse ela. "Deu-lhe um chupão. A menos que você tenha feito outra coisa na noite passada que não nos contou."

Matt poderia sentir-se corando enquanto puxava sua gola mais para cima. "Eu lhes disse tudo, e foi o malach. Ele tinha uma espécie de tentáculos com ventosas ao redor do meu pescoço. Ele estava tentando me estrangular!"

"Eu me lembro agora," disse Bonnie humildemente. "Eu sinto muito."

Sra. Flowers tinha uma pomada à base de plantas para a marca que a ventosa havia deixado – e uma para os arranhões nas juntas da mão de Matt. Depois que ela havia aplicado a pomada, Matt se sentiu tão bem que ele era capaz de olhar timidamente para Bonnie, que estava observando-o com grandes olhos castanhos.

"Eu sei, ele se parece com um chupão," disse ele. "Eu o vi esta manhã no espelho. E eu tenho outra mais abaixo, mas pelo menos minha gola cobre um deles." Ele bufou e esticou sua mão por dentro da sua camisa para aplicar mais pomada. As meninas riram – uma liberação da tensão que todos eles estavam sentindo.

Meredith tinha começado a voltar para a porta estreita que eles tinham atravessado quando saíram do quarto de Stefan, e Matt automaticamente a seguiu. Ele não percebeu que Elena e Bonnie ficaram para trás até estar no meio da escada, e em seguida, Meredith lhe acenou para que continuasse.

"Elas estão apenas deliberando," disse Meredith, em sua voz calma, não agitada.

"Sobre mim?" Matt engoliu. "É sobre essa coisa que Elena viu dentro de Damon, certo? O malach invisível. E se eu tenho ou não um dentro de mim agora. "

Meredith, nunca minimizando nada, apenas balançou a cabeça. Mas ela colocou a mão brevemente em seu ombro quando eles entraram no escuro quarto de teto alto.



Pouco depois, Elena e Bonnie subiram, e Matt pode afirmar de só uma vez pelos rostos delas que o pior cenário não era verdade. Elena viu a sua expressão e imediatamente foi até ele e o abraçou. Bonnie seguida, mais timidamente.

"Sente-se bem?" Disse Elena, e Matt afirmou.

"Eu me sinto bem," disse ele. Como se tivesse lutado com jacarés, ele pensou. Nada era mais agradável do que abraçar garotas macias, macias.

"Bem, o consenso é que você não tem nada dentro de você que não deveria estar aí. Sua aura é clara e forte, agora que você não está com dor."

"Graças a Deus," disse Matt, e ele falava sério.

Foi nesse momento que seu celular tocou. Ele franziu a testa, perplexo com o número apresentado, mas ele respondeu.

"Matthew Honeycutt?"

"Sim."

"Espere, por favor."

Uma nova voz veio: "Sr. Honeycutt? "

"Uh, sim, mas -"

"Aqui é Rich Mossberg do Departamento de Polícia de Fell's Church. Você ligou esta manhã para relatar uma árvore caída no meio do caminho da Estrada do Bosque Antigo?"

"Sim, eu -"

"Sr. Honeycutt, nós não gostamos de trotes desse tipo. Nós os desaprovamos, na verdade. Toma-se um tempo valioso de nossos oficiais e, além disso, é crime fazer um relatório falso à polícia. Se eu quisesse, Sr. Honeycutt, eu poderia fichá-lo por este crime e fazer você responder por ele a um juiz. Eu não vejo o que você vai achar de tão divertido nisso."

"Eu não iria - eu não acharia nada divertido nisso! Olha, ontem à noite-" a voz de Matt sumiu. O que ele poderia dizer? Ontem à noite fui atacado por uma árvore e um inseto monstro? Uma pequena voz dentro dele acrescentou que os oficiais de polícia de Fell's Church pareciam passar a maior parte de seu valioso tempo andando em volta do Dunkin'Donuts na praça da cidade, mas as próximas palavras que ouviu a desligou.

"Na verdade, Sr. Honeycutt, sob a autoridade do Código do Estado de Virgínia, Seção 18.2-461, fazer um relatório policial falso é passível de pena como contravenção de Classe 1. Você poderia ter a sorte de passar um ano na prisão ou pagar vinte e cinco mil dólares de multa. Você acha isso divertido, Sr. Honeycutt?"

"Olha, eu -"



"Você, de fato, tem vinte e cinco mil dólares, o Sr. Honeycutt?"

"Não, eu – eu -" Matt esperava ser interrompido e então ele percebeu que não ia ser. Ele estava navegando em águas desconhecidas. O que dizer? O malach tirou a árvore do caminho – ou talvez ela tenha se movido sozinha? Ridículo. Finalmente, ele falou em uma voz chiada, "Lamento que não tenham encontrado a árvore. Talvez... de alguma forma ela tenha sido movida."

"Talvez de alguma forma ela tenha sido movida," o delegado repetiu sem expressão. "Na verdade, talvez de alguma forma ela tenha se movido da estrada, assim como todos os sinais de pare e siga se moveram dos cruzamentos. Isso te lembra alguma coisa, Sr. Honeycutt?"

"Não!" Matt sentiu-se enrubescer. "Eu nunca moveria qualquer tipo de sinalização." Agora as meninas estavam aglomeradas em torno dele, como se pudesse ajudar de alguma forma aparecendo como um grupo. Bonnie gesticulava vigorosamente, e sua expressão indignada deixou claro que ela queria falar com o xerife pessoalmente.

"Na verdade, Sr. Honeycutt," Xerife Mossberg o cortou, "nós ligamos para o telefone da sua casa primeiro, já que é o telefone que você usou para fazer a denúncia. E sua mãe nos disse que ela não tinha visto você por toda a noite passada."

Matt ignorou a pequena voz que queria dizer, *Isso é um crime?* "Isso foi porque me atrasei -"

"Por uma causa de uma árvore que anda, Sr. Honeycutt? Na verdade nós já tínhamos uma outra chamada a respeito da sua casa na noite passada. Um membro da *Neighborhood Watch* * relatou a respeito de um carro suspeito na frente de sua casa. De acordo com a sua mãe, você recentemente destruiu completamente o seu próprio carro, não é mesmo, Sr. Honeycutt?" *Vizinhança Vigilante - sistema de vigilância comunitária.

Matt pode ver onde isso estava indo e ele não gostou. "Sim," ele ouviu-se dizendo, enquanto sua mente trabalhava desesperadamente por uma explicação plausível. "Eu estava tentando desviar de uma raposa. E -"

"No entanto houve um relato de um modelo novo de Jaguar estacionado na frente de sua casa, mas suficientemente longe da rua para ser - imperceptível. Um carro tão novo que ainda não tinha placas de licença. Este era, de fato, seu carro, Sr. Honeycutt?"

"Sr. Honeycutt é meu pai!" Disse Matt desesperadamente. "Eu sou Matt. E foi o carro do meu amigo-"

"E o nome do seu amigo é...?"

Matt olhou para Elena. Ela estava fazendo gestos de espera, obviamente tentando pensar. Dizer Elena Gilbert seria suicídio. A polícia, de todas as pessoas,



sabia que Elena Gilbert estava morta. Agora Elena estava apontando ao redor da sala e dizendo palavras para ele.

Matt fechou os olhos e disse as palavras, "Stefan Salvatore. Mas ele deu o carro para sua namorada?" Ele sabia que estava terminando sua frase com uma pergunta, mas ele mal podia acreditar no que Elena estava indicando para ele.

Agora, o xerife estava começando a soar cansado e irritado. "Está me perguntando isso, Matt? Então você estava dirigindo o carro novo da namorada do seu amigo. E o nome dela é...?"

Houve um breve momento, quando as meninas pareciam discordar e Matt pendurado no limbo. Mas, então, Bonnie jogou seus braços para cima e Meredith avançou, apontando para si mesma.

"Meredith Sulez," Matt disse fracamente. Ele ouviu a hesitação de sua própria voz e ele repetiu, com voz rouca, mas com mais convicção, "Meredith Sulez."

Agora Elena rapidamente cochichava no ouvido de Meredith.

"E o carro foi comprado onde? Sr. Honeycutt?"

"Sim," disse Matt. "Só um segundo-" Ele colocou o telefone na mão estendida de Meredith.

"Aqui é Meredith Sulez," disse Meredith sem problemas, no polido e relaxado tom de uma música clássica de um *disk jockey*.

"Senhorita Sulez, você ouviu a conversa até agora?"

"Srta. Sulez, por favor, Sargento. Sim, eu ouvi."

"Você, de fato, emprestou seu carro para o Sr. Honeycutt?"

"Eu emprestei."

"E onde está o senhor-," –houve um arrastar de papel– "Stefan Salvatore, o dono original do carro?"

Ele não está perguntando a ela onde comprou, Matt pensou. Ele deve saber.

"Meu namorado está longe da cidade neste momento," disse Meredith, ainda na mesma voz, refinada, imperturbável. "Eu não sei quando ele vai estar de volta. Quando ele voltar, devo pedi-lo para falar com você?"

"Isso seria sábio," Xerife Mossberg disse secamente. "Nestes dias poucos carros são comprados em dinheiro vivo, especialmente carros novos do modelo Jaguar. Eu gostaria do número de sua carteira de motorista, também. E, na verdade, eu gostaria muito de falar com o Sr. Salvatore quando ele retornar."



"Isso será muito em breve," disse Meredith, um pouco devagar, mas seguindo as ordens de Elena. Então, ela recitou o número de sua carteira de motorista de memória.

"Obrigado," disse o xerife Mossberg brevemente. "Isso vai ser tudo por-"

"Posso apenas dizer uma coisa? Matt Honeycutt nunca, nunca removeria os sinais de trânsito. Ele é um motorista muito consciente e era um líder em sua classe do ensino médio. Você pode falar com qualquer um dos professores da escola Robert E. Lee, ou mesmo a diretora, se ela não estiver de férias. Qualquer um deles vai lhe dizer a mesma coisa."

O xerife não parece estar impressionado. "Você pode dizer-lhe por mim que eu vou estar de olho nele no futuro. Na verdade talvez seja uma boa ideia ele passar no departamento de polícia hoje ou amanhã," disse ele, e então o telefone ficou mudo.

Matt explodiu: "Namorada de Stefan? Você, Meredith? E se o negociante do carro, disser que a menina era uma loira? Como é que vamos resolver isso?"

"Nós não vamos," disse Elena simplesmente atrás de Meredith. "Damon vai. Tudo o que temos a fazer é encontrá-lo. Tenho certeza que ele pode cuidar de Xerife Mossberg com um pequeno controle mental – se o preço for justo. E não se preocupem comigo," disse ela suavemente. "Você está franzindo a testa, mas tudo vai ficar bem."

"Você acredita nisso?"

"Eu tenho certeza disso." Elena deu-lhe outro abraço e um beijo na bochecha.

"Eu tenho que passar no departamento do xerife, hoje ou amanhã, no entanto."

"Mas não estará sozinho!" Bonnie disse, e seus olhos estavam brilhando com indignação. "E quando Damon for com você, Xerife Mooseburger* vai acabar se tornando o seu melhor amigo. * Bonnie faz um trocadilho com o sobrenome do Xerife, que é Mossberg. Numa tradução literal, seria "Hambúguer de Alce".

"Tudo bem," disse Meredith. "Então o que vamos fazer hoje?"

"O problema," Elena se virou, batendo um dedo contra o lábio superior, "é que temos muitos problemas de uma vez e não quero que ninguém – e eu digo ninguém – saia sozinho. É claro que existem malachs no Bosque Antigo, e que eles estão tentando fazer coisas não-amistosas conosco. Matar-nos, por exemplo."

Matt regozijou-se no alívio caloroso de credibilidade. A conversa com o xerife Mossberg tinha o abalado mais do que ele queria mostrar.

"Então vamos formar grupos de trabalho," Meredith disse, "e dividiremos as tarefas entre eles. Quais os problemas que precisamos planejar?"



Elena listou os problemas com os dedos. "Um problema é Caroline. Eu realmente acho que alguém deve tentar vê-la, pelo menos para tentar descobrir se ela tem uma dessas coisas dentro dela. Outro problema é Tami - e quem sabe quem mais? Se Caroline é... contagiosa de alguma forma, ela poderia ter espalhado isso para outra menina – ou rapaz."

"Tudo bem," disse Meredith, "e o que mais?"

"Alguém precisa entrar em contato com Damon. Tentar descobrir com ele qualquer coisa que ele saiba sobre a partida de Stefan, e também tentar convencê-lo a ir para a delegacia influenciar o Xerife Mossberg."

"Bem, é melhor você estar na última equipe, já que você é provavelmente a única com quem Damon queira falar," disse Meredith. "E Bonnie deve ir neste também, para que ela possa manter-"

"Não. Nada de Chamados hoje," declarou Bonnie. "Eu sinto muito, Elena, mas eu simplesmente não posso, não sem um dia de descanso entre eles. E, além disso, se Damon quer falar com você, tudo que você precisa fazer é andar – não entrar na floresta, mas próximo dela – e chamá-lo você mesma. Ele sabe tudo o que está acontecendo. Ele saberá que você está lá."

"Então eu deveria ir com Elena," Matt argumentou. "Até por que o xerife é problema meu. Eu gostaria de ir até o lugar onde eu vi as árvores-"

Imediatamente, houve um protesto de todas as três meninas.

"Eu disse que gostaria," disse Matt. "Não que nós deveríamos planejar isso. Isso é um ponto que nós sabemos que é muito perigoso."

"Tudo bem," disse Elena. "Então, Bonnie e Meredith vão visitar Caroline, e você e eu iremos caçar Damon, tudo bem? Eu preferiria ir caçar Stefan, mas nós simplesmente não temos informações suficientes ainda."

"Certo, mas antes de ir, talvez pudesse parar na casa de Jim Bryce. Matt tem uma desculpa para parar lá a qualquer momento – ele conhece Jim. E você pode verificar o progresso de Tami dessa forma," Meredith sugeriu.

"Isso soa como os planos A, B e C," disse Elena e, em seguida, espontaneamente, todos eles riram.

Era um dia claro, com um sol quente brilhando no céu.

À luz do sol, apesar do pequeno aborrecimento com a ligação do xerife Mossberg, todos eles se sentiam fortes e capazes.

Nenhum deles tinha qualquer ideia de que eles estavam prestes a entrar no pior pesadelo de suas vidas.

Bonnie ficou para trás enquanto Meredith batia na porta da frente da casa dos Forbes.



Depois de um tempo sem resposta e silêncio no interior, Meredith bateu novamente.

Desta vez, Bonnie podia ouvir sussurros e a Sra. Forbes assobiando alguma coisa, e a risada distante de Caroline.

Finalmente, no momento em que Meredith estava prestes a tocar a campainha – a maior falta de educação entre os vizinhos em Fell's Church – a porta se abriu. Bonnie primorosamente escorregou um pé para dentro, impedindo a porta de fechar novamente.

"Olá, Sra. Forbes. Nós apenas..." Meredith vacilou. "Nós só queríamos ver se Caroline está melhor," ela terminou em um som estridente. Sra. Forbes olhou como se tivesse visto um fantasma - e tivesse passado a noite toda pensando nele.

"Não, ela não está. Nada melhor. Ela ainda está – doente." A voz da mulher era oca e distante e os olhos estavam no chão observando o lugar onde estava o pé direito de Bonnie. Bonnie sentiu os pêlos finos em seus braços e da parte de trás do seu pescoço ficar em pé.

"Ok, Sra. Forbes." Até mesmo Meredith soava falsa e oca.

Então, de repente alguém disse, "Você está bem?" e Bonnie percebeu que era a sua própria voz.

"Caroline... não está bem. Ela... não está recebendo ninguém," sussurrou a mulher.

Um iceberg pareceu deslizar para baixo na coluna de Bonnie. Ela queria virar e correr dessa casa e de sua aura de maldade. Mas naquele momento a Sra. Forbes de repente caiu. Meredith mal foi capaz de frear sua queda.

"Ela desmaiou," Meredith disse laconicamente.

Bonnie queria dizer: "Bem, coloque-a lá dentro no tapete e corra! Mas elas dificilmente poderiam fazer isso.

"Temos que levá-la para dentro," Meredith afirmou categoricamente. "Bonnie, você está pronta para ir?"

"Não," disse Bonnie categoricamente também, "mas que escolha temos?"

Sra. Forbes, era pequena, mas pesada. Bonnie controlou seus pés e seguiu Meredith, passo a relutante passo, para dentro da casa.

"Vamos colocá-la em sua cama," disse Meredith. Sua voz era trêmula. Havia algo na casa que era terrivelmente perturbador – como se ondas de pressão estivessem sendo comprimidas sobre elas.

E então Bonnie viu. Apenas um vislumbre quando entraram na sala. Foi no corredor, e poderia ter sido um jogo de luz e sombra lá, mas o que ela olhou em



todo mundo pareceria uma pessoa. Uma pessoa movendo-se como um lagarto – mas não no chão. No teto.



Capítulo 19



att estava batendo na porta de Bryce, com Elena em seu lado.

Elena havia se disfarçado ao enfiar todo seu cabelo em um boné de beisebol do Virginia Cavaliers* e usar um óculos escuros que ela achara em uma das gavetas de Stefan. Ela também estava vestindo uma camisa xadrez extra-grande marrom e azul-marinho de Pendleton** doada por Matt, e uma calça jeans de Meredith que ficara pequena demais para ela. Ela tinha certeza de que alguém que tivesse conhecido a velha Elena Gilbert nunca iria reconhecê-la, vestida daquela maneira.

* Virginia Cavaliers são os times atléticos que representam oficialmente a Universidade de Virginia nos esportes universitários. ** cidade em Oregon.

A porta abriu-se muito lentamente, não para revelar o Sr. ou Sra. Bryce, nem Jim, mas Tamra. Ela estava vestindo – bem, quase nada. Ela usava um biquíni fio dental na parte inferior, mas que parecia feito à mão, como se ela tivesse cortado um biquíni normal com uma tesoura - e ele estava começando a se desmanchar. Na parte de cima ela usava duas decorações redondas de papelão com lantejoulas coladas e alguns fios de ouro* colorido. Na cabeça, ela usava uma coroa de papel, que era claramente de onde ela tinha pegado o ouro*. Ela fez uma tentativa de colar os cordões sobre a parte de baixo do biquíni também. O resultado parecia ser o que era: a tentativa de uma criança de fazer uma roupa de show para uma showgirl ou stripper de Las Vegas.

* no original, 'tinsel', esse enfeite de árvore de Natal ->http://www.germes-online.com/direct/dbimage/50339268/Tinsel_Garlands.jpg

Matt imediatamente se virou e ficou de costas, mas Tami atirou-se nele e agarrou-se em suas costas.

"Matt Honey-butt*" ela falou. "Você voltou. Eu sabia que você voltaria. Mas por que você traz essa vagabunda velha feia com você? Como poderemos—"

* No original 'Bumbum de Mel'.

Elena adiantou-se, então, porque Matt tinha levantado a mão para ela. Ela tinha certeza de que Matt nunca havia batido numa mulher em sua vida, especialmente numa criança, mas ele também estava mais sensível sobre um ou dois assuntos. Como ela.

Elena deu um jeito de se meter entre Matt e a surpreendentemente forte Tamra. Ela teve que conter um sorriso ao contemplar o traje de Tami. Afinal, apenas há poucos dias, ela não tinha entendido completamente nada sobre o tabu da nudez humana. Agora ela já tinha voltado a entender, mas ele não parecia tão importante quanto parecera há um tempo. Pessoas nasciam com suas próprias peles perfeitamente boas. Não havia nenhuma razão real, em sua mente, para vestir peles falsas sobre aquelas, a menos que estivesse frio ou fosse de alguma



forma desconfortável sem elas. Mas a sociedade dizia que era ruim estar despido. Então Tami estava tentando ser má, em sua maneira infantil.

"Tire as mãos de mim, sua vagabunda velha," Tamra rosnou quando Elena a segurou longe de Matt, e em seguida acrescentou vários palavrões bastante longos.

"Tami, onde estão seus pais? Onde está seu irmão?" Perguntou Elena. Ela ignorou as palavras obscenas – elas eram apenas sons – mas viu que Matt tinha ficado branco ao redor dos lábios.

"Você, peça desculpas pra Elena agora mesmo! Desculpas por falar desta maneira!" Exigiu ele.

"Elena é um cadáver fedorento com minhocas no lugar dos seus olhos," Tamra cantou levianamente. "Mas minha amiga diz que ela era uma vagabunda quando ela estava viva. Uma verdadeira" – então uma sequência de palavrões que a fez engasgar –

"Vagabunda barata. *Você* sabe. Nada é mais barato do que algo que vem de graça."

"Matt, apenas ignore," disse Elena num sussurro, e então repetiu: "Onde estão seus pais e Jim?"

A resposta estava imunda com mais palavrões, mas se somaram a história – verdadeira ou não – de que o Sr. e a Sra. Bryce tinham saído de férias por alguns dias, e que Jim estava com sua namorada, Isobel.

"Ok, então, acho que vou ter que ajudá-la a vestir algumas roupas mais decentes," disse Elena. "Primeiro, eu acho que você precisa de um chuveiro para tirar esses enfeites de Natal–"

"Então teeente-e-e! Então teeente-e-e!" A resposta estava em algum lugar entre o relincho de um cavalo e a fala humana. "Eu os coleí com cola Super Bonder!" Tami completou e então começou a rir uma risada alta e histérica.

"Oh, meu Deus, Tamra, você percebe que, se não houver nenhum solvente para isso, você pode precisar de cirurgia?"

A resposta de Tami foi obscena. Então veio um súbito cheiro fétido. Não, não um cheiro, pensou Elena: um sufocante e asfixiante fedor.

"Oops!" Tami deu mais uma vez aquela risada histérica. "*Pardon moi*. Pelo menos é um gás natural."

Matt pigarreou. "Elena - Eu não acho que deveríamos estar aqui. Com os pais dela sumidos e tal... "

"Eles estão com medo de mim," Tamra riu. "*Vocês* não estão?" – Muito de repente com uma voz que tinha caído várias oitavas.



Elena olhou Tamra nos olhos. "Não, eu não estou. Eu só estou com pena de uma menina que estava no lugar errado na hora errada. Mas, Matt está certo, eu acho. Temos de ir."

As maneiras de Tami pareceram mudar completamente. "Desculpem-me... Eu não sabia que eu tinha convidado desse calibre. Não vá, por favor, Matt." Então, acrescentou ela em um sussurro confidencial para Elena, "Ele é bom? "

"O quê?"

Tami acenou para Matt, que imediatamente deu as costas para ela. Ele parecia como se estivesse sentindo um fascínio terrível e repugnante pela aparência ridícula de Tami.

"Matt, olhe para isso." Elena levantou um pequeno tubo de cola. "Acho que ela realmente colou isso em sua pele com Super Bonder. Temos que chamar o serviço protetor da criança ou o que seja, porque ninguém a levou ao hospital ainda. Se os pais dela sabiam sobre esse comportamento, ou não, eles não deveriam tê-la deixado sozinha em casa."

"Eu só espero que eles estejam bem. A família dela," disse Matt sombriamente, enquanto caminhava porta afora, com Tami os seguindo tranquilamente até o carro, e gritando detalhes escabrosos sobre "quanta diversão," eles tiveram, "eles três."

Elena olhou-o inquieta de seu lugar no banco do passageiro – sem identificação ou carteira de motorista, é claro, ela sabia que não deveria dirigir. "Talvez seja melhor levá-la para a polícia primeiro. Meu Deus, aquela pobre família!"

Matt não disse nada por um longo tempo. Seu queixo estava travado, sua boca contorcida. "Eu, de alguma forma, sinto como se fosse o responsável. Quer dizer, eu sabia que havia algo errado com ela – eu deveria ter dito a seus pais."

"Agora você está soando como Stefan. Você não é responsável por todos que encontra."

Matt deu-lhe um olhar agradecido, e Elena continuou: "Na verdade eu vou pedir pra Bonnie e Meredith fazerem uma outra coisa, o que vai provar que a culpa não é sua. Vou pedir-lhes para verificar Isobel Saitou, a namorada do Jim. Você nunca teve qualquer contato com ela, mas Tami talvez tenha tido. "

"Quer dizer que você acha que ela tem, também?"

"Isso é o que eu espero que Bonnie e Meredith descubram."



Bonnie parou bruscamente, quase perdendo sua posse dos pés da Sra. Forbes. "Eu não vou entrar naquele quarto."

"É preciso. Eu não posso carregá-la sozinha," disse Meredith. Então adicionou bajuladoramente, "Olhe, Bonnie, se você entrar comigo, eu te conto um segredo."

Bonnie mordeu o lábio. Então, ela fechou os olhos e deixou Meredith guiá-la, passo a passo adentro nesta casa de horror.

Ela sabia onde era o quarto principal – afinal, ela havia brincado aqui desde a infância. Até o fim do corredor, então vire à esquerda.

Ela ficou surpresa quando Meredith parou subitamente depois de apenas alguns passos. "Bonnie."

"Então? O quê?"

"Eu não quero assustar você, mas-"

Isto teve o efeito imediato de aterrorizar Bonnie. Seus olhos se arregalaram. "O quê? O quê?" Antes que Meredith pudesse responder, ela olhou por cima do ombro com medo e viu o quê.

Caroline estava atrás dela. Mas não em pé. Ela estava engatinhando, não, ela estava rastejando, do jeito que ela tinha rastejado no quarto de Stefan. Como um lagarto. Seus cabelos bronze, despenteados, pendiam sobre seu rosto. Seus cotovelos e joelhos pra fora em ângulos impossíveis.

Bonnie gritou, mas a pressão da casa pareceu sufocar o grito de volta garganta abaixo. O único efeito que o grito teve foi fazer Caroline olhar pra ela, levantando a cabeça com um rápido movimento réptil.

"Oh, meu Deus, Caroline, o que aconteceu com seu rosto?"

Caroline tinha um olho roxo. Ou melhor, um olho vermelho-púrpura que estava tão inchado que Bonnie sabia que iria ficar roxo sem demora. Em sua mandíbula estava outro hematoma roxo e inchado.

Caroline não respondeu, a menos que você contasse o assobio sibilante que deu enquanto rastejava em frente.

"Corre Meredith! Ela está bem atrás de mim!"

Meredith acelerou seu passo, parecendo assustada – o que tornou tudo ainda mais assustador Bonnie, porque quase nada conseguia abalar sua amiga. Mas à medida que elas cambaleavam para frente, com a Sra. Forbes quicando entre elas, Caroline rastejou direto por baixo de sua mãe e pela porta do quarto dos pais, o quarto do casal.



"Meredith, não vou entrar n-" Mas elas já estavam passando tropeçando pela porta. Bonnie lançou rápidos olhares para cada canto. Caroline estava longe de vista.

"Talvez ela esteja no closet," disse Meredith. "Agora, deixe-me ir primeiro pra colocar a cabeça do outro lado da cama. Podemos ajustar ela mais tarde. "Ela contornou a cama, quase arrastando Bonnie com ela, e jogou a parte superior do tronco da Sra. Forbes, de modo que sua cabeça repousasse sobre os travesseiros. "Agora é só puxá-la e colocar as pernas no outro lado."

"Eu não posso fazê-lo. Não posso! Caroline está embaixo da cama, você sabe."

"Ela não pode estar embaixo da cama. A fenda tem apenas doze centímetros de folga," Meredith disse com firmeza.

"Ela está lá! Eu sei. E" – um tanto feroz – "você prometeu que ia me contar um segredo."

"Tudo bem!" Meredith deu um olhar cúmplice através dos cabelos escuros desgrenhados. "Eu telegrafei ontem para o Alaric. Ele está tão longe e isolado que telegrafar é a única maneira de entrar em contato com ele, e podem passar dias antes que a minha mensagem chegue até ele. Eu tive um palpite de que íamos precisar de seus conselhos. Eu me sinto mal, pedindo-lhe para fazer projetos que não são para o doutorado, mas-"

"Quem se preocupa com o seu doutorado? Abençoada seja!" Gritou Bonnie felizmente. "Você fez muito bem!"

"Então venha ajeitar os pés da Sra. Forbes pra cima da cama. Você pode fazê-lo se você se apoiar."

A cama era uma California king-size*. A Sra. Forbes estava deitada nela, em um ângulo atravessado, como uma boneca jogada no chão. Mas Bonnie parou próximo ao pé da cama. "Caroline vai me agarrar." * Califórnia king-size é um tipo de cama king-size apropriada para pessoas altas, já que mede 1,83 (comprimento) x 2,13 (altura), contra 1,83 x 2,00 das camas normais.

"Não, ela não vai. Vamos Bonnie. Basta pegar as pernas da Sra. Forbes e dar um empurrão..."

"Se eu chegar tão perto da cama, ela vai me agarrar!"

"Por que ela faria isso?"

"Porque ela sabe o que me assusta! E agora que eu disse isso, ela com certeza vai."

"Se ela te agarrar, eu chuto a cara dela."

"Sua perna não é tão longa. Iria bater no trocinho da moldura de metal da cama—"



"Ah, pelo amor de Deus, Bonnie! Apenas me ajudeeeeeee! "A última palavra foi um grito a todo pulmão.

"Meredith—" começou Bonnie, e então ela gritou também.

"O que foi?"

"Ela está me agarrando!"

"Ela não pode! Ela está me agarrando! Ninguém tem braços tão longos!"

"Ou tão fortes! Bonnie! Eu não consigo fazer ela me soltar!"

"Nem eu!"

E então todas as palavras foram afogadas em gritos.



Depois de largar Tami com a polícia, levar Elena ao bosque conhecido como Fell's State Park foi... bem, um passeio no parque. Eventualmente eles paravam. Elena dava alguns passos em direção às árvores e ficava de pé, Chamando – como quer que se faça isso. Então, ela voltava para o Jaguar, parecendo desanimada.

"Eu não tenho certeza de que Bonnie não faria melhor do que isso," disse ao Matt. "Se conseguirmos no forçar a fazer isso à noite."

Matt estremeceu involuntariamente. "Duas noites foram o suficiente."

"Sabe, você nunca me contou sua história daquela primeira noite. Ou pelo menos, não quando eu conseguia entender palavras, palavras pronunciadas."

"Bem, eu estava dirigindo em volta como hoje, exceto que era do outro lado do Bosque Antigo – perto da área do Carvalho Quebrado pelo Raio...?"

"Certo."

"Quando bem no meio do caminho aparece alguma coisa."

"Uma raposa?"

"Bem, aquilo era vermelho na parte dianteira, mas não era como qualquer raposa que eu já vi. E eu venho dirigindo por esta estrada desde que eu posso dirigir."

"Um lobo?"

"Como um lobisomem, você quer dizer? Mas não – Eu já vi lobos na luz da lua e eles são maiores. Isso estava bem no meio. "



"Em outras palavras," disse Elena, estreitando os olhos lápis-lazúli "uma criatura única."

"Talvez. Com certeza era diferente do malach que mastigou o meu braço."

Elena assentiu. Malachs podiam tomar todos os tipos de formas diferentes, pelo que ela sabia. Mas eles eram irmãos de uma maneira: todos eles utilizam poder e todos eles precisam de uma dieta de Poder para viver. E eles podiam ser manipulados por um poder mais forte do que eles tinham.

E eles eram inimigos venenosos dos humanos.

"Portanto, tudo o que realmente sabemos é que não sabemos nada."

"Certo. Esse era o lugar, onde a coisa apareceu. Ele simplesmente pareceu de repente no meio do – *hey!*"

"Vá para a direita! Bem aqui! "

"Exatamente assim! Foi exatamente assim!"

O Jaguar guinchou e quase parou, ao virar a direita, não para uma vala, mas para uma pequena viela que ninguém notaria a menos que estivessem olhando diretamente para ela.

Quando o carro parou, ambos olharam para a viela, com a respiração árdua. Ambos não precisaram perguntar se o outro tinha visto uma criatura avermelhada cruzar a estrada, maior do que uma raposa, mas menor do que um lobo.

Eles olharam para a viela estreita.

"A grande questão: devemos ir atrás?" Matt perguntou.

"Sem placas de 'MANTENHA A DISTÂNCIA' e quase nenhuma casa deste lado do bosque. Do outro lado da rua e para baixo há a casa dos Dunstans."

"Então nós vamos entrar?"

"Nós vamos entrar. Basta ir devagar. É mais tarde do que eu pensava."



Meredith, é claro, foi a primeira a se acalmar. "Tudo bem, Bonnie," disse ela. "Pare com isso! Agora! Isso não vai ajudar em nada aqui!"



Bonnie não achou que poderia parar. Mas Meredith tinha aquele olhar especial em seus olhos escuros, que significava que ela estava falando sério. Era o olhar que ela teve antes de deitar Caroline no chão do Stefan.

Bonnie fez um esforço supremo e descobriu que de alguma forma ela era capaz de segurar os próximos gritos. Ela olhou silenciosamente para Meredith, sentindo a agitação de seu próprio corpo.

"Bom. Bom, Bonnie. Agora." Meredith engoliu. "Puxar também não ajuda em nada. Então eu vou tentar... arrancar os dedos dela. Se algo acontecer a mim, se eu for – puxada pra debaixo da cama ou qualquer coisa, então você corre Bonnie. E se você não puder correr, então você chama Elena e Matt. Você chama até obter uma resposta."

Bonnie fez algo quase heróico em seguida. Ela se recusou a imaginar a cena da Meredith sendo puxado sob a cama. Ela não iria deixar-se imaginar como pareceria Meredith lutando com todas as forças, desaparecendo, ou como ela se sentiria, totalmente sozinha depois disso. Ambas tinham deixado suas bolsas com seus celulares na entrada para carregar a Sra. Forbes, então Meredith não estava dizendo para chamá-los no sentido normal. Ela quis dizer Chamar eles.

Uma súbita e radical explosão de indignação varreu Bonnie. Para que as meninas carregam bolsas afinal de contas? Mesmo a eficiente e confiável Meredith muitas vezes o fazia. Claro que as bolsas de Meredith eram geralmente bolsas de mão que combinavam com suas roupas e estavam cheias de coisas úteis, como mini notebooks e lanternas-chaveiros, mas ainda assim... um menino teria o seu celular no bolso.

De agora em diante, eu irei usar uma pochete, Bonnie pensou, sentindo-se como se estivesse levantando uma bandeira rebelde contra as meninas de todos os lugares, e por apenas um momento o sentimento de pânico também recuou.

Então ela viu Meredith inclinando-se, uma figura encurvada na penumbra, e no mesmo instante ela sentiu o aperto no seu próprio tornozelo apertar. Apesar de seu pânico ela olhou para baixo e viu o contorno dos dedos bronzeados com longas unhas cor de bronze de Caroline contra o branco cremoso do tapete.

Pânico explodiu nela outra vez, com força total. Ela fez um som estrangulado que era um grito sufocado e para o seu próprio espanto, ela espontaneamente entrou em transe e começou a Chamar.

Não foi o fato de que ela estava fazendo isso que a surpreendeu. Foi o que ela estava dizendo.

Damon! Damon! Estamos presas na casa de Caroline e ela enlouqueceu! Ajude!

Isso fluíu para fora dela como uma corrente de água subterrânea que tinha sido aberta de repente, soltando um gêiser.



Damon, ela me prendeu pelo tornozelo – e ela não vai me soltar! Se ela puxar Meredith pra baixo, eu não sei o que vou fazer! Ajude-me!

Vagamente, porque o transe estava bom e profundo, ela ouviu Meredith dizer: "Ah-hah! Isso parecem dedos, mas na verdade são ramos. Deve ser um dos tentáculos que Matt nos falou a respeito. Estou – tentando – romper – uma das voltas..."

De uma vez só houve um guincho em debaixo da cama. E não apenas de um lugar, tampouco, mas massivas chicotadas e chacoalhadas que realmente agitaram o colchão para cima e para baixo, mesmo com a pobre Sra. Forbes sobre ele.

Deve haver dezenas desses insetos lá embaixo.

Damon, são aquelas coisas! Muitas delas. Oh, Deus, eu acho que vou desmaiar. E se eu desmaiar – e se Caroline me puxar pra baixo... Ah, por favor, venha e ajude!

"Droga!" Meredith estava dizendo. "Eu não sei como Matt conseguiu fazer isso. É muito apertado, e – e eu acho que há mais de um tentáculo aqui."

Está tudo acabado, Bonnie enviou em uma quieta conclusão, sentindo-se começar a cair de joelhos. *Nós vamos morrer.*

"Sem dúvida – esse é o problema com os humanos. Mas não ainda," disse uma voz por trás dela, e um braço forte enrolou-se em torno dela, levantando seu peso facilmente. "Caroline, a diversão acabou. Eu falo sério. Solte!"

"Damon?" Bonnie engasgou. "Damon? Você veio!"

"Toda aquela choradeira me dá nos nervos. Isso não quer dizer."

Mas Bonnie não estava ouvindo. Ela não estava nem pensando. Ela ainda estava meio em transe e não era responsável (ela decidiu isso depois) por suas próprias ações. Ela não era ela mesma. Era outra pessoa que entrou em êxtase quando o aperto em seu tornozelo afrouxou, e outra pessoa que girou sob o aperto de Damon e jogou seus braços em volta de seu pescoço e beijou-o na boca.

Era outra pessoa, também, que sentiu o sobressalto de Damon, ainda com os braços em volta dela, e que notou que ele não fez qualquer tentativa para se afastar o beijo. Essa pessoa também percebeu, quando finalmente ela se inclinou para trás, que a pele de Damon, pálida na penumbra, parecia quase como se tivesse corado.

E isso foi quando Meredith endireitou-se lentamente e dolorosamente, do outro lado da cama, que ainda estava pulando pra cima e para baixo. Ela não tinha visto nada do beijo, e olhou para Damon como se ela não pudesse acreditar que ele estava realmente ali.



Ela estava em uma grande desvantagem, e Bonnie sabia que ela sabia disso. Esta era uma daquelas situações em que qualquer outra pessoa estaria demasiadamente frustrada para falar, ou até mesmo gaguejar.

Mas Meredith apenas respirou fundo e disse baixinho: "Damon. Obrigada. Você acha que, seria muito trabalho fazer o malach me largar também?"

Agora Damon parecia seu antigo eu. Ele deu um sorriso brilhante visando algo que ninguém mais além dele podia ver e disse cruelmente: "E, o resto de vocês aí em baixo – fora!" Ele estalou os dedos.

A cama parou de se mover instantaneamente.

Meredith se afastou, e fechou os olhos por um momento em alívio.

"Obrigada novamente," disse ela, com a dignidade de uma princesa, mas ardentemente. "E agora, você acha que poderia fazer alguma coisa a respeito de Caro-"

"Agora," Damon a cortou ainda mais rudemente do que o habitual, "eu tenho que correr." Olhou para o Rolex no pulso. "Já passa das 4:44, e eu tenho um compromisso para o qual já estou atrasado. Faça a volta aqui e apoie esse pacote vertiginoso. Ela não está completamente firme pra ficar em pé sozinha."

Meredith apressou-se em trocar de lugar com ele. Nesse momento, Bonnie descobriu que suas pernas já não estavam balançando.

"Espere um minuto, contudo," Meredith disse rapidamente. "Elena *precisa* falar com você- *desesperadamente*—"

Mas Damon já tinha ido embora, como se tivesse dominado a arte de simplesmente desaparecer, nem mesmo esperando pelo agradecimento de Bonnie. Meredith parecia espantada, como se ela tivesse tido certeza de que a menção do nome de Elena iria impedi-lo de ir, mas Bonnie tinha outra coisa em sua mente.

"Meredith," Bonnie sussurrou, colocando dois dedos na boca em espanto. "Eu o beije!"

"O quê? Quando?"

"Antes de você levantar. Eu – nem sequer sei como aconteceu, mas eu fiz isso! "

Ela esperava algum tipo de explosão de Meredith. Em vez disso, Meredith olhou pensativa e murmurou: "Bem, talvez não tenha sido uma coisa tão má a fazer, depois de tudo. O que eu não entendo é por que ele apareceu em primeiro lugar. "

"Uh. Isso fui eu também. Eu o chamei. Eu não sei como isso aconteceu tampouco-"



"Bem, não há nenhum motivo em tentar descobrir isso aqui." Meredith virou-se para a cama. "Caroline, você vai sair daí? Você vai se levantar e ter uma conversa normal?"

Houve um silvo ameaçador reptiliano debaixo da cama, junto com o chicotear de tentáculos e um outro barulho que Bonnie nunca tinha ouvido antes, mas que a aterrorizou instantaneamente, como o bater de uma pinça gigante.

"Isso é resposta suficiente para mim," disse ela, e pegou Meredith para arrastá-la para fora do quarto.

Meredith não precisava ser arrastada. Mas pela primeira vez naquele dia elas ouviram a voz zombeteira de Caroline, infantilmente alta.

"Bonnie e Damon sentados em uma árvore B-E-I-J-A-N-D-O. Primeiro vem o amor, depois vem o casamento; Então vem um vampiro em um carrinho de bebê."

Meredith parou no corredor. "Caroline, você sabe que isso não vai ajudar no final das contas. Saia daí—"

A cama entrou em frenesi, alvejando e elevando. Bonnie virou-se e correu, e ela sabia que Meredith estava bem atrás dela. Mas mesmo assim elas não conseguiram deixar de ouvir as últimas palavras cantadas:

"Vocês não são *minhas* amigas, vocês são amigas da *vagabunda*. Esperem só! Esperem só! "

Bonnie e Meredith pegaram suas bolsas e deixaram a casa.

"Que horas são?" Bonnie perguntou, quando estavam em segurança no carro de Meredith.

"Quase cinco."

"Pareceu tão mais!"

"Eu sei, mas ainda temos horas de luz do dia restantes. E, por falar nisso, recebi uma mensagem de texto de Elena."

"Sobre a Tami?"

"Eu vou te contar. Mas primeiro—" Foi uma das poucas vezes que Bonnie viu Meredith parecer embaraçada. E finalmente, ela deixou sair: "Como foi?"

"Como foi o quê?"

"Beijar Damon, sua besta!"



Capítulo 20



“hhhh.” Bonnie derreteu-se no banco do carro. “Foi como... *capow!* Zap! Zowie! Como... fogos de artifício!

“Você está sorridente!”

“Eu não estou sorridente,” Bonnie disse com dignidade. “Estou sorrindo de saudades. Além disso...”

“Além disso, se você não tivesse chamado-o, nós ainda estaríamos presas neste horror de quarto. Obrigada, Bonnie. Você nos salvou.” Abruptamente, Meredith estava no seu máximo de seriedade e sinceridade.

“Acho que Elena estava certa quando disse que ele não odiava todos os humanos,” Bonnie disse vagarosamente. “Mas, você sabe, eu acabei de perceber. Não podia ver a aura dele nem um pouco. Tudo o que eu podia ver era negro: plano, negro e rígido, como um escudo ao redor dele.”

“Talvez seja assim que ele protege a si mesmo. Ele faz um escudo para que ninguém veja por dentro.”

“Talvez,” disse Bonnie, mas havia um tom preocupado na voz dela. “E a respeito daquela mensagem vinda da Elena?”

“Diz que definitivamente Tami Bryce está agindo estranhamente e que ela e Matt estão saindo para verificar Bosque Antigo.”

“Talvez seja ele quem eles vão encontrar – Damon, eu quero dizer. Às 4:44, como ele disse. Pena que não podemos ligar para ela.”

“Eu sei,” Meredith disse sombriamente. Todos em Fell’s Church sabiam que não havia nenhuma recepção no Bosque Antigo ou na área do cemitério. “Mas vá em frente e tente de qualquer maneira.”

Bonnie tentou, e como sempre conseguiu uma mensagem que dizia não haver recepção. Ela balançou a cabeça. “Não adiantou. Eles já devem estar no bosque.”

“Bem o que ela quer é que nós sigamos em frente para darmos uma olhada em Isobel Saitou – você sabe, porque ela é namorada de Jim Bryce.” Meredith fez uma curva. Isso me lembra, Bonnie: você conseguiu dar uma olhada na aura de Caroline? Você acha que ela tem uma daquelas coisas... dentro dela?

“Acho que sim. Eu vi a aura dela e ugh, nunca mais quero vê-la. Ela costumava ser um tipo de verde-bronze profundo, mas agora ela está toda castanha barrenta com raios pretos em ziguezague. Não sei se isto significa que uma



daquelas coisas estava dentro dela, mas ela não se incomodava em se aconchegar com eles!” Bonnie estremeceu.

“Ok,” – Meredith disse suavemente. “Eu sei o que diria se eu tivesse que dar um palpite... e se você vai ficar enjoada, eu vou parar.”

Bonnie engoliu em seco. “Eu estou bem. Mas nós estamos de verdade indo para a casa de Isobel Saitou?”

“Nós estamos de verdade indo lá. E falando nisso, estamos quase lá. Vamos só pentear os cabelos, respirar fundo e acabar logo com isso. Quão bem você a conhece?”

“Bem, ela é esperta. Nós não tivemos nenhuma aula juntas. Mas ambas saímos do atletismo ao mesmo tempo – ela tinha um coração agitado ou algo assim, e eu costumava ficar com uma asma terrível...”

“De qualquer esforço, exceto dançar, que você podia ficar dançando por toda a noite,” Meredith disse secamente. “De todo jeito, eu não a conheço direito. Como ela é?”

“Bem, agradável. Se parece um pouco com você, exceto que asiática. Mais baixa que você – da altura de Elena, mas mais magra. Meio bonita. Um pouco tímida – do tipo quieta, você sabe. Meio difícil de conhecer. E... agradável.”

“Tímida, quieta e agradável soam bem para mim.”

“Para mim também,” disse Bonnie, apertando suas mãos suadas juntas aos seus joelhos. O que soava ainda melhor, ela pensou, era que Isobel não estivesse em casa.

No entanto, havia vários carros estacionados na frente da casa dos Saitou. Bonnie e Meredith bateram na porta hesitantemente, conscientes do que havia acontecido na última vez que tinham feito isso.

Foi Jim Bryce quem atendeu, um rapaz alto e magro, que não tinha preenchido suas formas todas ainda e curvava-se um pouco. O que Bonnie achou incrível foi a mudança na expressão no rosto dele enquanto ele reconhecia Meredith.

Quando atendeu a porta, ele parecia horrível, seu rosto branco por baixo de um bronzeado, seu corpo de alguma forma amassado. Quando ele viu Meredith, algumas cores voltaram para seu rosto e ele pareceu... bem, se alisar como um pedaço de papel. Ele ficou mais alto.

Meredith não disse uma palavra. Ele só deu um passo adiante e colocou seus braços ao redor dele. Ele se agarrou a ela como se tivesse medo que ela fosse fugir, e enterrou seu rosto nos cabelos negros dela.

“Meredith.”

“Apenas respire, Jim. Respire.”



“Você não sabe como tem sido isto. Meus pais saíram porque meu bisavô está realmente doente – acho que ele está morrendo. E então a Tami-Tami...”

“Diga-me devagar. E continue respirando.”

“Ela jogou facas, Meredith. Facas de açougueiro. Ele me acertou aqui na perna.” Jim puxou sua calça para mostrar uma pequena fenda de um buraco no tecido na parte inferior da coxa.

“Você tomou uma vacina anti-tétano recentemente?” Meredith estava no seu máximo de eficiência.

“Não, mas não é realmente um grande corte. É uma ferida de raspão, enfim.”

“Estas são exatamente as do tipo que são mais perigosas. Você precisa chamar o Dra. Alpert agora mesmo.” A velha Dra. Alpert era uma instituição em Fell’s Church: uma médica que fazia atendimentos até em casa, em um país onde transportar uma maletinha preta e um estetoscópio era um comportamento bastante inédito.

“*Não posso.* Eu não posso sair...” Jim balançou a cabeça para trás em direção ao interior da casa como se ele não conseguisse dizer um nome.

Bonnie puxou a manga de Meredith. “Tenho um mau pressentimento sobre isso.” ela assobiou.

Meredith retornou a Jim. “Você quer dizer Isobel? Onde estão os pais *dela*?”

“Isa-chan, quero dizer Isobel, eu apenas a chamo de Isa-chan, você sabe...”

“Está tudo bem,” disse Meredith. “Só diga o que vem naturalmente. Continue.”

“Bem, Isa-chan tem somente sua avó, e a Vovó Saitou nem desce muito as escadas. Há um tempo, eu fiz o almoço dela e ela pensou que eu fosse – o pai da Isobel. Ela fica... confusa.”

Meredith olhou de lado para Bonnie e disse, “E Isobel? Ela está também confusa?”

Jim fechou seus olhos, parecendo profundamente infeliz. “Eu gostaria que você entrasse e, bem, apenas conversasse com ela.”

O mau pressentimento de Bonnie estava ficando pior. Ela não poderia realmente suportar outro susto como o da casa de Caroline – e certamente ela não tinha a força necessária para Chamar novamente, mesmo se Damon não estivesse com pressa para chegar a algum lugar.



Mas Meredith sabia de tudo isso, e ela estava lhe dando um olhar que não podia ser negado. Ele também prometia que, não importa o que, Meredith iria proteger Bonnie.

“Ela está machucando alguém? Isobel?” Bonnie se ouviu perguntando assim que eles cruzaram pela cozinha e em direção ao quarto, no final do corredor.

Ela mal podia ouvir Jim sussurrar. “Sim.”

E então, como Bonnie gemeu internamente, ele adicionou, “Ela mesma.”

O quarto de Isobel era exatamente o que você esperaria de uma menina quieta e estudiosa. Pelo menos um lado era. O outro lado parecia como se uma grande onda tivesse jogado tudo para cima e para baixo novamente. Isobel estava sentada no meio desta bagunça, como uma aranha em uma teia.

Mas não foi isso que fez o intestino de Bonnie se agitar. Foi o que Isobel estava fazendo. Ela tinha disposto ao lado de sua cama o que parecia mais com um kit de limpeza de feridas da Sra. Flowers, mas ela não estava curando nada.

Ela estava se perfurando.

Ela já tinha feito isso nos lábios, no nariz, na sobrancelha, nas orelhas, muitas vezes. O sangue estava escorrendo de todos estes lugares, pingando e caindo nos lençóis de sua cama desfeita. Bonnie viu tudo isso assim que Isobel olhou para elas com uma careta, exceto que só a metade da careta estava lá. No lado perfurado, a sobrancelha não se movia.

A aura dela estava laranja e despedaçada e atravessada por muitas amarrações pretas.

Bonnie sabia, de uma só vez, que ela ia ficar enjoada. Ela sabia disso com o profundo conhecimento que conquistou todo o constrangimento o qual a enviou voando para a lixeira sem que ela nem se lembrasse de tê-la visto. Graças a Deus havia um saco plástico branco a revestindo, ela pensou, e então ela ficou completamente ocupada por alguns minutos.

Os ouvidos dela gravaram uma voz, mesmo que ela estivesse pensando que estava feliz por não ter havido almoço.

“Meu Deus, você está louca? Isobel o que você fez a si mesma? Não sabe o tipo de infecções você pode pegar... as veias que pode atingir... os músculos que você pode paralisar...? Eu acho que você já perfurou os músculos em sua sobrancelha – *e você não deveria estar sangrando ainda a não ser que você tenha atingido veias e artérias.*”

Bonnie vomitou secamente no lixo, e cuspiu.

E só então ela ouviu um barulho substancial.

Ela olhou para cima, sabendo em parte o que iria ver. Mas ainda assim foi um choque. Meredith estava inclinada pelo que devia ter sido um soco no estômago.



A próxima coisa que Bonnie soube era que ela estava ao lado de Meredith. “Oh meu Deus, ela te apunhalou?” Uma ferida de apunhalamento... profunda o suficiente no abdômen...

Obviamente Meredith não conseguia respirar. De algum lugar, um pouco de conselho vindo de sua irmã Mary, a enfermeira, flutuou na mente de Bonnie.

Bonnie bateu com as duas mãos nas costas de Meredith, e de repente, Meredith tomou um grande gole de ar.

“Obrigada,” ela estava dizendo fracamente, mas Bonnie já estava a arrastando para longe, longe da risonha Isobel e de uma coleção das maiores unhas do mundo e da esfregação de álcool e outras coisas que ela tinha em uma bandeja de café da manhã ao lado dela.

Bonnie alcançou a porta e quase colidiu com Jim, que tinha uma toalha molhada nas mãos. Para ela, supôs. Ou talvez para Isobel. Tudo o que Bonnie estava interessada era fazer Meredith se erguer absolutamente, para ter certeza que não havia furos nela.

“Eu consegui – tirar da mão dela – antes de ela me acertar,” disse Meredith, ainda respirando dolorosamente, assim que Bonnie escaneou ansiosamente a calça corsário. “Eu terei um hematoma, só isso.”

“Ela te acertou também?” Disse Jim em desânimo. Só que ele não disse. Sussurrou.

Pobre rapaz, Bonnie pensou, finalmente satisfeita que Meredith não estava ferida. Você não tem ideia do que está acontecendo com Caroline, sua irmã Tami e sua namorada. Como você poderia?

E se nós lhe contássemos, você simplesmente pensaria que éramos mais duas meninas malucas.

“Jimmy, você *deve* chamar o Dra. Alpert imediatamente, e então, eu acho que elas deverão ir para o hospital em Ridgemon. Isobel já fez danos permanentes nela mesma – sabe Deus quanto. *Todas* aquelas perfurações certamente se tornarão infecciosas. Quando ela começou isto?”

“Hum, bem... ela começou primeiro a agir estranho depois que Caroline veio vê-la.”

“Caroline!” Deixou escapar Bonnie, confusa. “Ela estava rastejando?”

Jim lhe lançou um olhar. “Hein?”

“Esqueça a Bonnie; ela estava brincando,” disse Meredith facilmente. “Jimmy, você não tem que nos dizer nada sobre Caroline se não quiser. Nós... bem, nós sabemos que ela estava na sua casa.”

“*Todos* sabem?” Jim questionou miseravelmente.



“Não, apenas Matt, e ele só contou para nós para que alguém pudesse vir checar sua irmã.”

Jim parecia culpado e ferido, de uma só vez. As palavras foram derramadas dele como se ele as tivesse engarrafado e agora a rolha estivesse fora da garrafa.

“Eu não sei mais o que está acontecendo. Tudo o que eu posso dizer a vocês é o que aconteceu. Faz alguns dias à tardinha,” disse Jim. “Caroline veio, e... quero dizer, eu nunca nem tive uma queda por ela. É tipo, claro, ela é bonita, e meus pais foram embora e tudo, mas nunca pensei que eu era o tipo de cara...”

“Isto não tem importância agora. Apenas nos fale sobre Caroline e Isobel.”

“Bem, Caroline se aproximou vestindo esta roupa que... bem o top estava praticamente transparente. E ela apenas - apenas perguntou se eu queria dançar e foi, como uma dança lenta e ela - ela me seduziu. Está é a verdade. E na manhã seguinte, ela se foi – bem na hora em que Matt veio. Isso foi anteontem. E então eu notei Tami agindo... como louca. Nada que eu pudesse fazer a deteria. Foi quando recebi uma ligação de Isa-chan e... eu nunca tinha ouvido tão histérica. Caroline deve ter ido direto da minha casa para a dela. Isa-chan disse que ela ia se matar. Portanto, eu corri cá. Tive que fugir de Tami de qualquer jeito pois ficar em casa só iria piorar as coisas.”

Bonnie olhou para Meredith e sabia que elas estavam pensando a mesma coisa: *e em algum lugar no meio, tanto Caroline e Tami fariam uma proposta a Matt.*

“Caroline deve ter contado tudo para ela,” Jim engoliu seco. “Isa-chan e eu não tínhamos – nós estamos esperando, você sabe? Mas tudo que Isa-chan disse para mim era que eu iria lamentar. ‘Você se lamentará, apenas espere e veja,’ muitas e muitas vezes. E, Deus, eu lamento.”

“Bem, agora você pode parar de se lamentar e começar a chamar o médico. Imediatamente, Jimmy.” Meredith lhe deu tapa no traseiro. “E, então, você precisa chamar seus pais. Não me olhe com esses grandes olhos castanhos de cachorro pidão. Você é maior de idade, e eu não sei o que eles podem fazer com você por ter deixado Tami sozinha esse tempo todo.”

“Mas...”

“Mas sem mas. Estou falando *sério*, Jimmy.”

Então, ela fez o que Bonnie sabia que faria, mas estava temendo. Ela se aproximou de Isobel novamente. A cabeça de Isobel estava para baixo, ela estava beliscando o umbigo com uma mão. Na outra, ela estava segurando um prego longo e brilhante.

Mesmo antes que Meredith pudesse dizer algo, Isobel disse, “Então você está nisso também. Eu ouvi a forma que você o chamou ‘Jimmy’. Você está tentando de tudo pra tirá-lo de mim. Vocês todas, cadelas, estão tentando me machucar.



*Yurusenai! Zettai yurusenai!** *em uma tradução livre, seria ‘Te perdoar! Eu nunca vou te perdoar!’

“Isobel! Não! Você não pode ver que está machucando a *si mesma*?”

“Eu só estou me machucando pra afastar a dor. É você que está fazendo isto, você sabe. Você está me picando por dentro com agulhas.”

Bonnie pulou para dentro de sua própria pele, porém não apenas porque Isobel deu, repentinamente, um impulso vicioso com a unha. Ela sentiu o calor varrer seu rosto. Seu coração começou a bater mais rápido do que já estava batendo.

Tentando manter um olho em Meredith, ela tirou seu celular do bolso de trás, onde ela o escondeu após a visita na casa de Caroline.

Ainda com metade de sua atenção em Meredith, entrou rapidamente na internet e digitou apenas duas palavras. Então, assim que ela fez um par de seleções com seus resultados, ela percebeu que nunca poderia absorver todas as informações em uma semana, muito menos em alguns minutos. Contudo, ela tinha um começo.

Bem agora, Meredith estava se afastando de Isobel. Ela colocou a boca perto da orelha de Bonnie e sussurrou, “Eu acho que nós estamos apenas a contrariando. Você deu uma boa olhada na aura dela?”

Bonnie balançou a cabeça concordando.

“Então, nós devemos, provavelmente, sair do quarto, pelo menos.”

Bonnie concordou novamente.

“Você estava tentando ligar para Matt e Elena?” Meredith estava olhando para o celular.

Bonnie sacudiu a cabeça e virou o celular para que Meredith pudesse ver as duas palavras em sua busca. Meredith olhou com atenção, em seguida, levantou os olhos escuros para os de Bonnie em uma espécie de reconhecimento horrorizado.

Bruxas de Salém.



Capítulo 21



im, realmente faz um sentido horrível,” disse Meredith. Eles estavam na sala da família de Isobel, esperando por Dr. Alpert. Meredith estava em uma mesa bonita feita de algum tipo de madeira preta ornamentada com desenhos em dourado, trabalhando em um computador que havia sido deixado ligado. “As meninas de Salém acusavam pessoas de feri-las – bruxas, é claro. Elas diziam que eram beliscadas e ‘picadas com alfinetes’.”

“Como Isobel nos culpando,” diz Bonnie, balançando a cabeça.

“E elas tinham convulsões e contorciam seus corpos em ‘posições impossíveis’.”

“Caroline parecia que estava tendo convulsões na sala de Stefan,” disse Bonnie. “E se rastejar como um lagarto não significa contorcer seu corpo em uma posição impossível... aqui, eu vou tentar.” Ela se abaixou no chão dos Saitou e tentou colocar os cotovelos e os joelhos para fora da maneira que Caroline tinha feito. Ela não podia fazê-lo.

“Viu?”

“Oh, meu Deus!” Disse Jim na porta da cozinha, segurando — quase deixando cair — uma bandeja de comida. O cheiro de sopa de miso* se espalhou pelo ar, e Bonnie não tinha certeza se isso a fez sentir fome ou se ela estava tão enjoada a ponto de nunca mais sentir fome novamente. *O miso é um ingrediente tradicional japonês e consiste numa mistura de feijão de soja (cozido e esmagado) e depois misturado com uma cultura chamada koji que pode ser feita com trigo e arroz, cevada ou feijões. Essa mistura fermentada fica a maturar durante três dias e é acrescentada em caldo de legumes a gosto.

“Tudo bem,” ela disse para ele apressadamente, levantando-se. “Eu estava só... tentando uma coisa.”

Meredith se levantou também. “Isto é para Isobel?”

“Não, é para Obaasan — quero dizer para a avó de Isa-chan — Vovó Saitou—”

“Eu te disse para chamar todos da maneira que lhe pareça natural. Obaasan está ótimo, assim como Isa-chan,” Meredith disse suave e firmemente para ele.

Jim relaxou. “Eu tentei dar de comer a Isa-chan, mas ela jogou a bandeja na parede. Ela disse que não pode comer; que alguém a está sufocando.”



Meredith olhou significativamente para Bonnie. Então se virou para Jim. “Por que você não me deixa levar isso? Você já passou por muita coisa. Onde ela está?”

“Lá em cima, segunda porta à esquerda. Se ela — se ela disser alguma coisa estranha — apenas ignore-a.”

“Está bem. Fique perto da Bonnie.”

“Oh, não,” Bonnie disse apressadamente. “Bonnie vai também.” Ela não sabia se era para sua própria proteção ou para a proteção de Meredith, mas ela estava indo para ficar grudada como cola.

Lá em cima, Meredith ligou a luz do corredor com cuidado, usando o cotovelo. Então elas encontraram a segunda porta à esquerda, onde se encontrava uma senhora idosa, parecida com uma boneca. Ela estava exatamente no centro do quarto, deitada exatamente no centro de um futon*. Ela se curvou e sorriu quando elas entraram. O sorriso no rosto enrugado parecia com o de uma criança feliz. * Um futon é um tipo de colchão usado na cama tradicional japonesa, e que fica a apenas alguns centímetros do chão, como um tatame.

“Megumi-chan, Beniko-chan, vocês vieram me ver!” ela exclamou, curvando-se onde estava sentada.

“Sim,” Meredith disse cuidadosamente. Ela colocou a bandeja no chão ao lado da velha senhora. “Nós viemos ver a senhora — Sra. Saitou.”

“Não brinque comigo! É Inari-chan! Ou você está com raiva de mim?”

“Todos esses *chans*. Eu pensei que ‘Chan’ fosse um nome chinês. Isobel não é japonesa?” Bonnie sussurrou atrás de Meredith.

Uma coisa que a velha senhora parecida com uma boneca não era, era surda. Ela caiu na gargalhada, levantando as duas mãos para cobrir a boca pequena. “Oh, não me façam rir antes que eu coma. *Itadakimasu!*” Ela pegou a tigela com a sopa de miso e começou a beber.

“Eu acho que *chan* é algo que você coloca no final do nome de alguém quando são amigos, do jeito que Jimmy faz dizendo Isa-chan,” Meredith disse em voz alta. “E *Eeta-daki-mass-u* é algo que você diz quando você começar a comer*. E isso é *tudo* que eu sei.” * literalmente, ‘*Itadakimasu*’ significa ‘eu recebo humildemente’; uma tradução mais apropriada seria ‘obrigado pela refeição’.

Uma parte da mente de Bonnie notou que os “amigos” de Vovó Saitou tinham nomes que começavam com *M* ou *B*. A outra parte estava calculando qual era a relação entre este quarto e o quarto do andar de baixo, o quarto de Isobel para ser mais exata.

Este estava diretamente acima.

A pequena mulher de idade parou de comer e as olhou atentamente. “Não, não, vocês não são Beniko-chan e Megumi-chan. Eu sei disso. Mas elas me visitam



de vez em quando, assim como meu querido Nobuhiro. Fazem outras coisas também, coisas desagradáveis, mas eu nasci em um templo para donzelas - eu sei me defender *deles*.” Um breve olhar de satisfação passou pela sua inocente velha face. “Esta casa está possuída, você sabe.” Ela adicionou, “*Kore ni wa kitsune ga karande isou da ne*.”

“Eu sinto muito, Sra. Saitou — o que significa isso?” perguntou Meredith.

“Eu disse, há um kitsune envolvido de alguma forma.”

“Um kit-su-nay?” Meredith repetiu perguntando examinadoramente.

“Uma raposa, garota boba,” a velha mulher disse alegremente. “Eles podem se transformar em qualquer coisa que eles gostem, não sabia? Até mesmo seres humanos. Ora, um poderia se transformar em *você* e o seu melhor amigo não saberia a diferença.”

“Então – um tipo de mutante de raposa, então?” Meredith perguntou, mas Vovó Saitou estava balançando para frente e para trás agora, seu olhar na parede atrás de Bonnie. “Nós costumávamos brincar do jogo do círculo,” ela disse. “Todos nós em um círculo e um no centro, de olhos vendados. E nós cantávamos uma canção. *Ushiro no shounen daare?* Quem está atrás de você? Eu ensinei para os meus filhos, mas eu fiz uma pequena canção em Inglês para cantar com eles.”

E ela cantou, na voz dos mais velhos ou dos muito jovens, com os olhos inocentes fixos em Bonnie o tempo todo.

“Raposa e tartaruga
Fizeram uma corrida.
Quem está lá longe atrás de você?

Quem ficou em
Segundo lugar
Quem está perto atrás de você?

Seria uma refeição agradável
Para o vencedor.
Quem está pertinho atrás de você?

Adorável sopa de tartaruga
Para o jantar!
Quem está exatamente atrás de você?”

Bonnie sentiu uma respiração quente em seu pescoço. Ofegante, ela deu meia volta – e gritou. E *gritou*.

Isobel estava lá, pingando sangue nos tapetes que cobriam o chão. Ela tinha de alguma forma passado por Jim e se esgueirado até o quarto no andar de cima, sem que ninguém a visse ou ouvisse. Agora ela estava parada ali, como uma deusa dos *piercings* distorcida, ou a materialização de um pesadelo horrível. Ela



estava vestindo apenas uma parte debaixo de biquíni muito pequena. Caso contrário ela estaria nua, exceto pelo sangue e pelos diferentes tipos de aros, pregos e agulhas que ela havia posto nos furos. Ela tinha perfurado partes do corpo que Bonnie nunca tinha ouvido falar que se *podia* perfurar, e algumas que Bonnie nunca tinha sonhado. E cada buraco estava torto e sangrando.

Sua respiração estava quente, fétida e nauseante - como ovos podres.

Isobel apontou sua língua rosada. Ela não foi perfurada. Foi pior. Com algum tipo de instrumento ela tinha cortado o longo músculo em dois de modo que ficasse bifurcada como a de uma cobra.

A bifurcada coisa rosa lambeu a testa de Bonnie.

Bonnie desmaiou.



Matt dirigia lentamente na pista quase invisível. Não havia nenhum sinal de estrada para identificá-la, ele notou. Eles subiram uma pequena colina e então desceram acentuadamente para uma pequena clareira.

“Mantenha-se afastado dos círculos mágicos,” disse Elena suavemente, como se estivesse citando alguém. “E dos velhos carvalhos...”

“Do que você está falando?”

“Pare o carro.” Quando ele parou, Elena ficou no meio da clareira. “Você não acha que há um tipo de sensação mágica aqui?”

“Eu não sei. Onde a coisa vermelha foi?”

“Em algum lugar aqui. Eu vi!”

“Eu também – e você viu como ela era maior do que uma raposa.”

“Sim, mas não tão grande quanto um lobo.”

Matt soltou um suspiro de alívio. “Bonnie simplesmente não vai acreditar em mim. E você viu como se moveu rapidamente—”

“Rápido demais para ser algo natural.”

“Você está dizendo que nós não vimos nada na verdade?” Disse Matt quase ferozmente.

“Eu estou dizendo que nós vimos alguma coisa *sobrenatural*. Como o inseto que atacou você. Como as árvores, por falar nisso. Algo que não segue as leis deste mundo.”



Por mais que eles tenham procurado, não conseguiram encontrar o animal. Os galhos e os arbustos entre as árvores cresciam em um círculo denso. Mas não havia nenhuma evidência de um buraco ou esconderijo ou um espaço vazio no mato denso.

E o sol estava deslizando no céu. A clareira era bonita, mas não havia nada de interesse para eles.

Matt tinha acabado de dizer isso a Elena quando ele a viu levantar-se rapidamente, em alarme.

"O quê—?" Ele seguiu seu olhar e parou.

Uma Ferrari amarela bloqueava o caminho de volta para a estrada.

Eles não tinham passado por uma Ferrari amarela na vinda. Só havia espaço para um carro na estrada de pista única.

No entanto, lá estava a Ferrari parada.

Galhos estalaram atrás de Matt. Ele virou-se.

"Damon!"

"Quem você esperava?" Os Ray-Bans oblíquos escondiam completamente os olhos de Damon.

"Nós não estávamos esperando *ninguém*," disse Matt agressivamente. "Nós apenas paramos aqui." A última vez que ele tinha visto Damon foi quando Damon tinha sido banido como um cão doente do quarto de Stefan, quando ele queria muito dar um soco na boca de Damon, Elena sabia. Ela podia sentir que ele queria isso de novo agora.

Mas Damon não era o mesmo que ele tinha sido quando deixou o quarto. Elena podia ver o perigo crescente fora dele como ondas de calor.

"Oh, eu *vejo*. Esta é a – sua área *privada* – para explorações *privadas*," Damon traduziu, e havia uma nota de cumplicidade em sua voz que Elena não gostou.

"Não!" Matt rosnou. Elena percebeu que iria ter que mantê-lo sob controle. Era perigoso enfrentar Damon neste estado. "Como você pode dizer isso?" Matt continuou. "Elena pertence a Stefan."

"Bem – nós pertencemos um ao outro," Elena acrescentou.

"Claro que sim," disse Damon. "Um corpo, um coração, uma alma." Por um momento havia algo lá – uma expressão dentro do Ray-Ban, ela pensou, que era assassina.

Imediatamente, porém, o tom de Damon passou para um murmúrio inexpressivo. "Mas então, por que *vocês dois* estão aqui?" Sua cabeça, virando-se



para acompanhar o movimento de Matt, se movia como um predador monitorando a presa. Havia algo mais inquietante do que o habitual em sua atitude.

"Nós vimos algo vermelho," Matt disse antes que Elena pudesse detê-lo. "Algo como o que eu vi quando eu tive o acidente."

Formigamentos agora corriam para cima e para baixo nos braços Elena. De alguma forma ela desejava que Matt não tivesse dito nada. Nesta clareira escurecida e tranquilo no bosque verde, de repente, ela estava com muito medo.

Esticando seus novos sentidos ao máximo - até que ela pudesse senti-los esticados como um fino vestido cobrindo tudo ao seu redor, ela pôde sentir o erro lá, também, e sentiu que isso passava além do alcance de sua mente. Ao mesmo tempo, ela sentiu os pássaros ficando quietos ao longo de todo o caminho.

O que foi mais perturbador foi virar bem agora, assim que os sons dos pássaros pararam, e encontrar Damon se virando para olhar para ela. Os óculos de sol impediam-na de saber o que ele estava pensando. O resto do seu rosto era uma máscara.

Stefan, pensou ela, impotente, saudosamente.

Como ele poderia ter deixado-a – *com isso*? Sem nenhum aviso, nenhuma idéia do seu destino, nenhuma maneira de contatá-lo de novo... Isto talvez fizesse sentido para ele, com seu desejo desesperado para não transformá-la em algo que ele odiava em si mesmo. Mas, deixá-la com Damon neste estado, e quando todos os seus poderes anteriores tinham desaparecido –

Sua própria culpa, ela pensou, encurtando a inundação de auto-piedade. Foi você quem acreditou na fraternidade deles. Foi você quem o convenceu que Damon era confiável. Agora lide com as consequências.

"Damon," disse ela, "Eu estava procurando por *você*. Eu queria perguntar-lhe – sobre Stefan. Você sabe que ele me deixou."

"Claro. Acredito que as palavras foram, para seu próprio bem. Ele me deixou para ser seu guarda-costas."

"Então você o viu duas noites atrás?"

"Claro."

E – logicamente - você não tentou impedi-lo. As coisas não podiam ter ocorrido melhor para você, Elena pensou. Ela nunca quis mais as habilidades que tinha tido como um espírito, nem mesmo quando ela percebeu que Stefan tinha ido e que estava fora do alcance todo-e-simplesmente-humano.

"Bem, eu não vou deixá-lo me abandonar," afirmou categoricamente, "para o meu próprio bem, ou por qualquer outro motivo. Eu vou segui-lo - mas primeiro eu preciso saber onde ele poderia ter ido."

"Você está perguntando para *mim*?"



"Sim. Por favor. Damon, eu tenho que encontrá-lo. Eu preciso dele. Eu-" Ela estava começando se engasgar, e teve que ser severa com ela mesma.

Mas só então ela percebeu que Matt estava murmurando baixinho com ela. "Elena, pare. Acho que estamos apenas deixando-o louco. Olhe para o céu."

Elena sentiu isso por si própria. O círculo de árvores parecia estar se fechando ao seu redor, mais escuro do que antes, ameaçador. Elena inclinou o queixo lentamente, olhando para cima. Diretamente acima deles, nuvens cinzentas se agruparam, acumulando-se em si mesmas, *cirrus* comprimidas por *cumulus*, formando uma tempestade – exatamente em cima do local onde eles estavam parados.

No chão, pequenos redemoinhos começaram a se formar, levantando mãos cheias de folhas de pinheiro e folhas frescas de verão para fora de suas mudas. Ela nunca tinha visto nada parecido antes, e isso encheu a clareira com um cheiro doce, mas sensual, com cheiro forte de óleos exóticos e de longas noites escuras de inverno.

Olhando para Damon, então, ela viu turbilhões levantando mais alto e o cheiro doce cercando-a, resinoso e aromático, fechando-se até ela perceber que isso estava encharcando as suas roupas e depois se impregnando em sua própria carne, ela sabia que tinha se excedido.

Ela não podia proteger Matt.

Stefan me disse para confiar em Damon em seu bilhete no meu diário. Stefan sabe mais sobre ele do que eu, ela pensou desesperadamente. Mas ambos sabemos o que Damon quer, ultimamente. O que ele sempre quis. Eu. Meu sangue...

"Damon," ela começou baixinho – e interrompeu. Sem olhar para ela, ele estendeu a mão com a palma em sua direção.

Espere.

"Há algo que tenho que fazer," ele murmurou. Ele se abaixou, cada movimento era inconsciente e gracioso como uma pantera, e pegou um galho quebrado do que parecia ser um pinho da Virgínia. Balançou-o ligeiramente, analisando, erguendo-o na mão como se estivesse sentindo o peso e equilíbrio. Parecia mais um leque do que um graveto.

Elena estava olhando agora para Matt, tentado dizer-lhe com seus olhos tudo que ela estava sentindo, principalmente dizendo o que ela lamentava: lamentava por ter trazido ele para isso; lamentava por ter se importado com ele; lamentava por tê-lo trazido para um grupo de amigos que estava tão intimamente ligado com o sobrenatural.

Agora eu sei um pouco do que Bonnie deve ter sentido no ano passado, ela pensou, sendo capaz de ver e prever coisas sem ter o mínimo de poder para detê-las.



Matt, sacudindo a cabeça, já estava se movendo furtivamente em direção às árvores.

Não, Matt. *Não. Não!*

Ele não entendeu. Nem ela, exceto pela sensação de que as árvores estavam se mantendo longe apenas por causa da presença de Damon. Se ela e Matt se aventurassem pela floresta; se eles deixassem a clareira, ou mesmo se permanecessem aqui por muito tempo... Matt pode ver o medo na face dela, e seu próprio rosto refletia a desagradável descoberta. Eles estavam presos.

A menos –

"Tarde demais," disse Damon drasticamente. "Eu lhe disse, há algo que tenho que fazer."

Ele tinha aparentemente encontrado o galho que estava procurando. Agora ele se levantou, flexionou-o ligeiramente, e trouxe-o para baixo em um movimento único; cortando lateralmente enquanto o fazia.

E Matt convulsionou em agonia.

Era um tipo de dor que ele nunca tinha sequer sonhado antes: uma dor que parecia brotar de *dentro* dele mesmo, mas de todos os lugares, todos os órgãos do seu corpo, cada músculo, cada nervo, cada osso, liberando um tipo diferente de dor. Seus músculos doíam e se contraíam, como se ele estivesse sendo forçado a fazer uma última flexão, mas eram forçados a se flexionar mais longe ainda. Dentro, seus órgãos estavam em chamas. Facas estavam talhando sua barriga. Seus ossos pareciam como da vez em que tinha quebrado o seu braço, quando tinha nove anos de idade e um carro tinha batido no carro do seu pai. E seus nervos – se houvesse um controle nos nervos que respondiam à mudança do "prazer" à "dor" – esse tinha sido mudado para "aflição." O toque das suas roupas em sua pele era insuportável. As correntes de ar que passavam eram agonizantes. Ele suportou quinze segundos e então desmaiou.

"Matt!" Em seu caso, Elena tinha congelado, os músculos bloqueados, incapazes de se mover pelo que pareceu ser uma eternidade. Quando foi libertada, ela correu para Matt, puxou-o para o seu colo, olhou para o rosto dele.

Então ela olhou para cima.

"Damon, *por quê?* Por quê?" De repente ela percebeu que, apesar de Matt não estar consciente, ele ainda estava se contorcendo de dor. Ela teve que controlar as palavras para não gritar, para falar firmemente apenas. "Por que você está fazendo isso? Damon! *Pare com isso.*"

Ela olhou para o rapaz todo vestido de preto: calça preta com um cinto preto, botas pretas, casaco de couro preto, cabelos negros, e aqueles malditos Ray-Ban.



"Eu disse a você," disse Damon casualmente. "É algo que eu preciso fazer. Preciso assistir. Uma morte dolorosa."

"*Morte!*" Elena olhava Damon em descrédito. E então ela começou a reunir todo o seu Poder, de uma forma que tinha sido tão fácil e instintivo há poucos dias, enquanto ela estava muda e não sujeita à gravidade, e que era tão difícil e tão estranho agora. Com determinação, ela disse, "Se você não deixá-lo ir – *agora* – eu vou te acertar com tudo o que eu tenho."

Ele gargalhou. Ela nunca tinha visto Damon rir realmente antes, não como agora. "E você espera que eu vá mesmo sentir o seu minúsculo Poder?"

"Não *tão* minúsculo." Elena pesou assustadoramente. Não era mais do que o Poder intrínseco de qualquer ser humano – o Poder que os vampiros tomam dos humanos junto com o sangue que eles bebem – mas desde que se tornara um espírito, ela sabia como usá-lo. Como atacar com ele. "Eu acho que você vai sentir isso, Damon. Deixe-o ir – AGORA!"

"Por que as pessoas sempre acham que ao gritar vão conseguir sucesso onde a lógica não conseguiu?" Damon murmurou.

Elena lhe daria tudo o que tem.

Ou pelo menos ela se preparou. Ela tomou o fôlego necessário, segurou-o por um tempo, e imaginou-se segurando uma bola de fogo branco, e então –

Matt estava de pé. Ele parecia que estava sendo *arrastado* para ficar de pé e depois sendo mantido em pé como um fantoche, e seus olhos estavam lacrimejando involuntariamente, mas era melhor do que Matt se contorcendo no chão.

"Você me deve," disse Damon a Elena casualmente. "Eu vou cobrar depois."

Para Matt, ele disse em um tom de um tio amável, com um daqueles sorrisos instantâneos que você nunca tinha certeza de que viu ou não, "Sorte minha que você é um do tipo durão, não é?"

"Damon." Elena tinha visto o humor de *vamos-brincar-com-essa-criatura* de Damon, e era o que ela menos gostava. Mas havia algo estranho hoje, algo que ela não conseguia entender. "Coloque-o no chão," disse ela, enquanto os pêlos em seus braços e da parte de trás do pescoço se arrepiavam. "O que você quer *realmente?*"

Mas ele não deu a resposta que ela esperava.

"Eu fui oficialmente nomeado como seu guardião. Estou oficialmente cuidando de você. E para isso, eu não acho que você deva ficar por aí sem a minha proteção e o meu companheirismo, enquanto meu irmãozinho está desaparecido."

"Eu posso me cuidar," disse Elena categoricamente, acenando com a mão para que eles pudessem chegar até a verdadeira questão.



"Você é uma menina muito bonita. Coisas perigosas e" – um rápido sorriso - "desagradáveis poderiam acontecer com você. Eu insisto que você tenha um guarda-costas."

"Damon, agora a coisa de quem eu mais preciso ser protegida é *you*. Você sabe disso. Sobre o que é isso tudo, afinal?"

A clareira estava... pulsante. Quase como se fosse algo orgânico, respirando. Elena tinha a sensação de que sob seus pés – debaixo das velhas botas de caminhada de Meredith – o chão estava se movendo rapidamente, como um grande animal adormecido, e as árvores eram como um coração batendo.

Para quê? Para a floresta? Havia mais madeira morta do que viva aqui. E ela podia jurar que conhecia Damon bem o suficiente para saber que ele não gostava de árvores ou bosques.

Era em momentos como esse que Elena desejava ainda ter asas. Asas e o conhecimento – os movimentos de mão, as Palavras de Poder Branco, o fogo branco dentro dela que lhe permitiria saber a verdade, sem tentar compreendê-la, ou simplesmente explodir os aborrecimentos de volta para Stonehenge.

Parecia que tudo que tinha lhe sobrado era ser uma atração ainda mais irresistível para os vampiros, e a sua inteligência.

Inteligência tinha funcionado até agora. Talvez se ela não deixasse Damon perceber como ela estava com medo, ela poderia ganhar uma nova tentativa com ele.

"Damon, eu te agradeço por estar preocupado comigo. Agora, você se importaria de deixar Matt e eu a sós por um momento para que eu possa dizer se ele ainda está respirando?"

De dentro do Ray-Ban, ela pensou que poderia discernir um único lampejo de vermelho.

"De alguma maneira eu achei que você poderia dizer isso," disse Damon. "E, claro, é seu direito ter algum consolo depois de ser tão traiçoeiramente abandonada. Respiração boca-a-boca, por exemplo."

Elena queria xingar. Cuidadosamente, ela respondeu: "Damon, se Stefan designou-o como meu guarda-costas, então ele dificilmente teria me 'traiçoeiramente abandonado', não é? Você não pode ter as duas coisas –"

"Apenas permita-me uma coisa, tudo bem?" Disse Damon na voz de alguém cujas próximas palavras vão ser '*Tenha cuidado*' ou '*Não faça nada que eu não faria*'.

Houve um silêncio. Os redemoinhos de poeira tinham parado de girar. O cheiro de folhas de pinhos aquecidas pelo sol e de resina de pinheiro neste lugar escuro estava deixando-a lânguida, tonta. O chão estava quente, também, e as folhas de pinheiro foram todas alinhadas, como se o animal adormecido tivesse



folhas de pinheiro como pele. Elena assistiu os grãos de poeira girando e brilhando como pedaços de ouro na luz do sol. Ela sabia que não estava no seu melhor agora; não na sua melhor forma. Finalmente, quando ela tinha certeza de que sua voz seria constante, ela perguntou: "O que você quer?"

"Um beijo."



Capítulo 22

Bonnie estava perturbada e confusa. Estava escuro.

"Tudo bem," uma voz que era brusca e calmante de uma só vez estava dizendo. "São duas possíveis concussões, uma ferida por perfuração com necessidade de uma vacina anti-tétano e, bem, eu temo que tenha que sedar a sua menina, Jim. E eu vou precisar de ajuda, mas você não pode se mover. Você permaneça deitado e mantenha os olhos fechados."

Bonnie abriu seus próprios olhos. Ela tinha uma vaga lembrança de cair de frente em sua própria cama. Mas ela não estava em casa, ela ainda estava na casa dos Saitou, deitada em um sofá.

Como sempre, quando estava confusa ou com medo, ela olhou para a Meredith. Meredith estava voltando da cozinha com uma bolsa de gelo improvisada. Colocou-a na testa já molhada Bonnie.

"Eu simplesmente desmaiei," explicou Bonnie, quando ela se deu conta disso sozinha. "Só isso."

"Eu sei que você desmaiou. Você bateu a cabeça muito forte no chão," Meredith respondeu, e para variar seu rosto ficou perfeitamente legível: preocupação, simpatia e alívio estavam visíveis. Ela realmente tinha lágrimas se acumulando em seus olhos. "Oh, Bonnie, eu não pude chegar até você a tempo. Isobel estava no caminho, e os tatames não amorteceram o suficiente a queda e você ficou apagada por quase meia hora! Você me *assustou*."

"Desculpe-me." Bonnie tirou uma mão para fora do cobertor que parecia estar envolto nela e apertou a mão de Meredith. Isso significava que *a irmandade velociraptor ainda está em ação*. Também significava *obrigada por se preocupar*.

Jim estava esparramado no sofá segurando outra bolsa de gelo na parte de trás da cabeça. Seu rosto estava branco esverdeado. Ele tentou levantar-se, mas a Dra. Alpert – com sua voz tanto mal-humorada quanto gentil – o empurrou de volta para o sofá.

"Você não precisa de mais esforço," disse ela. "Mas eu preciso de um assistente. Meredith, você pode me ajudar com Isobel? Parece que ela vai dar um tanto de trabalho."

"Ela me bateu na parte traseira da cabeça com um abajur," Jim avisou. "Nunca vire as costas para ela."

"Vamos ter cuidado," disse a Dra. Alpert.

"Vocês dois fiquem *aqui*," Meredith acrescentou com firmeza.



Bonnie estava encarando Meredith nos olhos. Ela queria se levantar para ajudá-las com Isobel. Mas Meredith tinha aquele olhar especial de determinação que significava que era melhor não discutir.

Assim que eles saíram, Bonnie tentou levantar-se. Mas logo ela começou a enxergar aquele nada pulsante cinza que significava que ela ia desmaiar de novo.

Ela se deitou novamente, com os dentes cerrados.

Durante muito tempo houve batidas e gritos vindos do quarto de Isobel. Bonnie ouvira a voz de Dra. Alpert elevar-se, em seguida a de Isobel, e depois uma terceira voz – não de Meredith, que nunca gritava se pudesse evitar, mas uma que parecia ser a voz de Isobel, apenas mais lenta e distorcida.

Então, finalmente, houve silêncio, e Meredith e a Dra. Alpert voltaram carregando uma Isobel desacordada entre elas. Meredith tinha um sangramento no nariz e o cabelo curto avermelhado da Dra. Alpert em pé, mas elas tinham de alguma forma vestido uma camiseta por cima do corpo abusado de Isobel e a Dra. Alpert conseguiu agarrar a sua bolsa preta também.

"Feridos que podem andar, fiquem onde estão. Estaremos de volta para lhes dar uma mão," disse a médica com sua maneira concisa.

Em seguida a Dra. Albert e Meredith fizeram outra viagem para levar a avó Isobel com elas.

"Eu não gosto da sua cor," disse a Dra. Albert brevemente. "Ou do ritmo cardíaco dela. Poderíamos assim todos fazer um check-up."

Um minuto depois, elas voltaram para ajudar Jim e Bonnie a ir até a SUV da Dra. Albert. O céu estava nublado e o sol era uma bola vermelha, não muito longe do horizonte.

"Você quer que eu lhe dê algo para a dor?" Perguntou a médica, olhando Bonnie enquanto procurava dentro da bolsa preta. Isobel estava na traseira da SUV, onde os bancos haviam sido desdobrados.

Meredith e Jim estavam nos dois assentos na frente dela, com a avó Saitou entre eles, e Bonnie, por insistência de Meredith, estava na frente com a médica.

"Hm, não precisa, está tudo bem," disse Bonnie. Na verdade, ela estava se perguntando se o hospital realmente poderia curar a infecção de Isobel melhor do que a Sra. Flowers e suas compressas de ervas podiam.

Mas embora sua cabeça latejasse e doesse, e ela estivesse desenvolvendo um galo do tamanho de um ovo cozido em sua testa, ela não queria que anuviar seus pensamentos. Havia algo a incomodando, algum sonho ou algo que ela tinha tido enquanto Meredith disse que ela estava inconsciente.

O que *seria*?



"Tudo bem então. Todos com cintos de segurança? Aqui vamos nós." A SUV se afastou da casa dos Saitou. "Jim, você disse que Isobel tem uma irmã de três anos dormindo no andar de cima, então chamei a minha neta Jayneela para vir aqui. Pelo menos vai ter alguém na casa."

Bonnie se virou pra trás para olhar para Meredith. As duas falaram ao mesmo tempo.

"Oh, não! Ela não pode ir! *Especialmente* não no quarto Isobel! Olhe, por favor, você tem que —" Bonnie balbuciou.

"Realmente não tenho certeza se essa é uma boa ideia, Dra. Alpert," Meredith disse, não menos urgente, mas muito mais coerente. "A menos que ela fique longe do quarto e talvez tenha alguém com ela — um menino seria bom."

"Um menino?" Dra. Alpert parecia confusa, mas a combinação do desespero de Bonnie e a sinceridade de Meredith pareceu convencê-la. "Bem, Tyrone, meu neto, estava assistindo TV quando eu saí. Vou tentar contatá-lo."

"Uau!" Bonnie disse involuntariamente. "Esse é o Tyrone que será do ataque ofensivo da equipe de futebol americano do próximo ano, hein? Ouvi dizer que eles o chamam de Tyre-minador."

"Bem, digamos que eu acho que ele vai ser capaz de proteger Jayneela," Dra. Alpert disse depois de fazer a ligação. "Mas somos nós com, ah, a menina *superexaltada* no veículo com a gente. Pela forma como ela lutou contra o sedativo, eu diria que ela mesma é uma 'exterminadora' e tanto."

O celular de Meredith tocou a música que era usada para números não identificados em sua agenda, e em seguida, anunciou: "Sra T. Flowers está ligando pra você. Você vai atender-" Em um segundo Meredith tinha apertado o botão pra *atender*.

"Sra. Flowers?" Ela disse. O motor da SUV evitou que Bonnie e os outros pudessem ouvir o que a Sra. Flowers dizia, assim Bonnie voltou a se concentrar em duas coisas: o que sabia sobre as "vítimas" das "bruxas" de Salém, e qual teria sido o pensamento que lhe ocorrera enquanto ela tinha estado inconsciente.

Tudo isso imediatamente fugiu de sua cabeça quando Meredith derrubou seu celular.

"O que foi? O quê? *O quê?*" Bonnie não podia obter uma visão clara do rosto de Meredith no crepúsculo, mas ela parecia pálida e, quando ela falou, *soou* pálida, também.

"Sra. Flores estava cuidando de seu jardim, ela estava prestes a entrar quando ela percebeu que havia algo em seus arbustos de begônia. Ela disse que parecia como se alguém tivesse tentado esconder algo entre o arbusto e a parede, mas um pedaço do tecido ficou aparecendo."



Bonnie sentiu como se o ar tivesse sido arrancado de seus pulmões. "O que era?"

"Era uma mochila cheia de roupas e sapatos. Botas. Camisas. Calças. Todos do Stefan."

Bonnie deu um grito que fez a Dra. Alpert quase perder o rumo na estrada.

"Oh, meu Deus, oh, meu Deus – *ele não foi embora!*"

"Ah, eu acho que ele foi sim. Só não por sua livre e espontânea vontade," disse Meredith, sombria.

"Damon," Bonnie engasgou e caiu de novo em seu assento, lágrimas brotando em seus olhos e transbordando. "Não pude deixar de querer acreditar..."

"A cabeça piorou?" Dra. Alpert perguntou, elegantemente ignorando a conversa em que não tinha sido incluído.

"Não – bem, sim, piorou," Bonnie admitiu.

"Aqui, abra a maleta e me mostre. Eu tenho amostras disto e daquilo... tudo certo, aqui está. Alguém viu uma garrafa de água por aí?"

Jim ausentemente entregou uma garrafa. "Obrigada," disse Bonnie, colocando a pílula na boca e depois tomando um grande gole da garrafa. Ela tinha que colocar sua cabeça em ordem. Se Damon tinha raptado Stefan, então ela deveria estar Chamando-o, não deveria? Só Deus sabia onde ele acabaria desta vez. Por que nenhum deles tinha pensado nessa possibilidade?

Bem, primeiro, porque o novo Stefan era para ser supostamente forte, e segundo, por causa do bilhete no diário de Elena.

"É isso!" Disse ela, assustando até ela mesma. Tudo tinha emergido subitamente, tudo o que ela e Matt tinham compartilhado...

"Meredith!" Disse ela, indiferente ao olhar de lado que a Dra. Alpert lhe deu, "enquanto eu estava inconsciente, eu falei com Matt. Ele estava inconsciente também."

"Ele estava ferido?"

"Deus, sim. Damon deve ter feito algo terrível. Mas ele disse para ignorar isso, e que algo o tinha incomodado desde que ele leu aquele bilhete que Stefan deixou para Elena. Algo sobre Stefan ter falado com o professor de Inglês sobre como se soletra *julgamento*, ano passado. E ele continuou dizendo, *procure o arquivo de backup. Procure o arquivo de backup... antes que Damon o faça.*"

Ela olhou para o rosto alarmado de Meredith, consciente enquanto diminuía a velocidade até parar em um cruzamento que tanto a Dra. Alpert e Jim estavam olhando para ela. Elegância tinha seus limites.



A voz de Meredith quebrou o silêncio. "Doutora," ela disse, "Eu vou ter que te pedir uma coisa. Se você pegar a esquerda aqui e depois novamente na Rua Laurel e em seguida simplesmente dirigir por cerca de cinco minutos em direção ao Bosque Antigo, isso não a tirará muito do seu trajeto. Mas isso me deixará na pensão onde está o computador de que Bonnie está falando. Você pode pensar que estou louca, mas eu preciso chegar neste computador. "

"Eu sei que você não está louca, a essa altura eu já teria notado." A médica riu conspiratoriamente. "E eu tenho ouvido algumas coisas sobre a jovem Bonnie aqui... nada de ruim, eu juro, mas um pouco difícil de acreditar. Depois de ver o que eu vi hoje, acho que estou começando a mudar minha opinião sobre elas." A médica de repente deu uma guinada à esquerda, resmungando, "Alguém arrancou a placa de pare desta rua também." Então, ela continuou, para Meredith "Eu posso fazer o que você pediu. Eu te deixarei perto da velha pensão – "

"Não! Isso seria muito perigoso! "

" – mas eu tenho que levar Isobel a um hospital o mais rapidamente possível. Para não falar de Jim. Eu realmente acho que ele teve uma concussão. E Bonnie – "

"Bonnie," disse Bonnie, enunciando distintamente, "está indo para a pensão, também."

"Não, Bonnie! Eu vou *correndo*, Bonnie, você entende isso? Vou *correr* o mais rápido que eu puder – e não posso deixar que você me atrase." A voz de Meredith era seca.

"Não vou te atrasar, eu juro. Vá em frente e corra. Vou correr, também. Minha cabeça já está melhor agora. Se você tiver que me deixar para trás, pode *continuar correndo*. Eu chego depois de você."

Meredith abriu a boca e depois fechou. Devia ter alguma coisa na expressão de Bonnie, que lhe disse que qualquer tipo de argumento seria inútil, pensou Bonnie. Porque no final das contas era verdade.

"Aqui estamos nós," disse a Dra. Alpert poucos minutos depois. "A esquina da Rua Laurel e do Bosque Antigo." Ela puxou uma pequena lanterna da sua maleta e iluminou cada um dos olhos de Bonnie, repetidamente um após o outro. "Bem, ainda não parece como se você tivesse tido uma concussão. Mas você sabe Bonnie que a minha opinião médica é que você não deveria estar correndo por aí. Eu simplesmente não posso forçá-la a ser medicada, se você não quer. Mas eu posso fazer você aceitar isso." Ele entregou a lanterna pequena para Bonnie. "Boa sorte."

"Obrigada por tudo," disse Bonnie, por um instante, repousando sua mão pálida na mão marrom escura com dedos longos da Dra. Alpert. "Você, tenha cuidado também – com árvores caídas, com Isobel, e com algo vermelho na estrada."

"Bonnie, eu estou indo." Meredith já estava fora do SUV.



"E tranque as portas! E não saia até que você esteja longe do bosque!," Disse Bonnie, ao tropeçar pra fora do veículo ao lado de Meredith.

E então elas correram. Claro, tudo o que Bonnie tinha dito sobre Meredith correr na frente dela, deixando-a para trás, era um absurdo, e ambas sabiam disso. Meredith agarrou Bonnie pela mão assim que os pés de Bonnie tocaram o chão e começou a correr como um galgo, arrastando Bonnie junto com ela, às vezes parecendo que ia arrastá-la se ela caísse no chão.

Bonnie não precisava ser avisada o quão importante era a velocidade. Ela queria desesperadamente que elas estivessem de carro. Ela queria um monte de coisas, principalmente que a Sra. Flores vivesse no meio da cidade e não aqui do outro lado dessa selva.

Enfim, como Meredith tinha previsto, ela estava sem fôlego, e sua mão tão escorregadio de suor que escorregou da mão de Meredith. Ela se dobrou quase ao meio, as mãos sobre os joelhos, tentando recuperar a respiração.

"Bonnie! Enxugue sua mão! Temos que correr!"

"Só-me dê-um minuto—"

"Nós não temos um minuto! Não consegue *ouvir isso? Vamos lá!*"

"Eu só *preciso*—recuperar—o fôlego."

"Bonnie, olhe para trás. E não grite!"

Bonnie olhou para trás, gritou, e então descobriu que ela não estava sem fôlego afinal de contas. Ela deu o fora, agarrando a mão de Meredith.

Ela podia ouvir agora, até mesmo acima de sua própria respiração ofegante e das pancadas nos ouvidos. Era um som de *insetos*, não um zumbido, mas ainda assim um som que seu cérebro tinha arquivado sendo de insetos. Parecia o *whipwhipwhip* de um helicóptero, só que muito maior em alcance, como se um helicóptero pudesse ter tentáculos como os de insetos, em vez de hélices. Com aquela única olhada, ela tinha visualizado toda uma massa cinzenta de tentáculos, com cabeças na frente — e todas as cabeças estavam com as bocas abertas para mostrar bocas cheias de dentes brancos afiados.

Ela lutou para ligar a lanterna. A noite caía, e ela não tinha ideia de quanto tempo levaria até o nascer da lua. Tudo o que ela sabia era que as árvores pareciam tornar tudo escuro, e que *eles* estavam atrás dela e Meredith.

O malach.

O som de chicotadas dos tentáculos batendo no ar era muito mais alto agora. Muito mais. Bonnie não quis se virar e ver a fonte do mesmo. O som estava empurrando seu corpo para além de todos os limites. Ela não podia deixar de ouvir mais e mais as palavras de Matt: *Como colocar minha mão em um triturador de lixo e ligá-lo. Como colocar minha mão em um triturador de lixo...*



Sua mão e a de Meredith estavam cobertas de suor novamente. E a massa cinzenta estava definitivamente alcançando as duas. Estava apenas a meia distância do que estava antes, e o barulho de chicotadas estava ficando mais agudo.

Ao mesmo tempo, suas pernas pareciam de borracha. Literalmente. Ela não conseguia sentir os joelhos. E agora elas pareciam como borracha virando gelatina.

Vipvipvipvipveeee ...

Era o som de um deles, mais perto do que o resto. Mais perto, mais perto, e então ele estava na frente delas, a boca aberta em uma forma oval com dentes em todo o perímetro.

Assim como Matt tinha dito.

Bonnie não teve fôlego com o qual gritar. Mas ela precisava gritar. A coisa sem cabeça, sem olhos ou traços – apenas aquela boca horrível – tinha virado à frente delas e estava vindo direto para ela. E sua resposta automática a isso – bater nele com suas próprias mãos – poderia custar-lhe um braço. Oh Deus, ele estava vindo para seu *rosto*...

"Lá está a pensão," engasgou Meredith, dando-lhe um puxão que a levantou de seus pés. "*Corre!*"

Bonnie abaixou-se, exatamente quando o Malach tentou bater nela. Instantaneamente, ela sentiu os tentáculos fazerem *whipwhipwhip* em seu cabelo encaracolado. Ela foi empurrada bruscamente por trás, em um tropeção doloroso e a mão de Meredith foi arrancada da dela. As pernas dela pareceram entrar em colapso. Suas entranhas pareciam querer gritar.

"Oh, Deus, Meredith, ele me pegou! Corra! *Não deixe um pegar você!* "

Na frente dela, a pensão estava iluminada como um hotel. Normalmente ela era escura, exceto talvez pela janela de Stefan e uma outra. Mas agora ela brilhava como uma joia, um pouco além de seu alcance.

"Bonnie, feche os olhos!"

Meredith não tinha deixado ela. Ela ainda estava aqui. Bonnie podia sentir os ramos como tentáculos alisarem suavemente sua orelha, lentamente sentindo o gosto de sua testa suada, indo em direção a seu rosto, seu pescoço ... Ela chorou.

E então houve um acentuado e alto barulho misturado com um som como um melão maduro explodindo, e algo úmido espalhado por toda a sua volta. Ela abriu os olhos. Meredith estava largando um galho grosso que ela estava segurando como um taco de beisebol. Os tentáculos já estavam deslizando para fora do cabelo de Bonnie.

Bonnie não quis olhar para a bagunça atrás dela.

"Meredith, você-"



"Vamos lá, – corre!"

E ela estava correndo novamente. Por todo o caminho até a entrada de cascalho da pensão, por todo o caminho até a porta. E ali, na porta, a Sra. Flores estava com uma antiquada lâmpada de querosene.

"Entrem, entrem," disse ela, e quando Meredith e Bonnie pararam, sem ar, ela bateu a porta atrás delas. Todas ouviram o som que veio em seguida. Era como o som que o ramo tinha feito – um estalo agudo mais um arrebatamento – só que muito mais alto, e repetiu várias vezes, como pipoca estourando.

Bonnie estava tremendo quando ela tirou as mãos de seus ouvidos e deslizou até sentar no tapete da sala de entrada.

"O que em nome de Deus vocês meninas fizeram a vocês mesmas?" Sra. Flowers disse, olhando para a testa de Bonnie, o nariz inchado de Meredith, e seu estado geral de exaustão.

"É preciso muito – tempo para explicar," Meredith botou pra fora. "Bonnie! Você pode sentar no – andar de cima."

De uma maneira ou de outra Bonnie conseguiu subir as escadas. Meredith foi imediatamente para o computador e o ligou, desabando sobre a cadeira em frente a ele. Bonnie usou o último de sua energia para tirar sua camisa. As suas costas estavam cobertas com suco dos insetos sem nome. Ela amassou-a em uma bola e jogou-a em um canto.

Então, ela caiu na cama de Stefan.

"O que exatamente Matt disse?" Meredith estava começando a recuperar seu fôlego.

"Ele disse *procure o backup* – ou *procure no arquivo de backup* – ou algo assim. Meredith, minha cabeça ... não está boa."

"Tudo bem. Apenas relaxe. Você foi muito bem lá fora ."

"Eu fui porque você me salvou. Obrigada ... outra vez ..."

"Não se preocupe com isso. Mas eu não entendo," adicionou Meredith em seu murmúrio para ela mesma. "Há um arquivo de backup deste mesmo bilhete na mesma pasta, mas não é diferente. Eu não vejo o que Matt quis dizer."

"Talvez ele estivesse confuso," disse Bonnie relutante. "Talvez ele estivesse apenas sentindo muita dor que isso saiu de sua cabeça."

"Arquivo de backup, arquivo de backup ... espere um minuto! O Word não salva automaticamente uma cópia de segurança em algum lugar estranho, como na pasta do administrador ou em algum lugar?" Meredith estava clicando rapidamente pelas pastas. Então ela disse, com voz decepcionada: "Não, nada."



Ela sentou-se para trás, deixando sua respiração sair em uma baforada. Bonnie sabia o que ela deveria estar pensando. Sua longa e desesperada corrida pelo perigo não podia ter sido por nada. Não *podia*.

Então, lentamente, Meredith disse, "Há um monte de arquivos temporários aqui para um pequeno bilhete."

"O que é um arquivo temporário?"

"É apenas um armazenamento temporário de seu arquivo enquanto você estiver trabalhando nele. Normalmente isso parece só com um monte de lixo, no entanto." O clicar começou novamente. "Mas devo olhar por tudo - *oh!*" Ela interrompeu-se. Parando de clicar.

E então houve um silêncio morto.

"O que é?" Bonnie disse ansiosamente.

Mais silêncio.

"Meredith! Fale comigo! *Você achou um arquivo de backup?* "

Meredith não disse nada. Ela não parecia sequer ouvir. Ela estava lendo, com o que parecia ser um fascínio horrorizado.



Capítulo 23

Nm frisson gelado desceu pelas costas de Elena, o mais delicado dos arrepios. Damon não pedia beijos. Isso não estava certo.

“Não,” ela sussurrou.

“Só um.”

“Não vou te beijar, Damon.”

“Não eu. Ele.” Damon denotou ‘*ele*’ com uma inclinação de sua cabeça na direção de Matt. “Um beijo entre você e o seu antigo cavalheiro.”

“Você quer *o quê*?” Os olhos de Matt se abriram de supetão e ele deixou as palavras saírem explosivamente antes que Elena pudesse abrir sua boca.

“Você gostaria,” a voz de Damon caiu para seu tom mais suave e insinuante. “Você gostaria de beijá-la. E não há ninguém para impedi-lo.”

“Damon.” Matt desvencilhou-se dos braços de Elena. Ele parecia estar, se não totalmente recuperado, talvez 80% a caminho de estar, mas Elena conseguiu ouvir seu coração fatigado. Elena se perguntou quanto tempo ele tinha ficado ali fingindo estar inconsciente para recuperar suas forças. “Da última vez que me dei conta, você estava tentando me matar. Isso não te põe exatamente nas minhas boas graças. Depois, as pessoas simplesmente não saem por aí beijando garotas porque são bonitas ou porque seus namorados tiveram um dia de folga.”

“Não?” Damon levantou uma sobrancelha em surpresa. “Eu saio.”

Matt simplesmente balançou sua cabeça, estupefato. Ele parecia estar tentando manter uma ideia fixa em sua mente. “Pode deslocar seu cano daqui para que possamos ir embora?” ele disse. Elena sentiu como se estivesse observando Matt de muito longe; e como se ele estivesse preso em algum lugar com um tigre e não soubesse disso. A clareira tinha se tornado um lugar muito lindo, selvagem, e perigoso, e Matt tampouco sabia disso. Além do mais, ela pensou com preocupação, ele esta se *forçando* a levantar. Nós *precisamos* ir embora – e rápido, ates que Damon faça qualquer outra coisa a ele.

Mas qual era a verdadeira saída?

Qual era a real intenção de Damon?

“Vocês podem ir,” Damon disse. “Assim que ela te beijar. Ou você a beijar,” ele acrescentou, como se fazendo uma concessão.

Lentamente, como se percebendo o que iria significar, Matt olhou para Elena e então de volta para Damon. Elena tentou se comunicar silenciosamente



com ele, mas Matt não estava no clima. Ele olhou Damon no rosto e disse, “De jeito nenhum.”

Dando de ombros, como se para dizer, *eu fiz tudo que pude*, Damon levantou a vareta áspera de pinheiro –

“Não,” gritou Elena. “Damon, eu o farei.”

Damon sorriu o sorriso e segurou pó um momento, até que Elena desviasse o olhar e fosse até Matt. Seu rosto ainda estava pálido, frio. Elena inclinou sua bochecha contra a dele e disse quase inaudivelmente em sua orelha, “Matt, eu já lidei com Damon antes. E você não pode simplesmente desafiá-lo. Vamos na dele – por ora. Então talvez possamos escapar.” E então ela se forçou a dizer, “Por mim? Por favor?”

A verdade era que ela conhecia machos teimosos bom demais. Demais sobre como manipulá-los. Era um traço que ela viera a odiar, mas agora ela estava ocupada demais tentando pensar em maneiras de salvar a vida de Matt para debater a ética de pressioná-lo.

Ela desejou que fosse a Meredith ou a Bonnie ao invés de Matt. Não que ela fosse desejar tanta dor a alguém, mas a Meredith iria bolar planos C e D mesmo enquanto a Elena bolava com os A e B. E Bonnie já teria levantado olhos castanhos cheios de lágrimas e derreter o coração para Damon...

De repente Elena pensou no relampejo único de vermelho que vira sob os Ray-Bans, e mudou de ideia. Ela não tinha certeza se queria a Bonnie perto do Damon agora.

De todos os casos que ela conhecera, Damon fora o único que Elena não conseguira fazer ceder.

Ah, Matt era teimoso, e Stefan podia ser impossível às vezes – mas ambos tinham botões claramente coloridos em algum local dentro deles, etiquetados ME APERTE, e você só tinha que mexer com o mecanismo um pouquinho – está bem, às vezes mais que um pouquinho – e eventualmente até o macho mais desafiador podia ser dominado.

Exceto um...

“Certo, criancinhas, tempo esgotado.”

Elena sentiu Matt ser puxado dos seus braços e levantado – ela não sabia pelo que, mas ele estava de pé. Algo o segurava no lugar, ereto, e ela sabia que não eram os músculos dele.

“Então, onde estávamos?” Damon andava para frente e para trás, com o galho de pinheiro da Virgínia em sua mão direita, batendo-o na sua palma esquerda. “Ah, é *mesmo*” – como se fazendo uma grande descoberta – “a garota e o destemido cavaleiro vão se beijar.”



No quarto de Stefan, Bonnie disse, “Pela última vez, Meredith, você achou um arquivo de backup do bilhete do Stefan ou não?”

“Não,” Meredith disse numa voz plana. Mas bem quando Bonnie estava prestes a ter um colapso novamente, Meredith disse, “Eu achei um bilhete completamente diferente. Uma carta, na verdade.”

“Um bilhete *diferente*? O que diz?”

“Você consegue ficar de pé? Porque eu acho que é melhor dar uma olhada nisso.”

Bonnie, que tinha acabado de recuperar seu fôlego, conseguiu mancar até o computador.

Ela leu o documento na tela – completamente, exceto pelo que parecia ser suas palavras finais, e arfou.

“Damon fez algo ao Stefan!” ela disse, e sentiu seu coração cair e todos os seus órgãos internos o seguirem. Então Elena estivera enganada. Damon *era* malvado, por completo. Agora Stefan ate poderia estar...

“Morto,” Meredith disse, sua mente obviamente seguindo o mesmo caminho que o da Bonnie tinha tomado. Ela levantou olhos escuros para Bonnie. Bonnie sabia que seus próprios olhos estavam molhados. “Quanto tempo,” Meredith perguntou, “faz desde que você ligou para a Elena ou o Matt?”

“Eu não sei; eu não sei que horas são. Mas eu liguei duas vezes depois de sairmos da casa da Caroline e uma vez na da Isabel; e quando eu tentei depois disso, ou conseguia uma mensagem que suas caixas postais estavam cheias ou que nem conectava.”

“É exatamente o que eu consegui. Se eles chegaram próximos ao Bosque Antigo – bem, você sabe o que isso faz com a recepção dos telefones.”

“E agora, mesmo que eles saiam do bosque, não podemos lhes deixar uma mensagem porque enchemos seu correio de voz–”

“Email,” Meredith disse. “O bom e velho e-mail; podemos usá-lo para mandar uma mensagem para Elena.”

“Sim!” Bonnie socou o ar. Então ela desinflou. Ela hesitou por um instante e então quase sussurrou, “Não.” Palavras do bilhete verdadeiro de Stefan ficavam ecoando em sua mente: *Confio no instinto protetor de Matt por você, no julgamento de Meredith e na intuição da Bonnie. Diga-lhes para lembrarem-se disso.*

“Não pode contar a ela o que Damon fez,” ela disse, mesmo enquanto Meredith começava a digitar de forma ocupada. “Ela provavelmente já sabe – e se não sabe, simplesmente criará mais problemas. Ela está com Damon.”

“Matt te disse isso?”



“Não. Mas Matt esta fora de controle de tanta dor.”

“Não pode ter sido por causa desses – insetos?” Meredith olhou para seu tornozelo onde diversos vergões vermelhos ainda apareciam na macia pele de oliva.

“Podia ter sido, mas não foi. Não pareciam com árvores, tampouco. Era simplesmente... uma dor pura. E eu não sei, não com certeza, como eu sei que era o Damon fazendo isso. Eu simplesmente – sei.”

Ela viu os olhos de Meredith desfocarem e sabia que ela estava pensando nas palavras do Stefan também. “Bem, meu bom senso diz para confiar em você,” ela disse. “A propósito, Stefan soletra ‘julgamento’* do jeito preferido pelos americanos,” ela acrescentou. “Damon soletra com *e*. Pode ter sido isso o que incomodou o Matt.”* Meredith se refere à forma que Stefan soletra ‘judgment’, enquanto Damon soletra ‘judgement’. Ambas formas corretas, que variam de país para país. “Como se o Stefan fosse realmente deixar Elena sozinha com tudo que tem acontecido,” Bonnie disse indignadamente.

“Bom, Damon enganou todos nós e nos fez pensar que sim,” Meredith apontou. Meredith tinha a inclinação de apontar coisas assim.

Bonnie começou repentinamente. “Pergunto-me se ele roubou o dinheiro?”

“Duvido, mas vamos ver.” Meredith afastou a cadeira de balanço dizendo, “Me alcança um cabide.”

Bonnie agarrou um do armário e pegou para si mesmo uma das regatas da Elena para vestir ao mesmo tempo. Era grande demais, já que era a regata que Meredith dera a Elena, mas que pelo menos era quente.

Meredith usava o final do gancho do cabide de arame em todos os lados do assoalho que parecia mais promissor. Bem quando ela conseguiu abrir a força, houve uma batida na porta aberta. Ambas pularam.

“Sou só eu,” disse a voz da Sra. Flowers atrás de um grande saco de pano grosso e de uma bandeja de bandagens, canecas, sanduíches, e sacos de talagarça de cheiro forte como aqueles que ela usava no braço do Matt.

Bonnie e Meredith trocaram um olhar e então Meredith disse, “Entre e deixe-nos ajudá-la.” Bonnie já estava pegando a bandeja, e a Sra. Flowers estava depositando o saco de pano grosso no chão. Meredith continuou abrindo a tábua à força.

“Comida!” Bonnie disse gratamente.

“Sim, sanduíches de peru e tomate. Sirvam-se. Sinto muito ter ficado longe por tanto tempo, mas você não pode apressar um emplastro para inchaços,” a Sra. Flowers disse. “Eu me lembro, há muito tempo, meu irmão caçula sempre dizia– ai minha nossa!” Ela encarava o lugar onde a tábua estivera. Um buraco de bom tamanho estava cheio de notas de cem dólares, amarrados organizadamente em pacotes com tiras de banco ainda ao redor delas.



“Uau,” Bonnie disse. “Nunca vi tanto dinheiro!”

“Sim.” A Sra. Flowers virou-se e começou a distribuir xícaras de chocolate e sanduíches. Bonnie mordeu um sanduíche famintamente. “As pessoas costumavam simplesmente colocar coisas atrás de um tijolo solto na parede. Mas posso ver que o jovem precisava de mais espaço.”

“Obrigada pelo chocolate e pelos sanduíches,” Meredith disse após alguns minutos passados devorando-os com um apetite exacerbado enquanto trabalhava no computador ao mesmo tempo. “Mas se quiser tratar todos nossos ferimentos e essas coisas – bom, receio que simplesmente não podemos esperar.”

“Ah, venha.” A Sra. Flowers pegou uma pequena compressa que cheirava, para Bonnie, a chá e a pressionou no nariz de Meredith. “Isso fará o inchaço sumir em alguns minutos. E você, Bonnie – cheire aquele que é para aquele galo na sua testa.”

Novamente os olhos de Meredith e Bonnie se encontraram. Bonnie disse, “Bem, se é só por alguns minutos – não sei o que vamos fazer depois de qualquer jeito.” Ela olhou os emplastros e pegou um redondo que cheirava a flores e almíscar para colocar em sua testa.

“Exatamente certo,” a Sra. Flowers disse sem se virar para olhar. “E é claro, o fino e comprido é para o tornozelo da Meredith.”

Meredith bebeu o resto de seu chocolate, então esticou sua mão para tocar cuidadosamente uma das marcas vermelhas. “Não tem—” ela começou, quando a Sra. Flowers interrompeu.

“Você vai precisar desse tornozelo em plena capacidade quando sairmos.”

“Quando sairmos?” Meredith a encarou.

“No Bosque Antigo,” a Sra. Flowers esclareceu. “Para achar seus amigos.”

Meredith pareceu horrorizada. “Se Elena e Matt estão no Bosque Antigo, então eu concordo: *nós* temos que procurá-los. Mas *você* não pode ir, Sra. Flowers, e não sabemos onde eles estão, de qualquer jeito.”

A Sra. Flowers bebeu da xícara de chocolate em sua mão, olhando pensativamente para a única janela que não estava fechada. Por um momento Meredith pensou que ela não tinha ouvido ou não pretendia responder. Então ela disse, lentamente, “Ouso dizer que vocês acham que sou apenas uma velha maluca que nunca está por perto quando há problemas.”

“Nunca pensaríamos isso,” Bonnie disse solidamente, mas pensando que tinham descoberto mais sobre a Sra. Flowers nos últimos dois dias do que nos nove meses desde que Stefan se mudara para cá. Antes disso, tudo que ela ouvira foram histórias de fantasmas ou rumores sobre a velha senhora maluca na pensão. Ela os ouvira desde que conseguira se lembrar.



A Sra. Flowers sorriu. “Não é fácil ter o Poder e nunca ser capaz de acreditar quando o usa. E então, eu vivi por tanto tempo – e as pessoas não gostam disso. Isso as preocupa. Elas começam a inventar histórias de fantasmas ou rumores–”

Bonnie sentiu seus olhos ficarem redondos. A Sra. Flowers simplesmente sorriu novamente e assentiu gentilmente. “Tem sido um verdadeiro prazer ter um jovem educado na casa,” ela disse, tomando o longo emplastro da badeja e o amarrando ao redor do tornozelo de Meredith. “É claro, eu tive que superar meus preconceitos. A querida Mama sempre disse que se eu mantivesse esse lugar, eu talvez tivesse que receber pensionistas, e para ter certeza de nunca receber estrangeiros. E então, é claro, o jovem também é um vampiro–”

Bonnie quase espalhou chocolate pelo quarto. Ela engasgou, então entrou num espasmo de tosse. Meredith estava com sua expressão de expressão nenhuma.

“–mas após um tempo eu comecei a entendê-lo melhor e a simpatizar com seus problemas,” a Sra. Flowers continuou, ignorando o ataque de tosse de Bonnie. “E agora, a loira está envolvida também... pobrezinha. Eu sempre falo com a Mama” – ainda com o sotaque na segunda sílaba – “sobre isso.”

“Qual a idade da sua mãe?” Meredith perguntou. Seu tom era um de inquisição educada, mas para os olhos experientes de Bonnie sua expressão era de fascinação ligeiramente mórbida.

“Ah, ela morreu na virada do século.” Houve uma pausa, e então Meredith refez-se.

“Sinto muito,” ela disse. “Ela deve ter vivido uma longa–”

“Eu deveria ter dito, a virada do século anterior. Lá em 1901, foi.”

Dessa vez foi Meredith que teve um ataque de tosse. Mas ela foi mais silenciosa quanto a isso.

O gentil olhar da Sra. Flowers fluiu de volta até elas. “Eu era uma médium nos meus tempos. Em vaudeville*, sabe. Tão difícil atingir um transe em frente de uma sala cheia de pessoas. Mas, sim, sou realmente uma Bruxa Branca. Eu tenho o Poder. E agora, se terminaram seu chocolate, acho que é hora de irmos para o Bosque Antigo procurarmos seus amigos. Mesmo sendo verão, minhas queridas, é melhor vocês duas se vestirem com roupas quentes,” ela acrescentou. “Eu me vesti.”

* Vaudeville - gênero de entretenimento popular, que envolviam apresentações de cantores populares, "circos de horror", museus baratos e literatura burlesca.



Capítulo 24



nenhum selinho na boca iria satisfazer Damon, Elena pensou. Por outro lado, Matt iria precisar de sedução total antes de se render. Felizmente Elena tinha decifrado o código de Matt Honeycutt há muito tempo. E ela pretendia ser implacável em usar o que tinha aprendido sobre o seu corpo enfraquecido e suscetível.

Mas Matt podia ser muito teimoso para seu próprio bem. Ele permitiu que Elena colocasse seus lábios macios contra os dele, ele permitiu que ela colocasse seus braços ao redor dele. Mas quando Elena tentou fazer algumas das coisas que ele mais gostava - como correr suas unhas por sua coluna, ou tocar levemente a ponta da sua língua nos lábios fechados dele - ele fechou os dentes apertados. Ele não colocava um braço em volta dela.

Elena o soltou e suspirou. Então ela sentiu uma formigação entre suas omoplatas, como se estivesse sendo observada, mas cem vezes mais forte. Ela olhou para trás para ver Damon parado a uma distância com a sua vara de pinheiro da Virgínia, mas ela não conseguiu encontrar nada incomum. Ela olhou para trás mais uma vez - e teve que enfiar o punho em sua boca.

Damon estava lá; logo atrás dela; tão perto que você não poderia ter colocado dois dedos entre a frente do corpo dela e a frente do dele. Ela não sabia por que seu braço não tinha batido nele. Seu giro na verdade a havia prendido entre os corpos de dois homens.

Mas como ele tinha feito isso? Não havia tido tempo para percorrer a distância da clareira onde Damon estava até uma polegada atrás dela no segundo em que ela desviou o olhar. Nem tinha havido qualquer tipo de som enquanto ele atravessava as folhas de pinheiro na direção deles; assim como a Ferrari; ele estava apenas - ali.

Elena engoliu o grito que estava desesperadamente tentando sair de seus pulmões, e tentou respirar. Seu próprio corpo estava rígido de medo. Matt estava tremendo ligeiramente atrás dela. Damon estava inclinado para dentro, e tudo o que ela podia cheirar era a doçura da resina de pinheiro.

Algo está errado com ele. Algo está errado.

"Você sabe de uma coisa," disse Damon, inclinando-se mais para perto de forma que ela teve que se inclinar para trás contra o Matt, para que, mesmo ficando prensada contra o corpo tremendo de Matt, ela estivesse olhando diretamente para os Ray-Bans a uma distância de três polegadas (~8cm). "Isso te dá uma nota D menos."

Agora Elena estava tremendo, assim como Matt. Mas ela tinha que assumir o controle de si mesma, tinha que responder a esta agressão de cabeça



erguida. Quanto mais passivos ela e Matt fossem, mais tempo Damon tinha para pensar.

A mente de Elena estava em um modo febril de conspiração. Ele pode não estar lendo as nossas mentes, ela pensou, mas ele pode certamente dizer se estamos dizendo a verdade ou mentindo. Isso é normal para um vampiro que bebe sangue humano. O que podemos fazer a respeito? O que podemos fazer com isso?

"Esse foi um beijo de saudação," disse ela corajosamente. "É para identificar a pessoa que você está encontrando, assim você sempre a reconhecerá depois. Até mesmo – até mesmo hamsters fazem isso. Agora - por favor – nós podemos nos mover só um pouco, Damon? Estou ficando esmagada."

E esta é exatamente uma posição muito provocativa, ela pensou. Para todos os envolvidos.

"Mais uma chance," disse Damon, e desta vez ele não sorriu. "Eu quero ver um beijo - um beijo de verdade – entre vocês. Ou então."

Elena se virou no espaço apertado. Seus olhos procuraram os de Matt. Eles tinham, afinal, sido namorado e namorada por um bom tempo no ano passado. Elena viu o olhar nos olhos azuis de Matt: ele queria beijá-la, tanto quanto ele poderia querer qualquer coisa depois daquela dor. E ele percebeu que ela tinha que fazer todos esses movimentos extravagantes para salvá-lo de Damon.

De alguma forma, nós vamos sair, Elena pensou para ele. Agora, você vai cooperar? Alguns garotos não tinham botões na área de sensações egoístas de seu cérebro. Alguns, como Matt, tinham botões rotulados como HONRA ou CULPA.

Agora Matt ficou parado enquanto ela colocou o rosto dele entre as suas mãos, inclinando-o para baixo e ficando na ponta dos pés para beijá-lo, por que ele tinha crescido muito. Ela pensou em seu primeiro beijo de verdade, no carro dele a no caminho de casa depois de um pequeno baile da escola secundária. Ele tinha ficado aterrorizado, suas mãos úmidas, seu interior todo trêmulo. Ela tinha sido legal, experiente, gentil.

E assim ela foi agora, deslizando a ponta quente da língua para derreter e afastar seus lábios congelados. E para o caso de Damon estar escutando os seus pensamentos, ela os manteve rigorosamente em Matt, em sua aparência radiante e sua amizade calorosa e na galantaria e cortesia que ele sempre tinha mostrado a ela, mesmo quando ela rompeu com ele. Ela não estava consciente quando os braços dele passaram em volta de seus ombros ou quando ele assumiu o controle do beijo, como uma pessoa que está morrendo de sede e finalmente encontra água. Ela podia ver isso claramente em sua mente: ele nunca pensou que beijaria Elena Gilbert dessa forma de novo.

Elena não sabia quanto tempo durou. Finalmente ela desenrolou os seus braços que estavam em volta do pescoço de Matt e recuou.



E então ela percebeu algo. Não era por acaso que Damon estava parecendo um diretor de cinema. Ele estava segurando uma câmera de vídeo portátil, olhando para o visor. Ele gravou a coisa toda.

Com Elena claramente visível. Ela não tinha ideia do que havia acontecido com o disfarce do boné de beisebol e com os óculos escuros. Seu cabelo estava desordenado e sua respiração estava rápida, involuntária. O sangue subira para a superfície de sua pele. Matt não parecia muito mais recomposto do que ela se sentia.

Damon ergueu os olhos do visor.

“O que você quer com isso?” Matt resmungou em um tom completamente diferente da sua voz normal. O beijo tinha o afetado, também, Elena pensou. Mais do que a ela.

Damon pegou o seu ramo de novo e de novo agitou o seu final como se fosse um leque japonês. O aroma de pinho soprou por Elena. Ele olhou considerando, como se fosse pedir para refilmar, então mudou de ideia, sorriu brilhantemente para eles, e enfiou a câmera de vídeo no bolso.

“Tudo o que vocês precisam saber é que ficou uma cena perfeita.”

“Então vamos embora.” O beijo parecia ter dado a Matt uma nova força, mesmo que fosse para dizer o tipo errado de coisas. “Agora.”

“Oh, não, mas mantenha essa atitude dominante e agressiva. Enquanto você tira a camisa dela.”

“O quê?”

Damon repetiu as palavras em um tom de diretor dando a um ator instruções complicadas.

“Tire os botões da camisa dela, por favor, e tire-a.”

“Você está *louco*.” Matt virou e olhou para Elena, parou horrorizado ao ver a expressão em seu rosto, uma única lágrima escorrendo do olho que não estava escondido.

“Elena...”

Ele se moveu em volta, mas ela se moveu também. Ele não conseguia fazê-la olhar em sua face. Por fim, ela parou, ficou com os olhos abaixados e lágrimas escapando. Ele podia *sentir* o calor irradiando de suas bochechas.

“Elena, vamos lutar contra ele. Não se lembra como você lutou contra as coisas más no quarto de Stefan?”

“Mas isso é pior, Matt. Eu nunca senti algo tão ruim assim antes. Isso é forte. Isso está – me pressionando.”



“Você não quer dizer que devemos ceder a ele...?” Isso foi o que Matt disse e ele souou como se estivesse à beira de ficar doente. O que os seus claros olhos azuis diziam era mais simples. Eles diziam: *Não. Não se ele me matar por recusar.*

“Quero dizer...” Elena virou repentinamente para Damon. “Deixe-o ir,” ela disse. “Isso é entre você e eu. Vamos resolver isso nós mesmos.” Diabos, ela iria salvar Matt, mesmo se ele não quisesse ser salvo.

Eu vou fazer o que você quer, ela pensou o mais forte que podia para Damon, esperando que ele pudesse captar alguma coisa. Afinal, ele tomara o seu sangue contra a sua vontade - pelo menos inicialmente – antes. Ela poderia sobreviver a ele fazendo isso de novo.

“Sim, você vai fazer *tudo* que eu quero,” disse Damon, provando que ele podia ler seus pensamentos ainda mais claramente do que ela havia imaginado. “Mas a questão é, depois de quanto?” Ele não disse quanto o quê. Ele não precisava. “Agora, eu sei que eu acabei de lhe dar uma ordem,” acrescentou ele, dando meia volta para Matt, mas com os olhos ainda em Elena, “por que eu ainda posso vê-la imaginando isso em sua mente. Mas—”

Então Elena viu o olhar nos olhos de Matt, e a chama em suas bochechas, e ela sabia - e imediatamente tentou esconder o conhecimento de Damon – o que ele ia fazer.

Ele ia cometer suicídio.

“Se não podemos convencê-la do contrário, não podemos convencê-la do contrário,” Meredith disse para Sra. Flowers. “Mas - há coisas lá fora—”

“Sim, querida, eu sei. E o sol está se pondo. É uma má hora para se estar lá fora. Mas como a minha mãe sempre dizia, duas bruxas são melhores do que uma.” Ela deu a Bonnie um sorriso ausente. “E como você gentilmente não disse antes, eu estou muito velha. Ora, eu posso me lembrar de dias antes dos primeiros carros e aviões. Eu talvez tenha conhecimentos que ajudariam vocês em sua busca por seus amigos — e por outro lado, eu sou dispensável.”

“Você certamente não é,” Bonnie disse fervorosamente. Elas estavam usando o guarda-roupas de Elena agora, acumulando roupas. Meredith havia pegado a mochila com as roupas de Stefan e as jogado na cama dele, mas na primeira vez que ela pegou uma camisa, ela a deixou cair de novo.

“Bonnie, você podia levar alguma coisa de Stefan com você quando sairmos,” ela disse. “Veja se você consegue alguma impressão delas. Hum, talvez a senhora também, Sra. Flowers?” ela acrescentou. Bonnie entendeu. Uma coisa era deixar alguém a chamar de bruxa; outra coisa era chamar alguém muito mais velha de uma.

A última camada de roupa de Bonnie era uma camisa de Stefan, e a Sra. Flowers colocou uma de suas meias em seu bolso.



“Mas eu não vou sair pela porta da frente,” disse Bonnie inflexível. Ela não podia sequer suportar imaginar a bagunça.

“Tudo bem, então nós vamos pelos fundos,” disse Meredith, desligando a lanterna de Stefan. “Vamos.”

Elas estavam realmente saindo pela porta dos fundos quando a campainha da frente tocou.

Todas as três trocaram olhares. Então Meredith virou, “Podem ser eles!” E ela correu de volta para a escura frente da casa. Bonnie e a Sra. Flowers seguiram mais lentamente.

Bonnie fechou os seus olhos quando ela ouviu a porta abrir. Quando não houve exclamações imediatas sobre a bagunça, ela abriu uma fenda.

Não havia nenhum sinal de que algo incomum tivesse acontecido fora da porta. Nenhum corpo de inseto esmagado – nenhum inseto morto ou morrendo na varanda da frente.

Os cabelos da parte de trás do pescoço de Bonnie se levantaram. Não que ela quisesse ver o malach. Mas ela queria saber o que tinha acontecido com eles. Automaticamente, uma mão foi para o seu cabelo, para sentir se uma mecha de cabelo encaracolado havia sido deixada para trás. Nada.

“Eu estou procurando por Matthew Honeycutt.” A voz cortou o devaneio Bonnie como uma faca quente na manteiga, e os olhos de Bonnie estalaram totalmente abertos.

Sim, era o xerife Rich Mooseburger e ele estava completamente ali, das botas lustradas até a gola engomada. Bonnie abriu a boca, mas Meredith falou primeiro.

“Essa não é a casa de Matt,” ela disse, seu tom tranquilo, sua voz regular.

“De fato eu já estive na casa dos Honeycutt. E na casa dos Sulez e na dos McCulloughs. Cada uma delas, de fato, sugeriu que se Matt não estivesse em nenhum desses lugares, ele poderia estar aqui com vocês.”

Bonnie quis chutá-lo nas canelas. “Matt não estava roubando os sinais de trânsito! Ele não faria, nunca, nunca, *nunca* algo desse tipo. E eu queria, por Deus, saber onde ele está, mas eu não sei. Nenhuma de nós sabe!” Ela parou, com um pressentimento de que talvez ela tivesse falado demais.

“E os seus nomes são?”

Sra. Flowers assumiu. “Essa é Bonnie McCullough, e Meredith Sulez. Eu sou a Sra. Flowers, a dona dessa pensão, e acredito que eu possa apoiar o comentário de Bonnie a respeito dos sinais de trânsito—”

“De fato isso é mais sério do que os sinais de trânsito desaparecidos, senhora. Matthew Honeycutt é suspeito de abusar de uma jovem garota. Há uma



considerável evidência física para dar suporte à história dela. E ela afirma que eles se conhecem desde que eram pequenos, então não pode haver um engano ao identificá-lo.”

Houve um momento de silêncio surpreendente, e então Bonnie quase gritou, “Ela? Ela *quem?*”

“Senhorita Caroline Forbes é a autora da denúncia. E eu gostaria de sugerir, de fato, se qualquer uma de vocês três *por acaso* encontrar com o Sr. Honeycutt, que o aconselhassem a se entregar. Antes que ele seja levado à força sob custódia. ”Ele deu um passo em direção a elas como se estivesse ameaçando entrar pela porta, mas a Sra. Flowers silenciosamente barrava o caminho.

“*De fato,*” disse Meredith, recuperando sua compostura, “Eu tenho certeza de que você sabe que precisa de uma ordem judicial para entrar nessa área. Você tem uma?”

Xerife Mossberg não respondeu. Ele fez uma pequena curva acentuada para a direita, desceu o caminho para seu carro de xerife, e desapareceu.



Capítulo 25



att lançou-se para Damon em uma corrida que demonstrava claramente as habilidades pelas quais ele tinha adquirido uma bolsa de estudos de futebol na universidade. Ele acelerou de um silêncio absoluto para um borrão de movimento, na tentativa de chegar até Damon, para derrubá-lo.

"Corra," gritou ele, no mesmo instante. "*Corra!*"

Elena ficou parada, tentando bolar um Plano A depois deste desastre. Ela tinha sido forçada a assistir a humilhação de Stefan nas mãos de Damon na pensão, mas não achava que ela poderia suportar assistir isso.

Mas quando ela olhou de novo, Matt estava de pé a cerca de onze metros de distância de Damon, com o rosto pálido e amargo, mas vivo e de pé. Ele estava se preparando para avançar em Damon novamente.

E Elena ...não conseguia correr. Ela sabia que provavelmente seria a melhor coisa – Damon poderia punir Matt brevemente, mas a maioria da sua atenção estaria voltada para caçá-la. Mas ela não podia ter certeza. E ela não podia ter certeza de que a punição não iria matar Matt, ou que ele seria capaz de fugir antes que Damon a tivesse capturado e tivesse o seu tempo livre para pensar nele novamente.

Não, não este Damon, impiedoso e implacável como ele era.

Deve haver alguma maneira – ela quase podia sentir as engrenagens trabalhando em sua própria cabeça.

E então ela viu.

Não, não isso...

Mas o que mais havia a ser feito?

Matt estava, de fato, correndo em direção a Damon novamente, e desta vez enquanto ele ia para cima dele, ágil e impossível de parar e rápido como uma serpente em disparada, ela viu o que Damon fez. Ele simplesmente deu um passo pro lado no último instante, bem quando Matt estava prestes atingi-lo com um ombro. O impulso de Matt o fez continuar correndo, mas Damon simplesmente virou-se em seu lugar e encarou-o novamente. Então ele pegou seu maldito ramo de pinheiro. Ele estava quebrado na ponta onde Matt tinha pisado nele.

Damon franziu o cenho para o galho, então deu de ombros, levantando-o – e, em seguida, tanto ele e como Matt pararam congelados. Algo veio flutuando pela lateral até parar entre eles no chão. E lá ficou, balançando com a brisa.

Era uma camisa de Pendleton marrom e azul marinha.



Ambos os meninos lentamente viraram em direção a Elena, que vestia uma camisola branca com laços. Ela estremeceu ligeiramente e envolveu seus braços em volta de si. Parecia excepcionalmente frio para esta hora da noite.

Muito lentamente, Damon abaixou o ramo do pinheiro.

"Salvo pela sua *inamorata*," disse a Matt.

"Eu sei o que isso significa e não é verdade," disse Matt. "Ela é minha amiga, não minha namorada."

Damon apenas sorriu distante. Elena podia sentir seus olhos sobre seus braços nus. "Então... para a próxima etapa," disse ele.

Elena não ficou surpresa. Doente, mas não surpresa. Não ficou surpresa nem ao ver, quando Damon virou-se para olhar dela para Matt e de volta, um lampejo de vermelho. Parecia estar refletido no interior dos seus óculos de sol.

"Agora," disse a Elena. "Eu acho que vamos colocá-la ali naquela pedra, meio que inclinada parcialmente. Mas primeiro – outro beijo." Ele olhou de volta para Matt. "Comece a acompanhar, Matt, você está perdendo tempo. Pra começar, talvez você beije o cabelo dela, então ela joga a cabeça para trás e você beija seu pescoço, enquanto ela coloca seus braços em volta de seus ombros..."

Matt, pensou Elena. Damon dissera *Matt*. Tinha escapado tão facilmente, tão inocentemente. De repente, seu cérebro inteiro, e seu corpo inteiro, também, pareciam estar vibrando em uma única nota de música, parecia ter sido lavada por um banho de chuveiro gelado. E o que dizia a nota não era chocante, porque era algo que de alguma forma, em um nível subliminar, ela já sabia...

Esse não é o Damon.



Esta não era a pessoa que ela tinha conhecido há – realmente tinham se passado apenas nove ou dez meses? Ela o tinha visto quando ela era uma garota humana, e ela o tinha desafiado e o desejado nas mesmas proporções - e ele parecia tê-la amado mais quando ela estava desafiando ele.

Ela o tinha visto quando ela era uma vampira e tinha sido atraída por ele com todo o seu ser, e ele cuidou dela como se ela fosse uma criança.

Ela o tinha visto quando ela era um espírito, e da pós-vida ela tinha aprendido muita coisa.

Ele era um mulherengo, ele poderia ser insensível, ele derivava através das vidas de suas vítimas como uma quimera, como um catalisador, mudando outras pessoas enquanto ele mesmo permanecia imutável e inalterado. Ele



mistificava humanos, os confundia, os usava - deixando-os confusos, porque ele tinha o charme do demônio.

E ela nem por uma vez havia o visto quebrar sua palavra. Ela tinha um sentimento estremeceador de que isso não era um tipo de decisão, era muito mais uma parte de Damon, cravada tão profundamente em seu subconsciente, que nem mesmo ele podia fazer nada para mudar isso. Ele não poderia quebrar sua palavra. Ele morreria antes disso.

Damon ainda estava conversando com Matt, dando-lhe ordens. "... E depois tirar sua..."

E a respeito de sua palavra de ser seu guarda-costas, de mantê-la longe do perigo?

Ele estava falando com ela agora. "Então você sabe quando jogar a cabeça para trás? Depois que ele-"

"*Quem é você?*"

"O quê?"

"Você me ouviu. *Quem é você?* Se você tivesse realmente visto Stefan partir e tivesse prometido cuidar de mim, nada disto teria acontecido. Oh, você poderia estar brincando com Matt, mas não na minha frente. Você não é - Damon não é estúpido. Ele sabe o que é um guarda-costas. Ele sabe que assistir a dor de Matt me doeria também. Você não é Damon. Quem... é ... você?"

A força e a velocidade de uma cobra de Matt não tiveram efeito algum. Talvez uma abordagem diferente fosse funcionar. Enquanto falava, Elena tinha muito lentamente movido sua mão em direção ao rosto de Damon. Agora, com um movimento, ela tirou seus óculos escuros.

Olhos vermelhos como sangue fresco brilhavam para ela.

"*O que você fez?*" Ela sussurrou. "O que você fez com Damon?"

Matt estava fora do alcance de sua voz, mas estava avançando ao redor, tentando obter sua atenção. Ela desejava ardentemente que Matt simplesmente corresse e salvasse sua própria vida. Aqui, ele era apenas outra maneira para esta criatura chantageá-la.

Sem parecer se mover rapidamente, a coisa - Damon abaixou a mão e tirou os óculos de sol da mão de Elena. Foi rápido demais para que ela pudesse resistir.

Então ele tomou seu pulso em um aperto doloroso.

"Isso seria muito mais fácil pra vocês dois se ambos colaborassem," ele disse casualmente. "Vocês não parecem perceber o que pode acontecer se vocês me irritarem."

Seu aperto a forçava para baixo, forçando-a a ajoelhar-se. Elena decidiu



não permitir isso. Mas, infelizmente, seu corpo não queria colaborar; ele enviava mensagens urgentes de dor para sua mente, de agonia, de queimação, agonia devastadora. Ela pensou que poderia ignorar, poderia aguentar deixá-lo quebrar seu pulso. Ela estava errada. Em algum momento algo em seu cérebro apagou completamente, e a próxima coisa que ela soube foi que estava de joelhos com um pulso que parecia ter três vezes seu tamanho e que queimava ferozmente.

"Fraqueza humana," disse Damon desdenhosamente. "Isso te pega todas as vezes... A essa altura, você deveria saber melhor antes de me desobedecer."

Damon não, Elena pensou, de forma tão veemente que ela ficou surpresa do impostor não ouvi-la.

"Tudo bem," a voz de Damon continuou acima dela tão alegremente como se tivesse simplesmente dado a ela uma sugestão. "Você vai sentar-se sobre a rocha, inclinando-se para trás, e Matt, você virá até aqui, de frente para ela." O tom era de comando educado, mas Matt o ignorou e já estava ao lado dela, olhando para as marcas dos dedos no pulso de Elena como se ele não acreditasse no que via.

"Matt se levanta, Elena se senta, ou o outro receberá o tratamento completo. Divirtam-se, crianças." Damon tirara a câmera-portátil outra vez.

Matt consultou Elena com os olhos. Ela olhou para o impostor e disse, enunciando com cuidado, "Vá para o inferno, seja você quem for."

"Já estive lá, já o fiz, e te trouxe enxofre,*" a criatura não-Damon recitou. Ele lançou ao Matt um sorriso que era ao mesmo tempo luminoso e terrível. Então, ele sacudiu o ramo do pinheiro. *Damon mais uma vez adaptou uma frase conhecida lá, que seria, 'já estive lá, já o fiz, e te trouxe uma camiseta', uma expressão irônica usada para expressar a completa familiaridade da pessoa com a situação.

Matt o ignorou. Ele esperou, seu rosto inabalável, pela dor que o atingiria.

Elena lutou pra ficar ao lado dele. Lado a lado, eles poderiam desafiar Damon.

Que pareceu por um momento estar descontrolado. "Vocês estão tentando fingir que não tem medo de mim. Mas vocês terão. Se vocês tivessem alguma consciência, você estaria com medo agora."

Beligerante, ele deu um passo em direção a Elena. "*Por que você não está com medo de mim?*"

"Seja você quem for, você é apenas um grande valentão. Você machucou Matt. Você me machucou. Tenho certeza que você pode nos matar. Mas não temos medo de valentões. "

"Você vai ter medo." Agora, a voz de Damon caiu para um sussurro ameaçador. "Espere só."

Mesmo enquanto algo estava soando nos ouvidos de Elena, dizendo-lhe



para ouvir aquelas últimas palavras, para fazer uma ligação – com quem isso parecia? – a dor a atingiu.

Seus joelhos cederem por causa dela. Mas ela não estava apenas se ajoelhando agora. Ela estava tentando se enrolar em uma bola, tentando se enrolar em torno da agonia. Todo pensamento racional foi varrido de sua cabeça. Ela sentiu Matt ao seu lado, tentando segurá-la, mas ela não podia se comunicar com ele mais do que ela podia voar. Ela estremeceu e caiu de lado, como se estivesse tendo um ataque. Seu universo inteiro era dor, e ela só ouvia vozes como se elas viessem de muito longe.

"Pare!" Matt parecia frenético. *"Pare com isso! Você está louco? Esta é Elena, pelo amor de Deus! Você quer matá-la?"*

E então a coisa-não-Damon aconselhou-o suavemente, "Eu não tentaria isso de novo," mas o único som que Matt fez foi de um grito de raiva primordial.



"Caroline!" Bonnie grasnava, andando de um lado pra outro no quarto do Stefan enquanto Meredith fazia outra coisa no computador. "Como ela ousa?"

"Ela não ousa tentar atacar Stefan ou Elena declaradamente – por causa do juramento," disse Meredith. "Então ela pensou nisso para atingir a todos nós."

"Mas Matt-"

"Oh, Matt é acessível," disse Meredith, sombria. "E, infelizmente, há a questão da prova física em ambos."

"O que você quer dizer? Matt não-"

"Os arranhões, minha querida," disse a Sra. Flowers tristemente "do seu inseto de dentes afiados. O emplastro que coloquei terá curado-os o suficiente para que se pareça com arranhões de unha de uma garota – a essa altura. E a marca que aquilo deixou em seu pescoço..." a Sra. Flowers tossiu delicadamente. "Parece com o que no meu tempo era chamado de 'chupão'. 'Talvez um sinal de um encontro que terminou em força? Não que seu amigo fosse capaz de fazer algo assim."

"E lembra-se como Caroline parecia quando a vimos, Bonnie?" Meredith disse secamente. "Não o fato de andar rastejando por aí – eu aposto qualquer coisa que ela está andando muito bem agora. Mas o rosto dela. Ela tinha um olho ficando roxo e uma bochecha inchada. Perfeita para o período de tempo."

Bonnie sentiu como se todos tivessem dois passos a sua frente. *"Que período de tempo?"*



"Na noite em que o inseto atacou Matt. Foi na manhã depois desta noite que o xerife ligou e conversou com ele. Matt admitiu que sua mãe não o tinha visto a noite toda, e aquele cara da Vigilância do Bairro viu Matt dirigir até sua casa e, basicamente, desmaiar."

"Isso foi por causa do veneno do inseto. Ele tinha acabado de lutar contra o Malach!"

"Nós sabemos disso. Mas eles dirão que ele tinha acabado de atacar Caroline. A mãe de Caroline dificilmente vai estar apta para testemunhar – você viu como ela estava. Então, quem pode dizer que Matt não estava na casa de Caroline? Especialmente se ele tivesse planejando o ataque."

"Nós podemos dizer! Nós podemos nos responsabilizar por ele-" Bonnie parou a frase de repente. "Não, eu acho que foi depois que ele saiu daqui que isso aconteceu. Mas, não, tudo isso é errado!" Ela recuperou o ritmo novamente. "Eu vi um desses insetos de perto e era exatamente da maneira como Matt descreveu..."

"E o que resta desse inseto agora? Nada. Além disso, eles vão dizer que você diria *qualquer coisa* por ele."

Bonnie não podia mais suportar simplesmente continuar andando de um lado pra outro. Ela tinha que achar Matt, tinha que avisá-lo – isso se elas pudessem ao menos encontrar ele ou Elena. "Eu pensei que você era quem não podia esperar mais nem um minuto para encontrá-los," disse ela acusatoriamente para Meredith.

"Eu sei; era eu. Mas eu tinha que procurar uma coisa – e além do mais eu queria tentar mais uma vez enxergar aquela página que só os vampiros supostamente conseguem ler. O tal *Shi no Shi*. Mas eu alterei a tela de todas as maneiras que eu pude pensar, e se há algo escrito aqui, eu certamente não posso encontrá-lo."

"Melhor não desperdiçar mais tempo com ela, então," Sra. Flowers disse. "Vamos, vista sua jaqueta, minha querida. Devemos ir com o Wheeler Amarelo* ou não?" * Modelo de carro

Por apenas um momento Bonnie teve uma louca visão de um veículo puxado por um cavalo, uma espécie de carruagem da Cinderela, mas não em forma de abóbora. Então ela se lembrou de ter visto o antigo carro da Sra. Flowers, um Ford modelo T* – pintado de amarelo – estacionado dentro do que deveria ser o estábulo antigo pertencente à pensão. * <http://www.musclecarclub.com/other-cars/classic/ford-model-t/images/ford-model-t-1a.jpg>

"Nós nos demos melhor a pé do que nós ou Matt se deu quando ia de carro," disse Meredith, dando um odioso clique final nos controles da tela do computador. "Estávamos mais móveis do que - oh, meu Deus! *Consegui!*"

"Conseguiu o quê?"

"O site. Venham ver isto."



Tanto Bonnie quanto a Sra. Flowers foram para o computador. A tela estava verde brilhante com uma escrita verde escura fina e fraca.

"Como você fez isso?" Bonnie perguntou enquanto Meredith se dobrava para pegar um caderno e uma caneta para anotar o que viam.

"Eu não sei. Eu só apertei os botões das configurações de cores uma última vez – eu já tinha tentado mudar na Economia de Energia, Bateria Baixa, Alta Resolução, Alto Contraste, e todas as combinações que eu poderia imaginar"

Elas olharam as palavras.

Cansado deste lápis-lazúli?

Quer tirar umas férias no Havaí?

Cansado daquela mesma velha culinária líquida?

Venha visitar Shi no Shi.

Depois disso tinha um anúncio da "Morte da Morte," um lugar onde os vampiros poderiam ser curados de seu estado amaldiçoado e tornar-se humanos novamente. E então havia um endereço. Apenas uma estrada, nenhuma menção de que estado, e, a propósito, nem mesmo de que cidade. Mas era uma Pista.

"Stefan não mencionou um endereço," disse Bonnie.

"Talvez ele não tenha querido assustar Elena," Meredith disse sombriamente. "Ou talvez, quando ele olhou para página, o endereço não estava lá."

Bonnie estremeceu. "*Shi no Shi* - Eu não gosto de como isso soa. E não ria de mim," ela adicionou para Meredith defensivamente. "Lembra-se do que Stefan disse sobre confiar na minha intuição?"

"Ninguém está rindo, Bonnie. Temos que achar Elena e Matt. O que sua intuição diz sobre isso?"

"Diz que vamos nos meter em problemas, e que Matt e Elena já estão em apuros."

"Engraçado, porque isso é exatamente o que meu julgamento me diz."

"Estamos prontas agora?" Sra. Flowers distribuiu lanternas.

Meredith testou a dela e descobriu que tinha uma luz firme e forte.

"Vamos então," disse ela, automaticamente desligando a lâmpada de Stefan novamente.

Bonnie e a Sra. Flowers a seguiram pelas escadas, pra fora da casa, e pela rua pela qual elas tinham corrido não muito tempo atrás. O pulso de Bonnie estava acelerado, os ouvidos prontos para o mais leve som de *whipwhip*. Mas, exceto pelos feixes de suas lanternas, o Bosque Antigo estava completamente escuro e



estranhamente silencioso. Nem mesmo o som do canto dos pássaros quebrava a noite sem lua.

Eles entraram, e em minutos estavam perdidas.

Matt acordou de lado e por um momento não sabia onde estava. Do lado de fora. Chão. Piquenique? Escalada? Adormeceu?

E depois ele tentou mover e a agonia queimou como um gêiser de fogo, e ele lembrou-se de tudo. Aquele *bastardo*, torturando Elena, pensou.

Torturando Elena.

Isso não fazia sentido. Não com *Damon*. O que era aquilo que Elena tinha dito a ele no final que o deixara tão irritado?

O pensamento o atormentava, mas era apenas outra pergunta sem resposta, como o recado de Stefan no diário de Elena.

Matt percebeu que ele poderia se mover, mas muito lentamente. Ele olhou ao redor, movendo a cabeça cautelosamente até que viu Elena, deitada perto dele como uma boneca quebrada. Ele estava ferido e desesperadamente sedento. Ela se sentiria da mesma forma. A primeira coisa seria levá-la a um hospital; o tipo de contrações musculares provocadas por esse grau de dor poderia quebrar um braço ou mesmo uma perna. Elas eram certamente fortes o suficiente para causar uma torção ou luxação. Sem mencionar Damon torcendo seu pulso.

Isso era o que a parte prática e sensata dele estava pensando. Mas a pergunta que continuava girando em sua mente ainda o deixava em completa surpresa.

Ele *machucou* Elena? Da mesma maneira que machucou a mim? Eu não acredito nisso. Eu sabia que ele era doentio, perturbado, mas eu nunca ouvi falar dele machucando as meninas. E nunca, nunca Elena. *Nunca*. Mas eu – se ele me trata da maneira como ele trata Stefan, ele vai me matar. Eu não tenho capacidade e a resistência de um vampiro.

Eu tenho que tirar Elena dessa antes que ele me mate. Eu não posso deixá-la sozinha com ele.

Instintivamente, de alguma forma, ele sabia que Damon ainda estava por perto. Isto foi confirmado quando ouviu um pequeno barulho, virou a cabeça muito rapidamente, e deparou-se encarando um borrão de uma bota preta em movimento. O borrão e o movimento foram o resultado do movimento muito rápido, mas tão rapidamente quanto ele se virava, ele de repente sentiu seu rosto pressionado contra a terra e as folhas dos pinheiros do chão da clareira.

Nesse mesmo instante, A Bota levantou-se. Exatamente, ele percebeu, no momento em que ele estava cansado demais para levantar sua própria cabeça. Ele fez um esforço supremo e levantou a cabeça poucos centímetros.

E A Bota o pegou sob o queixo e levantou seu rosto um pouco mais.



"Que pena," disse Damon com um furioso desprezo. "Vocês humanos são tão fracos. Não é nada divertido brincar com vocês."

"Stefan... vai voltar," Matt colocou pra fora, olhando para Damon, de onde ele estava involuntariamente rastejando no chão. "Stefan vai te matar."

"Adivinha o quê?," Disse Damon em tom de conversa. "Seu rosto está todo ferrado de um lado – arranhões, sabe. Você meio que parece com o Fantasma da Ópera ou coisa assim."

"Se ele não te matar, eu mato. Eu não sei como, mas mato. Eu juro. "

"Cuidado com o que você promete."

Bem quando Matt conseguiu fazer seu braço aguentar o peso de seu corpo – exatamente então, no mesmo milissegundo - Damon estendeu a mão e agarrou-o dolorosamente por um punhado de cabelo, levantando sua cabeça.

"Stefan," disse Damon, olhando diretamente para o rosto de Matt e forçando-o a olhar para ele, não importando o quanto Matt se esforçasse para virar o rosto pra longe, "só foi poderoso por alguns dias porque ele estava bebendo o sangue de um espírito muito poderoso, que ainda não estava adaptado à Terra. Mas olhe para ela agora." Ele torceu o aperto no cabelo de Matt de novo, mais dolorosamente.

"Grande espírito. Deitada ali no chão. Agora, o Poder está de volta onde deveria estar. Você me entendeu? *Entendeu* – garoto?"

Matt apenas olhou Elena. "Como você pôde fazer isso?" Ele sussurrou, finalmente.

"Uma lição objetiva sobre o que significa me desafiar. E certamente você não iria querer que eu fosse machista e a deixasse de fora?" Damon *brincou*. "Você tem que acompanhar a evolução dos tempos."

Matt não disse nada. Ele tinha que tirar Elena fora desta.

"Preocupado com a garota? Ela está apenas brincando de gambá* agora. Esperando que eu a ignore e me concentre em você."* *Gambá tem fama de se fingir de morto.*

"Você é um mentiroso."

"Então vou me concentrar em você. Falando em acompanhar a evolução dos tempos, sabe – exceto pelos arranhões e essas coisas, você é um jovem bem bonito."

No início as palavras não significaram nada para Matt. Quando ele as entendeu, Matt pode sentir seu sangue congelando em seu corpo.

"Como um vampiro, posso dar uma opinião fundamentada e honesta. E, como um vampiro, estou ficando com muita sede. Há você. E então há a garota que



ainda está fingindo estar dormindo. Tenho certeza que você pode ver onde estou querendo chegar."

Eu acredito em você, Elena, Matt pensou. Ele é um mentiroso, e ele vai ser sempre um mentiroso. "Tome meu sangue," disse ele, cansado.

"Você tem certeza?" Agora Damon parecia solícito. "Se você resistir, a dor é horrível."

"Apenas termine logo com isso."

"Como desejar." Damon fluidamente se apoiou em um joelho, ao mesmo tempo torcendo seu aperto no cabelo de Matt, fazendo Matt estremecer. O novo aperto arrastou a parte superior do corpo de Matt por cima do joelho de Damon, de modo que sua cabeça ficasse jogada para trás, com o pescoço arqueado e exposto. Na verdade Matt nunca se sentiu tão exposto, tão impotente, tão vulnerável em sua vida.

"Você sempre pode mudar de idéia," Damon zombou dele.

Matt fechou os olhos, teimosamente não dizendo nada.

No último momento, porém, quando Damon inclinava-se com suas presas expostas, os dedos de Matt quase involuntariamente, quase como se seu corpo estivesse agindo *separadamente* de sua mente, apertaram-se em um punho e, de repente, de forma imprevisível, ele levou o punho balançando-o para desferir um golpe violento na têmpora de Damon. Mas – com a velocidade de serpente – Damon estendeu a mão e pegou o golpe quase com indiferença em uma mão aberta, e prendeu os dedos de Matt em um aperto esmagador – exatamente enquanto os dentes afiados abriam uma veia no pescoço de Matt e a boca aberta prendia-se em sua garganta exposta, sugando e bebendo o sangue que pulsava para fora.

Elena – acordada, mas incapaz de se mover de onde ela tinha caído, incapaz de fazer um som ou virar a cabeça – foi obrigada a ouvir todo o ato, obrigada a ouvir os gemidos de Matt enquanto seu sangue era levado contra sua vontade, enquanto ele resistia até o fim.

E então ela pensou em algo que, tonta e assustada como ela estava, quase a fez desmaiar de medo.



Capítulo 26



ey lines. Stefan havia falado delas, e com a influência do mundo espírito ainda nela, ela as tinha visto sem tentar. Agora, ainda deitada de lado, canalizando o que restava do Poder para seus olhos, ela olhou para a terra.

E foi isso que fez a sua mente escurecer de terror.

Até onde ela podia ver aqui havia linhas que convergiam de todas as direções. Linhas grossas que brilhavam com uma fosforescência fria, linhas médias que tinham o brilho opaco de cogumelos estragados no porão, e linhas minúsculas que pareciam perfeitamente com rachaduras retas da camada superficial exterior do mundo. Elas eram como veias e artérias e nervos logo abaixo da pele da besta da clareira.

Não era de se admirar que parecesse vivo. Ela estava deitada em uma enorme convergência de ley lines. E se o cemitério fosse pior que isso – ela não conseguia imaginar com o que poderia parecer.

Se Damon tivesse de alguma forma encontrado um jeito de explorar aquele Poder... não é de se surpreender que ele tenha parecido diferente, arrogante, invencível. Desde que ele tinha libertado-a para beber o sangue de Matt, ela ficara balançando sua cabeça, tentando se livrar da humilhação junto. Mas, agora, finalmente, ela havia parado, tentando calcular uma maneira de fazer uso deste Poder. Tinha que haver um jeito de fazê-lo.

A escuridão não saía da visão dela. Finalmente, Elena notou que não era porque ela estava fraca, mas porque estava ficando escuro – o crepúsculo lá fora na clareira, a verdadeira escuridão chegando. Ela tentou novamente se erguer, e desta vez conseguiu. Quase imediatamente, uma mão estava estendida para ela e, automaticamente, ela a pegou, se deixando ser puxada até ficar de pé.

Ela encarou – quem que quer fosse, Damon ou o que quer que estivesse usando suas feições ou seu corpo. Apesar da quase escuridão, ele ainda usava aqueles óculos de sol envoltivos. Ela não conseguia distinguir nada do resto do rosto dele.

“Agora,” a coisa de óculos escuros disse. “Você vai vir comigo.”

Estava se aproximando da completa escuridão, e eles estavam na clareira onde estava a besta. Este lugar – era insalubre. Ela estava com medo da clareira como nunca tinha tido medo de uma pessoa ou criatura. Ela ressoava com malevolência, e ela não conseguia fechar seus ouvidos para isso.

Ela tinha que continuar pensando, e pensando direto, ela pensou.



Ela estava terrivelmente assustada por Matt; assustada que Damon tivesse tirado muito sangue ou tivesse brincado muito severamente com seu brinquedo; quebrado-o.

E ela estava com medo desta coisa Damon. Também estava preocupada a respeito da influencia que este lugar podia ter tido no Damon real. O bosque ao redor deles não devia ter efeito nenhum em vampiros, exceto machucá-los. O possível-Damon dentro do possuidor estava magoado? Se ele pudesse entender qualquer coisa que estivesse acontecendo, ele poderia distinguir esta mágoa de sua mágoa e raiva de Stefan?

Ela não sabia. Ela sabia que havia tido um terrível olhar em seus olhos quando Stefan tinha lhe dito para sair da pensão. E ela sabia que havia criaturas na floresta, malach, que podiam influenciar a mente de uma pessoa. Ela tinha medo, medo profundo, que os malach estivessem usando Damon agora, escurecendo seus desejos mais sombrios e transformando-o em algo terrível, algo que ele nunca tinha sido mesmo em seu pior.

Mas como ela podia ter certeza? Como ela podia saber se havia ou não algo mais por trás do malach, alguma coisa que *os* controlava? A alma dela estava lhe dizendo que este podia ser o caso, que Damon podia estar completamente inconsciente do que seu corpo estava fazendo, mas isso podia ser apenas uma ilusão.

Certamente, tudo que ela conseguia sentir ao seu redor eram pequenas criaturas do mal. Ela podia senti-las cercando a clareira, estranhos seres parecidos com insetos, como o que tinha atacado Matt. Eles estavam num furor de excitação, chicoteando seus tentáculos ao redor para fazer um barulho quase como um helicóptero em movimento.

Eles estavam influenciando Damon agora? Certamente, ele nunca antes tinha machucado algum dos outros seres humanos do jeito que ele tinha hoje. Ela tinha que tirar todos os três deles deste lugar. Era doente, contaminado. Uma vez mais ela sentiu uma onda de saudades de Stefan, que poderia saber o que fazer nesta situação.

Ela se virou, vagorosamente, para olhar para Damon.

“Eu posso chamar alguém pra vir ajudar o Matt? Eu tenho medo de deixá-lo aqui; tenho medo que *eles* peguem-no”. Dá na mesma coisa deixá-lo saber que ela sabia que *eles* estavam se escondendo nas hepáticas e rododendros e azevinho da montanha ao redor.

Damon hesitou; pareceu considerar isto. Então, ele sacudiu sua cabeça.

“Nós não iríamos querer dar-lhes muitas pistas sobre onde estão vocês,” ele disse alegremente. “Será um experimento interessante observar se os malach os pegam – e como eles irão fazê-lo.”

“Não seria uma experiência interessante para mim.” A voz de Elena estava plana. “Matt é meu amigo”.



“Todavia, nós o deixaremos aqui por ora. Não confio em você – mesmo para me dar uma mensagem da Meredith ou Bonnie – para mandar do meu celular.”

Elena não disse nada. Na realidade, ele estava certo em não confiar nela, já que ela e Meredith e Bonnie tinham planejado um código elaborado de frases que soavam inofensivas logo que elas souberam que Damon estava atrás de Elena. Fazia uma vida inteira para ela – literalmente – mas ela ainda podia se lembrar delas.

Silenciosamente, ela simplesmente seguiu Damon pra a Ferrari.

Ela era responsável por Matt.

“Você não está discutindo muito desta vez, e me pergunto o que você está tramando.”

“Estou tramando que nós podemos acabar logo com isso. Se você me disser o que ‘isso’ é,” ela disse, mais corajosamente do que sentia.

“Bem, agora o que “isso” é, é com você.” Damon deu em Matt um chute nas costelas ao passar. Ele agora estava marchando em círculo ao redor da clareira, que parecia menor do que nunca, um círculo que não a incluía. Ele deu alguns passos em direção a ele – e escorregou. Ela não sabia como tinha acontecido. Talvez o animal gigante tenha respirado. Talvez fossem apenas as folhas de pinheiro escorregadias debaixo de suas botas.

Mas num instante ela estava indo em direção ao Matt e no próximo seus pés tinham sumido de debaixo dele e ela estava indo em direção ao chão sem nada ao que se agarrar.

E então, suavemente e sem pressa, ela estava nos braços de Damon. Com séculos de educação Virginiana por trás ela automaticamente disse, “Obrigada.”

“O prazer foi meu.”

Sim, ela pensou. É tudo que isso quer dizer. O prazer foi *dele*, e é tudo que importa.

Foi quando ela notou que estavam se dirigindo para o seu Jaguar.

“Ah, não, não vamos,” ela disse.

“Ah, sim, nós vamos – se eu assim quiser,” ele disse. “A não ser que queira ver seu amigo Matt sofrer desse jeito novamente. Em algum momento seu coração *irá* ceder.”

“Damon.” Ela se empurrou para longe de seus braços, ficando de pé sozinha. “Não entendo. Isso não é do seu feitio. Pegar o que quiser e ir embora.”

Ele simplesmente ficou olhando para ela. “Eu estava fazendo exatamente isso.”



“Você não precisa” – nem por sua própria vida ela conseguia afastar o tremor de sua voz – “levar-me para qualquer lugar especial para tirar meu sangue. E Matt não saberá. Ele está desacordado.”

Por um longo instante houve silêncio na clareira. Silêncio profundo. Os pássaros noturnos e os grilos pararam de fazer sua música. De repente Elena sentiu como se estivesse em algum tipo de montanha-russa que caía para baixo, deixando seu estômago e órgãos ainda no alto. Então Damon expressou isso em palavras.

“Eu *te* quero. Exclusivamente.”

Elena se preparou, tentando ficar com a mente limpa apesar da névoa que parecia estar invadindo-a.

“Você sabe que isso não é possível.”

“Sei que foi possível para o Stefan. Quando estava com ele, você não pensava em outra coisa a não ser ele. Você não conseguia ver, não conseguia ouvir, não conseguia sentir qualquer outra coisa a não ser ele.”

Os arrepios de Elena agora cobriam seu corpo todo. Falando cuidadosamente pela obstrução em sua garganta, ela disse, “Damon, você fez algo ao Stefan?”

“Ora, por que eu iria querer fazer algo assim?”

Muito lentamente, Elena disse, “Você e eu ambos sabemos o porquê.”

“Você quer dizer,” Damon começou falando casualmente, mas sua voz ficou mais intensa enquanto ele agarrava seus ombros, “para que você não visse nada a não ser *eu*, ouvisse nada a não ser *eu*, pensasse em nada a não ser *eu*?”

Ainda baixo, ainda controlando seu horror, Elena disse, “Tire os óculos de sol, Damon.”

Damon olhou para cima e ao redor como se para se reassegurar que nenhum raio do pôr-do-sol poderia penetrar o mundo verde acinzentado que os cercava. Então com uma mão, ele despiu-se dos óculos de sol.

Elena encontrou-se olhando em olhos que eram tão negros que parecia não haver diferença entre a íris e a pupila. Ela... acendeu uma lâmpada em seu cérebro, fez algo para que todos os seus sentidos voltassem para o rosto de Damon, para sua expressão, para o Poder circulando por ele.

Seus olhos ainda estavam tão negros quanto as profundezas de uma caverna inexplorada. Nada de vermelho. Mas também, ele tivera tempo, este tempo para se preparar para ela.

Acredito no que vi antes, Elena pensou. Com meus próprios olhos.



“Damon, farei qualquer coisa, qualquer coisa que você quiser. Mas tem que me contar. *Você fez algo ao Stefan?*”

“Stefan ainda estava embriagado com o *seu* sangue quando te deixou,” ele a lembrou, antes que ela pudesse falar para negar isso – “e, para responder sua pergunta com precisão, não sei onde ele está. Nisso, você tem a minha palavra. Mas de qualquer maneira, é verdade, o que estava pensando mais cedo,” ele acrescentou, enquanto Elena tentava se afastar, para sair do aperto que ele tinha em seus braços. “*Eu sou* o único, Elena. O único que você não conquistou. O único que você não pode manipular. Intrigante, não é?”

De repente, apesar de seu medo, ela estava furiosa. “Então por que machucar o Matt? Ele é apenas um amigo. O que ele tem a ver com isso?”

“Apenas um amigo.” E Damon começou a rir do jeito que tinha antes, assustadoramente.

“Bem, eu sei que *ele* não teve nada a ver com a partida do Stefan,” Elena retrucou.

Damon virou-se para ela, mas nessa hora a clareira estava tão turva que ela não conseguia ler de jeito algum sua expressão. “E quem disse que *eu* tive? Mas isso não quer dizer que eu não vou me aproveitar dessa oportunidade.” Ele pegou Matt facilmente e levantou algo que brilhava prateado em sua outra mão.

As chaves dela. Do bolso de sua calça jeans. Pegas, sem dúvida, quando ela estivera deitada inconsciente no chão.

Ela não podia afirmar nada de sua voz, tampouco, exceto que estava amarga e sarcástica – como de costume quando ele falava de Stefan. “Com seu sangue nele, não poderia ter matado meu irmão mesmo que tentasse, da última vez que o vi,” ele acrescentou.

“Você *tentou*?”

“Para falar a verdade, não. Você tem a minha palavra nisso também.”

“E não sabe onde ele está?”

“Não.” Ele levantou Matt.

“O que acha que está fazendo?”

“Levando-o conosco. Ele é refém pelo seu bom comportamento.”

“Ah, não,” Elena disse categoricamente, marchando. “Isso é entre você e eu. Você machucou Matt o bastante.” Ela pestanejou e novamente quase gritou ao encontrar Damon perto demais, rapidamente demais. “Farei o que você quiser. *O que* você quiser. Mas não aqui em público e não com o Matt por perto.”



Vamos, Elena, ela pensava. Onde está o comportamento sedutor quando precisa dele? Você costumava ser capaz de seduzir qualquer cara; agora, só porque ele é um vampiro, não pode?

“Leve-me para algum lugar,” ela disse suavemente, entrelaçando seu braço com o braço livre dele, “mas na Ferrari. Não quero ir no meu carro. Me leve na Ferrari.”

Damon marchou de volta para o porta-malas da Ferrari, destrancou-o, e olhou para dentro. Então olhou para Matt. Estava claro que o garoto alto e robusto não caberia no porta-malas... pelo menos, não com seus membros todos grudados.

“Nem mesmo pense nisso,” Elena disse. “Apenas coloque-o no Jaguar com as chaves e ele ficará seguro o bastante – tranque-o.” Elena rezou fervorosamente para que o que ela estava dizendo fosse verdade.

Por um momento Damon não disse nada, então ele olhou para cima com um sorriso tão brilhante que ela podia vê-lo na escuridão. “Tudo bem,” ele disse. Ele jogou Matt no chão novamente. “Mas se você tentar fugir enquanto desloco os carros, vou atropelar ele.”

Damon, Damon, você nunca vai entender? Humanos não fazem isso com seus amigos, Elena pensou enquanto ele retirava a Ferrari para que pudesse colocar o Jaguar, para que pudesse jogar Matt nele.

“Tudo bem,” ela disse baixinho. Ela tinha medo de olhar para Damon. “Agora – o que você quer?”

Damon inclinou-se da cintura numa saudação muito graciosa, indicando a Ferrari. Ela se perguntou o que aconteceria uma vez que ela entrasse. Se ele fosse algum agressor normal – se não houvesse Matt em quem pensar - se ela não temesse a floresta ainda mais do que temia ele...

Ela hesitou e então entrou no carro de Damon.

Dentro, ela puxou sua camisola para fora da sua calça jeans para esconder o fato de não estar usando cinto de segurança. Ela duvidava que Damon usasse cinto de segurança ou trancasse suas portas ou qualquer coisa do tipo. Precauções não eram o seu negócio. E agora ela rezava que ele tivesse outras preocupações na cabeça.

“Sério, Damon, onde estamos indo?” ela disse enquanto ele entrava na Ferrari.

“Primeiro, que tal uma saideira?” Damon sugeriu, sua voz falsamente jocosa.

Elena esperava algo assim. Ela sentou passivamente enquanto Damon tomava seu queixo em seus dedos que tremiam ligeiramente, e o inclinou para cima. Ela fechou seus olhos enquanto sentiu a dupla picada de cobra de presas afiadas como uma navalha rasgando sua pele. Ele manteve seus olhos fechados enquanto seu agressor fixava sua boca na carne sangrando e começava a beber



profundamente. A ideia de Damon de “saideira” era exatamente o que ela esperava: o bastante para deixar ambos em perigo. Mas não foi até ela realmente começar a sentir que iria desmaiar a qualquer minuto que ela empurrou o ombro dele.

Ele se manteve por mais alguns segundos muito dolorosos simplesmente para mostrar quem mandava aqui. Então ele a soltou, lambendo seus lábios entusiasmamente, seus olhos realmente brilhando para ela *através* de seu Ray-Ban.

“Refinada,” ele disse. “Inacreditável. Por que você é—”

É, me diga que sou uma garrafa de uísque single malt*, ela pensou. Esse é o caminho para me conquistar. * Um destilado exclusivo de cevada, o tipo mais raro e caro de uísque. Deve ser tomado puro, sem gelo, e em copos pequenos.

“Podemos ir agora?” ela perguntou incisivamente. E então, enquanto de repente se lembrava as habilidades de motorista do Damon, ela acrescentou deliberadamente, “Tenha cuidado;essa estrada tem muitas retorcidas e viradas.”

Teve o efeito que ela esperava. Damon pisou no acelerador e eles saíram da clareira numa alta velocidade.

Então eles estavam dando viradas bruscas no Bosque Antigo mais rápido que Elena já dirigira por aqui antes; mais rápido do que alguém já ousara ir com ela como passageira antes.

Mas ainda assim, era a estrada *dela*. Desde a infância ela brincara aqui. Havia apenas uma família que vivia bem no perímetro do Bosque Antigo, mas sua entrada era do lado direito da estrada – o lado dela – e ela se preparou para isso. Ele faria a curva repentina para a esquerda logo antes da segunda curva que era a entrada dos Dunstans – e na segunda curva ela pularia.

Não havia calçada cercando a Estrada do Antigo Bosque, é claro, mas aquela altura havia bastantes rododendros e outros arbustos. Tudo que ela podia fazer era rezar. Rezar para que não quebrasse seu pescoço no impacto. Rezar para que não quebrasse um braço ou perna antes de mancar pelos poucos metros de bosque até a entrada. Rezar para que os Dunstans estivessem em casa quando ela golpeasse sua porta e rezar para que eles escutassem quando ela dissesse para não deixar o vampiro atrás dela entrar.

Ela viu a curva. Ela não sabia por que o troço-Damon não conseguia ler sua mente, mas aparentemente ele não conseguia. Ele não falava e sua única precaução contra ela tentar fugir parecia ser a velocidade. Ela ia se machucar, ela sabia disso. Mas a pior parte de qualquer machucado era o medo, e ela não tinha medo.

Enquanto ele contornava a curva, ela puxou a maçaneta e abriu a porta o máximo que pode com suas mãos enquanto chutava-a o mais duramente que conseguia com seus pés. A porta se abriu, rapidamente sendo pega por uma força centrífuga, assim como as pernas da Elena. Assim como Elena.



Só o seu chute a tirou pela metade do carro. Damon a agarrou e conseguiu só um punhado de cabelo. Por um instante ela pensou que ele a manteria dentro, mesmo sem segurá-la. Ela caiu repetidamente no ar, flutuando, ficando cerca de sessenta centímetros do chão, esticando-se para agarrar frondes, galhos de arbustos, qualquer coisa que pudesse usar para diminuir sua velocidade. E nesse local onde magia e a física se encontravam; ela era capaz de fazê-lo, de retardar enquanto ainda fluía no poder de Damon, apesar de tê-la levado muito mais para longe da casa dos Dunstans do que ela desejara.

Então ela realmente atingiu o chão, quicou, e fez seu melhor para girar no ar, para levar o impacto em seu bumbum ou nas costas de um ombro, mas algo deu errado e seu calcanhar esquerdo atingiu primeiro – *Deus!* – e enrolou-se, retorcendo-a completamente, batendo seu joelho no concreto – *Deus, Deus!* – revirando-a no ar e derrubando-a em seu braço direito tão duramente que parecia estar tentando enfiá-lo em seu ombro.

Ela ficou sem ar com o primeiro golpe e foi forçada a sugar o ar no segundo e terceiro golpes.

Apesar das reviravoltas, voando pelo universo, havia um sinal que ela não podia perder - um abeto incomum crescendo na estrada que ela notara há três metros atrás dele quando explodiu para fora do carro. Lágrimas brotavam incontrolavelmente por suas bochechas enquanto ela puxava os rebentos do arbusto que tinham retorcido ao redor de seu calcanhar – uma coisa boa, também. Algumas lágrimas podiam ter borrado sua visão, deixado-a com medo – como ela estivera nas últimas duas explosões de dor – de que poderia desmaiar. Mas ela estava na estrada, seus olhos foram lavados, ela conseguia ver o abeto e o pôr-do-sol ambos diretamente acima, e ela estava completamente consciente. E isso queria dizer que se ela fosse em direção ao pôr-do-sol, mas num ângulo de quarenta e cinco graus à sua direita, ela não poderia perder os Dunstans; a entrada, a casa, o celeiro, o milharal estavam todos ali para guiá-la após talvez vinte e cinco passos no bosque.

Ela mal tinha parado de rolar quando estava puxando um arbusto que tinha puxado-a e pegando seu pé bem quando puxou os últimos caules embaraçantes de seu cabelo. O cálculo sobre a casa dos Dunstans aconteceu instantaneamente em sua cabeça, mesmo enquanto se virava e via a gavela esmagada que tinha cortado pelos vegetais e o sangue na estrada.

De primeira ela olhou para suas mãos magras em estupefatamente; elas não poderiam ter deixado uma trilha tão sangrenta. E não tinham. Um joelho tinha sido esfolado, na verdade - através de sua calça jeans - e uma perna seriamente danificada, menos sangrenta, mas causando-lhe ondas de dor como raios brancos enquanto ela tentava não movê-la. Dois braços com bastante pele removida.

Sem tempo de descobrir quanto ou pensar no que tinha feito ao seu ombro. Um *rangiiiiir* de freios à frente.

Lorde, ele é devagar. Não, eu sou rápida, animada pela dor e o terror. Use isso!



Ela ordenou que suas pernas corressem para a floresta. Sua perna direita obedeceu, mas quando ela rotacionou a sua esquerda e ela atingiu o chão, fogos de artifício dispararam perante seus olhos. Ela estava num estado hiper-alerta; ela viu a vareta mesmo enquanto caía. Ela rolou sobre ela uma ou duas vezes, o que fez com que labaredas vermelhas sombrias de dor disparassem em sua cabeça, e então ela foi capaz de pegá-la. Podia ter sido desenhada especialmente para ser uma bengala, na altura mais ou menos das axilas e firme em uma ponta, mas afiada na outra. Ela a enfiou debaixo de seu braço esquerdo e de algum jeito se levantou de seu lugar na lama: empurrando-se com sua perna direita e agarrando-se na bengala para que mal tivesse que tocar seu pé esquerdo no chão.

Ela fora virada novamente na queda e teve que girar para se ajeitar novamente - mas ela vira, as últimas porções do pôr-do-sol e a estrada atrás dela. Dirija-se a quarenta e cinco graus à direita daquele brilho, ela pensou. Graças a Deus, era seu braço direito que estava danificado; desse jeito ela podia se apoiar com seu ombro esquerdo na bengala. Ainda sem hesitar por um momento, sem dar a Damon um milissegundo extra para segui-la, ela precipitou-se na direção escolhida para a floresta.

Para o Bosque Antigo.



Capítulo 27



Quando Damon acordou, ele estava lutando com o volante da Ferrari.

Estava em uma estrada estreita, indo em direção a um glorioso pôr-do-sol - e da porta do passageiro estava balançando.

Mais uma vez, somente a combinação dos reflexos quase instantâneos e o design perfeito do automóvel permitiram-lhe manter-se fora das largas valas enlameadas em ambos os lados da estrada de mão única. Mas ele manobrou e acabou por ficar com o pôr do sol às suas costas, olhando para as sombras longas na estrada e pensando o que diabos havia acontecido com ele.

Ele estava dormindo ao volante agora? A porta do passageiro - por que estava aberta?

E então algo aconteceu. Um longo e fino fio, levemente ondulado quase como um único fio de teia de aranha, iluminado enquanto a luz avermelhada do sol incidia nele. Ele estava pendurado em cima da janela do passageiro, que estava fechada, com o capô abaixado.

Ele não se preocupou em puxar o carro para um lado, mas parou no meio da estrada e deu a volta para olhar de perto esse cabelo.

Em seus dedos, segurando na direção da luz, ele ficou branco. Mas virado para a escuridão da floresta, ele mostrou sua verdadeira cor: ouro.

Um longo e ligeiramente ondulado, cabelo dourado.

Elena.

Logo que ele identificou isso, ele voltou para o carro e começou a retroceder. Algo tinha arrancado Elena para fora de seu carro sem ao menos deixar um arranhão na pintura. O que poderia ter feito isso?

Como ele conseguiu fazer Elena dar uma volta por aí? E por que ele não podia se lembrar? Eles tinham sido atacados...?

Quando ele voltou, no entanto, as marcas na estrada, do lado do passageiro contaram toda a história macabra. Por alguma razão, Elena tinha estado tão assustada a ponto de saltar para fora do carro - ou algum poder tinha puxado-a. E Damon, que agora se sentia como se houvesse vapor saindo de sua pele, sabia que em toda a floresta só havia duas criaturas que poderiam ter sido responsáveis.

Ele enviou uma onda de busca, um círculo simples que era para ser indetectável, e quase perdeu o controle do carro novo.

Merda! Essa explosão tinha saído como uma esfera em forma de metralhadora assassina - aves estavam caindo do céu. Ela rasgou através da Velha



Floresta, através de Fell's Church, que a cercava, e através das áreas para além dela, antes de finalmente morrer centenas de quilômetros de distância.

Poder? Ele não era um vampiro, ele era a Morte Encarnada. Damon teve um pensamento vago de puxar de volta e esperar até que o tumulto dentro de si tivesse parado. De onde esse Poder vem?

Stefan teria parado, teria hesitado ao redor, pensando. Damon apenas sorriu ferozmente, ligou o motor, e enviou milhares de sondas chovendo do céu, todos sintonizados para pegar uma criatura em forma de raposa correndo ou se escondendo na Velha Floresta.

Ele encontrou uma batida em um décimo de segundo.

Lá. Debaixo de um arbusto de Black Cohosh, se ele não estava enganado - em baixo de algum arbusto inominável, de qualquer maneira. E Shinichi sabia que ele estava vindo.

Bom. Damon enviou uma onda de energia diretamente para a raposa, capturando-a em um kekkai, uma espécie de barreira invisível que ele apertou deliberadamente, lentamente, em torno do animal lutando. Shinichi lutou de volta, com uma força assassina. Damon usou o kekkai para levantá-lo e bater violentamente o corpo da "pequena raposa" no chão. Depois de alguns destes baques Shinichi decidiu parar de lutar e brincar de morto no lugar disso. Assim estava bom para Damon. Esse era o jeito que ele julgava que Shinichi parecia melhor, com exceção da parte da brincadeira.

Por fim ele teve que esconder a Ferrari entre duas árvores e correu rapidamente para o mato onde agora Shinichi estava lutando contra a barreira em torno dele para voltar para a forma humana.

Esperando em pé, olhos apertados, braços cruzados sobre o peito, Damon assistiu a luta por um tempo. Então ele deixou espaço suficiente no escudo kekkai para permitir a mudança.

E no instante em que Shinichi tornou-se humano, as mãos de Damon estavam em torno de sua garganta.

"Onde está Elena, kono bakayarou?" Em uma vida toda como um vampiro que você aprende um monte de palavrões. Damon preferiu usar os da língua nativa da vítima. Ele chamou Shinichi de tudo que ele podia pensar, porque Shinichi estava lutando, e chamava telepaticamente por sua irmã. Damon tinha uma variedade de coisas a dizer sobre isso em italiano, onde se esconder atrás de sua irmã gêmea mais nova era... bem, bom para um monte de maldições criativas.

Ele sentiu outra forma de raposa correndo para ele - e percebeu que Misao tinha a intenção de matar. Ela estava em sua forma real como uma kitsune: exatamente como a coisa castanho-avermelhada que ele tentou atropelar enquanto estava dirigindo com Damaris. Uma raposa, sim, mas uma raposa com dois, três... seis caudas no total. As extras geralmente eram invisíveis, ele concluiu, enquanto



ele pegava-a metodicamente em um kekkai também. Mas ela estava pronta para mostrá-los, pronta para usar todos os seus poderes para salvar seu irmão.

Damon contentou-se em segurá-la enquanto ela lutava em vão dentro da barreira, e dizia para Shinichi, "Sua irmãzinha luta melhor do que você, bakayarou. Agora, dê-me Elena."

Shinichi mudou de forma abruptamente e pulou para a garganta de Damon, dentes brancos e afiados em evidência, em cima e em baixo. Eles eram ambos chaves, cheios de testosterona - e Damon, com seu novo poder – para deixá-los ir.

Damon realmente sentiu o raspar dos dentes na sua garganta antes de colocar as mãos de novo em torno do pescoço da raposa. Mas desta vez Shinichi estava mostrando seu rabo, uma hélice que Damon não se preocupou em contar.

Ao invés disso ele pisou com a limpa bota na hélice e puxou com as duas mãos. Misao, assistindo, gritou com raiva e angústia. Shinichi machucado e arqueado, olhos dourados fixos nos de Damon. Em um minuto sua espinha poderia ser quebrada.

"Eu vou gostar disso," Damon disse-lhe docemente. "Porque eu aposto que Misao sabe tudo o que você sabe. Pena que você não estará aqui para vê-la morrer."

Shinichi, possesso pela fúria, parecia disposto a morrer e condenar Misao à misericórdia de Damon apenas para evitar perder a luta. Mas, então, os olhos escureceram abruptamente, seu corpo ficou mole, e as palavras apareciam vagamente na mente de Damon.

...dói... não consigo... pensar...

Damon o considerou gravemente. Agora, Stefan, neste momento, poderia achar uma boa idéia liberar a pressão sobre a kitsune, assim a pobre raposa poderia pensar, Damon, por outro lado, aumentou a pressão rapidamente, em seguida, liberou de volta ao nível anterior.

"Está melhor?" perguntou ele solícito. "Pode a linda raposinha pensar agora?"

Você... bastardo...

Zangado como ele estava, Damon de repente lembrou-se da razão de tudo isso.

"O que aconteceu com Elena? Sua trilha acabou contra uma árvore. Ela está lá dentro? Você tem segundos de vida, agora. Fale."

"Fale," destacou-se outra voz, e Damon mal olhou para Misao. Ele a deixou relativamente livre e ela encontrou poder e espaço para mudar para sua forma humana. Ele a agarrou instantaneamente, sem paixão.



Ela tinha ossos pequenos e delicados, parecendo como qualquer estudante japonesa, exceto por seu cabelo ser exatamente como o do seu irmão - preto com as pontas vermelhas. A única diferença era que o vermelho no seu cabelo estava mais claro e brilhante – um verdadeiro brilhante escarlate. A franja que caiu em seus olhos tinha traços de chamas de fogo, e assim o era o cabelo escuro sedoso caindo sobre seus ombros. Era surpreendente mas os únicos neurônios que se iluminaram na mente de Damon em resposta estavam ligados ao fogo, perigo e decepção.

Ela pode ter caído em uma armadilha, Shinichi apontou.

Uma armadilha? Damon franziu as sobrancelhas. Quê tipo de armadilha?

Eu vou te levar aonde você possa vê-los, Shinichi disse evasivamente.

"E de repente a raposa pode pensar novamente. Mas você sabe de uma coisa? Eu não acho que você é bonito afinal," Damon sussurrou, em seguida derrubou o kitsune no chão. Shinichi-em-forma-de-homem se levantou, e Damon deixou cair a barreira apenas por tempo suficiente para deixar a raposa em forma humana tentar tirar-lhe a cabeça com um soco. Ele se esquivou para longe com facilidade, e devolveu-o com um golpe que derrubou Shinichi de volta para a árvore forte o suficiente para quicar. Então, enquanto o kitsune ainda estava atordoado e com os olhos vidrados, ele o pegou, o pendurou sobre um ombro, e começou a voltar para o carro.

E quanto a mim? Misao estava tentando travar sons furiosos e patéticos, mas ela realmente não era muito boa nisso.

"Você não é bonita, tão pouco," disse Damon, de forma imprudente. Ele poderia começar a gostar dessa coisa de super-Poder. "Mas se você quer perguntar, quando você vai sair, será quando eu tiver Elena de volta. Salva e saudável, com todos os seus pedaços anexados."

Ele a deixou xingando. Ele queria levar Shinichi para onde quer que eles tinham que ir enquanto a raposa ainda estava atordoada e com dores.



Elena estava contando. Ir em frente um, ir em frente dois - desembaraçar muleta da trepadeira, três, quatro, ir em frente cinco - estava definitivamente ficando mais escuro agora, ir em frente seis, presa por algo no cabelo, arrancar, sete, oito, ir em frente - droga! Uma árvore caída. Muito alta para passar por cima. Ela tem que dar a volta. Tudo bem, à direita, um, dois, três - uma longa árvore - sete passos. Sete passos de volta - agora, curva acentuada à direita e continue andando. Por mais que você gostaria, você não pode contar qualquer um desses passos. Então você está em nove. Endireitar-se porque a árvore era perpendicular – oh céus, está escuro como breu agora. Chamar onze e-



- ela estava voando. O que fez a sua muleta para escapar, ela não sabia, não podia dizer. Estava escuro demais para ficar revistando ao redor, talvez se encontrando sobre uma planta venenosa. O que ela tinha que fazer era pensar sobre coisas, pensar se de algum modo esta dor infernal que permeava toda a perna esquerda podia se aquietar. Isso não tinha ajudado seu braço direito tão pouco – esse instintivo moinho de vento, tentando pegar alguma coisa e salvar-se. Deus, essa queda tinha machucado. Todo o lado do seu corpo doía tanto-

Mas ela tinha que ir até a civilização por que achava que só a civilização poderia ajudar Matt.

Você tem que começar de novo, Elena.

Eu estou fazendo isso!

Agora - ela não conseguia ver nada, mas ela tinha uma boa idéia de para onde ela havia sido apontada quando tinha caído. E se ela estivesse errada, ela poderia pegar a estrada e seria capaz de voltar atrás.

Doze, treze - ela continuou contando, continuou falando com si mesma. Quando ela chegou vinte sentiu alívio e alegria. A qualquer momento, ela atingiria a calçada.

A qualquer momento, ela iria bater nela.

Estava escuro como breu, mas ela teve o cuidado de raspar o chão para que ela soubesse o instante em que batesse.

A qualquer... minuto... agora...

Quando Elena chegou a quarenta ela sabia que estava em apuros.

Mas onde ela poderia ter ido tão longe errada? Toda vez que algum pequeno obstáculo a tinha feito virar à direita, ela virou à esquerda com cuidado em seguida. E lá estava toda a linha de marcos em seu caminho, a casa, o celeiro, o pequeno milharal. Como ela poderia ter se perdido? Como? Tinha estado apenas meio minuto na floresta... apenas alguns passos no Velho Bosque.

Mesmo as árvores estavam mudando. Onde ela tinha estado, perto da estrada, a maioria das árvores eram nogueiras ou tulipas. Agora ela estava em um bosque de carvalhos brancos e carvalhos vermelhos... e coníferas.

Velhos carvalhos... e no chão, agulhas e folhas que abafaram seus pulos sem ruídos.

Sem ruídos... mas ela precisava de ajuda!

"Sra. Dunstan! Sr. Dunstan! Kristin! Jake!" Ela lançou os nomes para um mundo que estava fazendo o seu melhor para abafar a sua voz. Na verdade, na escuridão ela podia vislumbrar uma nuvem acinzentada que parecia ser – sim - era neblina.



"Sra. Dunstaa-a-aan! Sr. Dunstaa-an! Kriiiisstiiiiinnn! Jaaa-aaake!"

Ela precisava de abrigo; ela precisava de ajuda. Tudo doía, a maior parte de sua perna esquerda e ombro direito. Ela podia até imaginar que tipo de visão ela parecia: coberta de lama e folhas das quedas em todos os poucos passos, os cabelos em uma juba selvagem por ser apanhado pelas árvores, sangue por toda parte...

Uma coisa boa: ela certamente não se parecia com Elena Gilbert. Elena Gilbert tinha cabelos longos e sedosos que eram sempre perfeitamente limpos ou charmosamente penteados. Elena Gilbert ditava a moda em Fell's Church e nunca seria vista vestindo uma camisola rasgada e jeans coberto com lama. Quem quer que eles pensem que essa estranha desamparada fosse, eles não pensariam que ela era Elena.

Mas a estranha abandonada estava sentindo um enjôo repentino. Ela caminhou em meio à mata toda a sua vida e nunca teve o cabelo apanhado uma só vez. Ah, claro que ela tinha sido capaz de vê-los, mas ela não se lembrava de ter que sair de seu caminho para evitá-los.

Agora, era como se as árvores estivessem deliberadamente descendo para capturar e prender seus cabelos. Ela teve que segurar o seu corpo ainda desajeitado e tentar mover rapidamente a cabeça para longe no pior dos casos - ela não conseguia ficar em pé e arrancar os cipós também.

Por mais doloroso que o rasgo em seu cabelo fosse, nada a assustava mais do que agarrar as suas pernas.

Elena tinha crescido jogando nessa floresta, e sempre houve espaço suficiente para caminhar sem machucar a si mesma. Mas agora... as coisas estavam se fechando, cipós fibrosos estavam agarrando seu tornozelo bem onde estava a maioria dos ferimentos. E agora era agonizante tentar rasgar com os dedos essas grossas e revestidas de seiva, raízes espinhentas.

Estou assustada, ela pensou, colocando em palavras enfim todos os sentimentos que ela havia tido desde que ela entrou na escuridão do Velho Bosque. Ela estava molhada de orvalho e suor, o cabelo dela estava tão molhado quanto se tivesse estado parada na chuva. Era tão escuro! E agora sua imaginação começou a trabalhar, e ao contrário da imaginação da maioria das pessoas ela tinha sólidas e genuínas informações para trabalhar. A mão de um vampiro parecia emaranhada em seus cabelos. Depois de um tempo interminável de agonia em seu tornozelo e em seu ombro, ela torceu a "mão" para fora de seu cabelo - para encontrar outro galhos enroscado.

Tudo bem. Ela podia ignorar a dor e se orientar aqui, aqui onde havia uma árvore notável, um enorme pinheiro branco que tinha um enorme buraco em seu centro, grande o suficiente para Bonnie entrar. Ela teria que colocar esse plano em suas costas e depois andar em linha reta para oeste - ela não podia ver as estrelas por causa da cobertura de nuvens, mas ela sentiu que o oeste estava a sua esquerda. Se ela estiver correta, isso iria trazê-la de volta para a estrada. Se ela estiver errada e isso for o norte, isso poderia levá-la ao Dunstans. Se for o sul, isso



acabaria por levá-la para outra curva na estrada. Se fosse leste... bem, seria uma longa caminhada, mas acabaria por levá-la para o riacho.

Mas primeiro ela reuniria todo o seu Poder, todo o Poder que ela tinha inconscientemente usando para aliviar a dor e dar-lhe força - ela iria reuni-lo e iluminar este lugar para que ela pudesse ver se a estrada estava visível - ou melhor, uma casa - de onde ela estava. Era apenas poder humano, mas novamente, o conhecimento de como usá-lo fez toda a diferença, pensou. Ela reuniu o Poder em uma pequena bola branca e depois soltou, virando-se para olhar ao redor antes de se dissipar.

Árvores. Árvores. Árvores.

Carvalhos e nogueiras, pinheiros brancos e faia. Nenhum terreno alto para ir. Em todas as direções, nada além de árvores, como se ela estivesse perdida em alguma sombria floresta encantada e poderia nunca mais sair.

Mas ela iria sair. Qualquer uma destas direções iria levá-la eventualmente a pessoas – até mesmo o leste. Mesmo o leste, ela poderia simplesmente seguir o curso até que ele a levasse às pessoas.

Ela desejou ter uma bússola.

Ela desejou que pudesse ver as estrelas.

Ela tremia toda, e não era apenas por causa do frio. Ela estava ferida; ela estava apavorada. Mas ela tinha que esquecer isso. Meredith não iria chorar. Meredith não estaria apavorada. Meredith iria encontrar uma forma sensata de sair.

Ela tinha que pedir ajuda para Matt.

Rangendo os dentes para ignorar a dor, Elena começou. Se qualquer uma das suas feridas lhe tivesse acontecido de forma isolada, ela teria feito um grande alvoroço a respeito, chorando e se contorcendo sobre o machucado. Mas com tantas dores diferentes, tudo tinha derretido em uma agonia terrível.

Tenha cuidado agora. Verifique se você está indo em linha reta e não se incline em um ângulo para fora. Escolha o seu próximo alvo na sua linha reta de visão.

O problema era que agora estava escuro demais para ver alguma coisa. Ela podia decifrar apenas a profunda casca sulcada em sua frente. Um carvalho vermelho provavelmente. Tudo bem, vá até ele. Pulo - oh, isso dói – pulo - as lágrimas lavando seu rosto – pulo - um pouco mais longe - pulo, você pode fazer isso - pulo. Ela colocou a mão na casca áspera. Tudo bem. Agora, olhe bem na frente de você. Ah. Algo cinzento e áspero e maciço à frente - talvez um carvalho branco. Pulo para isso – agonia - pulo - alguém me ajude – pulo - quanto tempo vai demorar? - pulo - não tão longe agora – pulo. Aqui. Ela colocou a mão na ampla casca áspera.



E então ela fez de novo.

E mais uma vez.

E mais uma vez. E mais uma vez. E mais uma vez.



"O que é isso?" Damon exigiu. Ele tinha sido forçado a deixar Shinichi conduzi-lo uma vez que estavam fora do carro novo, mas ele ainda manteve o kekkai frouxamente em torno dele e ele ainda observava cada movimento que a raposa fazia. Ele não confiava nele desde - bem, o fato é que, ele não confiava nele em tudo. "O que está por trás da barreira?" disse ele de novo, mais rudemente, apertando a corda em volta do pescoço da kitsune.

"Nossa pequena cabana – minha e de Misao."

"E possivelmente não seria uma armadilha, não é?"

"Se você pensa assim, ótimo! Eu vou sozinho...". Shinichi tinha finalmente se transformado em uma forma meio-raposa, meio-humana: cabelos pretos até a cintura, com chamas de cor rubi lambendo a partir das pontas, uma cauda de seda com a mesma coloração acenando atrás dele, e duas suaves orelhas carmesim que se contraíam no topo da cabeça.

Damon aprovou esteticamente, mas o mais importante, ele agora tinha um ponto melhor onde segurar. Ele pegou Shinichi pelo rabo e torceu.

"Pare com isso!"

"Eu vou parar quando eu pegar Elena - a menos que o seu caminho até ela seja intencional. Se ela estiver machucada, eu vou pegar quem quer que a machucou e cortá-lo em pedaços. Sua vida está perdida."

"Não importa quem ele seja?"

"Não importa quem."

Shinichi tremia um pouco.

"Você está com frio?"

"... apenas... admirando a sua determinação." Mais tremores não intencionais. Quase sacudindo todo o seu corpo. Rindo?

"A critério de Elena, gostaria de mantê-los vivos. Mas, em agonia." Damon torceu o rabo mais forte. "Mexa-se!"



Shinichi deu mais um passo e uma cabana de campo entrou à vista, com um caminho de cascalho que conduzia entre trepadeiras selvagens que seguravam a varanda e pendiam como pingentes.

Era primoroso.



Mesmo com a dor aumentando, Elena começou a ter esperança. Não importa para que lado ela estava indo, ela teria que sair da floresta em algum momento. Ela tinha que fazer isso. O chão era sólido - nenhum sinal de plano macio ou inclinado para baixo. Ela não estava indo para o riacho. Ela estava indo para a estrada. Ela podia dizer.

Ela fixa sua visão em uma distante árvore de casca lisa. Então ela pulou até ela, a dor quase esquecida em sua nova sensação de segurança.

Ela caiu contra a maciça árvore de casca cinza. Ela estava descansando encostada contra a árvore enquanto algo a incomodava. Sua perna balançando. Por que ela não bateu dolorosamente contra o tronco? Ele tinha batido constantemente contra todas as outras árvores quando ela se virava para descansar. Ela se afastou da árvore, e, como se ela soubesse que era importante, reuniu todo seu Poder e o deixou sair em uma explosão de luz branca.

A árvore com o enorme buraco, a árvore de onde ela tinha começado, estava na frente dela. Por um momento Elena ficou completamente imóvel, desperdiçando Poder, mantendo a luz. Talvez fosse alguma diferente... Não. Ela estava no outro lado da árvore, mas essa era a mesma. Esse era seu cabelo preso à casca cinza descascada. O sangue seco com a marca de sua mão. Abaixo era onde a perna sangrenta deixou uma marca – fresca.

Ela andou em linha reta e voltou direto para esta árvore. “Nãooooooooooooooooo!”

Esse foi o primeiro som vocalizado que ela tinha feito desde que tinha caído para fora da Ferrari. Ela suportou toda a dor em silêncio, com pequenos sussurros ou respirações afiadas, mas ela não tinha amaldiçoado e gritado. Agora, ela queria fazer as duas coisas.

Talvez não fosse a mesma árvore- Nãoooooooo, nãoooooooo, nãooooooooooooo!

Talvez o seu Poder pudesse voltar e ela veria que tinha apenas alucinado- Não, não, não, não, não, não!

Isso apenas não era possível –

Nãoooooooo!



Sua muleta deslizou de debaixo do braço. Ela estava cravada em sua axila tão profundamente que a dor ali rivalizava com as outras dores. Tudo doía. Mas o pior era a sua mente. Ela tinha uma imagem em sua mente de uma esfera, como os globos de vidro de Natal que você balança para fazer neve ou glitter cair pelo líquido. Mas essa esfera tinha árvores em todo o interior. De cima para baixo, lado a lado, todas as árvores, todas apontando para o meio. E ela, vagando dentro dessa esfera solitária... não importa onde ela fosse, ela iria encontrar mais árvores, porque isso era tudo que havia no mundo que ela tropeçou.

Foi um pesadelo, mas algo parecia como se fosse real.

As árvores eram inteligentes, também, ela percebeu. As pequenas vinhas rasteiras, a vegetação; agora mesmo estavam puxando sua muleta para longe dela. A muleta estava se movendo como se estivesse sendo passada de mão em mão por pessoas muito pequenas. Ela estendeu a mão e pegou apenas o final dela.

Ela não se lembrava de ter caído ao chão, mas lá estava. E havia um cheiro, um doce e terroso, aroma resinoso. E aqui estavam as trepadeiras, testando-a, provando-a. Com pequenos toques delicados, elas se enrolaram em seus cabelos para que ela não pudesse levantar a cabeça. Então ela podia senti-los provando o sabor do seu corpo, seu ombro, seu joelho sangrento. Nada disso importava.

Ela apertou os olhos fechados, seu corpo arfante com soluços. As trepadeiras estavam puxando a perna ferida agora, e instintivamente ela puxou de volta. Por um momento a dor a acordou e ela pensou, eu tenho que conseguir por Matt, mas no momento seguinte aquele pensamento foi entorpecido, também. O cheiro doce e resinoso permaneceu. As trepadeiras fizeram seu caminho através de seu peito agitado, através de seus peitos. Elas cercaram seu estômago.

E então eles começaram a apertar.

Nesse momento Elena percebeu o perigo, elas estavam limitando a sua respiração. Ela não podia expandir seu peito. Quando ela soltou a respiração, elas apenas apertaram mais uma vez, trabalhando juntas: todas as pequenas trepadeiras como uma anaconda gigante.

Ela não conseguia rasgá-las. Elas eram resistentes e elásticas e suas unhas não podiam cortá-las. Trabalhando seus dedos sob um punhado, ela puxou tão forte quanto podia, raspando com as unhas e torcendo. Finalmente uma fibra pareceu se soltar com o som de uma corda de harpa se quebrando e uma selvagem chicotada no ar.

O restante das trepadeiras apertaram mais.

Ela estava tendo que lutar para conseguir ar agora, lutando para não contrair o peito. Trepadeiras estavam delicadamente tocando seus lábios, balançando sobre o seu rosto como muitas cobras finas, de repente batendo e esticando em torno de seu rosto e cabeça.

Eu vou morrer.



Ela sentiu um profundo pesar. Ela tinha recebido a chance de uma segunda vida – uma terceira, se você contar a sua vida como uma vampira - e ela não tinha feito nada com ela. Nada além de perseguir seu próprio prazer. E agora Fell's Church estava em perigo e Matt estava em perigo imediato, e não só ela não iria ajudá-lo como ela iria desistir e morrer aqui.

Qual seria a coisa certa a fazer? A coisa espiritual? Cooperar com o mal agora, e esperar que ela tenha a chance de destruí-lo mais tarde? Talvez. Talvez tudo o que ela precisasse fazer fosse pedir ajuda.

A sensação de falta de ar estava deixando-a tonta. Ela nunca teria esperado isso de Damon, que ele pudesse colocá-la no meio de tudo isso, que ele permitisse que ela fosse morta. Poucos dias atrás ela estava defendendo-o para Stefan.

Damon e o Malach. Talvez ela fosse a sua oferta para eles. Eles certamente exigiam muito.

Ou talvez fosse apenas o que ele queria, que ela implorasse por ajuda. Ele poderia estar esperando na escuridão bem próximo, a sua mente centrada na dela, esperando por um sussurrado por favor.

Ela tentou acender o restante de seu Poder. Estava quase esgotado, mas como um fósforo, com repetidas tentativas ela conseguiu uma pequena chama branca.

Agora, ela visualizou a chama entrando em sua testa. Em sua cabeça. Dentro. Lá.

Agora.

Através da agonia ardente de não ser capaz de puxar o ar, ela pensou: Bonnie. Bonnie. Ouça-me.

Sem resposta - mas ela podia não ouvir de primeira.

Bonnie, Matt está em uma clareira em uma estrada secundária no Velho Bosque. Ele pode precisar de sangue ou algum outro tipo de ajuda. Procure-o. No meu carro. Não se preocupe comigo. É tarde demais para mim. Encontre Matt.

E isso é tudo que posso dizer, pensou Elena cansada. Ela tinha uma vaga e triste intuição de que ela não tinha alcançado Bonnie para ouvi-la. Seus pulmões estavam explodindo. Esta era uma terrível forma de morrer. Ela seria capaz de exalar mais uma vez, e então não haveria mais ar...

Maldito seja, Damon, ela pensou, e então concentrou todos os seus pensamentos, todo o alcance da sua mente em lembranças de Stefan. Na sensação de estar na posse de Stefan, no sorriso de súbito de Stefan, no toque de Stefan.

Olhos verdes, folhas verdes, a cor como a de uma folha segura ao sol...



A decência que de alguma forma ele conseguiu manter, imaculada...
Stefan... eu te amo... Eu sempre vou te amar... Eu amei você... Eu amo...



Capítulo 28



att não tinha a mínima idéia de que horas eram, só que estava profundamente escuro sob as árvores. Ele estava deitado ao lado do carro novo de Elena, como se tivesse sido jogado ali e esquecido. Seu corpo inteiro estava dolorido.

Desta vez, ele acordou e pensou imediatamente, Elena. Mas ele não podia ver o branco da sua camisola em parte alguma, e quando ele chamou primeiro baixinho, depois gritou, e não obteve resposta.

Então ele passou a tatear ao redor da clareira com as mãos e joelhos. Damon parecia ter ido embora, o que lhe deu uma centelha de esperança e coragem que iluminou sua mente como um farol. Ele encontrou a camisa xadrez descartada - consideravelmente amassada. Mas quando percebeu que não encontraria outro corpo suave e quente na clareira, seu coração despencou para algum lugar perto de suas botas.

E então ele se lembrou do Jaguar. Ele procurou freneticamente nos bolsos pelas chaves, e não encontrou, até que finalmente descobriu que inexplicavelmente, elas estavam na ignição.

Passou por um momento angustiante enquanto tentava dar ignição no carro, e depois ficou espantado com a claridade ao ver o brilho dos faróis. Ele ficou brevemente amedrontado sobre como dar a volta com o carro tendo certeza de que não estaria atropelando o corpo desmaiado de Elena, então ele procurou dentro do porta luvas escavando entre os manuais e pares de óculos de sol. Ah, e um anel de lápis-lazúli. Alguém estava mantendo um de reserva aqui, por precaução. Ele o colocou, e serviu bem o suficiente.

Por último, seus dedos se fecharam em uma lanterna, e ele pode procurar pela clareira tão intensamente quanto ele queria.

Nada de Elena.

Nem Ferrari se quer.

Damon a tinha levado pra algum lugar.

Tudo bem então, ele iria encontrá-los. Para fazer isso ele deveria ter que deixar o carro de Elena para trás, ele já tinha visto o que aqueles monstros poderiam fazer com automóveis, então isso não ajudaria muito.

Ele teria que ter cuidado com a lanterna também. Ele não sabia quanto de carga as baterias tinham.

Desesperadamente, ele tentou ligar para o celular de Bonnie e, em seguida para seu telefone de casa, e então para pensão. Sem sinal, ainda que de acordo com o visor do próprio telefone deveria ter. Não havia necessidade de questionar porque



isso acontecia – era a Floresta antiga brincando com coisas como de costume. Ele nem sequer se perguntou por que ele tentara o número de Bonnie em primeiro lugar, quando o de Meredith provavelmente seria o mais sensato.

Ele achou facilmente as trilhas da Ferrari. Damon tinha voado pra fora daqui como um morcego... Matt sorriu sombriamente quando terminou a frase em sua mente.

E então ele tinha dirigido no pelo caminho que levava pra fora da Floresta antiga. Era fácil de perceber, estava claro que Damon estava dirigindo rápido demais para ter o controle adequado ou Elena estava lutando, porque em vários lugares, principalmente ao redor, as marcas de pneus apareciam claramente contra o chão macio ao lado da estrada.

Matt teve um cuidado especial em não pisar em nada que pudesse ser uma pista. Ele poderia ter que voltar atrás em algum ponto. Ele foi cuidadoso também, ao ignorar os ruídos da calada da noite em torno dele. Ele sabia que o Malach estava lá, mas ele se recusou a deixar-se pensar sobre ele.

E ele nunca se perguntou por que ele estava fazendo isso, deliberadamente se pondo em perigo, em vez de fugir dele, em vez de tentar dirigir o Jaguar para fora da Floresta antiga. Afinal, Stefan não o tinha deixado de guarda-costas.

Mas então, você não pode confiar em nada do que Damon diz, ele pensou.

E, além disso, bem, ele sempre manteve um olho atento em Elena, antes mesmo de seu primeiro encontro. Ele podia ser desajeitado, lento e fraco em comparação com os seus inimigos agora, mas ele sempre tentaria.

Estava escuro como breu agora. Os últimos resquícios do crepúsculo tinham deixado o céu, e se Matt olhasse para cima ele poderia ver as nuvens e as estrelas, com árvores inclinando-se sinistramente de ambos os lados.

Ele estava chegando ao fim da estrada. A casa dos Dunstons devia estar aparecendo logo à direita. Ele ia perguntar-lhes se tinham visto... –

Sangue.

No início sua mente voou para alternativas ridículas, como uma tinta vermelha escura. Mas sua lanterna tinha iluminado manchas marrons avermelhadas na beira da estrada exatamente quando a estrada fazia uma curva acentuada. Aquilo ali na estrada era sangue. E não apenas um pouquinho de sangue.

Tendo o cuidado de andar longe das manchas castanho avermelhadas, iluminando com sua lanterna diversas vezes a parte mais distante da estrada, Matt começou pensar sobre o que deveria ter acontecido.

Elena tinha saltado.

Isso ou Damon a tinha empurrado para fora de um carro em alta velocidade - e depois de todos os problemas que ele tinha arrumado para pega-la,



isso não fazia muito sentido. Claro, ele já poderia ter bebido o sangue dela até estar satisfeito – os dedos de Matt foram até seu pescoço dolorido instintivamente – mas então, por que levá-la no carro afinal de contas?

Para matá-la, empurrando-a para fora?

Um jeito estúpido de fazê-lo, mas talvez Damon estivesse contando com seus animaizinhos de estimação para cuidar do corpo.

Possível, mas não muito provável.

O que era provável?

Bem, a casa dos Dunstans estava chegando deste lado da estrada, mas você não poderia vê-la daqui. E seria a cara de Elena saltar de um carro em alta velocidade assim que ele fizesse a curva. Ela teria cérebro, coragem, e uma super confiança na sorte que tinha para que isso não a matasse.

A Lanterna de Matt lentamente traçou a devastação de uma longa faixa de arbustos de rododendros logo depois da estrada.

Meu Deus, foi isso o que ela fez. Sim! Ela saltou e tentou rolar. UAU! Ela teve sorte de não quebrar o pescoço. Mas ela continuou rolando, agarrando-se em raízes e cipós para tentar parar. É por isso que eles estão todos quebrados.

Uma bolha de euforia estava crescendo em Matt. Ele estava conseguindo. Ele estava seguindo Elena. Ele podia acompanhar sua queda como se ele tivesse estado lá.

E então ela atingiu a raiz da árvore mudando de curso, pensou ele enquanto continuava a seguir seu rastro. Isso deve ter machucado. E ela atingiu o chão e rolou num pouco no concreto – isso deve ter sido agonizante, ela havia deixado uma grande quantidade de sangue aqui, e depois voltou para os arbustos.

E depois? Os Rododendros não mostraram mais sinais de sua queda. O que aconteceu aqui? Damon tinha voltado com a Ferrari rápido o bastante e a pegado de volta?

Não, Matt decidiu, examinando cuidadosamente a terra. Havia apenas um par de pegadas aqui, e eram de Elena. Elena tinha levantado aqui – apenas para cair novamente, provavelmente devido aos machucados. E então ela conseguiu se levantar de novo, mas as marcas eram estranhas, uma pegada normal de um lado e uma marca pequena, mas profunda de outro.

Uma muleta. Ela arrumou uma muleta. Sim, e essa marca arrastada era a marca de seu pé machucado. Ela andou até esta árvore e então deu volta em torno dela – ou pretendia dar, é isso que parecia. E então ela foi para a casa dos Dunstans.

Menina inteligente. Ela provavelmente estava irreconhecível agora, e de qualquer maneira, quem se importava se eles notariam a semelhança entre ela e a antiga grande Elena Gilbert? Ela poderia ser uma prima de Elena da Filadélfia.



Então, ela deu um, dois, três ... oito passos, e lá estava a casa dos Dunstans. Matt podia ver luzes. Matt podia sentir o cheiro dos cavalos. Animadamente, ele correu o resto do caminho – sofrendo algumas quedas que não fizeram nada bem ao seu corpo dolorido, mas ainda assim indo direto em direção a luz da varanda dos fundos. Os Dunstans não eram pessoas de varanda de frente.

Quando chegou à porta, ele bateu quase freneticamente. Ele a tinha encontrado. Ele tinha encontrado Elena!

Pareceu se passar um longo tempo antes de se abrir uma fenda na porta. Matt automaticamente enfiou o pé na fenda, enquanto pensava, sim, bom, vocês são pessoas cautelosas. Não são do tipo que deixam um vampiro entrar depois de ter visto uma menina coberta de sangue.

"Sim? O que você quer? "

"Sou eu, Matt Honeycutt", disse ele para o olho que ele podia ver olhando para fora da fenda da porta entreaberta. "Eu vim buscar Elen – a garota."

"De que garota você está falando?" A voz disse ríspidamente.

"Olha, você não precisa se preocupar. Sou eu - Jake me conhece da escola. E Kristin me conhece também. Eu vim para ajudar."

Algo na sinceridade da sua voz pareceu tocar a pessoa atrás da porta. A porta foi aberta revelando um grande homem de cabelos escuros que usava uma blusa de baixo e precisava fazer a barba. Atrás dele, na sala estava uma mulher alta, magra, quase esquelética. Ela parecia estar chorando. Atrás de ambos estava Jake, que estava um ano adiantado do que Matt na Robert E. Lee High.

"Jake", disse Matt. Mas ele não obteve resposta, exceto um olhar aborrecido de angústia.

"O que há de errado?" Matt exigiu, apavorado. "Uma menina veio aqui um tempo atrás, ela estava ferida-mas-mas-você deixou-a entrar, certo?"

"Nenhuma menina passou por aqui", disse Dunstan categoricamente.

"Ela tem que ter passado. Eu segui seu rastro, ela deixou um rastro em sangue, você entende, quase até sua porta." Matt não estava permitindo-se pensar. De alguma forma, era como se ele dissesse os fatos alto o suficiente, eles produziram Elena.

"Mais problemas", disse Jake, com uma voz monótona que combinava com sua expressão.

Sra. Dunstan pareceu mais simpática. "Nós ouvimos uma voz vinda da noite, mas quando olhei, não havia ninguém lá. E nós temos os nossos próprios problemas."

Foi então, bem na deixa que Kristin invadiu a sala, Matt olhou para ela com uma sensação de déjà vu. Ela estava vestindo algo parecido com Tami Bryce.



Ela havia cortado as pernas de seus shorts jeans até que eram praticamente inexistentes. Em cima ela estava usando um biquíni, mas com – Matt desviou o olhar as pressas - dois grandes buracos redondos cortados com apenas duas peças redondas de papelão coladas. E ela tinha se decorado com cola glitter.

Deus! Ela tem apenas o que, doze anos? Treze? Como ela poderia estar agindo dessa forma?

Mas no momento seguinte, seu corpo inteiro estava vibrando em choque. Kristin tinha agarrado-se a ele e estava arrulhando, "Matt Honey-butt! Você veio me ver! "

Matt respirou com cuidado para se recuperar do choque ao som do Honey-butt. Ela não poderia saber disso. Ela nem sequer freqüentava a mesma escola que Tami. Por que Tami teria ligado pra ela pra lhe contar algo assim?

Ele balançou a cabeça, como se para clareá-la. Então ele olhou para a Sra. Dunstan, que parecia mais amável. "Posso usar seu telefone?", perguntou ele. "Eu preciso – Eu realmente preciso fazer alguns telefonemas."

"O telefone está mudo desde ontem", disse o Sr. Dunstan asperamente. Ele não tentou tirar Kristin de cima de Matt, o que era estranho porque ele estava claramente irritado. "Provavelmente uma árvore caída. E você sabe que os celulares não funcionam aqui."

"Mas – " a mente de Matt girava em super velocidade. "Você realmente quer dizer que nenhuma adolescente veio à sua casa pedindo ajuda? Uma menina de cabelos loiros e olhos azuis? Eu juro, eu não sou o quem quer machucá-la. Eu juro que eu quero ajudá-la. "

"Matt Honey-butt? Eu estou fazendo uma tatuagem, só para você. "Ainda pressionada às costas de Matt, Kristin estendeu seu braço esquerdo. Matt olhou para ele, horrorizado. Ela obviamente tinha usado agulhas ou um alfinete para picar furos em seu antebraço esquerdo, e depois abriu um cartucho de tinta de caneta para pintar de azul escuro. Era uma tatuagem básica de prisão tipo, feita por uma criança. Os rabiscos MAT estavam visíveis, junto com uma mancha de tinta que era provavelmente, ou ia ser o outro T.

Não me admira porque eles não estavam felizes em me deixar entrar, Matt pensou aturdido. Agora Kristin estava com os dois braços em volta da sua cintura, o que tornou difícil respirar. Ela estava na ponta dos pés, falando com ele, sussurrando rapidamente algumas das coisas obscenas que Tami tinha dito.

Ele olhou para a Sra. Dunstan. "De verdade, eu não vejo Kristin desde – deve fazer quase um ano. Tivemos festival de encerramento de ano, e Kristin ajudou com os passeios de pônei, mas ... "

Sra. Dunstan estava acenando devagar. "Não é sua culpa. Ela está agindo da mesma forma com Jake, seu próprio irmão. E com, com o pai. Mas eu estou lhe dizendo a verdade, nós não vimos qualquer outra menina. Ninguém além de você chegou à porta hoje. "



"Certo." Os olhos de Matt estavam enchendo de água. Seu cérebro, sintonizado em primeiro lugar em sua própria sobrevivência, estava dizendo a ele para poupar seu fôlego, para não discutir. Dizendo-lhe para dizer, "Kristin – Eu realmente não consigo respirar -"

"Mas eu amo você, Matt Honey-butt. Eu não quero que você me deixe jamais. Especialmente por aquela vagabunda velha. Aquela vagabunda velha com vermes nos buracos dos olhos..."

Novamente, Matt sentiu a sensação de que o mundo estava tremendo. Mas ele não podia suspirar. Ele não tinha o ar. Com os olhos arregalados, voltou-se impotente para o Sr. Dunstan, que estava mais próximo.

"Não posso respirar –"

Como poderia alguém de treze anos de idade ser tão forte? Foi necessária a ajuda do Sr. Dunstan e Jake para arrancá-la dele. Não, nem mesmo os dois não estavam conseguindo. Ele estava começando a ver pontos cinza pulsando diante de seus olhos. Ele precisava de ar.

Houve um estalo, que terminou com um som de carne. E depois outro. De repente, ele pode respirar novamente.

"Não, Jacob! Já chega!" Mrs. Dunstan chorou. "Ela já o largou - não bata mais!"

Quando a visão de Matt voltou, o Sr. Dunstan estava tirando seu cinto. Kristin estava gemendo, "Apenas espereeee - ódioooo! Apenas espere - Ódddioooo! Você vai se arrepeender!" Então ela saiu correndo da sala.

"Eu não sei se isso ajuda ou piora," disse Matt assim que recuperou seu fôlego "mas Kristin não é a única menina agindo desta forma. Há pelo menos outra na cidade-"

"Tudo o que me interessa é a minha Kristin," Mrs. Dunstan disse. "E aquela... Coisa não é ela."

Matt concordou. Mas havia algo que precisava fazer agora. Ele tinha que encontrar Elena.

"Se uma menina loira chegar até sua porta e pedir ajuda, você, por favor, deixe-a entrar?" Ele perguntou a Sra. Dunstan. "Por favor? Mas não deixe nenhum cara entrar, nem mesmo eu se você não quiser." Ele disse.

Por um momento seus olhos e os olhos da Sra. Dunstan encontraram-se, e ele sentiu uma conexão. Então, ela concordou e se apressou tirá-lo da casa.

Tudo bem, Matt pensou. Elena andou por aqui, mas não o bastante para chegar até aqui. Então procure pistas.



Ele procurou. E o que conseguiu decifrar foi que, a poucos metros da propriedade dos Dunstans, ela inexplicavelmente virou bruscamente à direita, entrando profundamente na floresta.

Por quê? Algo a tinha assustado? Ou ela - Matt sentiu-se enjoado - de alguma forma tinha sido enganada para continuar mancando mais e mais, até que finalmente tivesse deixado toda a ajuda humana para trás?

Tudo o que ele podia fazer era segui-la pela floresta.



Capítulo 29

Elena!”

Alguma coisa estava incomodando-a.

“Elena!”

Por favor, sem mais dor. Ela não podia sentir isso agora, mas podia se lembrar... oh, chega de lutar por ar...

“Elena!”

Não... apenas deixe-o. Mentalmente, Elena empurrou a coisa que incomodava seus ouvidos e sua cabeça.

“Elena, por favor...”

Tudo que ela queria era dormir. Para sempre.

“Maldito seja, Shinichi!”

Damon tinha pego o globo de neve com a floresta em miniatura onde Shinichi encontrou o brilho distorcido de Elena irradiando. Dentro, dezenas de pinheiros, nogueiras, pinhos e outras árvores - todas de uma perfeita e transparente membrana interna. Uma pessoa em miniatura – considerando que alguém podia ser miniaturizado e colocado dentro de um globo, onde se vê árvores em frente, árvores atrás, árvores em todas as direções - e se poderia andar em uma linha reta e voltar para o início não importa o caminho que tomasse.

“Isso é divertido,” Shinichi disse mal-humorado, olhando-o intensamente por baixo dos cílios. “Um brinquedo, para crianças, normalmente. Um jogo de armadilha.”

“E você acha isso engraçado?” Damon tinha batido o globo contra a mesa de café da esquisita cabana secreta onde Shinichi se escondia. Foi aí que ele descobriu por que esse era um brinquedo de crianças – o globo era inquebrável.

Depois disso Damon tomou um momento – apenas um momento – para se segurar. Elena tinha talvez segundos de vida. Ele precisava ser preciso em suas palavras.

Depois de um simples momento, uma longa corrente de palavras havia sido derramada de seus lábios, a maioria em inglês, e a maioria sem maldições e insultos desnecessários. Ele não se preocupou em insultar Shinichi. Ele tinha apenas ameaçado – não, ele jurou — fazer com Shinichi o tipo de violência que ele tinha visto algumas vezes em sua longa vida em humanos e vampiros com imaginações distorcidas. Assim, ele tinha feito Shinichi entender que ele falava



sério, e Damon se encontrou dentro do globo junto a uma encharcada Elena em sua frente. Ela estava deitada aos seus pés, e estava pior do que em nos piores pesadelos que ele podia ter imaginado. Ela tinha deslocado seu braço direito, com múltiplas fraturas e sua tíbia esquerda estava horrivelmente despedaçada.

Horrorizado como ficou a imaginá-la batendo contra a floresta do globo, sangue correndo por seu braço direito do ombro ao cotovelo, perna esquerda arrastando atrás de si como um animal ferido, isso era pior. Seu cabelo estava ensoado de suor e lama, espalhada por todo o seu rosto. E ela estava fora de si, literalmente, delirando, falando com pessoas que não estavam ali.

E ela estava ficando azul.

Ela tinha sido capaz de tirar exatamente uma trepadeira com toda a sua força. Damon agarrou mãos-cheias delas, rasgando-as da terra violentamente enquanto elas tentavam lutar ou se enrolar em volta dos seus pulsos. Elena suspirou em uma respiração profunda exatamente quando a asfixia teria matado-a, mas ela não recuperou a consciência.

E ela não era a Elena de que ele se lembrava. Quando ele a levantou, não sentiu nenhuma resistência, nenhuma aceitação, nada. Ela não o reconhecia. Estava delirante e com febre, exausta, e com dor, mas em um momento de meia consciência tinha beijado a mão dele, através do seu úmido e desgrenhado cabelo, sussurrando "Matt... Encontre... Matt." Ela não sabia quem ele era – ela mal sabia quem ela era, mas sua preocupação era com seu amigo. O beijo tinha atravessado sua mão até o seu braço como o toque de ferro em brasa, e desde então ele estava monitorando a sua mente, tentando levar a agonia que ela estava sentindo para longe - longe em qualquer lugar – para a noite – para si mesmo.

Voltou-se para Shinichi e, em uma voz como um vento gelado, disse, "É melhor você ter uma maneira de curar todas as feridas dela agora."

A cabine era encantadora, rodeada pelas mesmas plantas, nogueiras, e pinhos que cresciam no globo de neve. O fogo queimava violeta e verde enquanto Shinichi atiçava.

"Esta água está quase em ponto de fervura. Faça-a tomar um chá feito com isso." Ele deu a Damon um recipiente escurecido - que alguma vez foi uma bela prataria; agora um remanescente do que tinha sido - e um bule de chá com algumas folhas quebradas e outras coisas repugnantes de se olhar no fundo. "Certifique-se que ela beba pelo menos três quartos de um copo, e ela vai dormir e acordar quase tão boa quanto nova."

Ele deu uma cotovelada nas costelas de Damon. "Ou você pode simplesmente dar a ela alguns goles - curá-la pela metade, e então deixá-la saber que é sua decisão dar-lhe mais... ou não. Você sabe... dependendo de quanto cooperativa ela for..."

Damon permaneceu em silêncio e se afastou. Se eu olhar para ele, pensou, eu vou matá-lo. E eu posso precisar dele novamente.



"E se você realmente quiser acelerar a cura, adicione um pouco de seu sangue. Algumas pessoas gostam de fazer isso dessa maneira," Shinichi acrescentou, sua voz se acelerando com a emoção novamente. "Veja quanta dor um humano pode agüentar, você sabe, e então quando estão morrendo, você pode apenas dar-lhes chá e sangue e começar de novo... e se eles se lembrarem de você – o que eles quase nunca fazem - eles normalmente passam por mais dor só para ter uma chance de lutar com você...," ele riu, e Damon pensou que ele não parecia muito sensato.

Mas quando ele se virou de repente para Shinichi, ele teve que se segurar fortemente. Shinichi havia se tornado um contorno ardente, brilhante, com chamas de luz se lançando de sua projeção, como chamas solares. Damon estava quase cego, e sabia que esse era o objetivo. Ele agarrou o frasco de prata como se ele estivesse segurando a sua própria sanidade.

Talvez ele estivesse. Ele tinha um espaço em branco na sua mente - e lá havia de repente memórias de tentar encontrar Elena... ou Shinichi. Porque Elena tinha sido tirada abruptamente da sua presença, e isso só podia ser culpa do kitsune.

"Existe um banheiro moderno aqui?" Damon perguntou a Shinichi.

"Existe o que quiser; apenas decida antes de abrir uma porta e destrancá-la com esta chave. E agora..." Shinichi esticou-se, seus olhos dourados semi-fechados. Ele passou a mão lânguida pelos cabelos pretos e brilhantes com pontas flamejantes. "Agora, eu acho que vou dormir debaixo de um arbusto."

"Isso é tudo que você sempre faz?" Damon não fez nenhuma tentativa de manter o sarcasmo fora de sua voz.

"E me divertir com Misao. E lutar. E ir para os torneios. Eles – bem, você tem que ir e ver um por si mesmo."

"Eu não tenho interesse de ir a lugar nenhum." Damon não queria saber o que esta raposa e sua irmã consideram divertido.

Shinichi esticou-se e tomou pequeno caldeirão cheio de água fervendo para fora do fogo. Ele derramou a água fervente sobre a coleção de cascas de árvore, folhas, e outros detritos no amassado bule de metal.

"Por que você não vai encontrar um arbusto agora?" Damon disse - e isso não era uma sugestão. Ele tinha tido o suficiente da raposa, que tinha servido ao seu propósito agora, de qualquer maneira, e ele não se importava nem um pouco no mal que Shinichi poderia fazer para outras pessoas. Tudo o que ele queria era estar sozinho - com Elena.

"Lembre-se; faça-a beber tudo se você quiser mantê-la viva por um tempo. Será muito difícil salvá-la sem isso." Shinichi derramou através de uma peneira fina a infusão de chá verde escuro. "É melhor tentar antes que ela acorde."

"Você pode sair logo daqui?"



Quando Shinichi atravessou a fresta dimensional, tendo o cuidado de se virar para o caminho correto, a fim de alcançar o mundo real, e não algum outro mundo, ele estava fervendo. Ele queria voltar e deixar Damon sem uma polegada de vida. Ele queria ativar o Malach dentro de Damon e levá-lo a... bem, é claro, não era o bastante matar a doce Elena. Ela era uma flor com néctar não degustado, e Shinichi não tinha pressa em vê-la enterrada no subsolo.

Mas, o resto da idéia... sim, ele decidiu. Agora ele sabia o que ia fazer. Seria simplesmente delicioso ver Damon e Elena fazerem as pazes, e depois, durante a noite do Moonspire Festival (Festival da Lua Alta), trazer de volta o monstro. Ele poderia deixar Damon continuar acreditando que eles eram "aliados," e em seguida, no meio da sua pequena farra - deixar o Damon possuído solto. Mostrar que ele, Shinichi, tinha estado no controle o tempo todo.

Ele puniria Elena de maneiras que ela nunca tinha sonhado e ela iria morrer em uma agonia deliciosa... nas mãos de Damon. As caudas de Shinichi estremeceram um pouco, extasiado com a idéia. Mas, por agora, deixe-os rir e brincar juntos. Vingança só amadurece com o tempo, e Damon era realmente muito difícil de controlar quando estava furioso.

Era difícil admitir isso, assim como sua calda – a verdadeira no centro – machucada pela crueldade abominável de Damon contra os animais. Quando Damon estava apaixonado custava cada pedaço da concentração de Shinichi controlá-lo.

Mas no Moonspire Damon estaria calmo, estaria tranquilo. Ele estaria satisfeito consigo mesmo, como se ele e Elena tivessem sido sem dúvida, lançados em algum plano absurdo para tentar parar Shinichi.

Aí seria quando a diversão iria começar.

Elena seria uma bela escrava, enquanto durasse.

Quando o kitsune partiu, Damon sentiu que poderia se comportar com mais naturalidade. Mantendo um laço firme sobre a mente de Elena, ele pegou o copo. Tentou tomar um gole da mistura antes de dar a ela e achou que isso tinha um sabor enjoativo apenas ligeiramente inferior ao que cheirava. No entanto, Elena realmente não tinha escolha, ela não podia fazer nada por sua própria vontade, e pouco a pouco, a mistura foi descendo.

E então uma dose de seu sangue. Novamente, Elena estava inconsciente e não tinha nenhuma escolha afinal.

E então ela dormiu por conta própria.

Damon andava agitado. Ele tinha uma lembrança que era mais como um sonho flutuante em torno de sua cabeça. Era de Elena tentando se atirar de uma Ferrari andando a cerca de 100 quilômetros por hora, para ficar longe de - de quê?

Dele?



Por quê?

Não era, de qualquer forma, o melhor dos começos.

Mas isso era tudo de que podia se lembrar! Maldito seja! O que quer fosse vinha justamente antes de um branco total. Se ele tivesse ferido Stefan? Não, Stefan tinha ido embora. Se tivesse sido o outro garoto com ela, Mutt. *O que tinha acontecido?*

Maldito do inferno! Ele tinha que descobrir o que havia acontecido, assim ele poderia explicar tudo para Elena quando ela acordasse. Ele queria que ela acreditasse nele, confiasse nele. Ele não queria Elena como um parasita da noite. Ele queria que ela o escolhesse. Ele queria que ela visse o quanto ela era mais adequada para ele do que para seu entediante e maricas irmão.

Sua princesa das trevas. Era isso que ela estava destinada a ser. Com ele como rei, companheiro, o que ela desejasse. Quando ela ver as coisas mais claramente, ela irá entender que isso não importa. Que nada importa, exceto eles estarem juntos.

Ele viu seu corpo, velado sob o lençol, com desapego - não, com uma culpa boa. Dio mio – e se não tivesse encontrado-a? Ele não podia tirar a imagem de sua mente, a forma como ela estava, caída assim... deitada sem fôlego... beijando sua mão...

Damon sentou-se e apertou a ponta do seu nariz. Porque ela tinha estado na Ferrari com ele? Ela tinha ficado com raiva - não, não com raiva. Furiosa estava mais correto, mas com tanto medo... dele. Ele podia visualizar isso claramente agora, o momento que ela se atirou para fora do carro em alta velocidade, mas não conseguia lembrar-se de nada antes disso.

Ele esteve fora de si?

O que tinha sido feito com ela? Não... Damon forçou seus pensamentos para longe da questão mais fácil e se forçou a fazer a pergunta verdadeira. O que ele tinha feito a ela? Os olhos de Elena, azuis com manchas de ouro, como lápis-lazúli, eram fáceis de ler mesmo sem telepatia. O que ele... tinha... feito a ela que era tão assustador que ela iria saltar de um carro em alta velocidade para fugir dele?

Ele tinha provocado o garoto de cabelos louros. Mutt... Gnat (mosquito)... que seja. Os três estavam juntos, e ele e Elena estavam... droga! De lá até o seu despertar ao volante da Ferrari, tudo era um branco cintilante. Ele podia se lembrar de salvar Bonnie na casa de Caroline; ele podia se lembrar de estar atrasado para seu encontro às 04:44 da madrugada com Stefan; mas depois disso, as coisas começaram a se fragmentar. *Shinichi, maledicalo!* Aquela raposa! Ele sabia mais sobre isso do que ele estava contando a Damon.

Eu sempre... fui mais forte... que meus inimigos, ele pensou. Eu sempre... permaneci... sob... controle.



Ele ouviu um leve som e foi para Elena em um instante. Seus olhos azuis estavam fechados, mas os cílios tremiam. Ela estava acordando?

Ele deslizou o lençol de seu ombro. Shinichi tinha razão. Havia um monte de sangue seco, mas ele podia sentir que o fluxo de sangue estava mais normal. Mas havia algo terrivelmente errado... não, ele não podia acreditar nisso.

Damon mal se conteve de gritar de tamanha frustração. A maldita raposa tinha deixado-a com um ombro deslocado.

As coisas definitivamente não andavam bem para ele hoje.

E agora? Chamar Shinichi?

Nunca. Ele sentiu que não podia olhar para a raposa novamente esta noite sem querer matá-lo.

Ele ia ter que colocar o ombro no lugar sozinho. Esse era um procedimento feito normalmente por duas pessoas, mas o que ele podia fazer?

Ainda mantendo a mente de Elena sobre seu controle de ferro, certificando-se de que ela não iria acordar, ele segurou-a pelo braço e começou a dolorosa missão de deslocar o úmero ainda mais, puxando o osso fora para que ele pudesse finalmente diminuir a pressão e ouvir o suave pop que significava que o osso do braço tinha escorregado de volta para o lugar. Então ele soltou. A cabeça de Elena estava mexendo de um lado para o outro, os lábios ressequidos. Ele derramou um pouco mais de chá mágico de Shinichi no copo amassado, e em seguida ergueu sua cabeça suavemente para o lado esquerdo para colocar o copo em seus lábios. Ele deu à sua mente certa liberdade, então, e ela começou a levantar sua mão direita e depois deixou cair.

Ele suspirou e inclinou sua cabeça, inclinando a jarra de prata para que o chá escorresse para sua boca. Ela engoliu obediente. Isso tudo o lembrava de Bonnie... mas Bonnie mas não tinha sido tão terrivelmente ferida. Damon sabia que ele não podia levar Elena a seus amigos nesta condição; não com a sua camisa e jeans rasgados, e sangue seco em toda parte.

Talvez ele pudesse fazer algo a respeito. Ele foi para a segunda porta fora do quarto, pensou, *banheiro – banheiro moderno*, então desbloqueou e abriu a porta. Foi exatamente o que ele tinha imaginado: um puro, branco e higiênico lugar com uma enorme pilha de toalhas empilhadas, prontas para visitas na banheira.

Damon correu água quente sobre uma das toalhas. Ele sabia que o melhor agora era despir Elena e colocá-la na água morna. Era o que ela precisava, mas se alguém descobrisse, os amigos dela poderiam arrancar o coração dele ainda batendo no peito e cravar em uma lança. Ele nem se quer precisava pensar nisso - ele simplesmente sabia.

Ele voltou para Elena e começou a suavemente a remover o sangue seco de seu ombro. Ela murmurou, sacudindo a cabeça, mas ele continuou até que o ombro parecesse normal, exposto como estava pelas roupas rasgados.



Então ele pegou outra toalha e começou a trabalhar em seu tornozelo. Este ainda estava inchado - ela não iria sair correndo por aí por um longo tempo. Sua tíbia, o primeiro dos dois ossos da perna, tinha voltado adequadamente para o lugar. Essa era mais uma prova de Shinichi e o Shi no Shi não precisavam de dinheiro, ou eles podiam simplesmente colocar este chá no mercado e fazer uma fortuna.

"Nós olhamos para essas coisas... de maneira diferente," Shinichi havia dito, olhando fixamente para Damon com os estranhos olhos dourados. "O dinheiro não significa muito para nós. O que significa? As agonias no leito de morte de um patife que teme ir para o inferno. Observá-lo suando, tentando lembrar-se de encontros já a muito esquecidos. A primeira lágrima consciente de solidão de um bebê. As emoções de uma esposa infiel quando o marido a pega com o amante. Uma donzela... bem, seu primeiro beijo e sua primeira noite da descoberta. Um irmão disposto a morrer por seu irmão. Coisas como essas."

E muitas outras coisas que não poderiam ser mencionados de forma educada, Damon pensou. Um monte delas era sobre a dor. Eles eram sanguessugas emocionais, absorvendo os sentimentos dos mortais para compensar o vazio de suas próprias almas.

Ele podia sentir-se doente novamente quando tentou imaginar – calcular - a dor que Elena deve ter sentido, pulando de seu carro. Ela deve ter esperado uma morte agonizante – mas isso ainda era melhor do que estar com ele.

Desta vez, antes de entrar na porta que tinha sido um banheiro de ladrilhos brancos, ele pensou, cozinha, moderna, com blocos de gelo em abundância no congelador.

Tampouco estava decepcionado. Ele encontrou-se em uma forte cozinha masculina, com aparelhos cromados e azulejos em preto-e-branco. No congelador: seis sacos de gelo. Ele levou três de volta para Elena e colocou um em torno de seu ombro, um no cotovelo, e um em torno de seu tornozelo. Então ele voltou para a bela e imaculada cozinha para buscar um copo de água gelada.



Cansada. Tão cansada.

Elena sentiu como se seu corpo fosse pesado como chumbo.

Cada membro... cada pensamento... pesados como chumbo.



Por exemplo, havia algo que ela devia estar fazendo - ou não fazendo - agora. Mas ela não conseguia fazer o pensamento vir à superfície de sua mente. Era muito pesado. Tudo era muito pesado. Ela não conseguia nem abrir os olhos.

Um som de algo arrastando. Alguém estava perto, em uma cadeira. Então havia um líquido fresco em seus lábios, apenas algumas gotas, mas isso a estimulou a tentar segurar o copo e beber. Oh, água deliciosa. Isso tinha o gosto melhor do que qualquer coisa que ela tenha provado antes. Seu ombro doía muito, mas valia à pena a dor para beber e beber - não! O vidro estava sendo puxado para longe. Ela tentou, debilmente, agarrá-lo, mas foi puxado para fora de seu alcance.

Então ela tentou tocar o ombro, mas suaves e invisíveis mãos não iriam deixá-la, não até que elas tivessem lavado suas mãos com água morna. Depois disso, elas colocaram as bolsas de gelo em torno delas e envolveu-as como uma múmia em um lençol. O frio entorpeceu seus sentimentos de dor imediata, embora houvesse outras dores, lá no fundo...

Era tudo muito difícil de pensar a respeito. Quando as mãos removeram as bolsas de gelo novamente - ela estava tremendo de frio - e deixou-se voltar ao sono.



Damon cuidou de Elena e cochilou, cuidou e cochilou. No banheiro perfeitamente equipado, ele encontrou uma escova e um pente de casco de tartaruga. Eles pareciam ser úteis. E uma coisa ele sabia ao certo: o cabelo de Elena nunca tinha sido assim em toda sua vida - ou não vida. Ele tentou passar a escova suavemente através de seu cabelo e descobriu que os emaranhados eram muito mais difíceis de sair do que ele imaginava. Quando ele puxou mais forte com a escova, ela se moveu e murmurou naquele estranho idioma de seus sonhos.

E, finalmente, esse era o cabelo que deveria ser. Elena, sem abrir os olhos, estendeu a mão e pegou a escova da mão dele e depois, quando atingiu um grande emaranhado, franziu a testa, chegou até agarrar um punhado e tentar passar a escova por ele. Damon simpatizou-se. Ele teve cabelos longos algumas vezes durante os séculos de sua existência - quando não poderia ser ajudado, e apesar de seu cabelo ser tão naturalmente fino como o de Elena, ele conhecia a sensação frustrante de se estar arrancando seus cabelos pelas raízes. Damon estava prestes a tomar a escova dela novamente, quando ela abriu os olhos.

"O que-?", ela disse, e então ela piscou.

Damon tinha ficado tenso, pronto para empurrá-la para um blackout (apagão) mental se fosse necessário. Mas ela nem sequer tentou acertá-lo com a escova.



"O quê... aconteceu?" O que Elena estava sentindo era claro: ela não gostava disso. Ela estava descontente com outro despertar com apenas uma vaga idéia do que estava acontecendo enquanto ela dormia.

Com Damon, pronto para lutar ou fugir, olhando o seu rosto, ela lentamente começou a reunir as informações do que havia acontecido com ela.

"Damon?" Ela deu-lhe um daqueles olhares de lápis-lazúli que não se podia sustentar.

O olhar dizia, *estou sendo torturada, ou cuidada, ou você é apenas um espectador interessado, apreciando a dor de alguém enquanto bebia um copo de conhaque?*

"Eles *cozinham* com conhaque, princesa. Eles bebem Armagnac. E eu não bebo... nenhum desses," disse Damon. Ele estragou todo o efeito acrescentando rapidamente, "Isso não é uma ameaça. Juro para você, Stefan me deixou como seu guarda-costas."

Isso era tecnicamente verdade se você considerar os fatos: Stefan tinha gritado, "É melhor você ter certeza de que nada aconteça com Elena, seu bastardo duas-caras, ou eu vou achar um jeito de voltar e arrancar o seu—" O resto foi abafado na luta, mas Damon tinha captado a essência. E agora ele assumiu a tarefa seriamente.

"Nada mais vai te machucar, se você me permitir cuidar de você," ele acrescentou, agora entrando na área da ficção, já que, quem quer que a tenha assustado ou puxado para fora do carro obviamente tinha estado perto quando ele também estava. Mas nada iria pegá-la no futuro, ele jurou a si mesmo. Mesmo se ele tiver errado da última vez, de agora em diante não haveria mais ataques furtivos contra Elena Gilbert – ou alguém iria morrer.

Ele não estava tentando espionar seus pensamentos, mas como ela olhou em seus olhos por um longo momento, eles se projetaram com clareza – e mistério total - as palavras: eu sabia que estava certa. Era outra pessoa o tempo todo. Ele sabia que, sob a sua dor, Elena sentiu uma enorme satisfação.

"Eu machuquei meu ombro." Ela aproximou a sua mão direita para tocar, mas Damon a parou.

"Você o deslocou," disse Damon. "Isso vai doer por um tempo."

"E o meu tornozelo... mas alguém... eu me lembro de estar na floresta e olhando para cima e lá estava você. Eu não conseguia respirar, mas você rasgou as trepadeiras de cima de mim e me pegou em seus braços..." Ela olhou para Damon confusa. "Você me salvou?"

A afirmação tinha o som de uma pergunta, mas não era. Ela estava pensando em algo que parecia impossível. Então começou a chorar.



A primeira lágrima consciente de solidão de um bebê. As emoções de uma esposa infiel quando o marido a pega com o amante...

E talvez uma garota chorando quando ela acredita que seu inimigo a salvou da morte.

Damon rangeu os dentes de frustração. O pensamento de que Shinichi poderia estar assistindo a isso, sentindo as emoções de Elena, saboreando-as... era impossível de suportar. Shinichi daria a Elena sua memória de volta, ele estava certo disso. Mas no tempo e lugar mais divertido para ele.

"Esse era o meu trabalho," disse ele firmemente. "Eu jurei fazê-lo."

"Obrigado," Elena suspirou entre soluços. "Não, por favor – não se afaste. Eu realmente quero dizer isso. Ohhh - há uma caixa de lenços - ou algo seco?" Seu corpo estava tendo soluços novamente.

O banheiro perfeito tinha uma caixa de lenços. Damon trouxe de volta para Elena.

Ele desviou o olhar enquanto ela usava, assoando o nariz de novo e de novo enquanto soluçava. Aqui não havia encanto ou espírito encantador, nenhum desagradável e sofisticado caçador de demônios, nenhum coquete perigoso. Havia apenas uma menina partida pela dor, ofegando como uma corça ferida, soluçando como uma criança.

E sem dúvida seu irmão saberia o que dizer a ela. Ele, Damon, não tinha idéia do que fazer - exceto que ele sabia que ia matar por isso. Shinichi iria aprender o que significava confusão quando Damon e Elena estavam envolvidos.

"Como você se sente?" perguntou ele bruscamente. Ninguém seria capaz de dizer que ele se aproveitou disso - ninguém seria capaz de dizer que ele iria magoá-la só para... para usá-la.

"Você me deu o seu sangue," disse Elena com admiração, e quando ele olhou rapidamente para baixo, para sua manga enrolada, ela acrescentou, "Não - é apenas uma sensação que eu tive. Quando eu voltei a primeira vez - à Terra, depois da vida em forma de espírito. Stefan me dava o seu sangue e, eventualmente, eu me sentiria... dessa maneira. Muito quente. Um pouco desconfortável."

Ele virou e olhou para ela. "Desconfortável?"

"Muito cheia - aqui." Ela tocou o pescoço. "Nós pensávamos que era uma coisa... simbiótica para os vampiros e os seres humanos que vivem juntos."

"Para um vampiro transformando um humano em um vampiro, que quer dizer," disse ele bruscamente.

"Exceto que eu não mudei quando eu ainda era um meio-espírito. Mas então – voltei a ser humana." Ela soluçou, tentou um sorriso patético, e usou a escova novamente. "Eu pediria para você olhar para mim e ver que eu não mudei, mas..." Ela fez um pequeno movimento de desimportância.



Damon sentou e imaginou como teria sido assim, cuidar do espírito-criança Elena. Era uma idéia tentadora.

Ele disse sem rodeios, "Quando você disse que estava um pouco desconfortável antes, você quis dizer que eu devo tomar um pouco do seu sangue?"

Ela desviou de leve o olhar, então olhou para trás. "Eu disse que estava grata. Eu disse a você que eu senti... muito cheia. Eu não sei outra forma de lhe agradecer."

Damon tinha séculos de treinamento em disciplina ou ele teria jogado algo do outro lado da sala. Era uma situação para fazer você rir... ou chorar. Ela estava se oferecendo para ele como agradecimento por lhe salvar do sofrimento que ele deveria tê-la salvado, e falhou.

Mas ele não era herói. Ele não era como São Stefan, para recusar esse prêmio dos prêmios; qualquer condição, ela estava dentro.

Ele a queria.



Capítulo 30

Matt tinha desistido das pistas. Pelo que ele podia dizer, alguma coisa tinha feito Elena ignorar a casa dos Dunstan e o celeiro completamente, mancando até chegar a uma amassada e rasgada cama de finas trepadeiras. Elas pendiam moles nos dedos de Matt, mas o lembraram, inquietantemente, da sensação dos tentáculos do inseto em seu pescoço.

E a partir daí, não havia nenhum sinal de movimento humano. Era como se um OVNI a tivesse levado.

Agora, depois de fazer incursões por todos os lados até ter perdido do entrelaçado de trepadeiras, ele estava perdido no profundo bosque. Se ele quisesse, ele poderia fantasiar que todos os tipos de ruídos estavam em torno dele. Se ele quisesse, ele poderia imaginar que a luz da lanterna não era mais tão brilhante como era antes, que tinha um tom amarelado doentio...

Todo esse tempo, enquanto procurava, ele tinha se mantido o mais quieto possível, percebendo que ele poderia estar tentando se deslocar sobre algo que não queria servir de capacho. Mas agora, em algum lugar dentro dele, algo estava inchando, crescendo e sua capacidade de se conter foi enfraquecendo a cada segundo.

Quando isso explodiu para fora de si, surpreendeu-o tanto como qualquer pessoa que pudesse ouvi-lo.

“Elleeeeeeeeeeeeeenaaaa!”

Desde quando ele era criança, Matt tinha sido ensinado a fazer suas orações noturnas. Ele não sabia muita coisa sobre a igreja, mas ele tinha uma sensação profunda e sincera de que havia Alguém ou Alguma coisa lá fora, que cuidava de pessoas. Que em algum lugar e de alguma forma tudo fazia sentido, e que havia razões para tudo.

Essa crença foi severamente testada durante o ano passado.

Mas a volta de Elena dos mortos tinha varrido todas as suas dúvidas. Isso parecia ter provado tudo o que ele sempre quis acreditar.

Você não iria nos devolvê-la por apenas alguns dias, e depois levá-la novamente? ele perguntou, se perguntando se essa era realmente uma forma de rezar. Você não iria - iria?

Porque o pensamento de um mundo sem Elena, sem o seu brilho, sua força de vontade, seu jeito de se envolver e loucas aventuras, e em seguida, sair delas, ainda mais loucamente - bem, isso era demais para perder. O mundo iria ser pintado em tons de cinza monótono e castanhos escuros novamente sem ela. Não



haveria o vermelho dos bombeiros, nenhum lampejo do periquito verde, nenhum azul celeste, nenhum narciso, nenhuma prata - e nenhum ouro. Nenhum rastro de ouro nos intermináveis olhos azuis lápis-lazúli.

"Elleeeeeeeenaaaaa! Droga, me responda! É Matt, Elena! Elleeeeeee—"

Ele parou de repente e ouviu. Por um momento o seu coração deu um pulo e todo o seu corpo ficou em alerta. Mas então ele decifrou as palavras que ele podia ouvir.

"Eleeeeeeeenaaaa? Maaaatt? Onde vocês estão?"

"Bonnie? *Bonnie! Eu estou aqui!*" Ele virou a lanterna para cima, girando lentamente em um círculo. "Você pode me ver?"

"Você pode nos ver?"

Matt girou lentamente. E — sim - havia raios de uma lanterna, duas lanternas, três!

Seu coração saltou ao ver três raios de luz. "Eu estou vindo em sua direção," ele gritou, e partiu para a ação da palavra. A ocultação havia sido deixada para trás há muito tempo. Ele estava correndo para elas, puxando os cipós que tentavam agarrar seus tornozelos, mas gritando o tempo todo, "Fique onde está! Eu estou indo para você!"

E então as luzes da lanterna estavam bem na frente dele, cegando-o, e de alguma forma ele tinha Bonnie em seus braços, e Bonnie estava chorando. Isso, pelo menos, deixava a situação parecida com a normalidade. Bonnie estava chorando em seu peito e ele estava olhando para Meredith, que estava sorrindo ansiosamente, e para... Sra. Flowers? Tinha que ser, ela estava usando um chapéu de jardinagem com flores artificiais, bem como o que parecia ser cerca de sete ou oito blusas de lã.

"Sra. Flowers?" disse ele, sua boca finalmente se alinhando com seu cérebro. "Mas - onde está Elena?"

Houve uma súbita inclinação nas três pessoas observando-o, como se estivessem esperando na ponta dos pés pela notícia, e agora elas tinham caído em desapontamento.

"Nós não a vimos," Meredith disse calmamente. "Você esteve com ela."

"Eu estava com ela, sim. Mas então Damon veio. Ele a machucou, Meredith" - Matt sentiu os braços de Bonnie apertarem sobre ele. "Ele a manteve rolando no chão tendo convulsões. Eu acho que ele vai matá-la. E - ele me machucou. Eu acho que eu apaguei. Quando acordei, ela tinha desaparecido."

"Ele a levou embora?" Bonnie perguntou ferozmente.



"Sim, mas... eu não entendo o que aconteceu depois." Dolorosamente, ele explicou sobre Elena aparentemente saltando para fora do carro e as pistas que o levaram a lugar nenhum.

Bonnie tremeu em seus braços.

"E então algumas outras coisas estranhas aconteceram," disse Matt. Lentamente, titubeante às vezes, ele fez o seu melhor para explicar sobre a Kristin, e as semelhanças com Tami.

"Isso é simplesmente... estranho," disse Bonnie. "Eu pensei que tinha uma resposta, mas se Kristin não teve qualquer contato com qualquer das outras meninas..."

"Você estava pensando provavelmente em algo sobre as bruxas de Salém, querida," disse a Sra. Flowers. Matt ainda não conseguiu se acostumar com a Sra. Flowers conversando com eles. Ela continuou, "Mas você realmente não sabe com quem Kristin tem estado nos últimos dias. Ou com quem Jim tem estado, por falar nisso. As crianças têm bastante liberdade nestes dias e nessa idade, e ele poderia ser – como vocês chamam isso? – um portador."

"Além disso, mesmo se isso for uma possessão, pode ser um tipo totalmente diferente de possessão," disse Meredith. "Kristin vive na Velha Floresta. A Velha floresta é cheia desses insetos – esses Malach. Quem sabe se isso aconteceu quando ela simplesmente pisou fora de sua porta? Quem sabe o que estava esperando por ela?"

Agora Bonnie tremia nos braços de Matt. Eles desligaram todas as lanternas, exceto uma, para conservar energia, mas isso fazia com que o ambiente ficasse assustador.

"Mas e a respeito da telepatia?" Matt disse a Sra. Flowers. "Quero dizer, eu não acredito por um minuto que havia bruxas de verdade atacando as meninas de Salém. Eu acho que elas eram garotas reprimidas que entraram em histeria em massa quando todas se uniram, e de alguma forma tudo ficou fora de mão. Mas como Kristin poderia saber como me chamar – me chamar – com o mesmo nome que Tamra chamou?"

"Talvez todos nós tenhamos entendido tudo errado," disse Bonnie, com sua voz enterrada em algum lugar do peito de Matt. "Talvez não seja como em Salém em fim, onde a - a histeria se espalhou horizontalmente, se você entende o quero dizer. Talvez haja alguém aqui em cima, que está espalhando isso para onde ele quiser."

Houve um breve silêncio, e então Sra. Flowers murmurou, "Fora da boca dos pequeninos e crianças de peito..."

"Você quer dizer que você acha que está certo? Mas então quem é que está no topo? Quem está fazendo tudo isso?" Meredith exigiu. "Não pode ser Damon porque ele salvou Bonnie duas vezes - e me salvou uma vez." Antes que alguém



pudesse juntar palavras para questionar diante disso, ela estava continuando. "Elena tinha certeza que algo estava possuindo Damon. Então quem pode ser?"

"Alguém que não conhecemos ainda," Bonnie murmurou ameaçadoramente. "Alguém de quem não vamos gostar."

Com um timing perfeito, houve o crepitar de um ramo por trás deles. Como uma pessoa, como um corpo, eles viraram para olhar.



"O que eu realmente quero," Damon disse a Elena, "é aquecê-la. E isso significa cozinhar algo quente para você se aquecer de dentro para fora ou colocá-la na banheira para te aquecer de fora para dentro. E considerando o que aconteceu da última vez—"

"Eu... não sinto que posso comer alguma coisa..."

"Vamos, é uma tradição Americana. Sopa de Maça? Torta caseira de galinha da mamãe?"

Ela riu apesar de tudo, em seguida fez uma careta. "É uma torta de maçã e sopa caseira de galinha da mamãe. Mas não foi tão mal, para começar."

"Bom? Eu prometo não misturar as maçãs e as galinha juntas."

"Eu poderia tentar uma sopa," disse Elena lentamente. "E, oh, Damon eu estou tão sedenta apenas por água pura. Por favor."

"Eu sei, mas se você beber muito, irá começar as dores. Eu vou fazer uma sopa."

"Elas vêm em pequenas latas com papel vermelho em volta delas. Você puxa a aba na parte superior para tirá-lo..." Elena parou quando ele se virou para a porta.

Damon sabia que ela tinha sérias dúvidas sobre todo o projeto, mas ele também sabia que se ele trouxe alguma coisa bebível, ela iria beber. Sede fez isso com você.

Ele era a prova não viva do exemplo.

Quando ele atravessou a porta havia um súbito ruído horroroso, como um par de facas de cozinha se batendo. Ele quase tirou sua – sua retaguarda de cima para baixo, por causa do som.



"*Damon!*" Uma voz chorava fracamente através da porta. "Damon, você está bem? Damon! Responda-me!"

Em vez disso, ele se virou, estudou a porta, que parecia perfeitamente normal, e a abriu. Qualquer um que o visse abrindo a porta teria se perguntado por que ele colocou a chave na porta destrancada, disse "quarto de Elena" e, em seguida, desbloqueado e abriu a porta.

Quando chegou lá dentro, ele correu.

Elena estava deitada em um emaranhado impossível de lençóis e cobertores no chão. Ela estava tentando se levantar, mas seu rosto estava azul e branco com a dor.

"O que empurrou você para fora da cama?" ele perguntou. Ele ia matar Shinichi lentamente.

"Nada. Eu ouvi um som horrível assim que a porta fechou. Eu tentei chegar até você, mas—"

Damon olhou para ela.

"*Eu tentei chegar até você, mas—*" Esta partida, machucada, esgotada criatura tentou salvá-lo? Tentado tão veemente que havia caído de sua cama?

"Sinto muito," disse ela, com lágrimas nos olhos. "Eu não consigo me acostumar com a gravidade. Você está machucado?"

"Não tanto quanto você está," disse ele, propositadamente mantendo sua voz áspera, os olhos afastados. "Eu fiz uma coisa estúpida, deixando o quarto e a casa... lembrou-me."

"Do que você está falando?" disse a aflita Elena, vestida apenas em lençóis.

"Essa chave," Damon segurou-a mo alto para ela ver. Era de ouro e podia ser usada como um anel, mas duas asas podiam ser dobradas para fora e formar uma bela chave.

"O que há de errado com isso?"

"A forma que eu usei. Esta chave tem o poder da kitsune nela, e ela pode desbloquear tudo e levá-la em qualquer lugar, mas a maneira como funciona é você colocá-la na fechadura, diga aonde você quer ir, e depois virar a chave. Eu me esqueci de fazer isso quando sai do meu quarto."

Elena olhou intrigada. "Mas o que acontece se a porta não tiver uma fechadura nela? A maioria das portas dos quartos não têm fechaduras."

"Essa chave vai em qualquer porta. Você poderia dizer que ela faz a sua própria fechadura. É um tesouro kitsune - que eu tomei de Shinichi quando eu estava com tanta raiva por você ter se machucado. Ele vai querer de volta logo." Os



olhos de Damon se estreitaram e ele sorriu levemente. "Eu me pergunto quem de nós vai acabar ficando com ela. Eu notei outra na cozinha - uma reposição, é claro."

"Damon, tudo isso sobre chaves mágicas é interessante, mas você poderia me deixar sair do chão..."

Ele ficou arrependido por um momento. Então veio a questão de saber se iria colocá-la na cama ou não.

"Eu vou tomar banho," Elena disse em voz baixa. Ela desabotoou o botão de seu jeans e tentou se livrar deles.

"Espere um minuto! Você pode desmaiar e se afogar. Deite-se e eu prometo te deixar limpar, se você estiver disposta a tentar comer. "Ele tinha novas reservas sobre a casa.

"Agora dispa-se na cama e puxe o lençol sobre você. Eu faço uma massagem incrível," acrescentou ele, virando-se.

"Olha, você não tem que não olhar. É algo que eu não entendi desde que... eu voltei," disse Elena. "Tabus de modéstia. Eu não vejo por que alguém deveria ter vergonha de seu corpo." (Isto veio para ele com uma voz um pouco abafada.) "Quero dizer para qualquer um que diz que Deus nos fez, Deus nos fez sem roupa, mesmo depois de Adão e Eva. Se isso é tão importante, por que ele não nos fez com fraldas?"

"Sim, realmente, o que você está dizendo me lembra o que eu disse uma vez à rainha viúva da França," disse Damon, determinado a deixá-la se despiando enquanto ele olhava para uma rachadura em um dos painéis de madeira da parede. "Eu disse que se Deus era onipotente e onisciente, então Ele certamente sabia de antemão os nossos destinos, e o porquê dos justos terem sido condenados a nascer pecadoramente nus como os condenados?"

"E o que ela disse?"

"Nem uma palavra. Mas ela deu uma risadinha e tocou-me três vezes nas costas da minha mão com seu leque, que eu mais tarde tomei como um convite para uma atribuição. Ai de mim, eu tinha outras obrigações. Você ainda está na cama?"

"Sim, e eu estou debaixo de um lençol," disse Elena cansada. "Se ela era uma rainha viúva, eu espero tenha estado feliz," acrescentou ela numa voz meio perplexa. "Elas não são mães de idade?"

"Não, Anne da Áustria, Rainha da França, manteve sua beleza notável até o fim. Ela foi a única ruiva que —"

Damon parou, procurando freneticamente as palavras quando ele a encarou na cama. Elena tinha feito como ele havia pedido. Ele só não tinha percebido o quanto ela se pareceria com Afrodite surgindo do oceano. Os babados branco do lençol se aproximavam do quente branco-leite da sua pele. Ela precisava



se limpar, sem dúvida, mas apenas saber que abaixo daquele fino lençol ela estava magnificamente nua era o suficiente para fazê-lo perder o fôlego.

Ela havia enrolado suas roupas em uma bola e jogado no canto mais distante da sala. Ele não a culpou.

Ele nem mesmo pensou. Ele não se deu tempo para isso. Ele simplesmente estendeu as mãos e disse: "caldo de galinha, tomilho, limão, quente, em uma xícara de porcelana - e óleo de flor de ameixa, bem quente, em um frasco."

Depois que o caldo foi devidamente consumido e Elena estava deitada de costas novamente, ele começou a massagem suave com o óleo. Flor de ameixa sempre foi um bom começo. Ela adormece a pele e as sensações de dor, e serve de base para outros, mais exóticos, óleos que ele planejava usar nela.

De certa forma, era muito melhor do que o mergulhá-la em uma moderna banheira Jacuzzi. Ele sabia onde eram seus ferimentos; ele podia aquecer o óleo a uma temperatura adequada para qualquer um deles. E em vez de uma terrível Jacuzzi jorrando água contra uma contusão, ele poderia evitar qualquer coisa demasiado sensível - no sentido doloroso.

Ele começou com os cabelos, adicionando uma muito, muito leve camada de óleo que faria o pior dos emaranhados fácil para pentear. Após a lubrificação, seu cabelo brilhava como ouro contra sua pele - mel e creme. Então ele começou com os músculos do seu rosto: pequenos traços com o seu polegar sobre a testa para alisá-la e relaxá-la, forçando-a a relaxar junto com seus movimentos. Lento, redemoinhos circulares nas têmporas, com apenas leve pressão. Ele podia ver as finas veias azuis traçadas ali, e sabia que a pressão profunda poderia colocá-la para dormir.

Ele então passou para os braços, antebraços, mãos, levando-a para além dos traços antigos e com as antigas essências corretas para ir com eles, até que ela não era nada além de uma coisa solta, sem osso sob um lençol: lustrosa e macia e resistente. Ele piscou o seu sorriso incandescente, por um momento, puxando um dedo até que ele estralou – e então o sorriso se tornou irônico. Ele poderia ter o que ele quisesse dela agora. Sim, ela não estava disposta a recusar qualquer coisa. Mas ele não contava com o que o maldito lençol faria com ele. Todos sabiam que um pedaço de cobertura, não importa o quão simples fosse, sempre chamava atenção para a área de tabu como a nudez pura não fazia. E massageando Elena centímetro por centímetro desta forma ele só estava focado no que estava por baixo do tecido nevado.

Depois de um tempo Elena disse sonolenta, "Você não vai dizer o fim da história? Sobre Anne da Áustria, que foi a única ruiva que..."

"... que, ah, continuou a ser uma ruiva natural até o fim de sua vida," Damon murmurou. "Sim. Dizia-se que o Cardeal Richelieu era seu amante."

"Não é o Cardeal mau dos Os Três Mosqueteiros?"

"Sim, mas talvez não tão mau quanto ele foi retratado ali, e, certamente, um político capaz. E, dizem alguns, o verdadeiro pai de Louis... agora acabou."



"É um nome estranho para um rei."

"Hum?"

"Louis Agora Acabou," Elena disse, virando-se e mostrando um lampejo de sua coxa creme, enquanto Damon tentava olhar várias outras partes da sala.

"Depende da tradição de nomeações do país de origem do indivíduo," disse Damon descontroladamente. Tudo o que ele podia ver eram replays daquele vislumbre da coxa.

"O quê?"

"O quê?"

"Eu estava te perguntando—"

"Você está quente agora? Tudo feito," disse Damon e, imprudentemente, deu um tapinha na maior curva sob a toalha.

"Hey!" Elena se empinou, e Damon – encarando um corpo inteiramente rosa dourado pálido, perfumado e elegante - e com músculos de aço abaixo da pele de seda, fugiu precipitadamente.

Ele voltou depois de um intervalo adequado com uma calma oferta de mais sopa. Elena, digna em seu lençol, que tinha feito de toga, aceitou. Ela nem sequer tentou golpeá-lo no traseiro, quando ele estava virado de costas.

"Que lugar é esse?" ela perguntou de vez. "Não pode ser os Dunstan - são uma antiga família, com uma casa velha. Costumavam ser agricultores."

"Oh, vamos chamar-lhe apenas de minha pequena *pied-à-terre** na floresta." (*Um *pied-à-terre*, do francês, "pé no chão", é uma propriedade de férias, para descanso, afastada da rotina das grandes cidades)

"Ha," disse Elena. "Eu sabia que você não estava dormindo nas árvores."

Damon encontrou-se tentando a não sorrir. Ele nunca esteve com Elena, quando a situação não estava relacionada com vida ou morte. Agora, se ele disse que tinha descoberto que amava sua mente depois de ter massageado-a nua debaixo de um lençol - não... Ninguém nunca iria acreditar nele.

"Sentindo-se melhor?" ele perguntou.

"Tão quente como uma sopa de galinha-maçã."

"Eu nunca vou ouvir o final da história, eu vou?"

Ele a fez ficar na cama enquanto ele pensava em camisolas, todos os tamanhos e estilos, e roupões, também - e chinelos, tudo no momento em que caminhava para onde tinha estado o banheiro, e ficou satisfeito ao descobrir que ele era agora um grande closet com tudo o que alguém poderia desejar em termos de traje de noite. Desde lingerie de seda aos bons e velhos vestidos de dormir à noite -



bonés, esse guarda-roupa tinha tudo. Damon surgiu com os braços cheios e deu para Elena fazer sua escolha.

Ela escolheu uma camisola de gola alta branca feita de um tecido modesto. Damon encontrou-se acariciando um vestido azul-celeste majestoso arrematado com o que parecia uma verdadeira renda Valenciennes.

"Não é meu estilo," disse Elena, aconchegando-se rapidamente em algumas outras vestes.

Não é o seu estilo em torno de mim, Damon pensou, divertido. E uma moça um pouco sábia você é, também. Você não quer me tentar a fazer qualquer coisa que de que você possa se arrepender amanhã.

"Tudo bem - e então você pode ter uma boa noite de sono—" Ele parou, ela estava de repente olhando para ele com espanto e aflição.

"Matt! Damon, nós estávamos procurando por Matt! Acabei de me lembrar. Nós estávamos procurando por ele e eu - eu não sei. Eu me machuquei. Lembro-me de cair e então eu estava aqui."

Porque eu te carreguei até aqui, Damon pensou. Porque esta casa é apenas um pensamento na mente de Shinichi. Porque a única coisa permanente dentro dela somos nós dois.

Damon respirou profundamente .



Capítulo 31

Permita-nos ter a dignidade de sair de sua armadilha com nossas próprias pernas – ou eu deveria dizer, usando nossa própria chave? Pensou Damon pra Shinichi.

Para Elena ele disse, “Sim, estamos procurando por ele. Mas você teve uma queda e tanto. Eu quero – eu gostaria de lhe pedir – se você poderia ficar aqui e se recuperar enquanto eu vou atrás dele.”

“Você acha que sabe onde Matt está?” Foi tudo o que ela entendeu do que ele disse. Tudo o que ela ouviu.

“Sim”

“Podemos ir agora?”

“Você não quer me deixar ir sozinho?”

“Não” disse Elena simplesmente. “Eu tenho que encontrá-lo. Não vou conseguir dormir se você for sozinho. Por favor, podemos ir agora?”

Damon suspirou. “Tudo bem. Têm algumas...” – (agora vai ter) – “roupas que vão servir em você no closet. Jeans e coisas assim. Vou pegá-las.” ele disse. “Já que eu realmente não posso convencê-la a deitar e descansar enquanto eu procuro por ele.”

“Eu posso fazer isso”, Elena prometeu. “E se você for sem mim, eu simplesmente vou pular a janela e seguir você.”

Ela estava falando sério. Ele foi e pegou a pilha de roupas prometida e virou de costas enquanto Elena vestia uma versão idêntica de jeans e camisa xadrez que esteve usando, porém inteiros e sem manchas de sangue. Então eles saíram da casa, Elena escovava vigorosamente seus cabelos, mas olhando para trás a cada passo dado.

“O que você está fazendo?” Perguntou Damon no exato momento que ele tinha decidido carregá-la.

“Esperando a casa desaparecer.” E quando ele lhe deu seu melhor olhar de – Do que você está falando? – Ela disse, “Jeans Armani, exatamente do meu tamanho? Camisolas La Perla também? Camisas xadrez, dois tamanhos maiores que o meu, exatamente como aquela que eu estava usando? Esta casa é tanto uma pensão quanto é mágica. Eu aposto que é mágica.”

Damon a pegou nos braços, como forma de fazê-la se calar, e caminhou em direção a porta do carona de sua Ferrari. Ele se perguntava se já estavam no mundo real agora, ou em outro dos globos do Shinichi.



“Já desapareceu?” Ele perguntou.

“Sim.”

Que pena, ele pensou. Ele teria gostado de ficar com ela.

Ele poderia tentar renegociar a oferta com Shinichi, mas havia outras coisas muito importantes para pensar a respeito. Ele deu um suave aperto em Elena, pensando, outras coisas, muito, muito mais importantes.

No carro, ele se conscientizou de três pequenos fatos. Em primeiro lugar, que o clique que seu cérebro automaticamente registrou vindo do banco do carona significou que Elena realmente tinha trancado a fivela de seu cinto de segurança devidamente apertada. Em segundo lugar, que as portas estavam trancadas – ele verificou pelo controle do motorista. E terceiro, que ele dirigia muito lentamente. Ele não achava que alguém no formato de Elena jogar-se-ia pra fora de carros em movimento em um futuro próximo, mas ele não iria arriscar.

Ele não tinha ideia de quanto tempo este feitiço iria funcionar. Elena eventualmente deveria finalmente sair de sua amnésia. Era lógico, já que ele parecia estar, e tinha estado acordado muito tempo antes dela. Em breve ela iria lembrar ... o quê? Que ele a tinha colocado em sua Ferrari contra a sua vontade? (ruim, mas perdoável, ele não poderia saber que ela iria se atirar pra fora do carro) Que ele estava provocando Mike ou Mitch ou quem quer que seja e ela na clareira? (Ele próprio tinha uma vaga memória de ter feito isso, ou foi outro sonho?)

Ele desejava saber a verdade. Quando ele finalmente se lembraria de tudo? Ele estaria em uma posição muito mais favorável para negociações, uma vez que ele lembrasse.

E era quase impossível que o Mac estivesse tendo hipotermia em uma tempestade de neve em pleno verão, mesmo que ele ainda estivesse na clareira até agora. Era uma noite fria, mas o pior que o menino poderia esperar era uma pontada de reumatismo quando tiver lá pelos oitenta anos.

O essencial era que eles não deveriam encontrá-lo. Ele poderia ter algumas verdades desagradáveis para contar.

Damon notou Elena fazendo o mesmo gesto de novo. Um toque em sua garganta, uma careta, e uma respiração profunda.

"Você está enjoada por causa da viagem?"

"Não, eu estou ..." Ao luar ele podia vê-la seu rosto ficando corado e voltando ao normal; podia sentir o calor em seu rosto. Ela corou profundamente. "Eu expliquei," ela disse, "sobre me sentir... muito cheia. É como me sinto agora."

O que um vampiro faria?

Dizer, desculpe – eu desisti de procurar por causa do luar?

Dizer, eu sinto muito – você vai me odiar pela manhã?



Dizer, para o inferno com amanhã; este assento reclina um pouco?

Mas e se eles chegarem à clareira e descobrirem que algo realmente tinha acontecido com Mutt, Gatt, com o menino? Damon iria se arrepender pelo resto dos seus vinte segundos restantes de vida. Elena chamaria batalhões de espíritos do céu em direção a sua cabeça. Mesmo que ninguém mais acreditasse nela, Damon acreditava.

Ele se ouviu dizendo, tão suavemente como nunca tinha falado com Page ou com Damaris, "Você confia em mim?"

"O quê?"

"Você confiaria em mim por mais quinze ou vinte minutos, para ir a um determinado lugar onde eu acho que ele pode estar?" *Se ele estiver – eu aposto que você vai se lembrar de tudo e você não vai querer me ver novamente em sua vida – “então você vai ser poupada de uma longa busca. Se ele não estiver e o carro não estiver também” – será meu dia de sorte e Mutt terá ganhado o prêmio de uma vida toda – “então nós continuaremos procurando”.*

Elena ficou o observando atentamente. "Damon, você sabe onde o Matt está?"

"Não." Bem, isso era bastante verdade. Mas ela era uma coisinha brilhante, uma linda coisinha rosa, e mais que tudo isso, ela era inteligente ... Damon interrompeu suas contemplações minuciosas sobre a inteligência de Elena. Por que ele estava pensando em poesia? Ele estava realmente ficando louco? Ele havia pensado nisso anteriormente, não tinha? Se perguntar se você está ficando louco, não prova que você não está? O louco de verdade nunca duvidava de sua sanidade, certo? Certo. Ou será que questionavam? E certamente toda essa conversa com ele mesmo não faria bem a ninguém.

Fottuto.

"Tudo bem, então. Eu vou confiar em você."

Damon soltou um suspiro que não precisava e dirigiu o carro em direção à clareira.

Era uma das jogadas mais emocionantes de sua vida. De um lado, havia sua vida – Elena encontraria uma maneira ou outra de matá-lo se ele tivesse matado Mark, ele estava certo. E por outro lado... um sabor de paraíso. Com uma Elena disposta, uma Elena ansiosa, uma Elena aberta... ele engoliu. Ele se encontrou fazendo a coisa mais próxima a rezar que ele havia feito em meio milênio.

Enquanto eles contornavam a curva na estrada para Little Lane, ele manteve-se em hiper-vigilância, o motor mal emitia um zunido, o ar da noite trazendo todos os tipos de informações para os sentidos de vampiro. Ele estava completamente consciente de que uma emboscada poderia ter sido criada para ele. Mas a pista estava deserta. E, como de repente ele pressionou o acelerador para



revelar a pequena clareira, ele a encontrou abençoadamente, felizmente, friamente, vazia, nenhum carro ou jovens garotos em idade de faculdade, cujos nomes começavam com "M."

Ele relaxou contra o encosto.

Elena estava observando-o.

"Você pensou que ele poderia estar aqui."

"Sim". E agora era o momento para a verdadeira questão. Sem perguntar-lhe isso, a coisa toda era uma farsa, uma fraude. " Você se lembra deste lugar?"

Ela olhou ao redor. "Não. Eu deveria?"

Damon sorriu.

Mas ele tomou a precaução de conduzir o carro mais três centenas de metros, para uma clareira diferente, apenas no caso de ela ter um súbito ataque de memória.

"Havia um Malach na outra clareira", explicou ele facilmente. "Esta aqui certamente está livre de monstros." Oh, mas que mentiroso eu sou, se alegrou. Ainda tenho o dom ou o quê?

Ele havia ficado perturbado... desde que Elena havia voltado do Outro Lado. Mas se na primeira noite ele tinha ficado tão perturbado que tinha tirado sua jaqueta e colocado em suas costas, bem, ainda não existia palavras para descrever como ele se sentiu quando ela se ergueu diante dele recém retornada da pós-vida, sua pele brilhando na clareira escura, nua, sem vergonha ou sem o conceito de vergonha. E durante a sua massagem, onde as veias traçavam linhas de fogo de um cometa azul contra o céu inverso. Damon estava sentindo algo que ele não tinha sentido durante quinhentos anos.

Ele estava sentindo desejo.

Desejo humano. Vampiros não sentiam isso. Era tudo subliminado com a necessidade de sangue, sempre o sangue...

Mas ele estava sentindo.

Ele sabia o porquê também. Elena era Aura. Elena era sangue. Ela trouxe de volta com ela algo mais substancial do que as asas. E enquanto as asas tinham desvanecido, este novo talento parecia ser permanente.

Ele percebeu que fazia um tempo muito longo desde que ele sentira isso, e que, portanto, ele poderia estar completamente errado. Mas ele não pensava assim. Ele pensou que a aura de Elena faria o mais fossilizado dos vampiros se levantar e florescer em virilidade jovem novamente.

Inclinou-se para longe tanto quanto o espaço da Ferrari permitia. "Elena, há algo que eu deveria dizer."



"Sobre o Matt?" Ela deu-lhe um olhar direto, inteligente.

"Nat? Não, não. É sobre você. Eu sei que você ficou surpresa de Stefan tê-la deixado sob os cuidados de alguém como eu".

Não havia espaço para a privacidade na Ferrari e ele já estava compartilhando seu calor corporal.

"Sim, eu fiquei", disse ela simplesmente.

"Bem, isso pode ter algo a ver com..."

"Isso pode ter tido algo a ver com a forma como nós decidimos que a minha aura daria tremeliques mesmo a velhos vampiros. De agora em diante, eu vou precisar de proteção forte por causa disso, Stefan disse. "

Damon não sabia o que eram tremeliques, mas ele estava preparado para abençoá-los por lhe darem um ponto de vantagem sobre uma dama. "Eu acho", disse ele com cuidado, "que de todas as coisas, Stefan gostaria que você tivesse proteção contra o povo diabólico atraído para cá de todas as partes do mundo, e acima de tudo que você não seja forçada a – a tremelicar – se esse não for sua vontade. "

"E agora ele está me deixando – como um egoísta, idiota, estúpido idealista, considerando todas as pessoas no mundo que possam querer se aproveitar de mim."

"Eu concordo", disse Damon, com o cuidado de manter a mentira sobre o motivo da partida de Stefan intacta. "E eu já prometi que posso oferecer proteção. Eu realmente farei o meu melhor, Elena, vou me certificar que ninguém chegará perto de você. "

"Sim", disse Elena, "mas então algo como isto", ela fez um gesto provavelmente para indicar Shinichi e todos os problemas causados por sua chegada, "vem para cima e ninguém sabe como lidar com ele."

"Verdade", disse Damon. Ele teve que se balançar para continuar lembrando-se do seu verdadeiro propósito aqui. Ele estava aqui para... bem, ele não estava do lado de St. Stefan. E a coisa era que , isso era fácil demais...

Lá estava ela, passando as mãos pelos cabelos... uma donzela linda sentada penteando seus cabelos... o sol no céu não era mais tão dourado... Damon se balançou fortemente. Desde quando ele tinha começado a se interessar em canções folclóricas do Antigo Inglês? O que tinha de errado com ele?

Para ter algo a dizer, ele perguntou: "Como você está se sentindo?" Nesse exato momento ela ergueu a mão em sua garganta.

Ela fez uma careta. "Nada mal."



E isso os fez olhar um para o outro. E então Elena sorriu e ele teve de sorrir de volta, a princípio apenas um leve movimento com os lábios, e depois um sorriso amplo.

Ela era ... droga, ela era tudo, encantadora, corajosa, inteligente ... e linda. E ele sabia que seus olhos estavam dizendo tudo isso pra ela e que ela não estava se afastando.

"Podemos – andar um pouco", disse ele, e os sinos tocaram e trombetas fizeram fanfarras, houve uma chuva de confetes e uma revoada de pombas...

Em outras palavras, ela disse: "Tudo bem".

Eles escolheram um pequeno caminho para fora da clareira que parecia fácil de enxergar no escuro para a visão apurada de Damon. Damon não queria que ela caminhasse demais. Ele sabia que ela ainda sentia dor e não queria que ele soubesse ou tivesse que cuidar dela. Alguma coisa dentro dele disse, "Bem, então aguarde até que ela dizer que está cansada e ajude-a a sentar."

E alguma coisa além do controle dele, aproveitando a primeira hesitação do pé de Elena, a levantou, desculpando-se em uma dúzia de idiomas diferentes e, literalmente agindo como um tolo, até que ela estivesse sentada confortavelmente em um banco feito de um arbusto com suas costas devidamente encostadas e com um leve cobertor de acampamento sobre os joelhos. Ele completou o gesto dizendo: "Você vai me dizer se há algo, qualquer coisa, que você queira?" Ele acidentalmente enviou pra ela uma onda de pensamentos de possíveis coisas que ela poderia querer, que era, um copo de água, ele sentado ao seu lado, e um bebê elefante, que ele havia visto em sua mente que ela gostava muito.

"Sinto muito, mas eu não acho que consigo o elefante", disse ele, de joelhos, fazendo o banquinho mais confortável para ela, quando ele pegou um pensamento aleatório dela: que ele não era tão diferente de Stefan como parecia.

Nenhum outro nome poderia ter causado nele a vontade de fazer o que ele fez em seguida. Nenhuma outra palavra, ou conceito, poderia ter esse efeito sobre ele. Em um segundo, o cobertor fora arrancado, o banco tinha desaparecido, e ele estava segurando Elena em seu colo com o pescoço completamente exposto para ele.

A diferença, disse-lhe, entre mim e meu irmão é que ele ainda está esperando deslizar por alguma fresta de uma porta lateral e acabar no céu. Eu não sou bobo e chorão com o meu destino. Eu sei pra onde estou indo. E eu não – Ele deu-lhe um sorriso deixando os caninos totalmente estendidos – *ligo nenhum pouco para isso.*

Os olhos dela estavam arregalados – ele a havia assustado. E o susto a havia feito pensar em uma resposta não intencional, e completamente honesta. Seus pensamentos foram projetados em direção a ele, fácil de lerem. *Eu sei – eu sou assim também. Eu quero o que eu quero. Eu não sou tão boa como Stefan. E eu não sei...*

Ele ficou admirado. *O que você não sabe, querida?*



Ela apenas balançou a cabeça, os olhos fechados.

Para quebrar o impasse, ele sussurrou em seu ouvido: "E o que acha sobre isso então?"

Diga que sou corajoso.

Diga que sou mau.

Diga-me suas - vaidades.

- Eu sou vaidoso.

Mas você Erinyes, só pra acrescentar.

Eu beijei Elena.



Seus olhos se abriram. "Oh, não! Por favor, Damon." Ela estava sussurrando. "Por favor! Por favor, não agora! "E ela engoliu com dificuldade. "Além disso, você me perguntou se eu gostaria de uma bebida, e subitamente isso não é uma bebida. Eu não pediria uma bebida se não estivesse com sede, mas, eu estou com tanta, tanta sede, talvez com tanta sede quanto você talvez?"

Ela fez o gesto de dar tapinhas sob o seu queixo de novo.

O interior de Damon se derreteu.

Ele estendeu a mão e a fechou em torno de um copo de cristal delicado. Ele bebeu um gole do líquido habilmente, testando-o como um buque – ah, requintada – então delicadamente rolou em sua língua. Era a coisa real. Vinho de magia negra, produzido de uvas Clarion Loess de Magia Negra. Era o único vinho que a maioria dos vampiros beberia – e havia histórias apócrifas de como ele os mantivera sob seus pés quando a sua outra sede, não podia ser amenizada.

Elena estava observando sua bebida, seus olhos azuis abertos amplamente sob o violeta profundo do vinho, diziam-lhe um pouco da sua história. Ele gostava de assisti-la quando ela estava assim – investigando com todos os seus sentidos plenamente despertos. Ele fechou os olhos e lembrou alguns momentos de escolha do passado. Depois os abriu novamente para encontrar Elena, parecendo muito com uma criança sedenta, bebendo ansiosamente...

"...seu segundo copo?" Ele percebeu a primeira taça aos seus pés. "Elena, onde você conseguiu outro?"



“Eu apenas fiz o que você fez. Estendi a mão. Não é como se isso fosse muito difícil, não é? Tem gosto de suco de uva, e eu estava morrendo por uma bebida.”

Será que ela realmente podia ser tão ingênua? Na verdade, o vinho de magia negra não tinha o forte odor ou sabor do álcool. Era sutil, criado para o paladar exigente de um vampiro. Damon sabia que as uvas foram cultivadas no solo que uma geleira deixada para trás. Naturalmente, esse processo era apenas para os vampiros antigos, pois levava anos para construir vinhedos suficientes. E quando o solo estava pronto, as uvas foram cultivadas e processadas em cubas de madeira dura, sem nunca ver o sol. Isso era o que dera o seu sabor delicado e sua aparência de veludo negro. E agora...

Elena tinha um bigode de suco de uva. Damon queria muito beijá-lo e tirá-lo dali.

“Bem, um dia você pode dizer às pessoas que bebeu dois copos de Magia Negra em menos de um minuto, e impressioná-los”, disse ele.

Mas ela estava fazendo o tap-tap-tap novamente sob o queixo.

Elena, você quer ter um pouco do seu sangue extraído?”

“Sim!” Ela disse no tom de toque de sino de alguém que finalmente, teve a pergunta certa feita.

Ela estava bêbada.

Ela jogou os braços para trás, soltando-os sobre o banco, deixando seu corpo inerte aceitando qualquer novo movimento. O banco tornara-se um sofá de camurça preto com encosto alto: um divã, e neste momento, o pescoço esguio de Elena estava descansando no ponto mais alto deste encosto, a garganta exposta ao ar. Damon virou-se com um pequeno gemido. Ele queria levar Elena até a civilização. Ele estava preocupado com sua saúde, levemente preocupado com... Mutt, e agora... ele não podia ter nada do que ele queria. Ele não poderia fazer isso com ela bêbada.

Elena fez outro tipo de som que pode ter sido o seu nome. “D’m’n’?”, Ela murmurou. Seus olhos se encheram de lágrimas.

Qualquer coisa que um enfermeiro poderia ter feito por um paciente, Damon teria feito por Elena. Mas parecia que ela não queria ter engolido dois copos de Magia Negra na frente dele.

“Minha bochecha”, Elena botou pra fora, com um soluço perigoso no final. Ela segurou o pulso de Damon.

“Sim, este não é o tipo de vinho para esbanjar. Espere, tente sentar-se em linha reta e deixe-me tentar...” E talvez porque ele disse as palavras sem pensar, sem pensar em ser rude, sem pensar em manipulá-la de uma maneira ou de outra, estava tudo bem. Elena obedeceu e ele colocou dois dedos de cada lado de suas



têmporas e apertou levemente. Por uma fração de segundo, estiveram próximos a um desastre, e em seguida, Elena estava respirando de forma lenta e calma. Ela ainda estava afetada pelo vinho, mas não estava mais bêbada.

E a hora havia chegado. Ele teve que dizer a verdade.

Mas, primeiro, ele precisava acordar.

“Um café expresso triplo, por favor”, disse ele, esticando a mão. Apareceu então, imediatamente, aromático e preto como a sua alma. “Shinichi diz que o expresso, é a única desculpa para a raça humana.”

“Seja lá que for Shinichi, eu concordo com ele ou ela. Um café expresso triplo, por favor”, disse Elena para a mágica que havia na floresta, neste globo de neve, neste universo. Nada aconteceu.

“Talvez esteja só em sintonia com a minha voz agora”, disse Damon mostrando-lhe um sorriso tranquilizador, e então pegando um expresso pra ela.

Para sua surpresa, Elena fez careta.

“Você disse “Shinichi”. Quem é?”

A última coisa que Damon queria era ter Elena envolvida com Kitsune, mas se ele iria realmente dizer tudo ela ia ter que se envolver. “Ele é um kitsune, um espírito de raposa”, disse ele. “E a pessoa que me deu o endereço da web que colocou Stefan pra correr.”

A expressão de Elena congelou.

“Na verdade”, Damon disse: “Eu acho que eu preferiria chegar a casa antes de tomar o próximo passo”.

Elena levantou os olhos exasperados para o céu, mas deixou-o pegá-la e levá-la de volta para o carro.

Ele apenas tinha percebido que era o melhor lugar para contar a ela.

Era claro que eles não tinham nenhuma urgência em chegar a qualquer lugar que estivesse fora da velha floresta. Eles não encontraram nenhum caminho que não terminava em trilhas sem saída, pequenas clareiras, ou árvores. Elena parecia tão nada surpresa ao encontrar a pequena trilha que levava a sua pequena, mas perfeitamente equipada casa que Damon não disse nada quando entraram e ele fez novo inventário do que eles tinham.

Eles tinham um quarto com uma cama grande e luxuosa. Eles tinham uma cozinha. E uma sala de estar. Mas qualquer um destes ambientes poderia se tornar qualquer tipo de quarto que você escolhesse, simplesmente por pensar nele antes de abrir a porta. Além disso, havia as chaves – deixadas pelo o que Damon tinha percebido ser um Shinichi seriamente abalado – que permitiam que as portas fizessem mais. Insira uma chave em uma porta e anuncie o que você quer e lá estará – mesmo, ao que parece, mesmo, ao que parecia, ser fora do território



Shinichi no espaço-tempo. Em outras palavras, elas pareciam ser o link para o mundo real exterior, mas Damon não estava totalmente certo sobre isso. Seria esse o mundo real ou era apenas mais um jogo de armadilhas de Shinichi?

O que eles tinham agora era uma longa escada em espiral para um observatório ao ar livre com uma plataforma em torno dele, assim como no teto da pensão. Havia até um quarto exatamente como o de Stefan, Damon notou enquanto carregava Elena pelas escadas.

"Nós vamos todos até em cima?" Elena parecia confusa.

"Sim."

"E o que faremos aqui em cima?" Elena perguntou, quando ele a colocou em uma cadeira com um cobertor leve sobre os joelhos.

Damon sentou em uma cadeira de balanço, balançando um pouco, com seus braços em volta dos joelhos, com o rosto inclinado para o céu nublado.

Ele balançou mais uma vez, parou e se virou para ela. "Eu imagino que já que estamos aqui..." disse ele, em seu tom zombeteiro que significava que ele estava falando muito sério, "então, posso te contar a verdade, toda a verdade, nada além da verdade".



Capítulo 32



uem é?" Uma voz vinha da escuridão do bosque. "Quem está aí?"

Bonnie nunca ficou tão grata a ninguém em toda a sua vida como ficou a Matt por abraçar-se a ela naquele momento. Precisava de contato pessoal. Se apenas pudesse se enterrar fundo nos outros, de algum modo ficaria segura. Ela mal conseguiu reprimir o grito enquanto a lanterna que enfraquecia girava para uma cena surreal.

"Isobel!"

Sim, era mesmo Isobel, e ela não estava no hospital em Ridgemont, mas ali, no bosque. Estava parada ao largo, nua, a não ser pelo sangue e pela lama em seu corpo. Bem ali, contra aquele fundo, ela parecia ao mesmo tempo uma presa e uma espécie de deusa da floresta, uma deusa da vingança, e das coisas caçadas, e da punição a qualquer ser que atravessasse seu caminho. Ela estava sem fôlego, ofegava, tinha bolhas de saliva saindo pela boca, mas não estava fraca. Só era preciso ver seus olhos, de um vermelho brilhante, para entender isso.

Atrás dela, pisando em galhos e soltando o ocasional gemido ou palavrão, havia mais duas figuras. Uma era alta e magra mas volumosa no alto, e outra mais baixa e atarracada. Pareciam gnomos tentando seguir uma ninfa do bosque.

"Dra. Alpert!" Meredith parecia não ser capaz de demonstrar seu autocontrole.

Ao mesmo tempo, Bonnie viu que os piercings de Isobel tinham piorado muito. Ela perdera a maior parte das tachas, argolas e agulhas, mas havia sangue e pus saía dos ferimentos.

"Não a assuste" sussurrou Jim das sombras. "Estamos seguindo Isobel desde que tivemos de parar." Bonnie podia sentir Matt, que tinha puxado o ar para gritar, de repente sufocar. Ela também podia ver por que Jim parecia ter uma cabeça tão grande. Carregava Obaasan, no estilo japonês, nas costas, com os braços dela em seu pescoço. Como uma mochila, pensou Bonnie.

"O que aconteceu com vocês?" sussurrou Meredith. "Achamos que tinham ido para o hospital."

"De algum modo, uma árvore caiu na estrada enquanto deixamos vocês e não conseguimos contorná-la para ir ao hospital, nem a lugar nenhum. Mas não é só isso, era uma árvore com um ninho de vespas dentro. Isobel despertou *assim*" a médica estalou os dedos, "e, quando ouviu as vespas, saiu aos tropeços e correu delas. Nós corremos atrás dela. Posso dizer que eu teria feito o mesmo se estivesse sozinha."



“Alguém viu essas vespas?” perguntou Matt depois de um segundo.

“Não, ficou escuro logo. Mas nós as ouvimos bem. A coisa mais esquisita que já ouvi. Parecia uma vespa de uns 30 centímetros” disse Tim.

Meredith agora apertava o braço de Bonnie do outro lado.

Bonnie não sabia se era para mantê-la em silêncio ou estimulá-la a falar. E o que ela poderia dizer? ‘As árvores caídas aqui só ficam caídas até que a polícia *decida* procurar por elas?’ ‘Ah, e cuidado com os enxames diabólicos de insetos rastejando por seu braço?’ ‘E a propósito, provavelmente há um deles dentro de Isobel agora?’ *Isso* sim ia deixar Tim em pânico.

“Se eu soubesse o caminho de volta ao pensionato, deixaria esses três lá” dizia a Sra. Flowers. “Eles não fazem parte disso.”

Para surpresa de Bonnie, a Dra. Alpert não se excluiu da declaração de que ela mesma não ‘fazia parte disso’. Nem perguntou à Sra. Flowers o que estava fazendo com duas adolescentes a essa hora no antigo bosque. O que ela disse foi ainda mais assombroso.

“Vimos luzes quando vocês começaram a gritar. Fica bem aqui atrás.”

Bonnie sentiu os músculos de Matt enrijecer contra ela.

“Graças a Deus” disse ele. Depois, devagar, “Mas isso não é possível. Eu saí da casa dos Dunstan dez minutos antes de nos encontrarmos, e fica na margem do bosque, do outro lado do pensionato. Eu levaria pelo menos 25 minutos para ir a pé até lá.”

“Bom, não sei se é possível ou não, mas vimos o pensionato, Theophilia. Todas as luzes estavam acesas, de cima a baixo. Era impossível confundir. Tem certeza de que não está calculando mal o tempo?” acrescentou ela a Matt.

O nome da Sra. Flowers é Theophilia, pensou Bonnie, e teve de reprimir o impulso de rir. A tensão levava a melhor sobre ela.

Mas justo quando estava pensando nisso, Meredith lhe deu outro cutucão.

Às vezes, Bonnie achava que ela, Elena e Meredith tinham uma espécie de telepatia. Talvez não fosse telepatia verdadeira, mas às vezes bastava um olhar para dizer mais do que umas discussões sem fim. E às vezes - nem sempre, mas de vez em quando - Matt ou Stefan pareciam fazer parte disso. Não que fosse realmente telepatia, com vozes claras na cabeça como ficariam aos ouvidos, mas às vezes os meninos pareciam estar... em sintonia com as meninas.

Porque Bonnie sabia exatamente o que significava o cutucão.

Significava que Meredith tinha apagado a luz do quarto de Stefan no último andar da casa e que a Sra. Flowers apagara as luzes do primeiro andar quando elas saíram. Assim, embora Bonnie tivesse uma imagem muito nítida do pensionato com as luzes acesas, essa imagem não podia corresponder à realidade.



Alguém está tentando nos confundir, era o que significava o cutucão de Meredith. E Matt estava na mesma sintonia delas, ainda que por um motivo diferente. Ele se inclinou um pouco para Meredith, com Bonnie entre os dois.

“Mas talvez a gente deva voltar à casa dos Dunstan” disse Bonnie num tom mais infantil e comovente. “Eles são pessoas normais. Podem nos proteger.”

“O pensionato fica logo depois dessa colina” disse com firmeza a Dra. Alpert. “E eu gostaria muito de seus conselhos para cuidar das infecções de Isobel” acrescentou ela a Sra. Flowers.

A Sra. Flowers palpitou. Não havia outra palavra para isso.

“Ah, meu Deus, que elogio. A primeira coisa a fazer seria lavar as feridas imediatamente.”

Isso era tão óbvio e tão improvável na Sra. Flowers que Matt apertou Bonnie com força enquanto Meredith se inclinava para ela. Aaiiii!, pensou Bonnie. Ou temos essa história de telepatia ou não! Então é a Dra. Alpert que é o perigo, a mentirosa.

“Então é isso. Vamos para o pensionato.” disse Meredith com calma. “E Bonnie, não se preocupe. Vamos cuidar de você.”

“É claro que vamos” disse Matt, dando um último apertão.

Significava *Eu entendi. Sei quem não está do nosso lado*. Em voz alta, ele acrescentou, num tom que fingia severidade, “De qualquer modo, não é boa ideia ir à casa dos Dunstan. Já contei à Sra. Flowers e às meninas sobre isso, eles têm uma filha no mesmo estado de Isobel.”

“Está se furando?” disse a Dra. Alpert, parecendo sobressaltada e apavorada com a ideia.

“Não. Anda agindo de forma muito estranha. Mas não é um bom lugar.” Apertão.

Já entendi há muito tempo, pensou Bonnie, irritada. Agora tenho de ficar de boca fechada.

“Vá na frente, por favor” murmurou a Sra. Flowers, parecendo mais palpitante do que nunca. “Voltemos ao pensionato.”

E eles deixaram que a médica e Jim fossem à frente. Bonnie continuou reclamando baixinho, para o caso de alguém estar ouvindo. E ela, Matt e Meredith ficaram de olho na médica e em Jim.



“Tudo bem,” disse Elena a Damon, “estou enfeitada como alguém no convés de um transatlântico, tensa como uma corda esticada de violão e estou farta de toda essa demora. Entããã... Qual é a verdade, toda a verdade e nada além da verdade?” Ela balançou a cabeça. O tempo tinha saltado e se estendia diante dela.

Damon falou, “De certo modo, estamos num globo de neve minúsculo que eu fiz para mim. Isso significa apenas que eles não nos verão nem ouvirão por alguns minutos. Agora está na hora de ter a conversa de verdade.”

“Então é melhor que seja rápida.” Ela sorriu para ele, estimulando-o.

Ela tentava ajudá-lo. Elena sabia que ele precisava de ajuda.

Ele queria contar a verdade, mas fugia tanto de sua natureza que era como pedir a um *maldito* cavalo selvagem para deixar que você o montasse e o domasse.

“Existem mais problemas,” disse Damon com a voz rouca, e ela sabia que ele lia seus pensamentos. “Eles... Eles tentaram me impossibilitar de falar com você sobre isso. Fizeram isso no estilo de um grande conto de fadas antigo: estabelecendo muitas condições. Eu não podia contar a você dentro de uma casa, nem do lado de fora dela. Bom, uma sacada não está dentro, mas também não fica do lado de fora. Eu não podia contar a você à luz do sol nem da lua. Bom, o sol já se pôs, e a lua só vai nascer daqui a uns trinta minutos, e eu diria que estou respeitando as condições. E não podia contar enquanto você estivesse nua ou vestida.” Elena automaticamente se olhou alarmada, mas nada tinha mudado, pelo que ela podia dizer.

“E eu imagino que esta condição também tenha sido cumprida, porque embora ele tenha me jurado que ia me deixar sair de um de seus globos de neve, não deixou. Estamos em uma casa que não é uma casa... É a ideia da mente de alguém. Você está com roupas que não são roupas de verdade... São invenções da imaginação.”

Elena abriu a boca novamente, mas ele pôs dois dedos nos lábios dela e disse:

“Espere. Deixe continuar enquanto ainda posso. Pensei seriamente que ele jamais pararia de impor as condições, que tirara de algum conto de fadas. Ele é obcecado com isso e com a antiga poesia inglesa. Não sei por que, pois ele é do outro lado do mundo, do Japão. Este é o Shinichi. E ele tem uma irmã gêmea... Misao.”

Damon parou de ofegar depois disso, e Elena deduziu que devia haver outros motivos internos para que ele não contasse nada a ela.

“Parece que o nome dele pode ser traduzido como *morte-primeira*, ou *número um em matéria de morte*. Os dois parecem adolescentes, com seus códigos e joguinhos. No entanto, têm milhares de anos.”

“Milhares?” Elena sondou gentilmente enquanto Damon parava, parecendo exausto, mas decidido.



“Odeio pensar em *quantos* milhares de anos os dois andaram fazendo crueldades. É Misao quem está fazendo todas aquelas coisas com as meninas na cidade. Ela as possui com seus malach e faz com que eles as obriguem a fazer coisas. Você se lembra da aula de história americana? Das bruxas de Salém? Esta era Misao, ou alguém parecido com ela. E aconteceu centenas de vezes antes disso. Pode procurar pelas freiras ursulinas. Tinham um convento tranquilo que se tornou exibicionista e pior... Alguém enlouqueceu, e alguém que tentou ajudar ficou possuído.”

“Exibicionistas? Como Tamra? Mas ela é só uma criança...”

“Misao é só uma criança, em sua mente.”

“E onde Caroline entra nisso?”

“Em qualquer caso semelhante, deve haver um instigador... Alguém que esteja disposto a fazer um pacto com o diabo... Ou um demônio, na verdade... Para seus próprios fins. É aí que Caroline entra. Mas, por toda uma cidade, eles devem estar dando alguma coisa realmente grande a ela.”

“Toda uma cidade? Eles vão tomar toda Fell's Church... ?” Damon virou o rosto. A verdade era que eles iam destruir Fell's Church, mas não tinha sentido dizer isso. Suas mãos estavam frouxas nos joelhos enquanto ele permanecia sentado na cadeira de madeira antiga e frágil na sacada.

“Antes que possamos fazer alguma coisa para ajudar alguém, temos de sair daqui. Sair do mundo de Shinichi. Isto é importante. Eu posso... bloqueá-lo por curtos períodos de tempo, impedi-lo de nos observar... Mas fico cansado e preciso de sangue. Preciso mais do que você pode regenerar, Elena.” Ele olhou para ela. “Ele pôs aqui a Bela e a Fera e vai nos deixar ver quem triunfará.”

“Se quer dizer um matar o outro, no que diz respeito a mim, ele vai ter que esperar muito tempo.”

“Isso é o que você pensa agora. Mas isto é uma armadilha.”

“Não há nada aqui, só o antigo bosque, como havia quando começamos a rodar de carro por ele. Também não tem nenhuma habitação humana. A única casa é esta, as únicas criaturas vivas somos nós dois. Você vai querer minha morte muito em breve.”

“Damon, eu não entendo. O que eles querem aqui? Mesmo com o que Stefan disse sobre todas as linhas de força cruzando Fell's Church e formando um farol...”

“Foi o seu brilho que os atraiu, Elena. Eles são curiosos, como crianças, e eu tenho a sensação de que eles já tiveram problemas em outros lugares onde moraram. É possível que eles estivessem aqui vendo o final da batalha, vendo você renascer.”

“Então eles querem... nos destruir? Se divertir? Tomar a cidade e nos fazer



de marionetes?”

“As três coisas, por enquanto. Eles podem se divertir enquanto outra pessoa apela em um tribunal de outra dimensão. E sim, diversão, para eles, significa tomar uma cidade. Embora eu creia que Shinichi pretenda voltar atrás em seu trato comigo por algo que ele quer mais do que a cidade, e assim eles podem acabar lutando um com o outro.”

“Que trato com você, Damon?”

“Por você. Stefan tinha você. Eu queria você. Ele quer você.”

Contra a própria vontade, Elena sentiu um embrulho no estômago, sentiu o tremor distante que começava ali e abria caminho para fora.

“E qual era o trato original? Ele virou o rosto.”

“Esta é a parte ruim.”

“*Damon, o que você fez?!*” ela exclamou, quase gritando. “*Qual foi o trato?*” Todo seu corpo tremia.

“Fiz um pacto com o demônio e, sim, eu sabia o que ele era quando o fiz. Foi na noite em que seus amigos foram atacados pelas árvores ... Depois de Stefan me expulsar de seu quarto. Isso e ... Bom, eu estava com raiva, mas ele pegou minha raiva e a aumentou. Ele estava me usando, me controlando; agora entendo isso. Foi quando começou com os acordos e as condições.”

“Damon...” Elena começou, trêmula, mas ele continuou, falando rapidamente como se tivesse de passar por isso, para ver sua conclusão, antes de perder a coragem.

“O último pacto foi de que ele me ajudaria a tirar Stefan do caminho para que eu pudesse ter você, enquanto ele ficava com Caroline e o resto da cidade para dividir com a irmã. Assim teria Caroline independentemente do acordo que ela tivesse com Misao.”

Elena deu um tapa em Damon. Ela não sabia como conseguiu, enojada como estava, ter a mão livre e fazer o movimento de um raio, mas conseguiu. Depois ela esperou, olhando uma gota de sangue pendendo do lábio de Damon, que ele revidasse, ou que ela tivesse forças para tentar matá-lo.



Capítulo 33

Damon ficou apenas sentado. Então ele limpou os lábios e não disse nada, não fez nada.

“Seu bastardo!”

“Sim.”

“Você está dizendo que Stefan na verdade não me abandonou?”

“Sim. Quero dizer - correto.”

“Quem escreveu a carta no meu diário, então?”

Damon não disse nada, mas olhou para longe.

“Oh, Damon!” Ela não sabia se o beijava ou se o sacudia. “Como você pode — você *sabe*,” ela disse em uma voz engasgada e ameaçadora, “o que eu passei desde que ele desapareceu? Pensando a cada minuto que ele apenas se decidiu de repente e me abandonou? Mesmo se ele pretendia voltar—”

“Eu—”

“Não tente me dizer que você *sente muito*! Não tente me dizer que você sabe como eu me sinto, por que você não sabe. Como *você poderia? Você não tem sentimentos assim!*”

“Eu acho — eu tive uma experiência parecida. Mas eu não estava tentando me defender. Apenas ia dizer que nós temos um tempo limitado enquanto eu posso bloquear Shinichi de nos ver.”

O coração de Elena foi partido em mil pedaços; ela podia sentir cada pedaço perfurando-a. Nada mais importava. “Você mentiu, você quebrou sua promessa de nunca ferir um ao outro—”

“Eu sei — e isso deveria ter sido impossível. Mas isso começou naquela noite em que as árvores prenderam Bonnie e Meredith e... Mark...”

“Matt!”

“Naquela noite, quando Stefan me jogou para fora e me mostrou seu verdadeiro Poder — que era por sua causa. Ele disse isso para que eu ficasse longe de você. Antes disso ele só esperava mantê-la escondida. E naquela noite eu me senti... traído de certa forma. Não me pergunte por que isso deveria fazer sentido, quando por anos antes eu o joguei no chão e o fiz comer terra quando eu queria.”



Elena tentou dar sentido ao que ele estava tentando dizer em sua condição despedaçada. E ela não conseguiu. Mas também não conseguiu ignorar a sensação de que tinha acabado de cair como um anjo em redes a segurando.

Tente olhar isso com outros olhos. Olhe para dentro, não para fora procurando a resposta. Você conhece Damon. Você já viu o que está dentro dele. Há quanto tempo isso tem estado lá?

“Oh, Damon, eu sinto muito! Eu sei a resposta. Damon — Damon. Oh, Deus! Eu posso ver o que está errado com você. Você está mais possuído do que qualquer uma das garotas.”

“Eu — tenho uma daquelas coisas em mim?”

Elena mateve os seus olhos fechados enquanto afirmava com a cabeça. As lágrimas corriam pelo seu rosto, e ela se sentiu mal mesmo quando se obrigou a fazer isso: reunir força humana suficiente para ver com outros olhos, ver como ela tinha aprendido de alguma forma a ver *dentro* das pessoas.

O malach que ela tinha visto antes dentro de Damon, e aquele que Matt tinha descrito como grande de mais para um inseto — tão cumprido como um braço, talvez. Mas agora em Damon ela sentiu algo... enorme. Monstruoso. Algo que o habitava por completo, tinha uma cabeça transparente dentro de suas belas feições, seu corpo quitinoso tão longo quanto seu tronco; era subdesenvolvido - pernas trançadas em torno das suas pernas. Por um momento ela achou que fosse desmaiar; mas então ela se controlou. Olhando para a imagem fantasmagórica, ela pensou, O que Meredith faria?

Meredith iria ficar calma. Ela não iria mentir, mas ela iria encontrar uma maneira de ajudar.

“Damon, isso é ruim. Mas tem que haver uma forma de tirá-lo de você — rápido. Eu vou encontrar essa forma. Por que enquanto isso estiver em você, Shinichi pode fazer você fazer qualquer coisa.”

“Você quer ouvir o porquê eu acho que isso ficou tão grande? Naquela noite, quando Stefan me dispensou do seu quarto, todos foram para casa como boas meninas e meninos, mas você e Stefan foram dar uma volta. Um vôo. Foram planar.”

Por um longo tempo isso não significou nada para ela, embora tivesse sido a última vez que ela viu Stefan. De fato, esse era o único significado para ela: essa era a última vez que ela e Stefan tinham...

Ela se sentiu congelar por dentro.

"Você estava na Velha Floresta. Você ainda era um espírito de criança pequena que não sabia o que era certo e o que era errado. Mas Stefan deveria ter pensado melhor antes de fazer isso no meu próprio território. Vampiros levam o território a sério. E no meu próprio lugar de repouso - na frente dos meus olhos."



"Oh, Damon! Não!"

"Oh, Damon, sim! Lá estava você, compartilhando sangue, tão envolvida para ter me notado mesmo se eu tivesse saltado e tentado te erguer à parte. Você estava vestindo uma camisola branca de gola alta e parecia um anjo. Eu queria matar Stefan *rapidamente então*."

"Damon—"

"E isso estava certo, então, Shinichi apareceu. Ele não precisou dizer o que eu estava sentindo. E ele tinha um plano, uma oferta... uma proposta."

Elena fechou os olhos novamente e balançou a cabeça. "Ele preparou de antemão. Você já estava possuído e pronto para estar cheio de raiva."

"Eu não sei por que," Damon agiu como se ele não tivesse ouvido-a falar, "mas eu quase não pensei sobre o que isso significaria para Bonnie e Meredith e no resto da cidade. Tudo o que eu conseguia pensar era em você. Tudo o que eu queria era você, e me vingar de Stefan."

"Damon, você vai ouvir? Até então, você já tinha sido deliberadamente possuído. Eu pude ver o Malach em você. Você admite," como se ela o sentisse inchando para falar - "que algo estava influenciando você antes, obrigando-o a assistir Bonnie e os outros morrem a seus pés naquela noite. Damon, eu acho que essas coisas são ainda mais difíceis de livrar de nós do que imaginamos. Pense nisso, você normalmente não fica e assiste pessoas fazerem - coisas privadas, não é? O fato de que você não fazer isso por si mesmo não prova que algo estava errado?"

"É... uma teoria," Damon reconheceu, não soando feliz.

"Mas você não vê? Isso foi que fez você dizer a Stefan que você só salvou Bonnie por capricho, e isso foi que fez você se recusar a dizer a todos que o Malach te fez assistir ao ataque das árvores, hipnotizando você. Isso e seu orgulho estúpido, teimoso."

"Vou ver isso como elogio. Eu posso me secar e ir embora."

"Não se preocupe," Elena disse categoricamente, "Aconteça o que acontecer com o resto de nós, tenho a sensação de seu ego irá sobreviver. O que aconteceu depois?"

"Eu fiz o meu acordo com Shinichi. Ele iria atrair Stefan para algum lugar fora do caminho onde eu poderia vê-lo sozinho, então contrabandeá-la para algum lugar fora daqui onde Stefan não poderia encontrá-la."

Algo borbulhava explosivamente de novo dentro de Elena. Era uma bola dura e difícil de manter comprimida. "Não matar?" ela conseguiu jogar para fora.

"O quê?"

"Stefan está vivo? Ele está vivo? Ele... ele está realmente vivo?"



"Calma," Damon respondeu friamente. "Calma, Elena. Você não pode desmaiar." Ele a segurou pelos ombros. "Você pensou que eu pretendia matá-lo?"

Elena estava tremendo quase tão forte quanto a resposta. "Por que você não me disse antes?"

"Eu peço desculpas pela omissão."

"Ele está vivo - com certeza, Damon? Você está absolutamente certo?"

"Positivo."

Sem pensar em si mesma, sem pensar em qualquer coisa, Elena fez o que fazia de melhor - cedeu ao impulso. Ela jogou os braços ao redor do pescoço de Damon e o beijou.

Por um momento, Damon apenas ficou rígido com o choque. Ele tinha contratado os assassinos que seqüestraram o seu amante e iriam dizimar sua cidade. Mas a mente de Elena nunca iria vê-lo dessa maneira.

"Se ele estivesse morto-" Ele parou e teve de tentar novamente. "Toda a barganha de Shinichi depende de mantê-lo vivo - vivo e longe de você. Eu não iria correr o risco de você se matar ou me odiar de verdade," - novamente a nota de frieza distante. "Com Stefan morto, que esperança eu teria sobre você, princesa?"

Elena ignorou tudo isso. "Se ele está vivo, eu posso encontrá-lo."

"Se ele se lembrar de você. Mas e se todas as lembranças que ele tinha de vocês foram tomadas?"

"O quê?" Elena queria explodir. "Se todas as lembranças de Stefan fossem levados de mim," disse ela friamente, "eu ainda cairia de amor por ele no momento em que o visse. E se cada memória de mim for tirada de Stefan, ele iria vaguar pelo mundo inteiro à procura de algo, sem saber o quê estava procurando."

"Muito poético."

"Mas, oh, Damon, obrigado por você não deixar Shinichi matá-lo!"

Ele balançou a cabeça para ela, olhando perplexo para si mesmo. "Eu nem poderia fazer – parece – fazer isso. Alguma coisa sobre dar a minha palavra. Eu imaginei que se ele estivesse livre e feliz e não se lembrasse, isso seria o suficiente..."

"De sua promessa para mim? Você calculou errado. Mas isso não importa agora."

"Isso não importa. Você já sofreu por isso."

"Não Damon. Tudo o que *realmente* importa é que ele não está morto e ele não me deixou. Ainda há esperança."



"Mas, Elena," a voz de Damon tinha vida agora; era tanto animada quanto inflexível: "Você não pode ver? História do passado de lado, você tem que admitir que nós somos os que caminham juntos. Você e eu somos simplesmente mais adequados para ficarmos juntos por natureza. No fundo você sabe disso, porque entendemos um ao outro. Estamos no mesmo nível intelectual."

"Assim como Stefan!"

"Bem, tudo o que posso dizer é que ele fez um trabalho notável de escondê-la, então. Mas você não pode sentir isso? Você não sente" - sua aderência estava ficando desconfortável agora - "que você poderia ser minha princesa das trevas – isso é no fundo algo que você quer fazer? Eu posso ver isso, se você não pode."

"Eu não posso se *nada* para você, Damon. Exceto uma digna cunhada."

Ele balançou a cabeça, rindo áspero. "Não, você é a única adequada para o papel principal. Bem, tudo o que posso dizer é que se vivermos depois da luta com os gêmeos, você vai ver as coisas por si mesma que você nunca viu antes. E você vai saber que estamos mais adaptados juntos."

"E tudo o que eu posso dizer é que se a gente sobreviver dessa luta com os gêmeos Bobbsey* do Inferno - isso soa como se nós fossemos precisar de todo o poder espiritual que possamos reunir mais tarde. E isso significa trazer Stefan de volta." *Irmãos Bobbsey são personagens famosos de uma série de livros infantis de vários autores lançados de 1904 a 1979.

"Talvez nós não sejamos capazes de trazê-lo de volta. Oh, eu concordo - mesmo se nós formos capazes de levar Shinichi e Misao para longe de Fell's Church, a probabilidade de que vamos ser capazes de eliminá-los completamente é de cerca de zero. Você não é uma lutadora. Nós provavelmente não vamos nem mesmo ser capazes de machucá-los muito. Mas ainda não sei exatamente onde Stefan está."

"Então, os gêmeos são os únicos que podem nos ajudar."

"Se eles ainda *puderem* nos ajudar - oh, tudo bem, eu admito. O *Shi no Shi* é provavelmente uma fraude completa. Eles provavelmente tomam algumas memórias de vampiro estúpido - memórias é a moeda de troca no campo do Outro Lado - e então o mandam embora enquanto a caixa registradora ainda está tinindo. Eles são fraudes. O lugar todo é uma favela gigante e tipo um show de horrores – algo como um resumo de Vegas."

"Mas eles não têm medo de que os vampiros enganados queiram vingança?"

Damon riu, desta vez musicalmente. "Um vampiro que não quer ser um vampiro é como o menor objeto no ranking do Outro Lado. Oh, exceto pelos seres humanos. Junto com os amantes que já cumpriram pactos de suicídio, as crianças que pularam do telhado porque pensam que a sua capa de Superman podia fazê-los voar."



Elena tentou se afastar dele, para reprová-lo, mas ele era surpreendentemente forte. "Isso não soa como um lugar muito agradável."

"Não é."

"E é aí que Stefan está?"

"Se tivermos sorte."

"Então, basicamente," disse ela, vendo as coisas, como sempre fazia, em termos de planos A, B, C e D, "primeiro temos que descobrir onde Stefan está com esses gêmeos. Em segundo lugar, temos de fazer com que os gêmeos curem as meninas que eles possuíram. Em terceiro lugar, temos de levá-los a sair de Fell's Church por conta própria - para nosso bem. Mas antes de qualquer coisa temos de encontrar Stefan. Ele vai poder nos ajudar; eu sei que ele vai. E então nós apenas esperamos que nós sejamos fortes o bastante para o resto."

"Nós poderíamos usar a ajuda de Stefan, tudo bem. Mas você perdeu o ponto principal – por agora, o que temos a fazer é impedir os gêmeos de nos matar."

"Eles ainda pensam que você é amigo deles, não é?" A mente de Elena estava cintilando através das opções. "Faça-os ter certeza de que você é. Aguarde até que chegue um momento estratégico, e depois aproveite a oportunidade. Nós temos alguma arma contra eles?"

"Ferro. Eles se sentem mal contra ferro – eles são demônios. E querida, Shinichi é obcecado por você, embora eu não possa dizer que a sua irmã irá aprovar quando ela perceber isso."

"Obcecado?"

"Sim. Por você e por canções folk em Inglês, lembra? Embora eu não consiga entender o porquê. As músicas, eu quero dizer."

"Bem, eu não sei o que podemos fazer com isso-"

"Mas eu aposto que essa obsessão por você vai deixar Misao irritada. É só um palpite, mas ela o manteve para si mesma há milhares de anos."

"Então nós vamos jogá-los um contra o outro, fingir que ele vai me pegar. Damon - o quê?" Elena acrescentou em tom de alarme quando ele apertou ainda mais seu abraço, como se estivesse aflito.

"Ele não vai te pegar," disse Damon.

"Eu sei disso."

"Eu não estava gostando da idéia de alguém pegar você. Você está destinada a ser minha, você sabe."

"Damon, não. Eu já lhe disse. Por favor-"



"Quer dizer 'por favor, não me faça te machucar'? A verdade é que você não pode me machucar mais do que eu permito. Você só pode machucar a si mesma contra mim."

Elena poderia, pelo menos, manter a parte de cima de seu corpo afastada. "Damon, nós acabamos de fazer um acordo, fizemos planos. Agora, o que estamos fazendo, jogando tudo fora?"

"Não, mas eu pensei em outra maneira de lhe dar um grande – um super-herói – bem agora. Você estava dizendo que eu deveria tomar mais do seu sangue por um longo tempo."

"Ah... sim." Era verdade, mesmo que isso tivesse sido antes de ele ter admitido a ela as coisas terríveis que tinha feito. E...

"Damon, o que aconteceu com Matt na clareira? Fomos a todos os lugares à procura dele, mas não o encontramos. E você ficou feliz por isso."

Ele não se preocupou em negar. "No mundo real, eu estava com raiva dele, Elena. Ele parecia ser apenas outro rival. Parte da razão pela qual estamos aqui é para que eu possa lembrar exatamente o que aconteceu."

"Você machucou Matt, Damon? Porque agora você está me machucando."

"Sim." A voz de Damon estava leve e indiferente de repente, como se ele achasse isso divertido. "Eu suponho que o feri. Eu usei dor psíquica sobre ele, e isso já fez um monte de corações parar de bater. Mas o seu Mutt é forte. Eu gosto disso. Eu o fazia sofrer mais e mais, e mesmo assim ele ainda continuava a viver, porque ele tinha medo de deixá-la sozinha."

"Damon!" Elena empurrou-se mais para trás, apenas para descobrir que isso não era bom. Ele era muito, muito mais forte do que ela. "Como você pôde fazer isso com ele?"

"Eu te disse; ele era um rival." Damon riu de repente. "Você realmente não se lembra, não é? Eu o fiz se humilhar para você. Fiz ele comer terra, literalmente, por você."

"Damon - você está louco?"

"Não. Só agora estou encontrando a minha sanidade. Eu não preciso convencê-la de que você pertence a mim. Eu posso te levar."

"Não, Damon. Eu não serei sua princesa das trevas ou - ou qualquer outra coisa de você sem pedir. No máximo você terá um corpo morto para brincar."

"Talvez eu goste disso. Mas você se esquece; eu posso entrar em sua mente. E você ainda tem amigos - em casa, se preparando para o jantar ou para cama, como você espera. Não tem? Amigos com todos os seus membros; que nunca conheceram dor real."



Demorou muito tempo para Elena falar. Então ela disse baixinho, "Eu retiro cada coisa decente que eu já disse sobre você. Você é um monstro, você ouviu isso? Você é abominável." Sua voz mudou lentamente. "Eles estão fazendo você fazer isso, não estão?" disse ela, finalmente, sem rodeios. "Shinichi e Misao. Um pequeno espetáculo agradável para eles. Assim como te fizeram ferir Matt e a mim antes."

"Não, eu faço apenas o que eu quero." O que era aquele lampejo de vermelho que Elena viu em seus olhos? Uma breve chama de fogo... "Sabe como você é bonita quando você está chorando? Você está mais bonita do que nunca. O ouro em seus olhos parece subir à superfície e derramar em lágrimas de diamantes. Eu adoraria ter um escultor para fazer um busto de você chorando."

"Damon, eu sei que você não está realmente dizendo isso. Eu sei que a coisa que colocaram dentro de você é quem está dizendo isso."

"Elena, eu lhe garanto, sou apenas eu. Eu gostei muito quando eu o fiz machucá-la. Eu gostei de ouvir o jeito como você gritou. Eu o fiz rasgar sua roupa - eu tive que machucá-lo muito para levá-lo a fazer isso. Mas você não percebeu que sua camisola foi rasgada, e que você estava descalça? Tudo isso foi Mutt."

Elena forçou sua mente de volta para o momento em que ela estava prestes a saltar para fora da Ferrari. Sim, ali, e no momento depois ela estava com os pés descalços e descoberta, vestindo apenas uma camisola. Um pouco do tecido de seu jeans tinha sido deixado na beira da estrada, e na vegetação em volta. Mas nunca tinha ocorrido a ela saber o que tinha acontecido com suas botas e meias, ou como sua camisola tinha sido rasgada em tiras na parte de baixo. Ela simplesmente estava tão grata pela ajuda... de quem a tinha ferido em primeiro lugar.

Oh, Damon deve ter pensado que isso era irônico. De repente, ela percebeu que se estava pensando em Damon e não em seu manipulador. Não em Shinichi e Misao. Mas eles não eram a mesma pessoa, ela disse a si mesma. Eu tenho que me lembrar disso!

"Sim, eu gostei de fazê-lo te ferir, e eu gostei de te machucar. Eu o fiz me trazer uma vara de salgueiro, da espessura correta, e então chicotear você com ela. Você gostou disso, também, eu lhe prometo. Não se incomode de procurar as marcas porque elas se foram com as outras. Mas nós três estávamos gostando de ouvir seus gritos. Você... e eu... e Mutt, também. Na verdade, de todos nós, ele pode ter gostado mais?"

"Damon, cale-se! Eu não quero ouvi-lo falar sobre Matt dessa maneira!"

"Eu não iria deixá-lo te ver sem as suas roupas, no entanto," Damon confidenciou, como se não tivesse ouvido nem uma palavra. "Foi quando eu o - dispensei. Coloquei-a em outro globo de neve. Eu queria caçá-la enquanto você tentava fugir de mim, num mundo vazio do qual você nunca poderia sair. Eu queria ver esse olhar especial em seus olhos que você tem quando você luta com tudo o que você tem - e eu queria vê-lo derrotado. Você não é uma lutadora, Elena." Damon riu de repente, um som feio, e para terror de Elena seus braços a soltaram e ele deu um soco na parede do mirante.



“Damon...” Ela estava chorando agora.

“E então eu queria fazer *isso*.” Sem nenhum aviso, o punho de Damon forçou queixo para cima, empurrando a cabeça dela para trás. A outra mão emaranhou em seus cabelos, trazendo o pescoço dela para a posição exata que ele queria. E então Elena sentiu seu ataque, rápido como uma cobra, e sentiu as duas feridas rasgadas no lado do pescoço, e seu próprio sangue jorrando para fora delas.

Tempo depois, Elena acordou lentamente. Damon ainda estava se divertindo, claramente perdido na experiência de ter Elena Gilbert. E não houve tempo de fazer planos diferentes.

Seu corpo simplesmente assumiu por si só, assustando-a quase tanto quanto assustando Damon. Mesmo quando ele levantou a cabeça, a mão dela arrancou a chave mágica da casa para fora de seu dedo. Então ela agarrou, se virou, levantou os joelhos tão alto quanto pôde, e chutou para fora, enviando Damon contra a madeira velha e podre que formavam a grade de fora do mirante.



Capítulo 34



Um dia Elena caiu da sacada, e Stefan pulou e a pegou antes que ela batesse no chão. Uma queda humana dessa altura teria um impacto fatal. Um vampiro em plena posse de seus reflexos simplesmente giraria no ar como um gato e cairia de leve sobre os pés. Mas um vampiro nas circunstâncias particulares de Damon esta noite...

Pelo som, ele tentou girar, mas acabou caindo de lado e quebrando alguns ossos. Elena deduziu isso pelo palavrão que ele soltou. Ela não esperou para ouvir mais detalhes. Disparou como uma lebre, descendo ao quarto de Stefan - onde de imediato e quase inconscientemente enviou uma súplica muda - e desceu a escada. A cabana se transformara completamente numa duplicata perfeita do pensionato. Elena não sabia por que, mas por instinto correu para o lado da casa que Damon menos conhecia: as antigas dependências de empregados. Chegou até lá antes de se atrever a sussurrar coisas para a casa, pedindo e não exigindo, rezando para que a casa obedecesse como obedecera a Damon.

“Casa da tia Judith,” sussurrou ela, enfiando a chave numa porta; entrou como uma faca quente na manteiga e girou quase por vontade própria. Logo depois, de repente, ela se viu de novo no que foi sua casa por 16 anos, até sua primeira morte.

Ela estava no corredor, e a porta do quarto da irmã mais nova, Margaret, estava aberta, mostrando a criança deitada no chão do quarto, vendo de olhos arregalados um livro de colorir.

“Vamos brincar de pega-pega, meu amorzinho!” anunciou Elena como se fantasmas aparecessem todos os dias na casa dos Gilbert, e Margaret soubesse lidar com isso. “Você vai cor rendo até a casa da sua amiga Barbara, e depois ela vai se esconder. Não pare de correr até chegar lá, depois vá ver a mãe de Barbara. Mas primeiro me dê três beijos.” E ela levantou Margaret e a abraçou com força, quase a atirando porta afora em seguida.

“Mas Elena... Você voltou...”

“Eu sei, meu amor, e prometo que vejo você de novo outro dia. Mas agora... Corre, neném...”

“Eu disse a eles que você ia voltar. Você fez isso antes.”

“Margaret! Corre!”

Sufocando em lágrimas, mas talvez reconhecendo a seriedade da situação com seu jeito de criança, Margaret correu. E Elena a seguiu, mas ziguezagando por uma escada diferente da que pegou Margaret.



E ela se viu de frente para um Damon com um sorriso malicioso.

“Você demora demais falando com as pessoas,” disse ele, enquanto Elena contava freneticamente suas opções. Subir à sacada pela entrada? Não. Os ossos de Damon ainda podiam doer um pouco, mas se Elena pulasse um andar que fosse, provavelmente quebraria o pescoço. O que mais? Pense!

E então ela estava abrindo a porta do armário de porcelanas, ao mesmo tempo gritando, “Casa da tia Tilda: sem saber se a magia ainda funcionaria. E bateu a porta na cara de Damon.”

E Elena estava na casa da tia Tilda, mas a casa da tia Tilda do passado. Não admira que acusassem a pobre da tia Tilda de ver coisas estranhas, pensou Elena, enquanto via a mulher empalidecendo, segurando um grande vidro, cheio de algo que cheirava a cogumelos, gritando e largando o vidro.

“Elena!” gritou ela. “O que... Não pode ser você... Você está toda crescida!”

“Qual é o problema?” perguntou a tia Maggie, que era amiga da tia Tilda, vindo de outro cômodo. Ela era mais alta e mais severa do que a tia Tilda.

“Estão me perseguindo,” exclamou Elena. “Preciso achar uma porta, e se virem um rapaz atrás de mim...”

Justo nesse momento Damon saiu do armário de casacos. Ao mesmo tempo, tia Maggie o fez tropeçar e disse:

“A porta do banheiro atrás de você.” pegando um vaso e atingindo Damon na nuca quando ele se levantava. Bateu com força.

E Elena disparou pela porta do banheiro, gritando: “Robert E. Lee High School no outono passado - na hora em que a sineta tocou!”

E ela estava nadando contra a corrente, com dezenas de alunos tentando chegar a suas aulas a tempo - mas um deles a reconheceu, depois outro, e enquanto aparentemente ela conseguia viajar a uma época em que não estava morta - ninguém gritava “fantasma” - ninguém na Robert E. Lee via Elena Gilbert usando uma camisa de homem por cima de uma combinação, com o cabelo caindo desajeitado pelos ombros.

“É o figurino de uma peça!” gritou ela, criando uma das lendas imortais sobre si mesma antes até de ter morrido, ao acrescentar: “Casa de Caroline!” E entrou em um armário de vassouras. Um segundo depois, o rapaz mais lindo que qualquer um vira na vida apareceu atrás dela e passou pela mesma porta pronunciando alguma coisa numa língua estrangeira. E quando o armário de vassouras se abriu, não havia rapaz nem menina nenhuma ali.

Elena disparou pelo corredor e quase esbarrou no Sr. Forbes, que cambaleava muito. Bebia o que parecia ser um copo grande de suco de tomate que cheirava a álcool.



“Não sabemos onde ela vai parar, não é?” gritou ele antes que Elena pudesse dizer uma palavra que fosse. “Ela vai perder o juízo, pelo que sei. Ela está falando da cerimônia na sacada... E o jeito como se veste! Os pais não têm mais nenhum controle sobre os filhos!” Ele arriou junto a uma parede.

“Desculpe,” murmurou Elena. *A cerimônia.* Bom, as cerimônias de Magia Negra em geral aconteciam ao nascer da lua ou à meia-noite. E faltavam poucos minutos para a meia-noite. Mas naqueles instantes, Elena já havia bolado o Plano B.

“Com licença” disse ela, tirando o drinque da mão do Sr. Forbes e jogando na cara de Damon, que saiu de um armário. Depois ela gritou: “Algum lugar em que a espécie *deles* não possa ver!”

E entrou no...

Limbo?

Paraíso?



Algum lugar em que a espécie deles não possa ver. No início Elena se indagou sobre si, porque ela mesma não conseguia ver muita coisa.

Mas depois percebeu onde estava, debaixo da terra, abaixo da tumba vazia de Honoria Fell. Um dia, ela lutou aqui embaixo para salvar a vida de Stefan e Damon.

E agora, onde não devia haver nada a não ser escuridão, ratos e mofo, havia uma luzinha brilhante. Como uma Fada Sininho em miniatura - só uma centelha, pairava no ar, não a chamava, não se comunicava com ela, mas... protegia, percebeu Elena. Ela pegou a luz, que era intensa e fria em seus dedos, e, girando-a, traçou um círculo grande o bastante para um adulto se deitar em seu interior.

Quando Elena se virou, Damon estava sentado no meio.

Ele parecia estranhamente pálido para alguém que tinha acabado de se alimentar. Mas não disse nada, nem uma palavra, só a encarava. Elena foi até ele e tocou seu pescoço.

Um segundo depois, Damon estava novamente bebendo profundamente do sangue mais extraordinário do mundo.

Em geral, ele seria analisado pelo sabor: gosto de fruta silvestre ou de fruta tropical, suave ou defumado, amadeirado ou cercado de uma nota sedosa ... Mas não agora. Não *este* sangue, que ultrapassava em muito qualquer coisa para a



qual ele tivesse palavras. Este sangue que o enchia de um poder que ele jamais conheceu...

Damon .

Por que ele não ouvia? Como podia beber este sangue extraordinário que tinha gosto de algo do além, e por que não ouvia a doadora?

Por favor, Damon. Por favor, lute...

Ele devia reconhecer aquela voz. Ele a ouviu muitas vezes.

Sei que estão controlando você. Mas eles não podem controlar você inteiro. Você é mais forte do que eles. Você é o mais forte...

Bom, isso certamente era verdade. Mas ele ficava cada vez mais confuso. A doadora parecia estar infeliz e ele era mestre em fazer doadoras felizes. E Damon não se lembrava muito bem ... Realmente devia se lembrar de como isso tinha começado.

Damon, sou eu. Elena. E você está me machucando.

Tanta dor e tanto assombro. Desde o início, Elena sabia muito bem que não devia lutar quando bebiam de suas veias. Isso só causaria agonia, e não faria o menor bem a ela só impediria seu cérebro de trabalhar.

Então ela tentava fazê-lo combater a besta terrível dentro dele.

Ora, sim, mas a mudança tinha de vir de dentro. Se ela o obrigasse, Shinichi perceberia e o possuiria novamente. Além de tudo, o simples mote, *Damon, seja forte*, não estava dando certo.

Então só o que se podia fazer era morrer? Elena devia pelo menos lutar, embora soubesse que a força de Damon tornaria a luta inútil. A cada gole que tomava de seu novo sangue, Damon ficava mais forte; ele se transformava cada vez mais em...

Em quê? Era o sangue *dela*. Talvez ele respondesse a seu apelo, que também era o apelo dela. Talvez, em algum lugar lá dentro, ele pudesse derrotar o monstro sem que Shinichi percebesse.

Mas ela precisava de um novo poder, algum truque novo ...

E ao pensar nisso, Elena *sentiu* o novo Poder se movendo nela, e entendeu que sempre esteve ali, esperando pela ocasião certa para ser usado. Era um poder muito específico, não para ser usado na luta, nem para se salvar. Ainda assim, era dela e podia ser aproveitado. Os vampiros que a predavam só conseguiam alguns bocados, mas Elena tinha todo o suprimento de sangue cheio de seu enorme vigor. E apelar a ele era fácil como tentar alcançá-lo com a mente e as mãos abertas.

Assim que ela o fez, novas palavras vieram a seus lábios e, o mais estranho de tudo, novas asas brotaram de seu corpo, que Damon curvava acentuadamente



para trás pelos quadris. Essas asas etéreas não eram para voar, mas para outra coisa, e quando se desenrolaram lentamente formaram um arco imenso da cor do arco-íris cuja ponta se curvava, cercando e envolvendo Damon e Elena.

E ela disse telepaticamente: *Asas da Redenção*.

E por dentro, sem emitir som algum, Damon gritou.

E as asas se abriram um pouco. Só quem aprendeu muito sobre magia teria visto o que acontecia dentro delas. A angústia de Damon tornava-se a angústia de Elena enquanto ela tirava dele cada incidente doloroso, cada tragédia, cada crueldade que incitou a formação de camadas pétreas de indiferença e indelicadeza em torno de seu coração.

Camadas - duras como a pedra no coração de uma pequena estrela negra - se rompiam e dispersavam. Não paravam. Grandes nacos e pedregulhos fraturados, fragmentos espatifados. Alguns se dissolviam em nada mais do que uma nuvem de fumaça acre.

Mas havia algo no centro - um núcleo mais escuro do que o inferno e mais duro do que os chifres do demônio. Ela não conseguia ver bem o que havia ali. Ela pensou - teve esperança - de que no fim até aquilo explodisse.

Agora, e só agora, ela podia invocar o par seguinte de asas. Não sabia se sobreviveria ao primeiro ataque; certamente não achava que poderia sobreviver a este. Mas Damon precisava saber.

Damon estava sobre um joelho no chão, com os braços envolvendo firmemente o próprio corpo. Isso devia ser bom. Ele ainda era Damon e provavelmente estaria muito mais feliz sem o peso de todo aquele ódio, preconceito e crueldade. Ele não continuaria se lembrando de sua juventude e dos outros jovens que zombaram de seu pai por ser um velho tolo, com seus investimentos desastrosos e uma amante mais nova do que os próprios filhos. Nem se prenderia ele interminavelmente a sua infância, quando o pai o espancava em ataques de uma fúria bêbada quando Damon negligenciava os estudos ou andava em companhias questionáveis.

E por fim ele não continuaria a saborear e contemplar as mesmas coisas terríveis que fez a si mesmo. Ele fora redimido, em nome dos céus, pelas palavras colocadas na boca de Elena.

Mas agora... Havia algo de que ele precisa se lembrar. Se Elena tivesse razão.

Se ao menos ela tivesse razão.

“Que lugar é este? Está ferida, menina?”

Em sua confusão, ele não a reconhecia. Ele estava de joelhos; agora Elena se ajoelhou ao lado dele.

Ele a olhou com ardor.



“Estamos rezando ou fazendo amor? Estamos de vigília ou na casa dos Gonzalgo?”

“Damon,” disse ela, “sou eu, Elena. Agora estamos no século XXI, e você é um vampiro.” Depois, abraçando-o com gentileza, com o rosto encostado no dele, ela sussurrou: “*Asas da Lembrança*.”

E um par de asas de borboleta transparentes, nas cores violeta, cerúleo e azul meia-noite, brotaram de suas costas, pouco acima dos quadris. As asas eram decoradas com safiras e ametistas mínimas e translúcidas, num desenho intrincado. Com músculos que ela jamais usou na vida, ela as levou facilmente para cima e para frente, até que se curvassem de dentro para fora, e Damon foi abrigado dentro delas. Era como ser fechado numa caverna escura cravejada de joias.

Ela podia ver nas feições refinadas de Damon que ele não queria se lembrar de nada mais do que já recordava agora. Mas novas lembranças, memórias ligadas a ela, já se acumulavam dentro dele. Ele olhou o anel de lápis-lazúli que tinha no dedo, e Elena pôde ver lágrimas brotando em seus olhos. Depois, lentamente, o olhar dele se voltou para ela.

“Elena?”

“Sim.”

“Alguém me possuiu e me tirou as lembranças do tempo que passei possuído.” sussurrou ele. “Sim... Pelo menos, acho que sim.”

“E alguém a feriu.”

“Sim.”

“Eu jurei matá-lo ou fazer dele seu escravo mais de cem vezes. Ele *bateu em você*. Tirou seu sangue à força. Ele inventou histórias ridículas sobre machucar você de outras maneiras.”

“Damon. Sim, é verdade. Mas por favor...”

“Eu estava atrás dele. Se eu o encontrasse, podia tê-lo atropelado; podia ter arrancado seu coração ainda batendo do peito. Ou podia ter ensinado as lições mais dolorosas que ouvi... E eu ouvi muitas histórias... E no fim, com a boca ensanguentada, ele teria beijado seus pés, seria seu escravo até morrer.”

Isso não era bom para ele. Elena podia ver. Os olhos de Damon estavam cercados de branco, como os de um potro apavorado. “Damon, eu lhe *imploro*...”

“E aquele que machucou você... Fui eu.”

“Não se culpe. Você mesmo disse. Estava *possuído*.”

“Você teve tanto medo de mim que tirou a roupa para mim.”

Elena se lembrou da camisa Pendleton original.



“Eu não queria que você e Matt brigassem.”

“Você deixou que eu a sangrasse, contrariando sua própria vontade.”

Desta vez ela não conseguiu dizer nada a não ser um “Sim.”

“Eu... *Meu Deus!*... Usei meus Poderes para lhe provocar uma aflição horrível!”

“Se quer dizer um ataque que provoca dor e convulsões horrendas, sim. E você fez pior com Matt.”

Matt não estava no radar de Damon.

“E depois eu a raptei.”

“Você *tentou*.”

“E você pulou de um carro em alta velocidade em vez de se arriscar comigo.”

“Você estava jogando pesado, Damon. Eles lhe disseram para pegar pesado, talvez até para quebrar seus brinquedos.”

“E eu fiquei procurando por quem fez você pular do carro... Não conseguia me lembrar de nada antes daquilo. E eu jurei que arrancaria os olhos e a língua dele antes que ele morresse em agonia. Você não podia andar. Teve que usar uma muleta para atravessar o bosque e, justo quando a ajuda devia chegar, Shinichi a atraiu para uma armadilha. Ah, sim, eu o conheço. Você ficou vagando dentro do globo de neve dele... E ainda estaria vagando se eu não o tivesse quebrado.”

“Não” disse Elena em voz baixa. “Eu teria morrido há muito tempo. Você me encontrou quando eu estava quase asfixiada, lembra?”

“Sim.” Um momento de alegria intensa em seu rosto. Mas voltou o olhar vidrado e apavorado. “Eu fui o torturador, o perseguidor, aquele de quem você teve tanto medo. Eu a obriguei a fazer coisas com... com...”

“Matt.”

“Ah, Deus” disse ele, e era claramente uma invocação à deidade, não apenas uma exclamação, porque ele olhou para cima, erguendo as mãos cerradas para o céu. “Pensei que seria um herói para você. Em vez disso, *eu* sou a abominação. E agora? Por direito, eu já devia estar morto aos seus pés.” Ele fitou Elena com os olhos arregalados, animais e negros. Não havia humor neles, nenhum sarcasmo, nem hesitação. Ele parecia muito novo e bastante desvairado e desesperado. Se fosse uma pantera negra, teria andado pela jaula freneticamente, mordendo as grades.

Depois ele tombou a cabeça para beijar os pés descalços de Elena.

Elena ficou chocada.



“Sou seu para fazer o que quiser de mim.” disse ele na mesma voz atordoada. “Pode ordenar que eu morra agora mesmo. Depois de toda minha conversa sagaz, vejo que o monstro sou eu.”

E Damon chorou. Provavelmente nenhuma outra circunstância podia levar lágrimas aos olhos de Damon Salvatore. Mas ele ficou encurralado. Jamais quebrou sua palavra, e prometeu que ia arrebentar o monstro, aquele que fez tudo isso com Elena. O fato de que Damon estava possuído - no início um pouco, depois cada vez mais, até que toda sua mente era simplesmente mais um dos brinquedos de Shinichi, a ser usado e descartado a seu bel-prazer - não compensava seu crimes.

“Você sabe que eu... sou amaldiçoado.” disse ele, como se talvez nisso fosse um atalho para a reparação.

“Não, eu *não sei*,” disse Elena. “Porque não acredito isso.”

E Damon, pense em quantas vezes você os combateu. Sei que eles queriam que você matasse Caroline naquela primeira noite, quando você disse que sentiu algo no espelho dela. Você disse que quase a matou. Sei que eles queriam que você me matasse. Vai fazer isso?

Ele se curvou aos pés de Elena de novo, e ela apressadamente o pegou pelos ombros. Não suportava ver Damon com tanta dor.

Mas agora Damon olhava par cá e para lá, como se tivesse um propósito definido. Ele também girava o anel de lápis-lazúli.

“Damon... No que está pensando? Diga-me no que está pensando!”

“Que ele pode me escolher como sua marionete novamente ... E desta vez pode haver uma estaca de madeira *de verdade*. Shinichi... Ele é o monstro por trás de sua crença inocente. E ele pode me dominar num átimo. Nós vimos isso.”

“Ele não poderá, se você me deixar lhe dar um beijo.”

“O quê?” Damon a olhou como se ela não tivesse acompanhado a conversa corretamente.

“Deixe-me lhe dar um beijo... E tirar esse malach moribundo de dentro de você.”

“Moribundo?”

“Ele morre um pouco mais a cada vez que você recupera forças suficientes para dar as costas a ele.”

“É ... muito grande?”

“A essa altura, do seu tamanho.”

“Que bom.” sussurrou ele. “Eu só queria poder lutar com ele eu mesmo.”



“*Pour le sport?*” respondeu Elena, mostrando que seu verão na França no ano anterior não foi um completo desperdício. “Não. Porque eu o odeio mortalmente e preferia sofrer mil vezes sua dor, desde que eu soubesse que estava ferindo a coisa.”

Elena concluiu que não era hora de se demorar. Ele estava pronto.

“Vai me deixar fazer essa última coisa?”

“Eu já lhe disse ... O monstro que machucou você é agora seu escravo.”

Muito bem. Eles podiam discutir essa questão mais tarde. Elena se inclinou para frente e ergueu a cabeça com os lábios franzidos de leve.

Depois de alguns segundos, Damon, o Don Juan das trevas, entendeu o que ela queria.

Ele a beijou com muita gentileza, como se temesse fazer contato demais.

“Asas da Purificação” sussurrou Elena contra os lábios dele. As asas eram brancas como neve e pareciam renda, mal visíveis em alguns lugares. Arquearam-se acima de Elena, no alto, cintilando com uma iridescência que a lembrava do luar em teias de aranha congeladas. Envolveram mortal e vampiro numa teia feita de diamantes e pérolas.

“Isto vai doer em você.” disse Elena, sem entender como sabia. O conhecimento parecia vir no momento em que ela precisava dele. Era quase como estar num sonho em que grandes verdades são compreendidas sem a necessidade de aprendê-las, e são aceitas sem assombro.

E era assim que ela sabia que as *Asas da Purificação* procurariam e destruiriam qualquer coisa estranha dentro de Damon e que a sensação podia ser muito desagradável para ele. Quando o malach não pareceu sair por vontade própria, ela disse, incitada por sua voz interior:

“Tire a camisa. O malach está preso a sua coluna e está mais perto da pele de sua nuca, por onde entrou. Vou ter que arrancá-lo pela mão.”

“Preso a minha coluna?”

“Sim. Já sentiu? Acho que no início deve ter parecido uma picada de abelha, enquanto entrava em você, só um furo afiado e uma bolha de gelatina que grudou na sua coluna.”

“Ah. A picada de mosquito. Sim, eu senti. E mais tarde meu pescoço começou a doer, e por fim todo o meu corpo. A coisa estava ... crescendo dentro de mim?”

“Sim, e controlando cada vez mais seu sistema nervoso. Shinichi controlava você como uma marionete.”

“Meu bom Deus, eu lamento *tanto*.”



“Vamos fazer com que ele se lamente, e não você. Vai tirar a camisa?”

Em silêncio, como uma criança confiante, Damon tirou a jaqueta preta e a camisa. Depois, enquanto Elena o colocava na posição correta, ele se deitou atravessado em seu colo, as costas pálidas e com os músculos firmes contra o chão escuro.

“Desculpe,” disse ela. “Livrar-se dele desse jeito... Puxando pelo buraco por onde entrou... Vai doer *de verdade*.”

“Que bom.” grunhiu Damon. E ele enterrou o rosto em seus braços macios e musculosos.

Elena usou as almofadas dos dedos, tateando o alto da coluna de Damon, procurando o que queria. Um ponto mole. Uma bolha. Quando a encontrou, Elena a perfurou com as unhas até que o sangue de repente brotou.

Ela quase o perdeu ao tentar achatar, mas o estava perseguindo com as unhas afiadas - e demorava demais. Por fim ela teve de segura-lo com firmeza entre as unhas do polegar e de outros dois dedos.

O malach ainda estava vivo e consciente o bastante para resistir um pouco a Elena. Mas era como uma água-viva tentando resistir - só que a água-viva se parte quando a puxamos. Esta coisa escorregadia e pegajosa em forma de homem conservou sua forma à medida que ela o puxava lentamente pela brecha na pele de Damon.

E isso provocava dor em Damon. Elena sabia. Ela começou a tomar parte de sua dor para si, mas ele arfou, “*Não!*”, com tal veemência que ela decidiu deixar que ele suportasse sozinho.

O malach era muito maior e muito mais substancial do que ela havia imaginado. Deve ter crescido ali por um bom tempo, pensou ela - uma bolinha de gelatina que se expandiu até controlar Damon até a ponta dos dedos. Ela precisou se sentar, depois se afastar de Damon e depois voltar para que o malach estivesse no chão, uma caricatura branca, viscosa e filamentosa de corpo humano.

“Acabou?” Damon estava sem fôlego; e realmente doeu.

“Sim.”

Damon se levantou e olhou a coisa branca e flácida - que se retorcia um pouco - que o obrigara a perseguir a pessoa de quem ele mais gostava no mundo. Depois, deliberadamente, pisou nela, esmagando-a sob os calcanhares de suas botas até que ela se desfez em pedaços, em seguida pisoteou os fragmentos. Elena deduziu que ele não se atrevia a explodi-la com seu Poder por medo de alertar Shinichi.

Por fim, só o que restou foi uma mancha e um cheiro.

Elena não sabia por que se sentiu tonta naquele momento, mas estendeu a mão para Damon e ele a pegou, e os dois ficaram de joelhos, abraçados.



“Eu o libero de qualquer promessa que tenha feito... Enquanto estava na posse deste malach.” disse Elena. Isto era estratégico. Ela não queria liberá-lo da promessa de cuidar do irmão.

“Obrigado.” sussurrou Damon, o peso de sua cabeça no ombro de Elena.

“E agora,” disse Elena, como uma professora de jardim de infância que quer passar rapidamente a outra atividade. “Precisamos fazer planos. Mas planos ultrassecretos...”

“Temos que partilhar sangue. Mas Elena, quanto você doou hoje? Você está pálida.”

“Você disse que seria meu escravo... Agora não quer tirar um pouco do meu sangue.”

“Você disse que me liberou... Em vez disso vai me prender para sempre, não é? Mas há uma solução mais simples. Você toma um pouco do *meu* sangue.”

E no fim foi o que eles fizeram, embora Elena se sentisse um tanto culpada por isso, como se estivesse traindo Stefan. Damon se cortou com o mínimo de estardalhaço, depois começou a acontecer - eles estavam *partilhando* mentes, fundindo-se. Em um período de tempo muito mais curto do que levaria para pronunciar as frases em voz alta, acabou-se: Elena contou a Damon o que os amigos descobriram sobre a epidemia entre as meninas de Fell's Church, e Damon contou a Elena tudo o que sabia sobre Shinichi e Misao. Elena elaborou um plano para lidar com qualquer outra jovem possuída como Tami, e Damon prometeu tentar descobrir dos gêmeos kitsune onde Stefan estava.

E por fim, quando não havia mais nada a dizer e o sangue de Damon restaurava a cor fraca do rosto de Elena, eles combinaram quando se encontrariam novamente.

Na cerimônia.

Depois só havia Elena naquele ambiente, e um grande corvo batia suas asas na direção do antigo bosque.



Sentada no chão de pedra fria, Elena precisou de um momento para reunir tudo o que sabia. Não admirava que Damon parecesse tão esquizofrênico. Não admirava que ele tenha se lembrado, e depois esquecido, em seguida se lembrado de novo de que era dele que ela fugia.



Ele se lembrou, raciocinou Elena, quando Shinichi não o estava controlando, ou pelo menos o mantinha com rédeas soltas. Mas sua memória era irregular porque várias coisas que ele fez foram tão terríveis que sua própria mente as rejeitara. Elas se tornaram parte da memória possuída de Damon, porque, quando possuído, Shinichi controlava cada palavra, cada ato. E entre os episódios, Shinichi lhe dizia que ele precisava encontrar o torturador de Elena e matá-lo.

Tudo muito divertido, supôs ela, para este kitsune, esse Shinichi, mas para ela e Damon foi o inferno.

Sua mente se recusava a admitir que houve momentos maravilhosos misturados aos ruins. Ela era de Stefan e só dele. Isso jamais mudaria.

Agora Elena precisava de mais uma porta mágica e não sabia como encontrar. Mas havia a luz da Fada Sininho de novo. Ela imaginou ser o que restava da magia que Honoria Fell deixara para proteger a cidade que fundou. Elena se sentiu um pouco culpada, usando-a - mas se isso não era para ela, por que a trouxe aqui?

Para se submeter ao destino mais importante que ela podia imaginar.

Estendendo a mão para a centelha e segurando a chave na *outra*, ela sussurrou com toda intensidade:

“Um lugar onde eu possa ver, ouvir e tocar Stefan.”



Capítulo 35

Numa prisão, com montes de sujeira no chão e grades entre Elena e um Stefan adormecido.

Entre ela e *Stefan*!

Era realmente ele. Elena não sabia como podia saber. Sem dúvida eles podiam distorcer e mudar suas percepções neste lugar. Mas agora, talvez porque ninguém esperasse que ela desse num calabouço, ninguém estava preparado para fazer com que ela duvidasse de seus sentidos.

Era Stefan. Estava mais magro e as maçãs do rosto se pronunciavam. Ele estava lindo. E sua mente *parecia* certa, a mistura exata de honra e amor, escuridão e luz, esperança e compreensão melancólica do mundo em que ele vivia.

“Stefan! Ah, *me abraçe!*”

Ele acordou e quase se sentou.

“Pelo menos me deixe dormir. E enquanto eu durmo vá embora e coloque outra cara, sua vaca!”

“Stefan! Cuidado com a língua!”

Ela viu os músculos dos ombros de Stefan paralisarem.

“O que você... disse?”

“Stefan... *Sou eu mesma*. Não o culpo por xingar. Eu amaldiçoo este lugar todo e os dois que o colocaram aqui...”

“Três” - disse ele cansado, e tombou a cabeça. “Se fosse real, você saberia disso. Vá pedir a eles que lhe digam que meu irmão traidor e os amigos dele é que se aproximam sorrateiros das pessoas com redes kekkai...”

Agora Elena não podia esperar para discutir sobre Damon.

“Não pode pelo menos *olhar* para mim?”

Ela o viu se virar devagar, olhar lentamente, depois o viu saltar de um estrado feito de um feno de aparência nauseante, e o viu olhar para ela como se ela fosse um anjo caído do céu.

Depois ele deu as costas e pôs as mãos nas orelhas.

“Nada de pactos.” disse ele categoricamente. “Nem fale neles comigo. Vá embora. Você está se saindo melhor, mas ainda é um sonho.”



“Stefan!”

“Eu disse vá embora!”

Estavam perdendo tempo. E isso era tão cruel, depois do que ela passou só para falar com ele.

“Você me viu pela primeira vez na frente da secretaria da escola no dia em que levou seus documentos e persuadiu a secretária. Não precisou olhar para mim para saber como eu era. Uma vez eu te disse que me sentia uma assassina porque eu falei: ‘Papai, olha’ e aponteí algo do lado de fora, pouco antes do acidente de carro que matou meus pais. Eu nunca consegui lembrar o que era a coisa. A primeira palavra que aprendi quando voltei do além foi *Stefan*. Um dia, você olhou para mim pelo retrovisor do carro e disse que eu era sua alma...”

“Não pode parar de me torturar por uma hora? Elena... A verdadeira Elena... Seria inteligente demais para arriscar a própria vida vindo aqui.”

“E onde é ‘aqui?’” disse Elena incisivamente, assustada.

“Preciso saber se devo tirar você daí.”

Lentamente, Stefan destampou as orelhas. Ainda mais lentamente, ele se virou para ela.

“Elena?” disse ele, como um menino moribundo que viu um fantasma gentil em seu leito. “Você não é real. Não pode estar aqui.”

“Não acho que esteja. Shinichi fez uma casa mágica e ela leva você onde quiser, se você disser para onde quer ir e abrir a porta com esta chave. Eu disse: ‘Um lugar onde possa ouvir, ver e tocar Stefan?’ Mas,” ela baixou a cabeça, “você disse que *eu não posso* estar aqui. Talvez tudo não passe mesmo de uma ilusão.”

“Silêncio.” Agora Stefan agarrava as grades laterais de sua cela.

“Era aqui que queria ter vindo? Este é o *Shi no Shi*?”

Ele deu uma risadinha, não era um riso verdadeiro.

“Não é exatamente o que qualquer um de nós esperava, não acha? E no entanto eles não mentiram em nada do que disseram. Elena, Elena! Eu disse “Elena”. Elena, você está mesmo aqui!

Elena não podia mais perder tempo. Deu uns poucos passos estalando a palha úmida, espantando as criaturas dali, até as grades que a separavam de Stefan.

Depois voltou a cabeça para cima, segurando as grades nas duas mãos, e fechou os olhos.

Eu vou tocar em você. Eu o tocarei, vou tocar. Eu sou real, ele é real- eu vou tocá-lo!



Stefan se inclinou - para fazer a vontade dela, pensou Elena - e seus lábios quentes tocaram os dela.

Ela passou os braços pelas grades porque os dois estavam ajoelhados de fraqueza. Stefan ficou pasmo por ela tocá-lo, e Elena ficou aliviada e soluçava de alegria.

Mas... Não havia tempo.

Stefan, tome meu sangue *agora* ... Tome!

Ela procurou desesperadamente alguma coisa para se cortar.

Stefan podia precisar de suas forças e não importava o quanto Damon tenha retirado, Elena sempre teria o suficiente para Stefan. Se isso a matasse, ela teria o bastante. Ela agora estava feliz nesta catacumba porque Damon a convencera a tomar o sangue dele.

“Calma. Calma, meu amor. Se você fala a sério, posso morder seu pulso, mas...”

“Faça isso *agora*!” Elena Gilbert, a princesa de Fell's Church, ordenou. Ela até conseguiu reunir forças para se levantar. Stefan a olhou com certa culpa.

“*AGORA!*” insistiu Elena. Stefan mordeu seu pulso.

Era uma sensação estranha. Doeu um pouco mais do que quando ele perfurava a lateral de seu pescoço, como sempre fazia. Mas havia boas veias ali, ela sabia; Elena confiava que Stefan encontraria a maior, para que isso levasse o menor tempo possível. A urgência de Elena tornara-se a dele.

Mas quando ele tentou recuar, ela o segurou por uma mecha de cabelo ondulado e preto e disse:

“Mais, Stefan. Você precisa dele... Ah, eu sei disso, *e não te mos tempo para discutir.*”

A voz de comando. Meredith uma vez disse que quando ela falava desse jeito, podia liderar exércitos. Bom, ela podia precisar liderar exércitos para entrar neste lugar e salvá-la.

Vou conseguir um exército em algum lugar, pensou ela meio tonta.

A febre de sangue faminta que Stefan tivera - eles obviamente não o alimentavam desde que ela o vira pela última vez - esmorecia numa ingestão de sangue mais normal que ela conhecia. A mente de Stefan se fundia na dela. *Quando você diz que vai conseguir um exército, eu acredito em você. Mas é impossível. Ninguém jamais volta.*

Bom, você vai voltar. Eu vou levar você de volta.

Elena, Elena ...



Beba, disse ela, sentindo-se uma mãe italiana. O máximo que puder sem ficar nauseado.

Mas como ... Não, você me disse como chegou aqui. Era a verdade?

A verdade. Eu sempre lhe digo a verdade. Mas Stefan, como vou tirar você daqui?

Shinichi e Misao - você os conhece?

O bastante.

Cada um deles tem metade de um anel. Juntos, eles formam uma chave. Cada metade tem a forma de uma raposa correndo. Mas quem sabe onde eles podem ter escondido as metades? E como eu disse, só para entrar neste lugar, será preciso um exército ...

Vou achar as metades do anel de raposa. Vou uni-las. Vou conseguir um exército. Vou tirar você daí.

Elena, não posso continuar bebendo. Você vai desmaiar.

Eu não desmaio com facilidade. Continue, por favor. Mal acredito que é você ...

“Nada de beijar! Tome meu sangue!”

Sim, senhora! Mas Elena, é verdade, agora estou satisfeito. Mais do que satisfeito.

E amanhã?

“Ainda estarei satisfeito.” Stefan se afastou, um polegar nos pontos onde havia veias perfuradas. “É verdade, eu não posso, meu amor.”

“E no dia seguinte?”

“Vou conseguir.”

“Você vai... Porque eu trouxe isto. Abrace-me, Stefan.” disse ela, a voz mais branda. “Abrace-me pelas grades.”

Ele obedeceu, parecendo assombrado, e ela sibilou em seu ouvido.

“Aja como se me amasse. Afague meu cabelo. Diga coisas gentis.”

*“Elena, meu grande amor...” Ele ainda estava perto o bastante mentalmente para dizer por telepatia, *Agir como se eu a amasse?* Mas enquanto as mãos de Stefan afagavam Elena, apertavam-na e se emaranhavam em seu cabelo, as dela estavam ocupadas. Ela transferia para Stefan, por baixo das suas roupas, um frasco cheio de vinho Black Magic.*

“Mas onde conseguiu isso?” sussurrou Stefan, assombrado.



“A casa mágica tem tudo. Estive esperando por minha chance de dar a você, se você precisasse.

“Elena...”

“Que foi?”

Stefan parecia lutar com alguma coisa. Por fim, com os olhos baixos, ele sussurrou:

“Isso não é bom. Não posso me arriscar que você seja morta por uma impossibilidade. Me esqueça.

“Coloque o rosto nas grades.”

Ele olhou para ela, mas não fez mais perguntas, e obedeceu. Ela lhe deu um tapa na cara.

Não foi um tapa muito forte... Embora a mão de Elena doesse ao se chocar com o ferro do outro lado.

“Ora essa, *que vergonha!*” disse ela. E antes que ele pudesse dizer alguma coisa: “*Escute!*”

Era o latido de sabujos - longe, mas estavam se aproximando. “Estão atrás de você.” disse Stefan, de repente frenético. “Você precisa ir!”

Ela se limitou a olhá-lo com segurança. “Eu te amo, Stefan.”

“Eu te amo, Elena. Para sempre.”

“Eu... Ah, eu *sinto muito*.” Ela não conseguia ir; o problema era este. Como Caroline falando sem parar, mas sem sair do quarto de Stefan, ela podia ficar ali e conversar sobre aquilo, mas não conseguia fazer nada.

“Elena! Você *precisa* ir. Não quero você veja o que eles vão...”

“Eu vou matá-los!”

“Você não é assassina. Não sabe lutar, Elena... E você não devia ver isso. Por favor? Lembra que uma vez você me perguntou se eu gostaria de ver quantas vezes você me obrigaria a dizer "por favor"? Bom, agora cada uma conta por mil. Por favor? Por mim? Você vai embora?”

“Mas um beijo...” O coração de Elena batia como um passarinho frenético. “*Por favor!*”

Cega pelas lágrimas, Elena se virou e segurou a porta da cela. “Qualquer lugar fora da cerimônia, onde ninguém me verá!” - ela arfou e puxou a porta para o corredor, passando por ela.

Pelo menos vira Stefan, mas por quanto tempo isso evitaria que seu coração despedaçasse novamente ...



... Ah, meu Deus, estou *caindo*...

... Ela não sabia.



Elena percebeu que *estava mesmo* em algum lugar do lado de fora do pensionato - pelo menos a 25 metros de altura - e despencava rapidamente. Em pânico seu primeiro pensamento foi de que ia morrer, depois o instinto a dominou e ela estendeu os braços, chutando com pernas e pés, conseguindo deter a queda depois de 6 metros de agonia.

Perdi minhas asas para sempre, não foi?, pensou ela, concentrando-se em um único ponto entre as omoplatas. Ela sabia onde deviam estar - e nada aconteceu.

Depois, com cuidado, ela se aproximou aos poucos do tronco, parando só para mover para um ponto mais alto uma lagarta que dividia o galho com ela. E conseguiu encontrar um lugar onde podia se sentar de lado e chegar para trás. Era um galho alto demais para seu gosto.

Ela descobriu que podia olhar para baixo e ver a sacada com muita clareza, e que quanto mais olhava para qualquer coisa, mais clara era sua visão. A visão aguçada de vampiro, pensou Elena. Mostrava que ela estava se Transformando. Ou - sim, o céu aqui de algum modo ficava mais claro.

O que se revelava a ela era um pensionato escuro e vazio, o que era perturbador, por causa do que o pai de Caroline havia dito sobre a "reunião" e o que ela descobriu telepaticamente por Damon sobre os planos de Shinichi para a noite de Plenilúnio. Será possível que este não fosse o verdadeiro pensionato, mas outra armadilha?



"Conseguimos!" Bonnie exclamou ao se aproximarem da casa. Ela sabia que sua voz estava estridente, mais do que estridente, mas de algum modo a visão do pensionato iluminado, como uma árvore de Natal com uma estrela no alto, a reconfortava, mesmo que ela soubesse que estava tudo errado. Bonnie tinha vontade de chorar de alívio.



“Sim, conseguimos.” disse a voz grave da Dra. Alpert. “Todos nós. É Isobel quem precisa de mais tratamento, e o mais rápido possível. Theophilia, prepare suas panacéias; e alguém leve Isobel e lhe dê um banho.”

“Eu farei isso.” Bonnie disse numa voz trêmula, depois de uma breve hesitação. “Ela vai ficar tranquila como está agora, não é? Não é?”

“*Eu vou com Isobel.*” disse Matt. “Bonnie, você vai ajudar a Sra. Flowers. E antes de a gente entrar, quero deixar uma coisa bem clara: ninguém vai a lugar nenhum sozinho. Vamos todos andar em grupos de dois ou três.” Havia um tom de autoridade na voz dele.

“Faz sentido.” disse Meredith rispidamente, tomando lugar ao lado da médica. “É melhor ter cuidado, Matt; Isobel é a mais perigosa.”

Foi quando vozes altas e agudas foram ouvidas do lado de fora da casa. Pareciam duas ou três menininhas cantando.

"Isa-chan, Isa-chan,

Beba seu chá e coma seu flã."

“Tami? Tami Bryce?” perguntou Meredith, abrindo a porta enquanto a música recomeçava. Ela disparou para a frente, depois pegou a médica pela mão e a arrastou para o lado ao avançar de novo.

E sim, Bonnie viu, havia três figuras pequenas, uma de pijama e duas de camisola, e elas eram Tami Bryce, Kristin Dunstan e Ava Zarinski. Ava só tinha uns 11 anos, pensou Bonnie, e não morava perto nem de Tami, nem de Kristin. As três soltavam risos estridentes. Depois recomeçaram a cantar, e Matt foi atrás de Kristin.

“Socorro!” gritou Bonnie. De repente ela estava pendurada em um potro chucro que esperneava e escoiceava para todo lado. Isobel parecia ter enlouquecido e ficava mais louca a cada repetição da música.

“Eu a peguei.” disse Matt, fechando-se nela com um abraço de urso, mas nem os dois conseguiam manter Isobel parada.

“Vou dar outro sedativo a ela.” disse a Dra. Alpert, e Bonnie viu os olhares entre Matt e Meredith, olhares de desconfiança.

“Não... Não, deixe que a Sra. Flowers faça alguma coisa.” disse Bonnie desesperadamente, mas a agulha hipodérmica já estava quase no braço de Isobel.

“Não vai dar nada a ela.” disse Meredith categoricamente, deixando o disfarce de lado e, com um chute de bailarina, mandou a seringa pelos ares.



“Meredith! Qual é o seu problema?” exclamou a médica, segurando seu pulso.

“A questão é qual é o *seu* problema, doutora. Quem é você? Onde estamos? Este não pode ser o verdadeiro pensionato.”

“Obaasan! Sra. Flowers! Podem nos ajudar?” Bonnie ofegava, ainda tentando segurar Isobel.

“Vou tentar.” disse a Sra. Flowers, decidida, indo na direção de Bonnie.

“Não, eu quis dizer com a Dra. Alpert... E talvez Jim. A senhora sabe... conhece algum feitiço... para fazer com que as pessoas assumam sua verdadeira forma?”

“Oh!” disse Obaasan. “Nisso eu posso ajudar. Deixe-me descer, Jim, meu querido. Logo todos estaremos em nossas verdadeiras formas.”

Jayneela era uma segundanista de olhos grandes, sonhadores e escuros que em geral se perdiam num livro. Mas agora, enquanto a meia-noite se aproximava e a avó ainda não tinha ligado, ela fechou o livro e olhou para Ty. Tyrone parecia grande, feroz e mau durante o jogo, mas fora dele era o irmão mais velho mais gentil, mais legal e mais delicado que uma menina podia querer.

“Acha que a vovó está bem?”

“Hein?” Tyrone também estava com o nariz metido num livro, mas era um daqueles livros de entre-para-a-universidade-dos-seus-sonhos. Como estava indo para o último ano, ele precisava tomar algumas decisões sérias. “Claro que está.”

“Bom, vou dar uma olhada na garotinha, pelo menos.”

“Sabe de uma coisa, Jay?” Ele a futucou de brincadeira com o dedo do pé. “Você se preocupa demais.”

Logo ele estava perdido de novo no Capítulo Seis, ‘Como Aproveitar ao Máximo Seu Serviço Comunitário.’ Mas vieram gritos de cima. Gritos longos, altos e agudos - a voz da irmã. Ele largou o livro e correu.



“Obaasan?” disse Bonnie.

“Só um minuto, meu bem.” disse a vovó Saitou. Jim a baixara e agora ela o olhava bem de frente: olhava para cima, e ele para baixo. E havia algo muito estranho nisso.



Bonnie sentiu uma onda de puro terror. Será que Jim pode ter feito alguma maldade com Obaasan enquanto a carregava? É claro que podia. Por que ela não pensou nisso? E havia a médica com sua seringa, pronta para sedar qualquer um que ficasse ‘histérica’ demais. Bonnie olhou para Meredith, mas a amiga tentava lidar com duas menininhas que se retorciam e só conseguiu olhar de lado, desesperançada.

Muito bem, então, pensou Bonnie. Vou dar um chute onde mais vai doer nele e afastar a velha. Ela se virou para Obaasan e se sentiu paralisar.

“Só tenho que fazer uma coisinha...” disse Obaasan. E ela fez. Jim se curvava na altura da cintura, dobrado em dois para Obaasan, que estava na ponta dos pés. Eles se grudaram num beijo íntimo e profundo.

Ah, meu Deus!

Eles encontraram quatro pessoas no bosque - e supuseram que duas eram sãs e duas insanas. Como podiam saber quais eram insanas? Bom, se duas delas viram coisas que não existiam...

Mas a casa *estava* ali; Bonnie também podia ver. Estaria *ela* insana?

“Meredith, venha!” ela gritou. Perdendo inteiramente a coragem, ela começou a correr da casa, fugindo para o bosque.

Algo vindo do céu pegou Bonnie com a mesma facilidade que uma coruja pega um camundongo e a manteve em um aperto implacável.

“Vai a algum lugar?” A voz de Damon perguntou de cima dela enquanto ele planou por alguns metros até parar, com Bonnie metida sob um braço de aço.

“Damon!”

Os olhos de Damon estavam um tanto cerrados, como que para uma piada que só ele podia ver.

“Sim, o mal em pessoa. Diga alguma coisa, minha pequena fúria.”

Bonnie já se exaurira tentando fazer com que ele a soltasse, que nem conseguira rasgar as roupas dele.

“O quê?” rebateu ela. Possuído ou não, Damon a vira quando ela o invocou para salvá-la da insanidade de Caroline. Mas segundo o que Matt contou, ele tinha feito alguma coisa medonha com Elena.

“Por que as meninas adoram converter um pecador? Por que incitam neles qualquer atitude se eles sentem que reformaram vocês?”

Bonnie não sabia do que ele falava, mas podia imaginar.

“O que você fez com Elena?” perguntou ela com ferocidade.



“Dei o que ela queria, só isso.” disse Damon, os olhos escuros cintilando. “Há alguma coisa tão horrorosa nisso?”

Bonnie, assustada com aquele brilho nos olhos dele, nem tentou correr de novo. Sabia que era inútil. Ele era mais rápido e mais forte, e podia voar. De qualquer modo, ela vira no rosto dele uma espécie de falta de remorso distante. Não eram só Damon e Bonnie juntos ali. Eram o predador e a presa naturais.

E agora aqui estava ela, de volta a Jim e Obaasan - não, com um rapaz e uma menina que nunca vira antes. Bonnie chegou a tempo de ver a transformação. Ela viu o corpo de Jim se encolher e seu cabelo ficar preto, mas não foi isso que a impressionou. O impressionante foi que em todas as pontas, o cabelo não era preto, mas carmim. Era como se chamas lambessem das pontas para a escuridão. Os olhos eram dourados e sorridentes.

Ela viu o corpo velho de boneca de Obaasan tornar-se mais jovem, mais forte e mais alto. Aquela menina era linda; Bonnie teve de admitir. Tinha belos olhos oblíquos e um cabelo sedoso que ia quase até a cintura. Seu cabelo era como o do irmão - só que o vermelho era mais vivo, escarlate e não carmim. Usava um top de renda preto, transparente, que mostrava como seu corpo era delicado na parte superior. E, é claro, calças pretas de cós baixo para mostrar o mesmo embaixo. Calçava sandálias de salto alto pretas que pareciam caras, e as unhas dos pés estavam pintadas com um esmalte do mesmo vermelho vivo da ponta de seus cabelos. No cinto, em um círculo sinuoso, havia um chicote enroscado com um punho preto e escamoso.

A Dra. Alpert disse lentamente: “Minha neta...?”

“Eles não têm nada a ver com isso.” disse o rapaz de cabelo estranho de um jeito encantador e sorridente. “Se cuidarem da própria vida, não terá de se preocupar com eles nem um pouco.”



“Foi suicídio ou tentativa de suicídio... Ou coisa assim,” disse Tyrone ao policial, quase chorando. “Acho que era um cara chamado Jim. Ele era da minha escola no ano passado. Não, isso não tem nada a ver com drogas... Eu vim para cá para cuidar de minha irmã mais nova, Jayneela. Ela estava de babá... Olha, basta subir, está bem? Aquele cara mastigou a maioria dos dedos e quando eu entrei, ele disse: ‘eu sempre te amei, Elena.’ pegou um lápis e... Não, não sei se ele está vivo ou morto. Mas tem uma senhora idosa lá em cima e eu sei que *ela* está morta, porque não está respirando.”





“Mas quem diabos é você?” dizia Matt, olhando o menino estranho com beligerância. “Eu sou o...”

“...e que diabos está fazendo aqui?”

“Eu sou o diabo Shinichi.” disse o rapaz num tom mais alto, parecendo irritado por ser interrompido. Quando Matt se limitou a encará-lo, ele acrescentou num tom irritado, “Sou o kitsune... A raposa-homem, você diria... Que andou mexendo com sua cidade, idiota. Andei meio mundo para fazer isso e acho que você deve pelo menos me ouvir. E esta é minha linda irmã, Misao. Somos gêmeos.”

“Não ligo que sejam trigêmeos. Elena disse que alguém além de Damon estava por trás disso. E Stefan disse o mesmo antes de... O que você fez com Stefan? O que você fez com Elena?”

Enquanto os dois estranhos se eriçavam - quase literalmente no caso de Shinichi, uma vez que seu cabelo estava quase ereto nas pontas - Meredith trocou olhares com Bonnie, a Dra. Alpert e a Sra. Flowers. Depois olhou para Matt e se tocou de leve no peito. Era a única com força suficiente para lidar com ele, embora a Dra. Alpert assentisse rapidamente indicando que ajudaria.

E depois, enquanto os meninos gritavam cada vez mais alto, Misao ria no chão e Damon se encostava numa porta de olhos fechados, elas agiram. Sem sinal nenhum que as unisse, por instinto elas correram, em grupo, Meredith e a Dra. Alpert pegaram Matt, uma de cada lado e simplesmente o ergueram do chão, justo quando Isobel inesperadamente pulou em Shinichi dando um grito gutural. Elas não esperavam nada de Isobel, mas foi muito conveniente, pensou Bonnie ao saltar sobre obstáculos sem vê-los. Matt ainda gritava e tentava correr para o outro lado e desmentar alguma frustração primitiva em Shinichi, mas não conseguiu se libertar para fazer isso.

Bonnie mal acreditou quando elas deram no bosque de novo.

Até a Sra. Flowers conseguiu acompanhar, e a maioria ainda tinha as lanternas.

Era um milagre. Eles escaparam de Damon. A questão agora era ficar em silêncio e tentar atravessar o antigo bosque sem perturbar nada. Talvez eles encontrassem o caminho de volta ao verdadeiro pensionato, concluíram. Depois podiam pensar em como salvar Elena de Damon e os dois amigos. Até Matt enfim teve de admitir que era improvável que conseguissem vencer pela força as três criaturas sobrenaturais.

Bonnie só queria que conseguissem ter trazido Isobel.



“Bom, temos de ir para o verdadeiro pensionato, de qualquer forma.” disse Damon, enquanto Misao finalmente dominava Isobel, deixando-a semiconsciente. “É lá que Caroline estará.”

Misao parou de fuzilar Isobel com os olhos e pareceu meio sobressaltada.

“Caroline? Por que queremos Caroline?”

“Faz parte da diversão, não é?” disse Damon em seu tom de voz mais encantador e sedutor. Shinichi de imediato abandonou o ar de martirizado e sorriu.

“Essa menina... Não era ela que você estava usando como portadora?” Ele olhou maliciosamente para a irmã, cujo sorriso parecia meio tenso.

“Sim, mas...”

“Quanto mais, melhor.” disse Damon, mais encantador a cada minuto. Ele não pareceu perceber Shinichi sorrindo com malícia para Misao às costas dele.

“Não se aborreça, querida,” disse ele à irmã, beliscando seu queixo enquanto os olhos dourados faiscavam. “Nunca pus os olhos naquela garota. Mas é claro que se Damon diz que será divertido, é porque *será mesmo*.” O sorrisinho de malícia se transformou em um sorriso de triunfo.

“E há chance de alguma de elas realmente escaparem?” disse Damon, quase distraído, olhando a escuridão do antigo bosque. “Me dê algum crédito, por favor,” rebateu o kitsune. “Você é um amaldiçoado... Um vampiro, não é? *Você não* devia andar em bosques.”

“É meu território, junto com o cemitério...” Damon começava brandamente, mas desta vez Shinichi estava decidido a terminar primeiro.

“Eu *moro* no bosque.” disse ele. “Controlo os arbustos, as árvores... Trouxe uns experimentos meus. Vocês todos os verão muito em breve. E respondendo a sua pergunta, não, nenhum deles vai escapar.”

“Foi o que eu perguntei.” disse Damon, ainda com brandura, mas olhando fixamente os olhos dourados por mais um longo momento. Depois deu de ombros e se virou, olhando a lua que podia ser vista entre nuvens que rolavam no horizonte.

“Ainda temos muito tempo antes da cerimônia.” disse Shinichi, atrás dele. “Não há como nos atrasarmos.”

“É melhor que não.” murmurou Damon. “Caroline pode ser incrivelmente estridente e histérica quando as pessoas se atrasam.”

Na realidade, a lua subia alta no céu enquanto Caroline chegava no carro da mãe à varanda do pensionato. Ela usava um vestido de noite que parecia ter sido pintado em seu corpo com suas cores preferidas, bronze e verde. Shinichi olhou para Misao, que riu cobrindo a boca das mãos e baixou a cabeça.



Damon acompanhou Caroline na escada da varanda até a porta da frente e disse:

“Os melhores lugares estão por aqui.”

Houve algum espanto enquanto as pessoas eram selecionadas.

Damon falou animadamente com Kristin, Tami e Ava:

“Vocês três ficam na fila do amendoim. Isso quer dizer que vocês se sentam no chão. Mas, se forem boazinhas, da próxima vez vou deixar que se sentem conosco lá em cima.”

Os outros o seguiram reclamando um pouco, mas foi Caroline que ficou irritada, dizendo:

“Por que temos que *entrar*? Pensei que seria *lá fora*.”

“Os lugares mais próximos são mais arriscados.” disse Damon ríspidamente. “Podemos ter uma melhor visão lá de cima. Camarotes reais, vamos, agora.”



As raposas gêmeas e a menina humana o seguiram, acendendo as luzes na casa escura ao subir até a sacada que dava no telhado.

“E agora, onde eles estão?” perguntou Caroline, olhando para baixo.

“Chegarão a qualquer minuto.” disse Shinichi, com um olhar que era ao mesmo tempo confuso e reprovador, que significava: *Quem essa garota pensa que é?* Ele não declamou nenhuma poesia.

“E Elena? Ela também vai chegar?”

Shinichi não respondeu e Misao se limitou a rir. Mas Damon pôs os lábios perto da orelha de Caroline e sussurrou.

Depois disso, os olhos de Caroline brilharam, verdes como os de um gato. E o sorriso em seus lábios era o de um gato que tinha acabado de colocar a pata num canário.



Capítulo 36

Elena ficou esperando na árvore.

Na verdade aquilo não era tão diferente de seus seis meses no mundo espiritual, onde passava a maior parte do tempo observando os outros e esperando, e observando-os mais um pouco. Esses meses a fizeram desenvolver uma atenção paciente que teria assombrado qualquer um que conhecesse a velha e rebelde Elena.

É claro que a velha e rebelde Elena ainda estava dentro dela e, de vez em quando, se rebelava. Pelo que ela podia ver, nada acontecia no pensionato escuro. Só a lua parecia se mexer, esgueirando-se cada vez mais alto no céu.

Damon disse que aquele Shinichi tinha uma cisma de 4h44 da manhã ou da tarde, pensou ela. Talvez aquela Magia Nega funcionasse num horário diferente do que ela ouvira falar.

De qualquer modo, isso era por Stefan. E assim que ela pensou nisso, entendeu que esperaria ali por dias, se fosse necessário. Ela certamente podia esperar até o raiar do dia, quando nenhum Mago Negro que se desse ao respeito começaria uma cerimônia.

E, no final, o que ela esperava pousou bem abaixo de seus pés. Primeiro vieram as figuras, que pareciam sedadas, andando do antigo bosque para os caminhos de cascalho do pensionato. Não era difícil identificá-las, mesmo de longe. Uma era Damon, que tinha um *je ne sais quoi* que Elena não confundiria de maneira nenhuma - e havia sua aura, que era uma imitação muito boa de sua antiga aura: aquela massa ilegível e impenetrável de pedra preta. Uma imitação *muito* boa, na realidade. Era quase idêntica à outra...

Foi quando, percebeu Elena mais tarde, ela sentiu seu primeiro mal-estar.

Mas naquele momento ela estava tão absorta no que acontecia que afastou o pensamento desagradável. Aquele com a aura cinza escura com clarões carmim devia ser Shinichi, deduziu ela. E a outra figura com a mesma aura das meninas, uma cor de lama raiada de laranja, devia ser sua irmã gêmea, Misao.

Só esses dois, Shinichi e Misao, estavam de mãos dadas, e de vez em quando se afofavam - como Elena podia ver enquanto eles se aproximavam do pensionato. Eles certamente não agiam como irmãos, no entender de Elena.

Além disso, Damon trazia uma menina praticamente nua pendurava em seu ombro, e Elena não imaginava quem poderia ser.

Paciência, pensou ela consigo mesma. *Paciência*. Os protagonistas enfim estavam ali, como Damon prometera. E os coadjuvantes ...



Bom, primeiro, seguindo Damon e seu grupo havia três meninas pequenas. Ela reconheceu Tami Bryce de imediato, pela aura, mas as outras duas lhe eram estranhas. Elas saltitavam, pulavam, e *deram cambalhotas* do bosque para o pensionato, onde Damon lhes disse algo e todas foram se sentar na horta da Sra. Flowers, quase diretamente abaixo de Elena. Um olhar nas auras das meninas estranhas foi o bastante para identificá-las como outros bichinhos de estimação de Misao.

Depois, apareceu na rua um carro muito conhecido - pertencia à mãe de Caroline. A menina saiu dele e foi acompanhada ao pensionato por Damon, que fez alguma coisa com seu fardo. Mas Elena não conseguiu ver o que era.

Elena se alegrou ao ver luzes se acendendo à medida que Damon e os três convidados percorriam o pensionato, iluminando o caminho. Apareceram no último andar, parados em fila na sacada do telhado, olhando para baixo.

Damon estalou os dedos e as luzes do quintal se acenderam como se respondessem a uma deixa de um show.

Mas Elena só agora via os atores - as vítimas da cerimônia que estava prestes a começar. Eram conduzidos pelo canto extremo do pensionato. Podia ver todos eles: Matt, Meredith, Bonnie, e a Sra. Flowers e, estranhamente, a velha Dra. Alpert. O que Elena não entendia era por que eles não lutavam mais – Bonnie certamente fazia barulho suficiente por todos, mas eles agiam como se estivessem sendo empurrados contra a própria vontade.

Foi quando ela viu a escuridão assomando atrás deles. Sombras escuras e imensas, sem feições que ela pudesse identificar.

Foi nesse momento que Elena percebeu, mesmo com a gritaria de Bonnie, que se ficasse imóvel por dentro e se concentrasse muito, podia ouvir o que todos diziam na sacada. E a voz estridente de Misao superava as demais.

“Ah, que sorte! Pegamos todos de volta.” guinchou ela, e beijou o rosto do irmão, apesar do breve olhar de irritação dele.

“É claro que sim. Eu te disse.” ele começava, quando Misao gritou mais uma vez.

“Mas por qual deles vamos começar?” Ela deu um beijo no irmão e ele afagou seu cabelo, amolecendo.

“Você escolhe o primeiro.” disse ele.

“Você, meu amor.” arrulhou Misao sem o menor pudor.

Esses dois, pensou Elena, são mesmo sedutores. Gêmeos, é?

“A baixinha barulhenta.” disse Shinichi com firmeza, apontando para Bonnie. “*Urusei*, pirralha! Cale-se!” ele acrescentou enquanto Bonnie era empurrada ou carregada pelas sombras. Agora Elena podia vê-la com mais clareza.



E ela pôde ouvir as súplicas de partir o coração que Bonnie enviava para Damon não fazer aquilo... *com os outros*.

“Não estou pedindo por mim,” gritava ela, enquanto era arrastada para a luz. “Mas a Dra. Alpert é uma boa mulher; ela não tem nada a ver com isso. Nem a Sra. Flowers. E Meredith e Matt já sofreram o bastante. *Por favor!*”

Houve um coro furioso dos outros, que aparentemente tentavam lutar e eram dominados. Mas a voz de Matt se elevou acima das outras.

“Toque um dedo nela, Salvatore, e é melhor tratar de me matar também!”

O coração de Elena saltou ao ouvir a voz de Matt, tão forte e bem. Ela enfim o viu, mas não conseguia pensar numa maneira de salvá-lo.

“E temos que decidir primeiro o que vamos fazer com eles.” disse Misao, batendo palmas como uma criança feliz na festa de aniversário.

“Você escolhe.” Shinichi acariciou o cabelo da irmã e cochichou no ouvido dela. Ela se virou e lhe deu um beijo na boca. E não teve pressa nenhuma.

“O que... O que está havendo?” disse Caroline. Ela nunca foi tímida, aquela ali, pensou Elena. Agora avançava para se grudar na mão livre de Shinichi.

Por um instante, Elena pensou que ele a atiraria da sacada e a veria mergulhar no chão. Depois Shinichi se virou, e ele e Misao se olharam.

E então ele riu.

“Desculpe, desculpe, é tão difícil quando você é a vida da festa.” disse ele. “Bem, o que acha, Carolyn ... Caroline?”

Caroline o encarava.

“Por que ela está agarrada desse jeito com você?”

“No *Shi no Shi*, as irmãs são preciosas.” disse Shinichi. “E... Bom, eu não a vejo há algum tempo. Estamos nos reencontrando.” Mas o beijo que ele plantou na mão de Misao não era nada fraterno. “Vamos.” acrescentou ele rapidamente a Caroline. “Escolha o primeiro ato do Festival do Plenilúnio! O que vamos fazer com ela?”

Caroline começou a imitar Misao, beijando o rosto e a orelha de Shinichi.

“Sou nova aqui.” disse ela num tom sedutor. “Não sei realmente o que quer que eu escolha.”

“A tola Caroline, naturalmente, como di...” de repente Shinichi foi sufocado por um grande abraço e um beijo da irmã.

Caroline, que obviamente queria a atenção preferencial, mesmo que não entendesse do assunto, disse, melindrada:



“Bom, se não vai me contar, não posso escolher. E aliás, cadê a Elena? Não a vejo em lugar nenhum!” Ela parecia prestes a dizer mais alguma coisa quando Damon deslizou e cochichou em seu ouvido. Depois ela sorriu novamente, e os dois olharam os pinheiros que cercavam o pensionato.

Foi quando Elena teve seu segundo mal-estar. Mas Misao estava falando e isso exigia toda a sua atenção.

“Que sorte! Então eu vou escolher.” Misao inclinou-se para a frente, espiando pela beira do telhado para os humanos embaixo, os olhos escuros arregalados, pensando nas possibilidades, no que parecia ser uma clareira árida. Ela era tão delicada, tão graciosa ao se levantar para andar e pensar; sua pele era tão clara e o cabelo muito sedoso e escuro que nem Elena conseguia tirar os olhos dela.

Então o rosto de Misao se iluminou e ela falou:

“Deite-a no altar. Trouxe algum de *seus* híbridos?”

Isso não foi bem uma pergunta, mas uma exclamação animada. “Meus experimentos? Mas é claro, querida. Eu te disse isso também.” respondeu Shinichi e acrescentou, olhando o bosque. “Dois de vocês... Er, homens... E os antigos fiéis!” E ele estalou os dedos. Houve vários minutos de confusão durante os quais os humanos em volta de Bonnie eram golpeados, chutados, atirados no chão, pisoteados e esmagados enquanto lutavam com as sombras. E depois as coisas que antes se arrastaram para a frente, agora se arrastaram mais com Bonnie presa entre eles, pendendo flácida pelos braços magros.

Os híbridos eram meio homens e meio árvores, com todas as folhas arrancadas. Se foram *criados*, pareciam ter sido feitos especificamente para serem grotescos e assimétricos. Um deles tinha o braço esquerdo torto e no doso que chegava quase aos pés, e o braço direito era grosso, com mais volume na altura da cintura.

Eles eram horrendos. A pele parecia a superfície quitinosa dos insetos, porém com mais calombos, com nós, cavidades e todos os aspectos exteriores da casca dos galhos. Eles tinham uma aparência áspera e inacabada em certos lugares.

Eram apavorantes. O jeito como os membros se torciam; como andavam, arrastando-se como macacos, como os corpos terminavam no alto com caricaturas de rostos humanos como árvores, encimados por um emaranhado de galhos mais finos que se projetavam em ângulos díspares - pareciam criaturas de um pesadelo.

E estavam despidos. Não tinham nada parecido com uma roupa para disfarçar as deformidades medonhas dos corpos.

Então Elena percebeu que sabia o que significava o terror, enquanto os dois malach carregavam uma Bonnie flácida para uma espécie de toco áspero de árvore que servia de altar, deitando-a e arrancando as muitas camadas de suas roupas, desajeitados, puxando-as com dedos de varetas que se quebravam com



estalos enquanto os tecidos se rasgavam. Eles não pareciam se importar com os dedos quebrados - desde que realizassem a tarefa.

Eles usaram pedaços de tecido rasgado, de forma ainda mais canhestra, para amarrar Bonnie, com as pernas e os braços, a quatro postes nodosos arrancados de seus próprios corpos e martelados no chão em volta do tronco com quatro golpes poderosos da criatura de braço grosso.

Enquanto isso, de algum lugar ainda mais distante nas sombras, um terceiro homem-árvore avançou. E Elena viu que este, inegável e inconfundivelmente, era do sexo masculino.

Por um momento Elena se preocupou que Damon pudesse perder o controle, enlouquecer, virar-se e atacar as raposas, revelando agora sua verdadeira aliança. Mas os sentimentos de Damon por Bonnie obviamente mudaram desde que ele a salvara de Caroline. Ele parecia inteiramente relaxado ao lado de Shinichi e Misao, sentado e sorridente, e até disse alguma coisa que os fez rir.

De repente algo dentro de Elena pareceu afundar. Isto não era um mal-estar. Era um completo terror. Damon nunca parecera tão natural, tão sintonizado, tão *feliz* com alguém como ficava com Shinichi e Misao. Eles não podiam tê-lo mudado, ela tentou se convencer. Eles *não podem* ter possuído Damon de novo com tanta rapidez, não sem que ela, Elena, soubesse disso ...

Mas quando você lhe mostrou a verdade, ele ficou angustiado, sussurrou o coração de Elena. Desesperadamente angustiado - angustiadamente desesperado. Ele podia procurar a posseção como um alcoólatra procura uma garrafa, querendo apenas o esquecimento. Se ela conhecia Damon, ele convidou as trevas de volta.

Ele não conseguiu suportar a luz, pensou Elena. E agora ele conseguia rir até do sofrimento de Bonnie.

E como ficava Elena? Com Damon passando para o outro lado, não era mais um aliado, mas um inimigo? Elena começou a tremer de raiva e ódio - sim, e de medo também, enquanto refletia sobre sua situação.

Totalmente só para lutar contra três dos inimigos mais fortes que podia imaginar, e seu exército de assassinos deformados e sem consciência? Para não falar de Caroline, a líder da torcida por maldade?

Como que para corroborar seus temores, como que para mostrar como suas chances eram pequenas, a árvore em que ela estava de repente pareceu soltá-la e, por um momento, Elena achou que ia cair, girando e gritando, até o chão. Os apoios de suas mãos e pés pareceram desaparecer a um só tempo e ela só se salvou por ter escalado frenética e dolorosamente pelas agulhas de pinheiro serrilhadas que subiam pela casaca sulcada e escura.

Agora você é minha garota humana, minha querida, o cheiro resinoso e forte parecia dizer a ela. E você está até o pescoço dos Poderes dos mortos-vivos e da feitiçaria. Por que lutar? Você perdeu antes mesmo de começar. Desista agora e não vai doer tanto.



Se uma *pessoa* estivesse dizendo isso a ela, tentando convencê-la, as palavras podiam ter incitado alguma faísca de desafio no cerne do caráter de Elena. Mas em vez disso, só houve uma sensação que a dominou, uma aura de condenação, uma consciência da inutilidade de sua causa e da inadequação de suas armas, que pareciam cair sobre ela com a suavidade e a irrevogabilidade de uma névoa.

Ela encostou a cabeça que latejava no tronco da árvore. Nunca se sentiu tão fraca, tão impotente - nem tão só, não desde que foi uma vampira recém-criada. Ela queria Stefan. Mas Stefan não conseguiu derrotar aqueles três e por isso ela não o vira de novo.

Alguma novidade acontecia no telhado, percebeu ela, fraca.

Damon olhava para Bonnie no altar e sua expressão era petulante. O rosto branco de Bonnie fitava o céu noturno com determinação, como se ela se recusasse a chorar ou implorar mais do que já fizera.

"Mas... Todos os *hors d'oeuvres* são tão previsíveis?" perguntou Damon, parecendo genuinamente entediado.

Seu cretino, você entregou sua melhor amiga por diversão, pensou Elena. Bom, espere só. Mas ela sabia que a verdade era que, sem ele, ela não poderia colocar em prática o Plano A, muito menos lutar contra esses kitsunes, essas raposas.

"Você me disse que no *Shi no Shi* eu veria atos de originalidade autêntica." continuava Damon. "Donzelas hipnotizadas se cortando..."

Elena ignorou as palavras dele. Concentrou toda sua energia na dor que pulsava no meio do peito. Parecia que estava retirando sangue de seus menores capilares, dos recantos mais distantes do corpo, e reunindo-os ali, no meio.

A mente humana é infinita, pensou ela. É tão estranha e infinita quanto o universo. E a alma humana ...

As três possuídas mais novas começaram a dançar em volta de Bonnie, esta amarrada, e cantavam numa voz falsamente doce de menininha:

"Você vai *morrer* aqui,

Quando você morrer *aqui*, lá *fora* vão atirar *terra* na sua cara!"

Que encantador, pensou Elena. Depois elas se viraram para o drama que se desenrolava no telhado. O que ela viu a sobressaltou. Meredith agora estava na sacada, movendo-se como se estivesse embaixo d'água - em transe. Elena não vira como a amiga chegou lá - foi por alguma magia? Misao estava de frente para Meredith, rindo. Damon também ria, mas de incredulidade e zombaria.



“E espera que eu acredite que se eu desse uma tesoura a *esta* menina...” disse ele “ela realmente se cortaria...”

“Experimente e veja por si mesmo.” interrompeu Shinichi, com um de seus gestos lânguidos. Ele estava encostado na cúpula no meio da sacada, ainda tentando parecer mais relaxado que Damon. “Não vê nossa premiada, Isobel? *Você* a trouxe aqui... Ela nem tentou falar?”

Damon estendeu a mão.

“Tesoura.” disse ele, e uma tesoura de unha pousou na palma da sua mão. Parecia que, desde que Damon tinha a chave mágica de Shinichi, o campo de magia em volta deles continuaria obedecendo a ele mesmo no mundo real. Ele riu. “Não, tesoura de gente grande, para jardinagem. A língua é feita de músculos fortes, e não de papel.”

O que ele tinha na mão agora era uma podadeira grande - sem dúvida não era brinquedo de criança. Ele a levantou, sentindo o peso. E depois, para completo choque de Elena, olhou diretamente para ela em seu refúgio na copa da árvore, sem precisar procurar - e piscou.

Elena só conseguiu olhar, apavorada.

Ele sabia, pensou ela. Ele sabia onde eu estava o tempo todo. *Foi sobre isso que ele cochichou a Caroline.*

Não deu certo - as *Asas da Redenção* não deram certo, pensou Elena, e parecia que ela ia cair para sempre. Eu devia ter percebido que não adiantaria nada. Não importa o que fizeram com ele, Damon sempre será Damon, e agora está me propondo uma decisão: ver minhas duas melhores amigas torturadas e mortas, ou avançar um passo e parar aquele horror, concordando com os termos dele.

O que ela podia fazer?

Ele tinha arrumado as peças de xadrez com inteligência, pensou Elena. Os peões em dois níveis diferentes, para que mesmo que Elena de algum modo descesse para tentar salvar Bonnie, Meredith estaria perdida. Bonnie estava amarrada a quatro postes fortes e era protegida pelos homens-árvore. Meredith estava mais perto, no telhado, mas para tirá-la de lá Elena teria de *chegar* a ela e passar por Misao, Shinichi, Caroline e o próprio Damon.

E Elena precisava tomar uma decisão. Ou avançava agora, ou seria empurrada pela angústia de uma das duas pessoas que quase faziam parte dela.

Elena pareceu pegar um fio tênue de telepatia de Damon, ali, que dizia: *Esta é a melhor noite da minha vida.*

Você pode simplesmente pular, veio mais uma vez o sussurro de aniquilação hipnótico como se fosse neblina. *Acabe com este beco sem saída. Acabe com seu sofrimento. Acabe com toda dor . Basta fazer isso.*



“Agora é a minha vez.” dizia Caroline, roçando nos gêmeos ao passar por eles para ficar de frente para Meredith. “Eu é que devia escolher primeiro mesmo. Então agora é a minha vez.”

Misao ria histericamente, mas Meredith já avançava um passo, ainda em transe.

“Ah, faça como quiser.” disse Damon. Mas ele não se mexeu, ainda olhando com curiosidade, enquanto Caroline dizia a Meredith:

“Você sempre teve a língua de uma víbora. Por que não a retalha para a gente... Aqui e agora? Antes que eu a corte em pedaços.”

Meredith estendeu a mão sem dizer nada, como um autômato. Ainda de olho em Damon, Elena respirou lentamente. Seu peito parecia entrar em espasmos como aconteceu quando as plantas sanguessugas se enrolaram nela e lhe tiraram a respiração. Mas nem as sensações de seu corpo poderiam impedi-la.

Como vou decidir?, pensou ela. Bonnie e Meredith - eu amo as duas.

E não havia mais nada a fazer, percebeu ela entorpecida, a sensibilidade escapando de suas mãos e dos lábios. Nem sei se Damon pode salvá-las, mesmo que eu concorde em... me submeter a ele. Aqueles outros - Shinichi, Misao, até Caroline – eles querem ver sangue. E Shinichi não só controla as árvores, como quase tudo no antigo bosque, inclusive aqueles Homens-árvore monstruosos. Talvez desta vez Damon tenha se superado, dando um passo maior do que as pernas. Ele queria a mim - mas foi longe demais para conseguir. Não vejo uma saída para isso.

E então ela viu. De repente tudo se encaixou e ficou brilhantemente claro.

Ela *entendeu*.

Elena olhou para Bonnie, quase em estado de choque. Bonnie a olhava também. Mas não havia expectativa de resgate no pequeno rosto triangular. Bonnie já aceitara seu destino: a agonia e a morte.

Não, pensou Elena, sem saber se Bonnie podia ouvi-la. *Acredite*, pensou ela para Bonnie.

Não cegamente, nunca. Mas acredite no que lhe diz sua mente; é a verdade, e o que seu coração lhe diz é o caminho certo. Eu nunca abandonaria você - nem Meredith.

Eu acredito, pensou Elena, e sua alma foi tocada pela força desse pensamento. Ela sentiu um impulso súbito dentro de si e sabia que era hora de soltar. Uma palavra soava em sua mente enquanto ela se levantava e tirava as mãos da árvore. E essa única palavra ecoou em sua mente enquanto ela mergulhava de cabeça de seu poleiro na árvore, a 20 metros do chão.

Acredite.



Capítulo 37



a queda, tudo disparava pela mente de Elena.

A primeira vez em que vira Stefan... Ela era uma pessoa diferente na época. Fria por fora, louca por dentro - ou seria o contrário? Ainda triste com a morte dos pais há tantos anos. Cansada do mundo e de tudo que tivesse ligação com meninos... Uma princesa numa torre de gelo... Com o desejo exclusivo de conquistar, de ter poder... Até que ela o viu.

Acredite.

Depois o mundo dos vampiros... E Damon. E toda a loucura malvada que descobriu dentro de si, toda a paixão. Stefan era seu esteio, mas Damon era ferocidade pura por trás de suas asas. Por mais longe que ela fosse, Damon parecia seduzi-la a ir um pouco além. E ela sabia que um dia ficaria longe demais... Para os dois. Mas por ora, o que Elena precisava fazer era simples.

Acredite.

E Meredith, Bonnie e Matt. Ela mudou a relação com eles, ah, mais definitivamente. No início, sem saber o que tinha feito para merecer amigos como aqueles três, ela nem se incomodou em tratá-los como mereciam. E, no entanto todos ficaram ao seu lado. E agora ela *sabia* valorizar os amigos - sabia que, se fosse necessário, morreria por eles.

Embaixo, os olhos de Bonnie seguiam seu mergulho. A platéia na sacada olhou também, mas era o rosto de Bonnie que Elena via: Bonnie assustada, apavorada e sem esperanças, prestes a gritar e perceber ao mesmo tempo em que gritar não salvaria Elena de um mergulho de cabeça para a morte.

Bonnie acredite em mim. Eu vou salvar você. Eu lembro como voar.



Capítulo 38

Bonnie sabia que ia morrer.

Teve uma premonição clara pouco minutos antes de que essas *coisas* - as árvores que se moviam como humanos, com seus rostos horrendos e os braços grossos e nodosos - cercaram o pequeno grupo de humanos no antigo bosque. Ela ouviu o uivo de um cão selvagem, virou-se e teve o vislumbre de um deles desaparecendo no brilho de sua lanterna. Os cães tinham uma longa história na família de Bonnie: quando um deles uivava, a morte viria em breve para alguém.

Ela deduziu então que seria a dela.

Mas não disse nada, nem quando a Dra. Alpert falou: "O que em nome *de Deus* foi *isso?*" Bonnie tentava juntar coragem. Meredith e Matt eram corajosos. Era algo intrínseco a eles, uma capacidade de continuar lutando quando qualquer pessoa sã fugiria e se esconderia. Os dois colocavam o *bem do grupo* acima do deles. E é claro que a Dra. Alpert era corajosa, para não falar que era forte, e a Sra. Flowers parecia ter decidido que era sua tarefa especial cuidar dos adolescentes.

Bonnie queria mostrar que podia ser corajosa também. Estava tentando manter a cabeça erguida e escutar coisas nos arbustos, enquanto, ao mesmo tempo, escutava com os sentidos paranormais, procurando por algum sinal de Elena. Era difícil distinguir os dois tipos de audição. Havia muito a ouvir com os ouvidos reais; todo tipo de risadinhas baixas e cochichos dos arbustos que não deviam estar ali. Mas de Elena não havia um som, nem mesmo quando Bonnie chamou seu nome sem parar: *Elena, Elena, Elena!*

Ela é humana de novo, Bonnie percebeu, por fim, com tristeza. Não pode me ouvir, nem fazer contato. De todas nós, ela foi a única que não escapou por milagre.

E foi quando o primeiro dos homens-árvore assomou na frente do grupo que os procuravam. Como algo saído de um pesadelo de histórias infantis, era uma árvore e depois - de repente - era uma *coisa*, os galhos superiores unindo-se e formando braços compridos, e todos gritavam e tentavam se afastar.

Bonnie jamais se esqueceria de como Matt e Meredith tentaram ajudá-la a fugir.

O homem-árvore não era rápido, mas quando eles se viraram e correram, descobriram que havia outro atrás deles. E mais à direita e à esquerda. Eles estavam cercados.

Depois, como gado, como escravos, eles foram conduzidos.



Qualquer um que tentasse resistir às árvores apanhava e era algemado por galhos duros de espinhos afiados e em seguida, com um galho fino em volta do pescoço, era *arrastado*.

Eles foram apanhados - mas não foram mortos. Estavam sendo levados a algum lugar. Não era difícil entender o porquê: na realidade Bonnie podia imaginar todo um monte de razões diferentes. Era só uma questão de escolher o mais assustador.

No fim, depois do que pareceram horas de caminhada forçada, Bonnie começou a reconhecer coisas. Estavam voltando ao pensionato. Ou melhor, estavam indo ao *verdadeiro* pensionato pela primeira vez. O carro de Caroline estava ali na frente. A casa estava novamente toda iluminada, com exceção de algumas janelas escuras aqui e ali.

E quem os capturara esperava por eles.

E agora, depois de sua crise de choro e súplicas, Bonnie tentava ser corajosa mais uma vez.

Quando aquele rapaz de cabelo estranho disse que seria a primeira, ela entendeu exatamente o que ele quis dizer, e como ia morrer - e de repente perdeu toda a coragem. Mas não ia gritar de novo.

Bonnie podia ver a sacada e as figuras sinistras, mas Damon *riu* quando os homens-árvore começaram a tirar suas roupas. Agora ele *ria*, enquanto Meredith segurava a tesoura de jardinagem. Ela não ia implorar a ele mais uma vez, não quando não faria diferença nenhuma.

E agora ela estava de costas, com os braços e as pernas amarrados e, portanto, indefesa, com as roupas em farrapos. Queria que a matassem primeiro, assim não teria de ver Meredith cortar a própria língua em pedaços.

Assim que sentiu o último grito de fúria subir por dentro como uma cobra escalando um tronco, ela viu Elena no alto, em um pinheiro branco.



“*Asas do Vento.*” sussurrou Elena, enquanto o chão chegava rapidamente a ela. Muito rapidamente.

As asas se desenrolaram de imediato, de algum lugar por dentro do corpo de Elena. Não eram reais, tinham cerca de dez metros de envergadura e eram feitas de uma teia dourada, de uma cor que ia do âmbar mais escuro nas costas ao citrino claro e etéreo nas pontas. Eram quase imóveis, mal se levantavam e caíam,



mas a ergueram, com o vento fustigando por baixo, e a levaram exatamente para onde ela precisava ir.

Não para Bonnie. Era o que todos esperariam. De sua altura em que estava, ela só podia agarrar Bonnie, mas não tinha ideia de como cortar as amarras que a prendiam ou se poderia subir novamente.

Elena se desviou então para a sacada no último minuto, arrebatou a podadeira da mão erguida de Meredith, depois pegou um punhado do cabelo longo, sedoso, preto e escarlate. Misao gritou. *E depois ...*

Foi *então* que Elena realmente precisou acreditar. Até aquele momento ela só havia planado, não voado. Mas agora precisava subir; precisava que as asas *trabalhassem* ... E mais uma vez, embora não houvesse tempo, ela estava com Stefan, sentindo...

... a primeira vez em que o beijou. Outras meninas podiam ter esperado o contrário, que o rapaz tomasse a incitativa, mas Elena não. Além disso, no começo Stefan achava que todo beijo servia para seduzir a presa...

... a primeira vez em que *ele* a beijou, entendendo que não era uma relação predatória...

E agora ela precisava *realmente voar*... Eu sei que posso...

Mas Misao era tão pesada - e a memória de Elena lhe faltava.

As grandes asas douradas tremeram e ficaram imóveis. Shinichi tentava subir numa trepadeira para alcançá-la e Damon mantinha Meredith imóvel.

E, tarde demais, Elena percebeu que não ia dar certo.

Estava sozinha e não conseguia voar como pretendia. Não contra tantos assim.

Ela estava só, e a dor que a fez querer gritar era lancinante em suas costas. Misao de algum modo ficava mais pesada, e logo ela seria pesada demais para as asas trêmulas de Elena.

Ela estava só e, como os outros humanos, ia morrer...

E então, e meio à agonia que provocava um leve suor por seu corpo, ela ouviu a voz de Stefan.

“Elena! Solte! Caia que eu pego você!”

Que estranho, pensou Elena, como se estivesse num sonho. O amor e o pânico de Stefan tinham distorcido sua voz de algum modo – tornando-a um tanto diferente. Deixando-a quase como a de...

“Elena! Estou *com* você!”

... a de Damon.



Arrancada de seu sonho, Elena olhou embaixo. E lá estava Damon, passando protetoramente diante de Meredith, olhando para ela, de braços estendidos.

Ele estava com ela.

“Meredith,” continuou ele, “menina, não é hora de sonambulismo! Sua amiga precisa de você! *Elena* precisa de você!”

Lentamente, desnorreada, Meredith olhou para cima. E Elena viu a vida e o ânimo voltando a seus olhos concentrados no tremor das grandes asas douradas.

“Elena!” gritou ela. “Eu estou com você! Elena!”

Como Meredith sabia que era para dizer isso? A resposta era que Meredith sempre sabia o que dizer.

E agora era outra voz que gritava: a de Matt.

“Elena!” gritou ele, como uma aclamação. “Estou com você, Elena!”

E a voz grave da Dra. Alpert:

“Elena! Eu estou com você, Elena!”

E a Sra. Flowers, surpreendentemente forte: “Elena! Eu estou com você, Elena!”

E até a pobre Bonnie:

“Elena! *Estamos com você, Elena!*”

E no fundo do coração de Elena, o verdadeiro Stefan sussurrava: “Eu estou com você, meu anjo.”

“Estamos todos com você, Elena!”

Ela não largou Misao. Era como se as grandes asas douradas tivessem apanhado uma corrente ascendente; na realidade, quase a levaram direto para cima, descontroladas - mas de algum modo Elena conseguiu se manter estável. Ela olhou para baixo e viu as lágrimas que escorriam de seus olhos caírem nos braços estendidos de Damon. Elena não sabia por que chorava, mas em parte era tristeza por ter duvidado dele.

Porque Damon não estava só ao lado dela. A não ser que ela estivesse enganada, ele estava disposto a morrer por ela - cortejava a morte por ela. Ele se atirou nas trepadeiras emaranhadas, estendendo a mão para Meredith e Elena.

Foi preciso um segundo para segurar Misao, mas Shinichi já estava pulando para Elena, na forma de raposa, os lábios repuxados, pretendendo rasgar seu pescoço. Não era uma raposa comum. Shinichi era quase do tamanho de um lobo - certamente do porte de um cachorro grande - e tão cruel quanto um wolwerine.



Enquanto isso toda a sacada explodiu num tumulto de trepadeiras e gavinhas fibrosas, e Shinichi estava sendo *erguido* por elas. Elena não sabia para onde se esquivar. Precisava de tempo e de uma saída desimpedida.

Só o que Caroline fazia era gritar.

E então Elena viu sua abertura. Uma brecha nas trepadeiras em que ela se atirou, sabendo que ia se lançar também por cima da grade, e de algum modo ainda segurando Misao pelos cabelos. Na verdade, deve ter sido uma experiência extremamente dolorosa para a kitsune fêmea, que balançava de um lado para outro como um pêndulo abaixo de Elena.

A única coisa que Elena conseguiu enxergar por sobre o ombro foi Damon, ainda mais rápido do que qualquer coisa que Elena já vira. Ele tinha Meredith nos braços e a passava por uma brecha que levava à porta da cúpula. Assim que ela entrou, pareceu descer ao chão e correu para o altar onde Bonnie esta deitada, só para bater em um dos homens-árvore. Por um momento, enquanto Damon olhava para Elena, seus olhares se encontraram e uma faísca foi produzida. Aquele olhar fez Elena formigar.

Depois ela voltou a se concentrar: Caroline gritava de novo; Misao usava seu chicote para tentar pegar a perna de Elena e apelava aos homens-árvore para levantá-la. Elena precisava voar mais alto. Ela não fazia ideia de como controlava suas asas de teia dourada, mas nada parecia se enredar nelas; e obedeciam ao mais leve capricho, como se Elena tivesse nascido com elas. O grande truque era não pensar em *como* chegar a um lugar, simplesmente imaginar estar lá.

Por outro lado, os homens-árvore cresciam. Era como um pesadelo infantil com gigantes, e no início fez Elena sentir que era ela quem encolhia. Mas a altura das criaturas horrendas agora passava da casa, e seus galhos superiores, como serpentes, batiam em suas pernas enquanto Misao tentava golpeá-la com seu chicote. Os jeans de Elena estavam em farrapos. Ela reprimiu um grito de dor.

Tenho de voar mais alto. Eu consigo.

Vou salvar vocês todos. Eu acredito.

Mais rápido do que o mergulho de um colibri, ela disparou para o ar de novo, ainda segurando Misao pelos cabelos pretos e vermelhos. E a kitsune gritava, e seus gritos ecoavam na luta de Damon e Shinichi.

E então, como Elena e Damon planejaram, exatamente como Elena e Damon *esperavam*, Misao assumiu sua verdadeira forma enquanto Elena segurava pela pelagem da nuca uma raposa grande e pesada, que se retorcia.

Houve um momento de dificuldade enquanto Elena tentava recuperar o equilíbrio. Ela precisou se lembrar de que havia mais peso nas costas, porque Misao tinha seis caudas e era mais pesada do que uma raposa.

Mas Elena voltou a seu poleiro na árvore e ficou ali, capaz de ver a cena abaixo, os homens-árvore lentos demais para acompanhá-la. O plano deu certo, a



não ser por Damon, justo ele, que tinha se esquecido do que devia estar fazendo. Longe de voltar a ficar possuído, ele enganara completamente Shinichi e Misao - e ludibriara Elena também. Agora, de acordo com o plano dos dois, ele deveria estar cuidando de todos os espectadores inocentes, deixando Elena seduzir Shinichi.

Em vez disso, algo dentro dele pareceu ter estalado; e ele estava batendo metodicamente a cabeça de Shinichi, na forma humana e gritando:

“Maldito... seja! Onde... está meu... *irmão?*”

“Eu... podia te matar... agora.” gritou Shinichi, mas estava sem fôlego. Ele não achava Damon um adversário fácil.

“Pois mate!” retorquiu Damon de pronto. “E ela...” apontando para Elena empoleirada, “cortará a garganta de sua irmã!”

O desdém de Shinichi era mordaz.

“Espera que eu acredite que uma menina com uma aura *dessas* seja capaz de matar...”

Chega uma hora em que é preciso resistir. E para Elena, ardendo de provocação e glória, esta era a hora. Ela respirou fundo, pediu perdão ao universo e se curvou, posicionando a podadeira. Depois a fechou com a maior força que pôde.

E uma cauda de raposa preta com ponta vermelha caiu se retorcendo no chão, enquanto Misao gritava de dor e raiva. A cauda caiu se contorcendo e ficou no meio da clareira, contraindo-se como uma cobra que ainda não estava derrotada. Depois ficou transparente e desapareceu.

Foi quando Shinichi gritou de verdade.

“Sabe o que você fez, sua vaca ignorante? Vou fazer esse lugar desabar em cima de você! Vou deixá-la em pedaços!”

“Ah, sim, é claro que vai. Mas primeiro,” Damon pronunciava cada palavra deliberadamente, “precisa passar por mim.”

Elena mal registrou as palavras dos dois. Não foi fácil para ela fechar aquela tesoura de poda. Significou pensar em Meredith com a podadeira nas próprias mãos, em Bonnie deitada no altar e em Matt, antes, se contorcendo no chão. E na Sra. Flowers, e nas três meninas transviadas, e em Isobel e – principalmente – em Stefan.

Mas como na primeira vez na vida em que tirava o sangue de outra pessoa com as próprias mãos, ela teve um senso de responsabilidade súbito e estranho - de um novo *dever*. Como se um vento gelado tivesse soprado seu cabelo para trás e lhe dissesse no rosto ofegante e congelado: *Jamais sem um motivo. Jamais sem necessidade. Jamais, a não ser que não haja outra solução.*

Elena de repente sentiu algo crescer por dentro. Rápido demais para dizer adeus à infância, ela se tornou uma guerreira.



”Todos vocês pensavam que eu não podia lutar,” disse ela ao grupo reunido. “Estavam errados. Pensavam que eu não tinha Poder. Também estavam errados. E vou usar a última gota do meu Poder nesta luta, porque vocês, gêmeos, são verdadeiros monstros. Não, são... abominações. E se eu morrer, vou descansar com Honoria Fell e vou cuidar de Fell's Church.”

Fell's Church vai apodrecer e morrer se contorcendo com seus vermes, disse uma voz perto de sua orelha, e era uma voz grave, nada parecida com o grito estridente de Misao. Ao se virar, Elena sabia que era o pinheiro branco. Um ramo duro e escamoso, cheio de agulhas serreadas e pegajosas de resina, bateu em seu diafragma, tirando seu equilíbrio - e fazendo com que involuntariamente abrisse as mãos. Misao prontamente escapou e se escondeu nos galhos da árvore de Natal.

“Árvores... más... vão... para o... *Inferno*.” gritou Elena, atirando todo o peso do corpo na podadeira que segurava na base do galho que tentara esmagá-la. O galho tentou se afastar e ela torceu a tesoura na casca escura e ferida, soltando a pressão quando caiu um pedaço grande, restando apenas um único filete de resina para mostrar onde estivera.

Depois ela procurou por Misao. A raposa via que não era tão fácil se deslocar por uma árvore. Elena olhou o grupo de caudas. Estranhamente, não havia coto, nem sangue, nenhum sinal de que a raposa fora ferida.

Era por isso que ela não se tornava humana? A perda de uma cauda? Mesmo que ela estivesse nua quando voltasse à forma humana - como contavam algumas histórias de lobisomens - ela estaria em melhores condições de descer.

Misao parecia finalmente ter preferido o método lento mas seguro de descida - galho após galho segurando seu corpo de raposa, descendo ao galho seguinte. O que significava que ela só estava a 3 metros de Elena.

E só o que Elena tinha de fazer era deslizar pelas agulhas abaixo e depois - com as asas ou por outros meios - parar. Se ela acreditasse em suas asas. Se a árvore não a atirasse para fora.

“Você é lenta demais.” gritou Elena. Depois começou a deslizar para vencer a distância... não muito grande, nas dimensões humanas... a seu objetivo.

Até que viu Bonnie.

O corpo leve de Bonnie ainda estava deitado no altar, pálido e parecendo frio. Mas agora *quatro* dos horrendos homens-árvore a seguravam, um em cada mão e em cada pé. Eles já a estavam puxando com tanta força que ela era erguida no ar.

E Bonnie estava consciente. Mas não gritava. Não fazia um ruído para atrair a atenção para si; e com uma onda de amor, pavor e desespero Elena percebeu que foi por *isso* que antes ela não fez nenhum estardalhaço. Ela queria que os protagonistas ali lutassem sem se incomodar em resgatá-la.



Os homens-árvore se inclinaram para trás. O rosto de Bonnie se contorcia de agonia.

Elena *precisava* alcançar Misao. *Precisava* da chave dupla de raposa para libertar Stefan, e as únicas pessoas que podiam dizer a ela onde a chave estava eram Misao e Shinichi. Ela olhou a escuridão no alto e percebeu que parecia um pouco menos densa do que quando vira pela última vez, o céu parecia cinza-escuro, e não preto - mas não havia ajuda nenhuma ali. Ela olhou para baixo e viu Misao aumentando um pouco a velocidade de sua fuga. Se Elena a deixasse escapar... Stefan era o amor de sua vida. Mas Bonnie - Bonnie era sua amiga - desde a infância...

E ela viu o Plano B.

Damon lutava com Shinichi - ou tentava lutar.

Mas Shinichi estava sempre a um centímetro de distância do punho de Damon. Os punhos de Shinichi, por outro lado, sempre acertavam o alvo, e agora o rosto de Damon era uma máscara de sangue.

“*Use madeira!*” Misao orientava aos gritos, as maneiras de criança de repente desapareceram. “Vocês, homens, seus *idiotas*, acham que tudo se resolve nos *punhos!*”

Shinichi quebrou um pilar de suporte da sacada com uma só mão, mostrando sua verdadeira força. Damon sorriu beatificamente. Elena sabia que ele estava gostando daquilo, mesmo levando em consideração as muitas feridas pequenas que aquelas lascas de madeira provocariam.

Foi no meio disso que Elena gritou:

“Damon, olhe para baixo!” Sua voz parecia fraca com a cacofonia de guinchos, choros e gritos de fúria. “Damon! Olhe para baixo... Para *Bonnie!*”

Nada tão distante parecia ser capaz de romper a concentração de Damon - ele parecia decidido a descobrir onde estava Stefan, ou matar Shinichi de tanto tentar.

Mas naquele momento, para ligeira surpresa de Elena, a cabeça de Damon se virou de repente e de imediato. Ele olhou para baixo. “Uma jaula,” gritou Shinichi. “Construam uma jaula.”

E três galhos se inclinaram de todos os lados para prender Damon e Shinichi em seu pequeno mundo, formando um engradado que os contivesse.

Os homens-árvore se inclinavam ainda mais para trás. E, contra sua vontade, Bonnie gritou.

“Está vendo?” Shinichi riu. “Cada um de seus amigos morrerá nessa agonia, ou pior. Um por um, vamos chegar a você!”



Foi quando Damon realmente pareceu enlouquecer. Ele começou a se mover como mercúrio, como uma chama, aos saltos, como um animal de reflexos muito mais velozes do que os de Shinichi. Agora havia uma espada em sua mão, sem dúvida conjurada pela chave mágica, e a espada retalhava os galhos que se estendiam para prendê-lo. Depois ele estava no ar, saltando sobre a grade pela segunda vez naquela noite.

Desta vez o equilíbrio de Damon foi perfeito e, em vez de ter ossos quebrados, ele conseguiu um pouso gracioso e felino bem ao lado de Bonnie. E sua espada faiscava em um arco, varrendo tudo em volta da menina, cortando as pontas duras como dedos dos galhos que a mantinham presa.

Um segundo depois, Bonnie estava sendo erguida, segurada por Damon que saltava com facilidade do altar improvisado e se perdia nas sombras perto da casa.

Elena soltou a respiração e voltou a cuidar de seus problemas.

Mas seu coração bateu mais forte e mais rápido, de alegria, orgulho e gratidão, enquanto ela descia deslizando pelas agulhas afiadas e dolorosas e quase passou em disparada por Misao, que tentava escapar.

Ela conseguiu segurar firme a raposa pela nuca. Misao soltou um estranho lamento animal e cravou os dentes na mão de Elena com tanta força que parecia que iam se encontrar. Elena mordeu o lábio até sentir o sangue vir, tentando não gritar.

Que seja esmagada, e morra, e vire pó, disse a árvore no ouvido de Elena. *Sua espécie pode alimentar a minha dessa vez.* A voz era antiga, malévola e muito, muito assustadora.

As pernas de Elena reagiram sem parar para consultar sua mente. Fizeram força para cima e as asas douradas de borboleta se abriram de novo, sem bater, mas ondulando, mantendo Elena parada acima do altar.

Ela puxou o focinho da raposa que rosnava até o próprio rosto, mas não perto demais.

“Onde estão as duas partes da chave de raposa?” perguntou ela. “Diga ou cortarei outro rabo. Eu *juro* que farei isso. Não se iluda... Não é só seu orgulho que está perdendo, não é? Suas caudas são seu Poder. Como seria não ter nenhuma delas?”

“Como ser humana... a não ser por *você*, aberração.” Agora Misao ria de novo como um cão ofegante, as orelhas de raposa achatadas na cabeça.

“Responda à pergunta!”

“Até parece que você poderia entender as respostas que eu daria. Se eu lhe contasse que uma metade está dentro do instrumento de prata do rouxinol, isso lhe daria alguma ideia?”



“Poderia, se você explicasse melhor!”

“Se eu lhe dissesse que uma está enterrada no salão de baile de Blodwedd, você poderia encontrá-la?” De novo o riso ofegante, enquanto a raposa dava pistas que não levavam a lugar nenhum, ou levavam a toda parte.

“São estas as respostas?”

“*Não!*” Misao guinchou de repente e chutou com as patas, como se fosse um cachorro cavando a terra. Só que a terra era o diafragma de Elena, e as patas pareciam poder penetrar suas entranhas. Ela sentiu a combinação se rasgar.

“Estou lhe dizendo; não estou de brincadeira!” gritou Elena. Ela ergueu a raposa com o braço esquerdo, embora sentisse dor. Com a mão direita, posicionou a tesoura de poda.

“Onde está a primeira parte da chave?”

“Procure sozinha! Você só tem o mundo todo e cada moita para olhar.” A raposa partiu para seu pescoço de novo, os dentes brancos marcando a carne de Elena.

Elena forçou o braço a segurar Misao mais alto.

“Não diga que não avisei ou que tem algum motivo para reclamar!”

Ela fechou a podadeira.

Misao soltou um grito que quase se perdeu na comoção geral.

Elena, sentindo um cansaço cada vez maior, disse:

“Você é uma completa mentirosa, não é? Olhe para baixo, se quiser. Eu não cortei nada de você. Você só ouviu a tesoura estalar e gritou.”

Misao meteu com muita habilidade uma pata no olho de Elena. Ah, bom. Agora, para Elena, não havia mais questões morais ou éticas. Ela não estava provocando a dor, estava simplesmente drenando Poder. A tesoura batia num *snap*, *snap*, *snap* e Misao gritava e a xingava, mas abaixo delas os homens-árvore encolhiam.

“*Onde está a primeira parte da chave?*”

“Solte-me e eu direi.” A voz de Misao era menos estridente de repente.

“Por sua honra ... Se puder dizer isso sem rir?”

“Por minha honra e minha palavra de kitsune. Por favor! Não pode deixar uma raposa sem uma cauda de verdade! É por isso que as que você cortou não doeram. Elas são distintivos de honra. Mas minha verdadeira cauda está no meio, tem a ponta branca e, se cortá-la, verá sangue e deixará um coto.” Misao parecia completamente acovardada, pronta para cooperar.



Elena sabia avaliar as pessoas e confiava em sua intuição, e sua mente e seu coração lhe diziam para não confiar nesta criatura. Mas ela queria tanto acreditar, ter esperanças...

Fazendo uma descida curva e lenta para que a raposa ficasse perto do chão - ela não cederia à tentação de largá-la a 20 metros de altura - Elena disse:

“E então? Por sua honra, quais são as respostas?”

Seis homens-árvore ganharam vida em volta delas e investiram com dedos de galhos ávidos e gananciosos para Elena.

Mas Elena não estava inteiramente de guarda baixa. Não soltou Misao; só afrouxou um pouco. Então voltou a segurá-la com firmeza mais uma vez.

Uma onda de força a fez subir rapidamente pela sacada, até um furioso Shinichi e uma chorosa Caroline. Depois Elena olhou nos olhos de Damon. Estavam cheios de um orgulho quente e feroz, por ela. Ela estava cheia de uma paixão quente e feroz.

“Não sou um anjo.” anunciou ela a qualquer um do grupo que ainda não tivesse entendido isso. “Não sou um anjo e não sou espírito. Sou Elena Gilbert e estive do Outro Lado. E agora estou disposta a fazer o que precisa ser feito, e parece incluir acabar com alguns de vocês!”

Houve um clamor abaixo que no início ela não conseguiu identificar. Depois percebeu que eram os outros - seus amigos. A Sra. Flowers e a Dra. Alpert, Matt e até a enlouquecida Isobel. Eles estavam torcendo - e eram visíveis porque de repente o quintal estava à luz do dia.

Estou mesmo fazendo isso?, perguntou-se Elena, e percebeu que de algum modo estava. Ela iluminava a clareira em que ficava a casa da Sra. Flowers, enquanto deixava o bosque no escuro.

Talvez eu possa estender a luz, pensou ela. Tornar o antigo bosque mais novo e menos cruel.

Se ela fosse mais experiente, jamais teria tentado isso. Mas ali, naquele momento, sentia que podia se arriscar a qualquer coisa. Elena olhou rapidamente para os quatro lados do antigo bosque e gritou: *“Asas da Purificação!”* e viu as asas de borboleta imensas, encanecidas e iridescentes se abrirem altas e largas, e ainda mais largas, e depois se espalharem ainda mais.

Ela estava ciente do silêncio, de estar tão arrebatada pelo que fazia que nem a luta de Misao importava. Era um silêncio que a lembrava de uma coisa: de todas as mais belas músicas se reunindo num único acorde poderoso.

E o Poder explodiu dela - não o Poder destrutivo que Damon enviou tantas vezes, mas um Poder de renovação, de primavera, de amor, juventude e purificação. E Elena viu a luz se espalhar cada vez mais, as árvores ficarem menores e mais familiares, com mais clareiras entre as moitas. As trepadeiras rasgadas e penden-



tes desapareceram. No chão, espalhando-se como um círculo em expansão, brotavam flores de todas as cores, lindas violetas em grumos aqui e moitas de cenouras silvestres ali, e rosas silvestres por todo lado. Era tão lindo que seu peito doeu.

Misao sibilou. O transe de Elena finalmente foi rompido e ela olhou ao redor, vendo que os homens-árvore horrendos tinham desaparecido na luz do sol e em seu lugar havia um trecho largo e marrom-avermelhado, pontilhado de árvores fossilizadas e formas estranhas. Algumas pareciam quase humanas. Por um momento, Elena olhou o cenário, confusa, percebendo o que estava diferente. Todos os humanos de verdade tinham sumido.

“Eu nunca devia ter trazido você aqui!” E esta, para surpresa de Elena, era a voz de Misao. Ela falava com o irmão. “Você estragou tudo por causa dessa garota. *Shinichi no baka!*”

“A idiota é você!” gritou Shinichi para Misao. “*Onare!*”

Está reagindo como eles querem... “E o que mais posso fazer?”

“Ouvi você dar as pistas à garota.” rosnou Shinichi. “Você faria qualquer coisa por sua aparência, sua egoísta...”

“E é você que me diz isso? Enquanto você não perdeu nem uma cauda?”

“Só porque sou mais rápido...”

Misao o interrompeu. “É mentira e você sabe disso! Retire o que disse!”

“Você está fraca demais para brigar! Devia ter fugido há muito tempo! Não me venha com lamentações.”

“Não se *atreva* a falar comigo desse jeito!” E Misao saltou do aperto de Elena e atacou Shinichi. Ele estava errado. Ela era uma boa lutadora. Em um segundo eles formaram uma zona de destruição, rolando sem parar, brigando, mudando de forma o tempo todo. Voavam pelos preto e escarlate para todos os lados. Da bola de corpos que se reviravam, saíam trechos de diálogo...

“...ainda não achou as chaves...”

“...nenhum deles, de qualquer forma...”

“...mesmo que achassem...”

“...o que importaria?”

“...ainda precisa encontrar o rapaz...”

“...digo que está só se exibindo, deixando que tentem...”

O riso horrível e estridente de Misao. “E ver o que eles descobrem...”

“... no *Shi no Shi!*”



Subitamente, a luta terminou e os dois se tornaram humanos.

Eles estavam abatidos, mas Elena sentia que não havia mais nada que pudesse fazer se decidissem lutar novamente.

Em vez disso, Shinichi disse:

“Estou quebrando o globo. *Aqui*,” ele se virou para Damon e fechou os olhos, “é onde está seu precioso irmão. Estou colocando em sua mente... Se puder decifrar o mapa. E quando chegar lá, você vai morrer. Não diga que não avisei.”

Para Elena, ele fez uma mesura e disse:

“Lamento que você também vá morrer. Mas memorizei uma ode para você.”

*Rosas e lilases silvestres,
Bergamotas e margaridas,
O sorriso de Elena
Afugenta o inverno.*

*Mirtilo e violeta,
Dedaleiras e íris,
Olham onde ela pisa
E pegam a relva que se inclina.*

*Onde quer que passem seus pés,
Flores brancas separam a relva ...*

“Prefiro ouvir uma explicação direta sobre onde estão as chaves.” disse Elena a Shinichi, sabendo que depois da canção não obteria mais nada de Misao. “Sinceramente, estou enjoada e cansada de toda essa sua *besteirada*.”

Ela percebeu que mais uma vez todos olhavam para ela e ela sabia o porquê. Podia sentir a diferença em sua voz, em uma atitude, em seu padrão de fala. Mas principalmente, *por dentro*, o que ela sentia era liberdade.

“Vamos lhe dar tudo isso.” disse Shinichi. “Não as tiramos do lugar. Encontre-as pelas pistas... Ou por outros meios, se puder.” Ele piscou para Elena e se virou, encontrando uma deusa da vingança pálida e trêmula.

Caroline. Independentemente do que estivesse fazendo nos últimos minutos, ela também estivera chorando, esfregando os olhos e torcendo as mãos - ou assim Elena deduziu a partir dos borrões de sua maquiagem.

“Você também?” disse ela a Shinichi. “*Você também?* Shinichi abriu seu sorriso lânguido.”

“E eu também o quê?”



“Você também está caído por ela? Compondo poemas... Dando pistas para encontrar Stefan...”

“Não são pistas de verdade.” disse Shinichi de um jeito reconfortante, sorrindo novamente.

Caroline tentou bater nele, mas ele a pegou pelo pulso.

“E você acha que vai embora agora?” A voz de Caroline se elevava a um grito, não tão agudo como o guincho estridente de Misao, mas com seu próprio *vibrato* espantoso.

“Eu *sei* que vamos embora.” Ele olhou para a rabugenta Misao. “Depois de resolvermos mais um assunto. Mas não com você.”

Elena ficou tensa, mas Caroline tentava atacar Shinichi novamente.

“Depois do que você me disse? Depois de tudo o que me *disse*?”

Shinichi olhou para ela de cima a baixo, parecendo vê-la pela primeira vez. Ele também pareceu genuinamente pasmo.

“Eu *disse* a você?” perguntou ele. “Já nos falamos esta noite?” Houve uma risada aguda. Todos se viraram. Misao estava de pé, rindo, com as mãos cobrindo a boca.

“Eu usei a sua imagem.” disse ela ao irmão, com os olhos baixos, como se confessasse um pecadilho. “E a sua voz. No espelho, quando dei as ordens a ela. Ela estava se recuperando de um relacionamento, de alguém que a abandonou. Eu disse que tinha me apaixonado por ela e que queria me vingar dos inimigos dela... Mas ela teria que fazer umas coisinhas para mim.”

“Como espalhar malach por meio de garotinhas.” disse Damon com severidade.

Misao riu novamente.

“E em um ou dois meninos. Sei como é ter esses malach dentro de você. Não dói nada. Eles só ficam... aí.”

“Alguma vez alguém a obrigou a fazer uma coisa que você não queria?” perguntou Elena. Ela podia sentir os olhos azuis em brasa. “Acha que *isso* ia doer, Misao?”

“Não era você?” Caroline ainda olhava para Shinichi; obviamente não conseguiu acompanhar o roteiro. “Não era *você*?”

Ele suspirou, sorrindo de leve.

“Não era eu. Acho que meu fraco são cabelos dourados. Dourados... ou vermelhos contra o preto.” acrescentou ele apressadamente, olhando a irmã.



“Então era tudo mentira.” disse Caroline, e por um momento o desespero estava estampado em seu rosto inchado pela raiva, com a tristeza maior do que esses dois sentimentos. “Você é outro fã de Elena.”

“Escute,” disse Elena asperamente, “eu não o quero. Eu o odeio. O único homem que me importa é Stefan!”

“Ah, ele é o único, é?” perguntou Damon, com um olhar para Matt, que puxara Bonnie para perto deles enquanto se desenrolava a briga das raposas. A Sra. Flowers e a Dra. Alpert os seguiram.

“Você entendeu o que eu quis dizer.” disse Elena a Damon. Damon deu de ombros.

“Muitas jovens de cabelos dourados terminam noivas do serviçal rude.” Depois ele balançou a cabeça. “Por que estou falando essas besteiras?” Seu corpo compacto parecia assomar sobre Shinichi.

“É só um efeito residual... de estar possuído... Sabe como é.”

Shinichi agitou as mãos, os olhos ainda em Elena. “Meus padrões de pensamento...”

Parecia que ia começar outra briga, mas Damon se limitou a sorrir e disse, de olhos semicerrados: “Então você deixou Misao fazer o que quisesse com a cidade enquanto vinha atrás de mim e de Elena.”

“E de...”

“Mutt.” disse Damon apressada e automaticamente.

“Eu ia dizer Stefan.” disse Elena. “Não, eu acho que Matt foi vítima de um dos esqueminhas de Misao e Caroline antes de eu e ele esbarrarmos em você, quando você está completamente possuído.

“E agora você acha que pode simplesmente ir embora.” disse Caroline numa voz tremida e ameaçadora.

“Nós *estamos* indo embora.” disse Shinichi rigidamente. “Caroline, espere,” disse Elena. “Eu posso ajudá-Ia... Com as *Asas da Purificação*. Você está sendo controlada por um malach.”

“Não preciso de sua ajuda! Preciso de um *marido!*”

O silêncio foi completo no telhado. Nem mesmo Matt interferiu desta vez.

“Ou pelo menos um noivo,” murmurou Caroline, com a mão na barriga. “Minha família não aceitaria *isso*.”

“Vamos dar um jeito.” disse Elena com brandura; depois, com firmeza: “Caroline, acredite.”



“Eu não acreditaria em você nem que...” A resposta de Caroline foi obscena. Depois ela cuspiu na direção de Elena e ficou em silêncio, por opção própria ou porque o malach dentro dela queria assim.

“De volta aos negócios,” disse Shinichi. “Vejamos, nosso preço pelas pistas da localização de Stefan é um pouco da memória de Damon. Digamos... De quando o encontrei até agora. Ele sorriu de um jeito desagradável.”

“Não pode fazer isso!” Elena sentiu o pânico tomar seu corpo, começando pelo coração e disparando para os cantos mais distantes de cada membro. “Ele agora é diferente; ele se lembra das coisas... Ele mudou. Se tirar a memória dele...”

“Todas as doces mudanças desaparecerão,” disse Shinichi a ela. “Prefere perder sua própria memória?”

“Sim!”

“Mas você foi a única que ouviu as pistas sobre a chave. E de qualquer modo não quero ver as coisas através de seus olhos. Quero ver você... pelos olhos *dele*.”

Agora Elena estava pronta para começar ela mesma outra briga. Mas Damon disse, já se distanciando:

“Vá em frente e pegue o que quiser, mas se não saírem desta cidade logo depois, vou arrancar sua *cabeça* com essa tesoura.”

“Concordo.”

“*Não*, Damon.”

“Quer Stefan de volta?”

“Não a *esse* preço!”

“Que pena.” intrometeu-se Shinichi. “Não *existe* outro trato.”

“Damon! Por favor... Pense bem!”

“Já pensei. É minha culpa que os malach tenham se disseminado tanto, antes de tudo. É minha culpa por não investigar o que estava acontecendo com Caroline. Não liguei para o que acontecia com os humanos, desde que os recém-chegados os mantivessem longe de *mim*. Mas posso consertar umas coisas que fiz a você encontrando Stefan.” Ele se virou um pouco para ela, com o antigo sorriso diabólico nos lábios. “Afinal, cuidar de meu irmão é minha tarefa.”

“Damon... *Me escute*.”

Mas Damon olhava para Shinichi.

“Concordo.” disse ele. “Temos um trato.”



Capítulo 39

Nencemos a batalha, mas não a guerra.” disse Elena com tristeza.

Ela pensou nisso no dia seguinte à luta com os gêmeos kitsune. Não podia ter certeza de nada, só que estava viva, que Stefan se fora e que Damon voltara a sua antiga identidade.

“Talvez porque não tivemos meu precioso irmão.”disse ele, como que para provar o raciocínio de Elena. Eles estavam na Ferrari, tentando encontrar o Jaguar de Elena - no mundo real. Elena o ignorou. Ela também ignorou o silvo baixo mas vagamente irritante que vinha do dispositivo que ele instalara e que não era um rádio, só parecia reproduzir vozes e estática.

Um novo tipo de tábua Ouija? Áudio em vez daquele soletrar tedioso?

Elena se sentiu tremer por dentro.

“Você me deu a sua palavra de que ia procurá-lo comigo. E juro por... pelo Outro Mundo.”

“Você me disse que dei minha palavra, e você não é de mentir... Não para mim. Agora que você é humana, posso ler suas expressões faciais. Se eu dei minha palavra, dei minha palavra.”

Humana?, pensou Elena. Sou mesmo? O *que* eu sou? Com o tipo de Poder que tenho? Até Damon podia ver que o antigo bosque mudou no mundo real. Não é mais um bosque velho e meio morto. Há flores de primavera em pleno verão. Há vida em toda parte.

“E de qualquer forma, eu terei muito tempo para ficar sozinho com você, minha princesa das trevas.”

E voltamos a isso, pensou Elena, cansada. Mas ele me deixaria perdida aqui se eu sugerisse que nós rimos e andamos em uma clareira juntos - com ele de joelhos para me servir de apoio para os pés. Até eu estou começando a me perguntar se isso foi real.

Houve um ligeiro solavanco - quase como o que se podia dizer do estilo de direção de Damon.

“Peguei!” Damon se animou; depois, quando Elena se virou, pronta para girar o volante e fazê-lo parar, ele acrescentou com frieza: “Era um pedaço de *pneu*, para sua informação. Não existem muitos animais pretos, arqueados e com alguns centímetros de espessura.”

Elena não disse nada. O que se podia dizer para o sarcasmo de Damon? Mas no fundo ela estava aliviada por Damon não atropelar bichinhos peludos por diversão.



Vamos ficar a sós por um bom tempo, pensou ela - e percebeu que havia outro motivo para ela não dizer a Damon para ir se danar. Shinichi tinha colocado a localização da cela de Stefan na mente de Damon, não na dela. Ela precisava desesperadamente dele, para levá-la ao local e para lutar com o que quer que mantivesse Stefan cativo.

Mas não havia problema, já que ele se esqueceu de que ela tinha poderes. Algo para explicar em outra ocasião.

E nesse momento, Damon exclamou:

“Mas o que...” e se inclinou para a frente para ajustar os botões do não rádio.

“...repetindo; todas as unidades a postos em busca de Matthew Honeycutt, homem, caucasiano, 1,80m, louro, olhos azuis...”

“*Mas o que é isso?*” perguntou Elena.

“Uma transmissão do rádio da polícia. Se quiser realmente viver nesta grande terra da liberdade, é melhor saber quando fugir...”

“Damon, não quero saber de seu estilo de vida. Quis dizer, o que falavam de Matt?”

“Parece que eles decidiram prendê-lo, afinal. Caroline não conseguiu a vingança que queria ontem à noite. Acho que ela está tentando se vingar agora.”

“Então vamos encontrá-lo primeiro... *Qualquer* coisa pode acontecer se ele ficar em Fell's Church. Mas ele não pode ir no carro dele, e não poderia usar este aqui. O que vamos fazer?”

“Deixá-lo com a polícia?”

“Não, por favor, temos que...” Elena começava, quando em uma clareira à esquerda, como uma visão enviada para aprovar seu esquema, o Jaguar apareceu.

“É *este* carro que vamos pegar.” disse ela a Damon. “Pelo menos é espaçoso. Se quiser continuar ouvindo o rádio da polícia nele, é melhor começar a desinstalar do seu carro.”

“Mas...”

“Vou pegar Matt. Ele só dará ouvidos a mim. Depois vamos deixar a Ferrari no bosque... Ou largá-la no riacho, se preferir.”

“Ah, no riacho, *sem dúvida.*”

“Na verdade, talvez a gente não tenha tempo para isso. Vamos deixá-la no bosque mesmo.”





Matt encarou Elena.

“Não. Eu não vou fugir.”

Elena voltou toda a intensidade de seus olhos azuis para ele. “Matt, entre no carro. *Agora*. Precisa fazer isso. O pai de Caroline é parente do juiz que assinou seu mandado de prisão. É um linchamento, segundo Meredith. Até ela está dizendo que você deve fugir. Não, você não precisa de roupas; depois a gente consegue.”

“Mas... mas... Não é verdade...”

“Eles farão com que seja. Caroline vai chorar, vai ficar aos prantos. Nunca pensei que uma garota fosse capaz de uma coisa dessa para se vingar, mas Caroline não é como outras pessoas. Ela ficou maluca.”

“Mas...”

“*Eu disse entra!* Eles vão chegar a qualquer minuto à sua casa e à de Meredith. O que você está fazendo na casa da Bonnie, aliás?”

Bonnie e Matt se olharam.

“Humm, só vim dar uma olhada no carro da mãe de Bonnie.” disse Matt. “Ele pifou de novo e...”

“Deixa pra lá! Venha comigo! Bonnie, o que está fazendo?”

“Ligando para Meredith?”

Bonnie saltou de leve. “Sim.”

“Diga adeus a ela, que a amamos e nos despedimos. Cuidem da cidade... Vamos manter contato...”

Enquanto o Jaguar vermelho arrancava, Bonnie disse ao telefone:

“Você tinha razão. Ela sacou uma quadra de ases. Não sei se Damon vai... Ele não estava no carro.”

Ela ouviu por um momento e disse: ... “Tudo bem, eu vou. A gente se vê.”

Ela desligou e entrou em ação.



Querido Diário, Hoje eu fugi de casa.

Acho que o que eu fiz não pode ser chamado de fuga, quando se tem quase 18 anos e leva seu próprio carro - e quando ninguém sabia que você estava em casa, antes de mais nada. Então vou dizer que esta noite peguei a estrada.

A outra coisa um tanto chocante é que eu fugi com dois caras diferentes. E nenhum deles é o meu cara.

Eu digo isso, mas... não consigo deixar de me lembrar das coisas. O olhar de Matt na clareira - eu sinceramente acho que ele estava disposto a morrer para me proteger. Não consigo deixar de pensar no que fomos um para o outro. Aqueles olhos azuis... Ah, eu não sei qual é o meu problema!

E Damon. Agora sei que existe um ser humano por baixo das camadas e mais camadas de pedra em que ele envolveu sua alma. Fica bem escondido no fundo, mas está ali. Para ser sincera comigo mesma, tenho que admitir que ele toca algo no fundo de mim que me faz tremer - uma parte de mim que nem eu compreendo.

Ah, Elena! Pare com isso agora! Não pode nem se aproximar dessa parte sombria de si, em especial agora, que você tem Poder. Você não se atreveria a chegar perto dela. Agora tudo é diferente. Você precisa ser mais responsável (algo em que você não é nada boa!).

E Meredith também não estará aqui para me ajudar a ser responsável. Como isso vai se resolver? Damon e Matt no mesmo carro? Em uma viagem juntos? Dá para imaginar? Esta noite, era tão tarde e Matt estava tão confuso com a situação que nem conseguiu apreender nada. E Damon só sorria com malícia. Mas amanhã ele estará em sua forma demoníaca, sei que estará.

Ainda acho que foi uma pena que Shinichi tirasse as Asas da Redenção de Damon junto com suas lembranças. Mas creio firmemente que, no fundo, há uma pequena parte de Damon que se lembra como ficou quando estávamos juntos. E agora ele tem de ser pior do que nunca para provar que tudo de que se recorda é uma mentira.

Então, enquanto estiver lendo isso, Damon - porque eu sei que você vai arrumar um jeito de pegar meu diário e xeretar - deixe-me dizer que você foi gentil por um tempo, na verdade foi BOM, e foi divertido. Nós conversamos. Até rimos juntos - das mesmas piadas. E você... Você foi gentil.

E agora vai dizer: "Não, é só outra tramóia de Elena para me fazer pensar que posso mudar - mas eu sei para onde vou, e não me importo." Isso não o lembra de nada, Damon? Você disse mesmo essas palavras a alguém recentemente? E se não disse, como eu sei delas? Será que pelo menos uma vez estou dizendo a verdade?



Agora vou me esquecer de que você mancha totalmente sua honra ao ler coisas secretas que não pertencem a você.

O que mais?

Primeiro: sinto falta de Stefan.

Segundo: eu não fiz as malas para isso. Matt e eu passamos no pensionato e ele pegou o dinheiro que Stefan deixou para mim enquanto eu pegava algumas roupas do armário - só Deus sabe o que eu peguei: camisetas de Bonnie e calças de Meredith, e nem uma camisola decente que fosse minha.

Mas pelo menos também peguei você, meu precioso amigo, um presente que Stefan guardava para mim. Eu jamais gostei de digitar num arquivo de nome "Diário". Os livros em branco fazem mais o meu gênero.

Terceiro: sinto falta de Stefan. Sinto tanta falta dele que estou chorando enquanto escrevo sobre roupas. Parece que é por isso que estou chorando, o que me faz parecer insanamente superficial. Ah, às vezes eu só queria gritar.

Quarto: eu quero gritar agora. Pois só quando voltamos a Fell's Church que descobrimos que horrores o malach deixou para nós. Tem uma quarta menina que acho que pode estar possuída como Tami, Kristin e Ava - eu não sabia bem, então não podia fazer nada. Tenho a sensação de que ainda não ouvimos a última história de possessão.

Quinto: mas pior é o que acontece na casa dos Saitou.

Isobel está no hospital com infecções graves, por causa de todos aqueles piercings. Obaasan, como todos chamam a avó de Isobel, não estava morta, como os paramédicos pensaram. Ela estava em transe profundo - tentando falar conosco. Se parte da coragem que eu tive, parte da crença em mim mesma se devia a ela, é algo que nunca vou saber.

Mas no esconderijo estava fim Bryce. Ele tinha... Ah, não posso escrever isso. Ele era o capitão do time de basquete! Mas tinha devorado a si mesmo: toda a mão esquerda, a maior parte dos dedos da mão direita, os lábios. E ele meteu um lápis pelo ouvido até o cérebro. Dizem (ouvi isso de Tyrone Alpert, neto da médica) que se chama síndrome de Lesch-Nyhan (é assim mesmo que se escreve? Só ouvi o que disseram) e que é rara, mas que existem outros assim. É o que dizem os médicos. Eu digo que foi um malach que o obrigou a fazer isso. Mas eles não me deixariam tentar tirá-lo dele.

Não posso dizer se ele está vivo. Nem posso dizer se ele está morto. Ele vai para uma instituição onde internam os pacientes com problemas mais graves.

Nós fracassamos ali. Eu fracassei. Não foi culpa de Jim Bryce. Então ele ficou com Caroline apenas uma noite, e a partir dali passou o malach para a namorada Isobel e para a irmã mais nova, Tami. Depois Caroline e a



pequena Tami passaram para as outras. Eles tentaram passar para Matt, mas ele não deixou.

Sexto: as três menininhas que definitivamente foram mais afetadas estavam sob as ordens de Misao, pelo que disse Shinichi. Elas disseram que não se lembram de nada sobre se enfeitar ou dar em cima de estranhos. Elas não parecem se lembrar de nada da época de sua possessão, e agora agem como meninas muito diferentes. Gentis. Calmas. Se eu pensasse que Misao desistiria com tanta facilidade, cuidaria para que todas ficassem bem.

Pior é pensar em Caroline. Ela era uma amiga de vez em quando - bom, agora acho que ela precisa de mais ajuda do que nunca. Damon pegou os diários dela - ela mantinha outro diário, gravado em vídeo, e nós a vimos falar com o espelho... E vimos o espelho responder. Era principalmente a imagem dela que aparecia, mas às vezes, no início ou fim de uma sessão, era o rosto de Shinichi. Ele é bonito, embora meio desvairado. Posso entender como Caroline se apaixonou por ele e concordou em ser a portadora do malach para a cidade.

Tudo isso acabou: usei o que restava do Poder que sei que tenho para tirar o malach dessas meninas.

Caroline, é claro, não me deixou chegar perto dela. E houve aquelas palavras fatais de Caroline: "Eu preciso de um marido!" Qualquer garota sabe o que isso significa. Qualquer garota lamenta por outra que diz isso, mesmo que não sejam amigas.

Caroline e Tyler Smallwood estavam juntos até umas duas semanas atrás. Meredith disse que Caroline o largou e que raptá-la para Klaus foi a vingança de Tyler. Mas se antes disso eles dormiram juntos sem usar nenhuma proteção (e Caroline é burra o bastante para fazer isso), ela certamente podia saber que estava grávida e procurava outro cara quando Shinichi apareceu. (O que foi pouco antes de eu... voltar à vida.) Agora ela está tentando culpar Matt. Foi pura falta de sorte ela ter dito que aconteceu na mesma noite em que o malach atacou Matt e que aquele velho vigilante do bairro viu Matt ir para casa e desmaiar ao volante como se estivesse bêbado ou drogado.

Ou talvez não fosse só falta de sorte. Talvez tudo fizesse parte do jogo de Misao.

Agora vou dormir. Ando pensando demais. Preocupada demais. E, ah, eu sinto falta de Stefan! Ele me ajudaria a lidar com as preocupações de seu jeito gentil mas sagaz.

Vou dormir dentro do carro com as portas trancadas.

Os meninos vão dormir lá fora. Pelo menos, é assim que vamos começar - por insistência deles. Pelo menos eles concordaram com isso.

Não acho que Shinichi e Misao ficarão longe de Fell's Church por muito tempo. Não sei se eles vão deixar a cidade em paz por alguns dias, ou



semanas, ou alguns meses, mas Misao vai se curar e um dia eles voltarão a nós.

Isso quer dizer que Damon, Matt e eu - somos fugitivos de dois mundos.

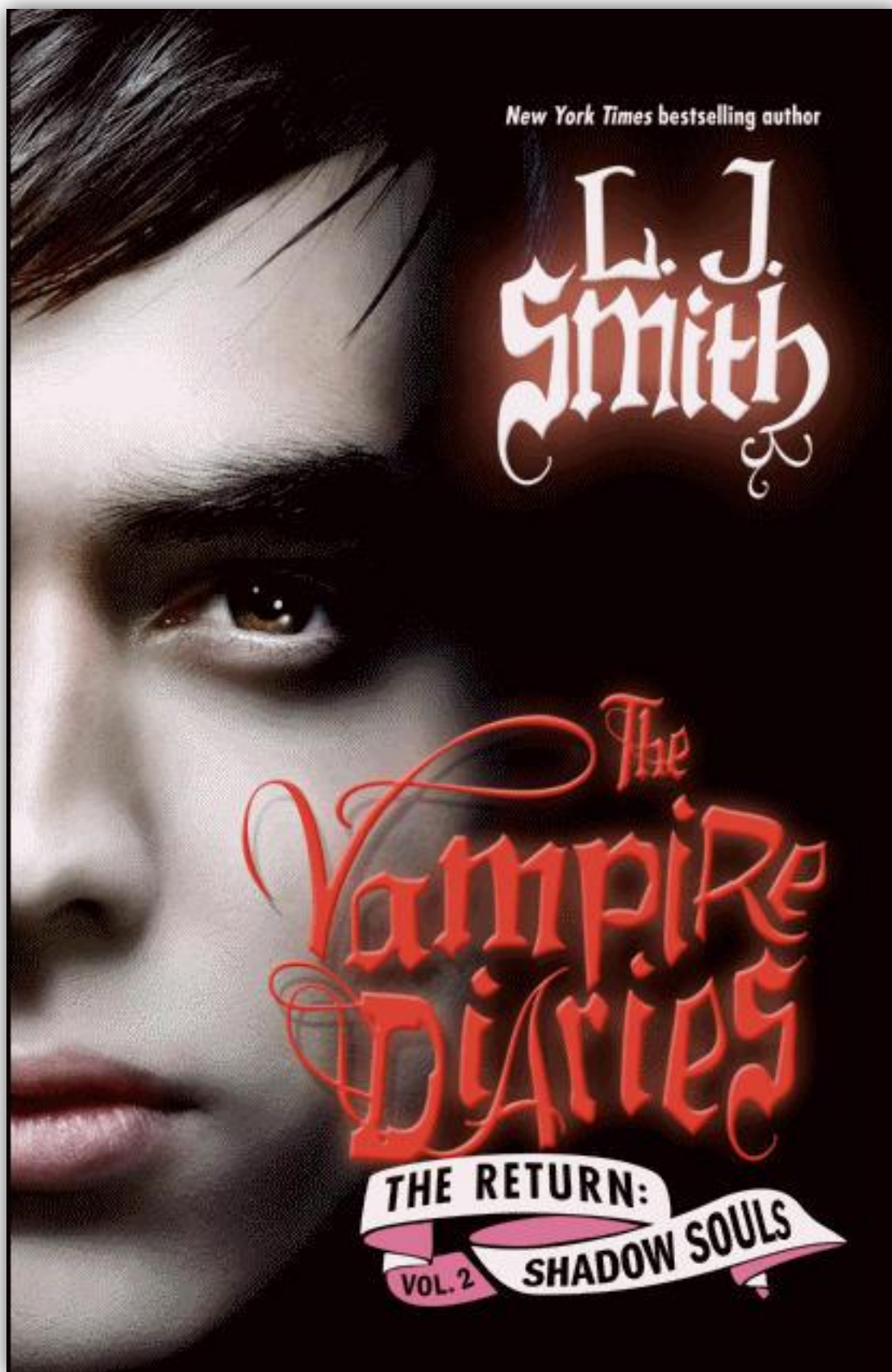
E não tenho ideia do que vai acontecer amanhã.

Elena.

Continua em ... The Vampire Diaries - The Return - Shadow Souls.







Sinopse

Uma corrida...



o amor de Elena Gilbert, o vampiro Stefan Salvatore, foi capturado e preso por espíritos demoníacos que estavam causando estragos em Fell's Church. Enquanto suas amigas Bonnie e Meredith exploram o mal que retornou à cidade, Elena vai à busca de Stefan.

A fim de encontrá-lo, ela confia sua vida ao irmão de Stefan, Damon Salvatore, o bonito e mortal vampiro que quer Elena, de corpo e alma. Junto com seu amigo de infância, Matt, eles partiram para uma Dimensão Sombria, onde Stefan está mantido em cativeiro. Há rumores de ser um mundo onde vampiros e demônios vagam livremente, mas humanos devem ser escravizados por seus mestres sobrenaturais...

Elena não vai parar até conseguir libertar Stefan. No entanto, a cada dia que passa a tensão entre ela e Damon cresce, e ela se depara com uma terrível decisão: qual o irmão que ela realmente quer?

De volta a Fell's Church, Bonnie e Meredith fizeram descobertas terríveis. Elas precipitadamente tentam seguir Elena e avisá-la – apenas para serem pegas em uma aventura ainda mais perigosa do que a de Elena.



Confira uma prévia de *Shadow Souls*, segundo volume da série *The Vampire Diaries – The Return*.



Capítulo 1



“Querido Diário”, Elena sussurrou, “quão frustrante é isso? Eu te deixei no porta-malas do Jaguar e são duas horas da madrugada.” Ela fincou o seu dedo na perna da camisola, como se tivesse uma caneta e estivesse fazendo um ponto. Ela sussurrou ainda mais suave, inclinando sua cabeça contra a janela, “E eu estou com *medo de ir lá fora* — no escuro — para pegar você. Eu estou com medo!” Ela fez outra fincada e depois, sentindo as lágrimas deslizarem pelo seu rosto, virou relutante o seu celular para gravar. Era um desperdício inútil de bateria, mas ela não podia evitar. Ela *precisava* disso.

“Então, aqui estou,” ela disse suavemente, “sentada no banco traseiro do carro. Isto será o meu diário por hoje. De qualquer forma, nós fizemos uma regra para essa viagem de carro - eu durmo no banco de trás do Jaguar e todo o lado de fora fica para Matt e Damon. Agora mesmo está tão escuro lá fora que eu não consigo ver Matt em lugar nenhum... Mas eu tenho ficado louca – chorando e me sentindo perdida – e muito sozinha sem Stefan...”

“Nós temos que nos livrar do Jaguar - é muito grande, muito vermelho, muito chamativo, e muito memorável quando estamos tentando *não ser lembrados enquanto viajamos* para o lugar onde poderemos libertar Stefan. Depois que o carro for vendido, o lápis-lazúli e o pingente de diamante que Stefan me deu no dia antes de desaparecer serão as coisas mais preciosas que me restarão. O dia antes... Stefan foi enganado para ir, pensando que poderia se tornar um ser humano comum. E agora...”

“Como eu posso parar de pensar no que *Eles* podem estar fazendo com ele, neste exato segundo - seja lá quem ‘Eles’ sejam? Provavelmente a kitsune, o espírito maligno da raposa na prisão chamada de Shi no Shi.”

Elena fez uma pausa para limpar seu nariz na manga de sua camisola.

“*Como eu sempre me meto nessas situações?*” Ela balançou a cabeça, batendo no encosto com o punho fechado.

“Talvez se seu pudesse descobrir isso, eu poderia imaginar um Plano A. Eu sempre tenho um Plano A. E meus amigos sempre têm um Plano B e C para me ajudar.” Elena piscou forte, pensando em Bonnie e Meredith. “Mas agora eu tenho medo de que eu não possa voltar a vê-los novamente. E eu tenho medo por toda a cidade de Fell’s Church.”

Por um momento ela se sentou com o punho sobre seu joelho. Uma pequena voz dentro dela estava dizendo, “Então pare de se lamentar, Elena, e pense. *Pense. Começando pelo início.*”

O começo? Qual começo? Stefan?



Não, ela havia vivido em Fell's Church muito antes de Stefan chegar.

Lentamente, quase sonhadora, ela falou em seu celular. “Em primeiro lugar: Quem eu sou? Eu sou Elena Gilbert, dezoito anos.” Ainda mais de vagar, ela disse, “Eu... não *acho* que é banal dizer que eu sou bonita. Se eu não soubesse que eu era, então eu deveria nunca ter olhado em um espelho ou ouvido um elogio. Isto não é algo do qual eu deva estar orgulhosa – é apenas algo que me foi transmitido de minha Mãe e meu Pai.

“Como eu me pareço? Eu tenho cabelo loiro que caem em pequenas ondulações sobre os meus ombros e olhos azuis que algumas pessoas dizem que é como lápis-lazúli: azul escuro com rajadas de ouro.” Ela deu uma risada um pouco sufocada. “Talvez seja por isso que vampiros gostam de mim.”

A seguir, com os lábios apertados e olhando para a escuridão total em sua volta, ela falava seriamente.

“Um monte de meninos me chamaram de a garota mais angelical do mundo. E eu brinquei com eles. Eu apenas os usei – por popularidade, por diversão, por qualquer coisa. Eu estou sendo honesta, tudo bem? Eu os considerava como se fossem brinquedos ou troféus.” Ela pausa. “Mas havia algo mais. Algo que eu sabia, por toda a minha vida, que estava chegando - mas eu não sabia o que era. Eu me sentia como se estivesse procurando por alguma coisa que eu nunca poderia encontrar com os garotos. Nenhum dos meus pretendentes ou dos jogos com eles nunca tocou o meu coração... mais profundo... até que um garoto muito especial chegou.” Ela parou, engoliu seco e falou novamente. “Um garoto *muito* especial.”

“Seu nome era Stefan.”

“E acabou que *ele* não era o que parecia, um normal – mas maravilhoso – estudante de ensino médio com cabelo escuro ondulado e olhos verdes como esmeraldas.

“Stefan Salvatore acabou por ser um vampiro.

“Um vampiro de verdade.”

Elena teve que fazer uma pausa para tomar ar antes que pudesse colocar as próximas palavras para fora.

“E também seu lindo irmão mais velho, Damon.”

Ela mordeu os seus lábios, e parecia um longo tempo até que ela acrescentou:

“Eu teria amado Stefan se eu soubesse que ele era um vampiro desde o início? Sim! Sim! *Sim!* Eu teria caído de amor por ele não importa o que fosse! Mas as coisas mudaram - e isso me mudou.” Os dedos de Elena traçavam um padrão em sua camisola. “Veja você, vampiros demonstram amor através da troca de sangue. O problema era... que eu estava compartilhando sangue com Damon, também. Na verdade não por escolha, mas porque ele estava atrás de mim, dia e noite.”



Ela deu um sorriso. “O que Damon *dizia* é que ele queria me fazer a sua Princesa da Noite. O que pode ser traduzido como: ele me queria toda para ele. Mas eu não confio em Damon em nada a menos que ele dê a sua palavra. Esta é uma qualidade que ele tem, ele nunca quebra com a sua palavra.

Elena pôde sentir um sorriso estranho curvando os seus lábios, mas ela estava falando com calma agora, fluentemente, o celular quase esquecido.

“Uma menina envolvida com dois vampiros... bem, não é necessariamente um problema, é? Então, talvez eu mereça o que eu estou passando.

“Eu morri.”

“Não apenas morri como quando o seu coração pára e eles reanimam você e você volta à vida falando sobre quase ir para a Luz. Eu *entrei* na Luz.

“Eu *morri*.

“E quando eu voltei - que surpresa. Eu era uma vampira.

“Damon era... gentil comigo, eu acho, quando eu acordei como vampira a primeira vez. Talvez seja essa a razão de eu ainda ter... sentimentos por ele. Ele não se aproveitou de mim quando ele poderia ter feito isso tão facilmente.

“Mas eu só tive tempo de fazer algumas coisas em minha vida como vampira. Eu tive tempo de me lembrar de Stefan e amá-lo mais do que nunca - desde que eu soube, então, o quão difícil era tudo para ele. Eu pude ouvir o meu próprio funeral. Éh! Todo mundo deveria ter uma chance de fazer isso. Eu aprendi a sempre, *sempre usar* o lápis-lazúli para eu não me tornar uma vampira Crispy Critter[red*]. Eu tive que dizer adeus para a minha irmãzinha de quatro anos, Margaret, e visitei Bonnie e Meredith...”*Crispy Critter era uma marca de cereal que vinha na forma de um animal e era crocante. A frase "crispy critter" é usada pela polícia, bombeiros e militares americanos para mencionar um corpo queimado.

As lágrimas ainda estavam deslizando quase despercebidas pelo rosto de Elena. Mas ela falou calmamente. “E então – eu morri de novo.

“Eu morri da maneira como um vampiro morre, quando eles não estão usando lápis-lazúli sobre a luz do sol. Eu não me desmoronei em pó; eu tinha apenas dezessete anos. Mas o sol me envenenou de qualquer forma. Ir foi quase... pacífico. Foi quando eu fiz Stefan prometer que iria tomar conta de Damon, sempre. E eu acho que Damon prometeu cuidar de Stefan, em sua mente. E foi assim que eu morri, com Stefan me segurando e Damon ao meu lado como se simplesmente eu me afastasse, como se fosse dormir.

“Depois disso, eu tive sonhos dos quais eu não me lembro, e de repente, um dia todos se surpreenderam por que eu estava falando com eles através de Bonnie, que é muito psíquica, tadinha. Eu acho que eu tinha pegado o trabalho de ser o espírito guardião de Fell’s Church. Havia um perigo na cidade. Eles tinham que lutar e de alguma forma, quando eles tinham certeza de que eles tinham



perdido, eu fui mandada de volta para o mundo dos vivos para ajudar. E - bem, quando a guerra foi vencida eu fiquei com esses poderes estranhos que eu não entendo. Mas havia Stefan, também! Nós estávamos juntos de novo!”

Elena colocou os braços envolta de si mesma e segurou-os como se estivesse segurando Stefan a ela, imaginado seus braços em torno dela. Ela fechou os olhos até a sua respiração desacelerar.

“A respeito dos meus poderes, vamos ver. Há a telepatia, o que eu posso fazer se a outra pessoa for telepata também - coisa que todos os vampiros são, mas em diferentes graus a menos que eles tenham realmente compartilhado sangue naquele momento. E depois tem as minhas Asas.

“É verdade – eu tenho Asas! E as Asas têm poderes que você não vai acreditar - o único problema é que eu não tenho a menor ideia de como usá-los. Há uma que eu posso sentir às vezes, como agora *mesmo*, tentando sair de mim, tentando modelar o meu lábio para nomeá-la tentando mover o meu corpo para a postura correta. São as *Asas da Proteção* e isso soa como algo que eu poderia realmente usar nessa viagem. Mas eu não consigo nem me lembrar como eu fiz as velhas Asas funcionarem - muito menos como usar essa nova. Eu digo as palavras até que eu me sinta uma idiota – mas nada acontece.

“Então eu sou uma humana novamente - tão humana quanto Bonnie. E, oh, Deus, se eu pudesse apenas vê-la e Meredith agora! Mas todo o tempo eu digo para mim mesma que eu estou ficando mais próxima de Stefan a cada minuto. Quero dizer, se você não levar em conta as idas e vindas de Damon e, todas as direções para despistar qualquer um que tente nos rastrear.

"Por que alguém iria querer nos seguir? Bem, veja você, quando eu voltei da outra vida, foi uma explosão muito grande de Poder que todos no mundo que podem ver Poder, viram.

"Agora, como posso explicar Poder? É algo que todo mundo tem, mas os humanos - exceto médiuns genuínos como Bonnie – nem mesmo o reconhecem. Vampiros definitivamente têm Poder, e usam-no para Influenciar os humanos a gostar deles, ou pensar que as coisas são diferentes da realidade – Oh, como da vez que Stefan influenciou o pessoal da escola para que pensassem que seus registros estavam todos em ordem, quando ele se ‘transferiu’ para Robert E. Lee High School. Ou eles usam o Poder para expulsar outros vampiros ou criaturas das trevas - ou humanos.

"Mas eu estava falando sobre a explosão de Poder quando *eu* caí do céu. Era tão grande que atraiu duas criaturas horríveis do outro lado do mundo. E então eles decidiram vir ver o que tinha feito o disparo, e se de alguma maneira eles poderiam usá-lo para si.

"Eu não estou brincando, tão pouco, sobre eles terem vindo do outro lado do mundo. Eles eram kitsune, espíritos malignos de raposa do Japão. Eles são algo como os nossos lobisomens acidentais - mas muito mais poderosos. Tão poderosos que eles usaram *malach*, que são na verdade plantas, mas se parecem com insetos



que podem ser do tamanho de uma cabeça de alfinete ou grande o suficiente para engolir o seu braço. E o malach se prende aos seus nervos e se esticam ao longo de todo o sistema nervoso e, finalmente, te dominam de dentro para fora."

Agora Elena estava tremendo, e sua voz estava abafada.

"Isso foi o que aconteceu com Damon. Um pequeno entrou dentro dele e o dominou de dentro para fora para que ele fosse apenas um fantoche de Shinichi. Eu me esqueci de dizer, os kitsunes são chamados de Shinichi e Misao. Misao é a garota. Ambos têm o cabelo preto com vermelho ao redor das pontas, mas o de Misao é longo. E eles são supostamente irmão e irmã - mas eles certamente não agem como fossem.

"E, uma vez que Damon estava totalmente possuído, Shinichi obrigou o corpo de Damon... a fazer coisas terríveis. Ele o fez torturar Matt e a mim, e mesmo agora eu sei que às vezes Matt ainda quer matar Damon por isso. Mas se ele tivesse visto o que vi – um segundo corpo fino, molhado e branco que eu tive que arrancar com as minhas unhas da coluna de Damon - com Damon finalmente desmaiando de dor - então Matt iria entender melhor. *Eu* não posso culpar Damon pelo que o Shinichi o fez fazer. Eu *não posso*. Damon estava... você não pode imaginar quão diferente. Ele foi esmagado. Ele *chorou*. Ele foi...

"De qualquer forma, eu não espero sempre vê-lo daquela maneira novamente. Mas se eu conseguir minhas Asas de Poder de volta, Shinichi estará em apuros.

"Eu acho que esse foi o nosso erro da última vez, veja você. Nós finalmente seríamos capazes de lutar contra Shinichi e Misao – *e nós não os matamos*. Nós estávamos muito morais ou muito amáveis ou algo assim.

"Foi um grande erro.

"Porque Damon não foi o único que ficou possuído pelos malach do Shinichi. Havia meninas, jovens, catorze e quinze anos e mais jovens. E alguns meninos. Agindo... loucamente. Ferindo a si mesmos e às suas famílias. Nós não sabíamos o quão grave era até depois que já tínhamos feito um trato com Shinichi.

"Talvez nós fôssemos muito *imorais*, fazendo um trato com o diabo. Mas eles tinham sequestrado Stefan - e Damon, que estava possuído por eles até então, tinha ajudado. Uma vez que Damon foi despossuído, tudo que ele queria era que Shinichi e Misao nos dissessem onde Stefan estava, em seguida, que eles fossem embora de Fell's Church para sempre.

"Em troca disso, Damon deixou Shinichi entrar em sua mente.

"Se os vampiros são obcecados por Poder, kitsune são obcecados por memórias. E Shinichi queria as memórias de Damon daqueles últimos dias - do tempo em que Damon estava possuído e nos torturou... e do tempo em que minhas Asas tinham feito Damon perceber que ele tinha feito isso. Eu não acho que Damon queria essas lembranças, seja do que ele tinha feito ou de como ele mudou quando



ele encarou que tinha feito isso. Então, ele deixou Shinichi tomá-las, em troca que Shinichi colocasse a localização de Stefan em sua mente.

"O problema é que estávamos confiando palavra de Shinichi de que ele iria sair em seguida, quando a palavra de Shinichi significava absolutamente nada.

"Além do mais, desde então ele vem usando o canal telepático que foi aberto entre a mente deles e para tomar mais e *mais* memórias sem Damon sequer saber.

"Foi o que aconteceu na noite passada, quando fomos parados por um policial que queria saber o que três adolescentes em um carro caro estavam fazendo tarde da noite. Damon Influenciou-o a ir embora. Mas poucas horas mais tarde Damon tinha esquecido completamente do policial.

"Isso assusta Damon. E qualquer coisa que o assusta – não que ele fosse admitir isso - assusta-me até a *morte*.

"E, você pode perguntar, o que *estavam* três adolescentes fazendo no meio do nada, em Union County, Tennessee, de acordo com a última placa na estrada que eu vi? Estamos indo em direção a um portão para a Dimensão Escura... onde Shinichi e Misao deixaram Stefan em uma prisão chamada Shi no Shi. Shinichi só colocou a localização na mente de Damon, e eu não consigo fazer Damon dizer muito sobre que tipo de lugar é esse. Mas Stefan está lá e eu vou pegá-lo de alguma forma, mesmo que isso me mate.

"Mesmo se eu tiver que aprender a matar.

"Eu não sou a doce menina da Virgínia que eu costumava ser."

Elena parou e soltou sua respiração. Mas, então, abraçando a si mesma, ela continuou.

"E porque Matt está conosco? Bem, por causa de Caroline Forbes, minha amiga desde o jardim de infância. No ano passado... quando Stefan veio a Fell's Church, ela e eu o queríamos. Mas Stefan não queria Caroline. E depois disso ela se tornou minha pior inimiga.

"Caroline também foi a grande ganhadora da primeira visita de Shinichi a qualquer garota em Fell's Church. Indo direto ao assunto: ela era namorada de Tyler Smallwood um pouco antes de ela ser sua vítima. Gostaria de saber quanto tempo eles estavam juntos e onde Tyler está agora. Tudo o que sei é que, no final, Caroline se segurou no Shinichi porque ela 'precisava de um marido.' Era assim que ela dizia a si mesma. Então, eu suponho – bem, Damon supõe. Que ela vai ter... cachorrinhos. Uns bebês lobisomens, você sabe? Já que Tyler é um lobisomem.

"Damon disse que ter um bebê lobisomem te transforma em um lobisomem mais rápido do que se você tivesse sido mordido, e que em algum ponto da gravidez você ganha o poder de ser todo lobo ou todo humano, mas antes desse ponto você é apenas um misto de confusão.



"A coisa triste é que Shinichi mal deu uma segunda olhada em Caroline quando ela deixou escapar tudo.

"Mas *antes* disso Caroline estava desesperada o suficiente para acusar de Matt de – atacá-la – em um encontro que deu errado. Ela devia saber algo sobre o que Shinichi estava fazendo por que ela afirmou que seu “encontro” com Matt ocorreu no mesmo momento em que um dos Mallach engolidores de braços o atacou, fazendo com que as marcas em seu braço parecessem riscos de uma unha de garota.

"Isso enviou a polícia atrás de Matt, tudo bem. Então, basicamente eu apenas o *fiz* vir com a gente. O pai de Caroline é uma das pessoas mais importantes em Fell's Church – e ele é amigo do promotor público em Ridgemont e o líder de um desses clubes de homens, onde eles têm apertos de mão secretos e outras coisas que te torna, você sabe, ‘destaque na comunidade.’”

"Se eu não tivesse convencido de Matt de fugir em vez de enfrentar acusações de Caroline, os Forbes teriam *linchado-o*. E eu sinto a raiva como um fogo dentro de mim – não apenas raiva e dor por Matt, mas a raiva e a sensação de que Caroline está levando todas as garotas para algum lugar muito baixo. Por que a maioria das meninas não são mentirosas patológicas, e não diria algo assim sobre um menino falsamente. Ela está envergonhando todas as garotas, fazendo o que ela fez."

Elena fez uma pausa, olhando para as mãos, e depois acrescentou, "Às vezes, quando eu fico com raiva de Caroline, copos se agitam ou lápis rolam para a direita para fora da mesa. Damon diz que tudo isso é causado pela minha aura, a minha força vital, e desde que voltei da vida após a morte tem sido diferente. Em primeiro lugar, isso faz qualquer um que bebe o meu sangue incrivelmente forte.

"Stefan era forte o suficiente para que os demônios raposa nunca pudessem tê-lo forçado em sua armadilha se Damon não o houvesse enganado no início. Eles só poderiam lidar com ele quando estivesse debilitado e cercado por ferro. O ferro é uma má notícia para qualquer criatura sobrenatural, e os vampiros precisam se alimentar ao menos uma vez por dia ou eles ficam fracos, e eu aposto - não, eu tenho *certeza* que eles usaram isso contra ele.

"É por isso que eu não consigo pensar na forma que Stefan pode estar neste minuto. Mas eu não posso me deixar assustada ou raiva ou eu vou perder o controle da minha aura. Damon me mostrou como manter minha aura na maioria do tempo dentro de mim, como uma garota humana normal. É ainda um ouro pálido e bonita, mas não é um farol para criaturas como vampiros.

"Porque há outra coisa que meu sangue - talvez mesmo só a minha aura - pode fazer. Pode... oh, bem, eu posso dizer qualquer coisa que eu quero aqui, certo?

Hoje em dia, minha aura pode fazer os vampiros me desejar... do jeito que rapazes humanos fazem. Não apenas para morder, entendeu? Mas para beijar e todo o resto. E assim, naturalmente, eles vêm atrás de mim se sentirem isso. É como se o mundo estivesse cheio de abelhas e eu fosse a única flor.



"Então eu tenho que praticar manter a minha aura escondida. Se é para mostrar, então eu posso fugir com algo parecido como um ser humano normal, e não como alguém que morreu e voltou. Mas é difícil lembrar sempre de esconder isso - e dói *muito* puxá-la de volta se, de repente, eu esquecer!"

"E então eu sinto - isso é absolutamente particular, certo? Estou colocando uma maldição sobre você, Damon, se você ouvir isso. Mas é então que eu sinto como se eu quisesse que Stefan me mordesse. Isso alivia a pressão, e isso é bom. Ser mordido por um vampiro só dói se você combatê-lo, ou se o vampiro quiser te ferir. Caso contrário, isso pode simplesmente ser bom - e depois você toca a mente do vampiro que fez isso, e... *oh, eu sinto tanto a falta de Stefan!* "

Elena estava tremendo agora. Tão forte que ela tentou acalmar sua imaginação, ela continuava pensando nas coisas que os carcereiros de Stefan poderiam estar fazendo com ele. Tristemente, ela segurou seu celular novamente, deixando as lágrimas caem sobre ele.

"Eu *não* posso me deixar pensar no que fariam a ele, porque então eu realmente vou começar a enlouquecer. Eu me tornei inútil e agitada e insana pessoa que só quer gritar e gritar e nunca mais parar. Eu tenho que lutar a cada segundo para *não* pensar nisso. Porque apenas uma fria e calma Elena com um plano A e B e C vai ajudá-lo. Quando eu o tiver segurado em meus braços, eu posso me deixar abalar e chorar – e gritar, também."

Elena parou, meio rindo, com a cabeça inclinada contra o encosto do banco do passageiro, a voz rouca com o esforço.

"Estou cansada agora. Mas eu tenho um plano A, pelo menos. Eu preciso obter mais informações com Damon sobre o local onde estamos indo, a Dimensão Sombria, e ele qualquer coisa que ele saiba sobre as duas pistas que Misao me deu sobre a chave que vai destrancar a cela de Stefan.

"Eu acho que... eu acho que eu não mencionei nada disso. A chave, a chave da raposa, que é o que precisamos para tirar Stefan de sua cela, está quebrada em duas partes que estão escondidas em dois lugares diferentes. E quando Misao estava insultando-me sobre o quão pouco eu sabia sobre esses lugares, ela deixou escapar algumas pistas sobre onde elas estavam. Ela nunca sonhou que eu realmente *vou* entrar na Dimensão Sombria; ela estava apenas se mostrando. Mas eu ainda me lembro das pistas, e elas eram assim: a primeira metade está 'no instrumento do rouxinol de prata.' E a segunda metade está 'enterrado no salão Bloddeuwedd.'"



Comunidade Traduções de Livros



Tradução :

Sabrina , Paloma , Juliana , Vanessa .

Digitalização : Sabrina

Revisão Inicial : Sabrina

Revisão Final / Formatação do e-book : Eros



